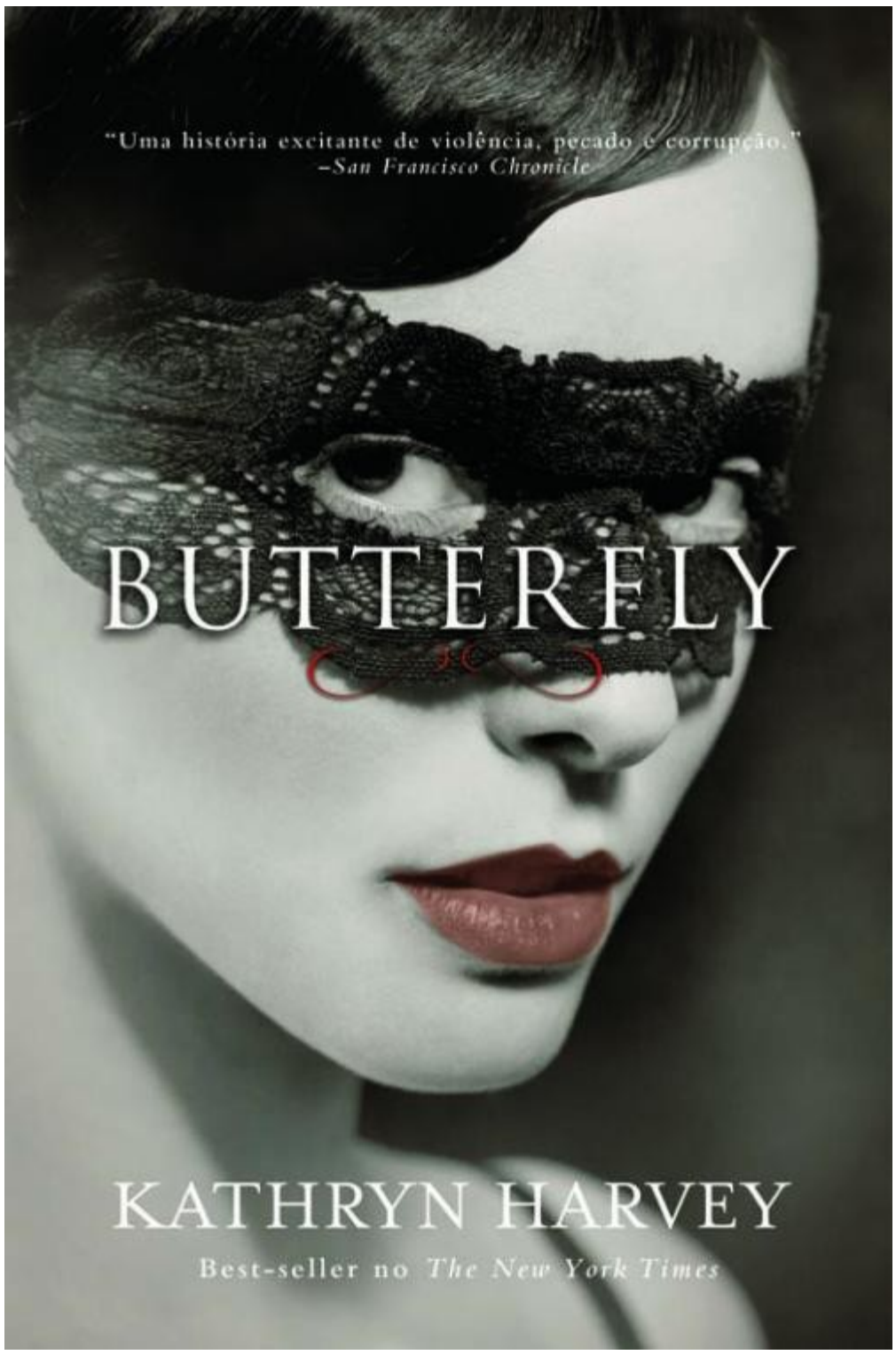


TROCA DE EBOOKS
http://trocasdeebooks.blogspot.com.br/
http://www.facebook.com/groups/trocadeebooks/

PRÓLOGO

AQUELA PODERIA TER SIDO uma ilha qualquer em qualquer mar do mundo, Uma mansão branca se impunha no alto do despenhadeiro, de frente para as profundas águas verdes cristalinas e para as ondas que se quebravam. Um iate de 25 metros estava ancorado, a tripulação em uniformes elegantes deixava a embarcação a postos para atender aos desejos do homem e da mulher que estavam no alto do despenhadeiro. Havia uma piscina exótica atrás da casa branca, na qual uma mulher nadava, deleitando-se com o ar puro e o silêncio do seu refúgio. Um banquete fora disposto debaixo de um dossel levemente ondulante: travessas de caviar no gelo, lagostas e caranguejos resfriados, frutas caramelizadas, queijos importados de todas as partes do globo e quatro tipos de vinho que eram mantidos refrigerados. Ninguém esperava para servi-los. Os dois amantes queriam ficar a sós.

Ela saiu da piscina de mármore, subindo os degraus brancos em curva e seguindo até dois pilares coríntios em que espreguiçadeiras cobertas por toalhas felpudas esperavam sob o sol.

Movia-se com langor. Sentia-se sensual, doce e pronta para o sexo.

Não tirou o maiô. Ele faria isso por ela. Em vez disso, esticou-se no calor e pousou o olhar no aparelho de televisão nas sombras do dossel listrado. Ele estava ligado. Estava sempre ligado. Ela vinha esperando por algo.

Um instante depois, ele saiu da casa, a água ondulante da piscina refletia-se nas lentes do seu Ray-Ban. O longo roupão branco estava aberto; ele eslava nu por debaixo. Ela o fitou atentamente enquanto ele se aproximava devagar. Era alto e delgado, com músculos definidos e coxas fortes; caminhava com os passos de um medalhista olímpico.

Aproximou-se da espreguiçadeira. Ela suspendeu uma mão langorosa. As ondas de calor que se difundiam como uma miragem das paredes brancas da mansão pareciam derreter seus ossos. Esticou-se sobre a toalha macia, deliciando-se com a sensação do tecido fofo contra a pele nua.

Ele se ajoelhou ao lado dela. Ela sentiu as mãos fortes tocando-a nas coxas com leveza. Ele brincou com o cordão do traje de banho. E beijou-lhe o interior das coxas.

Mas quando a mão começou a subir, os dedos explorando debaixo do elastano, ela o deteve subitamente.

Ele a fitou, tentando decifrar aquela expressão debaixo dos enormes óculos de sol. Percebeu que o olhar dela estava fixo na televisão.

Ele olhou para a tela. E lá estava, finalmente, a coisa pela qual ela vinha esperando - um noticiário sendo transmitido do outro lado do mundo, via satélite.

O noticiário mostrava dois funerais. Um em Houston e outro em Beverly Hills. Funerais importantes o suficiente para serem noticiados para o mundo todo. Ela delicadamente pousou a mão na cabeça dele, afagando-o quase que distraída enquanto acompanhava as procissões solenes - um com as palmeiras californianas ao fundo, pessoas chegando em grandes limusines e um carro funerário branco, que levava o corpo

de uma mulher; o outro se passava debaixo do sol tórrido do Texas, acompanhado por homens de chapéus Stetson que tiraram o caixão de um homem do carro funerário preto.

Por um instante, ela não estava no despenhadeiro da ilha remota, prestes a vivenciar um sublime sexo idílico. Ela tinha voltado...Voltado para o começo da incrível caminhada que terminara, por fim, naqueles dois funerais acontecendo no mesmo dia, separados entre si por 2.400 quilômetros.

A Doutora Linda Markus estava sentada diante da penteadeira, com o braço erguido, pronta para escovar os cabelos, quando ouviu um barulho.

Sua mão parou no ar. No pulso havia uma pulseira de ouro na qual um berloque - um tipo de borboleta - se pendurava. Absolutamente imóvel, aguçou os ouvidos na noite, a borboleta tremulando de leve em sua corrente delicada, reluzindo na luz do abajur.

Ela observou o quarto pelo reflexo do espelho. Nada parecia fora de lugar. A cama *king size* sobre o chão de madeira, as cortinas de cetim do dossel, a colcha sobre o colchão, tudo em um delicado tom de pêssego. Sobre a cama estavam seu jaleco do hospital, a blusa, a saia e a maleta médica que jogara depois de um dia cansativo na sala de cirurgia. Os sapatos italianos de couro estavam no carpete, próximos ao punhado da meia de seda castanha.

Prestou atenção ao seu redor. Mas só havia o silêncio. Voltou a escovar

os cabelos.

Era difícil relaxar. Havia tanto em que pensar, tantas coisas exigiam sua atenção: aquele paciente na Unidade de Terapia Intensiva; a reunião do

< Comitê de Revisão Cirúrgica pela manhã; o discurso que ainda teria de escrever para o jantar anual da Associação Médica do Condado; e, ainda, o MAISPERturbador: os telefonemas que vinha recebendo daquele produtor de TV, Barry Greene muito insistentes, e nada relacionados a um problema de saúde, diziam suas mensagens. Ela ainda tinha de encontrar tempo para retornar as ligações.

Lá está o som novamente! Um som furtivo, com um quê de secreto, como se alguém estivesse do lado de fora, tentando entrar, tentando não ser ouvido...

Abaixando a escova devagar e colocando-a em meio aos cosméticos e perfumes da penteadeira, a doutora Markus inspirou fundo, prendeu a respiração, e o som reapareceu.

Fitou as cortinas fechadas. Será que o som vinha do lado de fora da janela?

Deus, será que ela está trancada?

Estremeceu. Olhou fixamente para as cortinas pesadas de veludo. Sua pulsação começou a acelerar.

Minutos pareceram se passar. O elaborado relógio estilo Luís XV sobre o mármore da lareira marcava o tique-taque. Tique-taque.

As cortinas se mexeram.

A janela estava aberta!

Linda prendeu a respiração.

Uma brisa fria pareceu invadir o quarto conforme as cortinas começaram a se distanciar. Uma sombra recaiu sobre o carpete cor de champanhe.

Linda se pôs de pé e, sem pensar, correu para o closet. Fechando a porta atrás de si, viu-se envolvida pela escuridão; segurou-se à parede até a gaveta secreta.

Deveria haver um revólver ali.

Encontrando a gaveta, Linda a abriu em frenesi e colocou a mão lá dentro. O metal frio parecia obsceno em sua mão; era longo, duro e pesado. Será que dispararia? Estaria ao menos carregado?

Voltando para junto da porta do quarto, pressionou a orelha contra ela para tentar escutar. Sons sutis se difundiam no cômodo espaçoso: o ranger da veneziana da janela, o sussurrar das cortinas afastadas, o som abafado de solas de borracha contra o carpete.

Ele estava lá. Estava dentro do quarto.

Linda engoliu em seco e segurou firme o revólver. O que pensou que faria com aquilo? *Atiraria* nele? Pelo amor de Deus! Começou a tremer. Seu coração batia forte.

E se ele também tivesse uma arma?

Escutou um pouco mais. Conseguia ouvi-lo se movimentar pelo quarto. Ela abaixou uma das mãos, segurando a maçaneta, e entreabriu a porta. A princípio, viu apenas o quarto vazio. Mas depois...

Lá estava ele. Na parede oposta, retirando um quadro e contemplando o mecanismo do pequeno cofre.

Ela o avaliou. Seu olhar bem treinado de médica conseguia enxergar, debaixo da malha preta de gola rolê e das calças, o corpo de um homem que se mantinha em forma. Não conseguia estimar a idade dele uma máscara de esquiar preta cobria-lhe o rosto e o cabelo —, mas ele era rijo. Nádegas e pernas bem moldadas se moviam por baixo do tecido negro.

Linda não se mexeu, sequer respirou, enquanto o observava abrir o cofre com destreza e colocar a mão dentro dele.

Mas ele se voltou repentinamente, como se percebesse que estava sendo observado. Ele olhou para a porta do closet; ela viu dois olhos negros espiando atentamente pela máscara de esqui; uma boca séria e um maxilar quadrado estavam delineados pela malha preta.

Ela se afastou da porta, segurando o revólver com os braços esticados e as mãos trêmulas. O facho de luz que invadia o closet refletiu-se na borboleta de platina que estava pendurada em seu pulso; o pingente emitia reflexos prateados sobre o corpete e a calcinha de nylon que ela vestia.

Afastou-se o quanto pôde e depois ficou firme, observando a porta e mantendo o dedo no gatilho.

A porta entreabriu-se de leve, como se ele estivesse experimentando algo. Em seguida, foi totalmente aberta e a silhueta negra se destacou contra o quarto tenuamente iluminado.

Ele fitou o revólver, depois o rosto da mulher. Ainda que suas feições estivessem ocultas, Linda pressentiu nele alguma incerteza, como se detectasse uma leve indecisão em seus olhos escuros.

Ele deu mais um passo em sua direção, entrando no closet. E mais um passo, e outro.

—Não se aproxime — ela avisou.

—Estou desarmado — disse ele. Sua voz era surpreendentemente gentil e refinada, a voz distinta de um ator de teatro. Ele só dissera duas palavras e mesmo assim ela percebeu um traço de... vulnerabilidade nelas.

—Vá embora — disse ela.

Ele continuou a fitá-la intensamente. Havia poucos metros entre eles; Linda conseguia ver as curvas dos bíceps sob a malha justa, o movimento suave do peito dele.

—Estou falando sério - insistiu, mirando. -Vou atirar se você não sair.

Os olhos negros escondidos pela máscara a avaliaram. Quando ele falou novamente, havia um traço de incredulidade em seu tom, como se tivesse acabado de descobrir alguma coisa.

-Você é bonita - ele disse.

—Por favor...

Ele deu mais um passo para frente.

—Sinto muito — disse ele. — Eu não fazia idéia de que estava invadindo a casa de uma *dama.*

A voz dela saiu em um sussurro:

—Pare.

Ele baixou o olhar para o colar que acabara de pegar de dentro do cofre. Era um longo colar de pérolas, com um nó na ponta.

— Não tenho o direito de levar isto — o invasor disse, erguendo-o. — Pertence a você. Pertence ao seu corpo.

Sem conseguir se mexer, a doutora Markus fitou os olhos escuros enquanto as mãos enluvadas suspendiam o colar acima de sua cabeça, escorregando-o pelos seus cabelos e repousando-o em seu peito, logo acima da renda do corpete.

Diante do toque dele, Linda arfou.

— Não quis assustá-la - ele disse em um tom baixo, íntimo. O rosto mascarado estava a centímetros do dela. Os olhos negros eram emoldurados por cílios escuros e pela malha da máscara. Ela conseguia ver sua boca, os lábios finos e retos e os dentes brancos. Ele inclinou a cabeça e disse, ainda mais baixo: - Eu não tinha o direito de assustá-la.

—Por favor - sussurrou ela. - Não...

Ele ergueu a mão e a tocou no ombro. Ela sentiu a alça do corpete começar a deslizar.

—Se quiser mesmo que eu vá, eu irei — ele disse.

Linda se concentrou no olhar do homem. Quando as duas alças do corpete deslizaram dos ombros, ela abaixou as mãos e deixou o revólver cair sobre o espesso carpete. As mãos dele se moveram com a mesma lentidão e destreza com as quais ele abriu o cofre, sentindo-lhe a pele febril, parecendo saborear o modo como ela estremecia. Quando a renda e o cetim desnudaram os seios, Linda fechou os olhos.

—Nunca conheci mulher mais linda do que você — disse ele. As mãos a exploravam com delicadeza. Ele sabia onde tocar, onde pausar, onde segurar. — Mande-me embora — repetiu ele, inclinando a cabeça para que a boca ficasse quase sobre a dela. - Mande-me sair daqui.

—Não — ela arfou. — Não vá...

Quando os lábios se tocaram, Linda sentiu um raio percorrer seu corpo. Do nada, desejou aquele homem, desesperadamente. Ali, naquele instante.

Ele a trouxe para os braços. Ela sentiu a malha áspera roçar seus seios nus. As mãos dele a acariciavam nas costas, e mais embaixo, escorregando por debaixo do elástico da calcinha. Linda mal conseguia respirar. Os beijos a sufocavam. A língua dele preenchia sua boca. Pressionou as coxas contra as dele; sentiu sua rigidez.

Será possível? Ela se perguntou em desespero. *Será possível que, depois de Iodos esses anos, finalmente, com este estranho, eu conseguirei...*

E, então, um som rompeu o silêncio. Um lamento rude, insistente, que vinha do quarto.

Ele levantou a cabeça.

—O que é isso?

—O meu bipe. Droga!

Linda passou por ele, correu até a bolsa, pegou a caixinha e a silenciou.

—Preciso fazer uma ligação. Esse telefone é de verdade? - perguntou ela, apontando para um aparelho antigo sobre o criado-mudo. — Consigo fazer uma ligação?

Ele parou na soleira da porta do closet, cruzando os braços e apoiando-se no batente.

—Basta tirar do gancho. A telefonista lhe dará uma linha externa.

Conforme discava o número, Linda olhava de relance para ele, para o lindo corpo vestido de preto, e sentiu sua irritação aumentar. Arriscara-se, não tivera outra escolha. Apostara que conseguiria algumas horas de paz antes de ter de voltar ao hospital, mas a sorte não estava ao seu lado.

—A pressão dele caiu — a enfermeira da UTI informou-lhe pelo telefone. - O doutor Cane acredita que ele esteja com alguma hemorragia.

—OK. Leve-o de volta para a cirurgia. Diga a e Cane para abri-lo. Estou em Beverly Hills. Levarei cerca de vinte minutos para chegar aí.

Como as enfermeiras da UTI conheciam sua voz, sequer precisou citar seu nome. Desligou e se voltou para o desconhecido mascarado.

—Lamento — desculpou-se, rapidamente tirando as pérolas e pegando as roupas. - Não tenho como evitar.

—Ei, está tudo bem. Também sinto muito.

Ela o fitou. Não conseguia ver seu rosto, mas a voz pareceu genuinamente descontente. Ela, porém, sabia que aquilo não passava de atuação. Ele era pago para agradá-la.

Depois de se vestir, pegou o jaleco do hospital e a maleta, e se apressou em direção à porta. Linda se deteve para dar-lhe um sorriso com uma pontada de tristeza, pensando no que poderia ter acontecido. Em seguida, pegou uma nota de cem dólares da bolsa, deixando-a na mesinha ao lado da porta. Ele a teria recebido mais tarde. Não era culpa dele que tivessem sido interrompidos.

—Mas eu não fiz nada — disse ele baixinho.

—Compense na próxima vez.

Linda foi para um corredor que poderia pertencer a qualquer hotel discreto, elegante e de bom gosto. Caminhou apressadamente por ele, passando por portas fechadas, e consultou o relógio. De fato, não deveria ter arriscado ir ao Butterfly naquela tarde, não com o paciente na UTI. No entanto, fazia semanas que ela queria fazê-lo, tendo inclusive postergado a visita por conta de diversas emergências médicas.

Quando dobrou o corredor, Linda foi recepcionada por uma atendente, uma jovem de saia preta e blusa branca com uma borboleta bordada em dourado no bolso.

— Está tudo bem, senhora? — perguntou ela. A moça não sabia o nome da doutora Markus; todas as associadas do Butterfly eram anônimas.

—Recebi uma ligação.

—Seu acompanhante lhe agradou?

Aproximaram-se do elevador.

—Ele era perfeito. Eu gostaria de remarcar. Mas terei de ligar.

—Pois não, senhora. Boa tarde.

Quando as portas se fecharam em um sussurro, Linda lentamente retirou a máscara negra de arlequim do rosto e a dobrou, colocando-a na bolsa. Esfregou as bochechas, só para o caso de elas terem ficado marcadas.

O elevador levou a doutora Markus até o andar térreo e se abriu diante da elegância de bronze e mogno da Fanelli, uma das lojas de roupas masculinas mais prestigiadas de Beverly Hills. Apressou-se até as portas de vidro que davam para a Rodeo Drive e parou sob a luz forte da tarde de janeiro. Linda colocou os enormes óculos de sol e sinalizou para o manobrista do estacionamento. Era um lindo dia no sul da Califórnia - um típico dia de pomares cítricos, Linda pensou, e desejou ter alguém especial com quem partilhá-lo.

Mas não havia ninguém, e provavelmente jamais haveria. Já aceitara isso, aos 38 anos de idade e depois de dois casamentos fracassados e inúmeros relacionamentos malsucedidos.

Ainda que, pensou ela ao olhar para a fachada simples e discreta do Butterfly, na verdade, houvesse alguém com quem partilhar aquele dia espetacular... Mas ela tinha de estar no hospital, e ele tinha outras mulheres para atender.

O manobrista trouxe a sua Ferrari, ela lhe deu uma gorjeta generosa e se misturou ao trânsito da Bulevar Wilshire. Abrindo as janelas e permitindo que o vento frio soprasse em seus cabelos loiros, Linda se viu sorrindo, e depois rindo.

- Eu voltarei - disse em voz alta para o monstruoso trânsito de Beverly Hills. - Não importa o que aconteça, Butterfly, eu voltarei.

2

Na primeira vez em que Jamie nadou nu na piscina da senhorita Highland, ele pensou que ela não estivesse em casa. Saíra da piscina e começara a se sacudir no sol quente da manhã quando olhou de relance para cima e a viu parada, junto a uma das janelas do segundo andar, observando-o atentamente. Aquilo o surpreendera. Depois o assustara. A abastada Beverly Highland poderia fazer com que ele nunca mais trabalhasse no sul da Califórnia, ou em qualquer outro lugar, nunca mesmo.

Porém, para sua grande surpresa, ela não se afastara da janela. Não gritara para ele, tampouco chamara os seguranças que protegiam sua enorme propriedade em Beverly Hills. Na verdade, não houve reação visível. Ela simplesmente permanecera lá, com a mão pousada na cortina e os olhos fixos nele. Subitamente temeroso de que os policiais de Beverly Hills estivessem para chegar a qualquer instante para levá-lo embora, Jamie rapidamente vestiu os jeans e colocou-se a trabalhar na limpeza da piscina. Repetidas vezes, ele levantou o olhar e ainda a encontrou ali.

Terminara o trabalho em tempo recorde e saíra dirigindo a caminhonete, passando os dias seguintes em agonia, à espera de ser repreendido por nadar na piscina de uma cliente — *e ainda por cima pelado!* Curiosamente, porém, não recebeu reprimenda alguma.

Na segunda vez em que nadou na piscina dela, ele o fez em um desafio temerário a si mesmo. Ele imaginou que ela estivesse em casa, pois o Rolls-Royce Silver Cloud que todos sabiam ser o seu carro favorito estava na garagem. E ele vira o motorista limpando o Excalibur. Imaginando se ela iria para a janela novamente, ele imergiu em um mergulho bem espalhafatoso.

Quando saiu alguns minutos mais tarde, nu e pingando, ele a viu lá, observando-o.

E mais uma vez, por mais estranho que parecesse, ela não teve reação alguma.

Naquela manhã seria a terceira vez. Ele acionou a campainha junto ao portão de ferro e se identificou ao segurança. Depois, dirigiu sua caminhonete de manutenção de piscinas pela longa passagem de carros e foi para os fundos, onde passaria boa parte da manhã limpando a enorme piscina de mármore da senhorita Highland. Com os equipamentos e os produtos químicos prontos, ele fez uma pausa e estreitou o olhar para a casa. Ela já estava lá, na janela.

Ele quase acenou, mas não o fez. Em vez disso, ficou parado com as mãos nos quadris, analisando a água azul esverdeada se movimentando, como se tentasse se decidir. Ele pensava: *ela quer que eu faça isso.*

Ainda que ela fosse uma personalidade constantemente em evidência, um assunto favorecido pela mídia, bem pouco se sabia a respeito da reservada senhorita Highland. Ela vivia só em uma das maiores mansões de Beverly Hills, cercada por uma equipe de secretárias, consultores e puxa-sacos, atravessando o país, de costa a costa, em seu Learjet particular, contando com políticos importantes e astros do cinema entre seus amigos, dava *as* festas de cada estação, e tinha a mais elegante das piscinas na rota de Jamie.

Beverly Highland era conhecida pela sua moral firme. Era uma das maiores apoiadoras do fundador do movimento da Decência Moral, não se lembrava do nome do reverendo, o evangelista da televisão...Todos acreditavam que a casta senhorita Highland era a própria senhorita Decência e Bons Costumes, uma pessoa que desaprovava tudo o que fosse divertido. Mas ela tinha um segredinho, Jamie concluiu. Ela se excitava ao ver jovens nadando nus em sua piscina.

Bem, decidiu ele, que mal faria? Se a excitasse o bastante, talvez ela o convidasse para uma farrinha em meio aos seus dólares. Ele sabia de entregadores que andavam de relógios Rolex por servirem bem a essas senhoras de Beverly Hills.

Abaixou o zíper e depois, bem lenta e sedutoramente, tirou o jeans. Parou um instante na beira da piscina, concedendo a ela uma bela visão do físico de que tanto se orgulhava, que tanto se esforçava para manter em forma e, em seguida, mergulhou. Em um

movimento suave e limpo, como uma faca quente trespassando uma barra de manteiga. Ele atravessou a piscina por baixo da água e imergiu na outra ponta, onde sua cabeça dourada despontou para o sol claro. Em seguida, começou a nadar. De modo casual, preguiçoso, esticando cada braço comprido e abarcando a água, empurrando-a para trás, sem esforço algum, de um lado para o outro, de um lado para o outro, finalmente virando de costas para deixar que a água deslizasse sobre seu corpo, fazendo sua pele bronzeada reluzir.

Quando saiu da piscina, com a respiração inalterada, esticou os braços acima da cabeça e sacudiu a água do corpo. Saber que ela o observava o excitava. Sentiu-se enrijecer, o que o satisfez porque isso fazia seu pênis aumentar. Em seguida, vestiu o jeans e pôs-se a trabalhar na limpeza da piscina.

Olhou de relance para cima alguns minutos depois e viu que ela tinha sumido.

Beverly soltou a cortina e se afastou da janela. Descobrira o nome dele. Jamie.

Depois o tirou de sua mente.

Seu escritório era voltado para os negócios. Contrastando com o resto da casa, que fora projetada visando o luxo e a elegância, o local de trabalho de Beverly Highland era prático e sem extravagâncias. Havia duas escrivaninhas grandes - uma sua e a outra de sua secretária -, arquivos de mogno, um computador pessoal Macintosh e uma copiadora Canon. Maggie, sua eficiente secretária, ainda não havia chegado para trabalhar. Havia cartas para serem ditadas, listas de convidados a serem verificadas, pedidos de doações de caridade para serem avaliados, e convites para serem considerados para Beverly decidir a qual evento compareceria e a quais não iria. Beverly Highland tinha o cargo de diretora em diversas corporações de porte, participava do Comitê de Curadores do *American Women for International Understanding* era a presidente do conselho do Comitê de Recursos Culturais da Câmara de Comércio de Los Angeles, e trabalhava no Comitê do Presidente para as Artes e Humanidades. Também havia a contabilidade pessoal, da qual seu contador cuidaria, e três comunicados de imprensa para serem redigidos, o que seu assessor faria. A equipe de Beverly também incluía duas secretárias sociais e um contato de relações públicas.

Retomando seu lugar à escrivaninha, Beverly serviu o chá de ervas do bule de prata em uma xícara de porcelana *Sevres.* O aroma das especiarias permeou o ar da manhã. Não acrescentou açúcar e somente mordiscou um dos delicados pãezinhos de limão que estavam em um prato. Aos 51 anos de idade, Beverly Highland ficava muito atenta à sua dieta.

Olhou para o calendário sobre a mesa; ele estava em uma antiga moldura de ouro, um presente de um publicitário que desejava muito publicar a história de sua vida.

Havia uma data marcada em vermelho: 11 de junho.

Era o dia pelo qual Beverly tanto ansiava. O dia da abertura da Convenção Republicana em Los Angeles.Tudo o que fez, cada passo dado, cada respiração foi voltada exclusivamente para aquele dia.

Ela tinha certeza de que um potencial candidato à presidência jamais havia se beneficiado de um patrocinador tão determinado como o homem que fundou o Ministério da Boa Nova, o império evangélico bilionário da I V. Quando, no ano anterior, ele anunciou que pensava em concorrer ao mais alto posto americano, Beverly ficou extasiada. O fato de ele tomar tal decisão significava a realização de um sonho. E agora que ele tinha decidido, agora que avançavam a todo vapor para as primárias de junho, a ansiedade de Heverly aumentava a cada dia - ele *tinha* de vencer.

E com os contatos e os milhões dela, Beverly faria com que ele conseguisse.

Bebericando o chá com canela, ela fitou a foto dele na moldura de estanho em sua mesa. Ele autografara, acrescentando:"Louvado seja Deus". Seu sorriso carismático cintilava para ela.

O reverendo conhecera Beverly Highland apenas superficialmente em jantares beneficentes e eventos políticos. Sabia bem pouco a seu respeito, mas ela o conhecia intimamente. Assistira ao "Hora da Boa Nova" praticamente todos os dias durante anos, perdendo o programa apenas quando esteve hospitalizada para realizar uma histerectomia que se complicou. Durante sua difícil recuperação, ela pediu que instalassem um videocassete em seu quarto particular a fim de assistir aos sermões dele, e foi o programa "Hora da Boa Nova" que, ao receber alta do hospital, ela anunciou à imprensa ser o responsável pelo seu pronto restabelecimento.Vê-lo na tela, disse ela aos jornalistas, e ouvir a sua voz dinâmica preencheu-lhe a alma com o poder e a força necessários para se levantar da cama e voltar ao trabalho.

Ela escreveu para ele, contando isso, incluindo um cheque de um milhão de dólares.

Fitou o calendário. 11 de junho.

O Ministério da Boa Nova era a maior "igreja eletrônica" dos Estados Unidos, retransmitida via televisão, diariamente, por mais de 1.100 canais, publicava uma "revista semanal de poder", possuía uma gravadora, duas companhias aéreas, boa parte de Houston, e faturava milhões de dólares mensalmente. Estimava-se que 90% da população do sul assistisse ao "Hora da Boa Nova" pelo menos uma vez por semana; o verdadeiro patrimônio da igreja em toda a nação era praticamente impossível de contar.

Não havia dúvida a respeito: o reverendo era um homem poderoso. E enfatizava a decência moral.

Pousando a xícara no pires, Beverly se levantou da escrivaninha e se viu diante da janela mais uma vez. Vestia uma túnica solta; a seda azul-clara resvalava nas pernas nuas. Com a mão na cortina, baixou o olhar para o magnífico jardim em declive que se estendia da colina em que se situava a casa. O paisagismo era tão artístico e bem elaborado que ninguém haveria de imaginar que os negócios atribulados e o bairro comercial de Beverly Hills estivessem tão próximos, despertando para um dia de negócios e tráfego intenso.

Seu olhar se fixou na piscina.

O nome dele era Jamie, sua secretária tinha informado.

Beverly o observou deslizar a rede da piscina ao longo da água esverdeada. As costas estavam molhadas de suor; a luz do sol brincava com a pele bronzeada. O longo cabelo loiro, secando após as braçadas dadas, recaía sobre os ombros ao melhor estilo Viking. E os jeans eram apertados demais. Ela ficou se perguntando como ele conseguia se movimentar neles. Ele tinha o tipo de traseiro que as garotas de hoje em dia pareciam desejar: arredondado e atrevido.

- Desculpe! - uma voz resfolegante surgiu atrás dela. - Fiquei presa no trânsito da autoestrada de San Diego! *De novo!*

Beverly se voltou para a secretária, Maggie, que entrava apressada, com a bolsa pendurada no ombro, os braços carregados de papéis, uma mão agarrando uma pasta de trabalho.

— Sem pressa — respondeu Beverly com um sorriso. —Ainda temos alguns minutos.

— Juro que é uma conspiração — resmungou Maggie ao pegar o telefone no aparador. Apertando a tecla que ligava à cozinha, disse:—Todas as manhãs

0 o trânsito piora. Posso jurar que vejo os mesmos carros parados nas mesmas pistas... Olá, cozinha? Aqui é a Maggie. Mande café, por favor? E um bolinho de chocolate. Obrigada.

Maggie Kern, aos 46 anos, era cheinha e tinha toda intenção de permanecer assim.

Enquanto espalhava papéis na escrivaninha e continuava a resmungar sobre uma conspiração da empresa de ônibus para que as pessoas passassem a se locomover com o transporte público, Beverly olhou novamente para o jovem loiro tratador de piscinas.

Os mesmos carros parados todos os dias, juro, só para atravancar a estrada. Ah! — suspirou Maggie quando o café e o bolo chegaram.

Ela ligou a televisão. Beverly imediatamente se afastou da janela e seguiu para o sofá de veludo. As duas mulheres se acomodaram, descalças, fitando
1a tela do aparelho.

Assistiram ao "Hora da Boa Nova" antes de começar a trabalhar. Mesmo quando Beverly tinha de viajar e elas estavam no jatinho atravessando o país, ou quando estavam hospedadas em um hotel em outra cidade, elas sempre passavam a primeira hora do dia assistindo ao reverendo.

A prostituição e a pornografia eram os seus alvos principais, mas ele também produziu um filme terrivelmente realista contra o aborto. Ele organizava invasões em salas de cinema que exibiam filmes para adultos, enviava bíblias e pregadores jovens e zelosos na escuridão da Rua 42, do Hollywood Bulevar, e na Rua Polk, e, assim como Beverly Highland, foi decisivo para que a revista *Playboy* fosse retirada das bancas das lojas de conveniência.

Se fosse eleito presidente, ele havia prometido que limparia os Estados Unidos.

Os violões e os Cantores da Boa Hora iniciaram um hino entusiasmado e em seguida ele apareceu, marchando no cenário e literalmente gritando para seu auditório:

- Irmãos e irmãs, tenho Boas Novas para vocês!

Não havia dúvidas, o homem definitivamente tinha magnetismo. Ele *exalava* poder, como um dragão cuspidor de fogo. Podia-se sentir seu calor atravessando o vidro da TV. Seu espírito galvânico parecia emanar do corpo cheio de energia. Não era mistério algum o motivo pelo qual o reverendo era tão popular, mesmo entre os descrentes. Ele era um vendedor, pura e simplesmente. Um jornalista certa vez perversamente comentou que o fundador da Boa Nova poderia vender cangurus para os australianos. Mas o que o reverendo vendia era Deus. Deus e decência.

E o alvo principal do sermão do dia era uma revista chamada *Beefcake,* supostamente uma revista para mulheres, mas que, por ter fotos de homens nus em poses sedutoras, era a predileta entre os homossexuais.

- Prego a minha Boa Nova de hoje a partir da carta de Paulo aos Romanos - exclamou o reverendo para todo o país. - E Paulo disse que por serem tolos os homens, Deus os deixou para fazer as coisas pérfidas que seus corações desejassem, e eles fazem coisas vergonhosas uns para os outros. Por causa do que os homens fazem, Deus os abandonou para as suas paixões vergonhosas. Até *mesmo as mulheres pervertem o uso natural do sexo em práticas contrárias às leis da natureza.* Irmãos e irmãs! - exclamou ele ao atravessar o palco em passadas largas. — Sofro profundamente ao admitir isso, mas hoje existem casas de pecado e corrupção em nosso lindo país. O mal faz o ninho onde Satã gera seus súditos. Onde as mulheres vendem seus corpos e os homens entram em busca do pecado e da luxúria. São tais lugares que debilitam o poder deste país magnífico. Como os Estados Unidos podem continuar a ser o país mais poderoso, o líder para o qual todas as nações do mundo se voltam, se tolerarmos tais práticas vis em nosso meio? Se os homens vão às casas de prostituição, então o que será do sagrado matrimônio? Se as mulheres vendem seus corpos, então como nossas crianças crescerão puras, conhecendo a palavra do Senhor?

O reverendo sacudiu um dedo para o céu e rapidamente enxugou o suor da testa com um lenço.

- Digo que devemos acabar com essas casas de pecado e corrupção! Devemos procurá-las onde quer que estejam e levá-las ao chão! Carregaremos as tochas da retidão e destruiremos as paredes corruptas, vendo-as queimar, como o próprio inferno de Satã!

-Amém - disse Beverly Highland.

Amém - repetiu Maggie. Quando o programa terminou, elas continuaram sentadas durante alguns minutos em silêncio. Então Beverly suspirou e disse:

É melhor começarmos a trabalhar. A convenção será daqui a apenas seis meses. Há muito que fazer.

Enquanto a secretária ia para a escrivaninha para pegar a agenda do dia, Beverly Highland foi novamente para junto da janela espiar.

Chegou a tempo de ver a caminhonete de manutenção de piscinas descendo o caminho de carros.

3

FAZER SEXO COM UM desconhecido não era novidade para Trudie Stein. Era assim que ela costumava passar as noites de sábado. Contudo, fazer sexo com um estranho naquelas condições específicas, concluiu ao vislumbrar o logotipo em forma de borboleta acima da porta, definitivamente era algo novo. E a excitava além da imaginação.

Ao receber o tíquete de estacionamento do manobrista e ouvi-lo se afastar com seu Corvette azul ferrete, Trudie sentiu uma repentina e inesperada descarga de medo.

Mas do que tinha medo? Afinal, sua prima Alexis visitava aquele lugar há semanas; Alexis não parava de discorrer sobre as maravilhas fantásticas dali. "Onde você pode realizar qualquer fantasia que quiser", ela lhe dissera. E também havia a doutora Linda Markus, para quem Trudie havia projetado e construído um solário e um spa na casa de praia. A doutora Markus era uma das associadas do Butterfly, segundo Alexis, por mais tempo ainda. Na verdade, fora Linda Markus quem recomendara a prima de Trudie para se associar ao local, uma vez que eram amigas íntimas desde o tempo da faculdade de medicina. Portanto, lá estava Trudie, com seus trinta anos, à procura de algo, parada na calçada da Rodeo Drive, prestes a ter o seu desejo mais cobiçado atendido. De fato, graças à doutora Markus.

Era assim que o Butterfly operava, Alexis lhe explicara. Já que era um clube pequeno e reservado, cada associada tinha a permissão de indicar uma pessoa. A doutora Markus escolhera sua melhor amiga, Alexis, e Alexis decidira recomendar a prima, Trudie. Duas semanas antes, logo após o

i Natal, Trudie fora até lá para fazer uma entrevista e receber orientações da diretora. Há três dias, recebeu uma pulseira especial, e agora ela também

era uma sócia habilitada com todos os direitos e privilégios que o Butterfly

proporcionava.

I Trudie levantou a gola do casaco e estreitou o olhar para o prédio diante da luz ofuscante daquele mês de janeiro frio.

O que Butterfly proporcionava... Vou te contar, Trudie - a prima lhe disse. — O Butterfly já fez maravilhas por mim. Está ajudando a me encontrar, a me descobrir.Talvez ele consiga salvá-la também.

Salvar. Era o que Trudie esperava. Os encontros de apenas uma noite infindáveis e degradantes com homens que nunca ligavam depois, ou que se mostravam verdadeiros desapontamentos à luz do dia seguinte,fizeram com que Trudie Stein trilhasse um

caminho para lugar nenhum. E ela queria, desesperadamente, ir para *algum* lugar... Com *alguém.* Bem, o primeiro passo teria de ser dado.

Por isso ela o deu, atravessando a porta de vidro da Fanelli, a butique M A Sulina de Beverly Hills com a enigmática borboleta em sua simples fachada. Trudie conhecia a loja; há alguns anos fora até lá para comprar uma camisa social Loire Valley para o namorado, e ele se virou para dar a camisa
ao namorado *dele.* A loja era elegante com sua decoração mogno-bronze, e
ii naquele instante estava lotada de clientes trocando presentes de Natal.

II Trudie parou um momento para acalmar o coração sobressaltado. Reconheceu alguns dos rostos naquela multidão: o diretor de cinema cuja piscina ela projetou e construiu; o famoso ídolo do rock Mickey Shannon, tentando passar despercebido; e, na seção de higiene pessoal,Trudie reconheceu Bervely Highland, a famosa anfitriã da sociedade.

Por um segundo,Trudie se perguntou se *ela* era associada da operação secreta que se desenvolvia no andar superior. Mas todos sabiam que Beverly Highland era uma defensora ferrenha do Ministério da Boa Nova, e que tipo de vida moral e exemplar ela levava Além disso, Trudie notou a ausência do bracelete de borboleta em seu pulso,

A maioria dos clientes da loja,Trudie sabia ao abrir caminho, desconhecia o que se passava no andar de cima. A diretora havia lhe garantido isso. Aquelas pessoas estavam ali, de fato, para comprar alguma coisa; bem poucas agiam como ela, seguindo para os fundos da loja, fazendo questão de que seu bracelete fosse visto - o bracelete feito de elos delicados de ouro com um pingente de uma pequena borboleta.

Finalmente, ela chegou à parte de trás, onde manequins de carne e osso desfilavam a moda da casa para clientes sentadas. Aquela parte da loja era supervisionada por funcionárias especiais, mulheres com saias pretas e blusas brancas com borboletas bordadas nos bolsos. Trudie sabia que aquelas eram funcionárias diferentes das que trabalhavam na frente da loja. Somente elas sabiam aonde o elevador particular levava.

Trudie já vira modelos masculinos antes. Na verdade, alguns dos rapazes que eram contratados por ela também trabalhavam como modelo. Sempre bronzeados, corpos moldados pelo árduo exercício físico, e normalmente com mechas douradas, eles costumavam ficar bem tanto em jaquetas de seda e calças cinza de lã como em jeans desgastados e camisetas. No entanto, Trudie sempre pensou que os modelos do Butterfly envergonhariam os seus protótipos de He-Man. E agora ela sabia o porquê, o real motivo que os tornava tão belos. Não tinha nada a ver com o desfile de roupas.

Trudie sentou-se, recusou a oferta de chá e champanhe, e observou o desfile de moda que era uma oferta diária da elegante Fanelli.

Enfeitiçada, manteve os olhos fixos na porta do vestiário dos modelos. Os homens saíam um a um e passavam lentamente entre as clientes sentadas, sendo que a maioria era de mulheres. Os modelos vestiam uma ampla variedade de peças, desde jaquetas de couro até pijamas da Savile Row, e os próprios homens representavam uma bela amplitude de tipos, tanto em idade como em físico e modos. *Um pouco de tudo para todos,* Trudie pensou enquanto sua excitação aumentava.

O relógio de bronze na parede marcava as horas enquanto os homens saíam do vestiário, desfilavam, sorriam, posavam e desapareciam novamente. Clientes se levantaram e saíram, outras entraram e se acomodaram. A maioria saía com as compras nos braços (mas Trudie notou que nenhuma entrou naquele elevador especial no fundo da loja).

Conforme ela observava os homens - aquele com o físico de Arnold Schwarzenegger com o pulóver de pescador, o asiático baixinho e rijo com

o traje de kung-fu —,Trudie notou duas outras mulheres que estavam sentadas ali há tanto tempo quanto ela. Seu olhar pousou nos pulsos delas. Também usavam braceletes com pingentes de borboleta. E foi, então, que ela o viu.

Ele tinha cabelos grisalhos e uma aparência distinta, talvez estivesse na casa dos sessenta anos, e vestia um maravilhoso sobretudo de caxemira preta. Trudie ficou subitamente sem ar. Ele era *espetacular. Ele. E*Ia escolheria *aquele.*

Mas agora que o momento havia chegado, a hora em que sua fantasia começaria,Trudie sentia-se subitamente tímida, inexplicavelmente relutante. Decep*cionei-me tantas vezes...*

Olhando para ela, qualquer um pensaria que Trudie Stein fosse um sucesso absoluto com os homens: era alta, uma loira bem apessoada que vestia roupas da moda, arrumava os cabelos com esmero e guiava um carro de 30 mil dolares. No local de trabalho, vestia shorts com camisetas regata que revelavam seu corpo bronzeado e atlético, e comandava mais de vinte homens de uma só vez. A questão era que muitos deles só a enxergavam com uma loirinha tola, uma otária riquinha que não teria como fazer a sua história sozinha no ramo da construção e que, portanto, precisava de um "homem ao seu lado".

Enquanto observava o modelo grisalho desaparecer vestiário adentro, Trudie permitiu-se lembrar de uma recordação dolorosa que normalmente mantinha presa nas profundezas de sua mente.

Era a lembrança de uma noite passada há pouco mais de um ano atrás. O trabalho com piscinas estava começando a diminuir de ritmo — a empresa de Trudie estava sempre mais ocupada durante a primavera e o verão,quando a maioria das piscinas era construída. Naquele novembro em particular,

QUANDO OS detalhes finais eram arrematados - fontes sendo instaladas, spas em funcionamento, paisagismo completado e inspeções feitas —, Greg Olson, seu encarregado de alvenaria, um homem com quem ela havia trocado alguns flertes durante vários meses,por fim a abordou abertamente:

- O trabalho logo vai diminuir, Trudie — disse ele com uma fala arrastada, que ela passou a apreciar. — Não teremos conflitos de agenda para nos atrapalhar. Que tal sairmos para tomar um drinque?

Bem, Greg Olson tinha seu próprio dinheiro, dirigia um Allante, poderia ter qualquer mulher que quisesse, e não parecia querer provar sua masculinidade, como faziam muitos dos outros homens. Por isso, Trudie decidiu que estaria segura e abaixou as defesas. E tudo correu bem - a princípio. Primeiro, jantaram e dançaram em um restaurante de San Vicente na parte oeste de Los Angeles. Em seguida, fizeram um excitante passeio de carro pela autoestrada da Costa do Pacífico. E depois, pararam o carro! Como um casal de adolescentes excitados.

Trudie adorou. O cenário todo pareceu tão idilicamente juvenil que estava carregado de certa inocência. Como consequência, ela sucumbiu antes do que planejara. Em seguida, batendo a areia das roupas ao subirem a encosta onde tinha deixado o carro, Greg lhe disse:

—Caramba, você se saiu melhor do que o esperado. Você nos enganou direitinho!

—O que quer dizer com isso? - perguntou ela ao entrar no carro, já sabendo a resposta, temendo-a, sem querer ouvi-la, subitamente desejando não ter saído com Greg Olson naquela noite e ter dado ouvidos aos seus instintos quando eles lhe sussurraram para tomar cuidado, pois ele devia estar armando alguma.

— Todos pensávamos que você fosse lésbica. Alguns dos rapazes até fizeram uma aposta.

Quando o trabalho retomou seu pico de intensidade, Trudie tinha contratado um novo encarregado de alvenaria. E também instituiu uma nova regra para si: nunca mais sairia com os rapazes do trabalho.

O que não lhe deixou outra saída do que os passeios de sábados à noite, os desconhecidos em bares de solteiros que se mostravam amantes apressados, egoístas e só sabiam perguntar "foi bom para você?".

Ele saiu novamente, o modelo grisalho, e o coração dela deu um salto.

Daquela vez, ele usava um casaco de couro e um cachecol branco de seda ao redor do pescoço. Quando passou por ela, Trudie acreditou que ele lhe lançou um sorriso especial. Ela olhou para as outras duas mulheres: uma já tinha saído; a outra escrevia algo em um pedaço de papel que, em seguida, entregou para a atendente.

Trudie rapidamente abriu a bolsa e pegou o bloquinho de notas. Ficou subitamente ansiosa, temendo que ele já tivesse sido escolhido. Por que perdia tanto tempo sentada ali?!

As mãos tremiam enquanto escrevia. Aquilo era inacreditável! *Fantástico!*

—O que você faz no Butterfly? - perguntou certa vez à prima, Alexis.

- Tudo o que imaginar,Trudi. Eles são bem afaveis.

- Bem, e quanto a Linda Markus? O que ela faz quando vai lá?

E Alexis respondeu:

- Linda gosta de figurinos. Também prefere máscaras, tanto para ela como para seu parceiro.

Máscaras! Trudie pensou nervosa ao entregar o pedaço de papel à atendente. E como seria com *seu* amante grisalho? Seria ele capaz de realizar a fantasia que ela havia requisitado, ela subiria e encontraria tudo ali, exatamente como tinha acabado de escrever naquele papel?

Trudie não precisou esperar muito. Sentada, contorcendo as mãos conforme os minutos pareciam se estender — ela,Trudie Stein, normalmente tão à vontade e segura de si no que se referia ao sexo casual rezava para que a outra mulher não a tivesse vencido na escolha do modelo grisalho. Em seguida, a atendente retornou, murmurando: -Por aqui, por favor.

E Trudie se viu seguindo a mulher para dentro do elevador privativo.

EIa pensou durante horas sobre o que vestir para o encontro especial daquela noite. Com o passar dos anos, aumentando o seu negócio de construção de piscinas, lutando para vencer em um campo dominado pelos homens e distribuindo ordens para tipos teimosos nas construções,Trudie aprendera a suprimir sua feminilidade natural e a adotar um estilo agressivo, ríspido Se não o tivesse feito, nenhum dos rapazes que trabalhavam para ela a levaria a sério, e os projetos jamais seriam concluídos. E ela sabia que, como consequência, ela aparentava ser uma mandona sempre irritada, sempre pronta a provar ser tão boa quanto qualquer homem.

No trabalho, ela tentava tornar-se uma figura neutra, usando shorts e regatas (não havia como disfarçar os seios), mas quando guardava a prancheta e as plantas e se preparava para uma noite na cidade,Trudie voltava seus instintos para um modo ultrafeminino. Para aquela primeira noite no Butterfly, ela comprara uma roupa especial: uma saia longa de tecido de tapeçaria, uma blusa de seda azul brilhante, e brincos e colar de prata.Trudie sabia que desfilava feminilidade, fazendo desaparecer todos os traços que denunciavam seu trabalho com construção.

A atendente conduziu Trudie por um corredor silencioso, diante de portas fechadas, e quando chegaram a um quarto no fim dele, ela disse com um voz suave:

- Queira entrar, por favor.

Trudie obedeceu.

E a porta fechou-se atrás dela, deixando-a sozinha na saleta de jantar pequena e íntima, belamente decorada com sofá e cadeiras provençais francesas, com prateleiras de livros, carpete grosso, e uma mesa já posta com toalha de linho, porcelana, cristais e velas. Havia uma garrafa de champanhe gelando em um balde de prata; as luzes tênues iluminavam

suavemente uma bandeja de cristal e um único botão de rosa vermelho. Música ambiente saía de alto-falantes invisíveis.

Trudie custava a acreditar no quanto se sentia nervosa. Justo ela, que tinha aprendido com o pai a sempre ter o controle da situação, a estar no comando. Mesmo em suas escapadas de sábado, quando ela conhecia homens e voltava para casa com desconhecidos, era ela quem dava as ordens. Sem nenhum pingo de ansiedade ou dúvida.

Mas ali estava ela se perguntando: *o que estou fazendo aqui?*

Mas não tinha sido o pai dela quem lhe ensinou a sempre desejar as estrelas, a moldar os sonhos seguindo o desejo do seu coração? Não foi ele quem lhe ensinou tudo a respeito dos negócios da construção, levando-a até as construções quando não passava de uma menininha, martelando em sua filha o senso de valor próprio, de identidade, de independência? Seus pais não discutiram por isso? Sophie querendo que a filha seguisse a tradição e encontrasse um marido para ser uma boa esposa e boa mãe enquanto Sam insistia que o mundo estava mudando, que os tempos eram outros e que sua filha poderia ser tudo o que quisesse ser. Sam Stein, o homem mais justo e honesto a caminhar sobre a face da Terra, na cabeça de Trudie ensinou a ela, até o dia de sua morte trágica e precoce, a sonhar e a fazer esses sonhos se tornarem realidade.

Bem, não era aquilo que ela estava fazendo no Butterfly? Procurando por, como a prima mesma disse, uma *salvação*? Talvez ela encontrasse respostas entre aquelas paredes, talvez descobrisse o que vinha procurando, descobrisse o que a fazia sair de seu apartamento nas noites de sábado e parecia impeli-la a se relacionar com desconhecidos em encontros definitivamente insatisfatórios e muitas vezes desastrosos. Ela refletia sobre tudo isso enquanto ouvia passos vindos do corredor. Trudie estava ali mais do que simplesmente por sexo — isso ela conseguiria ter em qualquer lugar. Ela estava ali desejando encontrar soluções.

Havia outra porta do outro lado do quarto. Ela se abriu e ele entrou. Trudie não conseguia acreditar — ele era ainda mais belo naquele cenário íntimo e suavemente iluminado. Estava impecavelmente vestido.Trudie notou que a jaqueta que ele vestia era uma Pierre Cardin de lã preta que lhe cabia perfeitamente. Calças cinza, camisa de seda cinza perolada e gravata vinho. E o homem por si só: alto e magro, com a confiança depositada em seus ombros. Ele poderia ser o presidente de uma grande corporação, ela pensou, ou o reitor de uma grande universidade.

El se aproximou e lhe disse em um tom suave e refinado:

- Estou contente que tenha podido vir hoje. O jantar não deve demorar. Por que não nos sentamos?

Ele a tocou no cotovelo e a conduziu para um sofazinho de veludo azul.

- Gostaria de uma bebida? - perguntou, encaminhando-se para o bar.

Vinho branco, por favor — disse ela, surpresa com a voz tímida que deixou escapar.

Ele voltou com uma taça alta para ela e um copo com um líquido castanho para si. Ele se acomodou em uma das poltronas, com a tranquilidade e e familiaridade de estar em casa, deixando o drinque de lado, sem prová-lo. Trudie baixou o olhar para seu vinho. Sentia-se pouco à vontade sob aquele olhar acinzentado. Surpreendeu-se em ver que não sabia o que dizer ou fazer em seguida. Afinal, aquilo era diferente dos seus encontros de sábado. Estava pagando por aquele momento!

Estou lendo algo muito interessante — disse ele, pegando um livro que estava na mesinha ao lado de sua poltrona. Levantou-o para que ela o visse. - Talvez você já o tenha lido...

Trudie observou o título. Sim, já tinha lido.

0 - O que achou dele? — perguntou ele.

- Bom. Não tanto quanto seus anteriores, porém.

- Como assim?

- Hum, bem... — Trudie sorveu um gole de vinho à procura de tempo para se recompor.

O que havia de errado com ela? Em todos os anos com seu pai, um dos passatempos prediletos deles era entrar em discussões acaloradas a respeito de livros e teorias. Ele lhe ensinara a arte e as artimanhas dos debates, e ela se tornou tão boa que, no ano anterior à morte dele, finalmente o vencera.

Trudie logo percebeu o que estava errado. *Estava sem prática.* Oito anos de conversas ao redor de piscinas e cantadas fracas do tipo "Qual o seu signo?" enferrujaram as suas habilidades. E agora seu acompanhante grisalho a convidava a fazer uma nova tentativa.

Era exatamente o que ela pediu ao escrever no papel no andar de baixo.

- Acho que ele está se esforçando dessa vez - disse ela, referindo-se ao autor do livro. - Seus trabalhos iniciais baseavam-se em teorias concretas e estudos meticulosos. Mas este parece fabricado. Você tem que se lembrar de que o último livro dele foi lançado há dez anos. Desde então, nada. Quando li esse aí, não consegui me desfazer da sensação de que o autor acordou certa manhã e percebeu que estava caindo no esquecimento. É como se ele tivesse juntado todos os amigos e dito: *Ei! Preciso de uma nova idéia pop-científica.* Alguém tem alguma sugestão?

Ele riu de leve.

- Você pode ter razão, embora eu ainda não o tenha terminado de ler. Guardarei a minha opinião até o júri se retirar.

- Qual o seu nome? — Trudie perguntou de supetão. — Como devo chamá-lo?

- Do que gostaria de me chamar?

-Thomas - respondeu ela. - Você parece ser um Thomas.

Ele bebericou o drinque e disse:

- Sabe, ainda que eu não tenha terminado de ler o livro, acredito que terei de desafiá-la no que disse a respeito do trabalho do autor. Você alega que os primeiros trabalhos dele se baseavam em teorias sólidas. E quanto ao primeiro? Uma óbvia invenção como nunca vi antes.

Trudie levantou as sobrancelhas.

- Mas era o primeiro! E foi escrito nos anos 1960. Ele era jovem e ingênuo, testando suas asas, por assim dizer. Dê-lhe o benefício da dúvida, pelo menos.

- Parece-me que é você quem não está dando o benefício da dúvida para ele com este livro.

-Você ainda não o leu por inteiro. Espere até o capítulo 10.Toda a argumentação dele cai por terra nesse ponto.

—Já li o capítulo 10 e discordo, porque quando você examina com atenção a estrutura subjacente da tese dele...

O debate correu à solta. Reconquistando a confiança,Trudie retirou os sapatos e sentou-se sobre as pernas.Thomas serviu-lhe mais vinho e continuou a desafiar suas opiniões. Então, uma discreta batida à porta interrompeu a conversa e o garçom entrou com o carrinho do serviço de quarto. Trudie não tinha vontade de comer. Estava animada, envolvida demais na discussão. Ela e Thomas continuaram a debater enquanto o garçom lhes apresentou salada de espinafre fresco e cogumelos, misturando-a. Trudie atacou as conclusões de Thomas quando o creme azedo e o caviar foram servidos; ele a levou para o canto defensivo quando chegaram ao frango com manjericão e às batatinhas com alecrim. Ignoraram completamente a torta sobremesa; deixaram o café esfriar. Os olhos verdes de Trudie reliziam quando ela marcava um ponto; a voz se elevava quando a vitória pendia para o lado dele. Ela falava rápido, interrompendo-o muitas vezes.

Ela se inclinou sobre os braços cruzados, remexeu nos brincos pendentes em agitação, ficando cada vez mais animada com cada obstáculo que ele lançava em seu caminho.

Ficou intensamente ciente *dele.* O leve cheiro de couro inglês, o brilho do seu Rolex de ouro, as unhas bem aparadas. Classe, em cada centímetro. M u i t o distante de jeans e chapéus duros ou do paternalismo sexista.Thomas ouvia o que ela dizia, e lhe dava crédito quando ele lhe era devido. Ele tirou a jaqueta e afrouxou a gravata.Estava inclinado sobre a mesa na direção dela, envolvido tão intensamente no debate quanto ela.Trudie sentiu o coração bater apressado; sentiu vertigem. Estava entontecida. E muito ligada.

- Está errada — disse ele.

- Nao estou, não! Se existe um assunto que conheço melhor do que ninguém é esse.Você precisa ler Whittington para compreender completamente...

- Whittington é secundário.

Trudie levantou-se de um salto.

- Isso não passa de uma *opinião,*Thomas, e não um fato.

Afastou se dele, girou e voltou. Captou um reflexo seu no espelho: o rosto corado, os olhos cintilantes e febris. Deus, como estava excitada. De súbito, percebeu que queria aquele homem mais do que quis qualquer outro, e decidiu que se ele apenas a tocasse, ela pegaria fogo.

E logo Thomas se levantou e a alcançou. Interrompeu a frase dela com um beijo ardente, o debate chegou ao fim e Trudie sussurrou:

-Ai, meu Deus! Depressa! *Rápido!*

Fizeram amor no carpete fofo. Quando Trudie gritou no orgasmo, pensou que morreria - jamais tinha vivenciado um clímax tão intenso, tão perturbador. E quando tudo terminou, ficou deitada por um tempo nos braços de Thomas, maravilhando-se com a noite que acabava de ter, e percebeu que aquele foi o melhor sexo que teve em muito tempo, possivelmente na vida inteira. Enquanto Thomas a acariciava e beijava,Trudie mal conseguia acreditar no que tinha acontecido, que aquilo tinha sido *real.*

Então, uma pergunta lhe veio à mente, porém não queria quebrar o encanto do momento. Assim, perguntou somente para si - e ela não tinha a resposta.

Quem estava por trás daquela operação mágica nos quartos acima da butique masculina Fanelli? Quem concebeu aquela idéia? Quem começou tudo aquilo? Quem a gerenciava? *Quem, de fato, era Butterfly?*

4

Novo México, 1952

A LEMBRANÇA MAIS ANTIGA da infância de Rachel era dela mesma acordando no meio da noite e ouvindo a mãe gritar. Lembrava-se de ter saído do berço - devia usar fraldas ainda - e caminhar pelo corredor até o outro quarto. A porta estava entreaberta. Ela sabia que mamãe e papai estavam lá. Ela se lembrava de ter visto a mãe, nua, de quatro na cama, e o pai atrás dela, empurrando, com o que parecia ser a barriga, enquanto a mãe chorava e implorava para que ele parasse.

Foi só quando tinha catorze anos que Rachel aprendeu o que eles estiveram fazendo naquela noite.

Dois mistérios cercavam o nascimento de Rachel Dwyer. Ela desconhecia a existência deles até um dia escaldante quando tinha dez anos de idade e, tendo sido deixada sozinha no trailer porque os pais tinham ido à taberna local na estrada, Rachel se viu entediada.

O tédio leva ao desassossego, e o desassossego pode gerar curiosidade, que, por sua vez, leva a descobertas. As vezes, descobertas indesejáveis. Como no caso da velha caixa

de charutos King Edward, que Rachel encontrou escondida debaixo da pia, atrás de produtos de limpeza e trapos.

Aos dez anos, Rachel era uma criança precoce — não tinha muita educação formal (seu pai aventureiro e desempregado cuidou para que isso acontecesse), porém era inteligente. Ela lia coisas além da sua faixa etária — uma habilidade aprendida na solidão e no desespero de escapar de uma vida esquálida na fantasia da vida nos livros — e tinha um olhar aguçado. Em um relance percebeu que a caixa de charutos não tinha sido colocada no fundo embolorado por obra do acaso, mas parou ali por intermédio de uma mão atenta. Obviamente, na mente muito criativa de Rachel, aquela era a caixa de um tesouro.

Abriu-a.

Em meio a um amontoado de fitas, cartões de aniversário desbotados, um anel e tíquetes de entradas de cinema, havia dois itens que deixaram a menina perplexa. O primeiro era uma fotografia; o segundo um documento com jeito de ser oficial.

Sendo capaz de ler tão bem, ela descobriu em segundos que o documento era uma certidão de casamento. Os nomes dos pais estavam impressos ali, e havia uma cidade listada sobre a qual Rachel nunca tinha ouvido falar: Bakersfield, Califórnia. A data, porém, a fez refletir.

A certidão dizia que a mãe e o pai tinham se casado em 14 de julho de 1940.

No entanto, Rachel sabia que tinha nascido em 1938.

Tinha dois anos quando eles se casaram. Isso só podia significar uma coisa: ele não era seu pai verdadeiro!

Isso a alegrou tanto que ela não deu a devida atenção à foto, se tivesse, poderia, em sua sabedoria juvenil, ter notado a semelhança perturbadora da jovem de olhar cansado no leito hospitalar com um recém-nascido em cada braço.

Só mais tarde, naquela mesma noite, ela começou a pensar na fotografia — enquanto permanecia perfeitamente imóvel debaixo das cobertas no sofá, onde ela dormia no trailer, à espera que o pai passasse a roncar (ela sempre tentava ser o mais invisível possível toda vez que ele estava por perto, ainda mais quando estava embriagado).

E foi então que entendeu.

Embora parecesse muito mais jovem, a mulher era a mãe de Rachel.

Mas quem eram os bebês?

Bem depois da meia-noite, quando o trailer de metal esfriou e o deserto tornou-se silencioso, Rachel saiu da cama, segurou a lanterna que era usada quando a eletricidade era cortada — o que era frequente — e pegou a caixa de charutos, que havia recolocado no mesmo lugar onde a havia encontrado na primeira vez. Avaliou os bebês da foto. Um deles se parecia com a foto dela mesma, que a mãe sempre mantinha na carteira.

Rachel franziu a testa. Se aquela era uma foto dela quando nasceu, então... Quem era o outro bebê?

EIa segurou a ansiedade de perguntar. A mãe de Rachel nem sempre era uma mulher de fácil abordagem. Se não estivesse embriagada ou tendo uma das suas manhãs "enjoadas", ela estava no escritório do estacionamento de trailers, ouvindo Arthur Godfrey no rádio. Mas havia ocasiões em que a senhora Dwyer ficava disponível, normalmente quando o pai de Rachel estava fora em suas ocasionais ausências. Nesses dias, a mãe de Rachel não parecia necessitar de Bourbon no café, ela lavava e enrolava os cabelos, limpava o trailer e falava sobre plantar gerânios no quintal do lado de fora. Em dias assim, Rachel costumava ouvir a mãe cantarolar, via as linhas de expressão sumirem de seu rosto, observava-a andar em um vestido bem passado e ouvia-a rir com os VIZINHOS. Foi em um dia como esses que Rachel se aproximou da mãe, que pendurava roupas no varal enquanto cantava "Prisoner of Love" com pregadores de madeira entre os lábios, e fez a pergunta surpreendente.

A senhora Dwyer sempre pensava que a menina era direta demais para o seu próprio bem. De onde Rachel tinha herdado esse traço de sempre dizer a verdade? Como naquele dia, que simplesmente anunciou que tinha encontrado a caixa de charutos e que tinha remexido em seu conteúdo. A verdade é que não se podia espancar uma criança por tamanha honestidade, mesmo ela confessando que esteve espionando.

- Sou bastarda, mamãe? — perguntou, referindo-se à discrepância das datas de seu nascimento e do casamento dos pais.

- Onde você aprende essas palavras, querida? — perguntou a senhora Dwyer, passando a mão pelos cabelos castanhos da menina. — É nesses livros que você lê. Nunca vi ninguém tão novo como você ler assim - então ela se ajoelhou no chão empoeirado e segurou a filha gentilmente pelos ombros. - Não, meu bem.Você não é bastarda. Não importa quando eu e seu pai nos casamos. O que importa é que casamos.Você é Rachel Dwyer. Ele deu um sobrenome para você.

- Mas o lábio inferior de Rachel começou **a** tremer. Ela **desejou** tanto ter ouvido outra coisa da mãe. Quer dizer que é mesmo o meu pai?

—Claro que é, querida!

—Eu meio que pensei, sabe, porque vocês se casaram depois, que eu devia ter outro pai.

—Eu sei, meu bem - a mãe concordou com gentileza, partilhando o sofrimento da filha. — Mas ele é o seu pai. Nós tivemos você antes de pensarmos em nos casar. Ele não é do tipo que se estabelece em um só lugar, sabe. Ele gosta de ser livre. Mas eu disse que ele tinha uma responsabilidade comigo e com o bebê. Havia uma guerra na época e nós pensávamos que ele seria convocado. Por isso ele se casou comigo.

—Papai foi para a guerra, mamãe? — Rachel não sabia muito bem o que era a guerra, mas ouvira o suficiente das conversas das outras pessoas que estiveram nela e que isso era algum tipo de honraria.Talvez, no fim, houvesse algo para amar em seu pai.

Mas a mãe de Rachel respondeu em um suspiro:

— Não, querida. Seu pai não passou no exame médico. Eles disseram que ele tinha algo errado com os pulmões. É por isso que ele, às vezes, fica tão bravo. Todos os outros homens foram, menos ele.

Então Rachel lhe perguntou sobre o *outro* bebê, e uma sombra cobriu o olhar da mãe mesmo não havendo nenhum traço de nuvens no céu imenso.

— O outro bebê morreu, meu bem — respondeu ela tão baixinho que mal podia ser ouvida entre o som do vento do deserto. - Ela era sua irmã gêmea. Mas morreu poucos dias depois que vocês nasceram.Tinha o coração fraco.

Depois daquela revelação, os livros aplacaram a dor e o desapontamento de Rachel; eles sempre faziam isso. Os livros fechavam as portas ruins e abriam as boas. Rachel não se lembrava quando lera o primeiro livro; não se lembrava de um dia em que não estivesse lendo. Foi a mãe quem um dia voltou para casa com livros de Dick e Jane emprestados e ensinou a filha a ler; Rachel não sabia quase nada sobre a educação formal. Houve um período curto em Lancaster, na Califórnia — outro deserto estéril —, em que ela frequentou o primeiro ou o segundo ano. Nem sempre ela foi objeto de escárnio como em algumas escolas — pelo menos no Mojave havia outras crianças como ela. Mas houve aquela época horrível em que seu pai conseguiu um emprego em um posto de gasolina e eles moraram por um tempo em uma casa alugada e Rachel teve de frequentar uma escola de verdade. As crianças de lá zombavam de seus pés descalços e dos vestidos muito curtos. Apiedando-se da menina que nunca levava lancheira e que parecia nunca ter dinheiro para comprar algo na Iachonete da escola, uma professora um dia, se ofereceu para dividir seu almoço. Mas a humilhação foi tanta, mesmo para alguém tão

jovem, que Rachel acabou vomitando. A professora ficou furiosa, como se ela tivesse feito aquilo de propósito, e nunca mais dividiu o seu almoço com a menina.

Rachel, porém, não ficou muito tempo nessa escola. Seu pai, como de costume, perdeu o emprego e passou o ano seguinte vivendo dos cheques da assistência social, praguejando contra o governo e provocando brigas em bares com qualquer homem que vestisse um uniforme.

Ler era a habilidade maior de Rachel, seu maior dom. Nem sempre entendia porque as pessoas faziam tanto caso a esse respeito. Afinal, quando se tem prazer em alguma coisa, você continua fazendo essa coisa e, naturalmente, fica bom nisso. E prazer era o que os livros lhe davam, praticamente o único prazer de sua infância. A cada cidade nova para a qual se mudavam, com novos vizinhos e novos rostos, a cada promessa de que o pai manteria aquele emprego e os permitiria viver por mais tempo a fim de que tivessem amigos, a cada volta embriagada para casa e as reclamações sobre os malditos que o despediram e o inevitável abuso de sua mãe - os gritos e as súplicas vindas do quarto —, a cada novo desespero, desapontamento, aumento de sua solidão e alienação do resto do mundo, Rachel se refugiava em um livro.

As vezes, ela e a mãe liam juntas. Sentavam-se no pequeno trailer e liam alternadamente páginas em voz alta.

A educação é como ouro — a mãe sempre lhe dizia. — Quero o melhor para você, mais do que jamais tive, Rachel. Quero que faça algo por si e que seja feliz.

Mãe e filha liam, porém, não só pela instrução, mas também para escaparem; ajudavam-se na estrada da fantasia para que,por um tempo,pudessem esquecer.

Havia outro motivo, contudo, que fazia Rachel fugir da realidade. Ela descobriu isso por acaso, no dia em que completou onze anos.

Rachel estava escovando os cabelos diante do espelho de um quarto esquálido de um hotelzinho barato, onde a família vivia temporariamente, em uma cidade pela qual estavam apenas de passagem. A mãe tinha conseguido um emprego como camareira do hotel e o pai saía "à caça de emprego" na cidadezinha sem graça entre Fênix e Albuquerque. Rachel, mais uma vez, foi deixada sozinha.

Estava experimentando diferentes estilos de penteado, com a ajuda de uma revista sobre cinema, quando lhe ocorreu subitamente: *ela não era bonita.* Na verdade, percebeu com uma tristeza angustiante, ela era bem simples.

As beldades da época eram Betty Grable e Verônica Lake; Rachel segurou as fotos da revista ao lado do rosto e tentou entender o que estava errado. A lista, em sua mente de menina de onze anos, parecia infindável. Sobrancelhas espessas, cabelo liso demais, queixo ligeiramente recuado, e, pior de tudo, um nariz irremediável.

Como se essa descoberta já não fosse bastante dolorosa, como se ela já não tivesse percebido, o pai, em um torpor induzido pelo álcool em uma noite após um dia inteiro "caçando emprego", observou: "Jesus Cristo, essa menina está ficando feia".

Os ossos nas crianças mudam e enganam durante toda a infância. Só na pré-adolescência é que as feições decidem encontrar seu lugar e se estabelecer. Aos seis anos, o rosto de Rachel se parecia indistintamente com o das outras crianças, ela se parecia com qualquer outro frequentador dos parquinhos. Mas aos onze anos ela já entrava no estágio de definição, e seu rosto, como esperado, tomava sua forma final.

O nariz, estranhamente, parecia o bico de um gavião; ficaria bem em um garoto. De fato, em um homem, ele o tornaria belo de uma maneira agressiva. Em uma mulher, infelizmente, e ainda mais em uma garota, parecia tremendamente fora de propósito. E Rachel sabia disso.

Ela se observou nos meses seguintes, esperando e rezando para que aquilo fosse somente uma fase e que a natureza corrigisse seu erro. Porém, quanto mais observava mais ela percebia que era assim que as coisas seriam dali por diante e, por isso, mais ela passou a evitar seu próprio reflexo. Motivo pelo qual, quando passaram o inverno em

Gallup, no Novo México, e uma vizinha muito gentil, apiedando-se da senhora Dwyer e de sua modesta filha, ofereceu-se para fazer-lhes permanente nos cabelos, Rachel protestou veementemente e em voz tão alta que a vizinha se ofendeu e passou a evitar a família Dwyer depois disso.

A mãe de Rachel, porém, entendia, e tentou dali por diante, de maneira desajeitada e inexperiente, tranquilizar a garota e dar-lhe o amor de que ela tão obvia e desesperadamente necessitava.

A parte triste era que a senhora Dwyer estava presa em uma armadilha de álcool e abusos. Para agradar ao marido, impossível de ser agradado, ela frequentava as tabernas, dividia garrafas baratas trazidas para casa e permitia que ele a subjugasse. Os episódios amorosos da senhora Dwyer para com a filha eram esporádicos, imprevisíveis e frequentemente não atingiam seu objetivo.

Mas havia pessoas que sabiam demonstrar amor, e com as quais Rachel podia se beneficiar de seu dom natural de amar — as pessoas que viviam nos livros.

Ela lia tudo o que lhe caía nas mãos. Por vezes, eram antigas revistas de cinema, uma *Life* ou uma *Post* jogadas fora. Raramente eram livros juvenis. Mas ela lia Nancy Drew — Rachel devorava todas aquelas aventuras de detetives. A biblioteca local era o portão para o seu mundo de fantasia, e quase todos lugares,não importava se fossem minúsculos ou miseráveis, tinham uma biblioteca. Até mesmo o estacionamento de trailers em que viveram quando ela tinha dez anos. Ficava a quilômetros de qualquer cidade de verdade e era só um tipo de coleção negligenciada em um posto de gasolina, armarinho e taberna. Contudo, o escritório do estacionamento de trailers tinha uma prateleira de livros. Quando as pessoas se mudavam, deixavam para trás os livros muito usados para que as pessoas que se mudariam para lá pudessem trocar *os seus* antigos por aqueles. Foi uma invenção da senhora Simmons, a idosa que gerenciava o estacionamento, e Rachel rapidamente vasculhou a coletânea.

Solitária e incerta, sem atrativos e faminta por afeto, Rachel colocou a mão tímida nas mãos estendidas dos autores sem rosto e fugia para um mundo excitante de faz de conta. Ela partilhou das aventuras de Frank Slaughter e Frank Yerby; trilhou estradas antigas com Mika Waltari e Lew Walace; vivenciou arrebatamento e amor inocente com Pearl Buck; explorou as estrelas com Asimov e Heinlein.Não havia algo que Rachel não lesse; cada livro oferecia suas próprias vias de escape, suas próprias recompensas, confortos e alegrias.Juntos, eles criavam o mundo fantástico que a sustentava e que mantinha seu coração imaculado e confiante. Os homens do espaço de Arthur Clark eram bons, valentes, valorosos; para Rachel Dwyer, eles, e não os homens de carne e osso, eram os únicos que ela poderia amar.

Embora ela, com dificuldades, lesse muitos livros adultos, Rachel ainda assim se manteve curiosamente ingênua e não mundana. Era como se, ela decidiu anos mais tarde, sua mente, quando se deparando com alguma coisa semelhante à realidade ou se aproximasse demais da sua vida, automaticamente a apagasse. Rachel tinha nove anos quando leu *Forever Amber,* mas se lhe perguntassem depois, ela não teria sido capaz de explicar o motivo da derrocada de Amber. Bastava para Rachel que Amber vivesse em uma época romântica, usasse vestidos antigos e fosse cortejada por homens elegantes. Os outros elementos — gestações fora do matrimônio, desgraça e abandono - passavam despercebidos por Rachel.

Devia ser por isso, ela supôs mais tarde, que aos catorze anos ainda fosse tão inocente, vulnerável e despreparada para o que a vida estava para lhe oferecer.

Estava chovendo. Uma daquelas tempestades que começam e terminavam de repente. O interior do trailer estava tomado por um barulho ensurdecedor.

Aquele era um trailer diferente do que os Dwyer alugaram quando Rachel tinha dez anos; viveram em cinco outros desde então. Mas a única diferença era essa. De outra forma, parecia-se com todos: abarrotado, sujo, penso ligeiramente para um dos lados, assombrado pelos odores e desapontamentos dos moradores anteriores.

O pai dela esteve fora o dia inteiro, bebendo. Rachel rezava para que a chuva o mantivesse afastado a noite inteira. Na luz tênue da lâmpada tremeluzente, ela estava envolvida com *As Crônicas Marcianas.* Estava absolutamente apaixonada pelo Capitão Wilder e desejava estar no espaço, no declive de um canal marciano antigo. A mãe andou

pela estrada até o hotel, onde, no escritório do gerente, um televisor novo da Philco mostrava o *Texaco Star Theatre* para os cidadãos do remoto deserto do sudoeste.

Depois de três horas cansando a vista, Rachel foi forçada a desviar o olhar. Sentia cólica e seu estômago doía.

- Nós, mulheres, temos de passar por isso, querida - a mãe explicara-lhe da maneira mais suave que foi capaz no ano anterior, quando Rachel menstruou pela primeira vez.

Tendo perdido o sexto e o sétimo ano escolar, Rachel não teve o beneficio da chamada "educação da higiene feminina". O sangramento a assustara; a senhora Dwyer um dia a encontrara chorando, dizendo que estava morrendo. Mas então a senhora Dwyer lhe entregou a caixa de absorventes e lhe mostrou como usar, e depois tentou, sem graça, explicar o que aquilo representava.

- A dor parece ser a nossa sina, meu bem. As mulheres se acostumam à dor. Sofremos a vida inteira. E ter filhos é a pior das dores. Foi por isso que não quis ter mais nenhum depois de você.

- Por quê? — Rachel perguntou em sua inocência. — Por que temos de sentiu dor?

- Não sei. Lembro-me de alguma coisa a respeito disso na Bíblia. Castigo, imagino, pelo que Eva fez.

- O que Eva fez?

- Ora, levou Adão para o caminho do pecado, querida. Ele era puro e ela o tornou impuro. Nós, mulheres, temos pagado por isso desde então.

Logo a senhora Dwyer passou para a ligação entre a menstruação e como se fazem bebês, mas não fez um bom trabalho, por também ser ignorante no que se referia ao corpo feminino e ao seu funcionamento. Por-
i tanto, Rachel saiu daquela conversa particular tendo aprendido bem pouco.

Naquela noite chuvosa, enquanto ela deixava de lado o livro para pegar algumas aspirinas, secretamente e cheia de remorso, desejou que a mãe tivesse de ficar no hotel por conta da chuva.Assim, Rachel poderia ler a noite inteira, gastando a preciosa eletricidade que mal conseguiam pagar.

Quando foi para a cozinha pequena e lotada, percebeu que sentia fome. As prateleiras, como de costume, estavam bem vazias, mas havia carne moída na geladeira. Se a senhora Dwyer era uma mulher endurecida e simples que se parecia com tantas outras nômades que atravessavam o desértico sudoeste, uma coisa a destacava das demais: ela fazia hambúrgueres fantásticos. A receita era de uma senhora para quem ela arrumava a casa quando adolescente.

- O segredo para fazer comida saborosa são os temperos — disse a velha senhora.

E a senhora Dwyer aprendeu a dar vida aos hambúrgueres com estragão e tomilho, um punhado de alecrim e uma pitada de páprica. Ao longo dos anos, ela aperfeiçoou a receita a ponto de já não conseguir passá-la para outros ou escrevê-la. Era algo que ela fazia naturalmente, como respirar. E por onde quer que eles passassem, as pessoas desejavam os hambúrgueres da senhora Dwyer.

A arte tinha sido passada para a filha. E a boca de Rachel começou a salivar ao pensar em cravar os dentes no hambúrguer suculento e acompanhado de ketchup e um pouco de mostarda.

Enquanto a carne fritava, ela continuou a ler, sob a luz fraca do fogão, a saga dos marcianos. Alguns minutos depois, enquanto "a luz parava e congelava" o Capitão Wilder e sua tripulação na cidade deserta de Marte, Rachel ouviu o som de um carro se aproximando do trailer.

Acreditando que poderia ser a mãe, gelada e molhada, pensou em colocar água para ferver para tomarem um chá. Mas logo pensou que poderia ser o pai, sendo carregado para casa por algum amigo do bar, e Rachel se sentiu tomada pelo medo.

Ele detestava os livros da menina. Ressentia-se deles. E ela não entendia o porquê.

- É por causa da falta de instrução dele - a mãe havia explicado em uma noite quando ele jogou uma braçada de livros da biblioteca pela janela. — Ele nunca passou do quinto ano. Sente vergonha por isso. Ele diz que é isso que o impede de se firmar em um emprego. Ver você ler com tanta facilidade, bem...

Rachel nunca entendeu a animosidade do pai em relação a ela. Algumas vezes, ela levantava o olhar do que quer que estivesse fazendo — lavando pratos, costurando ou preparando o jantar - e se deparava com a expressão sombria e incompreensível dele a observá-la. Ele teria uma lata de cerveja na mão ou, nos dias em que o cheque do governo chegava, um copo de uísque. Ela encontraria os olhos constipados fitando-a, e ela, inexplicavelmente, sentiria um calafrio percorrê-la.

Ele era seu pai e, mesmo assim, um desconhecido.

Moravam juntos há catorze anos, mas ela não o conhecia. Ela cozinhava para ele, lavava as roupas dele, ouvia-o urinar, e ele permanecia desconhecido como qualquer estranho que passasse pela estrada. De acordo com os romances, ela deveria ser a "garotinha" dele, mas ele não parecia notá-la. Ele ia e vinha como um hóspede misterioso, andando com um gemido e uma imprecação, partindo para quem sabe onde, enquanto a mãe dela passava os dias observando ansiosamente o relógio e olhando de relance pelas cortinas.

Foi, na verdade, apenas dois anos antes, quando Rachel tinha doze, que ela percebeu que a mãe sentia medo dele. Não que isso devesse ser surpreendente. Aquilo que Rachel se lembrava de ter presenciado, quando ainda era uma coisinha de fraldas, acontecia com uma regularidade doentia. O som das solas dele no piso barato, a batida da porta do quarto, que sacudia o trailer inteiro, e depois a mãe, implorando com suavidade, sem resultado algum, porque em seguida os tapas viriam, e por fim os soluços. Na manhã seguinte, existiriam hematomas no rosto da senhora Dwyer; ele sairia pisando duro e talvez não voltasse por três ou quatro dias. E Rachel observaria tudo isso de olhos arregalados, sem entender nada, sofrendo em silêncio, porque era isso o que a sua mãe faria, nunca pensando que aquela situação poderia ser mudada, porque a mãe também parecia não pensar nisso. Se a mãe não o enfrentava, Rachel tampouco o faria.

Mas a questão era que ele jamais colocou a mão em Rachel.

I Ficou parada ali, congelada ao lado do fogão, ouvindo o motor do carro se misturar ao som da chuva. Uma porta bateu. Alguém gritou um boa noite. Rodas deslizaram na lama e o motor acelerou, distanciando-se. Passos nos degraus de madeira. Por fim, a maçaneta estremecendo.

i Rachel descobriu-se com medo. Seria por causa da tempestade? Ou por causa da cólica, que a fazia se sentir tão fêmea naquele momento e, portanto, tão sem valor? Recostou-se contra a bancada da cozinha e olhou para a porta com o coração acelerado.

Já sabia que não era a mãe voltando do hotel.

A porta se abriu e ela arfou. Dave Dwyer oscilou por um segundo na soleira, depois praticamente caiu para dentro, fechando a porta atrás de si. Não olhou para Rachel, não pareceu notar que ela estivesse lá. Deixando a água escorrer como um cão velho, aproximou-se do armário, pegou uma garrafa e recuou para o sofá de courino rasgado.

Quando ele afastou um dos seus livros com um chute, Rachel disse: - Não toque nisso! - e a menina arrependeu-se no mesmo instante.

Os olhos vermelhos finalmente focalizaram-na. - O que você disse? — perguntou ele de forma arrastada. - É... é um livro da biblioteca. Se eu o devolver... estragado, terei de pagar por ele.

- Pagar! O que você sabe sobre dinheiro? — exclamou ele. — Você não passa de uma parasita vagabunda! Se não fosse por mim,já tinha morrido de fome. Por que não sai e arranja um emprego? Você já está crescida.

O medo a deixou sem fala.

Ele estreitou o olhar, como se a visse pela primeira vez.

- Aliás, quantos anos você tem?
- O senhor deveria saber, papai.
- O senhor deveria saber, papai - ele a imitou. - COMO OUSA?
- Ca... catorze.

As sobrancelhas dele se ergueram.

- Mesmo? — seu olhar a percorreu de cima a baixo. Rachel estava bem ciente dos shorts que usava, expondo as pernas, e da blusa do Peter Pan na qual faltava um botão.

-Tem namorado, Rachel? - o pai perguntou, surpreendendo-a.

Namorado! Como é que ela conheceria algum garoto, presa naquele trailer o dia inteiro? Além disso, garotos e suas espinhas não se comparavam a saqueadores e centuriões romanos.

Por algum motivo, o seu silêncio o irritou. Ou talvez fosse o seu medo. Do mesmo modo que os cachorros se agitam quando sentem o medo dos outros.

Ele se pôs de pé; ela se afastou ao longo do balcão.

- Que coisa - reclamou ele. - Uma garota com medo do próprio pai.

Ela procurou demonstrar um pouco de coragem, só como fachada.

- O se... senhor não me intimida.

- Intimida! — repetiu ele com uma risada. — Rá! Preste atenção nela. Sempre usando palavras difíceis! Gosta de palavras difíceis, não é, garotinha?

Ela continuou a se afastar.

—Jesus, como você é feia. Olhe-se no espelho!

- Por favor, papai. Não...

- Não me venha com esse "papai"! Como pude gerar uma vadia feia como você vai além da minha compreensão!

Ele estava próximo agora, ameaçador, fedendo a álcool, oscilando sobre os pés.

- Que vagabundazinha você é. Igual a sua mãe. Ela não passa de um capacho no qual posso vomitar! E onde está minha adorada esposa hoje? Por que ela não está aqui para me servir, para atender todos os meus desejos? Jesus, vocês, mulheres, me enojam!

Ele tentou pegá-la. Deixou escapar da primeira vez. Ela recuou em um salto; os dedos dele somente resvalaram seu braço. Mas ele estava mais equilibrado do que ela imaginara. Na segunda vez, ele adivinhou o movimento dela e a segurou dolorosamente pelo punho.

- Por que não usa outras palavras grandes, heim? Quando você as usa, fico excitado. Mais do que com as palavras obscenas.

- PAPAI! - ela tentou se desvencilhar. Ele a pegou pelo outro pulso e a fez se virar.

A chuva caía torrencialmente no teto de metal do trailer. Parecia uma metralhadora, ou mil pedras de gelo. Então um trovão ecoou e o trailer estremeceu.Também chacoalhou quando David Dwyer virou a filha e, segurando-lhe ambos os pulsos às costas com uma mão,puxou-lhe os shorts com a outra.

- Gosta de palavras grandes, vadia?Você costumava usá-la antes de casarmos. Lembra-se disso? Lembra-se de como tentava me humilhar na frente dos meus amigos? Você e a sua educação universitária...

- Não, pai! — ela exclamou. Rachel se debatia. Mas ele a segurava firme.

I Ela sentiu os shorts rasgando debaixo do pulso firme. Ele os abaixou à força até as coxas,

- Lembra se da primeira vez que fiz isso, heim? — gritou ele. — Aquela noite que me disse que não podia mais ter filhos. Quando me culpou por eu ter nos livrado do outro bebê? Jesus, sua vadia, ficamos com o errado! Rachel é feia! NÓS SALVAMOS O BEBÊ

ERRADO! Bem, se você não quer mais filhos, posso cuidar disso. E aqui vai uma palavra difícil para o seu vocabulário impressionante. *Sodomia!* Gostou dela?

Dor.

Rachel gritou.

A porta se abriu e a chuva entrou. Um trovão ecoou no instante em que outro som prencheu a noite — um som de algo se partindo, como uma melancia caindo no chão. E assim seu pai soltou-lhe os pulsos; caiu afastado dela e a dor abandonou o seu corpo.

Instintivamente, Rachel abaixou-se e puxou os shorts. Ela tropeçou, soluçando**, na** direção da porta estreita do quarto, às cegas, sem pensar, somente ciente da dor que ele lhe impingira, uma dor pior do que a cólica menstrual**, da dor** do parto, ela imaginava, ou até mesmo, disso ela tinha certeza, da dor da morte.

Ele aquilo com ela. *Ele fez aquilo com ela.*

Quando mãos tentaram segurá-la, Rachel se debateu como um gato ensandecido. Mas logo ouviu a voz da mãe dizendo:

- Não, querida! Sou eu! — e ela ficou sem forças.

Para Rachel pareceu que houve um momento de consolação no escuro, mas quando abriu os olhos, estava no sofá, com a sua mãe a limpá-la com suavidade. No chão da cozinha, estatelado ao encontro dos armários de baixo, estava o pai.

—Ele morreu? - perguntou Rachel.

—Não, meu bem. Ele não morreu. Bati nele com a frigideira. Mas ele ainda está vivo.

Rachel começou a chorar silenciosamente, com amargura, o rosto afundado nas mãos.

—Por que ele fez isso, mãe? Por que ele fez isso comigo?

A senhora Dwyer não respondeu a princípio. Juntou as toalhas e a bacia de água e disse:

-Você vai se recuperar. Depois de alguns dias, não sentirá mais nada.

Rachel levantou o rosto, coberto de lágrimas.

-Você o deixa fazer isso com você! Toda hora!

—Não tenho escolha, querida.Tenho de deixar.

—E *você* se recuperou?

A senhora Dwyer se virou na pia da cozinha e olhou para a filha. De repente, a garota sonhadora de catorze anos de idade tinha os olhos de uma adulta.

-Você não entende, querida. Existem coisas entre marido e mulher que...

—Se ele fosse o meu marido - Rachel soluçou -, eu o teria matado.

—Não diga isso, meu bem. Você só não entende.

Rachel tentou se sentar, mas viu que aquilo era doloroso.

—Por que fica com ele? Ele é um monstro.

— Não, ele não é. A seu modo, ele me ama. Ele só está sofrendo por dentro. Coisas aconteceram no passado, muito antes de você nascer...

—Ele disse que vocês se livraram do outro bebê. O que ele quis dizer com isso?

A senhora Dwyer empalideceu.

—Bom Deus... - sussurrou. - Ele lhe contou isso?

—Mãe, eu tenho o direito de saber.

A senhora Dwyer fitou a filha por um instante, ouvindo a chuva diminuir do lado de fora, conforme a tempestade seguia seu curso; ela decidiu-se e sentou-se com Rachel no sofá.

- Querida - disse ela com suavidade, segurando as mãos da filha entre as suas. - Quando fui para o hospital para dar à luz, não tínhamos dinheiro. Nem um centavo. Estávamos em um período de crise e seu pai, bem, você tem de entender, ele foi um homem bom... um dia. De qualquer forma, lá estávamos nós com gêmeas e sem

dinheiro para pagar as contas do hospital. Então, um dia, um homem foi ao hospital. Disse que era advogado e que conhecia um casal

- que queria muito adotar uma menininha. Ele disse que pagariam mil dólares. Rachel olhou fixamente para a mãe.

A senhora Dwyer olhou nervosa e rapidamente para o homem inconsciente no chão, depois continuou baixinho:

- Fui contra. Mas seu pai me convenceu, alegando que precisávamos do dinheiro e que o bebê iria para um bom lar. Se recusássemos a oferta do advogado, ele disse, ficaríamos com dois bebês e nenhum dinheiro, e que tipo de lar poderíamos dar para os bebês? Ele insistiu até me convencer, meu bem. Rezo a Deus todos os dias desde então para ter tomado a decisão certa. Gosto de pensar, Rachel, que a sua irmã vive em UMA CASA e bonita e que vai a festas...

- Você. Você *vendeu* a minha irmã?

- Não diga isso, Rachel.Você não tem como entender. E de qualquer forma - ela olhou mais uma vez para o marido inconsciente —, você tem de sair daqui. Não pode mais ficar aqui.

Rachel queria protestar, mas sabia que a mãe tinha razão. Com o choque começando a ir embora, Rachel se pôs a chorar. A senhora Dwyer tomou Rachel em um abraço desajeitado.

- Agora preste bem atenção, meu bem. Você tem de ser forte e valente. Precisa ir embora daqui. Hoje à noite. E afaste-se o quanto puder. Consegui poupar alguns dólares sem que seu pai soubesse. O suficiente para mantê-la por um tempo se você for cautelosa.Vá para a Califórnia.Vá para Bakerfield. Você pode fica na ACM de lá. Não custa muito e eles cuidarão de você Mas não conte que tem só catorze anos ou eles chamarão a polícia. Aqui está o endereço de uma mulher que eu conheci. Ela é dona de um salão de beleza. Diga a ela que você é filha de Naomi Burgess - ela dobrou um pedaço de papel dentro da bolsa de Rachel — e ela lhe dará um emprego.Você ficará bem. É inteligente. Um ônibus passa na cidade à meia-noite.Você tem de pegá-lo.

—Mas a senhora vem comigo!

—Não posso. Tenho de ficar com ele.

—E suportar a brutalidade dele?

- Rachel - ela disse baixinho -, eu o amo.

- *Como consegue?*

—Você é jovem demais para entender, meu bem. Mas um dia, quando for uma mulher madura, se apaixonará e entenderá tudo isso.

Rachel permaneceu sentada por um bom tempo, sentindo dor, humilhação, olhando para o homem que lhe provocara isso.

-Você deve ir - a mãe disse com uma urgência renovada. - Logo ele recobrará a consciência.

Rachel a encarou com seriedade.

—Mãe, o que ele fará com a senhora?

- Não se preocupe comigo, sei lidar com ele.

Rachel pensou por mais um instante, depois disse:

— Acha que ela se parece comigo? A minha irmã?

A senhora Dwyer olhou surpresa para a filha.

- Não sei, meu bem.

—Somos gêmeas.

- Bem, existem dois tipos de gêmeos. Um que chamam de fraternos e o outro que chamam de idênticos. Não sei por que, mas em um dos tipos os irmãos não se parecem necessariamente. Não sei qual dos tipos vocês são.

—Espero que ela seja bonita — Rachel disse com suavidade. — E não feia como eu. E sabe de uma coisa, mãe? Vou procurá-la.

- Ah! - a senhora Dwyer subitamente demonstrou pânico. - Por que faria uma coisa dessas?

- Porque ela é a minha irmã. E caso ela já saiba que foi vendida, talvez se sinta reconfortada em saber o motivo.

Vendo a necessidade e a solidão nos olhos da filha, a senhora Dwyer se suavizou. Sabia da necessidade desesperadora dela de amar alguém, de pertencer a alguém. Ela própria sentiu isso a vida toda.

—Você nasceu em Hollywood, na Califórnia, Rachel. Não sei, talvez ela ainda esteja lá. Eu lhe contarei tudo o que sei sobre a adoção. Mas não é muito. Mas agora você tem de sair daqui.

Quinze minutos mais tarde, com o pai ainda estendido no chão, Rachel parou na porta com uma mala surrada na mão. Havia o adesivo P&O de uma empresa de cruzeiros nela, mas era a lembrança de alguma outra pessoa. Tudo o que Rachel levava era a foto da mãe com os dois bebês, algumas quinquilharias que colecionava desde a infância e *As Crônicas Marcianas,* um livro roubado da biblioteca.

Os olhos das duas estavam carregados de dor; era como se Rachel e a mãe estivessem olhando para um espelho. A tempestade já havia passado, a noite estava tranquila. Rachel,aos catorze anos de idade, não fazia idéia para onde estava indo, mas disse:

- Vou voltar, mãe. Vou encontrar a minha irmã e nós voltaremos para buscá-la. Deixaremos papai e nós três seremos uma família. Vou cuidar de você, mãe. Nunca mais terá de suportar... - olhou para o homem desfalecido que nunca significou algo para ela — *isso* de novo.

A senhora Dwyer abraçou a filha e a observou, com os olhos marejados, conforme ela avançava sozinha pela lama em direção à distante estrada.

5

O VESTIDO, AINDA QUE fosse belo, era desconfortável. Juntava os seios, forçando-os para cima, e apertava a cintura a tal ponto que tornava a respiração difícil. Mesmo assim, a doutora Linda Markus gostou da imagem refletida no espelho de corpo inteiro. Uma *belle* do passado. Frágil, delicada, um objeto a ser adorado.

Deus meu, pensou, *as mulheres, de fato, sentiam-se assim no passado.*

Distanciando-se do espelho, olhou ao redor do quarto. Parecia saído de um sonho. As cortinas de cetim, a cama magnífica coberta com uma colcha espessa de cetim que combinava com a cobertura do dossel — todos os tons de pêssego. O carpete fofo, a delicada mobília dourada, as alegres pinturas na parede, os vasos de flores frescas. Tudo muito feminino, muito romântico.

Na verdade, era o mesmo quarto que tinha ocupado na semana anterior, quando o *rendez-vous* com o gatuno fora interrompido pelo chamado do hospital. Desde então, vinha tentando remarcar seu compromisso no Butterfly, mas surgiram complicações. Primeiro, ela não tinha disponibilidade. E depois, foi *ele* quem não esteve disponível.

Estranho. Linda sentiu uma momentânea pontada de ciúme ao saber que não poderia estar com ele em uma determinada noite. Pela primeira vez nos meses em que esteve frequentando o Butterfly, Linda Markus refletiu sobre a realidade do seu acompanhante servindo outras associadas. E, pela primeira vez, sentiu-se possessiva em relação a ele. Racionalmente, ela dizia para si: *Ele* é u*m amante contratado. Cuida de outras mulheres.* Emocionalmente, porém, Linda se surpreendeu ao se flagrar pensando: *Ele é meu. Pertence a mim.*

Esteve com esse acompanhante somente três vezes. Antes dele houve uma variedade de homens - nenhum deles satisfatório, nenhum deles capaz de ajudar. E foi então que ela o conheceu. Foi na noite da sua fantasia veneziana. Os antigos moradores de Veneza usavam máscaras quando desfilavam pela Praça de São Marcos. Teve essa idéia após assistir ao filme *Amadeus.* Um homem, todo de preto - com uma capa e usando uma máscara negra - invadira seu quarto e fizera amor extraordinário com ela.

Foi o mais perto que Linda chegou de ter um orgasmo.

Por isso ela o requisitou novamente.

Ele foi o salteador na segunda vez, aquele do poema. Arrojado, impetuoso, mas também gentil, invadindo seu quarto, surpreendendo-a em seu bordado, e fazendo amor com ela. Daquela vez também, ela chegara muito perto do auge sexual que jamais experimentara em toda a sua vida. E, portanto, na terceira vez, quando ligara para o Butterfly para combinar os detalhes, requisitara o mesmo acompanhante, e naquela vez pedira que ele fosse um ladrão.

A sessão, entretanto, fora interrompida pelo seu bipe. E naquela noite, ele deveria surgir na forma de um soldado confederado na Guerra Civil — ou, pelo menos, um soldado confederado uniformizado e mascarado, como se ele estivesse em um baile à fantasia.

Não importavam as circunstâncias, Linda exigia que seus homens estivessem mascarados. Não queria ver o rosto do amante. Tampouco eles deveriam ver o seu. A máscara já estava a postos, protegendo-lhe a identidade.

Olhou de relance para o pulso, só para se lembrar de que tinha tirado o relógio. Para a fantasia daquela noite, ela decidira atuar de forma convincente. Depois de despir as roupas modernas e vestir a fantasia de época previamente separada, Linda guardou todos os seus pertences no closet e fechou a porta. O fechamento daquela porta simbolizava o bloqueio da era moderna. Ao renegar todos os adornos dos dias atuais - a bolsa, o relógio, o bipe, a meia-calça - ela mergulharia mais facilmente no passado.

Algo necessário para que o seu experimento funcionasse.

Por experiência própria, Linda sabia que seu acompanhante apareceria a qualquer instante. Ainda mais quando se tratava desses cenários históricos. Sabia que algumas associadas do clube não se davam ao trabalho de toda aquela encenação com cenário e figurino. Elas pediam um modelo, iam para um dos quartos, e se entregavam ao sexo sem trama teatral. Outras, como ela, apreciavam - e *precisavam* - do drama e do faz de conta para se curar de seu problema, que era o que ela mais desejava.

Era por isso que Linda estava ali, no Butterfly, em vez de estar no hospital, lendo revistas médicas ou trabalhando no seu discurso para o jantar da Associação Médica do Condado. Via de regra, a vida de Linda girava em torno do trabalho; permitia-se bem pouco tempo para a vida social ou para atividades recreativas.Vir ao Butterfly, porém, não era uma questão de prazer; ela estava ali para encontrar ajuda para o seu problema.

No entanto, como médica tratando de si, tinha dificuldades para se distanciar da sua curiosidade profissional, o que era necessário para que a terapia funcionasse, e, com isso, para que seu problema fosse curado.

Andando de um lado para o outro no carpete, os laços do vestido balançando ao seu redor, as luzes suaves do candelabro lançando uma incandescência sonhadora sobre os objetos do quarto, Linda tentou se forçar a mergulhar no papel. Mas não conseguia.

Quantas associadas ele vê por dia?, perguntou-se. *Somos todas associadas aqui,* a diretora informou Linda no dia da orientação. *Não clientes, tampouco freguesas, mas associadas. E nossos homens são acompanhantes.*

Quantas vezes, no fim das contas, um homem consegue ter ereção por dia, não importando o quão jovem e viril ele fosse? Quantas vezes ele pode *satisfazer* uma mulher?

Ele não tem de ejacular toda vez, ela repetiu para si.

Tentou parar de pensar no assunto. Não serviria de nada. Estava ali para ser amada, não para analisar a logística fisiológica dos homens. Linda tinha de continuar se obrigando a deixar de lado a curiosidade de cientista e o pensamento médico. De outra forma, o experimento jamais daria certo.

Passos no corredor!

Virou-se e olhou em direção à porta. A maçaneta começou a girar.

E, de repente, a doutora Linda Markus ficou sem ar. Esqueceu-se de tudo. Todos os pensamentos fugiram de sua mente enquanto ela via a maçaneta dourada girar lentamente, enquanto ela imaginava a mão que a estaria girando, o homem que possuía aquela mão, os músculos das coxas, o maxilar quadrado, e a voz profunda e refinada.

Na primeira vez com ele, quem quer que ele fosse, ela quase, quase...

A porta se abriu lentamente. Ela inspirou.

A primeira coisa que viu foram as botas engraxadas, depois um braço longo em uma manga cinza com bordado amarelo. Finalmente, um rosto mascarado por baixo do chapéu de general confederado. E uma voz suave, cavalheiresca, dizendo: - - Olá, madame.

Ela se manteve imóvel. *Devem contratar atores profissionais,* ouvia a mente dizer ao notar o sotaque. *Ele é muito bom.*

E depois: *Maldição, Linda. Entre na fantasia!* No entanto, anos de treinamento médico a deixaram com uma mente analítica. Fantasiar era algo difícil para ela. Não conseguia se separar da mente dissecadora que a escola de medicina lhe dera.

Meu Deus, ele é lindo.

- Ah, espero não estar atrapalhando, madame - disse a voz suave enquanto ele tocava a aba do chapéu de feltro cinza. E bem quando ela esperava que ele se aproximasse para lhe beijar a mão, ou qualquer outra coisa ensaiada ele a surpreendeu: - Por acaso sabe onde um cavalheiro pode conseguir um drinque por aqui?

Linda, confusa, olhou ao redor. O *que deveria dizer?*

- Suponho que haja um carrinho-bar ali.

Ele andou a passos largos e ergueu um decantador cheio de um líquido âmbar. Depois de beber o drinque em um copo de cristal, ele se virou e a fitou por trás dos olhos mascarados.

Olhos negros circundados por cílios negros em uma máscara negra.

Ela sentiu a pulsação acelerar.

- Já nos vimos antes, madame? — perguntou ele com suavidade.

- Eu... — ele a fez ficar muda, de verdade!

- Estou procurando por uma amiga, seu nome é Charlotte. Por acaso a conhe**ce?**

Linda se surpreendeu.

O aroma pungente das rosas permeava o ar. A luz de várias velas espalhadas pelo quarto parecia se mover e ondular. Linda sentiu-se engolfada pelo ambiente romântico.

Mas tudo era ensaiado!

E mesmo assim, ela começou a sucumbir. E ficou feliz. Queria que a magia **funcionasse...**

Aqueles cintilantes olhos negros não estavam procurando uma mulher chamada Charlotte. Estavam ali, por ela, por Linda Markus, que requisitara aquele homem e que já começava a se sentir possessiva em relação a ele.

—Não sei o que devo dizer agora. Quero dizer... Quem é Charlotte?

O sorriso dele ergueu a máscara ligeiramente.

Daquela vez, diferentemente de quando ele usou a máscara de esqui, ela conseguia ver a parte inferior do rosto dele. E... ele era *lindo.*

—Então... Devo estar na casa errada.

Linda estava confusa. Colocaram-na no quarto errado? Não... Aquele definitivamente era o acompanhante que ela requisitara. Então o quê...?

Ele se aproximou, com o copo de cristal na mão.

—Mas...Talvez eu não me importe se não encontrar Charlotte.

Parou perto de Linda que levantou o rosto na direção dele. *Como poderia ter se esquecido do quanto ele era alto?* E logo ela foi atingida pelo perfume conhecido. Bem sutil... Apenas um sinal da colônia masculina. Ele a usara nas vezes anteriores. *Como se chamava mesmo?* Ela achava que sabia...

A mão dele subiu para a sua face. Dedos longos traçaram o contorno do seu rosto, tocaram os lábios, acariciaram as pálpebras. Não havia nada de apressado nele; seus modos eram lânguidos, quase preguiçosos, como se eles tivessem a noite inteira.

— Um cavalheiro poderia se apresentar a essa dama? — perguntou ele com suavidade. — Meu nome é Beau.

Ele inclinou a cabeça e seus lábios resvalaram os dela.

Linda suspirou. Era tudo perfeito. Nenhum nome, nenhum rosto, nenhum questionamento sobre o que ele pensaria depois, nada de ter de explicar sobre o seu problema, aquilo que aniquilara dois casamentos e sempre punha um fim abrupto a todo novo relacionamento. Ele não tinha permissão para indagar ou imaginar. Ele simplesmente tinha de fazer o que era pago para fazer. E depois mandá-la de volta para casa, curada.

Ela retribuiu o beijo.

Beau não se apressou. Lentamente, tirou a túnica cinza do uniforme, e depois a camisa de linho. A visão do torso atlético, mesmo que ela já o tivesse visto duas vezes antes, não impediu que Linda ficasse sem ar. Nada de excesso de músculos, apenas o suficiente para denotar força. Nenhum bronzeado excessivo. Não havia nada em demasia naquele belo homem. Nem mesmo os beijos, o toque exploratório, como se aquela fosse a primeira vez deles juntos. Com que frequência, nos segundos e terceiros encontros, com homens que pareciam atenciosos, Linda teve de suportar os beijos urgentes e devoradores, a pressa de tirar a sua calcinha, as investidas prematuras de uma ereção para a qual ela ainda não estava pronta?

Sentiu a ereção de Beau. Sentiu-a através dos metros de renda e cetim, e através da lã das calças do uniforme confederado. Aquilo era muito mais delicioso. Retardando o mistério, aumentando a antecipação. Sem apressá-la. Ah, as coisas que esse homem poderia ensinar aos outros... Mas depois, do nada, ele se mostrou mais urgente. A noção de tempo perfeita, foi exatamente quando ela quis que ele se apressasse, na hora em que a sua excitação começava a crescer. A respiração saía mais curta; agarrou-se a ele, com os braços, com a boca. Sentiu os dedos trabalhando na
parte de trás do seu vestido. O corpete de cetim caiu, mas ela ainda estava escondida por renda e algodão, laços e espartilho. Beau sabia muito bem como se desfazer de tudo isso, com destreza e suavidade, beijando-a o tempo inteiro, segurando-a perto, pressionando-se a ela.

E logo ela estava somente de anágua. Suspendendo-a repentinamente ele a carregou para a cama onde a depositou com carinho. Os beijos continuaram, no rosto, no pescoço, nos seios. Quando ela gemeu, ele se deteve ali, nos mamilos, fazendo seu corpo arquear, fazendo-a arfar, finalmente...

- Agora...

Ele tirou as botas e as calças. Mas quando tentou puxar o cordão da anágua, ela o deteve.

Por isso ele se deitou sobre ela, beijando-a, acariciando-a, conduzindo-a ao cume. Quando a mão desceu entre as pernas, ela a levou de volta, sem nada dizer. Quando ele a penetrou, com cautela, sem tocá-la, apenas o suficiente para se guiar, não afundou o rosto em seu pescoço, mas suspendeu-se sobre os cotovelos, a fim de poder observá-la, mesmo que através da máscara. Linda se viu capturada pelos olhos negros e intensos. Conforme se movimentaram, os corpos unidos, ela permanecia cativada por aquele olhar.

- Venha - sussurrou. - Beau, por favor, agora. Mas **ele** se movia lentamente, em um ritmo oceânico sonhador. Linda travou os braços ao redor do pescoço dele; enrolou as pernas ao redor das coxas másc**ulas.**

- Venha! sussurrou. — Depressa, por favor!

Ela acreditou ver uma centelha de perplexidade nos olhos mascarados, Mas logo o corpo dele mudou. Ele se moveu rápido, com urgência. Ele fechou os olhos. Concentrou-se.

—Isso! — exclamou ela rouca. — Sim!

Por fim ele estremeceu, gemeu e puxou-a com ardor para si, e, por um instante, Linda não conseguiu respirar.

—Você teve um orgasmo? — a terapeuta perguntou para Linda que andava de um lado para outro.

—Sabe que não. Droga! — ela parou e olhou para a doutora Virginia Raymond, que estava sentava em uma poltrona de vime, sua silhueta marcada pela vista deslumbrante de Los Angeles. — Foi a mesma coisa de sempre — continuou Linda. — O ato em si foi fantástico. Mas eu me contenho. Não consigo evitar. Não importa o que ele faça, como tudo possa ser excitante para mim, não reajo internamente. Faço o que devo fazer. Falo, me mexo, digo a ele o que eu quero. E depois... Nada. E quando tudo termina, sinto o ressentimento voltar.

—Ressentimento em relação a que ou quem? - perguntou a doutora Raymond.

Linda sorriu para a psiquiatra.

—Não sei. Talvez em relação aos médicos que me operaram tantas vezes quando eu era pequena. Ou com relação ao bule de água fervente que causou o trauma. Ou a minha mãe. Os homens que não ficaram comigo pelo tempo suficiente para me ajudar a me curar da minha frigidez. O *mundo,* talvez.

Linda parou diante da janela que ia do teto ao chão e olhou para fora. Era janeiro, um lindo dia no sul da Califórnia. O oceano, perolado e azul, estava ao longe, com palmeiras verdes brilhantes e nuvens fofas para completar o cenário perfeito. Na rua logo abaixo,

havia um enorme outdoor, mostrando o rosto conhecido do fundador do movimento da Decência Moral. Linda assistira ao seu programa, Hora da Boa Nova, algumas vezes. Não havia dúvida alguma: o reverendo era um orador carismático. Ela não acreditara que um Cristão Fundamentalista teria uma multidão de seguidores. As pesquisas de popularidade mostravam que o reverendo tinha boas chances de ganhar a nomeação Republicana na convenção em junho.

Deu as costas para a janela e foi para o sofá de vime, onde se acomodou sobre almofadas alaranjadas. O consultório da doutora Raymond era tranquilizador, um jardim do éden no meio da confusão de Century City. Linda ia lá há quase dez anos.

- Quero tanto dividir a minha vida com alguém — disse baixinho. — Não gosto de viver sozinha. Gostaria de ter um marido e filhos. Esforcei-me tanto para que meus dois casamentos dessem certo, sabe muito bem disso. Tentei mesmo.

A doutora Raymond assentiu.A doutora Linda Markus fora ao seu consultório quando o primeiro casamento começou a naufragar. O marido de Linda alegara não tolerar os horários dela no hospital, ou o fato de ela ser constantemente chamada em urgências.

- Ele diz que pelo menos uma vez gostaria de ver um filme do começo ao fim - Linda dissera na época.

Mas tanto ela quanto a doutora Raymond sabiam o real motivo pelo qual ele queria o divórcio. Não tinha nada a ver com a agenda médica. A razão era a frigidez de Linda.

E depois, quatro anos mais tarde, o segundo marido de Linda ecoou as mesmas palavras, declarando que se cansara do bipe de Linda constantemente interferir na vida social (e, muitas vezes, amorosa) deles. E mais uma vez, Linda e a terapeuta sabiam o real motivo que o fazia querer se distanciar. O segundo casamento só durou onze meses. Desde então, a doutora Raymond ouviu Linda discorrer sobre relacionamentos breves, todos mal-sucedidos, até que, finalmente, Linda desistira.

Linda consultou o relógio. Quando retornou os telefonemas do produtor de TV e descobriu que o escritório de Barry Greene ficava no mesmo prédio que o consultório de sua terapeuta, ela marcou um horário com ele anterior ao de sua consulta semanal com a doutora Raymond.

- Ele diz que tem um trabalho para mim — Linda informara no início da sessão. - Um trabalho! Como se eu já não vivesse sobrecarregada!

- Mas você vai aceitar mesmo assim? —Virgínia Raymond perguntou, fiquei lisonjeada por ele me procurar. E é uma idéia glamorosa: o ambiente do estúdio, orientar estrelas de cinema a parecerem médicos. Disse a ele, com toda a honestidade, que nunca assisti ao programa dele, mas que amigos me disseram que *Five North* é um sucesso televisivo. E ele quer que eu seja a consultora técnica. Pensei que poderia ser desafiador. Mesmo que você não consiga colocar mais nada na sua agenda.

E logo passaram a falar sobre o problema de Linda.

- Sabe por que loto tanto a minha vida, Virginia - disse ela suavemente. — Isso impede que eu volte para aquela casa vazia, onde sou constantemente lembrada de que tenho 38 anos de idade e de que desejo uma família mais do que tudo. Para ter uma família, porém, eu preciso de um marido e, para ter um marido, tenho de resolver os meus problemas de quarto. Presto atenção - Linda foi para a ponta do sofá e olhou atentamente para a psiquiatra -, quero tanto me curar e quero tanto ser normal que você haveria de acreditar que a cura viria com facilidade!

Linda se levantou e voltou a andar.

- Não posso continuar a viver assim, Virgínia, fazendo do hospital a minha vida, só para poder ignorar o fato de que estou *sozinha.* Foi por isso que resolvi que era hora de fazer alguma coisa, enfrentar meu problema e tentar remediá-lo. Por isso, quando a minha amiga Georgia me falou desse clube chamado Butterfly, e como ele a estava ajudando, decidi que valia a pena tentar.

- E tem ajudado?

- Não tenho certeza. Parece que não consigo mergulhar na fantasia. Acho que se eu conseguisse isso, se eu conseguisse ser outra pessoa por um tempo, então, talvez, eu pudesse me livrar desse estigma de uma vez por todas.

- E você crê que a fantasia irá ajudá-la?

- Pensei que se eu pudesse ser outra pessoa, conseguiria superar meu bloqueio sexual. Talvez como Maria Antonieta eu não seja tão disfuncional na cama! Não sei. Mas o problema é que estou tão acostumada a estar no controle, no comando de cada situação, que não consigo relaxar e permitir que a fantasia reine.

Ela se afastou da janela e olhou para a analista. Virgínia Raymond há anos vinha tentando ajudar Linda com seu problema — um problema causado por um acidente na infância e que, portanto, não era puramente psicológico — e a apoiara na decisão de se afiliar ao Butterfly.

- Pode ser perigoso — alertara-a. - Talvez não encontre o que procura.

Mas Linda havia lhe dito:

- Estou disposta a correr o risco. Desafios não me assustam.

- O que acha das máscaras? — Linda perguntou agora. — Elas ajudarão?

- Como lhe disse antes, Linda, se não conseguir relaxar, nunca apreciará o sexo. O uso da máscara possibilitará esse relaxamento necessário. Elas permitirão que você aproveite qualquer psicodrama que escolher, quer ele

Seja um ladrão ou um soldado confederado. A máscara suprime quem você é, a doutora Linda Marcus, e permite que seu outro *eu* assuma. Você teme o sexo, Linda, ou melhor, teme a rejeição durante o sexo. Livrar-se do medo é um dos passos mais importantes para apreciar o sexo.

-Mas vai funcionar? - Você precisa dar tempo ao tempo. E tem de aprender a relaxar.

Linda se silenciou. Já estava mentalmente projetando o cenário seguinte, com seu amante mascarado.

6

El Paso, Oeste do Texas, 1952

RACHEL FITOU O PRATO de doces, morrendo de fome. Pelo que conseguia ver através do vidro, eram do tipo glaceado, alguns polvilhados com açúcar, outros cobertos com chocolate e nozes, manteiga e, seus favoritos, aqueles redondos açucarados e recheados com geleia de frutas vermelhas. Já fazia dois dias que estava em El Paso e não comia nada desde que desceu do ônibus. Se não fosse pelo fato de alguém ter lhe roubado a bolsa, ela não só estaria comendo agora, como estaria no ônibus certo, indo na direção correta: Califórnia.

Mas estava sem dinheiro e completamente sozinha em uma cidade desconhecida, cansada, com fome e suja, sem a menor idéia do que fazer em seguida.

Pelo canto do olho, viu o homem atrás do balcão. Ele fritava e servia grandes porções de feijões fritos. No último lugar em que tinha tentado passar a noite, o proprietário a expulsou de lá, jogando-a no meio da rua. Mas aquela era uma cidade fronteiriça do Texas; do outro lado do Rio Grande estava o México, um lugar perigoso para uma garota de catorze anos, sozinha. Rachel procurou permanecer em movimento durante o dia, indo a bazares mexicanos, onde os turistas compravam a tequila Jose Cuervo e flores de papel, desejando ter alguns pesos para comprar *tortillas* e feijões; e também foi a igrejas católicas, onde as mulheres mexicanas e indígenas rezavam com seus xales negros sobre as cabeças. Já era noite e os turistas estavam seguros em seus hotéis, e Rachel tentava ficar o mais invisível possível no bar esfumaçado, desejando que a deixassem em paz, sentada na mesa a noite inteira, protegida do vento frio, lendo o seu livro. Mesmo sem ter pedido nada para comer. Nem mesmo uma xícara de café.

Jamais passaria pela cabeça de Rachel pedir comida sem ter como pagar, deixando para sofrer as consequências depois. Sua honestidade inata a impedia de fazer isso.

Era meia-noite, e o bar barulhento parecia ser o ponto de encontro dos insones. A maioria deles parecia desesperada e de mau gosto, motivo que fazia Rachel se encolher tentando passar despercebida, encurvada atrás de uma palmeira de plástico, o rosto afundado entre os punhos cerrados, os olhos fixos nas páginas do livro. Estava chegando ao fim de *As Crônicas Marcianas, es*tava na última história "O piquenique de um milhão de anos" e, depois **dela,** não teria nem mesmo o livro como consolo.

Pensou na mãe. Muito. Rachel havia chorado no ônibus,já longe de Albuquerque, e diversas vezes considerou descer do ônibus e voltar. Mas sabia que a mãe estava certa. Ele fez aquilo uma vez com ela. Não havia motivo para que não voltasse a fazer.

Se ao menos não tivesse subido no ônibus errado! Mas Rachel esteve desconsolada, chorando o tempo inteiro, e só quando chegaram a El Paso, no Texas, que ela percebeu seu erro. Devia estar indo para a Califórnia! E então ela desceu do ônibus para comer alguma coisa, só para descobrir que sua bolsa tinha sumido. Perdera todo o seu dinheiro, e o endereço da mulher dona do salão de beleza em Bakersfield! Não tinha sequer dez centavos para ligar para a mãe.

Levantou o olhar e viu que um homem estranho a observava do balcão do bar. Ele vestia uma jaqueta de couro e tinha marcas de catapora no rosto. E ela não gostou de como ele a olhava.

Rachel tentou se concentrar no livro. Ray Bradbury tinha escrito:"Mamãe estava relaxada no sofá, com o cabelo dourado trançado sobre a cabeça como em uma tiara...". E Rachel começou a chorar.

- Ei, garota. O que foi? Assustada, levantou a cabeça. O homem da jaqueta de couro estava ao seu lado, olhando a cobiçosamente de cima para baixo. Rachel logo se sentiu pequena e indefesa.

— O que você está fazendo fora de casa tão tarde, garota? - disse ele, sorrindo. — Quer companhia?

Ela refreou as lágrimas.

—Na-não, obrigada. Estou bem.

— É. Dá pra ver — ele puxou uma cadeira e se sentou. — Que tal se divertirI um pouco comigo?

Ele fedia a cerveja.

Rachel olhou desesperadamente para além dele, à espera de captar a atenção do homem atrás do balcão. Mas o homem não estava lá, só havia alguns fregueses sonolentos encurvados sobre suas xícaras de café.

—Vamos lá — disse ele com impaciência na voz. — Minha casa não é longe daqui. A gente pode se divertir.Tenho alguns amigos que vão gostar de você também.

O coração de Rachel se contraiu; sentia-se presa em uma armadilha.

— Deve estar morrendo de fome, pequenina do jeito que é. Tenho comida em casa.

—Na-não, obrigada.

— Aposto como está fugindo de casa. Isso é contra a lei, sabia? Posso chamar a polícia, e eles prendem você.

Os olhos dela se arregalaram. Ele a segurou pelo pulso. A mão estava quente, pegajosa.

—Vamos, prometo que vai se divertir.

—Não! E-estou... estou esperando por alguém!

—É? Quem?

—Me-meu namorado.

— Namorado! Você? - a gargalhada dele ecoou. - Olha aqui, garota, já vi gente feia antes, mas você fica com o prêmio. Se você tiver um namorado, então eu sou o Papa.

—Com licença, Sua Santidade — disse uma voz atrás deles.

Rachel olhou para cima. Um jovem de cabelo quase ruivo sorria para o homem de jaqueta.

—Por acaso, o pulso que está segurando é o da minha namorada.

Houve um instante carregado de silêncio, mas logo o homem deu um salto,

—Ei... — disse, com as mãos levantadas, antes de sair rapidinho.

—Ele não vai voltar — disse amigavelmente o estranho. - Você está bem?

Os olhos de Rachel estavam marejados. Ela queria tanto a mãe.

▪ - Ei... - disse ele, se acomodando.-Já passou. Olha só, não pode ser tão ruim assim, pode?

Algo na voz e nos olhos gentis dele deteve suas lágrimas e a fez observá-lo com atenção. Rachel não era boa em deduzir a idade dos adultos, mas ele parecia um pouco com o filho da gerente do estacionamento de trailers, que tinha dezenove anos. Mas ele era mais atraente que o filho da gerente. Na verdade, ele era *muito bonito.* E tinha um sorriso estonteante.

- O que uma coisinha bonitinha como você está fazendo sozinha no meio da noite? - ele perguntou. E Rachel se apaixonou.

- Sabe - disse ele quinze minutos depois, enquanto comiam *tacos* e *enchiladas e* tomavam refresco de laranja. — Sempre disse que fugir não resolve nada, mas caramba,

no seu caso, acho que você fez a coisa certa. Agindo como sempre, pois não saberia ser de outro modo, Rachel foi sincera e lhe contou toda a sua história, o estranho assentia de vez em quanto em sinal de empatia.

E agora ele sacudia a cabeça e dizia:

- - Coitadinha.

Seu nome era Danny Mackay e ele estava a caminho de San Antonio. Ela sabia que ele era texano pelo modo como terminava todas as frases como se estivesse fazendo uma pergunta. Coisas como: "Estou indo para casa?" e "Estive na Califórnia por um ano?".

Ele acendeu um Camel e disse: - Acabei de ser exonerado pelo Exército. Ford Ord, lá na Califórnia. Ora, não vi motivo para continuar lá. Por isso voltei para casa, no Texas. Quer vir comigo? — perguntou ele ao pagar a conta. — Pelo caminho talvez a gente encontre uma solução para o seu caso.

Mas Rachel já não estava mais preocupada com a sua situação. Danny Mackay era a pessoa mais gentil que ela conhecera na vida, e ele disse que cuidaria dela. E ela acreditou.

Pararam em um hotelzinho na beira da estrada e fizeram amor. Não foi espetular — na verdade, se Rachel fosse mais experiente, o consideraria um amante bem medíocre -, mas Rachel não sabia, tampouco se importava. Também não se importou em perder a virgindade aos catorze anos. Estava cheia de esperanças, de felicidade por ter sido abraçada por alguém, por ter recebido o calor do conforto de outro ser humano, de ter vivenciado primeiros beijos enquanto lhe diziam como era bonita. Pouco importava que aconteceu lá embaixo, ou a dor (não tão ruim quanto o que o pai lhe fizera, porém, porque ela pressentia que aquela era uma dor natural, parte daquilo que as mulheres teriam de suportar). Tudo o que importava para Rachel Dwyer, completamente feliz pela primeira vez na vida, era que finalmente tinha alguém para amar.

No dia seguinte, cruzaram o Rio Grande e dirigiram para a cidade fronteiriça do México, e lá Rachel vivenciou outra primeira vez.

Embebedou-se.

Também vivenciou um novo tipo de dor.

- Fique parada, meu bem - vagamente ela se lembrava de ter ouvido a voz de Danny. Estivera amedrontada, mas não muito, uma porque estava tão embriagada a ponto de estar quase inconsciente, e também porque pressentia em seu estupor que estava fazendo algo por Danny. Ele a tinha levado para aquele quarto estranho acima da *cantina,* deu instruções para a mexicana mais gorda que Rachel já tinha visto, e depois se sentou, segurando sul mão, enquanto uma dor quente marcava o interior da sua coxa.

Na manhã seguinte, ele lhe contou que ela havia desmaiado e que ele a tinha levado de volta ao hotel. Ele se mostrou preocupado, solícito em relação ao seu desconforto — até mesmo lhe deu um analgésico para a dor.

- Estou tão orgulhoso de você, querida. Algumas mulheres não aguentam tão bem.

Ela foi para o banheiro para ver o que ele lhe tinha feito e ficou chocada. Lá, na parte interna da coxa, a centímetros de suas partes íntimas, havia uma tatuagem.

Uma borboletinha.

E era tão realista, tão natural, que alguém haveria de acreditar que ela veio voando até a pele alva, onde agora tremulava.

- O que achou? - perguntou Danny da soleira.
- Está doendo.
- Isso passa.

Ela o fitou.

- Por que, Danny? Por que fez isso comigo? Ele se aproximou e a abraçou. Beijando-lhe o topo da cabeça, disse: - Porque quero que me pertença. E essa foi uma maneira

de torná-la minha. Ela não tinha como resistir a palavras como aquelas. Com ou sem dor, apesar seu corpo violado, Rachel nunca quis outra coisa na vida a não ser pertencer a alguém. E se esse era o significado da borboleta, então Rachel se alegrava por ela estar ali.

Chegaram a San Antonio no dia seguinte.

Rachel se acomodou feliz e orgulhosa ao lado de Danny em seu velho Ford, observando o cenário texano gradualmente se transformando de desértico a fértil, a longa estrada cortando imensidões de *caliche* - um tipo de solo argiloso esbranquiçado em que nada crescia - e trechos de arbustos e acácias. E, finalmente, Hill Country, onde havia árvores em vez de moitas e, segundo Danny, onde se encontrava uma vaca a cada cinco acres de terra, em vez de uma a cada cinquenta. O desolamento lentamente dava lugar a um assentamento - postos de gasolina, ranchos, antigas casas ao estilo mexicano - e Rachel desejou que, como já se aproximavam do destino final, sinos de casamento fossem o passo seguinte naquele dia. Adorava olhar Danny enquanto ele dirigia. Parecia que quanto mais o observava mais belo ele se tornava. O nariz era ligeiramente torto e uma cicatriz deixava seus lábios desiguais — o resultado de uma briga, de acordo

com Danny, mas ela acreditava que essas pequenas imperfeições só o deixavam mais atraente. Seu cabelo era muito espesso e caía sobre a testa . Os olhos verdes eram preguiçosos e pareciam estar sempre semicerrados, e ele tinha um jeito brincalhão de olhar para ela de esguelha. Mas o corpo dele era tenso e nervoso, ele estava sempre em movimento. Quer brincasse com o cigarro ou batucasse no volante, ele estava sempre se mexendo. Rachel sentia essa intensidade dele, como se ele estivesse carregado de muita energia e procurasse um modo de descarregá-la. E toda vez que ele voltava os olhos langorosos na direção de Rachel ou erguia um lado da boca em um sorriso, ela sentia uma descarga pelo corpo. Danny Mackay era pura magia.

Ela já não sonhava mais em procurar a irmã na Califórnia; agora tinha um novo sonho.

- Sim, senhor - disse ele ao mudar para uma estação de rádio que tocava música Gospel. — Vou fazer alguma coisa por mim. Serei um homem pode roso um dia, alguém de destaque!

Ela sorriu e abraçou-lhe o braço.

- Quero tanto conhecer a sua família, Danny.
- Não tenho família — respondeu ele.

A cidade de San Antonio se encontrava no limite das terras erodidas do México, e Rachel sentiu como se entrasse na Espanha antiga. Estava tonta de excitação enquanto Danny guiava o velho Ford ao longo de antigas missões e praças mexicanas, e por ruas com nomes como Soledad, Nueva e Flores. O Velho Oeste ainda estava ali para a mente romântica de Rachel, em ruas com nomes do tipo Houston e Crockett. Passaram por casas dilapidadas ao estilo espanhol, casas grandes que se pareciam com mansões sulista. e fachadas de negócios que lembravam as cidadezinhas do Arizona e do Novo México. Quando viraram em uma esquina e lá encontraram o Álamo, a vista lhe tirou o fôlego. Rachel havia lido um livro sobre o cerco ao Álamo, sobre o pequeno grupo de homens bravios lutando pela independência do Texas, elegantes heróis trágicos como James Bowie e Davy Crockett.

E pensar que ela viveria ali com Danny!

Ele finalmente estacionou o carro em frente ao que pareceu a Rachel ser uma antiga casa de fazenda. Parecia se achatar no limite de um árido chaparral e estava circundada por gigantes pereiras pontiagudas selvagens, No que devia ter sido o gramado, havia uma caminhonete enferrujada, suspensa por blocos e sem pneus. No fundo ela via uma extensão de varais. Danny pediu a Rachel que esperasse, e subiu os degraus. Ele bateu uma vez, e deram-lhe entrada.

Danny se demorou mais do que ela tinha imaginado, por isso ela resolveu ler. Fechou o livro no bar em El Paso e não o abria há dias. Lembrou-se de que faltavam apenas três páginas para terminar. O pai tinha prometido mostrar à mãe e aos meninos alguns marcianos verdadeiros.

Virando-se, abriu a mala no banco de trás e vasculhou seus poucos pertences. O livro não estava lá.

Danny voltou após alguns minutos.

- Meu amigo me disse que podemos ficar por alguns dias até encontrarmos um lugar nosso. O que aconteceu?

- Perdi meu livro!

- Conseguiremos outro para você.

A casinha era miserável; Rachel percebeu isso no instante em que passou pela porta. A primeira coisa que a acometeu foi o odor forte de fraldas. A segunda foi a senhora desmazelada encurvada sobre a tábua de passar, ouvindo ao mesmo programa Gospel que Danny tinha ouvido no carro. Ela mal deu atenção a Rachel. Um leve relancear fugidio da sua tarefa, um sorriso esmaecido, e a volta à monotonia. Rachel viu um cavalete grande repleto de camisas e vestidos recém-passados, e percebeu que a mulher devia ser uma lavadeira. De algum lugar do fundo da casa vinha o inegável barulho ritmado de uma máquina de lavar.

Havia um jovem, que aparentava ter aproximadamente a mesma idade de Danny, com cabelo loiro e liso e as mãos enfiadas nos bolsos de trás da calça. Ele disse que se chamava Bonner Purvis, e os conduziu pela sala de jantar onde Rachel viu a louça suja na mesa. Restos de bolinhos e gordura de presunto congelado mergulhado em xarope de bordo; uma mosca pousada sobre a manteiga descoberta.

Foram levados a um quarto com uma cama de ferro sem nenhum lençol, o colchão estava afundado e manchado, e havia um retrato de Jesus na parede acima da cama.

- Costumava ser o quarto de Tom - o amigo de Danny explicou enigmaticamente.

- Ora essa, Bonner - replicou Danny antes de pousar um braço possessivo ao redor dos ombros de Rachel. - Ficaremos muito bem aqui, não é, meu bem?

Ela irradiava como um facho de luz do sol e considerou o quarto um palácio.

Dormiram lá por duas semanas, usando cobertas emprestadas; dormiam e acordavam todos os dias ao som constante da velha e cansada máquina de lavar.

Ele a deixava ali todos os dias, mas Rachel não se importava. Diferentemente do seu pai, ele procurava, de verdade, um emprego. Ela não sabia o que Bonner fazia, os dois guardavam segredo sobre aonde iam, porém ela não tinha dúvidas de que ela e Danny logo estariam acomodados em um cantinho dl li I ela sabia exatamente o que faria. Em primeiro lugar, colocaria cor- Hii' iniaiel.is nas janelas. Em seguida, plantar as sementes de gerânio na porta de entrada para que todos soubessem que eram pessoas amigáveis. Também conseguiria um livro de receitas. Não que Danny ou Bonner reclamassem da sua comida. Chegavam em casa e engoliam seus hambúrgueres especiais *depois* voltavam a sair. A mãe de Bonner dizia que ela era uma benção, liberando-a da cozinha e deixando-a somente com o serviço de passar as roupa.

Uma perua vinha três vezes por semana, trazendo novos sacos de roupa suja e levando a limpa embora. E três vezes por semana, Bonner pegava o dinheiro da sua mãe.

Danny fazia amor com Rachel todas as noites. Ela se acostumara e não achava grande coisa, ainda mais porque não demorava muito. A tatuagem tinha cicatrizado (o outro machucado também tinha sarado, bem como sua mãe disse que seria), e ela adorava o modo como ele logo adormecia com o braço ao seu redor.

A única nuvem a estragar o que Rachel considerava uma época verdadeiramente feliz era o fato de não conseguir falar com a mãe.

San Antonio ficava muito longe de Albuquerque, mas ela persuadira Danny a fazer um telefonema de longa distância para o estacionamento de trailers. Rachel ficou

devastada ao receber a notícia de que os Dwyer tinham se mudado, e ela não sabia para onde eles foram.

Rachel resolveu que descobriria alguma coisa e, um dia, voltaria a encontrá-los. E então, sendo a senhora Danny Mackay, ela teria como cuidar da mãe adequadamente.

E, então, em uma noite, Danny chegou em casa com boas notícias.

- Separe as suas coisas, querida.Vou tirar você daqui.

- Danny! - disse ela, sorrindo. - Aonde vamos?

—Você vai ver. É uma surpresa.

Pararam no caminho para comer *burritos* e feijões, depois seguiram para fora do centro da cidade, longe do rio, virando em ruas onde existiam bateu e garotas à toa em soleiras junto a diversos grupos de homens uniformizados.

- Há duas bases da força aérea logo mais à frente - explicou Danny, virando o Ford em uma rua escura. — Kelly e Lackland. Os aviadores vem aqui para se divertir.

Danny diminuiu a velocidade do carro no fim da rua, onde o asfalto deu lugar à terra e à campanha mais à frente. Rachel olhou para a coisa mais estranha que já tinha visto na vida. Bem ali, no fim da estrada onde todo o comércio estava às escuras e fechado, estava uma estrutura em forma de castelo, iluminado, com torres e janelas largas, toda decorada pelo lado de fora. Todas janelas estavam iluminadas, então ela conseguia ver que a casa era amarela-clara com bordas brancas. Havia muitos carros estacionados no complexo sujo que estava protegido por uma barreira de pereiras, e se ouvia música de cabaré pela porta aberta.

Danny manobrou o Ford com atenção até a parte de trás. Parou para acender um Camel e depois disse: - Vamos, Rachel.

Passaram pela varanda com tela e entraram na cozinha bem iluminada, onde um aroma delicioso de porco assado impregnava o ar. Rachel viu uma mulher negra de pé ao lado da bancada preparando uma massa, havia uma tigela enorme de pêssegos frescos fatiados prontos para rechearem uma torta. A cozinha estava quente devido ao forno, e era imensa. Rachel nunca viu uma cozinha tão grande assim.
- - Olá -mulher disse de maneira educada, levantando o olhar do trabalho com um sorriso. Danny disse a Rachel que se sentasse e esperasse, pois logo voltaria. Ela o viu se distanciar, a porta de vaivém abrindo e deixando a música entrar e também o que pareceu o comprimento gritado de um vaqueiro, e depois ela voltou a olhar incerta pela cozinha.
– Céus - disse a negra, limpando as mãos em uma avental branco.
- Oras, se você não é coisa mais magrinha que já vi na vida! Deve estar com fome. Sente-se aqui. Não há porque não comer enquanto espera.

Rachel obedeceu, e logo se viu diante de uma enorme tigela de torta de maça e uma bola de sorvete de baunilha e um copo de leite fresco.

- Sou Eulalie informou a mulher, voltando a preparar a torta. —E você, quem é?

- Sou Rachel.

- É um nome bonito. De onde você é, menina? O sorvete derretia sobre a torta quente. Rachel abaixou o garfo e pegou a colher para se servir.

- Novo México - respondeu.

- Olá, querida - disse uma mulher que apareceu de repente na porta. Rachel a olhou. Nunca tinha visto uma mulher usar tanta maquiagem, concluiu, portanto, que ela só poderia ser **muito rica para** poder bancar isso. Também era gorda, o que significava **que comia** bem. - Fique de **pé. Deixe-me** olhar para **você.**

—Onde está Danny?

—Conversando com alguns amigos. Você é mais magra do que ele disse — ela se aproximou para ver o rosto de Rachel. Nas semanas que haviam passado, Danny fez com que Rachel se esquecesse de sua simplicidade, mas o exame daquela mulher trouxe de volta todas as suas velhas inseguranças.

—Fique quieta. Não vou morder você. Hum... Quantos anos você tem?

—Catorze.

-Já menstruou?

—Eu... eu, hum...

— Tudo bem. Vou ver isso com Danny.

Como se estivesse ouvindo atrás da porta, Danny entrou.

— Então, o que me diz? - perguntou à mulher.

—Meio sem graça, não é?

Danny sorriu.

—Rachel tem encantos escondidos.

Indo para o lado dele e segurando-lhe o braço, Rachel disse:

—Danny, podemos ir agora?

—Bem, acho que não podemos fazer isso. Veja só, Hazel é uma antiga amiga minha e está sendo muito generosa oferecendo-lhe um emprego aqui. Não quero que ela pense que somos mal-agradecidos.

Rachel piscou atordoada para ele.

— Trabalhar para ela? — olhou para a negra, que batia com tamanha força na massa como se estivesse sozinha na cozinha e brava com alguma coisa Que tipo de trabalho, Danny?

— Apenas faça o que Hazel lhe pedir.

—Refere-se ao trabalho de empregada? Esta é uma pensão, Danny?

-Vai ficar tudo bem, querida. Oras, você vai até gostar, aposto.

—Gostar do quê? O que está me obrigando a fazer, Danny?

Com isso ele ficou sério. A voz saiu como a de um sacerdote e ele adquiriu a expressão rigorosa de um pai.

—Bem, a verdade nua e crua, querida, é que estamos falidos e não consigo emprego. Não podemos mais impingir a nossa presença a Bonner e à mãe dele, portanto, um de nós tem de trabalhar. Hazel concordou em deixá-la trabalhar para ela aqui. Mesmo você sendo menor de idade e ela tendo todas as garotas de que precisa Não vai sei por muito tempo, docinho. Prometo. Depois, iremos para a nossa casa, bem como você queria.

- Mas ela olhou para a mulher parada na soleira da cozinha, inspecionando as unhas com ar de tédio. - O que terei de fazer?

- Apenas seja gentil com os clientes. Como um tipo de... anfitriã. - Danny, não...

- É bem fácil. A maneira mais fácil de ganhar dinheiro, que eu saiba. É só se deitar e deixar os clientes fazerem o que quiserem. - Ah, Deus, Danny! Não!

Ele a segurou com mais força nos ombros.

- Preste atenção. Dei duro procurando emprego, mas não consegui. Por isso, agora é a sua vez de contribuir. Não quer ser uma parasita.

De repente ela ouviu as palavras do pai. *Sua parasita.*

- Danny - soluçou. — Por favor, não me faça...

- Ouça com atenção, Rachel. Já está acostumada ao sexo a essa altura. Sabe que não é nada demais. E só levar os clientes de Hazel para o quarto e se deitar, como fez comigo. Àquela altura, ela chorava muito.

Ele olhou exasperado para Hazel. Ela deu de ombros e disse:

- As mais novinhas sempre choram no começo. Ela vai superar.

-Mas que droga, Rachel. Eu tinha de me encontrar com o Bonner e já estou atrasado. Agora pare de agir como bebê. Se você é assim, então acho que pode esquecer a nosso respeito.Vou sair e procurar uma garota que realmente se importe comigo.

- Danny! Eu me importo!

- Se isso fosse verdade, não estaria fazendo escândalo a troco de nada. Jesus Cristo! Você vai ter um lugar para morar, refeições decentes e um salário. Claro que Hazel vai

entregar o seu pagamento para mim, para juntarmos para o nosso ninho de amor. Mas eu lhe darei uma mesada.Você poderá comprar belos vestidos.

- Não quero vestido, Danny! — ela exclamou com lágrimas descendo pelo rosto. - Só quero você!

- Bem, mas eu não quero você se você for uma vagabunda egoísta! — ele a empurrou e lhe deu as costas. - Danny - gritou ela. — Não me deixe! Não sei viver sem você!

- Decida-se, meu bem - disse Hazel bem devagar. - Só tem uma escolha. Decepcione seu homem e ele sai da sua vida.

Rachel a fitou de boca e olhos abertos. Soluçou e engoliu o choro. O peito estava arfando; passou a mão debaixo do nariz que escorria. Por um momento, Rachel pareceu muito mais jovem do que os seus catorze anos. Parecia uma garotinha.

Quando de súbito Hazel assentiu em satisfação, como se algo tivesse lhe agradado, Rachel correu para Danny, abraçando-o e soluçando ao encontro das costas rígidas.

—Não me deixe! - lamuriou-se. - Farei o que me pedir, Danny! Só não me deixe!

Ele se voltou, sorrindo.

— Essa é a minha garota — disse.Tomou-a nos braços e beijou-a. Depois disse: - Sei que é difícil para você, é uma cidade nova e tudo o mais. Já sei, Volto na terça-feira para levá-la para ver o Álamo. Gostaria disso?

Ela concordou e se agarrou a ele.

— OK, agora preciso ir. Eu e Bonner temos um negócio para fazer. Hazel tomará conta de você.

—Mas Danny... — Rachel sussurrou. — Com... com *outros homens?*

Ele a tocou na ponta do nariz.

-Vou contar um segredo. A maneira mais fácil de passar por isso é fechai os olhos e fingir que sou eu quem está com você. Vai se lembrar disso?

Rachel fixou-se no olhar atraente; os olhos preguiçosos e enganadores que pareciam ter algum poder sobre ela, e se viu assentindo.

— Vejo você na terça. Teremos um dia especial, você e eu. Vamos para Little Laredo e comeremos as melhores tortilhas com feijões que você já experimentou. Que tal?

Ele a beijou de novo e saiu.

Rachel mal notou o que aconteceu na sequência. Uma jovem mexicana chamada Carmelita apareceu e a levou para cima, explicando que seriam colegas de quarto. Mostrou-lhe o banheiro e mostrou-lhe como inserir a esponja que Hazel exigia que todas as garotas usassem, e depois saiu, deixando-a sozinha.

A batida na porta, alguns minutos mais tarde, foi tão discreta que pareceu ridiculamente fora de lugar ali, mesmo para Rachel. Ela se ouviu dizer:

—Entre — e ficou olhando para o homem que entrava com timidez.

Ele lhe lançou um sorriso nervoso e começou a se despir automaticamente. Quando ficou nu (anos mais tarde, ela ainda se lembraria daquelas pernas finas e do pênis flácido), ele disse:

- Não quer tirar a roupa?

Rachel se moveu como que em transe. A blusa, a calça três quartos, a roupa de baixo de algodão, rasgada em alguns lugares. Depois se lembrou do que Danny lhe disse. Deitou-se, olhou para o teto e abriu as pernas. O cliente foi gentil o bastante para apagar a luz, e logo ela sentiu o colchão afudar.

Fechou os olhos. Uma lágrima escorregou até o travesseiro. *Danny,* seu coração chorou. *Danny...*

7

QUANDO O JUIZ DISSE: "Favoreço o réu, Mickey Shannon", o querelante pulou da cadeira e gritou:

- Não vai se safar dessa, seu merdinha!

E a sala de tribunal veio abaixo.

Mickey Shannon, famoso astro do rock, estava bravo e pronto para lutar, mas Jessica Franklin pôs a mão no braço dele, mantendo-o sentado. Ela o manteve na cadeira enquanto o juiz batia o martelo pedindo ordem no tribunal. Em seguida, certificando-se de que o jovem Mickey não pretendia saltar e atacar o homem que o chamara de merdinha, Jessica se levantou, no meio daquele pandemônio, pedindo em uma voz que reverberou em toda a sala:

- Meritíssimo, solicito uma medida cautelar imediata, mantendo o senhor Walker afastado do meu cliente.

O advogado do querelante se ergueu e gritou:

- Meritíssimo, protesto!

Os fotógrafos e os jornalistas lotando a sala do tribunal estavam tendo um dia glorioso. Aquele era um daqueles julgamentos de celebridades que produziam manchetes sensacionais. Mas, enquanto a discórdia interna parecia estar dividindo a equipe do querelante o cliente e o advogado trocando farpas murmuradas, porém acaloradas Jessica a Franklin tinha o seu lado sob controle.

Aprendeu a controlá-lo nos sete anos de seu relacionamento de representante legal e cliente. Mickey era um ator desconhecido quando Jessica, recém-formada, tinha acabado de instalar a placa de seu escritório na Sunset Strip. Ele passou pela sua porta, um jovem humilde e confuso que tinha sido passado para trás por um agente inescrupuloso. Ela conseguiu recuperar o dinheiro de Mickey e, desde então, vinha aconselhando-o com contratos e negociações salariais, ficou ao lado dele quando ele não tinha como lhe pagar, e até mesmo apresentou-o a quem o levou, finalmente, ao estrelato. Quando as músicas dele chegaram às paradas de sucesso e Mickey obteve fama quase que instantânea, ele não trocou Jessica por um dos escritórios badalados em Century City, onde todas as grandes estrelas contratavam seus agentes e advogados. Mickey Shannon foi firme em sua lealdade para com a jovem advogada que ficara ao seu lado quando ninguém mais em Hollywood pensava nele.E agora, naquela manhã ensolarada de janeiro, ele colhia os frutos daquela lealdade. Quando Les Walker, famoso fotógrafo de celebridades, abordou Mickey muito mais do que uma vez, provocando-o a ponto dele arrancar sua máquina fotográfica, estraçalhando-a na calçada, o filme saiu e se expôs à luz, Walker processou a estrela do rock alegando interferência em seu sustento e danos para a reposição do equipamento.Walker também exigia cinco milhões de dólares por danos punitivos.

Mickey, desvairado, procurou Jessica, e ela calmamente lhe disse que não havia com o que se preocupar. Também entrariam com um processo. Ela passou a defender seu cliente com muito sucesso em uma sala de tribunal lotada, usando em sua defesa uma interpretação dramática dos excessos que o fotógrafo tinha cometido — seguindo Mickey Shannon perigosamente na via ando-lhe o carro estacionado, expressa, bloqueando-lhe o carro estacionado, provocando-o maliciosamente todos os minutos do dia —, com isso exigindo agora uma restituição pela angústia mental causada pelas situações perigosas que o fotógrafo lhe impingira. E o juiz tinha julgado o caso a seu favor!

Quando a agitação diminuiu e a sala voltou a ficar silenciosa, o juiz garantiu uma medida cautelar temporária contra o senhor Walker e marcou uma data para uma audiência onde se determinaria se essa medida deveria ou não ser p*ermanente.* Mickey Shannon, o lindo ídolo do rock de milhões de adolescentes, passou os braços ao redor de sua advogada e plantou-lhe um beijo na boca.

Tinham vencido.

Nos degraus do tribunal, Jessica e seu cliente foram imediatamente envolvidos por repórteres e câmeras de TV e suas equipes. Ela fez uma **decla**ração um tanto exagerada, seu rosto brilhava com a vitória, a voz saía forte e triunfante, enquanto a imprensa anotava o fato de que Jessica Franklin,"advogada poderosa de Mickey Shannon, um dínamo no tribunal, mignon e feminina, vestia conservadoramente um conjunto de alfaiataria com uma pasta que combinava com a bolsa e os sapatos...".

Jessica bem que gostaria de se juntar ao almoço de comemoração no Spago, mas sua agenda estava lotada. Sua prioridade era buscar o marido no aeroporto e, depois, voltar ao escritório para algumas ordens e, em seguida, um mais do que necessário encontro com sua melhor amiga, Trudie.

Era nesse último compromisso que seus pensamentos se fixaram em quanto trafegava pela autoestrada de San Diego em seu Cadillac Fleetwood azul comodoro. Trudie tinha algo misterioso para lhe contar. Algo relacionado a um tal de Butterfly.

—Você tem, absolutamente, de encontrar um espaço na sua agenda pari mim amanhã! - Trudie lhe dissera pelo telefone na noite anterior. Ela havia falado sem tomar ar, com a excitação muito mal contida. - Quero lhe contar tudo sobre o Butterfly. Você não vai acreditar!

E foi só. Bem típico de Trudie, ser tão teatral e misteriosa. Emprestar drama para o que, provavelmente, não passava de algo muito comum. Mas essa era uma das coisas que amava em Trudie — o modo como exagerava, a maneira como injetava tanta *vida* nas coisas. A paixão de viver de Trudie foi o que salvou a vida de Jessica há muitos anos. Era parte do que unia tanto as duas mulheres.

Para desalento de Jessica, chegou atrasada ao aeroporto. John já estava na esteira de bagagem, pegando as malas. Ele a cumprimentou com um olá, *querida* e um beijo no rosto.

John Franklin era um homem bem apessoado. Parecendo mais velho **do** que seus quarenta anos por causa dos fios cinzentos em meio aos cabelos negros, ele se mantinha em forma, correndo oito quilômetros todos os dias e jogando handebol três vezes por semana. A Brooks Brothers o vestia com ternos de três peças, e seu natural porte arrogante fazia com que as pessoas o notassem. No voo de volta de Roma, |essica tinha certeza de que ele recebera atenção especial das comissárias da primeira classe.

Quando saíram do aeroporto, ele parou, estreitando o olhar, e disse:

- Neblina de novo, como era de se esperar. Jessica pensou que o dia estava lindo, mas não disse nada.

- Por que se atrasou? Eu lhe disse ontem à noite a que horas o voo chegaria.

- Eu estava no tribunal. Cuidando do caso de Mickey Shannon... - a voz dela foi sumindo.

John Franklin não olhou para a esposa. Quando o semáforo de pedestres ficou verde, ele atravessou sem olhar para os lados. Ela se apressou para acompanhá-Io. Ele tinha aquele franzido na testa, um entalhe profundo nas feições que ele aperfeiçoara ao longo dos anos, sentando à cabeceira de mesas de conferência. Naquele dia, expressava a desaprovação quanto à carreira da esposa. Mickey Shannon, segundo John Franklin, era um rebelde drogado e arrogante que estava aquém de pessoas como os Franklin. E, por certo, não servia como cliente para Jessica.

Quando alcançaram o carro no estacionamento, ele reclamou: - Por que veio com o Cadillac?

Jessica não sabia o que dizer. Deveria ter pensado nisso de manhã antes de sair de casa. Mas estava com a cabeça no julgamento. John odiava aquele carro. Enquanto para ela, ele parecia grandioso e um símbolo dos anos de luta e conquista para ser bem-sucedida como advogada na indústria do entretetimento, John o considerava meramente berrante. - Sabe que prefiro andar no BMW - continuou ele. - Não tive tempo de ir para casa. Vim direto do tribunal. Ele se acomodou no assento do passageiro e ligou o ar-condicionado, ainda que fizesse um dia fresco de inverno.

- Como foi a viagem? —Jessica perguntou, nervosa ao manobrar o carro enorme para fora da vaga estreita demais. Quando dirigia sozinha ou com Trudie, Jessica sentia que poderia manobrar o Cadillac em zigue-zague. Mas com o julgamento silencioso do marido pairando no ar, ela se sentia incapaz de dirigir. — Foi bem-sucedida?

Ele suspirou e desabotoou o colete. - Dispensei Frederickson e coloquei um homem novo no gerenciamento das operações. Veremos os resultados em bem pouco tempo — seu sorriso foi contido. - Roubei da Telecomm o homem por quem o substituí.

Jessica dirigiu em silêncio por um tempo, tentando não perder a saída para a autoestrada San Diego Norte, porém sem sucesso, o que a obrigou a dar outra volta, enquanto o marido continuava sem dizer uma palavra sequer.

Depois que se misturaram ao trânsito, John disse, por fim:

—Então, o que aconteceu no caso Shannon?

Jessica segurou forte o volante. Ainda sentia os efeitos da excitação da manhã. O sabor da *vitória.*

—Ganhamos.

— Bom. Só nos resta esperar que o bastardo pague os honorários que lhe deve. E falando nisso, fez o que pedi com o jardineiro?

Jessica mordeu o lábio. Tinha se esquecido. Esteve ocupada demais como julgamento para se lembrar de não pagar o jardineiro até que ele pagasse pelo conserto do sprinkler que ele insistia que não tinha quebrado.

— John — disse com cautela. Ela tinha algo a lhe contar. Detestava ter de fazer aquilo, mas seria melhor alertá-lo. - Sobre o caso Shannon...

—O que tem ele?

Olhou de relance para o perfil severo e aristocrático do marido.

—Lamento dizer, mas acho que estarei nos jornais de novo.

— Mas que droga,Jessica — ele disse baixo. — Eu só queria que você paras se de chamar tanta atenção para si. Toda vez que faz isso, sou eu quem paga o pato. Entro em uma reunião e tudo o que as pessoas comentam é sobre o mais recente ator que a minha esposa está representando. Não percebe que a minha credibilidade é afetada pela reputação de ser conhecido como o *marido* de Jessica Franklin?

—Sinto muito - respondeu, sentindo uma pontada de alívio por ver a saída para o Bulevar Sunset se aproximar.

-Vou para a academia à tarde. Imagino que tenha de voltar para o escritório.

— Sim, tenho uma papelada para cuidar. E vou me encontrar com Trudie no Kate Mantilini para um almoço tardio.

Ele a observou.

—Melhor ir devagar, Jess. Parece que está engordando de novo.

Quando Trudie viu a amiga entrar e hesitar na porta, ela deu um salto para ir abraçá-la.

— Parabéns, Jess! — exclamou.—Já era hora que alguém desse um basta naquele canalha do Walker!

Jessica sorriu para os clientes do restaurante, que a olhavam enquanto ela seguia Trudie para a mesa delas. A notícia da vitória de Mickey Shannon naquela manhã chegou às ruas e todos comentavam a respeito. Quando Jessica se sentou em um floreiro,sem fôlego e rubra, ouviu murmúrios de aprovação nas mesas adjacentes. Ela estava sob os holofotes novamente e adorava isso. - É este caso que vai levá-la para o alto! - comentou Trudie, ainda mal conseguindo se sentar, tamanha a sua animação. - Puxa, como eu gostaria de ter estado lá hoje! Disseram no rádio que Shannon chegou a *beijar você! Na boca!*

Jessica ficou levemente corada. Rezava para que John não descobrisse isso. - Estou lhe dizendo, Jess — disse Trudie, radiante, excitada e orgulhosa da conquista da amiga. Você e Fred vão começar a recusar clientes depois disso.

Jessica riu e jogou o curto cabelo castanho para o lado. Sentia-se no topo do mundo.

- Espero que sim! - O que John disse?

- Bem, você conhece o John -Jessica disse baixinho, remexendo o guardanapo dobrado.

Trudie viu a luz no olhar da amiga diminuir um pouco. - Ele ficou contente, não ficou?
- Bem, ele tem razão, sabe? O julgamento virou um circo.Eu deveria ter insistido em uma atmosfera mais digna.
- Você adorou cada minuto daquilo, e sabe muito bem disso! — Trudie balançou a cabeça. - Ah,Jess, quando vai encarar o fato de que se casou com um metido a besta?
- Isso não é verdade. John é um bom homem... - Ora, pare de defender o cretino. Venha, vamos pedir, estou morrendo fome.

Kate Mantilini era o restaurante do momento. Onde os importantes e os famosos do cinema competiam pelas melhores mesas; homens vestindo Members Only e Rive Gauche sentavam-se em cabines retangulares com

mulheres com falsos diamantes e cabelos duros de tantos produtos modeladores. Trudie pediu sanduíche de carne assada, seguido de um sundae de chocolate, enquanto Jessica se restringia a uma salada simples.

Enquanto Trudie observava a amiga beliscar a salada, seu aborrecimento aumentou. Queria que aquela fosse uma comemoração memorável da vitória de Jessica no tribunal. Em vez disso, a comida da amiga mais **parecia** um castigo. Trudie deduziu que John tivesse mencionado algum **ganho de** peso de Jessica.

Essa foi a principal fraqueza de Jessica em seus anos na Universidade da Califórnia de Santa Bárbara, há treze anos, quando foram inesperadamente colocadas juntas como colegas de quarto no primeiro ano: a **extremamente** tímida Jessica Mulligan, recém-saída do claustro de uma escola católica só para garotas, e Trudie Stein, uma garota impetuosa e atrevida do vale de San Fernando que declarava que uma *shiksa* devia ter se misturado aos **seus** ancestrais em algum ponto no passado. Experimentaram uma **harmonia** mútua praticamente instantânea, já que Jessica nunca conhecera alguém tão livre e tresloucada quanto Trudie, e Trudie se maravilhara com a inocência e falta de experiência provocadas pelo isolamento de Jessica. Na **verdade,** Trudie invejara Jessica naquela época — doze anos de educação católica formaram uma jovem impressionantemente bem educada e inteligente, com excelentes e intimidantes notas no SAT como prova. Trudie, por sua **vez,** recebera educação esporádica de seu pai, do grupo do futebol, da atmosfera festiva da escola Taft High School. Trudie Stein fora animadora de torcida e rainha do baile de formatura, e sabia como desmontar e montar um carro como qualquer outro rapaz, mas raramente recebia uma nota muito maior do que a média para entrar na faculdade. Mas não pretendia ser **advogada** como Jessica; Trudie seguiria os passos do pai no negócio de construção. Foi só numa noite chuvosa em particular quando as provas finais se aproximavam que Trudie descobriu a verdade sobre a sua amiga **inteligente** e ultracompetente: Jessica estava literalmente morrendo de fome.

- Não está comendo muito -Trudie observou tendo comido já metade do sanduíche. - Não está com fome?

—Estou faminta. Mas John está pegando no meu pé para eu perder **peso.**

- Droga,Jess, não há nada errado com o seu peso. Eu bem que gostaria de ter as suas coxas!

—Não, John está certo. Eu deveria me cuidar mais mesmo. -Acho que o que você deveria fazer é dizer para ele enfiar...

Jessica sorriu.

- A última coisa que quero é começar alguma discussão com John. Sabe que não suporto quando ele está bravo comigo. Do jeito como as coisas estão, já me esforço para manter a paz.

- Ele fez lavagem cerebral em você, fazendo-a acreditar que é culpada por tudo. Num casamento, existem duas pessoas, caso não tenha notado ainda. - Por favor, True. Podemos deixar isso de lado? Agora me diga, o que tinha de tão excitante para me contar que deixou você tão ansiosa? Ao telefone ontem você mencionou alguma coisa sobre uma borboleta.

Trudie remexeu pensativa num dos longos brincos pendentes. Como tocar no assunto? Queria desesperadamente que Jessica fosse uma associada do Butterfly, para que ela experimentasse a excitação e a satisfação índescritíveis que não podiam ser encontradas no mundo real. Depois de ter deixado seu amante grisalho num estado intenso de euforia,Trudie decidira que, certamente, o Butterfly poderia ajudar Jessica.

- Bem - começou Trudie —, você se lembra da minha prima Alexis? - A pediatra, lembro.

- Bem, ela tem uma amiga, uma cirurgiã, elas estudaram juntas na faculdade de medicina. De qualquer forma, a amiga de Alexis a fez entrar num tipo de clube privativo, e agora Alexis me apresentou para ser sócia... - observando ao redor para se certificar que ninguém as ouvia, Trudie se inclinou na direção de Jessica e, num tom baixo, narrou os eventos de sua noite no quarto particular na sobreloja da Fanelli. Quando ela terminou, Jessica riu e disse: - Não pode estar falando sério! - Muito sério,Jess.

- Mas... - foi a vez de Jessica olhar por sobre o ombro e abaixar a voz. - Quer dizer, é um tipo de bordel? Onde os clientes são mulheres, e os homens de lá são, bem... O que eles são? - São chamados de acompanhantes.

- Não acredito nisso. Bem aqui no meio de Beverly Hills? Como uma coisa assim pode continuar sendo secreta?

- Bem, eu, certamente, não vou sair falando sobre isso com qualquer um, e suponho que as outras associadas façam o mesmo. Nós nos arriscaríamos, uma vez que é algo ilegal, li a seleção de novas associadas é muito rígida. Não há como um jornalista ou um policial entrar sem ser notado.

—Mas parece perigoso. E as doenças? E a aids?

—É mais seguro do que escolher qualquer um nas baladas de sábado. O acompanhantes são testados regularmente, e é exigido que usem preservativo.

—Mas por que você faria uma coisa assim, Trudie? *Você* não deveria ter de pagar para fazer sexo. Não com a sua aparência.

—Não é só sexo, Jess, embora seja isso em boa parte - Trudie afastou prato e pegou a caneca de café. - É mais do que isso. É *a...fantasia* por trás. Sabe, no Butterfly você pode vivenciar qualquer fantasia que tiver, com qualquer cenário que desejar. É como transformar um sonho em realidade pelo menos um pouco.

Jessica se recostou na cadeira, os olhos castanhos traindo seu interesse. Sim, conseguia ver Trudie embarcando em algo assim;Trudie sempre foi de se arriscar, sempre gostou de desafios, do perigo.

—O que, exatamente, você encontrou lá que não encontrou em outra lugar?

Trudie franziu o cenho diante da pergunta porque não sabia muito bem como responder. Na verdade, isso ocupara sua mente durante toda a noite e o dia inteiro, tentando decifrar o que fez com que seu encontro com o acompanhante grisalho fosse tão intensamente satisfatório.

—Ele é um excelente amante — disse baixinho, com os olhos cor (In água-marinha fora de foco. - Muito atencioso... Certificou-se de estar nu dando prazer. Mas... — passou as mãos sobre os cabelos loiros. Havia mais, porém não sabia definir.

— Talvez fosse só o aspecto fantasioso da coisa. O conhecimento de não saber quem ele é, que ele não sabia quem eu era, que não trocaríamos os números de telefone, nem fingiríamos que nos encontraríamos novamente — olhou para Jessica e balançou a cabeça. — Não sei mesmo, a não ser pelo fato de que quando passei por aquela porta e vi o quarto, e depois quando *ele* entrou, foi como se o resto do mundo, do mundo real, não existisse mais. Foi como se, por algumas horas, todos os meus problemas, todos os meus medos, todos os meus desapontamentos se dissolvessem. Deixando-me completamente livre para viver um sonho.

As duas amigas se encararam por um bom tempo enquanto o restaurante cheio se movimentava ao redor delas. Então, Jessica disse baixinho:

—Estou feliz por você se é isso o que esse lugar faz por você.

Trudie se inclinou para frente.

- Quero que você também vivencie isso, Jess. Quero que conheça essa felicidade.

- Eu - Jessica riu e balançou o cabelo. - Ah, eu jamais faria uma coisa assim, Trudie.

- Por que não?

- Eu não poderia, simples assim.

Mas mesmo enquanto a amiga protestava,Trudie via uma luz de interesse nos olhos de Jessica. Ela sabia que em parte a amiga estava intrigada pela idéia, que o amor inato de Jessica por um desafio estava travando uma batalha com O BOM SENSO E RAISSO o que tornava Jessica Franklin uma advogada tão boa — ela nunca se esquivava de um risco, estava sempre pronta para arriscar.

- Sou casada, True. Por que, pode me dizer, *eu* iria ao Butterfly?

- Você tem fantasias, não tem? Só porque é casada não significa que não possa mais sonhar, não é?

- Não - Jessica disse com suavidade, pensando em sua fantasia secreta, aquela para a qual, às vezes, se refugiava tarde da noite quando John e o mundo estavam silenciosos e profundamente adormecidos, e ela estava preocupada, tensa ou nervosa a respeito de algum julgamento iminente. Era sempre o mesmo: um cowboy de fala mansa em um bar do Velho Oeste. Ela visualizava a cena e o homem até o mínimo detalhe, a conversa que teriam, o modo como ele olharia para ela, seu toque, seus beijos... e normalmente ela acabava dormido e a fantasia se transformava em sonho e sua mente adormecida assumiria e deixaria que ela vivesse uma hora de êxtase antes de ter de enfrentar o mundo competitivo novamente. Mas era apenas um sonho. Ela jamais conseguira realizá-lo. Trudie permaneceu em silêncio, tomando seu café e olhando ao redor no restaurante. Não pressionaria Jessica. O Butterfly era um lugar para o qual se voltar quando se queria, quando se necessitava. E, apesar da aparência exterior - uma carreira de sucesso, um marido distinto e bonito, uma bela casa na Bulevar Sunset — Trudie sabia que havia algo faltando na vida da amiga. Algo com que Jessica vinha se digladiando desde criança, a coisa que quase a levou a morte treze anos antes.

Notando o quão pouco Jessica havia tocado na salada, Trudie sentiu uma pontada de preocupação. Aquele pesadelo de treze anos atrás, quando Jessica sofrera de anorexia e teria morrido se não fosse pela intervenção de Trudie, ela não queria ver se repetir. Em seus anos de amizade desde então,Jessica lutou contra o fantasma que a atormentava dia e noite: o medo mórbido de engordar; e Trudie a ajudava em dias de inanição e autopunição quando a necessidade enraizada de aprovação ameaçava se manifestar no abuso próprio corpo. Jessica quase morreu de fome no primeiro ano de faculdade mas, depois disso, conseguiu manter a anorexia sob controle. Era magra hoje em dia, mas não magra demais, tendo um peso adequado e saudável. quando se via no espelho, ela ainda parecia ver algo que ninguém mais vvia, e essa imagem invisível a aterrorizava.

- Não pense no lugar como sendo um bordel - Trudie disse simplemente. — Pense nele como um lugar em que os sonhos são mantidos, onde as fantasias ganham vida.

- E por isso que é chamado de Butterfly?

- Não sei por que tem esse nome.

- Quem são as pessoas por trás do estabelecimento?

- Não faço idéia.

- Ah, Trudie - disse Jessica, balançando a cabeça lentamente. — Tudo parece tão perigoso.

- E ir para casa com um total desconhecido do Peppys em uma noite de sábado não é?

- Não faço isso. Eu tenho John.

- Não .*John* tem *você.* Eis a diferença.

Jessica consultou o relógio e esticou a mão para pegar a conta.

Mas Trudie foi mais rápida, dizendo:

- Este é por minha conta. Só quero que pense a respeito, está bem? Se eu indicasse o seu nome amanhã, ainda levaria umas duas semanas para que você recebesse o seu bracelete de borboleta.

- Não - respondeu Jessica ao passar a alça da bolsa pelo ombro e empurrar a cadeira para trás. - Isso não é para mim,True. Você é solteira. É diferente.

Andaram até a porta juntas e pararam para vestir os casacos. Estava ficando tarde e esfriando. A hora do *rush* tinha feito com que o trânsito parasse de vez.

- Mais uma coisa - Trudie disse depois que se abraçaram na despedida. - O Butterfly tem todo tipo de cenário, não só salas de jantar particulares. Há quartos, banheiros elaborados... - subiu o colarinho do casaco até as bochechas. - E um bar do oeste, com serragem no chão e Kenny Rogers no jukebox - olhou para Jessica e sorriu.— Só pense nisso, é tudo o que eu peço.

Foi só no que Jessica conseguiu pensar: Butterfly. Por isso, chegou em casa tão distraída que nem ouviu o marido chamar do escritório. Ele saiu para o corredor com os óculos de leitura na mão.

- Querida? Você está bem?

- O que? Ah, sim.

Ele se aproximou de braços abertos. - Deve estar frio lá fora. Está com o rosto corado. Jessica gostava quando John a abraçava daquela forma, calorosa e firme ao mesmo tempo. A casa estava com um cheiro bom; era a empregada preparando o jantar. Jessica resolveu tirar a tolice do Butterfly da cabeça.

- Como foi seu encontro com Trudie? — ele perguntou quando seguiram para o escritório de braços dados.

- Tudo bem. Só conversa entre garotas — Jessica se afastou um pouco para pegar a correspondência. O primeiro envelope continha um convite para uma festa beneficente organizada na residência de Beverly Highland. Jessica e John já haviam estado lá; Beverly Highland estava sempre organizando eventos para angariar fundos para diversas causas ou para chamar a atenção das pessoas para determinados assuntos importantes. Aquela festa beneficente, em particular, era para angariar fundos para o evangelista da TV que queria concorrer à presidência.

- Acho que deveríamos ir, Jess - disse John quando viu o que ela lia. - O reverendo é um bom homem. Eu gostaria de vê-lo na Casa Branca.

- É - ela concordou distraída enquanto se sentavam para assistir à TV. Estava fitando o convite sem enxergá-lo de verdade. Beverly Highland era conhecida pela sua moral severa e pela luta pela decência pública. O que ela faria, Jessica se perguntou, se soubesse da operação secreta na sobreloja da Fanelli?

Butterfly... Onde você pode viver os seus sonhos.

- É caro - Trudie lhe dissera -, mas você tem como pagar. Custa o mesmo que entrar para um clube de campo exclusivo. Muita classe, muita discrição. Você usa o bracelete na loja e é assim que as atendentes especiais a notam. Você avalia os modelos, decide com qual quer estar, anota sua escolha em um papel, juntamente a qualquer outra coisa específica que queira - como usar um espartilho ou ser seduzida por um Don Juan — e eles virão buscá-la quando tiverem preparado tudo.

Jessica virou a cabeça a tempo de se ver nos degraus do tribunal, cercada por repórteres e espectadores, gabando-se da vitória contra Les Walker. Por causa de algum truque mágico das lentes da câmera, Jessica parecia alta. E qualquer um via que ela estava extasiada com a vitória. Um estranho olharia para ela e diria que Jessica Franklin era a personificação da autoconfiança. Em seguida, uma foto apareceu na tela. Mickey Shannon beijando a advogada na sala de tribunal.

— Hoje - dizia o apresentador - a senhora Franklin, sem dúvida, é invejada por milhões de adolescentes que tornaram Mickey Shannon um *superstar* do rock.

O televisor foi silenciado em um clique e John se levantou abruptamente, jogando o controle remoto. Ele se virou e olhou para Jessica. Ela sentiu-se gelar.

— Não consigo acreditar que permitiu que isso acontecesse - disse ele. - É degradante tanto para você quanto para mim.

— John, eu...

Ele saiu a passos largos. Jessica o seguiu.

— Espere. Não tive como impedir. Mickey me surpreendeu. Só estávamos tão felizes com o parecer do juiz a nosso favor...

Ele se virou para enfrentá-la.

—Para início de conversa, não aprovei que aceitasse Shannon como seu cliente. Contra a minha opinião, Jessica, você continuou a representá-lo. Você demonstrou uma surpreendente falta de bom-senso.

—Não há nada errado com Mickey.

—Ora, pelo amor de Deus, olhe para ele. Ele é um roqueiro, Jessica. E sem dúvida deve usar drogas.

Mickey não usa drogas, ela protestou em silêncio. Ele até faz propaganda UMA campanhas antidrogas na TV.

— Se acha que isso irá gerar trabalho para você e para Fred, Jessica, então está redondamente enganada. Só trará tipos desagradáveis para o escritório, tornando-a ainda mais ridícula do que já parece.

— Todo mundo tem direito a representação legal — replicou ela.

—Não pela minha esposa, isso não. Isso tudo me abalou profundamente, Jessica. Se não se importar, prefiro jantar sozinho.

Ele começava a se afastar quando ela o segurou pelo braço.

—John! Por favor, não seja assim.

- Como espera que eu seja quando chego em casa e vejo *aquilo* — ele apontou para a porta do escritório.—Tenho uma reunião muito importante amanhã de manhã, Jessica, e terei o espectro do fiasco da minha mulher

ii pairando sobre mim.

Ela tentou pensar em algo para dizer, algo que o convencesse que não havia nada de errado com o que acontecera na sala do tribunal de manhã, que ele estava errado a respeito de Mickey Shannon, e sobre o tipo de lei com que ela trabalhava. Mas Jessica não conseguiu fazer a voz funcionar. Sentiu lágrimas de frustração nos olhos.

- Sinto muito - murmurou.— Não quis que as coisas se descontrolassem. Você tem razão. Eu deveria ter tido mais juízo nesse caso. Isso não voltará a se repetir. Eu prometo.

Ele a olhou um instante mais, e depois a rigidez abandonou seu corpo.

- Essa é a minha garota — disse. — Ei, estive fora uma semana inteira. Não

vamos brigar, está bem? Ela sentiu uma onda de alívio e riu. John pôs o braço ao seu redor e a aproximou para o conforto de seu abraço. - Uma tolice de qualquer forma — disse ele ao segurá-la. — Há sete Mickey Shannon daria tudo para que tirassem uma fotografia dele, e agora ele sai por aí estraçalhando máquinas fotográficas. Bastardozinho arrogante.

Mas todos da indústria do entretenimento sabem que bastardo Les Walker é! Jessica queria dizer. *Você gostaria que alguém o caçasse dia e noite e batesse um flash na sua cara toda vez que saísse? - Ei - John* disse, erguendo-lhe o rosto para um beijo. — Por que não deixamos o jantar um pouquinho para mais tarde e vamos para o quarto? Era assim que as brigas terminavam, na cama, quando John deixava os incidentes para trás — fazer sexo era o seu modo de deixá-la saber que a tinha perdoado e Jessica ficava deitada no escuro sentindo que nada tinha sido resolvido, que o problema ainda existia. E assim, como

sempre ela fazia em situações como essa, Jessica se consolava no conforto de sua fantasia: o cowboy sem nome no bar. E enquanto ela caminhava sobre o chão coberto de serragem fantasioso e se aproximava do seu amante sorridente dos sonhos, um novo pensamento assustador veio lhe à mente: *isso não tem mais de continuar apenas uma fantasia...*

8

San Antonio, Texas, 1952

— Está vendo? — perguntou Carmelita, segurando um pedaço de papel para que Rachel olhasse. - É assim que você transforma oito oitos em mil. É bem simples. Quando você escreve os números descendo assim, eles não significam nada. Mas quando escreve *deste* modo - ela apontou com o lápis curto mordido cinco oitos nesta coluna, depois dois, depois um... Eles somam mil.

Rachel olhou para o pedaço de papel rasgado de um bloquinho de uma lojinha de artigos baratos, e sorriu de leve.

-Ah,pobrezinha... - Carmelita disse,deixando de lado o lápis e o papel, para passar o braço ao redor da amiga. - Não se preocupe. Ele vai estar aqui dessa vez. *Sei* disso. Pois é, tive esse sonho ontem à noite.

Mas Rachel se desvencilhou do braço da amiga e foi para junto da janela, que estava tão suja que mal se enxergava o lado de fora. Só via os carros na rua da frente. Procurava o Ford de Danny subindo a rua...

Fizera aquilo por quatro terças-feiras seguidas. Fazia todo esse tempo desde que Danny a levara para a casa de Hazel

- Por que ele não vem, Carmelita? Por que nem telefona? É como se tivesse se esquecido de mim!

A garota mexicana observava a colega de quarto com olhos tristonhos.

No mês em que estavam dividindo o quarto as duas se tornaram boas amigas - por serem as mais novas da casa, já que Carmelita acabara de completar quinze anos, e por também viverem na esperança de que os homens que amavam as levassem dali. *Ela* já não via Manuel há quatro meses. Mas ela sabia que ele não a havia esquecido e que ainda estava em San Antonio. Ele buscava o pagamento dela com Hazel regularmente. - Não sei, amiga. Eles ficam ocupados, sabe? Os homens. Eles têm coisas a fazer. Ei, quem sabe ele não apareceu quando você estava com um cliente?

A garota continuava a olhar pela janela desesperançada. Estava magra demais. Se Hazel tinha reclamado da sua magreza semanas atrás, agora a menina parecia prestes a desaparecer. Não que isso atrapalhasse os negócios.

Rachel descobrira que alguns homens gostavam de garotas assim. Os braços e pernas finos e os joelhos ossudos a faziam parecer mais jovem do que os seus catorze anos. Motivo pelo qual Hazel insistia para que fizesse duas tranças e proibia o uso de batom.

Se ele não aparecer hoje, resolveu, *eu me mato.*

- *Olhe* aqui - Carmelita a chamou, pegando o bloco e virando a página.- Esse aqui você vai achar divertido. Rachel olhou para o bloquinho enquanto a mão castanha da amiga escrevia números na página. Sabia o que Carmelita tentava fazer: distraí-la para que parasse de pensar em Danny. Rachel sabia que Carmelita entendia a dor e o sofrimento que ela sentia; era uma dor que elas partilhavam. Em um mundo que parecia não ter serventia para elas, as duas meninas rejeitadas maneiras de confortar uma a outra.

Para Carmelita, Rachel descobriu surpresa naquele primeiro dia há um mês, eram os números.

Rachel desceu à cozinha na primeira manhã e encontrou Carmelita sentada à mesa com diversas outras garotas, em roupões ou somente com a roupa de baixo, de pé ao redor dela. Rachel se juntou a elas para ver o que a colega de quarto fazia, e se surpreendeu, como o resto delas, ao ver Carmelita fazendo truques mágicos com números.

- Acho que nasci assim, sabe? — Carmelita explicou a Rachel mais tarde enquanto comiam bolinhos com melaço. - *Mia...* Minha tia, com quem eu morava, disse que eu brincava com números enquanto as outras meninas

brincavam de boneca. É uma coisa que fica na minha cabeça, entende? Vejo os números na minha cabeça. *Sinto*-os. Sei lá, mas conheço os números e sei o que eles fazem.

-Você precisa vê-la fazendo somas! - disse uma das garotas, falando com o sotaque de Danny, subindo no fim da frase como em uma pergunta. - Fazemos apostas para ver quem acerta quanto tempo ela vai levar. Escrevo uns vinte números com quatro dígitos, e assim que passo o risco no fim, Carmelita já tem o total. Ela vence toda vez.

- Acho que você poderia fazer alguma coisa com esse dom — Rachel disse, agradando a nova amiga. Ela não tinha dormido; tinha passado a noite inteira vomitando e desejando que Danny voltasse para pegá-la. Mas ali, na presença inclemente da luz da manhã, diante das outras garotas que viviam na casa de Hazel, garotas com rostos sonhadores e olhos pensando no passado, Rachel percebeu a dura verdade da situação. E se viu sentindo gratidão por ter um instante em que se esquecia de si. -Você poderia trabalhai g| um escritório — disse para a mexicana. — Poderia ser contadora.

Carmelita, porém, meneou a cabeça e fechou seu bloquinho.

- Não tenho instrução. O que eu poderia fazer? Sei somar mais rápido do que uma calculadora, mas mal sei escrever meu nome. Não, amiga, **d** números são só um passatempo, um jogo que me faz esquecer por um tempo. Estou no meu lugar. Sei disso.

E lá estava Carmelita de novo, quatro semanas mais tarde, tentando distraí-la.

Mas Rachel só conseguia pensar em Danny.

A porta do quarto se abriu e Rachel virou-se de pronto, esperançosa. Era apenas Belle, a terceira garota que completava o trio de amizade estreita. Ela era mais velha - tinha dezessete anos - e cuidava das duas. Foi Belle quem confortou Rachel nas primeiras noites de pesadelo, e que a acalentou quando ela chorava como se seu coração fosse se despedaçar. Se Rachel e Carmelita se pareciam com garotinhas, Belle era uma mulher formada. Depois de três anos no estabelecimento de Hazel, ela já havia vivido uma vida inteira.

- Lamento, menina - disse ela. - Sou só eu. Queria que fosse Danny. Queria mesmo.

Na verdade, as manhãs de terça tinham sempre pouco movimento na casa de Hazel. Era quando as dezoito moças que viviam lá lavavam as roupas e as consertavam, escreviam cartas (aquelas que sabiam escrever), ou dormiram o dia inteiro. Em outra época, Rachel passaria o tempo consumindo livros. Hoje em dia, só esperava por Danny.

- Olhe aqui - disse Belle.- Se ele não vier, quer ir para o cinema como? High Noon, Rachel! Lá no Majestic. Por minha conta. Tenho bastante

- Você já viu isso seis vezes — observou Carmelita, largando-se em uma das camas e inspensionando o esmalte novo da Max Factor em suas unhas.
- Verei até sessenta vezes se eu quiser. Vamos lá, Rachel... O que me diz? Rachel só balançou a cabeça tristonha.
Belle trocou um olhar com Carmelita, depois se aproximou da amiga mais jovem e apoiou a mão em seu braço, dizendo baixinho: - Talvez o carro dele tenha quebrado. Isso acontece, sabe?
- Ele tem de vir hoje, Belle. Tem de vir. - E o que você vai
fazer se ele não vier?
- Eu fujo
Belle balançou a cabeça.
- Menina, todas nós sonhamos em fugir. Mas a questão é que não conseguiríamos ir muito longe, nem mesmo nos nossos sonhos. Não temos dinheiro, nem carro e, mais importante de tudo, não temos proteção. Se você fugir, o que vai fazer, como viveria? Você nem mesmo sabe onde estão os seus pais. Belle falava pela maioria das moças da casa de Hazel. A grande maioria tinha sido levada para lá, ou foram parar lá em um ato de desespero, em busca de abrigo e proteção. Os dias das comunidades hippies e dos jovens caroneiros nas autoestradas ainda estavam em um futuro distante. Aquelas moças vendiam seus corpos e sonhavam com o dia em que sairiam respeitosamente nos braços de um homem.

O sonho de Belle era ir à Califórnia. Todos diziam que ela se parecia com Susan Hayward; tinha até o mesmo cabelo ruivo. Sua ambição era fazer filmes e, preparando-se para o dia que estava certa de que viria, ela vivia enfiada em revistas de cinema. As paredes de seu quarto estavam cobertas *com fotos da Photoplay;* ela sempre comprava os batons que as estrelas de cinema usavam, tentava imitar o estilo de vida delas com o pouco dinheiro que ganhava no estabelecimento de Hazel. Luvas de nylon estavam na moda e Belle tinha um par que usava constantemente, sem se importar com as mãos suadas. EIa tinha uma saia de feltro rosa com poodles e uma blusa tubinho, igual a que Jane Russell usava com calças capri. Até mesmo tinha um par de saltos altos falsificado da Dior "de arrasar", com o único problema de ainda não conseguir andar neles. Quando o chamado surgisse, como a Belle de dezessete anos tinha certeza que viria, ela não queria que Hollywood a pegasse desprevenida.

Um dos motivos pelos quais Rachel era-lhe tão especial era o fato de ela ter, de fato, *nascido* lá. Quando Rachel lhe contou, era como se tivesse lhe dito que nascera em Marte, tamanho o ceticismo de Belle. Mas quando Rachel lhe mostrou sua certidão de nascimento - Mãe: Naomi Burguess; recém-nascido: Rachel; Local de nascimento: Hospital Presbiteriano, Hollywood, Califórnia - Belle ficou olhando como se aquilo fosse uma relíquia sagrada.

Havia, contudo, outros motivos para o afeto de Belle por Rachel. **A ho**nestidade sem igual da garota — um bem dificilmente encontrado na casa de Hazel. Rachel sabia ser terrivelmente franca, mas as pessoas sabiam que ela sempre dizia a verdade. Por isso, quando ela disse a Belle que acreditava que a moça fosse a garota mais bonita que já vira, todos souberam que **Rachel** dizia a verdade. Também havia a aura de vulnerabilidade que envolvia pequena e triste Rachel; isso parecia trazer à tona os instintos maternos da mais endurecida das moças. Se já não conseguiam se importar com elas mesmas ou com os homens que as usavam, elas podiam se importar com aquela criancinha abandonada de rosto tão pateticamente rústico.

E ela também sabia fazer hambúrgueres fantásticos. Algumas das moças estavam começando a ganhar alguns quilinhos por causa dos fantásticos hambúrgueres de

Rachel. E depois que ela se juntou a Carmelita, **que lhe** ensinou a acrescentar *jalapeno* em simples batatas fritas, o jantar engordativo de Rachel foi muito exigido.

A melhor qualidade de Rachel, porém, era seu dom para contar histórias.

Em dias de pouco movimento, quando estavam entediadas e muito perto de pensarem em suas vidas miseráveis, lá estava Rachel, contando aventuras incríveis acontecidas em lugares distantes. O fato de não serem histórias da própria Rachel não importava. Aquelas garotas nunca leram nenhum dos livros que ela leu; cada história, não importando se antiga ou clássica - Jane *Eyre, Orgulho e Preconceito, Capitão Sangue* - era nova para elas.

E também, talvez, elas a amavam acima **de** tudo por sua habilidade de ainda ter esperanças — uma chama que se apagou **em** todas menos **na** mais jovem de todas. Ver a **esperança brilhai em** alguém tão triste **significava** que havia esperanças para todas elas. E a mais esperançosa na casa de Hazel era Carmelita, que simplesmente sabia que Manuel um dia voltaria para buscá-la, e Belle,que sonhava que um produtor de Hollywood entraria pela porta da frente do estabelecimento, colocaria os olhos na sósia de Susan Hayward, e a **levaria** dali. Elas sonhavam juntas, aquelas três.

Mas naquele dia, na quarta terça-feira depois da chegada de Rachel, o sonho frágil estava perigosamente perto de ser estraçalhado. No dia que Danny prometera voltar, ele não foi, nada de Álamo, nenhum jantar de burritos em Little Laredo. O modo como ela se sentava à janela todas as terças-feiras deixava algumas delas tão bravas a ponto de desejar que Danny Mackay sofresse! Mas então:

- Lá está ele! - exclamou Rachel, com as mãos pressionadas no vidro.- É o Danny! Danny está aqui!

Correram para a janela e olharam para fora. Era ele mesmo, como um desejo se materializando no fim da rua. Danny Mackay, com o cabelo quase ruivo captando os raios da manhã;a camisa branca reluzente;as calças pretas perfeitamente bem passadas; os sapatos engraxados. Ele era alto e magro e bem apessoado; e por ele ter finalmente aparecido, todas o perdoaram. Rachel abraçou as amigas, olhou-se novamente no espelho e desceu as escadas correndo.

Ele já estava na cozinha conversando com Hazel, que dizia: - Ela está indo bem, mas precisa que lhe diga algumas coisas. Recebi algumas reclamações. - DANNY! Ele abriu os braços e ela se jogou neles.

- Ei! - disse ele, beijando-a e rindo. - Para que tudo isso, querida? - Ah, Danny - ela o apertava o quanto podia, e afundava o rosto em seu peito. - Ah, Danny, você veio... - Ora querida, eu lhe disse que viria. Veja o que eu trouxe para você.

Ela olhou para as margaridas como se fossem diamantes, e as recebeu

para dançar com elas.

- Ah, Danny! Elas são lindas! Nunca ninguém me deu flores antes!

Ela foi para o guarda-louça e pegou três copos. - Vou dividi-las com Carmelita e com Belle. Tudo bem?

- Claro! - respondeu ele, rindo.

- Elas nunca recebem flores. E margaridas, Danny! Elas são tão lindas! Como hastes de luz do sol!

Quando os vasinhos foram arranjados, ela se voltou para ele, radiante.

- Ah, Danny! — repetiu. - *Flores!*

—Eu lhe disse que viria — disse ele com um sorriso. — Não duvidou de mim, duvidou?

—Bem...

— Ainda quer ir ver o Alamo?

—Sim! Claro que sim! E podemos ir comer *burritos?*

— Talvez eu consiga dar um jeito nisso também.

- E caminhar ao longo do rio para olhar as lojas?

Ele riu e a tomou nos braços.

—Você pode ter tudo o que desejar, querida. Só quero que seja uma boa garota, entendeu?

- Farei tudo o que me pedir, Danny - murmurou ao encontro da camisa dele.

Ele olhou por cima da cabeça dela na direção de Hazel, que assentiu de leve.

- Falando nisso, querida - disse ele -, antes de irmos, que tal subirmos para o seu quarto para termos uma conversinha?

Ela se afastou um pouco para fitá-lo.

- Sobre o quê?

Ele bagunçou o cabelo dela e tocou na ponta do seu nariz.

—Não fique tão preocupada. Só quero ficar um pouco sozinho com você, é só. Ei, já faz um mês que não nos vemos, não percebeu?

Ela fez bico.

—Eu sei. Contei cada hora desde que o vi pela última vez.

Ele abaixou os braços e se afastou.

— Não vai ralhar comigo agora, vai? Não quero nenhuma garota reclamando comigo como se fosse uma esposa. Vamos subir.

Ela subiu, deixando os três vasinhos na cozinha.

Foram para um quarto vago e ele fechou a porta, trancando-a. Quando se virou, encontrou Rachel sentada na cama, sorrindo.

- Estou tão feliz que esteja aqui, Danny.

- Preste atenção, Rachel - ele se aproximou e se sentou ao seu lado. - Hazel me contou que você está lhe dando problemas. Não posso aceitar isso. Ela está nos fazendo um favor, sabe disso.

Rachel abaixou a cabeça.

- Eu sei.

- Então por que não está se comportando? Isso me faz ficar mal na Ela levantou os olhos suplicantes.

- Danny, ela me obriga a fazer coisas horríveis! Fico enjoada todas as manhãs! Vomito o tempo todo! Ele franziu o cenho. - Está usando a esponja que ela lhe deu, não?

- Ah, sim - respondeu impaciente.— Não é nada disso. Fico enjoada pelo que tenho que fazer. Alguns dos fregueses são... urgh... simplesmente horríveis. Eles me forçam a fazer coisas hediondas com eles.

- Preste atenção, Rachel — disse ele com gentileza, pousando uma mão no seu ombro. - De nada adianta tentar lutar contra isso. Você tem de cooperar. Afinal, esta é uma casa dedicada ao prazer.

- Prazer - ela lamentou num grito. - Como os homens podem ter prazer com o que fazemos aqui? Pensei que quando homens e mulheres fizessem amor, os dois teriam de sentir prazer.

- Ora, Rachel. Você não est*a fazendo amor* com ninguém. Está sendo paga par que esses caras fodam você. Ela cobriu as orelhas com as mãos. - Por favor, não fale assim, Danny. Odeio essa palavra. *Eles* a usam quando estão comigo. Gostam de dizê-la quando estão fazendo aquilo. E depois eu me enojo.

- Está bem, está bem - disse ele, trazendo-a para junto de si. - Não vai demorar muito mais, Rachel. Você vai ver. - Já encontrou um emprego, Danny?

- Já disse para parar de reclamar comigo! Eu não disse que cuidaria de - Sim, mas...

- E não vim hoje? Não lhe trouxe flores? Isso são modos de me tratar? - Ah Danny! Por favor, não fique bravo comigo. É só que eu quero que fiquemos sempre juntos.

- E você acha que eu não quero isso também? Não é fácil encontrar emprego, sabia? A vida é mais difícil para os homens do que para voa mulheres. Não temos ninguém que tome conta *de nós.*

-Tomarei conta de você, Danny. Eu prometo.

Ele amoleceu.

- Sei que sim, querida. Mas você precisa fazer o que Hazel manda você fazer.

- Mas é tão nojento...

-Já sei. Por que não me mostra o que tem de fazer? Isso facilitará coisas com os outros. Só feche os olhos e pense que sou eu.

Ele segurou a mão dela e a conduziu para a sua virilha.

-Vamos. Faça comigo o que tem de fazer com os clientes. Heim? Que tal assim? E depois poderemos ir ver o Alamo e comer alguns *burritos. O* que me diz?

Ela lutou para conter as lágrimas. Queria tanto lhe dizer que deseja que as coisas fossem diferentes com eles; queria que o ato de amor deles fosse puro e belo; queria que ele a fizesse esquecer o pesadelo que vinha vivendo. Mas ele a fitou com aqueles instigantes olhos verdes que eram, mesmo tempo, preguiçosos e intensos, e ela se viu mais uma vez envolta em seu feitiço. Quando ele abaixou o zíper da calça e guiou-lhe a mão par dentro, e depois a impulsionou gentilmente a se ajoelhar, Rachel tentou não chorar, não enjoar. Ela só queria que ele a amasse e cuidasse dela. Era tudo o que ela queria no mundo.

9

Lá estava ele, saindo do seu GMC 4x4. Trudie se virou para ele, com as mãos no quadril, fula da vida.

- Ei, Bill! - exclamou.-Já era hora!

Ele sorriu por trás dos óculos de aviador. Trudie não duvidava que ele derretesse muitos corações femininos com apenas um sorriso. Mas não naquele dia. Ela mostraria uma coisa para ele. Ele subiu pela grama bem à vontade, com passos casuais, era um daqueles protótipos egoístas cientes da sua beleza masculina. Ele acenou para a equipe elétrica trabalhando no quinto estágio da construção da piscina. Todos retribuíram o cumprimento.A maioria era mexicana, mas havia alguns tipos loiros, velhos camaradas.

- Oi, Trudie - disse ao se aproximar. — O que foi? Estava furiosa e sem controle algum. - Bill - disse com o queixo empinado. - Por que não temos três linhas de retorno nesta piscina? Você sabe que eu sempre trabalho com três linhas de retorno nas minhas piscinas. Você viu o plano de trabalho? Chegou a olhar a planta?

- Ei - ele disse com tranqüilidade, sorrindo. O sol de janeiro fazia coisas em seus cabelos e ele bem sabia disso. Ele pagara por aquele corte especial, certificando -se que cada onda captasse a luz do sol de determinada maneira.

Nunca deixou de funcionar sob a luz da pista de dança. Avaliou Trudie por detrás dos óculos escuros. Talvez seu velho charme não fosse funcionar dessa vez. Verdade, tinha ouvido dizer que ela era osso duro de roer.

—Só me dê uma resposta direta, Bill.

Como responsável pela hidráulica da piscina, o trabalho de Bill vinha logo depois da escavação. Ele lhe telefonara dois dias antes para avisar que o serviço estava pronto. Por isso ela ordenou que o concreto fosse colocado. Aquela equipe em particular, liderada por Sam Brand, um bom trabalhador liderando uma boa equipe, começara a trabalhar bem cedo naquela mau Ela recebera um telefonema às oito:

— Oi,True — dissera Sam —, você não costuma instalar três linhas de retorno?

Com isso ela ligou para Bill ordenando que ele levasse o traseiro para a construção sem demora. Por que a pressa? Porque o concreto estava endurecendo e seria um inferno quebrar aquilo para instalar a terceira linha.

- Ei, por que está tão irritada? - Bill perguntou.
- Diga por que não instalou três linhas de retorno.

Ele a fitou com surpresa. Não era feia, considerou. Conseguia preencher uma regata e os shorts de um jeito que nenhum construtor do sexo masculino conseguiria. E debaixo daquela fachada corajosa, ele tinha certeza, devia haver as frustrações de qualquer outra mulher.

- Não pensei que fosse necessário ter três linhas de retorno numa piscina dessas dimensões.

-Você não achou necessário. Tenho três linhas de retorno em minhas piscinas porque eu sou a pessoa que constrói as melhores piscinas do sul da Califórnia! Você segue as minhas instruções.

Agora ela estava conseguindo irritá-lo. Uma coisa era ser legal e **ami**gável, tentando explicar como o trabalho devia ser feito, e agora ela vinha com tudo como um tanque de guerra. Essas mulheres tentando agir como homens! O que True Stein precisava era de uma boa trepada.

—Bem, já está feito, não?

- Não, não está - disse ela tranquila. - Quero que traga a sua equipe de volta neste instante e quero ter a terceira linha de retorno pronta até amanhã de manhã.

— Querida, preste atenção! Sabe o que é preciso para refazer esse trabalho? Teremos de quebrar o concreto!

- Pouco me importo se você tiver de arrancar o concreto com os dentes!

linha tem de estar aí. Ele a encarou. Ele sabia que ela estava furiosa pelo modo como o peito arfava. Mas ele também sabia ficar zangado. - De jeito nenhum - respondeu tranquilo. Do mesmo modo,Trudie disse:

- Tudo bem, então.Tenho uma coisa para você - apanhou um saco plástico de lixo que estava aos seus pés. Abriu-o e o esticou para que ele visse seu conteúdo - Consegue ver isto, Bill?

Desconfiado, ele olhou. Devia haver umas oito ou dez latas vazias de cerveja no saco.

- Sim... E daí?

- Sam as encontrou esta manhã no entulho. Bill, os seus homens beberam no ser**viço.**

- Nem pensar.

- Não me venha com essa!

- Essa latas podem ter sido de qualquer um. Da equipe do Sam, por lln

- Sam é cristão convicto, Bill, e você bem sabe disso. Você sabe que a equipe dele nao é disso.- Ele disse que encontrou as latas hoje cedo, e eu acredito nele! Isso significa que os seus homens são os responsáveis!

Nervoso, Bill mudou de posição.

- E o que isso tem a ver com...

- Não se bebe nas minhas construções! Está claro?

Ele a fitou com cautela. Sua pose relaxada sumindo.

- O que quer dizer,Trudie?

- O que estou dizendo, Bill, é que você vai quebrar esse concreto e vai instalar a terceira linha. Se não o fizer, juro que vou providenciar para que não consiga nem mais um trabalho neste condado, nunca...

Ele ficou em silêncio um instante, medindo Trudie e o seu entusiasmo. Logo levantou as mãos e disse:

- Qual o problema,né? Vou trazer os meus rapazes imediatamente,então.

- E nada de bebida.

- Sim, claro.

Ele se virou e se pôs a andar, resmungando alguma coisa sobre donas metidas. Trudie girou sobre os calcanhares e desceu até o fundo cinzento da piscina. *Cabeça-dura,* pensou. *Esse homem é um cabeça-dura.*

Consultou o relógio. Tinha mais duas escavações para inspecionar e depois iria para o escritório de Jessica. As duas iriam para o Butterfly naquela tarde. Jessica tinha uma hora marcada para conhecer a diretora e receber seu bracelete de associada do clube.

O escritório Franklin e Morton estava situado na Sunset Strip - um pequeno templo verde cravado entre dois pomposos escritórios ao estilo federal cheios de médicos, advogados e decoradores de interiores. O aluguel era caro, assim como os clientes. Jessica e Fred eram sócios há sete anos, competindo com as firmas bem estabelecidas das

torres em Century City. O apelo deles era tratar os clientes num nível pessoal e amigável. Não se importavam em serem conhecidos como uma "empresa butique". A lista de clientes ainda era pequena, mas em crescimento, graças à publicidade do processo de Mickey Shannon.Tudo o que Fred e Jessica precisavam, bem sabiam, era vencer mais alguns casos como aquele e seus dias de luta constante chegariam ao fim.

Jessica estava no escritório, diante de um homem carrancudo. Ele **era o** advogado da outra parte num caso que estava envolvida, e ele tamborilava os dedos na pasta de couro.

- Senhora Franklin - disse ele -, acontece que este é o montante que o seu cliente exigiu.

- Sim, senhor Hutchinson. Ou, melhor dizendo, era. Mas isso já faz algumas semanas, e a data acordada já expirou. Agora exigimos um milhão de dólares.

- O quê!

O interfone tocou. Ela levantou o gancho e disse:

- Pedi para que segurasse as chamadas - a voz do outro lado informou que Trudie Stein a aguardava na recepção. - Sim, obrigada. Por favor, ofereça café e diga-lhe que logo estarei disponível.

Depois de desligar, Jessica dobrou os braços sobre a mesa e disse:

- Senhor Hutchinson, sabe **que** a **data do** julgamento está bem **próxima,** e estou certa de **que percebe que o júri penderá** para o meu cliente. Nós venceremos o caso e o juiz nos recompensará com dois milhões de dólares. Meu cliente, contudo, pretende aceitar um milhão agora para evitar o desgaste e a inconveniência de um julgamento.

Ele a observou atenta e longamente. Era a primeira vez que Ron Hutchinson entrava num litígio com Jessica Franklin, e embora não estivesse satisfeito com o modo como as coisas se encaminhavam, admirava-lhe a tenacidade. Não havia garantias de que ela fosse vencer, e ele estava oferecendo um acodo bem generoso: trezentos mil dólares, num cheque já assinado e colocado sobre a mesa dela naquele dia. Todavia, teimosamente, ela pedia mais. Ele ficou se questionando o quanto ela se arriscaria a perder tudo. - Estamos pedindo um milhão agora, senhor Hutchinson. Mas a oferta só vale até amanhã.

Ele via no rosto dela que ela não cederia. Por isso, pegou o cheque, levantou-se, acenou de leve e deixou o escritório.

Antes de se juntar a Trudie, que a aguardava para que a levasse ao Butterfly, Jessica parou no escritório do sócio para relatar sua reunião com Hutchinson. Fred Morton, calvo prematuramente, passou a mão pela cabeça lisa e disse: - Não sei, Jess.Tem certeza de que devemos insistir? Afinal, não há como que venceremos em juízo. Temos boas chances, mas tudo não passa de uma grande aposta. - Estou disposta a correr o risco. Você não?

Enquanto manobrava o Corvette com destreza em meio ao trânsito da Sunset, olhou de relance para a amiga e disse:

- **- Nervosa?**

Jessica riu:

* **- Curiosa!**

- Estou contente que tenha decidido se afiliar.

- Ainda não estou cem por cento convencida de que preciso ir a um lugar como o Butterfly, mas você conseguiu me deixar curiosa. Quero entrar para ver como é.

- Acredite em mim, tudo funciona maravilhosamente! Voltei lá sábado passado.

Jessica a fitou.

- E o que fez essa vez?

—Escolhi o mesmo acompanhante. Meu amante intelectual. Ele foi bom da primeira vez que não vi motivo para mudar. Ao que parece, muitas associadas requisitam o mesmo

homem todas as vezes. Você acaba desenvolvendo um tipo de relacionamento, como se estivesse fazendo terapie.

— Terapia! Você faz com que pareça uma clinica do sexo.

—De certo modo, é o que é, não?

Jessica avaliou o perfil de Trudie, o corte caro do cabelo loiro, os brincos longos de prata, os olhos água-marinha. Jessica sempre invejou a beleza de Trudie.

—O que você e o seu amante intelectual fazem?

—Debatemos e transamos.

—E você considera isso satisfatório?

Trudie mudou de faixa e acelerou na Beverly Canyon Drive.

— Considero *imensamente* satisfatório. E eu não saberia lhe explicar exatamente o motivo, a não ser pelo fato de que todo homem que encontro não parece à altura das minhas expectativas. Os encontros acabam me deixando incompleta. Mesmo depois de ir para a cama com um homem e o sexo ter sido bom, saio sentindo que aquilo não foi uma experiência *completa. En*quanto que com Thomas as duas vezes foram como dinamite. Talvez seja o anonimato da situação — ele não sabe quem sou, nem mesmo sabe o meu nome - ou talvez seja por eu estar no controle do cenário. Não sei. E eu bem que tenho tentado encontrar a resposta, mas ela se esquiva.

Jessica olhou pela janela ao entrarem na Rodeo Drive. Exatamente que ela tentava encontrar nos quartos secretos do Butterfly? Por que decidira a entrar? Sabia que boa parte do motivo tinha a ver com o risco da coisa — era por isso que ela gostava tanto de litígios: nada era previsível, não havia garantias, perdia-se ou ganhava-se, e a cada dia um caso novo apresentava outros tipos de desafio. Ela entendia o Butterfly como sendo algo desse tipo. Mas devia haver mais por trás - desde que Trudie lhe falou a respeito, Jessica sentia uma compulsão inexplicável de se afiliar. Seria por ter, apesar dos protestos de Trudie que alegava que o clube era extremamente seguro, um elemento de perigo?

—Como posso ter certeza de que não serei chantageada? — perguntou pararem diante da Fanelli. —Tenho de pensar na minha carreira, no meu sócio.

— Bem, de acordo com a minha prima Alexis, que ficou sabendo por intermédio da amiga Linda Markus, que soube por meio da amiga que a apresentou ao Butterfly, este lugar vem operando ha anos, e durante todo esse tempo não houve nenhum caso de chantagem, nem nada parecido. E como poderia? Os acompanhantes não sabem quem somos. Nossas identidades são bem protegidas. Somente a diretora tem acesso às nossas pastas, e ela, por certo, não vai falar nada.

- Ainda assim, o sigilo deste lugar vai acabar vazando cedo ou tarde. Basta os jornais suspeitarem de algo, e estaremos com sérios problemas. Trudie lançou um sorriso para Jessica e disse: - E desde quando deixamos que algo *assim* nos detenha? Nesse instante o manobrista abriu sua porta e ela lhe entregou as chaves. O plano era Trudie fazer algumas compras na Fanelli enquanto Jessica subia no elevador com uma das atendentes. Enquanto as duas esperavam pela atendente, avaliaram alguns casacos dispendiosos. Abaixando a voz para que ninguém as ouvisse, Jessica disse: - O que Alexis faz quando vem?

- A minha querida prima médica é, na verdade, uma artista frustrada. Ela prefere cenários estranhos e bizarros. Alguns são bem elaborados: figurinos, objetos de palco, tudo. Ela adora fantasiar. - Ela pede o mesmo acompanhante toda vez? Trudie negou com a cabeça.

- Ela gosta de variedade. Toda vez, um homem diferente, um cenário diferente.

Jessica não negava que a perspectiva de vivenciar sexo com outro homem, um perito, a excitava. Era virgem quando se casou, e nunca esteve com outro homem. Sempre supôs que o marido fosse bom de cama - ela até tinha orgasmos vez ou outra —, mas não havia como comparar de verdade. Ela não tinha como saber se estava ou não satisfeita

depois do sexo. Gostava quando John fazia amor com ela, mas havia ocasiões em que preferia ser deixada em paz com seu amante vaqueiro de faz de conta. Jessica perguntava se Trudie estaria certa quando dizia que o Butterfly era mais que um lugar para fazer sexo. Será que as mulheres conseguiam se satisfazer completamente atuando numa fantasia? Seria um modo de aprender a enfrentar, de talvez encontrar respostas, uma catarse que despia qualquer inibição ou antigas fobias e tabus?

Mas por que eu *estou aqui?* Era o que Jessica se perguntava quando a atendente finalmente se aproximou dizendo que a diretora estava pronta para recebê-la.

E então ela pensou, surpresa: *John.* Tinha alguma coisa a ver com seu marido, John.

Foi conduzida ao andar de cima e lhe mostraram um cômodo muito bem decorado em tons desérticos, com um tapete Navajo, plantas secas em vasos indígenas, um quadro de Georgia 0'Keefe na parede e uma mesinha de centro sobre a qual havia uma garrafa de cristal com vinho branco, duas taças altas e um pratinho com sanduíches. Ao se sentar, Jessica percebeu estava nervosa.

John lhe veio à mente de novo, como se a tivesse seguido até **lá, como** se a atormentasse.

Isso o agradaria, Jessica bem sabia. John gostava de pensar em si como sendo seu guardião, a sua *consciência.* Bem, talvez ela devesse concordar que ele fosse mesmo. Mas ela havia permitido que ele assumisse tal **papel; não** tinha ninguém mais para culpar a não ser si própria. John entrou em sua vida em uma época estressante - da faculdade para a universidade de Direito. Durante a infância e na adolescência, seu pai e a religião foram a sua consciência e o seu guia. Depois ela foi para a faculdade, distante da **autori**dade paterna, e acabara se afastando da Igreja. Quando conheceu **John,** ele imediatamente preencheu um vazio em sua vida. Mesmo nos primeiros encontros,John lhe dizia o que vestir, com quem deveria ou não estreitar laços de amizade, pedia por ela em restaurantes, escolhia os filmes que assistiriam. E Jessica permitia. Estava apaixonada e ávida por agradar.

O problema foi que, depois que se formou e se estabeleceu profissionalmente, os papéis não mudaram. Naquela manhã mesmo, antes **de ela sair** para o escritório para a reunião com Hutchinson, John fez alguma crítica a respeito do modo como estava vestida. Assim, para manter a paz, **ela** subira e trocara de roupa.

Em oito anos de casamento, ela nunca o desafiava.

Agora, no entanto, o desafiava, e do modo mais ultrajante, e essa repentina percepção — de saber que tinha decidido frequentar o Butterfly para secretamente romper as regras, as regras de John - fez com que **se sentisse** confusa.

A diretora do Butterfly, que não **se apresentou a** Jessica, era alta **e magra** - perto dos cinquenta anos, foi o **que Jessica estimou** -, e vestia um **tailleur** fino. Ela passou pela porta **e cumprimentou a convidada** com um **aperto do** mão amigável. Em **seguida se sentaram e foram direto** ao ponto.

O dinheiro trocou de mãos - a associação era sempre paga em dinheiro vivo -, e Jessica recebeu a pulseira de ouro com o pingente de borboleta.

A diretora explicou as regras, mas Jessica já as conhecia por intermédio de Trudie.

Quando a diretora perguntou: - Você tem alguma dúvida? Jessica respondeu:

- A respeito dos acompanhantes. Quem são eles? Como são recrutados?

- Lamento não poder lhe informar isso. Protegemos as identidades deles assim como as das nossas associadas. Mas, por favor, sinta-se segura de que ele passam por uma rigorosa seleção, tanto psicológica quanto física, e não há por que temê-los. Devo acrescentar que existe uma regra proibindo a confraternização dos acompanhantes e das associadas fora do Butterfly. Muitas associadas solicitaram que os acompanhantes as encontrassem em suas casas ou que as encontrassem em um hotel. Contudo, por medida de segurança, não podemos permitir isso. Por esse motivo, não permitimos que eles informem seus nomes, ou revelem onde moram. E precisamos insistir com nossas

associadas, para a própria segurança delas, que também sejam discretas quanto as suas identidades. - Quem aqui saberá quem sou?

- Somente eu e minha assistente. O telefone que lhe dei só toca neste escritório, e uma de nós sempre está aqui. Mantemos os arquivos de cada sócia, mas eles são codificados, e somente eu e minha assistente temos acesso a eles. Em cada arquivo, gravamos as preferências pessoais de cada associada, ou reclamações, se houver alguma. Por exemplo, se não desejar escolher seu acompanhante dentre os modelos no andar de baixo - algumas associadas ficam pouco à vontade com o processo -, basta nos telefonar e deixar a escolha do acompanhante a nosso cargo. Muitas sócias escolhem o mesmo acompanhante todas as vezes; se essa for a *sua* preferência, será anotada no seu arquivo. E caso considere um acompanhante insatisfatório de algum modo, isso também será anotado no seu arquivo e não será alocada com ele uma segunda vez. Ajudaria muito se pudesse me dar uma idéia do que gostaria que o Butterfly lhe propiciasse. Jessica pensou na estranheza de se sentar ali e dizer àquela mulher, a quem conhecia somente há poucos minutos, sua fantasia mais secreta. Curiosamente, porèm, sentia se segura, mesmo desabituada às circunstâncias. Isso se devia em grande parte à diretora: ela era calorosa e amigável; era do tipo de mulher que deixava as pessoas à vontade, convidando-as a confessarem seus segredos, fazendo-as se sentirem melhor depois.

— Trudie me contou que vocês têm um cômodo aqui —Jessica se dizer - que foi transformado num bar do velho oeste...

E também havia um modelo lá embaixo, vestindo um costume de sal do Quênia - loiro e com um rosto interessante, que lembrava uma estrela de um programa de televisão muito popular da atualidade e, mais, sua imagem era muito parecida com o seu amante imaginário...

— Deseja começar hoje? — perguntou a diretora depois que Jessica descreveu todos os detalhes do seu cenário desejado.

Não, ela não poderia começar naquele dia. Tinha de voar para Las Vegas para o depoimento de uma testemunha de um julgamento próximo.

—Na semana que vem - respondeu. - Eu telefono.

Quando se despediu da diretora com um aperto de mão e se encaminhou para a porta, Jessica se perguntou: Mas será que vou vir mesmo pata ver esse bar do velho oeste? Será que vou permitir, pela primeira vez, que um estranho faça amor comigo?

Contudo, assim que pôs os pés no corredor em que a atendente a aguardava para acompanhá-la à loja no andar de baixo, Jessica sabia, sem sombra de dúvida, que voltaria.

Tinha de voltar.

10

San Antonio, Texas, 1953

QUANDO RACHEL DESCOBRIU ACIDENTALMENTE o segredo de Danny Mackay, já fazia ano que viviam em San Antonio. Naquele ano, ela viu uma transformação nele, e ela ficou se perguntando se não seria ela a causa dessa mudança. E foi aí que ela se viu diante do segredo.

Estavam dirigindo para um bar com música nos limites da cidade para passarem juntos unia das poucas noites de folga de Rachel. Ela se acostumara a vê-lo esporadicamente, visto que ele não aparecia nos dias que dizia que iria e aparecia subitamente quando ela menos esperava, mas, intimamente, não gostava da situação. Toda vez que se separavam, mesmo depois de uma noite de diversão e amor, Rachel se sentia feliz por um tempo. E quando os dias se seguiam e a ausência de Danny ficava cada vez maior, ela se deprimia e os clientes de Hazel começavam a reclamar. E logo Danny voltava,

miraculosamente reaparecendo na porta de trás para levá-la para comer enchiladas e para um passeio.

Foi o que aconteceu naquela noite, depois de seis semanas sem notícias dele. Rachel mostrara-se perturbada e mencionara a Hazel que sairia para procurá-Io, quando, do nada, lá estava ele, sorrindo seu meio-sorriso e enfeitiçando-a com seus olhos verdes preguiçosos. Danny tinha um jeito de enfeitiçar Rachel que a fazia se esquecer de toda a sua tristeza e da solidão dos dias sem ele; Danny a fazia subitamente feliz, reafirmando-lhe a convicção de que não havia nada no mundo que não fizesse por ele.

Rachel não sabia que Danny tinha esse efeito na maioria das pessoas e que ela não era a primeira, tampouco seria a última, a cair em sua magia.

Um pouco do carisma de Danny era parte de sua natureza; nascera com ele. Outra grande parte, porém, Rachel passou a perceber no último ano, era ensaiada. Danny treinava uma maneira de andar, fazia poses que sabia que surtiriam efeito. Rachel chegou a surpreendê-lo diante do espelho, praticando seu travesso olhar de esguelha, um olhar um tanto sensual que ele havia aperfeiçoado, pois sabia que poucas pessoas resistiam. Também se vestia com esmero. Quando conheceu Danny em El Paso, ele estava asseado e limpo, porém suas roupas eram de baixa qualidade. Nos dias atuais, ele se vestia bem, usando o dinheiro que Rachel ganhava deitada de costas.

Mas não era só nisso que Danny mudara. E Rachel não sabia determinar o que era até descobrir inadvertidamente o que ele estava escondendo no banco de trás de seu carro.

Ela dissera:

—Estou com frio, Danny - ao que ele não respondeu. Ele continuou sentado de maneira distraída, tamborilando os dedos no volante, o joelho subindo e descendo tão a seu modo, sempre em movimento, carregado de curiosa energia que nunca parecia descarregar. Por isso Rachel se virou no assento e se inclinou para pegar uma manta no assoalho atrás dela. E quando ela a puxou, de lá saíram os artigos escondidos.

Ela disse:

—O que é isso?

E Danny, vendo o que tinha acontecido, rapidamente virou o carro, pisando no freio, agarrando a manta das mãos dela e gritou:

—Por que está espionando as minhas coisas?

Ela o encarou, temendo por um instante que ele batesse nela. Por isso, disse:

—Desculpe. Eu estava com frio...

— Veja o que você fez — murmurou ele, esticando-se pelo banco para arrumar os livros e papéis espalhados.

—O que é isso, Danny? Para que serve tudo isso?

— O que lhe parece? - resmungou na defensiva, lançando um olha reservado pelo canto do olho.

- Mas você não lê, Danny. Nem mesmo *gosta* de livros - quando Rachel viu a pasta com o logo azul da escola, suas sobrancelhas se arquearam.

- Ah, Danny! Você está freqüentando a escola? Ele a fitou com suspeita.

- É. E daí?

- Isso é maravilhoso!

Ele lentamente se endireitou, mantendo contato visual.

- Acha mesmo?

- É a coisa mais maravilhosa do mundo! — ela lançou os braços ao redor do pescoço dele, beijando-o. - Por que não me contou? Ele se desvencilhou e se acomodou no seu assento. Pegou o maço de cigarros no bolso e ficou girando-o nas mãos.

- Queria que fosse surpresa.

- E é uma surpresa, Danny. A melhor que já tive. Livros são coisas maravilhosa e aqui esta você agora, *lendo.* O que está aprendendo na escola, Danny? Ele olhou para ela,para o rosto vivo de felicidade e os olhos sorridentes, e sentiu o orgulho inflar.

- Estou aprendendo a ser alguma coisa, Rachel. Não pense que vou ser assim para sempre ele passou a falar rapidamente; o joelho subindo e descendo. A intensidade que parecia motivar Danny dia e noite surgiu perto da superfície. Rachel sentia a sua energia. - Irei a muitos lugares, Rachel - disse ele - Estou cansado de viver em meio à ralé. Vou pegar um bom pedaço desse mundo e fazer com ele seja meu. Mas um homem não tem como chegar a lugar algum a menos que tenha instrução. Então é por isso que estou estudando, indo à escola, estou *aprendendo.*

Ele falava tanto entusiasmo, e havia uma luz queimando em seu ficou sem fala. Nunca o vira assim antes, nunca sentira

tanta eletricidade. Danny carregava a noite fria com a sua paixão; Rachel acreditou que ele seria capaz de atear fogo em algo com um simples toque. E estava completamente dominada.

- Este homem aqui — disse ele, segurando um dos livros.— Este homem sabe o que é o poder. E sabe como conquistá-lo.

Ela leu o título. O *Príncipe,* de Maquiavel. - Ele viveu há cem anos, Rachel, mas ele sabe. O homem sabe! - Danny bateu o livro entre as mãos. — Ele diz que qualquer um que confia na sorte é um tolo, porque quando a sorte muda, ele fracassa. Não vou confiar na sorte, Rachel.Vou abrir o meu caminho. O poder está logo ali, à espera de ser E o poder não recai sobre homens comuns ou homens idiotas. O poder está ali esperando que alguém como eu se aproxime para tomá-lo nas mãos.

Danny se silenciou, mas o corpo, tenso e carregado, não conseguia ficar parado. Ele girava e girava o maço de cigarros nas mãos. O pé batia no assoalho. A cabeça girava de um lado, do outro, com os olhos à espreita. Ele estava pensando no incidente que o colocou naquele caminho.

Aconteceu há pouco menos de um ano, logo depois da sua volta ao Texas. Ele, Bonner e outro amigo se embriagaram e decidiram roubar a caixa de esmolas de uma igreja. Na verdade, foi idéia do terceiro rapaz, Danny e Bonner só concordaram. Saindo da igreja, os três rapazes de dezoito anos pararam para urinar nos degraus, e a polícia os flagrou. Foram enviados para trabalhar numa fazenda, enquanto o amigo foi solto porque era filho do chefe de polícia.

Poder, Danny pensara naqueles terríveis primeiros dias com a gangue ao longo da estrada, antes que ele e Bonner conseguissem fugir. Era isso o que o poder podia fazer por você. Você falava, e as pessoas obedeciam. Você levantava um dedo, e as pessoas se mexiam.Você controlava as amarras, o jogo. *Poder, poder de verdade.* Foi lá, enquanto suava debaixo do sol do Texas e sob o olhar atento de um guarda com um rifle, que Danny tomou a decisão de que, um dia, seria ele a ter poder.

Ele olhava pelo para-brisa do carro e ouvia novamente as palavras que lera no livro de Maquiavel: "O homem que tenta ser bom o tempo todo está dado à ruína; portanto um príncipe, para sobreviver, precisa ser outra coisa que não o bem. O homem que vai ser príncipe deve estar livre da moral e da ética; deve ser parte leão e parte raposa."

Um sorrisinho lhe surgiu nos lábios. Deixou que essas palavras o invadissem e tocassem o ponto em sua alma que esteve faminto. Toda a sua inquietude e energia vinham esperando um direcionamento necessário. Agora ele o tinha. Danny sabia aonde iria.

- O que você quer ser, Danny? - perguntou Rachel. - Está estudando para ser o quê?

Ele voltou os olhos preguiçosos na direção dela.

-Já leu este livro?

Ela balançou a cabeça. Nunca ouvira falar de Maquiavel; não fazia idéia do que havia naquele volume fino.

- Maquiavel diz que um homem sábio segue os caminhos dos grandes homens e os emula. Alexander seguiu o exemplo de Aquiles,e César imitou Alexander. Por conhecerem esses grandes homens, por meio de suas conquistas, eles se tornaram grandes homens — Danny pegou outro livro bem gasto e mostrou para ela. A Conquista da Gália por Júlio César. Ele sorriu e disse:

- É para isso que eu estou estudando, Rachel. Estou estudando para ser um grande homem.

Rachel estava tão feliz que literalmente voou pelas escadas do fundo para entra na cozinha, deixando a porta aberta atrás de si. Danny estava estudando! Sozinho, do nada, ele se matriculara na escola noturna. E estava aprendendo!

Rachel estava sem ar de tanta alegria. Mal conseguia se conter; queria abraçar o mundo inteiro. Danny a incendiara com a sua paixão, com a sua ambição. E a convencera sem sombra de dúvida que um dia atingiria o seu objetivo.

Seria alguém. E ela estaria bem ao seu lado.

II Havia uma festa na casa de Hazel. As meninas estavam comemorando o aniversário de um dos clientes costumeiros, e a bebida corria à solta, o aparelho de som retumbava com a música alta. Rachel subiu correndo, ansiosa para partilhar suas boas novas com Carmelita.

Com a exceção de Danny, que na verdade era seu namorado, Carmelita era a primeira na amiga de verdade de Rachel. Nunca antes convivera com alguém por um ano inteiro, quanto menos dividira um quarto. Uma intimidade rara e especial, algo nunca vivenciado por Rachel, cresceu entre as meninas, unindo-as mais do que com qualquer outra na casa de Hazel. Eram tão opostas, com Carmelita bela, porém inculta, que eram fascinadas uma pela outra. E tinham idades próximas, mas não exatamente a mesma, portanto podiam brincar com isso. Quando Rachel completou quinze anos, as duas ficaram com quinze por algum tempo, até Carmelita completar dezesseis e começar a zombar de Rachel chamando-a de criança, enquanto Rachel chamava Carmelita de vovozinha. No ano seguinte, Rachel faria dezesseis também, e ela planejava caçoar da antiga, dizendo que, no fim das contas, dezesseis anos não eram grande coisa, para em seguida Carmelita completar dezessete e a brincadeira recomeçar.

Porém, o elo mais importante das duas era que sonhavam juntas.

E o sonho de Rachel parecia que se tornaria verdade. Danny, *instruído!* E tão cheio de ambição! Rachel não se surpreenderia se ele fosse dono de um posto de gasolina um dia, ou talvez fosse trabalhar para o governo, quem sabe nos correios! Ele teria um salário fixo e eles poderiam comprar uma casa para poderem ter filhos, e isso tudo seria magnífico.

Entrou correndo no quarto que dividia com Carmelita e já estava contar tudo quando viu que a amiga não estava lá.

Rachel olhou pelo quarto diminuto, pensativa. Não vira Carmelita na festa lá embaixo, e não se lembrava de ela ter dito que sairia naquela noite, mas talvez Manuel tivesse aparecido inesperadamente...

Estava para dar a volta para descer novamente quando notou uma luz vindo debaixo da porta do banheiro.

A maioria dos quartos da casa Vitoriana de três andares dividia banheiros pequenos, que foram instalados para o conforto dos hóspedes, **não das** meninas. Rachel e Carmelita eram sortudas - tinham um dos quartos de canto e, portanto, um pequeno lavatório só para elas. Rachel foi para perto da porta e prestou atenção. Pensou ter ouvido a água correr, mas não tinha certeza, pois a música vinda de baixo estava muito alta, passando pelas tábuas do chão e fazendo as paredes vibrarem.

Rachel bateu à porta. Nenhuma resposta.

Pensando que talvez Carmelita estivesse no chuveiro, bateu mais forte.

O pessoal de baixo cantava. Alguns bêbados gritavam e uivavam. Rachel teve que bater com força para ser ouvida acima daquela bagunça.

- Carmelita? — chamou.

Prestou atenção. Depois se afastou um passo e olhou para a luz passando por debaixo da porta. Uma sombra se moveu. O que significava que Carmelita não estava no chuveiro. Então por que não respondia?

- Carmelita? - repetiu ela, mais alto dessa vez.

Pressionando o ouvido na porta, Rachel tentava ouvir se a amiga estava bem. Houve uma pequena pausa na música e, do outro lado da porta, Rachel ouviu o som de vidro se quebrando.

- Carmelita! - gritou, alarmada.

Bateu à porta, pensou um segundo,depois girou a maçaneta. Hazel tinha retirado todas as trancas das portas há muitos anos; privacidade era um bem raro naquela casa.

Abrindo a porta poucos centímetros, Rachel chamou: - Carmelita? Você está bem? - Vá embora…

- O que aconteceu? Está chorando?

- Só... Vá...

Rachel abriu toda a porta e viu bem na hora em que a amiga se inclinou sobre a pia, buscando apoio, e levar um caco de vidro ao pulso. - Não! - Rachel exclamou. Um filete de sangue surgiu.

Rachel se precipitou para frente. Segurou a amiga pelo braço. - Saia daqui! - gritou Carmelita, empurrando Rachel. Ela passou o caco para a outra mão e começou a cortar o pulso direito. Rachel se esticou de novo e bateu mão dela, deixando cair o caco. - Não faça isso... Carmelita se virou e ralhou:

- Me deixe em paz!

Rachel fitou rapidamente o rosto machucado e inchado da amiga, então, quando Carmelita voltou a pegar o vidro e o levou para o outro pulso, Rachel investiu sobre ela.

Debateram-se. O banheiro era pequeno, enquanto brigavam, debatendo-se contra a parede e a pia, Rachel segurou os dois pulsos de Carmelita, tentando fazer com que ela largasse o vidro. Uma garrafa de bebida alcoólica estava quebrada, os cacos cortavam os sapatos de Rachel e os chinelos de Carmelita.

- Por favor - soluçou Carmelita. - Me deixe em paz... - Não vou deixá-Ia fazer isso! - a mão escorregava no braço ensanguentado de Carmelita. Soltou-se um instante e foi novamente empurrada contra a parede. Mas quando a amiga procurou outro caco, Rachel a segurou e a virou. Ficaram presas num abraço, as duas tendo a mesma força sem conseguir subjugar a outra. Mas, subitamente, Carmelita relaxou e começou a chorar. Rachel a levou para a cama e agarrou a primeira coisa que viu - o cinto do roupão - para rapidamente passar ao redor dos pulsos machucados. Tinha dificuldade para prendê-lo como devia, pois tremia violentamente. Estava assustad**íssima.**

- O corte não está muito fundo — foi só o que ela conseguiu pensar em dizer. - Não creio que tenha atingido alguma artéria.

—Por favor, me deixe... — Carmelita soluçava. — Não quero mais viver.

Rachel deu um salto, correu até o banheiro, afastou dois cacos de vidro com um chute, e voltou ao quarto com duas toalhas, uma molhada e a outra seca. Carmelita estava deitada com o braço sobre o rosto. Chorava com tanta amargura que Rachel sentiu lágrimas nos olhos. Primeiro lavou o **braço** machucado com cuidado, depois passou uma esponja no rosto e no pescoço de Carmelita, sujos de sangue.

Rachel não sabia o que dizer. Estava abalada demais, assustada demais. Carmelita só vestia uma calcinha. Rachel viu os hematomas recentes nos lugares em que ela apanhara.

— Quem... — começou, por fim, a falar. — Quem fez isso com você, Carmelita?

Com o choro diminuindo, Carmelita tirou o braço do rosto e fitou o teto.

—Manuel — disse simplesmente.

Rachel se mostrou chocada.

—Manuel? Mas *por quê?*

— Ele descobriu que eu estava guardando dinheiro. As gorjetas, sabe Hazel contou para ele.

— Mas esse dinheiro é seu, Carmelita! É extra. É como um... como um presente dos clientes. Manuel não tem direito a ele.

—Sim, ele tem. Eu não deveria ter escondido. Ele é bom comigo. E me dá dinheiro toda vez que preciso.

Rachel olhou para a amiga em descrença. *Ele é bom com você?*

Carmelita rolou a cabeça no travesseiro. Fitou a amiga com olhos SEM vida e perguntou baixinho:

—Por que me impediu?

—Que tipo de pergunta é essa? Você é minha amiga, Carmelita. Minha única amiga. Eu não poderia deixar que fizesse isso com você.

—Quero morrer - disse a garota, com o peito voltando a tremer em soluços. — Não quero mais viver desse jeito.

Rachel tentou sorrir.

-Você tem de viver, Carmelita. Você só tem dezesseis anos.

— Tenho dezesseis e sou uma prostituta! Não sei nem ler, nem escrever! Não sirvo para nada! - virou-se e afundou o rosto no travesseiro.

Rachel permaneceu sentada na beira da cama enquanto a amiga VOLTAVA a chorar. Depois a voz de Carmelita veio de longe:

- Por favor, me deixe morrer. Se me ama, me deixe morrer. Uma dor fria invadiu o peito de Rachel. A noite subitamente se tornou escura, vazia, sinistra. A música retumbante de baixo parecia discordante; o riso, uma zombaria. Pela primeira vez em um ano, Rachel se sentiu pequena, vulnerável e abandonada, e por um instante, sentiu o que Carmelita também sentia. E ela também pensou que talvez morrer fosse a melhor saída. Contudo, em seguida se lembrou da noite com Danny e do segredo maravilhoso e de como se sentira bem ao voltar para casa e subir as escadas para partilhar **as** novidades com Carmelita. E com isso, Rachel se viu repleta de esperança e otimismo mais uma vez, por isso pousou a mão no braço da amiga e disse:

- Você tem tanto o que viver ainda, Carmelita.Você não vai querer morrer agora. E nem por muito tempo ainda.

Carmelita rolou de volta e olhou para Rachel com os olhos cheios de

- A quem está tentando enganar? Não temos para o que viver! Ninguém se importa conosco! Não temos família, nem amigos. Mesmo os nossos namorados nos tratam como porcaria! Quando vai perceber, Rachel! Acha que essa foi a primeira vez que Manuel me surrou? Acha que será a última? Rachel mordeu o lábio. Danny pode ter lhe dado uns tabefes, mas nunca a machucou como Manuel machucara Carmelita.

- Preste atenção - disse. - Descobri uma coisa maravilhosa esta noite. Danny está frequentando a escola! Carmelita desviou o olhar.

- E daí?

- Isso quer dizer que ele quer melhorar. Significa que não vamos morar assim para sempre! Significa que ele tem sonhos e ambições, e com sonhos e ambições só podemos melhorar. Carmelita sorriu com tristeza.

- Você é uma sonhadora, Rachel. Mas não sabe que sonhos não são reais? São só sonhos, e nada mais.

- Não são não. Você pode *torná-los* realidade! Não percebe? - Isso é **só a** força do desejo.

- Para algumas pessoas, pode ser. Mas sonhos também podem lhe mostra o que você pode ser. Você conhece o meu sonho, Carmelita. Ser a esposa de Danny e morar numa boa casa, ter filhos. E isso vai se tornar realidade, você sabe que sim. Qual é o seu sonho? Conte-me.

- Não.

- Conte-me o seu sonho sobre o escritório.

- Não tenho nenhum sonho.

- Tem, sim. Já o mencionou. Por favor, eu quero ouvi-lo.

Carmelita fitou o teto. Respirou fundo e soltou o ar lentamente, corpo tremia. Estava perto das lágrimas novamente.

- Eu me imagino trabalhando num escritório bonito - disse ela devagar. — Você sabe, como a Imobiliária Realty ou a agência de viagens Let's Travel. Toda vez que passo pela rua e vejo esses lugares, olho para dentro e vejo aquelas garotas atrás das mesas, falando ao telefone, ou datilografando ou sorrindo para os clientes. E eu me vejo...

Carmelita fechou os olhos.

- E eu me vejo atrás daquelas mesas. Existe um carro. Talvez um cartão de um cliente agradecido, dizendo o quanto fui simpática. Tenho uma máquina de escrever muito

elegante, uma daquelas novas, elétricas, e todos chamam de senhorita Sanchez — Carmelita suspirou de novo.

- O que você está vestindo?

- Algo muito bonito. Talvez uma saia e uma jaqueta combinando. E luvas. E quando eu ando pela rua, os homens não assobiam para mim, porque respeitável. Mas isso é só um sonho...

- E é um sonho maravilhoso. Se pensar muito nele, entrar nele e vivê-lo, você pode torná-lo realidade.

Carmelita revirou a cabeça de um lado para o outro.

- É só uma fantasia, Rachel. E fantasias não são reais.

- Preste atenção...

- Não! Preste você! - Carmelita voltou os olhos carregados de dor para a amiga. - Você anda por aí com a cabeça nas nuvens, Rachel. Ainda não entendeu como as coisas são depois de um ano na casa de Hazel? Não há saída para nenhuma de nós!

- Eu me recuso a aceitar isso.

- Como vou conseguir um emprego num escritório, Rachel! *Não sei nem ler!* - Carmelita recomeçou a chorar. lenho dezesseis anos e não sei nem escrever meu nome!

- Mas é ótima com números, Carmelita, e isso é um começo.

- Isso não vai ajudar se eu não souber ler.

Rachel olhou para a amiga, para o lindo rosto que Manuel arruinara. Ouviu a música do andar de baixo e a risada das garotas - riso falso, em boa parte, porque elas também tinham sonhos e queriam estar em qualquer outro lugar que não fosse no estabelecimento de Hazel. Rachel viu a angústia no olhar de Carmelita e sentiu-se banhar com ela, como o orvalho da manhã. E tentou pensar em algumas palavras, algo a dizer, para ajudá-la. E então... Uma idéia a acometeu.

- Carmelita - disse Rachel subitamente animada. - Eu tenho a resposta. - Deixe-me em paz.

- Ouça! - Rachel pôs a mão no ombro de Carmelita. — Você pode aprender a ler.

- Ficou doida? Me deixe em paz! Já lhe disse que tentei uma vez. Não deu certo. E Manuel ficou bravo. Além disso, quando é que vou ter tempo para ir à escola noturna?

- Mas você não precisa ir à escola noturna! Pode aprender bem aqui e Manuel nem precisará saber. Carmelita a fitou**. - Do que** está falando? - Eu te ensinarei a ler.

- Você? - Carmelita a encarou por um instante, depois desviou o olhar. - Não vai dar certo. Sou velha demais. Rachel deu salto e correu para a cômoda. Pegando um livro, voltou e segurou-o perto do rosto de Carmelita. - Veja. Consegue ver esta letra? - E daí?

- Sabe que letra é? - Não.

- É a letra C. É a letra inicial do seu nome. E olhe... — Rachel folheou as páginas e apontou para palavras aleatórias. - Aqui está ela de novo. C. E que a ver, ela produz o som de K, como em *casa.* Olhe aqui - virou as paginas - e aqui. E aqui. Carmelita, que letra é esta? Ela estreitou o olhar para onde Rachel apontava.

- Não sei.

- Claro que sabe. Qual é?

- C?

—C de Carmelita! Agora você já conhece uma letra!

—Quantas existem?

-Vinte e seis.

Carmelita riu com suavidade e murmurou.

—Santa Maria!

-Você pode aprendê-las, sei que pode. Eu ensino. Teremos aulas entre os clientes e pela manhã e nos dias de folga. Iremos à biblioteca e eu lhe mostrarei os livros que eles têm lá. Carmelita, a biblioteca tem livros sobre se tornar uma secretária, como datilografar, como fazer coisas de escritório. Quando se sabe ler, não há nada que não se possa fazer!

Carmelita encarou o livro que Rachel segurava. Era um livro de bolso desgastado no qual Rachel se enterrara nos últimos dias. E Carmelita sentira inveja — ser capaz de

escapar da realidade por um tempo! Ser capaz de ler histórias, ser capaz de abrir um livro e *aprender* coisas. Por exemplo, datilografar e fazer coisas de escritório, e como ser respeitável. E Carmelita experimentou uma repentina descarga de esperança. Esqueceu-se da dor, no coração e no pulso, e subitamente quis aprender todas as vinte e seis Ietras e juntá-las para formar palavras e depois ler livros e tornar a sua fantasia real.

—Não sei - disse incerta, mas também interessada.

—Podemos fazer isso, Carmelita. Juntas! Eu vou te ajudar!

— Está bem - respondeu ela com suavidade. - Vou tentar. Contanto que Manuel não descubra.

Rachel se abaixou e abraçou a amiga.

—Não se preocupe. Será o nosso segredo.

Assim como o lindo e maravilhoso segredo de Danny.

11

Uma coisa era planejar um ato de rebeldia, outra coisa completamente diferente era executá-lo.

Enquanto Jessica atravessava a loja masculina até os fundos, onde uma atendente deveria encontrá-la, ela sentiu um medo repentino. Externamente, ela se parecia com qualquer outra jovem bem-sucedida profissionalmente, vestida de maneira conservadora, com um objetivo nas passadas e confiança no balanço do curto cabelo castanho. Internamente, porém,Jessica se encontrava repleta de receios. Ela sentia como se fantasmas invisíveis a segurassem, a detivessem. Impedindo-a de pisar naquele elevador proibido. Havia seu pai, um homem que, durante toda a infância de Jessica, reprimiu a afeição dos filhos até que eles a merecessem por meio de conquistas e honrarias especiais, um homem de quem, um dia, o que ela mais quis foi aprovação e o amor. Também houve os padres das escolas que governaram acima das freiras e todo o corpo estudantil, homens distantes e formidáveis cujas palavras eram a lei e a ordem. E depois John, a quem ela acreditava amar, mas que frequentemente a confundia e a enchia de dúvidas sobre si mesma. *Eles* não queriam que ela subisse para os quartos secretos do Butterfly.

Mas Trudie não dizia repetidamente para Jessica que ela tinha de ser a dona do próprio nariz? Que era hora de John lhe entregar as rédeas de sua vida? Por oito anos, Jessica acreditou ser um indivíduo, mesmo dentro do casamento, que mantinha a própria identidade, separada do marido.| Seu escritório de advocacia, seus clientes, seus dias no tribunal provavam isso, não? E, mesmo assim, desde que o espectro do Butterfly penetrou em sua vida, tomando conta de um lugar em sua mente de onde ele não saía, Jessica começara a se questionar. E sua primeira pergunta fora: por que não *posso* entrar? Sou livre para fazer isso, não sou? Foi então que ela percebeu que sua autonomia fora uma ilusão todos esses anos, que a sua identidade foi moldada por John, que ela não era, no final das contas, dona do próprio nariz. E por isso ela decidira dar o primeiro passo para a liberdade pessoal. Naquele dia, Jessica estava de fato fazendo algo, pela primeira vez na vida, para o qual não havia recebido permissão.

- Boa tarde, senhora — disse a atendente com a borboleta bordada na blusa. - Por aqui, por favor.

O que John, seu pai e a igreja fariam se descobrissem sobre aquilo? Quando as portas do elevador começaram a se fechar atrás dela, excluindo o movimento da Fanelli e o barulho da Rodeo Drive, Jessica deu um empurrão nos fantasmas que atormentavam sua mente, desligando-os, deixando-os fora daquilo, e subitamente ela estava sozinha e livre a caminho encontrar a sua fantasia.

- O que você faz no Butterfly? - perguntou a Trudie. - Você só precisa entrar no quarto e lá está ele?

—Você faz o que quiser. Você precisa dizer a eles o que quer que aconteça.

O que quer que aconteça...

Ao seguir a atendente pelo corredor acarpetado, Jessica olhou para as portas fechadas pelas quais passavam. Nenhum som passava de nenhuma delas; um tipo estranho de silêncio pairava no ar. *Haveria alguma mulher trás delas àquela hora?,* perguntou-se. *E que sonhos estariam realizando?*

A atendente parou diante de uma das portas fechadas e disse:

- Por favor, queira entrar.

Jessica percebeu que seu coração estava acelerado. A porta se parecia com qualquer outra de hotel. O que encontraria do outro lado?

Abriu a porta e entrou.

No meio da sua fantasia.

Tudo estava exatamente como em seu sonho: o feno espalhado no chão, as mesas simples, o jukebox tocando Kenny Rogers, a luz baixa, um bar numa ponta no qual um vaqueiro solitário estava parado com um pé apoiado na barra de bronze, vestindo jeans e uma camisa xadrez com o chapéu Stetson puxado para trás na cabeça. Ele escutava a canção e levava o drinque para os lábios.

Quando a porta se fechou atrás de Jessica — deixando para trás a atendente, o corredor, a Rodeo Drive e a realidade -, o vaqueiro levantou o olhar. E um sorriso lento se formou em sua boca.

- Olá - ele baixinho. Ela retorceu a alça da bolsa.

- Posso lhe oferecer um drinque? Ela olhou para o bar. Havia um espelho imenso atrás dele, tornando o
cômodo maior do que era, com garrafas de bebidas enfileiradas nas prateleiras. Hesitou um instante - como o seu coração batia forte! -, então se
aproximou do bar e apoiou a bolsa. - Parece que não há ninguém aqui.

- Não, dona. Estamos sozinhos. O que posso lhe oferecer?

Ela o fitou. Ele era jovem, com uns vinte e poucos anos, e sorria de modo autoconfiante. Lentamente, ele retirou o chapéu e passou a mão pelo cabelo claro.

- Vinho branco, por favor. - Enquanto dava a
volta no bar e se abaixava, ele disse:

- Como está o tempo lá fora? De manhã me pareceu que choveria.

- Não - ela disse meio sem fôlego. Ela observava as mãos bem-feitas pegar um copo de vinho e enchê-lo. A camisa estava justa no torso e nos ombros e tinha pequenos botões de pérola. Os do alto estavam abertos; ela via o peito. - Não está chovendo, ainda...

- Nunca consegui me acostumar aos invernos da Califórnia – comentou ao lhe entregar a taça de vinho. Seus dedos se tocaram. - De onde venho, estaríamos afundados em neve até os joelhos a esta altura! Ela desviou o olhar. Ela não sabia o que dizer.

Ele veio de trás do bar e pegou sua cerveja. Ficaram parados num longo momento de silêncio, Jessica tentando evitar o reflexo deles no espelho; ele estudando-a. Por fim, ele disse:

- Acho que temos o lugar só para nós esta noite. Ela concordou com a cabeça. *Como a pulsação acelerava...*

Algo suave e melancólico saía do jukebox e o vaqueiro disse:

- Gostaria de dançar?

John foi o único homem com quem dançou, o único corpo que sentiu de verdade. Os abraços dos irmãos sempre foram breves, e ela não se lembrava de como era com o pai. Por isso era estranho sentir os braços ao redor da sua cintura, senti-lo tão perto, sentir o calor de sua pele pela camisa. John tinha um corpo definido; o vaqueiro também. Mas de maneira diferente, sutil. E seu perfume também era diferente. Ele a conduziu com um passo firme. Mal se tocavam. Jessica não olhou para ele, mas focalizou um ponto acima do ombro dele. Havia a decoração das paredes, percebeu então... coisas do interior como arreios e selas e placas antigas que anunciavam trabalhos de barbearia por cinco centavos.

Ela manteve os olhos nas paredes, leu as placas, enquanto ele lentamente a conduzia pelo salão; enquanto a canção se tornava mais triste e amável, ele começou a aproximá-la até que finalmente se tocaram, peito contra peito, pélvis contra pélvis, e ela sentiu a timidez começar a se diluir, e permitiu que seus braços o envolvessem pelo pescoço, e se abandonar à FANTASIA

Como era boa a sensação de estar com ele.

Quando a canção terminou, eles voltaram ao bar. Conversaram por alguns minutos, sobre o tempo, sobre coisas sem importância, e logo Jessica se ouviu perguntar qual era o nome dele.

- Diga você - ele respondeu.

—O quê? — ela perguntou, para depois se lembrar das regras do clube. - Lonnie - disse ela, surpreendendo-se. Lembrava-se vagamente de um filme, no qual a personagem charmosa do cowboy se chamava Lonnie. Foi o que lhe veio à mente.

— Bem, dona — disse ele. — Meu nome é Lonnie, e eu estava me perguntando se gostaria de dançar novamente.

Foi mais uma música lenta, mas dessa vez Jessica começou abraçando-o. Enquanto a triste balada country os carregava ao redor da sala, o abril tornou mais apertado, até que ela estivesse afundando o rosto na curva do pescoço pensando: *É isto aqui. De verdade...*

Quando os lábios se encontraram, foi no momento exato. Jessica já não sentia medo, nem nervosismo ou timidez. John era o único homem que beijara; era como se ele lhe tivesse moldado a boca. E agora uma língua e lábios que não eram de John moldavam na novamente, mostrando-lhe um modo diferente de beijar, um jeito *melhor.*

Então, ele sussurrou no ouvido: - Diga o que você quer.

Os olhos dela se arregalaram. Ela não fazia idéia do que queria. John jamais lhe perguntara; ele sempre a conduzia na cama e ela o seguia sem questionamentos. Mas agora que Lonnie lhe perguntava, Jessica se excitou subitamente. Sentiu as inibições caindo como roupas velhas. Começava a se sentir livre de verdade, como se pudesse voar, como se fosse invencível, como se não houvesse nada que não pudesse fazer.

- Qualquer coisa respondeu em delírio. - Quero que faça toda e qualquer coisa...

Continuaram a dançar, a balançar no ritmo da música, segurando-se enquanto a mão dele subia por dentro da blusa dela, abrindo o sutiã. Ele lhe massagiou os seios enquanto a beijava; ela se pressionou ao encontro da rigidez de uma paixão que jamais sentiu. Não havia regras ali, nenhuma convenção, nenhum pecado para confessar, nenhum marido para reprovar. Jessica sentiu-se subitamente desacorrentada; estava livre para se autorrevelar, em sua sexualidade, em Lonnie.

Em seguida, ele a deitou na mesa.Tirou-lhe a calcinha, suspendeu a saia até a cintura e **a** penetrou, tão abruptamente e com tamanha força que a fez ficar sem fôlego.

Estava acontecendo rápido. A cabeça rodopiava. Ela se sentia correndo para o ápice delic I O S Oque tão poucas vezes vivenciou com John, mas antes que conseguisse alcançá lo, Lonnie se afastou, e se ajoelhou e fez amor de outro modo, um m**odo** totalmente novo. Jessica afundou as mãos nos cabelos loiros e gritou. E logo ele a penet**rou** de novo. Passou o braço por debaixo da blusa e meio que a **suspendeu;** inclinou-se para a frente e pressionou-lhe a boca com a sua, balanç**ando-**se. Ela se segurou a ele. Queria devorá-lo. Sentiu o corpo se abrindo, c**ada** vez mais, até que quis que aquele momento jamais se acabasse. E **quando** acabou, ele a abraçou por muito tempo; uniram-se na música **novamente e** se moveram oniricamente pelo salão, exaustos, segurando-se de pé**, ainda** se beijando, mas com gentileza e carinho agora. Alguma cois**a aconteceu** naquela noite,Jessica percebeu ao se preparar para ir embora. **Algo muito** maior do que apenas a descoberta, de uma mulher, da existência de um sexo maravilhoso. Era como se, enquanto no êxtase sublime, com Lonnie dentro do seu corpo, segurando a, ela finalmente conseguisse alcançar algo íntimo, profundo e secreto dentro de si,

tocando uma nascente. Sexo com Lonnie foi mais do que um ato físico gratificante; ela saía de lá sentindo-se... emancipada.

Ao descer pelo corredor,Jessica vivenciou uma estranha ilusão: sentia-se mais alta. Sentia-se inexplicavelmente repleta de poder, do seu próprio poder. E soube que um passo irrevogável tinha sido dado, um passo que teria efeitos duradouros.

Desafiara John uma vez.Tendo feito isso uma vez, poderia voltar a fazê-lo.

12

San Antonio, Texas, 1954

Quanto Rachel completou dezesseis anos, ainda vivia na casa de Hazel. As moças fizeram uma festa para ela e convidaram muitos dos clientes habituais. Hazel tirou a rolha de um champanhe, que não borbulhou, e o serviu moderadamente em copos descartáveis.

- Para nossa garota favorita - disse ela magnânima, e todos beberam.

mi picantes concordaram que Rachel parecia tão feliz que chegava a brilhar.

O brilho era porque ela tinha um E segredo. E aquele era o seu melhor aniversário. Quando era menina, seus aniversários iam e vinham, como qualquer outro dia. Certa vez, sua mãe se lembrou e prometeu fazer seu hambúrguer especial naquela noite para comemorar, e Rachel poderia ajudá-la com os frascos de temperos especiais, podendo até acrescentar uma pitada aqui e acolá na carne. Mas a senhora Dwyer passara o dia com o marido num bar, e quando chegaram tarde da
noite em casa, encontraram-na exatamente onde a deixaram pela manhã, sentada no sofá, pronta para fazer hambúrgueres; eles haviam tido uma briga e a senhora Dwyer já tinha um olho roxo e não estava com vontade de cozinhar.

Ninguém, contudo, decepcionou Rachel *neste* dia.

E, para variar, nem mesmo Danny o faria.

As moças tiveram um desjejum especial. Eulalie assara um bolo de chocolate extra com várias camadas e montanhas de morango na cobertura. E um presente fora comprado com um dinheiro arrecadado entre todas as garotas: os novos livros *O Senhor dos Anéis*. Rachel chorou de felicidade. Finalmente encontrara sua família.

Os primeiros dias de tristeza e vômitos constantes faziam parle do passado. Ela os empurrara para uma parte escura em sua cabeça onde mantinha coisas desse tipo. Os homens iam e vinham, aqueles que continuavam a usá-la todas as noites. Essa parte, quanto a morar com Hazel, não mudara, mas Rachel tinha aprendido a se distanciar disso. Quando entregava o corpo, resguardava a alma. Eles faziam o que gostavam de fazer fisicamente enquanto ela se protegia numa fantasia. E, na manhã seguinte ao acordar, tudo estaria esquecido e Rachel se juntaria às outras moças.

Eram como irmãs, e ela as amava. Até mesmo Frenchie, a garota negra que, de tão amarga, sempre com um peso nos ombros, era difícil de gostar. Rachel não tinha esquecido a mãe e a promessa de encontrá-la um dia, mas por ora as garotas da casa de Hazel eram a sua família. Eram unidas. Ajudavam-se. Toda vez que uma estava em apuros, todas se juntavam ajudar. Se uma precisava de dinheiro, um montante era arrecadado. Batons e meias de seda eram emprestados livremente. Uma tristeza era partilhada; uma alegria, comemorada. E se alguém perguntasse como um lugar tão medonho e desesperador como o bordel malcuidado de Hazel podia ter tanta alegria, a própria Hazel teria sido a primeira a admitir que boa parte se devia a Rachel.

Primeiro, Hazel dizia quando perguntada, como alguém poderia se sentir mal consigo próprio com uma coisinha tão sem graça por perto importava o quanto as coisas estivessem ruins para as garotas, o quanto se deprimissem, elas ainda tinham boa aparência — e algumas eram, de fato, lindas. Mas Rachel Dwyer chegara simplezinha e ficava cada vez mais simplezinha a cada ano que se passava. E ainda assim ela não parecia se importar com isso. E essa era a segunda coisa que Hazel dizia que contribuía para a atmosfera amigável do lugar — se Rachel podia aceitar tão bem a própria aparência, bem, então Hazel supunha que uma pessoa poderia aceitai praticamente qualquer coisa que a vida lhe apresentasse.

E Rachel fazia coisas para as pessoas. Gostava de agradá-las. Por exemplo, cozinhava coisas que ninguém conseguia reproduzir e que as garotas adoravam e até mesmo os clientes estavam comprando. E também ensinou Carmelita a ler, o que foi praticamente um milagre, segundo Hazel, se é que tal coisa existia.

Mas não pense nem por um segundo, acrescentaria Hazel rapidamente, que Rachel Dwyer fosse perfeita. Nada disso. Ela se enterrava em livros o o tempo inteiro. Às vezes, esquecia-se das suas tarefas e alguém tinha de substituí-la. E os clientes, suspiraria Hazel, ainda reclamavam. Ela era indiferente demais na cama, não participava, não os encorajava, tampouco os elogiava em seus desempenhos. Quando um homem paga cinco dólares por uma mulher, ele espera um pouco de entusiasmo, um pouco de ação, e, céus, que o fizesse se sentir como homem. Isso não era pedir muito, era? Mas Rachel era obcecada por Danny Mackay; ela resguardava seu amor somente para ele. E aquilo não era muito saudável - para nenhuma mulher. Mas, oras, pensou Hazel ao ceder e abrir uma segunda garrafa de champanhe. Não podia invejar Rachel por seu pedacinho de felicidade. E ela parecia mesmo estar feliz, mesmo que Danny ainda não tivesse chegado. Hazel não sabia que Rachel estava feliz por causa de um segredo. Embora o bordel de Hazel tivesse se tornado a família de Rachel, e as garotas as suas irmãs, e Danny seu pai/irmão/marido, ainda havia um vazio sedento de amor. Ela queria um filho. Desde que conseguia se lembrar, ela sempre achou que seria maravilhoso ser mãe. Mesmo naquele dia, aos treze anos, quando menstruou pela primeira vez e a mãe lhe explicara a respeito dos sangramentos, das cólicas e dos bebês, e pintara o trabalho de parto como uma coisa horripilante, mesmo então Rachel pensara secretamente: *Não. Ter um filho é uma coisa maravilhosa.*

O bebê saía do seu próprio corpo! Você o sentia se mover dentro de si, o sentia vivo de você, precisando de você,e, então, quando ele saía era ainda mais indefeso; chorava para que você o pegasse no colo e cairia no sono em seus braços e estaria tão sedento de todo o amor que você poderia lhe dar. Um dia Rachel teria um filho - aquele era o seu sonho adorado - e quando esse dia chegasse, ela faria com que o bebê fosse o mais amado do inundo.

Bem, esse dia estava mais perto de chegar do que ela antecipara.

Não era da natureza de Rachel ser desonesta. Assim como nunca lhe passara pela cabeça roubar os doces quando passara fome em El Paso, e como nunca escondera parte do dinheiro que os clientes lhe davam, como faziam algumas das garotas, nunca passou pela sua cabeça laçar Danny com um filho. Outras meninas, ela bem sabia, já fizeram isso. Engravidavam de propósito para que os namorados se casassem com elas e as levassem embora dali. De vez em quando até mesmo um cliente levava uma das garotas para casa. A gravidez era, para muitas mulheres, um modo de salvação. E assim seria para Rachel. Mas não que ela tivesse planejado.

Ela verdadeiramente se esquecera de colocar o diafragma na noite que passara com Danny.

E por isso sabia que o bebê era dele.

Com os clientes ela obstinadamente se lembrava de praticar o controle de natalidade. Por mais que desejasse um bebê, não queria que seu fosse de um daqueles homens. Queria que fosse uma criança fruto do amor, e amada desde o instante em que se mexesse em seu útero. E o bebê de Danny representaria exatamente isso. Eles iriam se casar um dia — era o que ele vivia dizendo, e ela jamais permitiu que *aquele* sonho morresse também. E quando se casassem, ela teria seus filhos e seria a melhor esposa e mãe na face da terra.

— Preste atenção, meu bem — Hazel lhe disse quando a festa terminou e as moças voltaram à rotina da espera —, se Danny não aparecer, você tem de trabalhar.

Rachel fingiu não ouvir. Estava sentada à mesa, cuidadosamente alisando e dobrando o papel de presente em que seu livro fora embrulhado. Ela o guardaria em sua caixa de charutos de lembranças especiais, uma caixa semelhante àquela que a mãe guardara debaixo da pia.

-Veja bem, não é porque é seu aniversário que eu tenho de lhe dar privilégios especiais. O senhor Atkins está na cidade e ele vai querer você.

Rachel sentiu o estômago revirar. O senhor Atkins era um vendedor itinerante de Bíblias e um dos clientes menos apreciados. As garotas adoravam o fato de ele ter se apegado a Rachel; isso as poupava da tarefa desagradável de servi-lo. E o motivo pelo qual ele gostava tanto de Rachel era o **seu dis**tanciamento. Ele gostava do **modo como eIa** se deitava quieta e **parada. E ele** gostava que ela cruzasse **os braços sobre os seios** antes que ele **começasse; ele** pedia que ela fechasse os olhos. Para Rachel, aquilo não era difícil de fazer, mas ainda a enojava.

- Danny estará aqui - respondeu com suavidade. - Já ouvi isso antes — replicou Hazel.

Quando a patroa se foi, Eulalie, parada diante da lavadora quente e cheia de sabão, murmurou:

- Deus! Que vento! Acho que o vento do norte está chegando! E não é que precisamos de um pouco de chuva? - olhou para Rachel e disse com suavidade: -Não deixe aquela vaca velha amolar você, criança. A gente pode ser feliz pelo menos no dia do aniversário... E Danny vai vir, se Deus quiser e o rio não encher!

Rachel não permitiria que Hazel atrapalhasse seu bom humor. Danny viria. Claro que muitas vezes nos últimos dois anos, ele se esquecera, ou ficara preso em algum compromisso que ele e Bonner tinham, e depois as tarefas da escola vinham tomando tanto do seu tempo e energia... Mas ele a amava e viria para o seu aniversário.

Além disso, Rachel se disse com força renovada, agora que estava grávida, nunca mais iria para a cama com nenhum outro homem. Danny a levaria dali. Aquela noite.

- Ei, menina! - era a voz de Belle da soleira da porta. - Bela festa.

Rachel se virou para as duas amigas e lhes sorriu. - Obrigada pelos livros. - Ah, quer saber? - Carmelita disse ao andar pela cozinha até o bule de café. - Não foi fáciil achar um livro que você ainda não tivesse lido! - E você, vai lê-lo?

- *Santa Maria!* Que professora rígida! Um ano antes, para surpresa e alegria das duas, Carmelita se mostrou uma aluna esperta. Rachel a fez ler o alfabeto em uma semana, e os livros de Dick e Jane no mês seguinte. Em pouco tempo, Carmelita leu os livros da escola primária, e finalmente chegou aos romances adultos. Demorava um tempo, e ela costumava tropeçar nas palavras, mas ela conseguia ler livros inteiros da biblioteca em duas semanas, mais ou menos. Gostava de romances históricos e da época bíblica e as histórias dos santos. Enquanto se servia de café, acrescentando creme e três colheres de açúcar, Carmelita puxou diversos envelopes grossos do seu quimono de seda falsa e acenou para Rachel.

— Tenho mais seis para enviar...

Rachel ficou feliz. A primeira coisa que a amiga fez com a nova habilidade de escrever foi escrever uma carta para uma revista de palavras cruzadas perguntando se eles se interessavam por cruzadas de números aceitaram, e ela recebeu cinco dólares

pela primeira cruzada. Hoje em dia, Carmelita estava sempre pensando em novos e enviando-os com regularidade. Ela colocava o dinheiro numa conta do banco. Rachel desejou que ao menos Carmelita tivesse autoconfiança suficiente para abandonar Hazel e buscasse maior instrução. Com a sua habilidade natural para os números, e a sua fantasia de um trabalho respeitável num escritório, não havia por que não tornar o sonho de Carmelita uma realidade.

Mas, infelizmente, como a maioria das moças da casa, Carmelita fora surrada e abusada até acreditar que ali era o seu lugar.

A única outra garota, além de Rachel, que não partilhava dessa idéia, era Belle.

Belle permanecia firme em sua convicção, com sua aparência de Susan Hayward, que fora feita para coisas melhores, que aquilo era apenas ponto de passagem. Um lugar para juntar dinheiro e esperar sua hora. E ela esperava sua hora acompanhando os filmes e sonhando. Naquele dia, usava um lenço na cabeça para esconder os 125 grampos que mantinham seus cachos curtos no lugar. Quando o corte poodle ficou na moda, Belle logo o adotou. Assim como os sapatos Capezio e os cintos largos de plastico. Com o advento da televisão, e mais especificamente com a instalação de um aparelho na "recepção" de Hazel, Belle conseguia se atualizar rapidamente em relação aos mais recentes estilos. Agora, ela seguia os exemplos de Dorothy Kilgallen e Lucy Ricardo. Um dia, Hollywood a chamaria. E ela não queria parecer uma caipira.

Rachel se levantou e foi para a porta da cozinha. Da recepção vinha o som de "Mr. Sandman" do rádio. Algumas vozes graves se misturaram às risadas femininas. Era fim de tarde e os negócios estavam começando a esquentar. Fechando a porta com suavidade e se apoiando nela, ela olhou para as amigas.

Sentiria saudades de Belle e de Carmelita quando Danny a levasse. Claro que, se encontrassem uma casa em San Antonio, ela voltaria para visitá-las e levaria o bebê e todas as meninas o paparicariam. Seu bebê seria muito sortudo por ter tantas tias para amá Io.

E talvez, de vez em quando, ela pudesse deixar o bebê com Danny para ir à cidade com Belle e Carmelita como costumavam fazer, entrando no ônibus e indo à farmácia para comprar revistas e pó compacto da Coty. As três gostavam de passar as terças-feiras sentadas na bancada da farmácia inventando misturas de sorvete. As de Rachel eram sempre as melhores, com cobertura marshmallow, castanhas, três sabores de sorvete e uma cereja no topo. As vezes, entravam garotas bem-criadas, vestindo saias rodadas com camadas de anágua por baixo e eram chamadas de "senhoritas" pelo proprietário, tendo portas abertas por rapazes bem apessoados. Belle, Carmelita e Rachel observavam essas moças bem-criadas e desejavam secretamente tal tipo de respeitabilidade. De vez em quando, se alguém olhasse na sua direção, Rachel sorria, mas nunca recebia um sorriso em retribuição. Não importava se estivessem limpas e vestidas decentemente em suas saídas às terças-feiras, nunca conseguiam disfarçar que eram escória. E os bem-criados nunca se misturavam com a escória. Aquelas outras garotas, com rabos de cavalo atrevidos e conversas sobre danças e jogos de futebol, passavam pelas três em direção à caixa registradora sem nem perceber que estavam lá.

Parada à porta da cozinha, Rachel olhou para as duas amigas e disse baixinho:

- Tenho uma coisa para contar.

Belle folheava uma revista *Life* bem manuseada. - O que, menina?

O coração de Rachel saltava de tanta excitação.

- Vou ter um filho. Carmelita girou sobre os calcanhares. - O quê?

- Vou ter um filho. Não é maravilhoso? As duas trocaram um olhar. - E então? - Rachel mal conseguia conter sua animação. - Danny já sabe? - perguntou Carmelita.

- Vou contar hoje à noite. Ele vai me levar para jantar. Em algum lugar especial á margem do rio. Pensei em esperar até lá. - O que vai fazer? - perguntou Belle, abaixando a revista. - Fazer?

- É, você sabe... continuou Carmelita.— O que você vai fazer? Rachel olhou intrigada para as duas.

- A respeito de quê?

As duas trocaram mais um olhar rápido, e Carmelita se aproximou para segurar a mão de Rachel.

—Venha aqui, amiga — disse baixinho. — Precisamos conversar.

Franzindo o cenho, Rachel se juntou às amigas na mesa.

- Pensei que ficariam felizes por mim - disse. - O que foi?

- Menina, é que... - disse Belle. - Não achamos que Danny vá gostar disso.

- O quê? - Rachel riu. - Só podem estar brincando! Só falamos nisso, em quantos filhos vamos ter! Até já sabemos onde vamos comprar nossa casa, assim que ele terminar a escola e tivermos dinheiro suficiente.

Belle trocou um olhar com Eulalie à pia enquanto Carmelita desenhava círculos com o dedo sobre o tampo da mesa. Elas não conseguiam entender como Rachel, mesmo depois de dois anos no bordel de Hazel, ainda seguia ser tão ingênua!

Quase todas as garotas tinham "namorados" — homens que as levaram para lá, vinham visitar ocasionalmente, e levavam seu dinheiro embora. Existiam diversos tipos de encenação, muito fingimento e decepções, mas em seus corações, todas as garotas sabiam o que esses namorados **eram na** realidade. Cafetões, gigolôs, malfeitores. Nada mais. Usavam a lábia com as mulheres, viviam às suas custas, exploravam-nas, assim como Danny fazia, assim como o Manuel de Carmelita fazia. Não eram os parceiros ideais, não eram maridos respeitáveis, que era o que todas as garotas preferiam, mas eram, no fim das contas, homens. E as mulheres precisavam homens. Para ter uma identidade, para ter proteção. Uma mulher **simples**mente não podia ficar só. Uma mulher sem homem tinha, de algum modo, fracassado, era uma pessoa incompleta, uma mulher "ignorada". Os homens davam significado às mulheres, um lugar no mundo; mesmo sendo sua meretriz, ela pertencia a um homem e era isso o que importava.

Mas Rachel levara a coisa muito a sério. Acreditara de fato na conversinha de Danny. Cega, deixou passar todos os seus milhares de defeitos vendo somente o cavaleiro de armadura que a salvara em El Paso. *Maldição,* pensaram ao mesmo tempo Carmelita e Belle. A pobre garota estivera tão desesperada que teria se apaixonado pela primeira coisa que lhe tivesse mostrado um pingo de gentileza. Até mesmo um cachorro.

O que, por acaso, era o que as duas pensavam que Danny Mackay era.

- Bem, vocês estão erradas — disse Rachel, triste e magoada que suas melhores amigas estivessem agindo daquele modo. Elas simplesmente não conheciam Danny como ela conhecia. Ele ficaria extasiado com a notícia.

- *Você está o quê?* - gritou Danny. A alegria de Rachel desapareceu. - Eu disse que estou grávida. Ele socou o volante.

- Não acredito, merda! Como isso foi acontecer? Ela começou a retorcer as mãos. - Não sei, Danny. Não foi de propósito. Sabe como sou cuidadosa. Mas, bem... NaqueIa noite em que estivemos juntos, eu estava tão feliz que me esqueci de...

Ele a encarou.

- Está tentando me dizer que é *meu?*

Ela se encolheu diante do terrível olhar dele.

- Meeerda! - murmurou ele, batendo no volante de novo. — Não acredito nisso. Simplesmente não acredito. Mas que droga, Rachel! Bem quando as coisas começavam a melhorar para mim. A escola, os meus planos...— ele se voltou para ela com um olhar que lhe era desconhecido. E que a aterrorizou. - OK. Então o que você quer que eu faça?

- É você me contou por algum motivo. O que espera que eu faça? Distribua charutos.

- Pensei que nos casaríamos...

Ele lhe deu as costas e ficou olhando para a calçada.

- Não acredito nisso! Merda! Bem, não vamos nos casar, portanto, tire isso da cabeça.

- Mas, Danny implorou, tocando-o.- Pensei que, um dia, acabaríamos nos casando. E agora, se não nos casarmos, o bebê será ilegítimo! Ele voltou a encará-la com um olhar de descrença.

- Você ganhou o prêmio, sabia? Quero dizer, merece palmas! Sabe que não posso me casar agora. Tenho mais um ano na escola, e depois tenho de encontrar um meio de me realizar. Não quero esposa e filhos, pelo amor de Deus! Ela começou a chorar. Estava tudo dando errado. Não foi assim que ela imaginou que seria. Imaginara um abraço amoroso, garantias de que tudo daria certo, talvez uma passada na fronteira para um casamento relâmpago, e depois uma casinha, os gerânios.

Ele deu partida no carro.

— Aonde vamos? — perguntou subitamente cheia de esperanças o medo ao mesmo tempo.

Ele não respondeu. Apenas dirigiu o velho Ford em absoluto silêncio. Rachel queria afundar no estofamento rasgado e desaparecer. E não conseguia segurar o choro contido, o que parecia deixá-lo ainda mais irado.

Para a sua surpresa, estacionaram diante da casa de Bonner. Lá estavam os sempre presentes varais dos fundos, o som da máquina de lavara roupa. Fazia dois anos que Rachel não voltava lá. E agora se agarrava à esperança insana de que ele decidira deixá-la com a senhora Purvis até o nascimento do bebê. Sim, ela poderia fazer aquilo. E ajudaria a pobre mulher com a roupa suja...

—Fique aqui — ordenou ele ao sair.

Ele o observou entrar e sentiu a ansiedade aumentar. Sentiu-se subitamente sozinha, mais sozinha do que naquela noite de fome em El Paso, mais sozinha do que nunca na vida.

Ele saiu de lá alguns minutos mais tarde, com o corpo rígido, os abruptos. Entrou no carro, ainda em silêncio, mexeu no câmbio e saiu na direção oposta ao estabelecimento de Hazel.

O "vento do norte" de Eulalie chegara a San Antonio, por isso uma chuva fria estava começando a cair. Danny dirigia como um louco, **acelerando** em ruas desertas, cantando os pneus em curvas, até chegar a um cruzamento ao longo do rio onde depósitos trancados se impunham num silêncio agourento. Ele parou o carro diante de um prédio decadente de tijolos e disse: — Saia.

—Onde estamos, Danny? — um medo inominado a fez se agarrar ao banco do carro. - O que é *esse* lugar, Danny?

— Apenas agradeça à sua estrela da sorte por eu ter conexões.

— Conexões... — ela fitou o prédio antigo, o lance de escadas, a luz amarela no topo. — Não, Danny! — exclamou. — Isso não!

-Você não pode fazer nada, Rachel.Vai ter de se livrar disso.

— Não! — gritou com as mãos sobre o ventre num gesto protetor. Quero o meu bebê! Danny, por favor! Não mate o meu bebê!

Ele a puxou para fora. **Rachel caiu de joelhos** no chão.

- Grite o quanto quiser — disse ele —, ninguém vai ouvir você. E estou avisando. Se não fizer isso, nunca mais vai me ver.
De quatro no chão, ela levantou o olhar. Ele se impunha como uma torre. Ela nunca percebera o quanto ele era alto.

De repente, uma voz entrou em sua cabeça, tão clara que era como se houvesse um alto-falante ao seu lado. Era a voz da mãe que lhe dizia:

- Um dia, quando for mulher, vai se apaixonar e vai entender tudo. Vou ficar com seu pai, não importa o que ele faça comigo. Rachel se pôs de joelhos, agarrando-lhe as pernas.

- Por favor, Danny - soluçou. — Não me obrigue a matar o meu bebê. É tudo o que tenho no mundo e eu já o amo. E ele me ama, eu sei que me ama. Quero tê-lo e fazê-lo feliz.

- Venha - respondeu num tom entediado. - Não temos a noite toda. E temos sorte que ele a receba em cima da hora. Ele é muito ocupado. Ela viu as janelas pintadas de preto. - Ele é médico - ouviu-se perguntar.

- Isso importa? Veja bem, Rachel. Ele já fez isso centenas de vezes.E vai fazer isso para nós por um custo baixo.

Ela o encarou.

- Por favor, Danny. Faço qualquer coisa, juro. Serei boa daqui por diante. Farei tudo o Hazel pedir. Tudo o que os clientes quiserem. Só não... Não me faça matar o meu bebê.

Ele a segurou pelo braço e a levantou do chão. Ela mal conseguia lutar.

Aquilo estava se transformando num pesadelo, não podia ser real. Sentiu-se sendo levada por forças que ela não conseguia combater, subindo aqueles degraus horriveis, através das portas marrons, até uma sala abarrotada de engradados e mobília coberta por lençóis empoeirados. Ela viu Danny seguir até uma porta oposta e bater, e também murmurar algo baixinho. Ela ouviu uma tranca girar e a porta abrir. Uma luz amarelada doentia reluziu

- Eu já estava quase saindo, Danny — uma voz masculina disse com familiaridade, como se ele e Danny fossem velhos amigos.—Tenho uma coisa para fazer. Mas, por você, arranjo tempo. Quem é desta vez? - Você não a conhece - ele se inclinou e sussurrou algo no ouvido do homem.

Rachel, olhos arregalados, olhou para Danny. *Quem é desta vez?*

O homem recuou um passo para que ela entrasse.

— Tire a saia e a calcinha, e as meias, se as estiver usando. Deite-se naquela mesa.

Ela não se mexeu.

—Entre - Danny ordenou.

Ela o fitou. Aqueles olhos verdes debaixo das pálpebras semicerradas pareciam alcançá-la do outro lado do cômodo e dominá-la. Rachel sentiu o seu poder, aquele magnetismo de Danny Mackay, ao qual ela nunca conseguiu se opor. Fez o que lhe disseram. Enquanto tirava a roupa, o recato a fez manter a blusa e o sutiã, ela viu o desconhecido distribuir uns instrumentos de metal numa bandeja médica que estava cheia de uma solução de cheiro forte. O lençol sobre a mesa estava limpo, e havia uma pilha de toalhas limpas ao pé dela. Também havia, e lhe pareceu estranho até ela entender, uma caixa de absorventes.

-Tome - disse o estranho, entregando-lhe um copo de água e dois comprimidos. - É para aliviar a dor.

Por um instante, seus olhares se cruzaram, e naquele momento ela entendeu que ele não era um homem mau. Ele tinha um rosto até gentil, como o de um ursinho de pelúcia, com olhos carregados de desculpas e uma barba rala. *Ele também é uma vítima,* ela pensou.

Ela tomou os comprimidos e se deitou de costas na mesa.

- Abra as pernas - disse Danny. - Passe-as por cima destas coisas.

Rachel nunca esteve num consultório médico antes. Não sabia para que serviam os estribos. Danny teve de ajudá-la enquanto ouvia o estranho lavar as mãos.

—Pode se apressar? — perguntou Danny. — Já estou atrasado.

— Preciso esperar para que o remédio surta efeito. Senão ela vai gritar a valer.

—Que grite. Ninguém vai ouvir.

— Danny - murmurou ela, segurando-lhe a mão. — Danny, por favor, não fale assim. Por favor, não mate meu filho.

—Ei — interveio o estranho. — Isto vai contra a vontade dela?

— Apenas faça, está bem?

— Não forço ninguém a fazer isso, e você bem sabe disso, Mackay. A garota tem de vir por vontade própria. Senão, não faço.

—Eu disse para **fazer.**

i - Leve-a daqui. Não faço aborto numa garota que não quer. Droga, Mackay, o negócio já é bem arriscado! A minha licença corre perigo toda vez que faço uma dessas curetagens! Garotas que vêm porque querem ficam caladas. Como vou saber que esta aqui não vai dar com a língua nos dentes?

- Eu garanto. E garanto outra coisa: se não fizer logo isso, vou mencionar o seu nome nas ruas. E aí vamos ver como você vai manter a sua licença.

Houve um instante de silêncio opressor. Rachel fitou o teto manchado e visualizou dois cervos com os chifres entrelaçados. Por um instante, ela teve esperanças. Rezou. Deus, por favor, permita que eu fique com o meu bebê. Prometo ser boa pelo resto da vida. Nunca mais vou ser uma prostituta. Mas ela ouviu o desconhecido dizer:

- Está bem.

Ela manteve os olhos fixos no teto, mas eles estavam marejados.

- Não, Danny - ela sussurrou. - Não faça isso comigo. Deixe-me ficar com o meu bebê. Eu vou embora. Prometo que você nunca mais

Danny olhou para ela, deitada. Ele se impunha em toda a sua altura, suave e belo. A luz familiar estava em seus olhos, uma luz que Rachel conhecia muito bem. Ela significava que ele estava no controle; nem ela, nem o estranho que faria o aborto teriam como enfrentá-lo. E então, numa previsão, ela viu como Danny seria no futuro. E isso a assustou.

E Rachel sentiu os dedos do estranho entrarem no lugar em que ela sentiu os dedos tantos outros desconhecidos. E ele disse: - Hum, tatuagem interessante. O que é, uma borboleta? E Danny respondeu:

- Acabe logo com isso.

O desconhecido estava certo, ainda era cedo demais. O remédio ainda não surtira efeito quando a cureta entrou em contato com a membrana delicada de seu útero. Rachel deu um grito tão alto e agudo que Danny pareceu alarmado.

Um zumbido surgiu e pareceu engolfá-la. Ela se tornou a dor, a agonia. Era como ele tivesse enfiado uma tocha acesa em seu interior. *Meu bebê!, sua mente clama*va. *Não posso salvá-lo! Não posso ajudá-lo! Ela começou a* se debater na mesa. Danny teve de se deitar sobre ela para imobilizá-Ia. Mas ela nem o notava. Ela se viu sendo sugada num túnel escuro; havia o som do vento em seus ouvidos. Ela se lembrou de todos aqueles homens que invadiram seu corpo — seu pai, Danny, os clientes de Hazel, e agora aquele estranho com os instrumentos assassinos.

Enquanto sentia a vida sendo sugada do seu corpo, ela sentia SUA ALMA chorar na derradeira das violações e degradações - homem punindo mulher por aquilo que era seu estado natural —, enquanto ela sentia a vida em seu íntimo morrer lentamente, a diminuta vida, e a sua própria, ela viu uma onda gigante e sombria rolar em sua direção. Era como um mar escuro e malevolente. E no fim, o que sobrou foi o ódio. Rachel Dwyer subitamente descobriu o que era o ódio. E também descobriu as juras. Nunca mais, prometeu a si mesma enquanto ouvia os instrumentos caírem na

bandeja e as luvas de borracha sendo puxadas das mãos do desconhecido, nunca mais um homem entraria em seu corpo.

E assim tudo terminou. Não demorou muito. Uma enxaguada ardente que doeu quase tanto quanto a raspagem, e logo o estranho estava abaixando as suas pernas.

Danny teve de carregá-la até o carro, pois ela não conseguia andar. O que quer que fossem aqueles comprimidos, eles eram fortes. Ela começava a sentir uma dormência peculiar invadir seu corpo. Pensou que estivesse voando pelas escadas. Havia uma coisa grossa e desconfortável entre as suas pernas; sabia que era por causa do sangue.

Dirigiram em silêncio. Ela sentiu lágrimas e soluços querendo ser libertados, mas, por algum motivo, ela não conseguia chorar. Não ali.

Quando pararam na frente da casa de Hazel, Danny não saiu do carro. Em vez disso, com o motor ligado, ele se virou para ela.

—Saia e vá dormir.

—Danny - murmurou ela. -Você matou o nosso filho.

—Vocês, mulheres, fazem tempestade em copo d'água. Você deveria estar de joelhos, agradecendo-me por tirar você dessa confusão. Como pensou que conseguiria trabalhar de barrigão? Em três meses, Hazel a jogaria a pontapés pela porta. Eu lhe fiz um favor, vadia mal-agradecida!

—Não entendo.

—Saia daqui, está bem? Deus, fico enojado só de olhar para você. E isso desde o primeiro dia em que a trouxe para cá.

—Danny!

— Onde estava com a cabeça, afinal. Por que acha que eu vinha **visitá-la?** Porque eu queria? Deve estar louca! Era porque Hazel me ligava para dizer que você não estava cooperando e que eu deveria colocá-la na linha. Toda vez que você desgarrava, ela me ligava...

- Não! Danny!

- E só bastava uma noite comigo para que você voltasse a cantar como um passarinho novamente. Agradando os clientes a não poder mais, até voltar a ficar mal-humorada. Ela tampou os ouvidos com as mãos. - Não! Não é verdade! Você me amava!

- Jesus! Acha que eu sou cego ou burro? - ele segurou seus pulsos e afastou as mãos da cabeça.-Você é feia, Rachel! Acha que eu poderia amar uma mulher tão feia como você? Acha que algum homem conseguiria? - Pare, por **favor...**

- Eu sabia que Hazel faria uso de você porque tem clientes com gostos estranhos - Danny disse friamente. Seus olhos a apunhalaram quando a fitaram.

Rachel percebeu que o via pela primeira vez na vida. - Você faturou um bom dinheiro para mim, garota. Com o que você ganhou, consegui voltar para a escola e fazer alguma coisa por mim. Mas não preciso mais de você. Tenho maneiras melhores e mais garantidas de ganhar dinheiro agora. Você só foi um degrau na minha vida. e agora vamos seguir caminhos opostos.

- Então por que me deixou ficar com o meu filho!

- Porque vou subir alto. Olhe para este rosto e lembre-se dele. Ouça este nome e lembre-se dele também. Danny Mackay. Vou ser um grande homem, um dia. Vou ser alguém que todos conhecerão e admirarão. Terei poder. E não quero nada no meu passado pesando sobre a minha cabeça. Daqui a muitos anos, quando eu tiver milhões, não vou querer que se aproxime de mim com o nosso bastardo, tentando me chantagear. Agora você não tem mais nada sobre mim. Nem mesmo preciso dizer que a conheço. Agora saia do meu carro.

- Não pode estar falando sério! - ela soluçou.- Está mentindo. Você me amava. Sei que sim.

- Amor! Você era uma esquisita, Rachel. Com seu nariz enfiado nos livros o tempo todo. Como aquele marciano que você lia em El Paso. Você teve a audácia de ler naquela noite

em que eu fiz amor com você pela primeira vez. Como se você fosse mais importante do que eu. Por isso eu o joguei fora!

Ela se calou de repente. Encarou-o.

— O meu livro? — sussurrou, pensando no capitão Wilder e em como ela se apaixonara por ele.

O capitão Wilder jamais teria matado o seu bebê.

—Rachel - ele disse parecendo cansado. - Você pode, por favor, sair deste carro?

— Sim - ela disse melancólica. -Vou sair. Mas, antes disso, quero lhe dizer uma coisa. Acabou de mencionar a primeira noite que fez amor comigo. Sabe de uma coisa? Eu tinha catorze anos e era virgem. Desde então, tive centenas de homens. E quer saber? Você é péssimo de cama, Danny.

Ele a esbofeteou com tanta força no rosto que a testa dela bateu no console do carro.

Quando ela levantou a cabeça devagar, havia um filete de sangue ESCORrendo pelo seu rosto.

-Acha que esta vai ser a última vez que me vê, Danny Mackay. Mas não. Algum dia, vou fazer você pagar pelo que fez comigo.

A boca com a pequena cicatriz se ergueu num sorriso de lado.

—E como é que *você* acha que vai se vingar de *mim?*

-Você disse que é um homem que vai alto. Bem, eu sou uma **mulher** que também vai subir. Um dia, serei rica e poderosa também. Só que mais rica e mais poderosa do que você.

Ele jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— É mesmo? E como vai ganhar seus milhões? Como prostituta? Preste atenção, queridinha, com a sua aparência, você jamais vai sair do bordel da Hazel. Vai estar aqui e fazer sexo oral até o dia em que morrer. Agora - ele se esticou, abriu a porta e lhe deu um empurrão -, fora!

Ela caiu estatelada no chão. Quando ele bateu a porta e colocou o carro em movimento, Rachel olhou para ele uma última vez, memorizando-lhe o rosto, queimando o nome de Danny Mackay no coração. *Lembre-se do meu nome,* ele dissera.

Ela lembraria. E mais uma coisa a respeito do que faria até o dia da sua morte - e isso não seria trabalhar para Hazel. Ela viveria para uma coisa e uma coisa somente: vingar-se de Danny Mackay.

13

- Você vai ser a minha mamãe? — a garotinha perguntou ao tentar passar os braços ao redor do pescoço de Linda.

Segurando os pobres bracinhos enfaixados,a doutora Linda Markus voltou a colocá-los debaixo das cobertas e disse: - Você tem um papai muito bonzinho para tomar conta de você. Você não ama o papai?

- Sim... - a menina de seis anos de idade franziu o cenho. — Mas eu gostaria de ter uma mamãe também.

Linda sorriu, afagou o cabelo da menina — o que se salvara depois do incêndio - e se levantou da cama.

- Volto amanhã para ver como você está, que tal? A boca cheia de cicatrizes se ergueu em um sorriso.

- Joinha - disse a menina.

De volta ao balcão de enfermagem, Linda fez algumas anotações no prontuário da menina. Ao seu lado, folheando os cartões de cuidados da enfermagem, estava a enfermeira-chefe.

- Como ela está, doutora?

- Os enxertos de pele estão pegando bem. Acredito que ela possa ir para a enfermaria na semana que vem. - Espero que sim. Precisamos do leito.

A doutora Markus parecia deslocada na Unidade Infantil de Queimados do Hospital Santa Catarina. Mesmo tendo pegado emprestado um jaleco branco para colocar sobre o vestido de gala enquanto fazia a ronda, o cabelo estava preso em um penteado elegante e decorado com flores, os brincos capturavam as luzes antissépticas e o estetoscópio partilhava o pescoço com um colar de brilhantes. Linda estava a caminho de uma festa em Bervely Hills com Barry Greene, o produtor de TV, mas tinha passado no hospital para dar uma última olhada em suas crianças antes de fechar a noite.

- O doutor Cane receberá as minhas chamadas - informou à enfermeira. - Porém duvido que apareça alguma coisa.

A enfermeira deu um sorriso de quem já conhecia aquela história.

- Nada acontece quando você entrega o bipe para outra pessoa. Mas assim que o recupera, *bang*. *Vou* lhe dizer uma coisa, doutora, já fui chamada em algumas circunstâncias bem interessantes...

Pensando no Butterfly e na interrupção do seu encontro com o LADRÃO, Linda riu e disse:

- Um dia desses vamos ter de comparar as nossas histórias!

Concluído o trabalho no hospital, ela devolveu o jaleco para a prateleira de visitantes, dobrou o estetoscópio dentro da bolsa de festa, e tomou o elevador para descer até o saguão de entrada, onde Barry Greene aguardava impacientemente.

Era um homem bonito, Linda considerou. Em seus cinquenta e poucos anos e parecendo em forma em seu smoking,Barry Greene também era inteligente e generoso, e tinha o dom do bom humor. Linda sabia que poderia se atrair por ele se abaixasse a guarda. Mas ela tinha de se segurar, temendo que um possível relacionamento sexual com Barry acabasse em desapontamento.

- Hospitais! - disse ele ao passarem pela porta de entrada para saírem na noite. - Odeio hospitais!

Linda riu.

- *Você* diz isso? O criador e produtor do mais popular programa hospitalar da televisão?

- O que posso dizer? Sou masoquista.

Linda se acomodou no banco de passageiros da limusine enquanto o motorista segurava a porta aberta, e quando Barry se acomodou ao seu Iado, e se serviu de um drinque do barzinho, ela não conseguiu deixa de olhar para o quarto andar do prédio - Unidade Infantil de Queimados.

Você vai ser a minha mamãe?

Só Deus sabia o quanto ela gostaria de ser, Linda pensou quando a limusine se misturou ao trânsito da autoestrada na Costa do Pacífico. *Fazer filhos, porém, requer sexo*, *e acontece que sexo é um problema para mim. Ela observou* o oceano escuro se estender pelo horizonte estrelado e pensou novamente no Butterfly. E em seu acompanhante.

E anterior, ele foi um soldado confederado. Na quarta-feira seguinte ele seria outra pessoa - alguém tão especial e excitante que Linda mal conseguia esperar para que aquela noite chegasse. Seria uma fantasia maravilhosa e singular, e ela estava se esforçando para se envolver por ela a fim de poder acreditar que daria certo.

- Você está muito distante - Barry comentou ao seu lado. Surpresa, ela o encarou. Depois sorriu. - Só estava pensando nas minhas crianças. Pobres queimados. Ninguém sabe o que é ser queimado até ter passado pela experiência. Aquelas crianças precisam de cuidados superespeciais. - E estou certo que você lhes dará isso. - Sim - respondeu, olhando para o sorriso de Barry Greene. Ele era um homem bonito, e era animador para Linda sair com alguém que não fosse do ramo médico. E ela também gostava de estar com pessoas que, como ela, estivessem no comando, tivessem poder. Seu grande círculo de amigos era composto por homens e mulheres que tinham força, e Barry Green inegavelmente era uma das pessoas com mais poder que Linda já conhecera. Aquele era o primeiro encontro deles; ela se perguntou se ele lhe pediria para saírem de novo e se ela aceitaria.

A casa na colina estava tão iluminada que mais parecia o Parthenon à espera dos turistas. Beverly Highland era conhecida pelas festas fabulosas que oferecia; ninguém recusava um convite seu. Como resultado, a fila de carros passando pelos imensos portões de ferro se estendia do Bulevar Sunset por toda a extensão da estrada Beverly Canyon até o alto da Mansão Highland. A limusine de Barry se uniu ao cortejo, e eles demoraram mais quinze minutos até chegarem aos degraus da entrada da casa. Empregadas cumprimentavam os convidados que chegavam, recebendo os casacos e xales, e entregando às senhoras pequenos arranjos de buquês de rosas de inverno.A parte central da festa foi organizada nos jardim elevados nos fundos onde, debaixo de um toldo listrado, uma banda New AGE TOCAVA Kitaro e Vangelis. Debaixo de um baldaquino maravilhoso fora disposto um banquete: longas mesas envergavam sob o peso de peças enormes de presunto com mel, rosbife malpassado, costelas espetaculares, cada um deles com um *chef* em dólmãs brancos prontos a servir com facas de trinchar. Enquanto Linda emergia pelas portas duplas e saía para o ar fresco da noite, ela viu saladas lindamente decoradas, esculturas de gelo fabulosas, réchauds mantendo alimentos quentes. Empregadas circulavam por entre os convidados com travessas de canapés: uvas rubi recheadas com gorgonzola, crepes com geléia de pimentão verde,

camarões, ostras, queijos, ovos extravagantes - um verdadeiro banquete antes mesmo que os convidados chegassem à tenda do jantar. A maioria das festas de Beverly Highland era beneficente, a daquela noite não era exceção. Aquela angariaria fundos para a campanha do fundador e presidente do Ministério da Boa Nova, um famoso evangelista da TELEVISÃO que esperava ser candidato na eleição presidencial daquele ano. Esperando concorrer levado pela máxima da Decência Moral, o carismático reverendo estava muito à frente dos outros em popularidade e parecia ter boas chances de vencer a nomeação Republicana em junho. E com tantas pessoas dispostas a pagar quinhentos dólares pelo privilégio de provar as artes da famosa cozinha da senhorita Highland e se misturar a celebridades, a noite de gala geraria uma doação de campanha considerável, disso Linda não tinha dúvidas. Na senhorita Highland, o reverendo tinha um grande apoio. Todos sabem que as campanhas demandam dinheiro, muito dinheiro; e as convenções pré-primárias acontecendo em outros estados por todo o país davam SINAIS DE muito investimento para o reverendo. Se ele vencesse a nomeação em junho, ele deveria uma boa parte do sucesso ao apoio vigoroso de Beverly Highland. Linda não conhecia a socialite muito bem; só se conheciam brevemente de vários eventos de caridade. Mas Linda também tinha ouvido que ninguém conhecia, de fato, Beverly Highland muito bem. Quando não em evidência, ela parecia uma reclusa, sem casamento nem vínculos, ainda que seu nome estivesse frequentemente ligado nas colunas de fofocas com os de senadores e dirigentes corporativos.

Linda localizou a bela Beverly se movimentando entre os convidados de seu terraço extravagante que, segundo diziam, foi projetado em HOMENAGEM a um em Versalhes. De onde Linda estava, a mulher não parecer ter 51 anos. Seu cabelo platinado estava puxado para trás para enfatizar a beleza e a força de seu perfil, e ela usava um vestido preto longo e simples com um xale em marta por causa do ar fresco da noite de fevereiro. Deixando Barry com um amigo diretor de cinema que ele vinha tentando encontrar nas últimas semanas, Linda saiu caminhando para o pátio em meio à multidão.

Os nome compunham uma lista estelar. Astros de cinema, claro, e sem dúvida um grande número de pessoas importantes da Indústria de Entretenimento cujos rostos não eram conhecidos pelo grande público. E também os políticos, alguns do alto escalão da Universidade da Califórnia, o chefe de cirurgias do próprio hospital de Linda, dois conhecidos cirurgiões plásticos, e muitos bajuladores. Pelo menos quinhentas pessoas, Linda estimou, todos adulando a graciosa Beverly Highland, que navegava entre eles, mesmo em ventos fortes, sem nem um fio de cabelo se desfazer do imaculado, ainda que antiquado, coque banana.

Linda estava para descer para junto da multidão quando um dos garçons que circulavam passou diante dela, carregando uma bandeja de prata com taças de champanhe. Linda olhou para ele, tentando lembrar se já não o vira antes, e quando entendeu de onde, ficou imobilizada. Ele era um dos acompanhantes do Butterfly.

0 Um ano atrás, assim que se tornou sócia, as sessões iniciais de Linda foram com homens sem máscara. A idéia de aumentar o anonimato além das medidas de segurança propiciadas pelo clube veio-lhe no terceiro encontro, quando lhe ocorreu que ela pudesse encontrar os acompanhantes acidentalmente no mundo exterior — na sala de emergência como médica deles, por exemplo! Todas as sessões desde então ocorreram com máscaras. Mas aquele jovem com bronzeado de surfista havia sido seu terceiro acompanhante. E lá estava ele, servindo bebidas na festa de Beverly Highland.

Linda o observou. Ele se virou de leve, olhou de relance para o seu lado, sorriu para os convidados, servindo champanhe, depois voltou a olhar na sua direção. Por um instante, seus olhos se encontraram. Mas em seguida ele continuou a servir, sem nem uma centelha de reconhecimento no rosto.

- Os nossos homens são da maior discrição - a diretora do Butterfly garantiu a Linda durante a entrevista há mais de um ano. — Não precisa temer que sua identidade seja conhecida, ou acabe se encontrando em uma situação embaraçosa.

Enquanto ela o observava se mover por entre vestidos de **gala e** smokings, Linda pensou novamente em seu acompanhante especial no Butterfly, seu amante mascarado, e na fantasia elaborada que estava **orquestrando para** a quarta-feira seguinte. Se funcionasse, e ela finalmente se curasse, como a doutora Raymond, sua analista, parecia acreditar que **aconteceria, então** Linda estaria livre para entrar em um relacionamento com **alguém como o** atraente Barry Greene, por inteiro e sem receios.

Olhou para Barry naquele instante e o viu profundamente envolvido em uma conversa com um homem e uma mulher. Pela sua **expressão, ela** julgou que estivessem discutindo sobre dinheiro. Resolveu, então, procurar algo para comer.

Servindo-se de ostras assadas em molho *mignonette* e aceitando uma taça de champanhe Cristal, Linda se retirou para uma cadeira na lateral da piscina, onde se sentou entre pessoas que conversavam tranquilamente *e outros* profundamente dedicados à comida.

Observou o garçom surfista. Ele usava um paletó vermelho **curto** e calças pretas justas. O cabelo loiro se curvava sobre o colarinho **da camisa imacula**damente branca. Movia-se entre os convidados com a **graciosidade e leveza** de um gato. Linda notou mais de uma mulher observando-o **com** apreciação. Lembrou-se da única ocasião na cama com ele, e isso **a levou** a p em seu acompanhante mascarado. A diretora lhe garantira que **não** ERA INCOmum que uma associada do Butterfly requisitasse o mesmo **homem** todas as vezes. Bem poucas sócias, na verdade, optavam por variedade **todas** as semanas. Afinal, um relacionamento seguro e sem ameaças poderia **se estabelecer,** confortável e sexualmente satisfatório, sem nenhum vínculo **ou promessa.** Como seria bom, Linda pensou desejosa, ter um **relacionamento desses** com alguém real, ter filhos com ele, envelhecer ao seu lado, **e** ansiar pelas noites que teriam juntos na cama. Não culpava os ex-maridos **por** quererem o divórcio. Linda sabia que era culpada por inventar desculpas - uma dor de cabeça, uma cirurgia muito cedo na manhã seguinte, exaustão depois de uma emergência que durou a noite inteira — e isso não era justo com eles.

A noite se estendeu. A multidão se movia como um mar desinquieto. Pessoas travavam contatos, evitavam contatos, exibiam-se e envaideciam-se, ou permaneciam relativamente escondidas, como a doutora Linda Markus, cuja mente estava em outro **lugar. Aceitou** um bolinho de **queijo** de uma bandeja que passava **e experimentou** a **unisse** de salmão, mas recusou com um sorriso as sobremesas calóricas e os licores. Enquanto bebericava café Keyna e observava Barry Greene passar de contato em contato, Linda se perguntou de novo se haveria um segundo encontro. Até então, ela e Barry se encontraram profissionalmente, no estúdio, repassando os roteiros semanais do Five North. E então ele perguntou se ela gostaria de acompanhá-lo àquela festa, e depois de alguma hesitação e um pouco de medo, ela aceitara. A música subitamente abaixou e Linda viu Beverly Highland subir no pequeno palco ocupado pela banda e levantar os braços pedindo silêncio. Incrível como tantas pessoas agrupadas conseguiam ficar em silêncio. Assim que as conversas e a música cessaram, pareceu que a cidade de Beverly Hills fosse desértica. Nenhum som chegava ao refúgio na colina. Bervely falou de modo seguro e confiante, explicando que o reverendo não pôde ir à festa - estava no hospital ao lado do filho caçula, que acabara de ser submetido a uma cirurgia de apêndice - e depois passou a resumir a plataforma de campanha do reverendo, garantindo aos convidados que eles estavam apoiando uma das causas mais nobres da nação na atualidade. - Vamos limpar nossas cidades — disse ela. - Com esse homem como presidente, e com o apoio do Ministério da Boa Nova, vamos varrer a sujeira da face dos Estados Unidos.

Houve aplausos e a música recomeçou. Barry se materializou ao lado de Linda, descupando-se por tê-la abandonado, garantindo-lhe que não fizera aquilo

intencionalmente, e quando entraram na limusine pouco depois e ele perguntou ela gostaria de ir para a casa dele para fechar a noite, Linda recusou, alegando ter uma cirurgia logo cedo pela manhã.

- Mais um grande sucesso, Bev — Maggie Kern disse ao seguir sua patroa ao topo das escadas em curva. Os últimos convidados tinham se retirado; os músicos estavam se aprontando para ir embora e a equipe de limpeza trabalhava silenciosamente pela propriedade sob o olhar atento dos seguranças da mansão. As duas mulheres entraram na suíte da Beverly, onde uma empregada francesa puxava os lençóis de cetim e colocava uma camisola de seda e renda sobre a cama. No enorme banheiro de mármore, outra empregada francesa preparava o banho de imersão de todas as noites, permeando o ar com o perfume de óleos exóticos, Maggie chutou os sapatos e caminhou pelo carpete grosso até uma mesinha onde um lanche tinha sido colocado. Servindo dois copos de *Perrier* gelada, ela entregou um para Beverly e depois se sentou cansada em uma poltrona estofada em seda azul clara.

- Sim, tivemos um bom resultado - respondeu Beverly ao ENTREGADOR xale de marta preto à criada. Depois ela se voltou para a mesa e escolheu um talo de cenoura de um prato onde havia uma seleção de vegetal crus frescos. Ela não tinha comido nada a noite inteira.

Maggie também não, tendo supervisionado a operação da festa, mas, diferentemente de sua patroa que estava sempre atenta ao peso, Ma serviu de uma porção generosa de pães, salmão defumado e queijo cremoso.

— E em três semanas — Beverly disse ao caminhar até a janela para observar a noite fria de fevereiro — teremos a primária de New Hamphire.

Maggie levantou a cabeça e, por um instante, seus olhares se cruzaram e se sustentaram. Em seguida, Beverly voltou a olhar para fora.

As duas sentiam a pressão de correr contra o tempo.

A secretária de 46 anos de idade observou a patroa por um bom momento. Via no corpo delgado de Beverly uma rigidez que traía a tensão e a ansiedade que devia estar sentindo. Isso vinha crescendo nela, nas duas, desde que o reverendo anunciara a possibilidade de concorrer à presidência. Maggie não se lembrava de uma época, nos vinte anos como secretária pessoal de Beverly, em que o reverendo não estivesse sendo observado atentamente. Ela nunca perdia um programa da Hora da Boa Nova; sabia de cada um dos movimentos dele. E agora que ele aspirava à Casa Branca, Bervely aspirava bem ao lado dele.

Na verdade, aquilo se tornara uma obsessão.

E aonde aquilo tudo levaria?, Maggie se perguntava ao abaixar o prato e recuperar os sapatos.

Antes de sair do quarto, parou de novo para olhar para a patroa. Bervely estava com aquele olhar distante, em transe. Maggie sabia que nem adiantaria lhe dar boa noite - ela não ouviria. Então, Maggie olhou para o calendário sobre a mesa e a data circulada em vermelho, 11 de junho. Estava tão perto agora, tão perto...

Alguns minutos mais tarde, Beverly se mexeu, dispensou as criada, trancou a porta, e andou lentamente pelo quarto com o copo de Perrier gelado na mão.

Sim, a festa foi um sucesso, Beverly conquistou muitos votos novos para o reverendo. Uma gota em um balde, claro para o bilionário Ministério da Boa Nova, que já tinha 1 milhão de seguidores. Conquistou os votos para ele, como mais um degrau na conquista dele pelo poder.

Não havia nada que Beverly Highland não fizesse para que ele chegasse ao topo. Dedicava-se a isso. E aquela festa era apenas mais um passo na escadaria que ela subiu tão ansiosamente. Onze de junho - faltava pouco menos de cinco meses. Enquanto as

pesquisas favoreciam o reverendo e previam um respeitável aumento nos votos, ele ainda não era o candidato nomeado. Dois outros Republicanos favoritos ainda estavam na dianteira. Se ele
pretendia conquistar a nomeação em junho, Beverly teria de intensificar a
sua campanha. Nada, absolutamente nada, poderia atrapalhar sua ambição. Ela se sentou na beira da cama e pegou a fotografia na moldura dourada que estava em sua escrivaninha. Seu sorriso lindo e cativante a alcançava detrás do vidro. A foto estava autografada; ele havia acrescentado "louvado seja Deus". Bervely tinha 51 anos de idade e mesmo que precisasse de outros 51, estava determinada a alcançar seu objetivo. O topo. O cume. Com o reverendo Danny Mackay.

14

Novo México, 1954

Danny Mackay, Danny Mackay, as rodas do trem pareciam SUSSURAR nos trilhos. *Danny Mackay, Danny Mackay...*
Quando o apito soou, Rachel despertou em um sobressalto. Vivenciou um instante de confusão - *onde estava? -,* porém, logo se lembrou, mudando desconfortavelmente de posição e olhando para fora da janela.
Deserto. Até onde a vista alcançava.

Já havia passado por ali antes, há quase dois anos e meio, mas a Rachel Dwyer que agora se encaminhava do Texas para Albuquerque era muito diferente da assustada de catorze anos que subiu no ônibus errado. Aquela garotinha magricela não fazia a mínima idéia de para onde estava indo. Mas a Rachel de dezesseis anos, a mulher que já tinha vivido uma vidda inteira, sabia exatamente o seu destino.
Certificar-se que, um dia, Danny Mackay pagasse pelo seu crime.
Quando uma onda de dor a acometeu, ela agarrou a barriga e prendeu a respiração. Quando a sensação abrandou, Rachel olhou para o relógio. Só fazia duas horas desde que tomara o último remédio. E não parecia ter surtido efeito algum. A dor vinha piorando. E também, ela notou alarmada o sangramento.

Olhando de relance para os demais passageiros do vagão - ainda bem que boa parte cochilava em seus lugares —, levantou-se e cuidadosamente seguiu para o banheiro no fim do corredor. Ali, seu alarme se transformou em horror quando viu a quantidade de sangue que perdia. Estava tendo uma hemorragia. Em pânico, consultou o relógio mais uma vez. O trem chegaria a Albuquerque em menos de uma hora. Ela desceria do trem e procuraria uma farmácia. E depois tentaria encontrar a mãe. Aquele foi o primeiro plano que fez ao deixar San Antonio: encontrar a mãe. Mesmo sabendo que os pais tinham deixado aquele estacionamento de trailers há dois anos, Rachel suspeitava que eles estivessem em algum lugar por perto. Quando Dave Dwyer levantava acampamento e se mudava, nunca ia muito longe, parava na próxima cidadezinha que tivesse um bar. Rachel tinha esperanças de que eles ainda estivessem no Novo México. Sua mãe tomaria dela.
A não ser por isso, os planos de Rachel eram vagos, o único específico era um longo prazo. Danny Mackay...
Depois de engolir outro comprimido de morfina, retornou ao seu lugar e se deixou cair. Os comprimidos eram de Carmelita, que um dia também se submetera a um aborto. Carmelita...
Rachel fechou os olhos e visualizou o belo rosto da amiga. Na manhã anterior, Rachel havia despertado em sua cama encontrando-a a fitá-la com os grandes olhos castanhos carregados de tristeza.
- Sinto muito, amiga, mas Hazel me mandou subir para avisá-la que deve empacotar as suas coisas. Ela disse que você tem de ir embora. Aqui está o seu salário. - disse a mexicana.
Ainda na névoa da sua provação da noite anterior, Rachel não estava entendendo muito bem.
- Para onde... - sussurrou, fraca demais para falar. -Vou para onde?
- Isso é com você, amiga. Você tem de sair daqui. De outro modo, ela diz que vai chutá-Ia para fora. E é o que ela vai fazer. Já a vi fazer isso antes.
Então a névoa começou a se dissipar.
- Quer dizer que Hazel está me expulsando?
Lágrimas reluziram nos olhos de Carmelita.
- Ela diz que não quer criadoras de caso em seu estabelecimento.

Contudo, Rachel sabia por que Hazel a expulsava. Danny **deve ter lhe** dito para fazer isso.
Belle e Carmelita ajudaram-na a juntar seus pertences **com lágrimas** rolando pelo rosto. Deram-lhe o tanto de dinheiro que podiam e depois a acompanharam de ônibus até a estação de trem, onde se abraçam e choraram juntas.
—Como eu gostaria de poder ir com você, amiga — Carmelita disse - Mas não posso abandonar Manuel, sabe...
— Está tudo bem - Rachel respondeu. - Eu entendo - e **entendia mes**mo. Bem demais.

— Mas veja bem — Carmelita disse, segurando firme o braço **de** Rachel. — Se precisar de mim, basta me avisar que vou correndo. Ouviu bem? Se estiver em apuros, ou precisar de dinheiro, *qualquer coisa,* chame a Carmelita. Promete?

Rachel prometeu, acrescentando:

—E o mesmo vale para você. Se *você* um dia precisar de *mim,* **é só me** avisar que eu estarei ao seu lado.

Rachel fitou a paisagem desértica que passava e se perguntava por que ela estava fora de foco. Fechou os olhos e esperou a dor passar. Sentia-se doente, muito doente. Por isso fez o que sempre fazia quando o corpo passava por circunstâncias desagradáveis: retirou a mente da situação e se concentrou somente em algo que lhe fosse agradável. San Antonio lhe veio à cabeça, uma cidade que tinha aprendido a amar. Lembrou-se das planíces e das catedrais, os jantares apimentados mexicanos degustados **em chale**zinhos de Little Laredo, noites ao longo da rua que margeava o rio, onde postes escondidos debaixo de arbustos iluminavam as novas calçadas de San Antonio, as pontes em arco e as gôndolas no rio onde os soldados faziam amor com suas namoradas. Danny um dia a levou para um passeio de barco, debaixo das luzes e do luar romântico...

Uma dor lancinante perpassando seu abdômen a fez se **endireitar.** Abraçando-se, dobrando-se ao meio, ela descartou o passado e só pensou no futuro. Dali por diante, iria se concentrar no que estava por vir, não no que já era.

Primeiro encontraria a mãe, Rachel jurou conforme as ondas de dor começaram a aparecer. Depois, quando estivesse curada e com as forças recuperadas, iria para Hollywood, procurar a irmã gêmea...

A morfina não estava adiantando. Ela se sentia como se estivesse pegando fogo. Estava morrendo de sede. Lembrando-se do bebedouro no fim do vagão, Rachel se esforçou para ficar de pé. Estranhamente, seu assento estava molhado.
O trem balançou e ela se desequilibrou. Em seguida, pensou ter ouvido alguém gritar, ou seria o apito do trem novamente?

Um rosto surgiu sobre ela, embaçado no começo, depois entrando em foco. A boca sorria, mas os olhos não. Os olhos estavam carregados de preocupação.
- Como está se sentindo? - o desconhecido perguntou.
Como se sentia?
Rachel tentou pensar. Como se sentia... Dor. Sim, esteve sentindo muita dor. Pouco tempo atrás. Mas ela parecia ter sumido. Na verdade, seu corpo estava entorpecido de um modo estranho. Estava deitada de costas. E o trem estava parado. Já teriam chegado?
- Onde estou? - perguntou. - Está em um hospital. Você desmaiou no trem quando ele chegava à estação. Não se lembra?

O desconhecido se sentou na beira da cama e avaliou o rosto de Rachel.
- Quantos anos você tem? - perguntou.
- Dezesseis.
Ele pareceu surpreso. Quanto pensava que ela tivesse? Que fosse mais velha? Mais jovem?
- Estou em... - ela engoliu com a garganta seca. — Albuquerque? - Sim seu bilhete dizia que essa era a sua parada final. Alguém iria esperá-la na estação? Há alguém a quem possa chamar?
Ela pensou um instante, depois quis chorar.
- Não. Não há ninguém. Você é médico?
- Sim.
- O que aconteceu comigo? A voz dele ficou séria.
- Você perdeu muito sangue, mas está bem agora. Terá de ficar aqui por

alguns dias, mas vai ficar bem.
- Sinto-me estranha.

- É porque você acabou de sair de uma cirurgia.
- Cirurgia!
- Não se preocupe - ele garantiu com gentileza. - Está fora de perigo agora.

O médico voltou alguns dias depois para se despedir de Rachel que se preparava para sair do hospital. Por fim, com certa relutância, ele disse:

- Lamento muito, Rachel — e ele parecia verdadeiramente pesaroso. - Mas quem quer que tenha mexido em você era um açougueiro. Sinto que... - ele a encarou. - Lamento, mas você jamais poderá ter filhos.

Ela levou cinco dias para se recuperar e, quando saiu do hospital, foi direto para o estacionamento de trailers que havia sido seu último endereço no Novo México.

Era inverno e a neve cobria o chão. Um vento gelado atravessava seu suéter enquanto ela observava o trailer pequeno e imundo no qual tinha passado o último dia da sua infância. Em seguida, entrou no escritório para fazer sua investigação.

Aquela era uma nova gerente — tais pessoas também tendiam **a mudar** de um lugar para outro. Mas a mulher recebeu o histórico do trailer de sua antecessora, uma mulher como ela, dada a fofocas.

- Os Dwyer? - disse ela. — Sim. Ouvi falar deles. Mas isso foi há dois anos, acho. Ela o matou, sabe...

Rachel estava de pé no escritório gelado com o vento frio balançando as paredes finas.

- Ela o matou? - repetiu.

- Sim. Que casal, aquele, pelo que ouvi. Uma noite ele se embebedou e a acertou com uma frigideira. Mas não foi isso que o matou. Pelo que ouvi, ele se recuperou disso, mesmo que ela tivesse tido a intenção! Não, ela só completou o serviço uma semana mais tarde com uma faca de trinchar. Era como se o vento gélido do Novo México tivesse atravessado sua pele, gelando-lhe os ossos. Rachel se sentia entorpecida, como se estivesse tomando morfina de novo.

- O que aconteceu com ela depois disso?
- Sei lá. Desapareceu. A policia foi atrás dela, mas ela já tinha sumido.

O *que foi, mãe?*, Rachel pensou ao se dirigir para a estação de trem. O que *ele aprontou que a fez, **f** inalmente, chegar ao limite? Chegou mesmo **ao*** SEU LIMITE, *como eu cheguei com Danny? Que dupla formamos nós, hein, mãe?*

Quando Rachel comprou uma passagem para Los Angeles, o destino final, ela pensou resoluta: Vou encontrar você, mãe. Assim como vou encontrar a minha irmã, vou encontrar você. E então vou tomar conta de você e seremos uma família novamente.

Era um dia quente de novembro e a fumaça e o mormaço pesavam no ar do sul da California. O impressionante terminal Union Station a lembrava o de San Antonio, com seu estilo clássico espanhol. Apressou-se por ele até a famosa claridade do sol. Palmeiras em todas as partes.

Em um ponto de táxi, ela perguntou para qual lado ficava Hollywood e lhe disseram que ônibus a levaria até lá. Rachel contou seus trocados e se sentou no ponto de ônibus, pronta. Ele chegou uma hora e meia mais tarde. Uma hora depois, ela descia na calçada e seu primeiro pensamento foi: Hollywood não *é como eu imaginava.*

Claro que dera ouvidos a Belle, que era uma *expert.* Rachel não viu as mansões, as piscinas ou as mulheres em casacos de marta. Apenas fileiras de lojas com aspecto cansado, lanchonetes em forma de espaçonaves e uma fila interminável de hoteizinhos baratos. A primeira coisa que fez foi alugar um quartinho simples em um hotel, pagando uma semana antecipado - usando quase todo o dinheiro que restou depois de ter de pagar a conta do hospital -, depois saiu para procurar alguma coisa para comer.

Hambúrguer e vitamina de morango. Era a primeira vez que comia por conta própria. Na lanchonete, ela perguntou se havia algum emprego para ela. Claro, respondeu o gerente. Alguma experiência como garçonete? Não. Lamento. Na quarta lanchonete, Rachel já tinha aprendido a mentir. Encontrou o gerente e lhe disse que era uma garçonete experiente que queria trabalhar. Ele pareceu observar seu rosto por um bom tempo antes de negar. Quando chegou à calçada novamente, Rachel ficou se perguntando o que o tinha feito rejeitá-Ia. Seu aspecto comum? Ou o fato de ele não acreditar que ela tivesse dezoito anos?

Depois de andar mais cinco quilômetros debaixo do calor e ter sido rejeitada quatro vezes, Rachel voltou ao hotel e caiu em um sono profundo e sem sonhos.

Acordou na manhã seguinte morrendo de fome, mas se contentou com uma xícara de café. Em seguida, tomando a direção oposta da do dia anterior, recomeçou a andar.

Como um fantasma, sua querida amiga Carmelita a acompanhava. Rachel se confortava com a sua imagem imaginária, ouvia sua conversa animadora, em diversas vezes se apanhou respondendo em voz alta. Se tivessem deixado juntas o bordel de Hazel!

Rachel viu que Hollywood era uma extensão sem personalidade que parecia não ter fim, com suas palmeiras pensas sob o mormaço, seus habitantes apressados com expressões vazias. E os mesmos restaurantes engraçados por todos os lugares: em formato de cachorro, de cachorro-quentes, de *sombreros;* com garçonetes em uniformes imitando os de vaqueiras, ou que passavam correndo de patins, ou que tinham lenços amarrados nas blusas. E em todo lugar a resposta era a mesma: não estavam contratando.

Enquanto caminhava debaixo das luzes alegres do Teatro Chinês Grauman e parou para ver os turistas observarem as pisadas na calçada dos astros de cinema, Rachel sentiu a solidão e o desespero se abaterem sobre ela. Mas ela os combateu. Tinha de continuar. Se não por si, pela mãe, e também para atingir seu objetivo. Quando seu ânimo diminuía, ela pensava em Danny Mackay. Quando sua barriga roncava de fome, quando seus pés se enchiam de bolhas de tanto andar, quando os canalhas nas ruas mais escondidas lhe diziam coisas obcenas, quando ela ouvia os vizinhos no hotel ela queria fugir daquela Hollywood terrível, Rachel pensava em Danny Mackay. E isso a fazia seguir em frente.

No terceiro dia, ela resolveu começar a procurar a irmã.

- Só posso lhe dizer duas coisas - a mãe lhe dissera. -Vocês nasceram no Hospital Presbiteriano. E o advogado se chamava Hyman Levi.

Por isso, Rachel consultou o catálogo telefônico do hotel. Havia poucos Hyman Levi listados na região de Los Angeles. Mas somente um era de uma firma de advocacia. Ela discou o número e falou com a secretária, pedindo para marcar um horário.

-Ao que se refere? - perguntou ela.

—É confidencial.

A secretária lhe disse para ir até lá no dia seguinte às três horas.

Por ser uma ocasião tão especial, ela pegou a melhor blusa e a MELHOR saia, alisou-as o quanto pôde, e se vestiu.

Como que por milagre, ela chegou ao escritório de Levi na Avenida Western bem na hora marcada

Não era um escritório esplendoroso como aqueles vistos na televisão. Mas se podia dizer que um dia ele foi. Ficou imaginando se a pasta da sua irmã estaria em um dos arquivos da secretária. Tal pensamento fez seu coração acelerar. Desejou que Belle e Carmelita estivessem sentadas ao seu lado no sofá de courino.

O senhor Levi estava ligeiramente atrasado, a moça lhe disse, por isso Rachel se levantou e começou a andar. A secretária continuava a fitá-la. Rachel sabia que parecia jovem demais para procurar um advogado por conta própria. Desejou não ser expulsa. Tudo de que precisava era o endereço da irmã. Rachel sabia o que aconteceria depois. Teriam um reencontro mavilhoso; conversariam sobre tudo o que lhes aconteceu nos

últimos dezesseis anos desde que foram separadas; e, então, sua irmã, sem dúvida sendo rica, insistiria para que Rachel se mudasse para junto da família dela poderiam ser, finalmente, irmãs de verdade. Rachel parou de súbito diante de um diploma emoldurado na parede. Hyman Levi, declarava o diploma, tinha se formado na escola de Direito da Universidade Stanford em 1947. - Há sete anos.

Rachel encarava aquilo estupefata. Hyman Levi só se formara advogado nove anos depois que ela nasceu. Ele era o homem errado.

- Desculpe - disse ela para a secretária. — Cometi um erro... Rachel se apressou pela porta e a bateu atrás de si. A secretária ainda estava perplexa quando, um minuto depois, um homem passou pela mesma porta. - Desculpe o atraso, Dora - disse ele, olhando para a sala de espera. — Onde está o cliente das três horas? Dora deu de ombros.

- Ela esteve aqui, senhor Levi. Mas de repente saiu correndo. Era apenas uma garota. Deve sido algum tipo de brincadeira. Ele sorriu e foi para o escritório. Na porta se virou e disse: - Meu pai já ligou? - Ele ainda está no tribunal.

- Quando ele falar com você, poderia lhe dizer que tenho seis novos casos de adoção que eu gostaria de repassar com ele? - Certamente, senhor Levi — ela disse enquanto Hyman Levi Júnior passava pela porta do escritório que dividia com o pai.

Rachel ficou um bom tempo deitada na cama do hotel, chorando até não poder mais. Havia contado com o reencontro da irmã. Agora já não havia mais esperança. A mãe desaparecida, a impossibilidade de localizar a irmã... Agora estava verdadeiramente sozinha no mundo.

Depois, porém, forçando-se a pensar em Danny, levantou-se, trocou de roupa, lavou o rosto e foi andar novamente.

Em poucos dias, seu aluguel chegaria ao fim e ela seria despejada. Precisava de um emprego. Depressa.

Hollywood à noite, em um olhar casual, parecia glamorosa olhar mais minucioso revelava suas máculas. Conforme Rachel caminhava pelas ruas lotadas, seu coração se compadecia pelas prostitutas que p| nas soleiras e se recostavam em postes de rua. *Minhas irmãs,* pensou *únicas irmãs verdadeiras.*

Entrou em outras cinco lanchonetes e foi rejeitada em todas em todas as Pelo menos em uma o gerente foi honesto o bastante para lhe dizer que ela era jovem demais.

-Você precisa de permissão para trabalhar - disse ele. - Você não tem dezoito anos.

Cansada e com fome, ela chegou ao cruzamento de duas ruas com trânsito pesado. Jovens moças se moviam lentamente nas quatro esquinas. Rachel olhou para as placas com os nomes das ruas: Avenida Highland e Estrada Beverly Canyon. *Dois nomes bem pomposos,* pensou, para *um lugar tão desanimador.*

Ela olhou para as prostitutas, para os homens dirigindo devagar, avaliando.

Era uma história tão antiga quanto as rochas das montanhas: as mulheres vendendo e os homens comprando. Por que nunca era da maneira inversa? Talvez fosse pela falta de oportunidade, Rachel concluiu. E pelo estigma social. As garotas eram criadas diversamente dos garotos. Das garotas esperava-se que se casassem virgens, os garotos deviam ser experientes. E também por quantos séculos as meninas foram ensinadas que "boas garotas" não procuravam sexo, que era mais "feminino esperar para ser conquistada". A promiscuidade, parecia para a Rachel de dezesseis anos, era o privilégio resguardado invejosamente pelos homens. Pensou nas mulheres no decorrer dos séculos, oprimidas pelos homens Pelos romances que tinha lido, aprendeu que suas irmãs das gerações passadas foram subjugadas pelas gestações constantes. Supostamente, uma mulher assoberbada por bebês e de barriga não se interessaria por sexo. E, consequentemente, não se "desgarraria". Mas e se, Rachel se pegou pensando, as mulheres pudessem ser tão livres quanto os homens para apreciar o sexo? E se o medo

de uma gravidez fosse removido? Elas se tornariam agressoras sexuais? Sairiam em busca de sexo? E se os homens estivessem à venda, as mulheres os comprariam?

Rachel notou que havia alguns jovens garotos em meio às prostitutas, mas eles também serviam aos homens.

Ela se virou e olhou para a placa acima da vitrine de um restaurante sem graça. TONY'S ROYAL BURGERS, dizia ela em letras bem grandiosas. Olhou para dentro. Três pessoas sentadas ao balcão. As cabines estavam vazias.

Não havia esperança de que estivessem contratando ali, eles mal pareciam capazes de pagar a conta de luz, mas ela tinha de continuar tentando. Danny Mackay, Da*nny Mackay... Havia uma loira* de aparência cansada atrás da caixa registradora, lixando as unhas. Ela nem mesmo olhou para Rachel quando ela disse:

- Eu gostaria de falar com o proprietário, por favor.

Um dedão apontado na direção do que provavelmente seria a cozinha conduziu Rachel pela extensão do salão de refeições. Daquela vez não mentiria quanto à sua idade, resolveu, sentindo-se tão cansada quanto a loira. Mentir não parecia adiantar.

Empurrou a porta para entrar na cozinha mais minúscula que já vira. Um homem baixinho e calvo com um avental engordurado estava à mesa de trabalho preparando a carne de hambúrguer. Rachel pigarreou. Ele levantou o olhar. - Sim? O que quer? - Você é Tony**?**

- Não. Tony morreu há quatro anos. Não pude pagar pela troca da pintura na placa. O que posso fazer por você?

- Preciso de emprego.

Ele a examinou. A simplicidade daquelas palavras, o modo como ela as disse, fez que ele deixasse de lado a carne e limpasse as mãos no avental.

- Que tipo de emprego? - Qualquer coisa. - Já trabalhou como garçonete?

- Não.
- Quantos anos você tem?
- Dezesseis.

Ele a olhou de alto a baixo. Céus, como ela era magra. E aquela roupas! Nem o Exército de Salvação as aceitaria. Coitadinha.

- Onde você mora, meu bem?
- No Wheet-in Hotel.

Ele fez uma careta.

-Aquilo é um pulgueiro. Ei, ele fica a quase quatro quilômetros daqui. Andou o caminho inteiro?

Ela levantou um dos pés. Havia um buraco na sola, coberto por um pedaço de papelão.

Ele balançou a cabeça.

- Preste atenção, meu bem. Você é nova demais. Não posso contratá-la. Eu só me meteria em apuros com a lei. Você deveria estar na escola, sabia?
- Estou com fome - disse baixinho. - E não tenho dinheiro.
- Onde está a sua família?
- Não tenho família.
- Ninguém?
- Não.

Ele levantou as sobrancelhas. Rapidamente uma imagem das moças das ruas lhe passou pela cabeça. Quantas histórias como aquela existiriam?

-Você não pôde trabalhar na frente - disse ele pensativamente. - Os tiras vêm aqui comer na hora do almoço. Sabe lavar a louça?

- Sim — disse ela tão rapidamente, com tantas esperanças, que aquilo atingiu o coração cínico dele.
- Preste atenção, meu bem - disse ele, aproximando-se dela e olhando de relance pela janelinha redonda da porta que dava para o restaurante. - Eu e a minha mulher possuímos

e gerenciamos este lugar. Ela está lá na caixa registradora. Só temos duas garçonetes. E sou eu quem cozinha tudo. Mas... - ele esfregou o queixo. - Às vezes ficamos mais lotados...

- Por favor.

- Eu lhe dou o emprego contanto que fique aqui atrás e se MANTENHA longe de problemas...

- Prometo — disse ela com suavidade.

Eddie notou a existência de uma intensidade estranha na moça. Ela parecia nunca ter sorrido na vida. Também viu, assim de perto, que havia uma aparência estranhamente adulta em seus olhos — era algo mais do que adulto, era como se fosse uma sabedoria provinda da vivência, como se uma alma antiga e viajada tivesse tomado conta daquele corpo tão jovem e magro.

- Bem, o pagamento não é muito — disse ele devagar, maravilhando-se com sua repentina generosidade. Fazia mais de vinte anos que Eddie não demonstrava uma fraqueza na constante luta pelo sustento. - Mas lhe propiaciará algo mais limpo do que aquela espelunca do Wheel-in. Tenho uma irmã que gerencia uma pensão bem decente na Cherokee, do outro lado

- Trabalharei com dedicação para você - disse ela com tranquilidade. – E nunca lhe darei problema algum.

ii Eddie fitou os intensos olhos castanhos e viu algo que quase o assustou. O que quer que tivesse acontecido com aquela garota, quaisquer que fossem as cicatrizes ou pesadelos que a mantinham erguida, ele resolveu que jamais gostaria de ser seu inimigo.

- Temos um acordo, então — ele disse e ofereceu a mão para um aperto. - Sou Eddie. Aquela é Laverne, minha mulher.

Ela não retribuiu o gesto. Não queria tocar em ninguém. Mas conseguiu
formar um sorriso e dizer:

- Olá, Eddie.

- Qual seu nome, garota?

Ela estava para dizer Rachel Dwyer, mas se conteve. Naquela noite começava um novo caminho em sua vida. Isso pedia um nome novo. De repente, as duas placas de rua na esquina voltaram-lhe à mente.

- Bervely - respondeu. — Meu nome é Beverly Highland.

15

AINDA QUE UMA ESCURIDÃO mais intensa que a noite a envolvesse, Alexis sabia onde estava.

Em um quarto, no Butterfly.

E ela estava na cama, deitada nua entre lençóis frios de cetim. Eles tocavam em sua pele nua fazendo-a se sentir como se estivesse flutuando em um redemoinho de sensações maravilhosas; eram leitosos e sedosos, como uma opalescência sólida. Ela pensou em madrepérola. Se acendesse, a luz, sabia qual seria a cor dos lençóis: um verde líquido tremulante com tons de água-marinha, com ilusões oleosas de rosa e violeta, mudando a cada movimento do seu corpo.

E também havia um leve perfume no ar - a fragrância de gardênias recém-colhidas. Ela imaginou os botões brancos flutuando na água de um vaso redondo de prata do outro lado do quarto, delicados com suas pétalas brancas, como estrelas suaves no negro da noite. O aroma rodopiava ao seu redor, preenchendo-lhe os pulmões, deixando-a tonta e com a cabeça leve como se estivesse inalando o exótico e proibido ópio.

E também havia um tipo de perfume em seus ouvidos, as notas suaves de uma harpa, quase imperceptíveis, vindas de alto-falantes escondidos, mas parecendo como se nuvens as tivessem produzido.

Ela se sentia lânguida, livre, Atemporal.

Quando alguém entrou no quarto, ela só sentiu. Nenhuma luz entrou quanto a porta foı brevemente entreaberta e depois fechada. Quem quer que tivesse invadido o seu banquete de sensações havia feito isso da escuridão na escuridão. Ela sentiu a presença do invasor no quarto. O ar perfumado pareceu ser ligeiramente deslocado. Ela pensou ter ouvido o beijo de um pé descalço no carpete alto. E logo ela sentiu a presença invasora chegar perto da cama e acima dela, respirando suavemente. Ela sabia quem era. Era *ele.*

Ficou completamente parada. Seu coração acelerava o ritmo. Sua pele estremecia conforme seus sentidos se aguçavam. Ela quase sentia o seu cheiro. O perfume a fez pensar em amêndoas.

ı Quando o lençol foi lentamente afastado do seu corpo, ela fechou os olhos. Sentiu o ar frio resvalar seus seios nus. E, então, uma mão, quente e experimentadora, flutuou sobre sua pele, como uma borboleta explorando uma flor. Ele sentiu-lhe os seios, tocou-lhe os mamilos, fê-la gemer. Ele se sentou na cama. Ela sentiu sua proximidade. As mãos escorregaram por trás de suas costas quando ele levou a boca aos seios. Ele a manipulou com perfeição ali, pelo que pareceu ser uma eternidade, até que ela entrelaçasse os dedos em seus cabelos, erguendo-lhe o rosto para o seu. Seus beijos deixaram-na tonta. Ele tinha barba. E isso a excitou muito mais. Ah! Como ele sabia beijar.

Ela queria ficar lá para sempre, banqueteando-se com a sua boca, sua língua, mas quando ele deitou o corpo firme ao longo do seu, ela passou a querer outras coisas,

coisas mais urgentes. Pegou a ereção entre as mãos. A respiração dele se acelerou. Ela se moveu na cama, escorregando no cetim como se estivesse nadando, mudando de direção. E ela se banqueteou com ele ali embaixo também, enquanto ele continuava com os beijos deliciosos em sua barriga e no interior de suas coxas.

Subitamente, ele a suspendeu de volta e a ajustou em seu colo. Beijavam-se sentados, frente a frente no escuro, uma mão dele entrelaçada em seu cabelo, a outra sentindo-lhe o seio. Ela ainda o segurava, mas com delicadeza, a fim de não levá-lo ao fim tão rapidamente. Ela permitiu que ele se contivesse para que **a** relação durasse e perdurasse.

Suavemente, ele a deitou de barriga para baixo e se deitou por cima, invadindo-a naquela posição, devagar, agonizantemente devagar com as mãos debaixo dos seios.

Ela gozou quase imediatamente.

Depois ele voltou a deitá-la de costas e a beijou novamente. Ela envolveu os braços ao redor do pescoço e se agarrou a ele. Ele coagiu as pernas a se abrirem e a tateou com os dedos exploradores. Ela não falava falava nada; porém, ela lhe contava com o corpo o que queria. Ela pousou a mão sobre a dele e guiou-lhe o dedo para o seu interior. Ele a beijava aos limites da loucura, abraçando-a tão forte contra o corpo firme e suado que ela mal conseguia respirar.

Em seguida, ele afastou a mão, deitou-se sobre ela, e estava em seu interior novamente, desta vez, porém, vigorosamente. Ela agarrou o lenços ao seu lado. Arqueou o pescoço, pressionou a cabeça contra o traveisseiro. Ele era tão rijo...

Quando chegou ao ápice pela segunda vez, foi como se seu coração tivesse parado.

E depois ele se retirou, afastou o peito dos seios, e, por um INSTANTE ela flutuou sozinha no espaço. Mas logo ele a segurava novamente, as mãos fortes nas coxas quando ele voltou a beijá-la, em uma exploração da língua. Ela curvou as pernas ao redor do pescoço dele e se sentiu mergulhar em um mar de sensações quentes.

Estremeceu e gritou alto.

Em seguida, ela o alcançou e assumiu o comando. Nada mais de recuar, seu corpo disse ao dele. Agora, firme, rápido, mais rápido...

Mas mesmo quando foi a vez dele, ele não se esqueceu dela. Enquanto o corpo balançava em um ritmo tão antigo, ele desceu a mão e a tocou em um pequeno ponto que, naquela hora, era o seu centro. Os dedos dele se moveram em sintonia com o corpo, até ele finalmente gozar, e ela também, ao mesmo tempo.

Quando Alexis despertou pouco tempo depois, ele já tinha ido; seu perfume nos lençóis, e o calor e umidade remanescentes do ato de amor eram as únicas provas de que ele, de fato, estivera lá.

16

San Antonio, Texas, 1955

O primeiro nome na lista secreta de alvos de Danny era Simon Waddell - o doutor Simon Waddell.

Havia seis nomes da lista: o sargento no Forte Ord que o denunciou por brigar, o que o levou para a prisão militar e, consequentemente, expulsão por ofensa grave; uma professora que um dia o açoitara com uma tira diante de toda a sala; uma menina da sua idade que rira dele porque ele tinha um rasgo nos fundilhos das calças; e assim por diante — homens e mulheres que tocaram a vida de Danny em algum momento dos seus 22 anos e que lhe fizeram algo que ele

sentiu necessidade de se vingar. Ninguém ofendia Danny Mackay e se safava. O doutor Simon Waddell não sabia dessa lista; nem mesmo sabia da existência de Danny Mackay. Mas ele era o homem de quem Danny mais queria vingança. E Danny sabia onde encontrá-lo. Danny sorriu para o seu reflexo no espelho ao ajeitar um cacho e penteá-lo sobre a fronte. Danny sempre levava uma hora para se vestir: ele era metódico até nos mínimos detalhes. Nenhum fio solto, nenhum botão

faltando, nenhum vinco fora de lugar. Ele podia não ser rico ainda, mas tinha a aparência de ser, e o poder - esse também ainda não era seu, mas ele também estava presente na aparência bem cuidada.

Você é um cara de aparência do caralho, Danny dizia para a sua imagem. Filho de um meeiro do Texas!

Ele assoviou ao alisar as laterais dos cabelos para garantir que não houvesse fio fora de lugar. Danny estava com ares convencidos naquela manhã; na noite anterior recebeu o diploma de conclusão de curso na ESCOLA NOturna. Com honrarias. Agora era um homem diplomado e com a certeza de que sabia aonde iria.

Ao pegar as abotoaduras da cômoda e prender os punhos da camisa engomada, fitou o livro gasto que também estava sobre a cômoda. Era a sua Bíblia; ela o acompanhava aonde quer que fosse. Já a tinha decorado.

A única maneira garantida de possuir uma cidade conquistada, **Maquiavel, es**crevera, *é destruindo-a.* Danny levara aquela lição um passo além pode possuir uma coisa destruindo-a - quer seja uma cidade, um objeto ou um ser humano.

E havia cidades, objetos e seres humanos que Danny, decididamente, queria possuir.

Mas antes ele tinha de encontrar o seu caminho. O objetivo ele já sabia - ser um homem poderoso; tudo o que lhe restava descobrir era o caminho para chegar lá.

Ele assoviava ao terminar de se arrumar. Batia o pé e girava a cabeça de um lado a outro. Em três anos, Danny se tornara ainda mais carregado de energia inquieta. Ele não conseguia ficar parado nem por um minuto. Estranhos que o conheciam percebiam um encanto inquietante e vago no belo jovem de olhos malandros e irresistíveis. Ás vezes ele parecia relaxado, no olhar manso ou na fala arrastada com que se dirigia às pessoas, mas

ele era hiperativo, e parecia ser um jovem constantemente flertando com o limite. Danny gostava dessa aparência e a cultivava, porque sabia que o fazia parecer imprevisível, um homem de quem se acautelar. E também lhe dava poder sobre as pessoas.

Antes de sair do quarto, ele se deteve para uma última olhada e sorriso de lado no espelho. O mundo estava lá fora à sua espera. Estava farto de abastecer os aviadores ansiosos da Base Aérea Lackland com garotas e bebidas. Estava farto de subempregos como motorista de caminhão ou venda de enciclopédias de porta em porta. Estava na hora de agir.

- Lembre-se do meu nome ele disse para aquela idiota da Rachel no ano anterior, na noite em que a despejou do seu carro. - Dannv Makay. Um homem que o mundo inteiro na reconhecer.

E, acrescentou ao caminhar para o calor da tarde, *um homem que o mundo aprenderá a temer*.

Dirigiu para o bordel de Hazel, onde algumas garotas, em quimonos e pijamas sensuais, assistiam ao programa de Milton Berle na televisão. Duas se sentavam junto aos clientes, jogando conversa fora. Hazel servia bebida ruim a preços absurdos, e distribuía os imensos sanduíches de presunto de Eulalie a dois dólares cada um. Pegando seus cigarros, ele acendeu um e seguiu para a porta dos fundos onde estava a cozinha. Eulalie ouvia Davy Crockett no rádio e limpava a cozinha depois da refeição à base de porco assado, purê de batatas e molho, além de torta de pêssegos. As vezes, Danny passava lá de manhã, e via fatias grossas de bacon na frigideira, com fatias de tomate fritando em sua gordura. Uma coisa era certa no bordel de Hazel: não se podia dizer que as meninas não comessem bem.

- Olá, Eulalie - disse ele ao se aproximar da geladeira e se servir de um refrigerante de uva.

- Uma noite bem quente, senhor Danny - ela comentou, enxugando o rosto ao bater o seu famoso bolo de ovos. Quando fosse meia-noite, com o vinho de amoras, ele já teria acabado.A velha Eulalie bem sabia que os homens tinham mais de um apetite para saciar. - Comi poeira o dia inteiro. Ele puxou uma cadeira, virou-a e se sentou nela ao contrário, apoiando- se na palhinha e tamborilando sobre a edição do *San Antonio Light* que estava no tampo da mesa.

- Qual a sua opinião sobre esses negros no Alabama, Eulalie? - perguntou ele, balançando a cadeira.-Tentando andar nos ônibus com os brancos. - Nada de bom vai vir disso, senhor Danny. As pessoas têm de saber o lugar delas. Os de cor preta ficam nos fundos, os mulatos no meio, depois a ralé brancae por fim os brancos de berço. Foi sempre assim, e sempre vai ter de ser assim.

Danny não lhe deu ouvidos. Ele sabia em que categoria ela o colocaria: na ralé branca. Segundo Eulalie, brancos de berço nunca passaram pela porta no bordel de Hazel. Houve uma época em que Danny jamais teria se dado ao trabalho de ler um jornal. Mas ele começou a ler desde que voltou para a escola. Não que o modo como o mundo ia e o que o fazia girar fossem o foco do seu interesse.

Estudar os seus alvos e conhecer os seus competidores melhor do que eles próprios era o que faria Danny ascender além do seu direito de nascença.

Nascido em 1933, Danny Mackay era um dos sete filhos de um meeiro itinerante e de sua esposa adoecida. Danny conheceu nada além da pobreza, desde as suas primeiras lembranças de quando eles levaram as camas para fora na esperança de pegar uma brisa, até se reportar ao Forte Ord, na Califórnia. Ele, seus irmãos e irmãs estavam sempre descalços e de macacões sem camisa. Nem mesmo tinham pentes de cabelo, mas usavam almofaças, o tipo de escova que se usam em animais. Quando andavam juntos até a cidadezinha mais próxima ou até a escola primária, os garotos Mackay sempre andavam de cabeça baixa porque sabiam que não eram tão bons quanto as outras crianças. E se mudavam. Ah! O quanto se mudavam. Era a época da Grande Depressão

e, como milhares de outras famílias em busca de emprego, Augustus Mackay carregava sua plebe por Oklahoma, Arkansas, descendo até o Texas e, por fim, Hill Country, onde encontraram trabalhos temporários em fazendas de meeiros. Viviam em casebres de ripas de madeira com buracos entre as frestas e nenhuma eletricidade, e o banheiro não passava de um buraco no chão do lado de fora. Se Augustus Mackay fracassasse em uma boa produção, o dono da terra chamaria o delegado e expulsaria a família, e eles continuariam a viagem como antes, de cabeça baixa, abatidos.

Danny não cresceu lendo os livros dos Garotos Hardy e de Jack London, como os garotos bem educados da classe média; ele se alimentava com revistas de ficção baratas. E também não se esperava que as suas irmãs recebessem qualquer tipo de educação, por isso os irmãos desenvolveram instintos animais e aprenderam a ganhar a vida com elas, e foi assim que passaram a ser chamadas de "aquelas garotas sujas".

Seu único objeto querido quando era garoto era um atirador de negros, que ele montou com um garfo e dois pedaços de borracha que pegou de uma câmara de pneu. Ele se afastava da miséria e da desesperança e passava horas atirando em pássaros, usando pedras. Ele aprendera que, sendo solitário, ele não teria companheiros para julgá-lo. Em seu mundo isolado, não havia distinção entre a ralé e os bem-nascidos, nenhuma LEMBRANÇA DE como agir diante dos seus superiores. Só havia o infinito céu do Texas e o sempre presente vento soprando e um garotinho desnorteado. EM TODOS aqueles anos solitários, contudo, houve uma pessoa importante na vida de Danny Mackay.

E ele a amava com uma ferocidade próxima da obsessão.

- Pode se servir dessa torta, senhor Danny — Eulalie ofereceu ao colocar o bolo de ovos no forno. -As maçãs estavam tão doces que nem precisei juntar açucar.

Danny se serviu de uma bela fatia. Em toda a San Antonio, ele não conhecia outra mulher que fizesse tortas como Eulalie.

Alguém começou a cantar "The Yellow Rose of Texas" no rádio enquanto Danny lia sobre o infarto de Eisenhower.

Não que se importasse com a saúde do presidente. O que lhe importava, o que o absorvia e fascinava completamente, era a presidência. *Aquilo sim era poder de* verdade. Nas mãos certas o poder presidencial poderia se tornar algo quase inimaginável. E Danny se via como sendo esse homem. A canção interrompeu seus pensamentos.

Não era uma canção triste, mas a referência a uma rosa do Texas fez Danny abaixar o jornal e fitar a parede, com o garfo esquecido na mão. Ele a chamara daquilo. A sua rosa do Texas.

Quando foi que notou aquilo, que a sua mãe era a mulher mais linda do mundo? Com que idade ele levantou o olhar da mesa vazia da cozinha para enxergá-la pela primeira vez, repentinamente não mais a sua mãe, mas uma flor delicada e efêmera, como uma rosa entre dentes-de-leão? Ele tinha uma vaga lembrança de estar sentado no casebre frio, as tábuas

rangendo ao seu redor, os dois irmãos menores chorando em seus caixotes, os três mais velhos amontoados debaixo de uma colcha tentando se aquecer.E lá estava sua mãe, encurvada diante do fogão que mal funcionava, mexendo

em alguma coisa, o rosto iluminado por um brilho peculiar. Claro que só anos mais tarde ele descobriria que a fragilidade e a luminosidade cativante se deviam à turbeculose, e que o rosto corado não era de saúde, mas sim de febre. Mas Danny Mackay, na época, estava tão desesperadamente apaixonado por ela que só enxergava a beleza com que ela caminhava.

Deus, ela tinha uma aura... Era como se um tipo de orgulho queimasse como uma chama e tão profundamente na alma dela que não havia quantidade de poeira, calor e vento do Texas que a apagassem. Ela aceitava a dor em silêncio, padecia a fome sem

queixas, aceitava caridade com dignidade, e ensinou seu filho a encontrar valor dentro de si, e não a andar de cabeça baixa.

- Você tem de fazer algo da sua vida, filho - ela costumava dizer daquele seu modo suave. -Seu pai não sabe ler e é por isso que somos pobres. Mas quero coisas melhores para você e para os pequenos. Sei que odeia a escola,

mas é isso que vai fazer você vencer na vida. Quando você **tem instrução** ninguém te chama de lixo.

Não importava que tarefa estivesse fazendo, remendando roupas ou preparando um jantar de carne salgada de porco, feijão de corda e melaço, ela o fazia com um ar de dignidade, pensava o pequeno Danny enquanto lhe observava as mãos finas e delgadas e a curva delicada do pescoço. Ela não acreditava na distinção das pessoas entre ralé e pessoas de berço.

—Todas as pessoas são filhos de Deus, Danny — ela dizia em seu tom doce e melodioso. — O que conta é o que fazemos das nossas vidas.

Era por ela que Danny ia à escola, caminhando descalço por diversos quilômetros para se sentar em uma sala de aula calorenta e ser o alvo das brincadeiras dos outros meninos. Ele suportava a instrução escolar por causa dela, ficava longe de encrencas por ela, sonhava com ela. Um dia, ele jurou com praticamente cada inspiração, que faria algo de sua vida e voltaria para separá-la do fracassado e inútil Augustus e a acomodaria em uma casa ajardinada e com empregados de cor.

Ele nada sabia sobre o New Deal naquela época, ou sobre os esquemas governamentais para levar a saúde pública para as zonas rurais em crises. Ele não sabia que os médicos que vinham em seus Chevrolets recebiam um subsídio pela agência governamental chamada FSA e que ele e a sua família faziam parte de uma estatística. Tudo o que Danny sabia era que não havia nada que aqueles homens de terno preto e estetoscópios podiam fazer pela sua mãe, e que depois que Augustus Mackay não conseguia nem mesmo pagar a sua pequena parcela nos honorários médicos, eles pararam de vê-la, o que fez com que sua mãe se voltasse para os curandeiros locais com seus tradicionais chazinhos e sangrias. Aquilo não a ajudou.

Nevava na noite em que ela jazia moribunda e Danny estava ao seu lado, sozinho.

Os menores dormiam agrupados na enorme cama de ferro encostada na parede, onde jornais amarelados foram afixados para tampar as frestas. O pai e dois irmãos velhos que restaram (Becky fugira com um vendedor de equipamentos agricolas) tinham caminhado os cinco quilômetros que os separavam da casa do proprietário das terras na esperança de convencê-lo a deixá-los ficar durante o inverno. A esposa estava doente, Augustus diria ao homem, e as crianças não tinham nada para comer. Não era hora de empacotar os poucos pertences na caminhonete e seguir estrada. Danny sentiu medo naquela noite. Nunca antes havia sentido tanto medo. Ela estava deitada na cama, tossindo, a pele ardendo em febre. Ele se sentara ao seu lado, segurando-lhe a mão, enquanto ouvia o vento do norte, descendo pelo Estado para lembrá-los que, de fato, existia algo pior do que o fogo dos infernos. O jovem Danny se sentou, segurando-lhe a mão, implorando para que ela não morresse, e rezava para um obscurecido Deus, que parecia não conseguir ouvir as preces de um garoto com todo aquele vento. Foi quando ele resolveu desistir de Deus e cuidar do assunto com as próprias mãos.

- Vou sair por alguns minutos, mãe - murmurou-lhe. Em seguida partiu para a noite gélida, correndo o mais rápido que podia pela estrada recoberta de neve. Chegou à casa do médico uma hora mais tarde; ela se destacava nos limites da cidade como um ornamento de Natal contra um pano de fundo branco. As janelas estavam iluminadas e a música fluía. Danny correu até a porta, recostou-se exausto contra ela, e bateu com as forças que lhe restavam.

O próprio doutor Simon Waddell atendeu a porta, com a pança generosa coberta por um guardanapo de pano. - O que foi? - perguntou ele, olhando de cima para o garoto maltrapilho.

- Mamãe está muito doente! - Danny disse de uma vez só, desejando poder entrar no lugar quente, com música agradável e aromas deliciosos. - Lamento, garoto respondeu o doutor Waddell. - Mas não há nada que eu possa fazer por ela.
- O senhor precisa vir! - exclamou Danny. - Vá para casa - disse o médico, fechando a porta. - Ela precisa da sua *ajuda!*

i Quando a porta fechou-se em sua cara, Danny ouviu o homem dizer para outro ocupante da casa que ele não via:

- Lamento tanto ter deixado Nova Orleans...

Danny ficou fora de si. Continuou a bater na porta e gritar o NOME DO doutor Waddell. Depois correu ao redor da casa, tentando encontrar alguma janela aberta, para depois voltar para a porta da frente.

Arfou e o ar gélido parecia cortar seus pulmões. As mãos e os pés estavam dormentes; o rosto doía com o frio. Ele se deixou cair nos degraus da frente e começou a chorar. Então, de dentro da casa, ele ouviu uma campainha tocando. Danny correu para a lateral e espiou por uma janela. O doutor Waddell estava ao telefone. Danny pressionou o ouvido contra o vidro. Ele ouviu o médico dizer ao reverendo Joshua Billings que logo estaria lá.

—Mantenha-a aquecida — instruiu o médico. — Não parece nada sério, mas vou dar uma olhada mesmo assim.

Danny ficou de pé com as costas encostadas na parede ao ver o médico se apressar no meio da noite, envolvendo um cachecol no pescoço e subindo no Chevrolet preto com a maleta de médico na mão. Depois que o carro desapareceu na escuridão e na neve, Danny sentiu a tempestade de inverno invadir seu corpo e chegar ao fundo do estômago. Era como se uma bola de gelo tivesse se instalado ali, causando-lhe uma dor tremenda.

Simon Waddell, ele pensou ao se esforçar pela neve no caminho de volta para casa. *Simon Waddell,* a mente de Danny repetia sem parar conforme ele tropeçava nos montes de neve, soluçando e tentando voar de volta para junto da mãe moribunda. E na ira que crescia a cada gélido passo dado, a mente de doze anos chamava por outro nome, *reverendo Joshua Billings, porque ele* levara o médico embora, e foi assim, quando Danny finalmente voltou ao casebre e encontrou o resto de forças para passar pela porta, que a lista de nomes especiais começava. Nomes que jamais seriam esquecidos.

Sentou-se ao lado da mãe, chorando e revirando as mãos, sentindo-se profundamente indefeso e sem poderes,até que, perto do alvorecer, ela saiu do seu delírio, olhou para o belo filho por um breve momento de lucidez, passou a mão pelos cabelos claros quase ruivos e disse:

— Cresça e seja alguma coisa, Danny.

Em seguida, ela morreu.

Ele enlouquecera de raiva e pesar, e só foi encontrado quatro dias mais tarde, com o estilingue torto pela vingança que ele impingiu à Mãe Natureza. Augustus Mackay não conseguiu mais controlar o filho depois disso, não importando quantas surtas lhe desse. Quando a alma doce da mãe de

Danny deixou o corpo dela, algo escuro e malevolente se apossou do dele. Ele tinha doze anos naquela época - era homem feito. A canção chegou ao fim, e Danny voltou a focalizar a cozinha quente de Hazel, onde estava cercado de aromas de assados e das risadas femininas vindas pela porta aberta. De onde estava sentado, ele via no fim do corredor a sala de Hazel, onde os homens se misturavam às prostitutas, tentando fazer suas escolhas.

Na noite do falecimento de Mary Mackay, uma relação estranha e complexa de amor e odio com a memória de sua mãe nasceu em Danny. Ele a adorara e a decepcionara. Portanto, Danny cresceu acreditando em duas coisas: nenhuma mulher no mundo chegaria aos pés de sua mãe e, assim como a sua mãe, todas as mulheres iriam decepcioná-lo.

- Está se sentindo bem, senhor Danny? Alguma coisa de errado na torta?

Ele olhou para Eulalie, para o rosto suado como ébano polido. Segundo a escala dela de valor humano, ela se colocara bem no fim da lista. Ela era "de cor preta".

Bem, pensou ele ao terminar a torta e empurrar o prato enquanto pegava o maço de Camels, se aquela velha negra estava fadada a ficar para sempre no fim da lista, Danny Mackay definitivamente não ficaria na ralé branca. Um dia, os brancos de berço o

receberiam em suas salas de estar e desejariam que ele levasse as filhas para a cama. Ele mostraria para a mãe, mostraria a todos, que Danny Mackay era um homem de futuro.

A noite em San Antonio estava tão quente que era o mesmo que dirigir em uma sopa. Danny e Bonner Purvis jogaram conversa fora e pensaram em ir ao cinema, mas o lugar estaria quente e a menos que um filme de John Wayne estivesse passando ou se tivessem uma garota com que se sentar no fundo, aquilo não seria nada divertido. Bonner Purvis era um ano mais novo do que Danny e ainda tinha espinhas. Fora rejeitado pelo exército por ter pés chatos e era por isso que ele vendia ruim e "garotas sujas" para os aviadores, por vingança. Bonner era uma ironia andante: desde muito pequeno ele tinha uma veia cruel que nenhuma surra era capaz de subjugar, mas ele também possuía o rosto mais angelical que podia agraciar um rosto masculino. Tanto homens quanto mulheres encaravam Bonner por onde ele passasse; era o próprio Anjo Gabriel, diziam para si, com aquele cabelo sedoso liso e loiro como a palha de milho, aqueles olhos azuis e a covinha no queixo. O SORRISO, TODOS declaravam, era de fazer milagres, e também tinha lindas mãos, como as de uma mulher. Apesar de a sua reputação ser conhecida naquela parte de San Antonio - todos sabiam o que ele tinha feito com o pobre cachorro velho de Fred MacMurphy —, as pessoas não conseguiam desgostar de Bonner Purvis, por ele ser *tão bonito*. Motivo pelo qual os aviadores confiavam nele e lhe entregavam um bom dinheiro quando não precisavam.

No entanto, assim como Danny, Bonner já superara a fase de esquemas medíocres. Andava inquieto. San Antonio, de repente, tornara-se pequena demais, e ele estava ficando ganancioso.

De qualquer forma, a noite estava quente e eles não tinham nenhum destino em mente, portanto compraram uma garrafa de Jack Daniels e seguiram para a cidade na caminhonete velha de Bonner. Pensavam em ir até uma das cidades fronteiriças, onde podiam apanhar uma prostituta mexicana por apenas um dólar.

Porém, no meio do caminho na estrada, depararam-se com UMA VISÃO que fez Bonner pisar fundo no freio.

—Ora, ora, Danny. Dê uma olhadinha logo ali.

Danny, tendo acabado de dar um gole na bebida amarga, passou o dorso da mão na boca e olhou pela janela aberta. Ali, cerca de cem metros para fora da estrada, no meio de um descampado, havia uma tenda ENORME, TODA iluminada, mais parecendo um gigante bolo de aniversário no meio da noite escura do Texas. Havia muitos carros estacionados ao redor dela, e para os dois garotos de San Antonio, parecia que centenas de pessoas entravam na tenda enquanto um órgão escondido tocava o hino gospel "*When The Saints Go Marching in*".

—Ora essa — comentou Danny baixinho.

— Nunca foi a um despertar religioso? - perguntou Bonner, já alcançando a maçaneta. - Minha mãe me levou para alguns quando eu era pequeno. Um verdadeiro espetáculo, isso é o que são!

-Vamos dar uma olhada.

Sentaram-se no banco dos fundos que rangeu e ameaçou desmoronar debaixo do peso de tanta gente. A tenda estava abarrotada até as paredes de lona, com pessoas de pé e, toda a volta e nos fundos, abanando-se, com as roupas escuras suadas permeando a temia com o odor pungente de corpos sujos do meio de verão.

O reverendo tinha o magnífico nome de Billy Bob Magdalene, e vestia um terno branco creme com uma gravata de cowboy, e ele cuspia fogo e enxofre sobre a sua congregação suarenta.

Não foi uma reunião memorável, no que se referia ao potencial de um despertar religioso. Mas Billy Bob Magdalene conhecia o negócio, ele sabia para que as pessoas se dispusessem a se separar do seu dinheiro, primeiro teria de fazê-las temer o fogo eterno do inferno e, depois, convencê-las de que, com a sua intervenção, o Senhor poderia poupá-las. A mensagem subliminar era "Deus pode ser subornado". E funcionava. Ao fim da sessão, Billy Bob Magdalene fez aquelas pessoas baterem palmas e se balançar e estavam tão atemorizadas pelos pecados cometidos que, quando as cestas coletoras foram passadas, dólares e pesos entravam nelas e as pessoas acreditavam que Billy Bob Magdalene tinha, de fato, alguma influência com Deus.

Foi durante a coleta que Danny teve sua idéia brilhante. O lugar era um caos absoluto, com a irmã Hallie batendo nas teclas do órgão e o irmão Bud conduzindo a congregação no "Rock of Ages" e alguns pentecostais se revirando nos corredores e tagarelando em diversas línguas. Por isso, Danny se levantou, tirou o chapéu de vaqueiro e começou a passá-lo desinteressadamente pela fileira. Quando Bonner viu o que ele estava aprontando, ele também tirou o chapéu e passou pela outra fileira. Não se arriscaram a serem muito gananciosos com receio de serem flagrados. Mas com tantas pessoas de pé e balançando os braços e correndo até Billy Bob Magdalene para serem abençoadas, bem, ninguém notaria dois rapazes saindo de fininho pela tenda com os chapéus pressionados contra o peito.

- Irráaa! - exclamou Bonner ao correrem para a caminhonete. - Aposto como conseguimos cinquenta dólares fácil, fácil.

Danny gritou e comemorou enquanto abria a porta para se jogar para dentro. Despejou o conteúdo do chapéu no banco e começou a contar enquanto Bonner ligava o carro e começava a voltar para a estrada. Quando ouviram uma explosão e sentiram a caminhonete oscilar, perguntaram-se o que os teria atingido. Quando a segunda explosão fez a frente da caminhonete afundar e eles perceberam que os pneus estavam sendo alvejados, Bonner exclamou:

- Jesus Cristo! - e mergulhou debaixo do console.

Danny, assustado, olhou adiante, em meio à poeira e ao pedregulho que se assentavam, havia uma figura que se aproximava dos faróis. Era Billy Bob Magdalene, e ele mirava direto na cabeça de Danny.

— Muito bem, moleques - ele disse de modo arrastado. Saiam já daí. Bem devagarzinho.

Danny estava assustado demais para se mover, e Bonner tinha urinado nas calças.

—Saiam devagar, eu disse! O que tenho de fazer para que os cabeças de vento me ouçam?

Lenta e cuidadosamente, os rapazes saíram da caminhonete e olharam o cano da espingarda do reverendo com as mãos para o alto.

Billy Bob Magdalene olhou atentamente para o rosto de Danny. E depois, quando viu as calças de Bonner, abaixou a arma, balançou a cabeça e disse:

—Meeerda! Vocês dois, venham para o meu escritório.

O escritório nada mais era do que um ônibus velho com UMA PLACA NA lateral que dizia: BILLY BOB MAGDALENE TRAZ JESUS. Lá dentro estava quente e fétido, sufocante com o odor de suor e de uísque. Enquanto os rapazes subiam na frente de Billy Bob Magdalene e sua espingarda, eles viram a multidão começar a se retirar ao som de "Amazing Grace"

— Caramba - disse Billy Bob Magdalene, deixando de lado a ARMA- **V**ocês dois envergonhariam o pior dos vigaristas! Sentem, os dois!

—Veja bem, senhor Magdalene — Bonner começou. — Nós devolvemos o dinheiro. Só estávamos brincando.

O reverendo suspirou de tédio e se sentou gemendo em uma poltrona. Abriu a gaveta de baixo da escrivaninha que estava acomodada atrás do banco do motorista e retirou uma garrafa de uísque. Mas só serviu um copo.

—Vocês, amadores, se acham muito espertos, não é? — comentou depois de secar o copo em um gole só. — Não sabem que esse é o golpe mais velho desde que a serpente deu a maçã para Eva? Acha que eu não percebi vocês assim que entraram na tenda? Em um público cheio de negros e mexicanos e brancos pobres, lá vêm dois branquelos arrumados só pensando em encrenca. Vocês me decepcionaram, garotos. Cheguei a pensar que seriam mais originais.

Bonner e Danny se mexerem pouco à vontade.

— Eis o que tenho a lhes **oferecer** disse Billy Bob Magdalene depois de acabar com o segundo copo. Querem um emprego?

- Emprego? - repetiram em uníssono.

- É emprego. Trabalhando no meu espetáculo. Preciso de claque no meio da plateia. Desde que a irmã Lucy e o irmão Abner fugiram juntos no mês passado, a minha receita vem caindo. Sabem o que é a claque? Os dois balançaram as cabeças negativamente.

Então o reverendo explicou como a sua operação funcionava. E enquanto ele falava, abria uma cesta da qual tirava uns sanduíches - rosbife grosso, mostarda e tomate -, um pouco de galinha frita fria e fatias de bolo de ovos. Ele dividiu a comida com os rapazes, que devoraram tudo avidamente. Mas ele não ofereceu uísque. - Estou no ramo da proteção - explicou Billy Bob Magdalene. - Primeiro, lembro as pessoas que Deus está bravo com elas, que Deus anotou na agenda que deve esmagá-las assim que houver uma brecha. Em seguida, eu dou a entender que tenho alguma conexão especial com Deus, como se ele me ouvisse. Por fim, deixo escapar que, por uma pequena quantia, eu posso sussurar algumas palavras para Deus em defesa delas. Nunca falha. Eles veem à minha tenda como pecadores assustados e saem sentindo-se completamente tranquilizados.

Ele pegou uma coxa de galinha já sem carne, jogou-a pela janela e voltou a encher o copo.

- Bem, e tudo funciona assim. Eu saio com este ônibus e chego a uma cidadezinha qualquer onde faço um acordo com os pastores locais. Pela metade da minha receita, eles concordam em fechar provisoriamente as próprias igrejas e incitam o povo a me procurar. Dessa forma, todos ficam felizes. Eu recebo pagamento, os pastores ficam com uma parte, e o povo é aliviado momentaneamente da ira divina. Desejando ter um refrigerante gelado para fazer o sanduíche descer, Danny disse:

- Onde entramos nisso? - Preciso de uns infiltrados na platéia, para meio que fazer as coisas andarem. É de praxe ter um infiltrado para cada 25 pessoas, mais ou menos. Quando faço um sinal combinado, você incitam as pessoas a baterem palmas. Quando faço outro sinal, vocês se levantam e gritam aleluia. Na hora em que a cesta da coleta é passada, vocês já os animaram tanto que eles literalmente esvaziam os bolsos - Billy Bob Magdalene se recostou e arrotou. - Então, o que me dizem?

—Qual é o nosso percentual?

— Percentual? — Billy Bob Magdalene jogou a cabeça para trás e gargalhou. — Pelos sinos do inferno, rapazes! A sua percentagem é que não vou procurar o delegado para prestar queixa do que fizeram hoje! Depois que eu arrancar as bolas de vocês com um tiro!

Ele se calou por um segundo, palitando os dentes e avaliando os dois rapazes. Ele pensava em como as moças sempre colaboravam mais na cesta de coleta quando acreditavam que haveria uma possibilidade de SEREM APRESentadas a Jesus por garanhões bem apessoados como aqueles dois. Nada como a boa e velha masculinidade texana para conduzir as moças ao Senhor, ele pensou.

- Cinco por cento da renda - decidiu ele. - Dividido **entre vocês dois.** Além disso, podem viajar no ônibus e comer de graça. Tenho um roteiro que vai da Louisianna a Oklahoma. As possibilidades, meus filhos, são infinitas. O que me dizem?

Bonner olhou para Danny e os dois trocaram um sorriso.

Naquela manhã ela os alimentara com presunto frito e biscoitos amanteigados. E agora ela servia enormes tigelas de *chilli* com pão de milho e leite fresco. Danny deu seu sorriso especial, fitou-a de cima a baixo com seu olhar lânguido e disse com suavidade:

- Que coisa, dona. Ninguém prepara *chilli* como uma bela texana. Essa é a verdade!

Ele olhou por cima da mesa e piscou para Bonner. Os dois a tiveram na noite anterior - os três juntos na mesma cama.

Logo depois de se unirem a Billy Bob Magdalene em seu circuito de pregações, os dois rapazes de San Antonio descobriram que, **em muitos desses** lugares isolados, esposas de fazendeiros ansiavam por um pouco de excitação. Com maridos exaustos por trabalharem nos campos o dia **inteiro, ou por se**rem muito amarrados pelas convicções religiosas, muitas esposas encontravam uma válvula de escape naqueles belos jovens que podiam ser **coagidos a fazer** qualquer coisa. Na noite anterior, aquela jovem esposa de **um produtor de** algodão que estava longe, em Abilene, quis ter Danny e Bonner dentro dela ao mesmo tempo. Foi uma novidade para Danny, e ele decidiu que gostava.

Além disso, encontraram uma nota de dez dólares sobre o prato de cada um pela manhã.

- É uma pena que não possam ficar um pouco mais - disse ela, trazendo uma jarra de leite gelado.

Danny se recostou na cadeira e lhe lançou o mais doce dos sorrisos. Aquela esposa de fazendeiro era duplamente talentosa; não só era uma gata selvagem na cama, como também o que punha na mesa era quase tão bom quanto o que Eulalie fazia.

Logo depois de se juntarem ao grupo de Billy Bob Magdalene um ano antes e depois de passarem rapidamente na casa de Bonner para juntarem seus pertences sem nem mesmo dar adeus à senhora Purvis, os dois amigos descobriam que não tinham necessidade de dormir no ônibus fétido com a irmã Hallie, o irmão Bud e o reverendo. Em toda cidade por onde passavam, havia uma competição para ver quem teria a honra de alimentar e levar para a cama os dois rapazes. O reverendo não se opôs quando viu para que lado o vento soprava. Foi exatamente como ele tinha imaginado: jovens e belos rapazes como aqueles, cheios de si, eram o melhor tipo de chamariz que já teve. Quase imediatamente a renda noturna aumentou. Com Bonner e Danny passando pelos corredores, sorrindo de modo a derreter corações e incitando as pessoas a louvarem a Deus, as pessoas pareciam se separar de suas notas com mais facilidade.

E então, em uma noite nos limites de Austin, com Billy Bob Magdalene passando mal com algo que comera, Danny decidiu experimentar essa coisa de pregar e descobriu que era infinitamente melhor que o reverendo. Sua energia e magnetismo naturais emanaram por sobre as cabeças da congregação e eles estavam em suas mãos em questão de minutos. Ele exibiu seu discurso no palco, entregou-lhes sexo, carisma e danação do inferno, e, naquela noite a renda foi maior do que nunca. Quando terminou, Danny escolheu sua acompanhante em meio à multidão de mulheres procurando aconselhamento privado em seu ônibus. Foi por essa época que Bonner sugeriu que eles não precisavam da irmã Hallie e, do irmão Bud. Afinal, praticamente todas as igrejas das cidades tinham órgãos, e em quase todas as cidades as organistas eram mulheres. E como seria considerado uma honra tocar para os despertares religiosos de Billy Bob Magdalene, não teriam de pagar. Os rapazes conseguiram convercer Billy Bob Magdalene a abandonar os velhos Hallie e Bud em Shreveport depois que lhe mostraram no papel quanto seus lucros seriam maiores sem os dois.

Ainda assim, isso não bastava. Enquanto passava o pão na tigela e dizia "sim, senhora" para uma torta de maçã, Danny voltou a pensar. Ultimamente, vinha-lhe à mente com bastante freqüência o fato de que não estavam atingindo o potencial total deles.

Todas as noites, em todas as cidades, era a mesma coisa. Billy Bob Magdalene cuspia o fogo e o enxofre sobre as cabeças da congregação aterrorizada, então os belos Bonner e Danny com habilidade passavam entre eles para coletar o dinheiro. O problema era que não eram nada especiais.

Na verdade, eram muito parecidos com qualquer grupo de despertar religioso atravessando o sul. Algumas vezes Danny foi ver o que os outros andavam fazendo.Vira uma "virgem" pouco vestida se retorcendo entre cobras; um pregador de sete anos de idade em um smoking em miniatura branco; pessoas sendo curadas por meio da fé, abandonando cadeiras de roda; batismos de imersão total e assim por diante. Parecia-lhe que todos tinham um truque especial. E era exatamente o que ele e Bonner precisavam para seguir adiante. De outro modo não seriam mais do que um espetáculo. em meio a tantos outros.

Não que Danny estivesse reclamando. Unirem-se a Billy Bob Magdalene fora uma idéia inteligente. Isso o tirara de San Antonio, afastando-o dos aviadores e das meretrizes;o fizera cair na estrada e seguir em fente para ver como era o mundo; dera-lhe novos leitos e novas parceiras quase todas as noites; e o alimentara e lhe provera com dinheiro até que ele tivesse planos para o futuro.

Porque uma coisa era certa, Danny não faria aquilo pelo resto da vida. Bastava olhar para Billy Bob Magdalene. Cinquentão, no mínimo. Um ninguém movido a uísque que morreria na mediocridade. Aquilo não serviria para Danny Mackay. Finalmente, ele experimentara o sabor de controlar uma multidão, de manipulá-la, de fazê-la dançar conforme a sua música. E tendo experimentado uma vez esse poder, ele queria experimentar ainda mais.

- Lamento, dona, mas acho que não podemos ficar - respondeu empurrando o prato.
— O reverendo disse que precisamos estar em Taxarkana até o fim do dia.
- Ah, uma pena - replicou ela.

Ele fitou o traseiro dela por trás do vestido justo estampado - o mais perfeito traseiro que ele já tinha visto. Só de pensar na noite anterior já ficava excitado.

Quando olhou para Bonner do outro lado da mesa, Danny percebeu que o amigo estava pensando a mesma coisa. E sorriram um para o outro.

Diabos, já fizeram antes, não? Embebedaram o velho Billy Bob Magdalene a ponto de eles terem de pernoitar mais uma noite. Como da vez em que as gêmeas quase os sugaram em Wichita Falls. Danny ficou dolorido por quase uma semana depois daquilo, mas valeu a pena embriagar Billy Bob Magdalene fazendo-o dormir por três dias seguidos enquanto Danny e Bonner aproveitavam as irmãs Macfee. Depois de agradecerem a esposa do fazendeiro e saírem pela porta dos fundos, Danny murmurou para Bonner:

- Que tal irmos para a cidade para comprar uma garrafa para o velho Billy Bob?

Lá pela meia-noite, quando os três estavam deitados, nus, suados e entrelaçados na cama dela, foi que a idéia veio a Danny. Não precisamos mais *de Billy Bob Magdalene.*

Os rapazes ganharam tempo e esperaram até o fim do verão quando estivessem sozinhos na longa estrada. Ondas de calor subiam do asfalto escaldante; poças de miragens de água se estendiam como prata derretida no deserto. Nada a não ser arbustos por quilômetros de distância, uma pereira espinhenta, o fragelo do oeste do Texas. Estavam sintonizados em uma estação que tocava "Heartbreak Hotel" daquele novo cantor chamado Elvis Presley. E o reverendo Billy Bob Magdalene curtia mais uma ressaca. Ele não vinha passando bem nos últimos meses. Sua saúde parecia piorar

rapidamente. Ele não sabia o que faria sem aqueles dois, que se preocupavam tanto com sua saúde e eram tão bons com ele e sempre lhe compravam uma garrafa.

- Ei - chamou Bonner do fundo do ônibus.— O que sabem dessa cidade Odessa? Já esteve lá antes, Billy Bob? Mas o reverendo estava ocupado demais segurando a cabeça. Mais uma vez, não pregaria naquela noite. Danny o faria em seu lugar. Mas estava tudo bem. Ainda que Bob Magdalene não admitisse para os rapazes,Danny era melhor pregador das pragas do inferno do que ele jamais fora. E ele era tão bonito, lançando aquele sorriso malicioso e sexy para o público. Não havia como negar - o garoto trazia papel-moeda.

—Ei — disse Danny de repente. — Sentiram isso?

—O quê? - perguntou Bonner.

—Não sei... — Danny franziu o cenho e segurou o volante com mais firmeza. -Tem alguma coisa errada.

— Pode ser um pneu — disse Bonner, indo para frente e inclinando-se para espiar, entre Danny e o reverendo, a imensa estrada diante deles. Já fazia horas que não viam um carro sequer.

— Melhor parar para olhar — sentenciou Danny, diminuindo a velocidade e levando o ônibus para o acostamento.

—Fique aqui, Billy Bob - Bonner disse quando saíram. - Está quente demais aqui para você.

Mas quando ele os viu parados, olhando para baixo, acendendo os cigarros e balançando as cabeças, Billy Bob precisou sair para ver o que estava errado.

E ele descobriu exatamente o que estava errado assim que OS RAPAZES subiram de volta no ônibus, dizendo que pegariam o macaco e algumas ferramentas e, em vez disso, deram partida e foram embora.

Bonner e Danny o observaram pelo espelho retrovisor, uma figura pequena e desnorteada, ficando cada vez menor conforme eles aumentavam a velocidade. Um velho sem camisa, sem chapéu e meio bêbado sem nenhuma água no meio do deserto impiedoso.

—Irráaa! — exclamou Bonner.

—Estamos por conta agora, garoto! — exclamou Danny ao afundar o pé no acelerador pela estrada com o ônibus de placa BILLY BOB MAGDALENE TRAZ JESUS em direção ao que ele sabia que seriam coisas melhores.

17

Hollywood, Califórnia: Í957

JÁ FAZIA TRÊS ANOS que Rachel vivia como Beverly Highland, trabalhando na Eddie's Royal Burgers e morando na pensão respeitável na Cherokee, antes de perceber que, a fim de ter uma vida nova, não bastava apenas trocar de nome. Ela teria de mudar o rosto também.

Não que alguns dos seus novos amigos, em palavras ou ações, lembrassem-na de sua aparência simplória. Eles enxergavam através do infeliz arranjo da carne e dos ossos e viam o espírito gentil de uma garota pacata que certa noite aparecera do nada, e que lhes era leal desde então, que não conversava muito, e cujo passado era um mistério e quem, acima de tudo, em três poucos anos, transformou a lanchonete de Eddie em um sucesso.

No dia em que Beverly apareceu para trabalhar, há três anos,para limpar o chão, lavar pratos e esfregar panelas, Eddie lhe ofereceu uma refeição grátis, e ela o surpreendeu dizendo baixinho:

- Este hambúrguer não é muito bom.

Ele ainda não estava acostumado com a sua honestidade - não estava acostumado à honestidade de ninguém —, por isso respondeu indignado:

- Se não gosta da minha comida, pode comer em qualquer outro lugar.

Mas em vez de se desculpar ou manter o bico fechado, a garota insistiu em dizer suavemente:

— Sei do que o seu hambúrguer precisa. E teve a audácia de se levantar do balcão, entrar na cozinha e pegar a sua carne preparada da geladeira e *mexer* nela. Eddie era um misto de fúria e disposição para dispensá-la imediatamente, mas também estava curioso quando viu a mão dela voar para a grade de temperos, pegando latas e jarros, com os dedos trabalhando destramente, o rosto em concentração. Dez minutos mais tarde, quando ele mordia o hambúrguer melhorado, suas papilas gustativas lhe disseram que aquele era o seu dia de sorte. Ele usava carne moída de segunda, mas os temperos da menina a tornavam um filé de primeira, e, em seguida, quando Beverly também lhe ensinou o segredo de acrescentar *jalapenos* picados nas fritas, o resto ficou no passado.

Eddie ofereceu os novos hambúrgueres aos policiais, às prostitutas e aos atores desempregados que eram seus fregueses habituais, e recebeu críticas maravilhosas. Então, seguindo a sugestão de Beverly, ele reduziu dez centavos em cada porção, sumiu com os pratos, envolvendo os hambúrgueres em papel manteiga, e a reação dos fregueses foi fenomenal. A novidade correu de boca em boca e as pessoas começaram a aparecer. Em pouco tempo, não só o povo local se deliciava com os Royal Burgers, na lanchonete simples e sem atrativos, como as pessoas vinham de Santa Monica, Pasadena e mesmo da vizinha Beverly Hills para ver o que era todo aquele alvoroço. Então, Eddie teve a idéia de criar uma janela para quem estava de passagem, e logo incrementaram os negócios. As

pessoas passavam dirigindo, compravam o Royal Burger em saquinhos, e saíam para as praias, montanhas ou o deserto para saboreá-lo. A novidade se espalhou.

Por isso, Eddie estava expandindo a lanchonete para o terreno do vizinho, tendo adquirido o seu ponto, e estava pensando em abriri uma filial na cidade em franca expansão no Vale de San Fernando.

Ele devia tudo isso a Beverly Highland. Mas ela não capitalizava os seus elogios como qualquer outra garota faria, exigindo dinheiro ou crédito pelo seu sucesso. Ela simplesmente lhe disse que ficava contente, com seus modos enlouquecedoramente reservados, sem sorrir, porém sempre sincera ao dizer que estava feliz por ele. E ainda que Eddie sempre imaginasse sobre a vida e o passado dela, sobre o qual ela se recusava a discutir, sobre o silêncio em que ela parecia viver, sobre a sua reserva e o fato de ela nunca aceitar os convites para jantar com ele e Laverne, e do modo como evitava fazer amigos, a maneira como nunca deixava que a tocassem - e, embora estivesse curioso quanto ao seu nome, que era o mesmo do cruzamento diante da sua lanchonete -, ele jamais a pressionou. Ela era pacata, trabalhadora, leal e nunca, naqueles três anos, faltara um dia sequer de trabalho ou lhe fez qualquer tipo de exigência. Não havia nada, absolutamente nada que ele não fizesse por ela.

- Férias? - disse ele. — Perdeu o juízo? Já não damos conta do jeito como estão as coisas! Eu tenho de entrevistar novas garçonetes, Laverne precisa de ajuda para manter os três olhos atentos naquela equipe de trabalho, e uma revista quer fazer uma matéria sobre nós. E você quer férias? Bervely estava acostumada aos modos bombásticos de Eddie. Ele vinha e voltava como ventos de Santa Ana - quentes e inesperados e desagradáveis, mas transitórios, imateriais, deixando pouca coisa para trás, a não ser poeira.

- Não tirei férias nesses três anos — observou ela atentamente.

- E quem tirou? - ele se virou da grelha e a encarou. Ela não era mais a "pequena" Beverly, notou. Três anos da sua culinária tinham acrescentado carnes àqueles ossos e gravetos — isso, e um pouco da natureza. Bervely tinha curvas agora, e a medida certa de acúmulo nos lugares certos. Ele flagrou diversos fregueses olhando mais do que uma vez para ela. Uma pena o seu rosto.

- Então, para onde pretende ir nessas tais férias?

- Só... sair daqui - respondeu ela, em sua maneira costumeiramente enigmática. Eddie aprendeu no decorrer dos anos que obter informações de Bervely era como conseguir sexo com Laverne. Era melhor esperar sentado.

- Por quanto tempo? - Três meses.

Ele largou a espátula.

A garota tinha perdido o juízo. Sem um pingo de dúvida.

- Desculpe, menina — disse ele. — Mas não posso ficar sem você por tanto tempo.

- Prefere ficar sem mim para sempre?

Isso o fez pensar. Em todo o tempo em que estavam juntos, Eddie nunca a viu questionar suas ordens. Ela era trabalhadora e obediente, e nunca reclamava. Ouvi-Ia desafiá-lo naquela voz tranquila era o mesmo que a declaração de guerra vinda de qualquer outra pessoa.

Ele mirou aqueles olhos castanhos enigmáticos, olhos que guardavam segredos - alguns deles terríveis, ele suspeitava - e pensou por um instante. Então ele concluiu: devia ser algo que ela simplesmente tinha de fazer.

- Começando a partir de quando? - cedeu ele por fim.

—Não sei ainda. Mas eu informo assim que souber.

-Vou sentir sua falta, menina - ele disse baixinho.

Ele pensou que com isso ela fosse abraçá-lo. Mas claro que não. Mesmo que, por vezes, ele achasse que Beverly fosse capaz de algo impulsivo assim, de fazer o que qualquer pessoa faria na mesma circunstância, ela sempre se continha. Nunca tocava ninguém, e nunca deixava que a tocassem.

—Obrigada, Eddie — disse ela, e voltou ao trabalho de preparar a sua mistura secreta de condimentos.

Os primeiros médicos que ela procurou eram clínicos gerais que, com unanimidade, disseram que não havia nada que pudessem fazer. Depois ela marcou hora com cirurgiões e suportou as avaliações minuciosas do seu rosto, só para que lhe dissessem a mesma coisa:

- O nariz, talvez - todos concordaram. - Mas você sempre terá esse queixo.

Ela descobriu que somente um especialista poderia ajudá-la. Então ela percorreu diligentemente as páginas amarelas e passou a procurar por cirurgiões plásticos. Poucos se interessavam nela assim que ela informava que não tinha nem dinheiro, nem seguro de saúde; um deles sugeriu estar disposto a trabalhar nela, caso ela trabalhasse *nele* como forma de pagamento.

Beverly passou a entender que a beleza, ou pelo menos uma aparência considerável, era privilégio dos ricos.

Mas ela não se deixaria desanimar. Sentada diante do espelho na pensão da irmã de Eddie e analisando seu rosto, ela se lembrava de uma das últimas coisas que Danny Mackay tinha lhe dito:"Você era uma esquisita, Rachel". Bem, ela já alterara parte daquela frase - seu nome. Por certo seria apenas uma questão de tempo mudar o resto.

No entanto, oito semanas de busca - trafegando horas pelo transporte público de L.A. para chegar a consultórios ermos de médicos **que acaba**vam simplesmente meneando a cabeça, e repetindo para Eddie que as suas férias começariam logo - não produziram resultado. Ela não estava nem um pouco mais perto do que no dia em que começou a sua busca. Ainda assim, isso não desencorajou a determinada Beverly. Quanto mais impossível seu objetivo, mais eIa se esforçava para alcançá-lo, cada novo dia aumentava cada vez mais a sua determinação. Ela iria mudar o rosto.

E, então, em uma certa manhã de maio, quando o tempo ainda estava meio fresco e o mormaço ainda não tinha iniciado o cerco do verão, Beverly estava de pé ao lado da tábua de corte, misturando os condimentos de sua receita especial para o Royal Burgers do Eddie enquanto ouvia o rádio. O noticíario dizia que Eisenhower enviava soldados paraquedistas para Little rock, os russos lançavam uma coisa chamada Sputnik e um piloto chamado John Glenn rompia o recorde de velocidade em um avião a jato. - E agora, o noticiário local... — o repórter anunciou. Enquanto Beverly estava para acrescentar estragão, manjericão e sálvia à cebolinha picada, anunciaram que uma estrela de cinema tinha se envolvido em um acidente espetacular na autoestrada Pasadena, e fora levada para o Hospital Rainha dos Anjos. - O doutor Seymour Wiseman, o médico responsável pelo caso, contou à KFWB que a senhorita Binford sofreu ferimentos substanciais no rosto e que ela havia sido estabilizada e seu estado já não era mais crítico. A senhorita Binford, que venceu um Oscar por sua atuação espetacular em *Rosas Desesperadas no ano* passado, necessitará de cirurgia reconstrutora extensiva, segundo o doutor Wiseman, que é cirurgião plástico. E agora, o noticiário esportivo. Isso sim é que é notícia! Os Dodgers do Brooklin estão se mudando para Los **Angeles...**

Mas Bervely não prestou atenção ao resto. Já estava consultando as páginas amarelas.

Seymour Wiseman, descobriu ela, tinha um consultório em Beverly Hills, uma cidade que, apesar da proximidade com Hollywood - e apesar de que a Estrada Bervely Canyon, a rua em que se localizava a lanchonete, dar voltar e acabar terminando em Beverly Hills acima do conhecido Bulevar Sunset - Bervely nunca tinha visitado.

Ela ligou para marcar uma hora, disponível somente para dali a dois meses - o doutro Wiseman era muito procurado. Aproximou-se de Eddie, que preenchia um pedido de carne, e disse: - As minhas férias começarão em 8 de julho pois ela tinha certeza que o doutor Wiseman aceitaria o seu caso.

Beverly nunca havia estado em um consultório como aquele. A mobília era de couro polido e de mesinhas delicadas com perninhas finas de ferro, com arte moderna nas paredes, e revistas que ela só via nas farmácias, mas que, no entanto, nunca tinha dinheiro para comprar. A recepcionistas não parecia ser enfermeira; não usava uniforme, mas estava muito bem vestida. E a única paciente na sala de espera era uma mulher vestida com um casaco de marta. Em pleno mês de julho.

Beverly preencheu um formulário solicitando seu histórico médico - pais: falecidos; gestações: nenhuma - e se sentou para esperar.

Uma hora e meia depois, ela foi chamada.

Não havia uma sala de exames assustadora no consultório do doutor Wiseman. Beverly foi levada a um escritório confortável que, em comparação com a sala de estar impecável, estava tomada de todo tipo de objetos, e souvenires estavam colocados de qualquer forma em prateleiras - estatuetas de médicos feitas de castanhas e tecido, figuras de cerâmica de cirurgiões ao lado da mesa de operações, placas de madeira entalhadas com a palavra "obrigado" e assim por diante. Presentinhos extras de pacientes AGRADECIDOS. Beverly já estava se perguntando que tipo de presente extra poderia dar, quando ele entrou no escritório.

— Muito bem, senhorita Highland — disse ele ao se sentar na cadeira atrás da escrivaninha.—Vejo em sua ficha que quer que eu "conserte o SEU ROSTO!, como bem escreveu aqui. O que, exatamente, gostaria que eu fizesse?

—Quero que mude o meu rosto.

Ele a fitou. Ela se sentava rígida, ereta na cadeira, as mãos cruzadas com força sobre o colo. Havia uma intensidade nela que o deixou curioso. Ela parecia tão... séria para alguém tão jovem. Será que a simplicidade do seu rosto a deixou tão infeliz que ela sentia raiva do mundo?

—O que, especificamente, não gosta em seu rosto?

—O senhor vê alguma coisa para se gostar nele?

-Você tem olhos bonitos.

—Pode me ajudar?

—Acredito que sim. Existe uma pequena intervenção que posso fazer para puxar as orelhas, e posso transplantar cartilagem em seu queixo. O nariz pode demandar mais do que uma cirurgia...

—Não tenho dinheiro - disse com suavidade. — E nem seguro de saúde

O sorriso dele se desfez Sua expressão dizia: Então por que está aqui?

- Doutor Wiseman — disse ela com simplicidade. — Sou feia e pobre.

Preciso de ajuda e não tenho a quem recorrer. O senhor é um médico famoso. Opera elas de cinema. Não precisa do meu dinheiro. Mas tem um dom dado por Deus em suas mãos que não acredito que alguém tão gentil quanto o senhor queira afastar de alguém tão desesperado como eu, só porque não tenho dinheiro.

Seymour Wiseman removeu os óculos devagar e os limpou no jaleco branco. Quando voltou a usá-los, cruzou os braços, lançou um olhar penetrante para Bervely e disse:

- Mocinha, está zombando de mim, ou é, de fato, tão ingênua quanto quer parecer? Acreditou honestamente que poderia entrar aqui e me pedir para operar de graça?

- Não senhor - respondeu, deixando escapar um pouco do sotaque de San Antonio - Nunca pedi algo de graça em minha vida.Aquilo que quero, trabalho para ter. E trabalharei para o senhor, doutor Wiseman. Tenho de trabalhar para o Eddie, porque lhe devo isso,mas também trabalharei para o senhor. Pelo tempo que quiser. Mas, por favor, conserte o meu rosto. Ele a examinou pensativamente.

- Você é enfermeira?

- Não.

- Sabe datilogratar?

- Não.
- Conhece terminologia médica?
- Não.
- Tem diploma do ensino médio?
- Não.

Suas feições se mostraram incrédulas.

- O que sabe fazer?
- Tudo o que precisar ser feito. Limpo o chão e lavo pratos...
- Não temos pratos no consultório, mocinha, e uma equipe de limpeza limpa o chão. Quantos anos você tem?
- Dezenove.
- Seus pais sabem que você está aqui?
- Meus pais morreram.

Ele franziu o cenho ligeiramente.

- Entendo. E quem cuida de você, então?

- Ninguém. Cuido de mim desde os catorze anos.
-Você é do sul?
—Vivi no Texas por um tempo.
- Como se sustentou?
-Trabalhei para uma mulher chamada Hazel.
- O que você fazia?
- Hazel possuía um prostíbulo. Morei lá por três anos. Eu era uma das garotas. Meu namorado, Danny, me levou para lá - acrescentou com suavidade.

Um silêncio tomou conta do consultório. Um silêncio que parecia receber todos os sons exteriores e amplificá-los: os carros passando pela Rodeo Drive, saltos altos batendo por perto, uma sirene ao longe. Seymour Wiseman removeu os óculos mais uma vez e os limpou, mesmo que eles não precisassem ser limpos. Subitamente, ele se lembrou de uma coisa - um incidente do passado no qual ele não pensava há anos, sobre o qual ele não *se permitira* pensar em anos. O que naquela moça desconhecida disparava aquela lembrança? Fitou-a nos olhos — sim, o único traço que se salvava naquele rosto — e viu a chama de uma alma muito forte e determinada queimando vivamente. Ele pensou nos prostíbulos do Texas e NOS NAMORAdos chamados Danny que vitimizavam garotas sem atrativos, sem pais que as protegessem.

Então ele disse:

- Eu tenho uma filha da sua idade.

Ele a instalou em um hospital particular naquela noite e já na manhã seguinte começou a trabalhar no seu nariz. A cartilagem para aumentar o queixo ele tomara da sétima costela; as orelhas ele faria por último.Na primeira manhã de cirurgia, enquanto Beverly estava deitada de operações, uma enfermeira pediu que levantasse o quadril para passar a tábua de transferência por debaixo dela - que serviria para a cauterização elétrica, ela explicou. E, ao fazer isso, a enfermeira notou a tatuagem no interior da coxa de Beverly.

- Que bonita — comentou ela. — É uma borboleta, não?

O doutor Wiseman, entrando na sala naquele instante com as mãos erguidas molhadas, depois de ter se lavado até os cotovelos, deu uma olhada e disse:

- Posso removê-la se quiser, Beverly.

Mas ela recusou. Aquele era o seu lembrete diário sobre Danny Mackay. A cirurgia doeu, mas Beverly a suportou com estoicismo. Todas as injeções de anestésico local, o som da raspagem diminuindo os ossos do nariz, o sabor do sangue descendo pelo fundo da garganta, a sensação das suturas entrando e saindo, todos os dias e noites de solidão sem ninguém para visitá-la, nenhuma flor para alegrá-la, a cadeia infinita de

mulheres engomadas com sorrisos engomados cuidando do seu corpo, e as longas horas na mesa de operações e as longas horas de espera no fim, olhando para o rosto todo inchado e coberto de hematomas no espelho, as bandagens e o sangue seco - todas as dez semanas em que sua provação durou Beverly só pensava em uma coisas: sua ambição para se tornar alguém. E, um dia, quando estivesse pronta, ela reencontraria Danny Mackay.

Quando o doutor Wiseman terminou, Beverly viu que ele praticamente erradicar o rosto desprezado por Danny, a feiúra que os fregueses esquisitos de Hazel preferiam, o rosto que enfurecera tanto o pai de Rachel. Em seu lugar, ele havia colocado um rosto novo. - O que acha? - perguntou ele no último dia no hospital quando as últimas bandagens e suturas foram removidas. Bervely não tinha muita certeza. Na verdade, ela estava pavorosa. Os hematomas tinham se convertido num tom amarelo esverdeado, linhas vermelhas onde o fio de sutura unira os cortes, e ela estava inchada. Entretanto, havia algum indício ali... O nariz, decididamente, estava menor, o queixo já não era afundado e as orelhas permaneciam respeitosamente grudadas contra o crânio. - Não se preocupe - disse o doutor Wiseman, pousando uma mão paternal em seu ombro. — Os hematomas desaparecerão logo e o inchaço diminuirá. As cicatrizes desaparecerão, e o sol lhe dará uma cor saudável. Agora, deixe-me dar um conselho. Pince as sobrancelhas e faça alguma coisa no cabelo. Garanto que sua aparência será a de uma estrela de cinema. Ela se registrou em um hotelzinho no oeste de Los Angeles e passou pelo doutor Wiseman outras três vezes depois daquilo. Finalmente, o rosto prometido por ele apareceu, e quando ela o viu pela última vez, ela foi preparada para lhe pagar.

- Recebo noventa dólares por mês na lanchonete de Eddie — informou. - Posso lhe enviar cinco dólares a cada duas semanas. Basta dizer quando quiser que eu venha, e eu estarei aqui, doutot Wiseman. Farei tudo o que precisar ser feito neste escritório. Virei nos fins de semana, se preferir...

Mas ele a interrompeu levantando a mão.

—Beverly, citando as suas palavras, não preciso do seu dinheiro. Sou, como de fato me acusou de ser, tremendamente rico. Não me pergunte por que a operei — seu caso era rotina, não um desafio médico. Eu tinha outras coisas para fazer e você foi uma inconveniência. Mas vou lhe contar uma coisa. Vinte anos atrás um jovem Seymour Wiseman tinha um consultório modesto em uma bela rua residencial em Berlim. Ele não tinha muito dinheiro naquela época. Na verdade, ele não gostava das pessoas que idolatravam o dinheiro. E, então, um dia terrível chegou... - seus olhos umedeceram por trás das lentes dos óculos redondos. - Um dia em que soldados chegaram e levaram seus vizinhos, seus melhores AMIGOS E TÃO aquele jovem doutor Wiseman, aterrorizado por saber que seria o próximo, soube de uma maneira de abandonar a Alemanha, contanto que ele tivesse dinheiro. Então o doutor Wiseman conseguiu esse dinheiro, e conseguiu tirar a família da Alemanha e se mudar para os Estados Unidos. Todos os seus amigos, contudo, morreram nos fornos nazistas. Sabe do que estou falando?

- Sim - ela sussurrou.

Ele suspirou.

— De qualquer forma, isso aconteceu há muito tempo e em mundo que já não existe. Mas, desde então, passei a depositar a minha fé no dinheiro. Idolatro dinheiro, Beverly. E sempre o farei. E se você for inteligente, prestará atenção ao que lhe digo. Dinheiro é poder, Beverly.Dinheiro é a chave para a liberdade. O dinheiro permitirá que você faça tudo o que quiser. Entende o que eu digo?

Ela assentiu.

- Contudo - ele se apressou a acrescentar quando viu com **que intensi**dade ela concordava com ele, quando ele viu as visões secretas queimando em seus olhos -, só de

vez em quando, Beverly, permita-se fazer algo por pura caridade, simplesmente para que seja um tônico para a sua alma, e você conseguirá viver bem consigo. Entende?

-Sim.

Ele a observou por um bom tempo. Ela o entristecia. Ele queria chorar ao ver alguém tão jovem já no caminho do ódio e da vingança, pois, por certo, era isso o que queimava tão ardentemente em seus olhos. E foi isso, na garota desconhecida, que disparou as lembranças indesejáveis no dia em que ela o procurou. EIa o fez se lembrar de si próprio, do jovem Seymour Wiserman, amargo e pesaroso, a caminho do novo mundo enquanto os corpos dos amigos e dos entes queridos queimavam nos fornos nazistas. Ele se pôs de pé e estendeu a mão. Mas, claro, ela não a aceitou. Era nisso que ela e ele eram diferentes: pelo menos Seymour tinha aprendido a tocar novamente, e a amar. Só lhe restava rezar para que quaisquer feridas que atormentassem aquela pobre garota um dia cicatrizassem e ela conseguisse perdoar, ainda que nunca esquecer, e, com isso, permitir-se voltar a viver.

- Diremos adeus por ora. Não precisa mais de mim, e eu tenho de voltar para os meus pacientes ricos. Prometa que voltará para me visitar um dia desses. E para me contar o que tem feito e onde foi parar com esse lindo rosto novo.

Bervely desceu do ônibus na Avenida Highland e entrou no primeiro salão de beleza que viu. Ficou lá por seis horas e entregou todo o dinheiro que tinha para a cabeleireira, que incluía a passagem de ônibus para o resto do caminho até em casa. Andaria até lá, de mala na mão, pelas ruas conhecidas de Hollywood até a lanchonete de Eddie.

Ele estava na cozinha, fritando hambúrgueres freneticamente, quando

ela entrou.

— Os clientes não podem entrar aqui! - Sou eu, Eddie - disse ela. - Eu quem?

- Eu, Bervely. Voltei.

Ele franziu a testa. Fitou o belo rosto com nariz pequeno e queixo delicado e, finalmente, as sobrancelhas arqueadas e o cabelo platinado preso para trás em um novo estilo de coque banana. Em seguida olhou para a conhecida e desgastada mala com um adesivo P&O e deixou a espátula cair.

18

Jessica gritou quando acertou em cheio.

Então, voltando à expressão atônita de John, ela se virou e começou a correr. Mas a neve estava funda demais e suas roupas atrapalharam a sua fuga; John logo estava ao seu lado, puxando-a para baixo e prendendo-lhe os braços acima da cabeça.

— Não vai se safar com essa! — exclamou ele, sentando-se sobre ela ao juntar um punhado de neve com a mão desocupada.

Ela gritou e se debateu, mas ele era muito mais forte do que ela. Enquanto ele esfregava neve no rosto dela, dizia:

—Peça água! Vamos, Jess, peça!

Ela tentou combatê-lo, mas, por fim, admitiu a derrota e disse: água! E só depois ele a soltou. Mas quando ela rolou debaixo dele, ajoelhou-se na neve, amontoou um punhado de neve às pressas entre suas mãos enluvadas, e jogou nele, acertando-o em cheio mais uma vez. Antes que ele conseguisse revidar, Jessica se pôs de pé, riu, correu e olhou por cima do ombro, mostrando a língua para ele.

John, também rindo, correu atrás dela. Daquela vez, quando ele a alcançou, ele a girou, a abraçou e a beijou.

Ela se deixou cair sobre ele, exausta, sem fôlego e contente.

- Vamos, querida - disse ele, segurando-a. - Bonnie e Ray devem estar se perguntando aonde fomos parar. Jessica não se importava. Sabia que o outro casal tinha voltado ao chalé uma hora antes e estavam esperando por eles, mas a caminhada de volta das pistas de esqui se mostrou tão revigorante para Jessica que ela não tinha resistido a uma guerra de bolas de neve. Ela não queria ir a Mammoth para passar o fim de semana, dividindo o chalé com o sócio de John e a esposa dele - ela tinha trabalho demais esperando por ela no escritório. Mas naquele instante sentiu-se feliz por ter

cedido. Era daquilo que precisavam: uma escapada de fim de semana. Bateram a neve das botas antes de entrar no calor reconfortante da casa.A lareira estava acesa, e Ray e Bonnie estavam sentados diante dela,jogando *Scrabble. - Ah! - exclam*ou Jessica, livrando-se da parca e das luvas.

— Sinto cheiro de vinho quente?

- Está no fogão - respondeu Bonnie. - Sirva-se. Quando Jessica se punha na direção da cozinha, John disse:

- Por que não sobe e se troca antes? Ela pensou em protestar - queria, desesperadamente, algo quente para aquecê-la -, mas em vez disso, disse:

- Está bem - e partiu para a escada.

Enquanto vestia uma túnica de veludo, ouviu o barulho de risadas no andar de baixo. Bonnie e Ray se gabavam de serem peritos em jogar *Scrabble. Não era um* dos jogos prediletos de Jessica, mas John gostava, por isso estava resignada a passar a tarde jogando aquilo. Antes de sair do quarto, parou para se olhar no espelho. As faces

estavam coradas, os olhos castanhos escuros brilhavam de felicidade. John fez amor com ela naquela manhã, antes de seguirem para as pistas de esqui. E foi muito prazeroso. E ela sabia que eles voltariam a fazer amor à noite.

Uma caneca de vinho quente já a aguardava quando se juntou aos demais. Enquanto John lhe entregava a caneca, encarou a túnica verde-esmeralda com um olhar crítico.

- O que foi? - perguntou ela, olhando para si, falando baixinho para que os outros não a ouvissem.

- Quando comprou isso?

- Na semana passada. Pensei **que seria confortável vesti Ia** depois de um dia na neve. Nã**o** gostou?

—Verde não a favorece, querida. Sabe disso. De qualquer forma, vamos lá, Bonnie e Ray estão esperando por nós para começarmos uma nova partida.

Sentaram-se no carpete e jogaram na mesinha de centro baixa. Revezavam-se para colocar as peças no tabuleiro, os quatro conversando amigavelmente, bebendo vinho e apreciando o calor do fogo. Jessica não falava muito; Ray e Bonnie eram amigos de John, e ela mal os conhecia.

—Vou lhe dizer,John — começou Ray ao colocar quatro letras e marcar trinta pontos. - Posso vender este lugar pelo *triplo* do que paguei por ele. Não se pode comprar mais nada em Mammoth pelo preço que eu e Bonnie gastamos para comprar este chalé há alguns anos. Recebo ofertas o tempo inteiro. Mas jamais venderíamos, não é, Bon?

Bonnie se voltou para Jessica.

—Como se saiu hoje?

Jessica estava aprendendo a esquiar. Ainda não sabia se gostava. Antes que conseguisse responder, John deu um tapinha em sua mão e disse:

— Acho melhor Jess voltar à pista de iniciantes. Sofreu uma queda e tanto hoje, querida.

—Vou lhe dizer — interveio Ray, jogando e marcando vários pontos mais uma vez. — Esquiar não é para todos. Ganhei os meus primeiros esquis aos sete anos. Não me lembro de um tempo em que eu não soubesse o que estava fazendo!

Jessica respondeu tranquila:

— Imagino que seja mais fácil para uma criança aprender do que para um adulto. As crianças não têm os medos que nós temos.

— Querida — disse John —, veja o que acabou de fazer. Por que não colocou as peças no quadrado de pontos duplos? Você tinha a oportunidade perfeita. Não vai vencer com esse tipo de jogada.

Posso, sim, ela pensou. Agora impedi que Bonnie jogasse nos pontos triplos e não coloquei o meu "u" onde quem quer que tenha um "q" possa se aproveitar dele.

— Jessica — Bonnie a chamou. — Como é Mickey Shannon de verdade?

Jessica relanceou para John e depois para o tabuleiro.

—Ele é uma pessoa gentil.

— As minhas alunas do sexto ano são absolutamente apaixonadas por ele. Quando contei à turma que eu passaria o **fim** de semana com **a** advogada de Mickey Shannon, **elas quase enlouqueceram.** Prometi a **elas que lhe pediria** para ver se você **conseguiria autógrafos para** a sala.

-Jessica está tentando evitar notoriedade — respondeu John. - EIa não é a agente de publicidade de Mickey Shannon.

I, - Bem, eu só pensei... — Bonnie procurou um lugar para colocar o seu "q" e viu que o único "u" disposto não estava disponível. — Quero dizer, o que custa um autógrafo?

- Não me importo em fazer isso - disse Jessica. Mas John interferiu:

- Não vê, querida, o que conseguir um autógrafo de Mickey Shannon fará com a sua imagem? É uma falta de dignidade.

Ela olhou para o marido.

- Sim, você tem razão — concordou. — Além disso, Bonnie, ele está em turnê agora...

O fogo crepitou, as labaredas subiam em direção à chaminé. Jessica venceu a partida, deixando Ray em segundo com vinte pontos a menos, Quando as peças foram espalhadas e viradas para baixo novamente, ela disse:

- Não estou com vontade de jogar isso novamente. Que tal uma partida de cartas?

John lhe lançou um certo olhar.

- Você é minoria, querida. Por que não sobe e tira um cochilo?

II, - Mas não estou cansada.

- Bem, mas parece estar. E sofreu uma queda feia hoje na pista. Vamos... - ele a segurou pela mão.- Subo com você.

No andar de cima, já no quarto,John tomou-a nos braços e beijou-a na testa. - Eu acordo você para o jantar — disse baixinho.

- *Jogamos Scrabble* por seis horas ontem à noite - disse ela, afastando-se. - Existem outros jogos, sabia? Por que não podemos dar um tempo?

- Porque estamos na casa deles e eles foram gentis o bastante para nos convidar. Além disso, você venceu. Por que está reclamando? - Não estou reclamando,John... Ele lhe um tapinha no braço. - Descanse e sentirá melhor. Essa é a minha garota. Ela o viu sair e pensou: *Não sou sua garotinha.*

Quando o barulho das risadas se elevou no andar de baixo,Jessica foi para a cama e sentou. Começava a acreditar que esteve certa em sua primeira opinião, quando não quis ir para Iá. Não se importava com Ray e com Bonnie, não gostava de esquiar e detestava jogar *Scrabble*, sem falar que se preocupava com o volume de trabalho na sua escrivaninha. Também se sentia, apesar da companhia das pessoas lá embaixo, muito sozinha. Olhou para o telefone, pensou um momento, e ligou para Trudie.

— Oi! — disse uma voz do outro lado. —Você ligou para Gertrude Stein, Sério, esse é o meu verdadeiro nome. Estou fora de casa agora, comprando ração para os meus três famintos e malvados Dobermans de guarda, mas se deixar seu nome e telefone...

Jessica desligou. Não esperava mesmo encontrar Trudie. AFINA, LER AS Ábado à noite. Por isso ela se esticou na cama, puxou a manta e começou a prestar atenção à conversa abafada do andar de baixo. Fechou os olhos. Visualizou Lonnie.

Nas duas semanas desde aquela noite incrível no bar do oeste do Butterfly, Jessica mal conseguia pensar em outra coisa. Sua fantasia se tornou realidade, tomou forma de verdade e se tornou real. Aquilo a deixou alegre por um tempo, mas logo o enlevo se desgastou e ela se pegou pensando: *Agora que o meu cowboy já não é uma fantasia, mas sim, realidade, não tenho mais fantasia alguma.*

Ela percebeu que tinha entrado em um tipo de barganha e que pagou um preço inesperado. Aquela havia sido uma troca inesperada: sua fantasia pela realidade. Era-lhe difícil fantasiar com ele, agora, sabendo que ele estava mesmo lá, que poderia vê-lo em carne e osso, estar com ele quando bem quisesse. Mas... Era isso o que ela queria?Visitar um garoto de programa toda vez que se sentisse sozinha, estivesse com raiva ou com vontade de fazer sexo? Aquilo resolveria algum dos seus problemas? Ou só os aumentaria? Aumentaria, sim...

Nas duas semanas desde a noite com Lonnie, Jessica se viu insatisfeita com as relações sexuais com John. E isso não era justo com ele. Ele não fazia idéia que estava sendo comparado com um garanhão perito na arte de fazer amor. Essa percepção a fez sentir culpa, e, por consequência, desejando compensá-lo por isso, Jessica reagiu calorosa aos

avanços de John, surpreendo-o com seu entusiasmo pouco característico. E o sexo ACABOU SE mostrando bom.

Ela acabou adormecendo e foi acordada por John duas horas mais tarde, dizendo-lhe que o jantar estava pronto. Comeram pão francês com fondue de queijo diante da lareira, e resolveram jogar mais uma partida de Scrabble.

Jessica se desculpou, apesar do olhar desaprovador de John, alegando ter um livro que não conseguia deixar de lado. Ela esperou por John na cama, deitada acordada enquanto o jogo prosseguia no andar de baixo, perguntando-se se deveria juntar-se a ele, se estava sendo injusta com ele. Mas quando ele finalmente entrou silenciosamente no quarto, Jessica decidiu que o compensaria.
Ele se enfiou debaixo das cobertas e ela o tocou. Ele a beijou no rosto

- Estou cansado, querida — e rolou para o outro lado.

Enquanto sua secretária eletrônica recebia mensagens, Trudie avaliava a frequência do Peppys, uma boate popular no Bulevar Robertson, naquela noite de sábado. Alexis, a prima pediatra amiga da doutora Linda Markus, estava com ela.

Alexis resovera sair para uma noite de drinques e de azaração, mas não tinha intenção alguma de ir para casa acompanhada de um desconhecido como Trudie pretendia. Para Alexis, o Butterfly resolvia as suas necessidades sexuais, até que ela encontrasse alguém com quem se assentar. Desde a faculdade de medicina, ela nunca mais teve muita sorte em lugares como aquele, embora fosse bela em seu estilo europeu e tivesse uma personalidade aradável. O motivo era a sua profissão: Alexis descobrira que, por algum motivo inimaginável, os homens não se sentiam atraídos por médicas. Talvez ela representasse uma ameaça para eles, concluiu, ou eles se sentissem desconfortáveis com o seu conhecimento da anatomia humana. Qualquer que fosse o motivo, Alexis nunca avançava muito em lugares de paquera como aquele. Normalmente, depois que lhes dizia o que fazia para viver, o interesse deles diminuía.

Mas mesmo assim gostava de sair porque Trudie era muito divertida. Era uma mudança revigorante se comparada às saídas com os colegas de profissão, cujas conversas invariavelmente giravam ao redor da medicina. O que intrigava Alexis naquela noite era que Trudie parecia ansiosa à espreita. Por que, ela se perguntava, ela fazia aquilo quando podia muito bem ir ao Butterfly e se sair muito melhor?

O que Alexis não sabia, e que nem mesmo Trudie desconfiava, era que Trudie procurava por outra coisa. Ela procurava uma maneira de recriar a sua fantasia do Butterfly com um homem real. As suas noites com Thomas eram maravilhosas, mas ela sabia que se tratavam somente de interlúdios pagos com dinheiro. Ele não era real; o relacionamento deles não era real. Trudie queria recriar aquela magia na vida real, encontrar o mesmo encanto em um homem de carne e osso para quem ela pudesse se dedicar, pondo, por fim, um ponto final em sua busca. Mas o problema era que Trudie ainda não tinha descoberto exatamente o que em seus encontros com Thomas os tornavam memoráveis. Ela se relacionou com alguns homens desde que passou a frequentar o Butterfly, mas nenhum deles disparou aquela fagulha especial. Se ao menos ela soubesse o que estava faltando, o que vinha procurando... Trudie poderia ter quem escolhesse naquele lugar. Com SUA APARÊNCIA e personalidade, o jogo lhe era favorável. Os homens, na opinião de Trudie, não pareciam ter problemas para decidir quem levariam para C A S, AO U O Q U E fazer depois que chegassem lá. Também lhe parecia, pensou ela ao fumar seu Virginia Slims e olhar para o homem recostado em um pilar a fitá-la também, que os homens solteiros não pareciam ter os mesmos problemas das mulheres solteiras. Ela não os via como caçadores em busca de um relacionamento permanente. Até onde ela entendia, os homens só queriam sexo rápido e ponto.

Havia tantas coisas que pareciam prender as mulheres e não incomodar os homens. Quando percebeu uma mulher excessivamente magra dançando na pista,Trudie se lembrou de sua época de faculdade com Jessica quando, no meio da noite, ela acordava e ouvia garotas vomitando nos banheiros. Essas mesmas garotas se enchiam durante o jantar no dia seguinte - em um constante carrossel de excessos e inanição. Exatamente como Jessica fazia. Mas só as mulheres, Trudie notou, sofriam de bulimia e anorexia. Por que os homens não? O homem recostado contra o pilar se endireitou devagar e começou a se mover pela pista de dança lotada na sua direção. Ele e Trudie vinham se observando durante a última hora, e, ao que tudo levava a crer, ela passara em algum tipo de teste visual. Ele também havia passado no teste. Trudie gostou da sua aparência. Ele a fez se lembrar de Bill, o encanador das piscinas, com quem ela havia discutido no mês anterior e que, desde então, a tratava com frieza. Uma pena também, porque Bill era um homem sensual e bonito. Quem sabe em outros tempos, em uma outra encarnação, Trudie considerou, ela e Bill pudessem ter a oportunidade de se relacionarem. mas a sua posição como construtora que o empregava para os seus trabalhos os excluíam de qualquer tipo de relacionamento entre homem e mulher.

- Olá - disse o desconhecido ao chegar à sua mesa.

i Trudie sorriu para ele. Ele era alto, e preenchia a camisa de um modo muito interessante. Ele usava óculos de grau de aro de metal, do tipo que os hippies usaram nos anos 1960, que lhe emprestava um ar intelectual, interessante. Devia estar na faculdade, ela especulou. Por certo fazia o tipo acadêmico.

ii - Olá - ela respondeu ao lhe oferecer um lugar para sentar. Ele se acomodou, virou-se para Trudie e disse:

- E então, devo telefonar para você amanhã cedo ou simplesmente cutucá-la?

O Corvette azul metálico acelerava pelo Bulevar Wilshire, passando por semáfaros amarelos e fazendo zigue-zagues para trocar de pista. Trudie abaixara a capota, então os seus cabelos e os de Alexis voavam ao vento. O farol adiante ficou vermelho; ela afundou o pé no pedal do freio, fazendo-as parar de pronto.

Alexis olhou para a prima, observou o perfil zangado e disse: - Houve uma época em que você teria ido para casa com ele. - É só sobre isso que os homens falam? Estou tão farta das mesmas cantadas sem graça! - Você vai a bares de paquera, é isso o que se recebe.

iii Trudie se afundou no banco e balançou a cabeça.

-Estou com trinta anos, Alexis. Quero encontrar um homem com quem passar o resto da vida. Mas não pode ser um homem qualquer. Ele tem que ser... Ah, não sei.

- Ele tem que ser como o seu acompanhante do Butterfly? - Acho que sim. Nem sei mais o que eu quero.

Um carro parou ao lado delas à espera da mudança do sinal. Trudie olhou de relance para ele — um Rolls-Royce branco Silver Cloud, um clássico dos anos 1950. Os vidros tinham proteção escura; mesmo o motorista estava escondido.

- Belo carro. - comentou Alexis.

A luz ficou verde e Trudie pisou fundo no acelerador.

- Deve ser de algum astro do rock! - disse para o vento conforme aceleravam.

O Rolls se moveu tranquilo pelo cruzamento e virou na calçada de um prédio de tijolos e vidro. A maioria das janelas do prédio estava escura, a não ser por algumas luzes no 20° andar. O Silver Cloud parou na frente da entrada subterrânea e o motorista saiu para abrir a porta do passageiro. Beverly Highland saiu, subiu o colarinho do casaco de pele e se apressou para a entrada do prédio deserto.

No 20° andar ela passou pelas portas de carvalho da Empreendimentos Highland S.A. e foi direto para o escritório do fundo.

- Olá - disse a mulher que já estava lá à sua espera.

- Desculpe o meu atraso - disse Beverly, retirando o casaco e pendurando-o. - Tive que receber uma ligação do chefe de departamento do litoral.Terei de testemunhar novamente. O que temos aqui?

A mulher ergueu uma pilha de papéis.

Beverly a segurou.

- Novas associadas? - perguntou.

- Novos *acompanhantes* — respondeu a diretora do Butterfly.

- Talvez tenhamos de começar a pensar em expandir — murmurou Beverly ao passar os olhos pelos papéis. Depois os deixou de lado e, séria olhou para a amiga. — Ele aceitou o dinheiro — disse. — Danny recebeu os 500 mil dólares e me convidou para ir ao seu rancho no Texas. Consegui recusar mais uma vez, mas, cedo ou tarde, terei de encontrá-lo pessoalmente. Ele está ansioso por me agradecer em pessoa pelo meu apoio a SUA CAMpanha. De qualquer forma, está na hora de colocarmos a próxima fase do plano em ação. Diga aos outros que quero me encontrar com todos vocês daqui a uma semana, antes das primárias de New Hampshire.

- Está certo.

- Preocupada? — perguntou Beverly.

- Não sei.

- Não fique. Danny pode ser poderoso, mas eu sou mais. Nada pode dar errado. Eu lhe prometo.

As duas mulheres se encararam. Elas sabiam o que a outra pensava. Que, depois de 35 anos, Beverly conseguiria a sua vingança, finalmente. Em 11 de junho, no dia em que Danny Mackay desejaria nunca ter nascido.

19

Hollywood, Califórnia, 1960 - Sexo é o que vende hoje, sabe, Bev?

Ela não prestou atenção. Estava ocupada demais se esforçando para entender os impossíveis livros de contabilidade da lanchonete. Era em dias como aquele que Beverly pensava em Carmelita. Uma garota nascida com um talento fenomenal, forçada a enterrá-lo juntamente a todos os seus outros sonhos. Carmelita, que tinha deixado de responder às cartas de Beverly há dois anos.

- Ei, Bev? Quem você considera o ator mais sexy?

- Não sei - respondeu ela sem levantar o olhar da contabilidade.

Roy Madison fechou a cara sobre a revista *Variety* que segurava e disse:

- Estou falando sério, Bev. Vamos lá, quem é o homem mais sexy das telas na atualidade?

Bervely abaixou o lápis e levantou a cabeça de seu assento e olhou para o fim do balcão. Roy estava sentado na mesa de canto de sempre, aquela mais próxima ao telefone, com as edições mais recentes da *Variety, Casting Call* e Hollywood Report espalhadas diante

dele. E como de costume, vestindo roupas limpas, porèm remendadas, posicionara a cadeira de um modo que podia checar a aparência na parte brilhante do jukebox, e segurava uma xícara de café comprada duas horas antes (ele nunca comprava nada para comer - Roy estava tão falido que não podia sanduíches de Eddie) enquanto procurava por oportunidades. Um típico ator sem trabalho.

– Não sei mesmo, Roy. Não vou ao cinema.

– E que tal Paul Newman?

Era uma manhã tranqüila – entre a correria do café da manhã e do almoço - e só havia dois fregueses nas outras mesas. Até mesmo a parecia menos movimentada.

– O que quer saber, Roy?

– Estou pensando em, talvez, mudar de aparência. Para ficar mais sexy. Ela refletiu a respeito. Embora Beverly mal prestasse atenção ao os considerasse atraentes nos últimos seis anos, ela era observadora o bastante para saber que não havia nada de errado na aparência de Roy dos ídolos padronizados das telas. Eddie sempre dizia que era uma pena que a aparência de Roy não o estivesse ajudando a conquistar m um peixe pequeno desconhecido em um oceano de tubarões. Ele conseguira papéis – poucos, sem fala, aqui e acolá - até apareceu isso não bastou para fazer sua carreira deslanchar. Ele arranjou empregos de meio-período, demitindo-se quando em alta, vivendo às custas dos outros novamente. Como naquele dia. Já fazia mais de um mês desde que a sua agente retornou uma de suas ligações.

– Não acho que haja nada errado com a sua aparência, Roy.

– O último diretor de elenco que vi me disse que pareço demais com o Fabian. É verdade, Bev?

Ela viu o modo como ele se observava no reflexo do jukebox, virando a cabeça de um lado, depois para o outro, ajeitando seu penteado p se parecia muito com Fabian.

– Se ao menos eu conseguisse um papel bom, sabe? Um papel com fala. Para mostrar o que sei fazer. Mas não se consegue um papel com E não se consegue um cartão SAG sem ter feito um papel com fala. Caramba, Bev. Uma vez, pelo menos uma voz, eu gostaria que as pessoas

-Você vai conseguir, Roy - disse ela com suavidade. - A oportunidade vai aparecer um dia desses.

- É - bufou - Como apareceu para o Eddie.

Roy frequentava a lanchonete há oito anos; ele se lembrava do Tony's Royal Burguer quando aquilo era uma lanchonete de segunda, desempregados como ele, comendo hambúrgueres rançosos. E agora? Bem, Eddie dirigia um Edsel novinho em folha e era bem-sucedido. A consistência era o segredo do sucesso de Eddie. Ele já possuía seis lanchonetes Royal Burgers e garantia aos seus fregueses que, quando de Pasadena, eles teriam a mesma qualidade e sabor que aquele que saborearam na loja em Santa Monica na semana anterior. Cadeias de novo conceito; Eddie conhecia o White Tower e o White Castle na costa leste, mas na costa oeste com a exceção de algumas cadeias relati inaugurada pelos irmãos McDonald em San Bernardino, quase no fim do mundo, não conheciam tal sucesso. Eddie, em seis ano hambúrgueres, descobriu, para a qual nunca se daria o atuais: serviço rápido em produtos padronizados com preços baixos. Ele estava enriquec com as lanchonetes Royal, mesmo que os hambúrgueres ainda fossem embrulhados em papel manteiga e as pessoas conseguissem com prá um. O lema da lanchonete era: "Milhões de pessoas já comeram os Royal Burguers", e ele estava escrito nas placas de cada lanchonete, bem .O carteiro chegou naquele instante, com a pesada bolsa atravessada pelo ombro.

- Olá Bervely - ele a cumprimentou, entregando uma pilha de envelopes. - Olá, senhor Johnson - ela retribuiu o cumprimento ao pegar atenta de cada envelope. Sabia que ela esperava receber alguma coisa,só não sabia o que era. Fred Johnson gostava de observar a bela e j anos que ele estava naquela rota e, em todo aquele tempo, ele jamais havia pousado os olhos em algo mais .revigorante do que a garota que gerenciava a lanchonete de Eddie. Certa vez, até pensou em juntar coragem para convidá-la para sair, t recebeu o golpe de mão Eddie Bev encontros. Ela não tinha ela parecia nem ter dar ouvidos. Fred perguntou certa vez, com Moas Eddie admitir quem bora ela já estivesse trabalhando para ele há seis anos, ele sabia mesmo o que soube na noite em que ela entrou pedindo um emprego.

Fred observava as mãos correrem por entre os envelopes - longos e finos, bonitos como o quê. Como a própria garota. Ela o encantava. Não importava o quanto o restaurante estivesse cheio - e vinha sempre cheio nos últimos tempos -, Beverly nunca tinha nem um fio de cabelo fora do lugar. Era sempre calma, tranquila e controlada. O uniforme estava sempre bem passado, sem mancha alguma; nunca levantava a voz nem se apressava nos momentos de correria. Ela o fazia pensar em limonada em dias quentes, em piqueniques sob a sombra das árvores.

Ela suspirou e deixou as contas e cartas de lado. Fred concluiu que o que quer que ela estivesse procurando todos os dias, ainda não havia chegado. Ocorreu-lhe de súbito que, caso soubesse o que Beverly tanto desejava receber, ele seria capaz de mover céus e

terras para conseguir para ela. Mas nem mesmo Fred Johnson com seu ardor da meia-idade conseguiu isso. O que Beverly procurava na correspondência diária era uma resposta ao anúncio que tinha colocado em jornais do país inteiro. "Naomi Burgess Dwyer" dizia o anúncio na parte de classificados pessoais: "entre em contato com a sua filha Rachel, Avenida Highland, 1718, Hollywood, California." Em quatro anos, não houve resposta alguma.

- Posso lhe oferecer algo para beber, senhor Johnson? Uma coca-cola ou outra coisa?

Ela era assim. Sempre prestativa e atenciosa. Uma vez que Fred parava em várias lojinhas e *delicatessens* em sua rota, ele tinha diversas oportunidades para comer. Mas jamais recusava a oferta de Beverly. Ele gostava de observá-la ao lado da máquina de refrigerantes para encher o copo de papel. Ele gostava de tomá-lo da mão dela e dizer: "Obrigado, você é um anjo", e ver como ela enrubescia às vezes. Foi isso o que atraiu Fred na perfeita e jovem Beverly. A sua inocência. Era possível dizer, só de olhar para ela, que ela não devia nem ter sido beijada na vida.

Depois que o carteiro se foi com sua bebida grátis, Beverly fechou os livros contábeis e os guardou debaixo da caixa registradora. Desde que Eddie se tornou quase rico, a esposa, Laverne, deixou de trabalhar na lanchonete e Beverly assumiu seu trabalho como gerente de loja, e ainda lutava para entender a contabilidade enigmática de Laverne. lira por isso que Carmelita lhe vinha à mente com tanta frequência nos últimos tempos.

Naquela noite amaldiçoada, há seis anos, ainda como Rachel Dwyer, enquanto subia no trem rumo à Califórnia, Beverly jurou nunca mais pôr os pés no Texas.

Mas o tempo, ela depois descobriu, realmente ajuda na cura. Tendo vivido, desde então, na companhia de pessoas decentes e gentis, a amargura de Bervely em relação a Hazel tinha diminuído. Através da perspectiva dos anos e da distância,e da vida segura e respeitável de Beverly, sem falar na segurança financeira da poupança no banco, ela conseguia olhar para trás sem sentir a velha ira borbulhar dentro de si. Ela conseguia se lembrar daqueles dois anos e meio no bordel de Hazel, e da sua amizade com Carmelita com carinho, quase que com saudade, e mais recentemente se pegava pensando cada vez mais no que teria acontecido com Carmelita, por que ela tinha parado de responder às suas cartas.

Uma viagem ao Texas, porém, estava fora de questão no momento. Eddie estava tão ocupado planejando novos pontos para futuras lojas e redesenhando a lanchonete para que ela fosse mais eficiente, mais favorável aos motoristas, por exemplo, que ele deixara o gerenciamento da pequena companhia nas mãos de Beverly. Não que ela se importasse com isso. O trabalho a mantinha ocupada de manhã até de noite. Mantinha a solidão à baila; dava-lhe uma desculpa para não passar tempo com os amigos que fizera na lanchonete. Estar ocupada permitia que ela se concentrasse na única coisa importante na sua vida: a vingança contra Danny Mackay.

Uma jovem entrou na lanchonete e pediu dois hambúrgueres de churrasco para viagem. Ela carregava uma criança pequena no quadril, e quando Bervely recebeu o dinheiro na caixa registradora, perguntou: - Qual a idade dela?

- Ela tem quase dois anos — a mãe orgulhosa informou.— Não é mesmo, Cindy?

BERVELY FITOU, cheia de desejos, a menina. Seu bebê, se tivesse nascido, estaria com cinco anos agora.

- Tome - disse, oferecendo uma bala para a criança. - Diga obrigada, Cindy - a jovem mãe disse, e Beverly as viu irem embora.

Roy se levantou de sua mesa, colocou uma moeda no jukebox e parou para se observar enquanto Marty Robbins começava a cantar "El Paso".

—Não sei, Bev — disse Roy Madison, caminhando lentamente até o balcão, onde lançou a perna longa sobre um dos banquinhos. - Eu ME ESFORÇO para aparecer bem, mas eles parecem, simplesmente, não me querer.

— Ela o avaliou com uma expressão séria. O que ela mais queria era que ele parasse de repetir aquela música no jukebox. Fora da região sul, a música country não estava na moda. Ela ficava satisfeita com isso, porque esse gênero de música a fazia se lembrar de coisas que ela não queria lembrar.— Talvez você devesse mudar a aparência, Roy.

Ele a encarou assustado. Nunca alguém lhe disso *aquilo* antes.

— O que há de errado com a minha aparência?

-Você acabou de dizer que estava pensando nisso.

Ele franziu o cenho. Sim, mas Roy só disse aquilo para conseguir elogios e não insultos. Obviamente, ninguém ensinou Beverly a ter tato. Ele a observou. A expressão de Beverly era sempre tão franca. Ela nunca se fazia de tímida, ou brincava, nem mesmo sorria. Ela levava a vida seriamente e, se perguntada, sempre dava uma resposta honesta.

O que significava que ela, *de fato,* acreditava que ele devia mudar a aparência.

—Puxa vida... — murmurou ele, agora preocupado.

Mas ela saiu de trás do balcão e se sentou ao lado dele.

— Já lhe disseram mais de uma vez que você se parece com o Fabian - disse tranquila. —Talvez seja por isso que ninguém contrata você. Eles já tem o Fabian. O que eles não têm é o Roy Madison.

Ela o interessara com isso. Ninguém, nem mesmo a mãe e as irmãs, os seus colegas de quarto, os namorados ocasionais, jamais lhe sugeriram que ele devesse ficar diferente do que era. Bem, talvez fosse aquele conselho que ele tanto precisasse ouvir.

— Sim, bem,mas... o que é o Roy Madison? — ele perguntou, supervisionando a aparência no espelho atrás do balcão.

Beverly o estudou.

—Não sei, Roy. Você foi à faculdade?

—Não.

—Você se parece com um universitário. Você se parece com Bobby Rydell ou Ricky Nelson.

—E qual o problema nisso?

—É pretensioso demais.

—- Pretensioso?

- É uma aparência falsa, se você não é mesmo aquilo que parece - ela franziu a testa um segundo.-Você parece um homem que tem algo a esconder. - Esconder? - ele riu um tanto nervoso. - Eu? - Não use o cabelo assim. Roy levantou a mão de modo protetor.

¡- Ei, dou um duro danado para ajeitá-lo assim.

- Eu sei. E é isso o que parece. Não é natural, Roy. Não é honesto. Ele olhou para o reflexo. Como um penteado de cabelo podia ser desonesto?

- O que sugere que eu faça?

- Seja natural. Apenas seja você mesmo.Você não é como nenhum desses homens. Você tem um estilo próprio. Você não deveria se forçar a adotar o estilo de outra pessoa.

- Mas o estilo deles faz sucesso! É o que as garotas consideram sexy hoje em dia.

- Existem diferentes tipos de sensualidade, Roy - explicou ela. - Alguns homens não foram feitos para terem esse estilo de penteado. Isso faz deles uma imitação.

- O que a tornou perita em homens de hora para a outra? - até onde o pessoal da lanchonete podia dizer, Beverly nunca teve um encontro antes.

- Não coloque tanta vaselina no cabelo - continuou ela.

- Ele vai ficar todo espetado se eu não fizer isso!

Bervely continuou a estudá-lo com toda a seriedade. Bem, foi ele quem começou o assunto. Se ele não queria uma resposta, não deveria ter perguntado. A voz suave de

Marty Robbins preenchia a lanchonete, trazendo visões de arbustos e cactus, de longos chifres texanos e de churrascos. De tortillas, de noites quentes, da poeira e do luar em San Antonio.

- De onde você é, Roy?

ii Isso o pegou desprevenido. Beverly Highland nunca fazia uma pergunta pessoal.

- Dakota do Sul.

- Seja natural. Seja quem você é. Não tente parecer sofisticado, porque você não é.

- E como é que eu vou fazer isso?

— Não faça nada. Deixe seu cabelo ao natural. Deixe que o vento determine o estilo. Use xampu de bebê e seque apenas com a toalha. E deixe-o crescer um pouco mais sobre as orelhas, isso suavizará as linhas do seu rosto.

Beverly olhou para o relógio da parede e se levantou.

—Vou para casa por alguns minutos, Roy. Pode pedir a Louie que olhe a lanchonete para mim, por favor?

Enquanto ele a observava tirar o avental e pendurá-lo para vestir o súeter antes de sair, Roy se olhou novamente no reflexo do jukebox. Xampu de bebê!

Com o salário que Eddie lhe pagava ultimamente, Beverly poderia se dar ao luxo de ter um carro. Mas ela não queria gastar dinheiro com um carro, por isso ela se sentava no ponto de ônibus e comprava passagens para o mês todo. E mesmo que já fizesse um bom tempo desde que havia se mudado da pensão da irmã de Eddie — que era muito barulhenta -, Beverly não tinha ido para um apartamento extravagante. Escolheu um prediozinho modesto com dezesseis apartamentos em Cahuenga, atrás do Buvelar Hollywood. Era de reboco branco com as costumeiras palmeiras na frente, e havia uma piscininha na qual nem valia a pena mergulhar. Ela podia pegar o ônibus direto da Highland e estar em casa em apenas vinte minutos. Beverly tinha destinos mais importantes para o seu dinheiro. Toda semana, ela depositava seus cheques. Reservava uma pequena mesada para os gastos, cortava cupons de desconto sempre que possível, comprava roupas em lojas de desconto e comia de graça na lanchonete. Os dólares lentamente se acumulavam. Ela era paciente; um dia seria rica. E quando fosse, ela encontraria Danny Mackay.

Ela chegou justo quando Ann Hastings, a vizinha, apanhava a correspondência.

—Olá! — disse a exuberante Ann. — Uau, uma tonelada de cartões de Natal. A metade deve ser de amigos da minha mãe. Por que ela faz isso , fica dando o meu endereço por aí?

Beverly sorriu e seguiu para as escadas. Beverly Highland, Ann notou, raramente verificava a caixa de correspondência. Era como se soubesse que nunca haveria algo ali.

— Faz tempo que não a vejo — comentou Ann, seguindo-a pelas escadas com sua braçada de envelopes.

— Tenho estado ocupada no trabalho. E Eddie está em Corvina, procurando um lugar para uma nova Ianchonete.

Quando Beverly inseriu a chave na fechadura para destrancá-la, Ann se aproximou e se recostou na parede.

- Sabe, eu falei para o meu pai sobre os hambúrgueres do Eddie. Ele disse que vocês deveriam vender a receita e faturar um montão com isso.

- Eddie já recebeu ofertas para vender a receita secreta, mas ele não quer. - Ninguém, exceto Eddie e Beverly,sabia que a receita era sua de fato. E quando foi abordado por alguém que queria comprar a receita para comercializá-la. Eddie consultara Beverly. Mas ela lhe dissera:

- Os seus hambúrgueres são especiais. Se a receita ficar disponível para todos, eles deixarão de vir à lanchonete. Ele considerara aquele como sendo um bom conselho e recusara a oferta.

- É... - disse Ann, sem fazer menção de se afastar quando Beverly entrou. - Já comi os Royal Burgers. São muito bons.

Beverly não fechou a porta na cara da garota. Sabia que Ann Hastings era sozinha e que, toda vez que tinha oportunidade, agarrava-se a um dos vizinhos para embalar em uma conversa. Beverly já tinha visto muitos dos foras que **Ann** levava. Foi isso, disse: - Aceita um pouco de chá gelado? E Ann aceitou a oferta na hora. Era um apartamento de um cômodo apenas, com um sofá-cama e um nicho de cozinha. Mas tinha boa exposição solar de frente a Hollywood Hills, e Bervely gostava dali. Ela o ajeitara com cortinas e almofadas da loja popular Pic'n Save e só. Vivendo para o futuro como ela fazia, Beverly agora se contentava em fazer sacrifícios. Também pensando no futuro, ela praticava um autocontrole ferrenho. Nos dois primeiros anos de trabalho com Eddie, ela ganhou alguns quilos. Ela já os tinha perdido e mantido afastados. Comia com moderação, o suficiente para se sustentar, e não se permitia ter vício ou gosto dispendioso. Não fumava, nem bebia, nem mesmo ia ao cinema. Não comprava artigo de luxo;não se mimava. Disciplina e trabalho árduo eram os critérios da vida simples de Beverly Highland. Tudo calculado para chegar ao dia em que voltaria a se deparar com Danny. Ela só tinha duas exceções: a primeira era o cabelo, que precisava de retoques a cada semana ou um pouco mais para que o platinado parecesse natural. Ela fazia **isso** para manter Rachel Dwyer enterrada, para todo o sempre. A segunda exceção eram os livros. Beverly gastava dinheiro com livros. Mas já não eram só romances; eram livros de não ficção com os quais ela aprendia sobre sucesso, sobre como seguir na vida — histórias reais de homens e mulheres que, por meio do instinto, dos riscos que tomavam, da determinação e da percepção do que as pessoas desejavam, chegaram ao topo. Seu livro atual era *Be My Guest,* de Conrad Hilton.

— Como é que você está em casa a essa hora? — Beverly perguntou a Ann para puxar conversa.

Não havia nada de errado com Ann Hastings, a não ser, talvez, pelo fato de ela estar sempre querendo ser amiga das pessoas. Aos 22 anos de idade, com um ligeiro excesso de peso e não muito bonita, Ann tendia a supercompensar isso ao produzir uma personalidade que muitos consideravam invasiva. Mas Beverly se lembrava o que era querer ser aceita.

—Pedi demissão hoje cedo.

Beverly a encarou.

-Ah,sinto muito...

— Bem, eu também. Meu pai vai me matar. E minha mãe vai me dizer "eu te disse"...

Beverly conhecia a história de Ann, todos os que cruzavam o seu caminho conheciam. Filha única de pais superprotetores e indulgentes NA REGIÃO do Vale, Ann tentava se distanciar de tudo isso levando a própria vida. Com o bacharelado em artes da Faculdade Valley State, ela, há pouco, conseguiu uma colocação na loja de departamentos Broadway no cruzamento da Hollywood com a Vine como vitrinista. Era um trabalho decente, mas o problema era que Ann era muito criativa e queria desesperamente um pouco de liberdade artística.

— Me ocorreu esse incrível conceito para as vitrines deste ano - disse ela entusiasmada. — O que acha de: "Natal no cinema"?

—Gostei.

— Cada vitrine seria a cena de um filme, como *Natal branco* ou *A Felicidade não se compra.* Até mesmo *Ben Hur.* Pensei em fazer cada vitrine como um estúdio de cinema, com figurinos e tudo o mais. Eu até tenho um amigo na loja de fantasias Western Costume, sabe.

Beverly sabia. Ann Hastings tinha "amigos" em todos os lugares.

— Mas o meu supervisor disse não. Apenas Papai Noel e seu elfos este ano. Por isso perdi a cabeça e disse coisas que não deveria ter dito. Fiquei furiosa, Beverly. Não suporto ser podada, sabe?

- O que vai fazer?

Mal-humorada, ela misturou o açúcar no chá.

- Não sei. Diplomas em arte não costumam estar em alta nas ofertas de emprego. Minha mãe quer que eu volte para casa para fazer um mestrado. Não posso mais depender deles, Beverly! Eles me sufocam! Beverly não saberia dizer qual era essa sensação. Nunca havia sido sufocada com amor.

- PERDEMOS uma garçonete ontem à noite — ela disse. — Eu estava para começar a fazer entrevistas. Gostaria de trabalhar para o Eddie? Ann pensou a respeito e ficou óbvio que ela não se animou. - Refeições grátis — acrescentou Beverly. - Pode contar comigo.

Não havia muito mais a dizer depois disso, a não ser especular como seria ter os Kennedy na Casa Branca. Ann perguntou a Beverly se ela já tinha lido a autobiografia de Errol Flynn, *My Wicked, Wicked Ways,* e Beverly simplesmente disse que se tivesse tempo, um dia leria. Como um astro do cinema passava seus dias em tapetes de pele de urso não interessava a Beverly. Mas o caminho do sucesso financeiro de um homem, sim, interessava-lhe. Para conquistar *grandes coisas,* Conrad Hilton escreveu, *deve-se ter sonhos grandes. E sonhar* era algo que Beverly fez a vida inteira.

A oportunidade de evitar o apartamento vazio e solitário e o regalo de se sentar à mesa de alguém para conversar, como se fossem velhas amigas, eram tão valiosos, que Ann não estava com pressa de sair. E Beverly não se importava. Enquanto via as mãos gorduchas de Ann passando pela pilha de carta que tinha recebido, Beverly se perguntava se deveria tentar escrever novamente para Belle e para Carmelita. A última carta, dois anos antes, retornou com o carimbo de "Mudou-se. Sem endereço de remessa".

- Ah, não... - lamentou-se Ann.

- O que foi?

Ann balançou uma carta no ar.

- Minha prima, de novo! Droga,como eu queria que ela me deixasse em paz! Minha prima pertence ao lado rico da família. Eles têm uma casa nas montanhas e são muito esnobes. Todos os anos, ela oferece uma tremenda festa dançante de Natal, e todo ano a minha mãe me força a ir.

- Você não gosta de festas?

-Ah, dançar é legal, o problema é que todas as outras convidadas da minha prima chegam acompanhadas.Eu vou com os meus pais. No ano passado, eu falei para a minha mãe que não iria mais, e tivemos uma briga e tanto. "Vai magoar a sua tia Fee", ela disse. E "vai nos fazer parecer mal". Minha mãe não entende.Tenho 22 anos, Beverly, e não tenho nenhum namorado.

—Nem eu.

Ann a encarou. Ela olhou para o corpo invejável, o cabelo platinado perfeito e o rosto lindo, e não acreditou naquilo.

—É verdade - confirmou Beverly. - Não tenho namorado. Se eu fosse convidada para um baile, teria de ir sozinha.

— Ora essa... — Ann disse baixinho. Em seguida, lembrando-se da carta, disse: - Mas terei de ir e vou morrer se tiver de ir com os meus pais. Juro que Janet, esse é o nome da minha prima, faz isso só para me humlhar! Somos rivais há anos. Desde que nós tivemos uma piscina antes do que ela.

— Não dá para você encontrar alguém para ir com você? Você deve conhecer alguém que esteja disposto a ir, só para lhe fazer um favor.

Mas Ann balançou a cabeça com tristeza.

— Tentei isso quando eu tinha dezenove anos. Os rapazes a quem pedi que me acompanhassem pensaram que eu estava dando o bote. Isso os assustou. Bem, que dia o de hoje, heim!

-Você quer que eu faça *o quê*? - Roy Madison perguntou naquela tarde depois do movimento do almoço.

Beverly estava sentada à mesa dele, dividindo uma porção de batatas fritas com *jalapeno* por conta da casa. Ela almoçava às três, Roy dava conta dos restos.

— Eu fiquei pensando se você não poderia acompanhar uma amiga minha a uma festa dançante de Natal.

—Quem?

—Uma das minhas vizinhas.

—Por que ela não consegue alguém sozinha? É feia?

—Ela é uma garota muito legal.

Roy observou as próprias mãos. Aquela não seria a primeira vez que alguém tentava arranjar um encontro às cegas para ele. A mãe e as irmãs faziam isso o tempo inteiro. E como ele não tinha como lhes contar que estavam desperdiçando o tempo delas, já que não se interessava por garotas - elas não sabiam sobre os seus namorados —, ele normalmente tinha de suportar tais com garotas ansiosas por um anel de noivado. Ele odiava. - Lamento, Bev. Não quero ir.

- Porque você é homossexual?

Roy levantou a cabeça tão rápido que seu pescoço deu um estalo. Não conseguiu falar a princípio. Depois disse:

0 - Que é isso Bev? Do que está falando? Como *você* sabe... desse tipo de coisa? Ironicamente, a primeira vez que ela viu homens homossexuais foi no bordel de Hazel. Eles iam lá para tentar se endireitar. Vez ou outra um jovem aparecia cheio de dúvidas e comprava uma das mulheres para provar a si que ele era homem de verdade. Eles acabavam conversando, acreditando

QUEAS SUASPALAVRAcaíam em ouvidos amigos. Afinal, as prostitutas eram tão perseguidas quanto os homossexuais. E com isso Beverly já tinha ouvido de tudo um pouco.

- Preste atenção, Roy - Beverly continuou em seu modo tranquilo. - Ann Hastings não está à procura de um namorado. Será apenas uma fantasia. É só. E nós precisamos da sua ajuda para que ela faça isso. Tudo o que Roy Madison conseguia fazer era continuar sentado olhando para a sempre surpreendente Beverly. Bem quando alguém pensava que descobria quem ela era, ela saía com uma daquelas.

- Como você soube? - ele perguntou baixo, olhando ao redor. - Quero dizer, é tão evidente?

- Não acredito que algúem suspeite, Roy. - Então, como você soube? - Roy, Ann Hastings está sozinha e é infeliz - disse Beverly, evitando a pergunta dele da maneira que às vezes fazia, quando não queria dizer a verdade, tampouco mentir. - A festa é um evento familiar, e ela está desesperada para se mostrar na frente da prima. Com você ao lado dela, ela vai ser a sensação.

Os olhos dele passaram para a parte polida do jukebox. - Acha mesm0?

- Você é ator, Roy. Pense nisso como se fosse um papel.

- Ei - disse ele, com um sorriso lento aparecendo no rosto. - Não é uma má ideia.

- Então, concorda?

- Um segundo. O que eu ganho com isso?

—O que quer dizer?

— Bem, a garota consegue impressionar os amigos e a família, o que eu ganho? Quero dizer, se ela quer me contratar para atuar em um papel, então acho que ela deveria me pagar.

—Pagar você?

—É. Por que não? Sou ator, não sou? E você está me contratando para atuar, não está?

Beverly o analisou. Na verdade, pensou ela, por que não? PAGANDO A ANN seria acompanhada pelo homem mais bonito do baile, e, sem dúvida, seria o alvo da inveja das amigas adoradoras do Fabian, e receberia a atenção completa de Roy porque não haveria o perigo de ele querer flertar com as outras moças.

—Está bem — disse ela. — Você será recompensado.

Roy foi um sucesso.

Ann não precisou de muita persuasão para concordar em lhe pagar trinta dólares. Depois de uma boa olhada em Roy, quando começou trabalhar como garçonete na lanchonete na manhã seguinte, o acordo foi selado. E quando ele chegou o apartamento dela vestido impecavelmente, segurando um buquê de orquídeas e dirigindo o novo Edsel de Eddie, Ann concluiu que o acordo teria valido *cem* dólares.

Mas o máximo foi durante a festa. Seu tio esnobe Al tinha contratado manobristas para estacionar os carros para cima e para baixo na rua, e até uma banda local para tocar variações do *twist.* As garotas vestiam saias justas e corpetes bordados, ou vestidos com decotes à la Jackie Kennedy, com penteados volumosos e sapatos bicudos cheios de estilo. Ann fez o seu melhor em um simples vestido Império que pedia luvas longas. Janet Hastings cumprimentou a prima e estava prestes a fazer algum comentário sobre as maravilhas das linhas do vestido que emagreciam quando pousou o olhar no bonitão com quem Ann havia chegado à festa.

Ele não era nada do que ela e as amigas tivessem visto antes. Enquanto todos os outros acompanhantes vestiam ternos pretos com camisas brancas e gravatas estreitas, com os cabelos carregados de vaselina Wildroot para um perfeito topete, o acompanhante de Ann vestia calça social com um suéter de tricô, e seu cabelo loiro-claro estava ao natural, sobre a testa e no alto do colarinho da camisa, conferindo-lhe um ar de timidez e vulnerabilidade que derretia praticamente todos os corações femininos do baile. Ao fim da noite, a maioria das garotas formava grupinhos perto do misterioso Roy, tentando atrair sua atenção. Mas ele só tinha olhos, para surpresa de todos, para a rechonchuda Ann, o que fez com que alguns dos rapazes da festa começassem a imaginar o que ela tinha de especial para abocanhar um namorado como aquele. Quando ela saiu da festa, já tinha recebido os telefones de quatro deles.

Uma manhã, alguns dias mais tarde, Roy entrou na lanchonete lotada e pediu dois Royals com queijo extra. Beverly estava brincando com o bebê de um dos fregueses, fazendo-lhe cócegas e levantando-o no ar, por isso ele colocou "El Paso" no jukebox, o que chamou a sua atenção. Sempre chamava.

- Adivinha**!** disse ele, aproximando-se dela. - Lembra-se do diretor que conheci na festa da prima de Ann? Aquele que disse que gostava do meu estilo e me deu seu cartão? O que me diz, Bev? Ele me ofereceu um papel em um comercial!

- Que maravilha, Roy.

- Aqui está - disse ele, colocando a mão no bolso e puxando a carteira. - Isso é para você.

Beverly olhou para a nota de dez dólares, - Para que isso?

- È a sua parte. Aqueles trinta foram o dinheiro mais fácil que consegui na vida. E eu posso conseguir um emprego por causa dele, ainda por cima. Eu lhe devo isso, Bev.

- Você não me deve nada, Roy. Eu só queria que Ann ficasse feliz. - Bem, eu também lhe devo por causa da minha nova aparência. Vi minha agente ontem. Os olhos dela quase saíram das órbitas quando entrei no escritório dela. Ela disse que acha que tem um papel para mim. Por isso, eu lhe devo - ele pressionou a nota na palma da mão dela. Ela

aceitou. Voltou para a caixa registradora, onde as pessoas faziam fila para pagar pelos seus hambúrgueres. Sentiu a nota de dez dólares na mão. Ela iria o banco naquela tarde mesmo.

20

- Código trauma máximo! Código trauma máximo! — dizia a voz pelo sistema de alto-falantes.

Linda Markus, prestes a entrar no chuveiro, ergueu a cabeça e olhou para o alto-falante na parede.

- Doutora Markus, emergência! - disse a voz. - Doutora Markus, emergência!

Ela pegou o interfone, ligou para o pronto-socorro e disse:

- Estou a caminho.

Depois de rapidamente voltar a vestir a roupa verde cirúrgica, Linda saiu correndo da sala dos plantonistas, onde ela tinha esperanças de tomar uma chuveirada e comer alguma coisa, e acelerou pelo corredor. Nem se preocupou em chamar o elevador, mas voou escadaria abaixo até a entrada de serviço do pronto-socorro.

Ela encontrou o caos. Enfermeiros e técnicos de enfermagem se apressando por todos os lados, quartos e maças sendo aprontados, três residentes em jalecos brancos vieram voando, além de um cirurgião em roupa de ginástica. Linda foi direto para a sala de rádio do departamento de emergência. Pelo fone, ouviu a sirene de uma ambulância e a voz de um paramédico gritando:

-Temos quatro pacientes! Múltiplos ferimentos de arma **branca!**

- Ah, meu Deus - disse ela. - Uma briga entre gangues! Aqui quem fala é a doutora Markus. Pode fazer a triagem? — ela pegou o microfone e teve de gritar para ser ouvida.

- Três estão estabilizados, doutora. Mas a quarta vítima recebeu uma punhaladas no peito esquerdo. O sangue está esguichando, a pulsação está fraca, pupilas dilatadas, olhos revirados para trás... - Desobstrua as vias aéreas! Aplique pressão!

Linda olhou para a enfermeira que vinha monitorando a chamada. Seus olhos se encontraram por um instante, depois a enfermeira disse ao microfone: - Tempo estimado de chegada? - Sete minutos.

- Droga - sussurrou Linda. — Consegue colocar um acesso intravenoso?

- Negativo, doutora. As veias entraram em colapso e a jugular está vazia e ... Ah, merda!

- O que foi? - Sem pulso!

Linda e a enfermeira fitaram o rádio enquanto ouviam o berro da sirene da ambulância e a troca rápida entre os paramédicos.

- Começando reanimação cardiopulmonar! - um deles finalmente exclamou.

Linda se afastou do rádio e literalmente bateu a cabeça na da enfermeira.

- Prepare tudo para uma toracotomia - disse Linda.-Vou abrir o peito dele. Seis minutos mais tarde, ela ouviu o som da sirene do lado de fora e ouviu a voz pelo microfone: - Estamos na porta!

Uma equipe se apressou para fora e começou a receber as maças das ambulâncias ao mesmo tempo em que três policiais chegaram gritando. Linda vestia luvas esterilizadas quando ouviu as passadas apressadas pelo corredor e a enfermeira-chefe dizendo:

- Ferimento no peito por aqui. A enfermeira-assistente de Linda preparou uma sala na emergência para que fizessem a toracotomia: uma mesa estéril fora colocada com lâminas para abrir o peito, afastadores, longos instrumentos e pilhas de esponjas. A equipe não teve tempo de fazer uma esterilização completa: estavam com as roupas que usavam quando foram chamados; somente as luvas eram estéreis. O jovem inconsciente foi rapidamente levado para a mesa de operações; o anestesista imediatamente passou a monitorar as suas vias respiratórias.

Enquanto dois residentes pálidos se puseram a cortar as veias dos pulsos e dos tornozelos do rapaz, um técnico estava a postos para inserir os acessos intravenosos, com sacos de soro e bolsas de sangue. Linda se moveu logo atrás da enfermeira que despejou uma garrafa de líquido antisséptico no peito; ela fez uma incisão do osso das costelas, descendo pela lateral até as costas. Assim que as costelas foram afastadas, o sangue começou a jorrar para fora.

Linda enfiou as mãos dentro do peito e segurou o coração do rapaz. Ele estava vazio.

Ela olhou para o rosto do moço. Ele não devia ter mais de catorze ou quinze anos.

Tão jovem, ela pensou enquanto desesperadamente comprimia e relaxava o coração. *Por favor, não permita que ele morra...*

A sala estava no mais absoluto silêncio. Seis rostos sombrios observavam a doutora Markus continuar com a massagem cardíaca, os braços sujos de sangue até os cotovelos, uma camada de suor cobrindo a testa. Vamos, ela insistia. *Vamos, viva!*

- Seria melhor pronunciar a hora do óbito, doutora - sugeriu o anestesista. Ela o ignorou. Fechou os olhos. Meio inclinada sobre o jovem inconsciente, com as costas arqueadas, Linda continuou a massagear.

— O cérebro dele ficou muito tempo sem oxigênio... - o anestesista começou.

—Espere - disse ela. - Acho que...

Linda sentiu um ligeiro movimento na mão. E logo sentiu o coração começar a inflar.

Ela se voltou para a enfermeira-chefe.

— A sala de operações está pronta para ele?

— A equipe cardíaca disse estar a postos.

— Diga a eles que o ventrículo esquerdo está lacerado. Vou fazer uma sutura...

Duas horas mais tarde, ela estava sentada na sala dos médicos da ala de cirurgias. O velho doutor Cane ditava ordens pelo telefone, e dois cirurgiões cochilavam em poltronas.

—Linda, você está horrível.

Ela levantou o olhar do prontuário do paciente em que escrevia, lançou um olhar fulminante para o doutor Mendoza e disse:

Obrigada.

- Não, não. Estou falando sério, amiga. Você está péssima. Está trabalhando demais.

Ela suspirou, fechou o prontuário e se recostou no conforto do sofá de corino. A ampla televisão estava sintonizada no noticiário das seis; ela mirou a tela sem realmente vê-la.

- Bem, José — disse cansada. — *Estou* trabalhando demais. Este é o meu sétimo dia, direto, no plantão do pronto-socorro.

Ele fez uma careta. Todos eles detestavam os plantões do pronto-socorro. Aquele tipo de trabalho desordenado normalmente era deixado para os residentes e aos médicos novos da equipe. - Por que isso? - perguntou ele. - Não me diga que está precisando do dinheiro.

Não, Linda não precisava desse dinheiro. Mas não poderia contar ao lindo cirurgião de ortopedia com uma vida social digna da revista *People quais eram* exatamente as suas necessidades. Ou seja, que ela precisava se afastar da solidão que assombrava a sua casa na praia. E que parecia estar à sua espera toda noite, aquela solidão gélida, aguardando logo do outro lado de sua entrada castigada pela maresia pronta para engolfá-la no

minuto que ela entrasse e acendesse as luzes. Correria para ela do mesmo modo que os sons das ondas as constantes que a envolviam, e ela se encontraria parada na entrada, entre as esculturas de gaivotas e as madeiras flutuantes sem conseguir se mexer.
Como poderia contar àquele homem, que tinha namoradas aos montes e que frequentava festas todas as noites, que ela tinha medo de voltar para casa? Os plantões do pronto-socorro lhe davam uma desculpa para ficar no hospital e dormir em uma das salas dos plantonistas. Dava-lhe algo para fazer, mantinha-a ocupada, trabalhava sua mente ao ponto da exaustão, para que ela não pensasse em nada mais. Como o Hospital Santa Catarina estava situado perto da praia, na autoestrada da Costa do Pacífico, o pronto-socorro do enorme complexo médico recebia uma grande parte de acidentes automobilísticos, incidentes com surfistas, assaltos e esfaqueamentos. Isso mantinha Linda alerta, examinando, diagnosticando, conduzindo pacientes para cirurgias. Ela bebia enormes quantidades de café forte e amargo, comia bolinhos amanhecidos das máquinas de venda, e vinha perdendo peso. O uniforme médico verde dos cirurgiões parecia um saco em seu corpo.

Ela sentia que José Mendoza a observava, mas o ignorou. Quando, há três anos, ele começou a trabalhar naquele hospital, um competente cortador de ossos cuja lista de pacientes incluía atletas famosos e estrelas de cinema. José logo colocou os olhos sobre a solteira e, de certa forma, indifetente doutora Markus. Ela o repeliu de uma forma firme, porém amigável. Ela foi um enigma para ele na época, e continuava a ser agora. Linda não era casada, ele sabia, e não estava namorando ninguém, de acordo com a rede de boataria hiperativa do hospital. Ao que parecia, tudo o que ela fazia era trabalhar.

—Posso lhe dar um conselho, amiga? — perguntou ele.

Ela o encarou. José Mendoza era um daqueles homens cuja sexualidade era engrandecida pelas roupas sem graça e cafonas dos cirurgiões. Por isso, e juntando ao charme latino, não era de se admirar que a maioria da enfermagem estivesse apaixonada por ele.

—Ora, ora! - disse arrastado o doutor Cane.—Vejam só isso!

Linda e José olharam para a televisão.

A tela mostrava Danny Mackay saindo da residência de um ex-presidente dos Estados Unidos. Um homem que, para surpresa de todos, acabara de endossar Danny Mackay como candidato à presidência. Danny sorria e acenava para as câmeras, com o braço ao redor da cintura da esposa, e um bando de repórteres em volta deles. Era a imagem de um homem determinado a chegar à Casa Branca.

— Quem diria? - disse o velho doutor Cane. - Quem haveria de acreditar que Mackay teria o apoio dele? Isso, por certo, vai fazer os candidatos à disputa ficarem em alerta!

— Acha que ele será nomeado em junho? —José perguntou

O doutor Cane saiu detrás da mesa e foi ao vestiário.

—Eu não ficaria nem um pouco surpreso. O homem esta se tornando praticamente um ídolo nacional.

— Ele também é muito esperto - disse o doutor Mendoza com tranquilidade. — Ele só falta sair dizendo que é o próximo John Kennedy.

Eles assistiram à TV por alguns minutos. Por fim, os outros dois médicos saíram da sala, e José e Linda ficaram a sós. Ele se levantou, desligou o aparelho e olhou para Linda.

—Como está o seu paciente? O rapazinho da gangue?

— Está em coma,mas as funções renais e hepáticas estão em ordem. Acho que ele vai sobreviver.

José Mendoza observou a mulher no sofá por um bom momento, então pegou uma das cadeiras próximas à mesa e se sentou diante dela, com os cotovelos sobre os joelhos.

- Posso falar um instante com você, amiga? - perguntou baixinho, Ela sorriu e puxou o gorro verde de papel que lhe cobria os cabelos. Era tão bom tirá-lo e deixar o ar condicionado soprar sobre a sua testa suada. Ela tinha vestido aquele gorro pela manhã para uma cirurgia e não o tirou desde então.

- Sobre o que quer falar? - respondeu ela, amassando o gorro e jogando-o no lixo.
- Por que está fazendo isso consigo, amiga? Ela olhou. Olhos sinceros e francos a encaravam.
- Por que todos nós fazemos? — respondeu ela.
— Comigo é o trabalho. Você vai a extremos, mas de um modo diferente.
- Não nego isso. A última vez que fui para casa foi no fim de semana passado para apanhar a minha raquete de tênis. Mas pelo menos a minha loucura é recreativa. Você, minha cara amiga, está abarrotando as suas horas com trabalho. Isso não vai lhe fazer bem.
Ela começou a se levantar, mas ele a impediu com a mão, gentilmente. - Permita-me lhe dar um conselho - disse ele. -Já vi isso que você está fazendo antes. Algumas pessoas trabalham até desmaiar a fim de se esquecerem de alguma coisa; outros procuram lotar suas vidas com outra coisa. E alguns outros estão fugindo de algo. Mas eu lhe garanto, amiga: isso não é uma solução.
- E em qual desses casos você se enquadra?
Ele se inclinou, afastando-se dela, e fitou o teto.
- Já fui casado, no meu país. Mas ela morreu. E quando ela se foi, a luz se apagou em minha vida. Por isso me cerco de amigos e vou a festas todas as noites - os seus olhos retornaram para Linda. — Mas como já disse, essa não é a solução.
Ela retribuiu o seu olhar. Pela porta fechada vinham os sons de uma ala cirúrgica em ebulição: macas passando rolando, enfermeiras chamando médicos, uma voz ecoando pelos alto-falantes. Linda pensou em Barry Greene. Ele voltou a convidando-a para sair. EIa hesitou, querendo ir. Mas, no fim, ela recusou, sabendo que aquilo não poderia levá-los para o quarto.

Pelo menos não ainda. Não até que resolvesse os seus problemas com a ajuda do Butterfly.
- Por que não deixa que eu a leve para jantar? - disse José Mendoza - Podemos falar sobre isso.
Ela olhou para os olhos negros e sinceros e sorriu.
-Vou ficar bem, José - disse baixinho. - Obrigado por se importar.
Intrigado, ele a viu ir embora.

21

Texas, 1963

- *Manuel quase me matou dessa vez! Você tem de me ajudar, Rachel! As palavras d*a carta desesperada de Carmelita ecoavam sem cessar na mente de Beverly enquanto ela acelerava pela estrada em seu Corvair azul, curzando o Novo México a caminho do Texas. Fazia cinco anos que as cartas de Carmelita tinham deixado de chegar, E então, de repente, na semana anterior, um envelope chegou à lanchonete, endereçada a Rachel Dwyer.

- Tivemos uma briga — Carmelita escreveu. — Manuel tentou me matar. Não posso mais viver assim, Rachel.]Você e eu prometemos ajudar uma à outra se estivéssemos com problemas. Espero que esta carta chegue até você porque estou verdadeiramente encrencada.

Beverly deixou a lanchonete aos cuidados de Ann Hastings e agora acelerava pela vastidão do Texas. Pela primeira vez em nove anos. Havia mudanças no ar. Ela sentia isso. O mundo parecia estar se movendo cada vez mais rápido. Os russos tinham enviado um homem ao espaço, todos dançavam o *twist,* abrigos antibombas eram uma obsessão nacional. Bervely tinha a impressão de que o mundo estava à beira do abismo, e que o estilo americano de viver, conhecido por todos há tanto tempo, estava para se alterar de repente, drasticamente e para sempre.

Se lhe pedissem para ser específica, ela não seria capaz. Era simplesmente algo que ela sentia, mas não conseguia nem ver, nem tocar. Havia sinais em todos os lugares para quem quisesse ver: rebeliões aumentavam entre os negros oprimidos do sul; cantores populares emergiam da cultura antimaterialista e ganhavam notoriedade; mesmo os filmes mudavam, deixando a todos enlouquecidos com histórias de espiões e agentes secretos. E Beverly parecia enxergar tudo isso enquanto fitava os desertos planos do Texas, em contraste com o pano de fundo formidável de uma nuvem em formato de cogumelo.

Era isso o que causava a mudança? A bomba? A ameaça sempre crescente que vinha do outro lado do oceano?

O que, ela se perguntava enquanto "Telstar" terminava e os Beach Boys começavam a cantar "Surfin' U.S.A.", aconteceu com o estilo DE VIDA INocente e insular da década anterior? E se aquilo fosse só o começo, como Beverly suspeitava, o que haveria depois?

O que quer que fosse, qualquer que fosse o futuro além do horizonte, Beverly tinha certeza de uma coisa: ela seria rica.

Naquele mesmo ano, Eddie recompensou Beverly com 10% da companhia. Com catorze lucrativas lanchonetes Royal Burgers, Beverly começava a receber belos dividendos. E quando ela decidiu que sua poupança não aumentava com a rapidez desejada, aceitou o conselho de Eddie e comprou uma das novas casas anunciadas em Encino. Não morava nela; alugou-a para uma família. O valor da casa já se elevara; o Vale de San Fernando passava por um *boom* imobiliário. Por isso, ela sacou mais dinheiro das SUAS ECONOmias e comprou outras duas casas que imediatamente foram alugadas. As três casas no Vale estavam, naquele exato momento, enquanto ela cruzava o Rio Pecos, trazendo dinheiro para o seu fluxo de caixa. Em seguida, Beverly planejava expandir para as novas casas nas colinas Tarzana, que estavam sendo construídas com belas vistas e piscinas. Estavam sendo vendidas por 20 mil; em dez anos, Eddie garantia, elas valeriam dez vezes mais do que isso.

Contudo, Beverly continuava a ser cautelosa com o seu dinheiro. Quando Eddie tentou encorajá-la a investir em ações e títulos públicos, ela se ateve à sua conta no banco. Ela via que San Fernando era uma cidade em expansão; seu bom-senso lhe dizia que aquele investimento cresceria. Mas ela se esquivava das apostas financeiras em que Eddie e Laverne vinham se envolvendo. E, do mesmo modo, enquanto Eddie e Laverne se mudaram para uma casa luxuosa, Beverly continuava em seu minúsculo apartamento na Cherokee. Cada dólar guardado era um dólar a mais para o seu futuro. O Covair azul que

ela agora dirigia pela cidade de Sonora não era novo quando ela o tinha adquirido, e ela o comprou mais por necessidade do que por conveniência. Como gerente regional da Royal Burgers, ela tinha de viajar pelo sul da Califórnia para verificar todos os estabelecimentos. Os hambúrguereses Royal custavam quinze centavos no momento; as fritas com jalapeno, doze centavos. O controle de qualidade era essencial para a continuidade do sucesso.

Naquela manhã de novembro, Beverly seguia a mesma rota para San Antonio que Danny fez onze anos antes. Ela a seguia de propósito. A jornada era como um tônico amargo. Cada quilômetro coberto injetava novas forças em sua alma. Enquanto o oeste ficava às suas costas e o Hill Country do Texas Central se aproximava, ela sentia o corpo revigorar com um objetivo. Ela via cenários conhecidos, enchia os olhos com lugares que excitaram uma ignorante Rachel Dwyer de catorze anos, apaixonada por Danny Mackay, a caminho de sua própria destruição. Beverly agarrou o volante e se forçou a lembrar daqueles anos passados; ela mantinha a lembrança viva, mantinha a raiva e a sede de vingança vivas. *Você disse que é um homem que vai alto,* ela disse para Danny na noite em que ele a empurrara para fora do carro. *Um dia, serei rica e poderosa também. Só que mais rica e mais poderosa do que você. Os Beach B*oys acabaram de cantar e um comercial começou no rádio. E depois, o DJ de San Antonio contou as notícias locais: - O Presidente John Kennedy, em uma missão para aplacar a disputa amarga entre o bloco Democrático conduzido pelo Governador John Connaly e a coalizão liberal liderada pelo Senador Ralph Yarborough, chegou a Houston hoje como parte de uma turnê não política pelo Texas. O presidente foi recebido por uma multidão alegre enquanto passava em seu Lincoln customizado em limusine. Ele requisitou que a plástico protetor fosse retirado carro para que ele pudesse ficar de pé e acenar enquanto passasse. Sua esposa, Jacqueline, o acompanha nessa turnê, que terminará em Dallas no fim desta semana.

O cenário mudou. O deserto se transformou em montanhas, fazendas apareceram. San Antonio, logo adiante.

Beverly ficou sentada no carro por um bom tempo na frente do bordel de Hazel.

Não foi diretamente para lá. Primeiro foi à rua em que a casa de Bonner Purvis ficava, onde havia quatro crianças brincando e um cachorro latindo no portão de entrada. O que teria acontecido com eles, o amigo esquisito de Danny com seu rosto angelical e a mãe dele? Depois, Beverly seguiu por uma rua onde um certo prédio de tijolos decadentes um dia se ergueu, onde ela foi forçada a entregar seu filho antes mesmo do nascimento, nove anos antes. No entanto, havia um prédio de apartamentos em seu lugar, pintado de verde com floreiras nas janelas. Mesmo assim, a lembrança permanecia viva. Bonner e a mãe podiam ter ido embora há muito tempo, porém o cheiro de roupas suja e o ranger da cama de metal na qual Danny a usava todas as noites ainda estava em sua cabeça. O homem que fez o aborto podia não estar mais lá, mas a escadaria com a luz no fim estava.

Beverly deu partida no motor. San Antonio não era o destino da sua longa jornada; Carmelita já não morava lá. A carta desesperada veio de Dallas. Beverly só estava de passagem pela cidade cheia de lembranças. Ela sabia que nunca mais passaria por lá.

Quatrocentos e trinta quilômetros separavam San Antonio de Dallas, por isso Beverly se registrou em um hotel barato no meio do caminho e passou a noite tentando encontrar um modo de procurar Carmelita.

Não havia endereço de remetente no envelope. Talvez por medo, ou por ter escrito apressada, Carmelita deixou de mencionar onde VIVIA Em UM fio de esperança, Beverly procurou seu nome no catálogo telefonico. Encontrou uma Carmelita Sanchez listada. Beverly discou o número, porém descobriu que aquela era a mulher errada. E só lhe restou ir a Dallas para tentar localizar a amiga de alguma forma. Nove anos antes, trocaram promessas de se ajudarem, e Beverly nunca esquecia uma promessa. Ela chegou a Dallas em uma quarta-feira de manhã com duas esperanças ardentes: que tivesse

chegado a tempo de salvar Carmelita, e que pudesse persuadir a amiga a voltar para Hollywood com ela.

Depois de dirigir por um pouco e concluindo qual seria a localização mais provável em que encontraria a amiga - se, como suspeitava, Carmelita ainda estivesse se prostituindo -, Beverly se registrou no Bar- None Hotel em uma das partes mais antigas da cidade, não muito longe da área de prostituição. Ela não **perdeu** tempo. Assim que guardou a mala no quarto decadente, foi à procura de Carmelita.

> Concluiu que só havia um modo de encontrá-la. Beverly tinha de espalhar a notícia e esperar que a rede de informações informal chegasse até a sua amiga. Muitas das mulheres nas ruas olhavam para a loira com suspeita. Seria uma polici*al?*, algumas delas se perguntavam. Outras queriam saber o motivo de ela estar procurando Carmelita. A maioria simplesmente dizia que nunca tinham ouvido falar de Carmelita Sanchez e davam-lhe as costas. Mas Beverly insistiu. Disse a cada uma delas que estava hospedada no Bar-None e que estaria lá à espera de Carmelita. Pela primeira vez em nove anos, Beverly deu seu nome verdadeiro: *Por favor, diga a ela que Rachel Dwyer está procurando por ela.*

Foi uma espera longa e incerta. Na quinta de manhã, Beverly se acomodou em um canto remoto do saguão do Bar-None, em uma poltrona que ficava de frente para a entrada. Não saiu de lá a não ser para ir ao banheiro e para pegar um sanduíche de presunto da lanchonete ao lado. As pessoas entravam e saíam - andarilhos, antigos moradores ou pensionistas, jovens por conta, um casal de recém-casados que tiveram uma briga, duas senhoras solteironas em vestido fora de moda.

Ninguém prestava muita atenção na moça quieta que se sentava com os pés bem juntinhos, com as mãos no colo e o rosto voltado para a porta. O Bar-None era o tipo de lugar em que você paga a sua conta e cuida da sua vida. Ela saiu de novo naquela noite, andando pelas ruas que moças de classe média evitavam, mas que não assustavam Rachel Dwyer. As prostitutas e seus acompanhantes encaravam a moça enquanto ela passava, perguntando-se o que ela fazia ali, e perguntando uns aos outros se ela estava procurando encrenca. O modo como ela se aproximava, falando com elas como se fossem pessoas normais em uma rua normal, e simplesmente lhes perguntava a respeito de uma vadia como se estivesse perguntando as horas, surpreendia-os. Eles não sabiam que a moça de bela aparência e fala mansa foi, na verdade, há muito tempo, uma de suas irmãs. Nenhuma cooperação,nenhuma informação. Ela voltou para o Bar-None cansada e faminta. Mas não abatida. Beverly era determinada; também era paciente. Encontraria Carmelita.

Na manhã de sexta-feira, ela estava de volta a mesma poltrona, sorvendo café de um copo de isopor e ouvindo as notícias do rádio atrás do balcão: - O Presidente fez um discurso hoje cedo na Câmara de Comércio de Forth Worth. Ele e a senhora Kennedy agora estão a bordo do avião presidencial e espera-se que eles aterrissem no Love Field de Dallas às 11h40. De lá, o presidente e a primeira-dama desfilarão em um trajeto de dezesseis quilômetros pela cidade, onde a população os aguardará pelas ruas para saudá-los - disse o locutor.

Beverly se endireitou. Havia uma pessoa indecisa parada NA ENTRADA, olhando pelo saguão. Uma jovem.

Carmelita.

Seus olhos se encontraram no saguão mal iluminado. Então BEVERLY pôs de pé enquanto Carmelita avançava lentamente, com um franzido no belo rosto. Enquanto se aproximavam, Beverly sentiu um nó na garganta. As lembranças que voltavam à toda!

Carmelita parou alguns metros distante.

—É você quem tem procurado por mim? - perguntou ela.

Beverly assentiu.

—Meus amigos me disseram que Rachel Dwyer estava aqui. Onde está ela?

— Bem aqui, Carmelita — Beverly disse com suavidade. — Não me reconhece? *Eu* sou a Rachel.

Carmelita inclinou a cabeça de lado. Uma expressão de confusão lhe passou pelo rosto.

-Você não é a Rachel.

-Ah, sou, sim. Sou a Rachel - confirmou Beverly. — Do bordel de Hazel em San Antonio. A última vez que nos vimos foi há nove anos, quando você me colocou em um trem para a Califórnia. E fizemos juras de que chamaríamos uma a outra se precisássemos de ajuda.Você sabe.

Carmelita estreitou os olhos.

—Está brincando comigo? Você não é a Rachel!

—Sou. Eu ensinei você a ler. E você costumava inventar charadas com números. Você, Belle e eu éramos um trio inseparável.

—Rachel? - Carmelita sussurrou, ainda incerta.

-Tenho uma tatuagem no interior da coxa. Uma borboleta.

Os olhos castanhos de Carmelita se arregalaram.

-A borboleta! - exclamou. - Deus do céu! Rachel!

Ela lançou os braços ao redor de Beverly, rindo e chorando ao mesmo tempo, e as duas se abraçaram.

— Não acredito — disse Carmelita, enxugando os olhos.- Rachel, você veio. Como disse que viria. Mas... Você está tão linda agora! O que aconteceu?

- Quero lhe contar tudo. Mas antes, Carmelita, você está bem? O quanto Manuel a machucou? A sua carta...

Carmelita olhou ao redor e disse baixinho:

- Podemos ir tomar café em algum lugar?

Foram para um barzinho de beira de estrada onde transportadores de combustível e de gado devoravam frango frito e biscoitos de mel. Carmelita limpou um prato de costelas de porco e milho de guarnição enquanto Rachel só beliscava uma salada e tomava uma xícara de café. Carmelita estava relutante em falar sobre Manuel, por isso Beverly contou à amiga tudo o que aconteceu no período desde que deixaram de se corresponder. Quando Rachel falou da cirurgia plástica, Carmelita estudou o rosto dela com franca curiosidade.

Quando terminou de falar, Beverly disse: - E quanto a você?

Quando deixou a Hazel?

- Ah, o Manuel, você sabe... Ele se meteu em apuros com a polícia. Saímos de lá da noite para o dia. No meio da noite, sabe. Liguei para Hazel quando chegamos a Dallas para dizer onde estávamos. Pedi que ela me encaminhasse a correspondência. Ela não fez isso. E ainda ficou com uns cheques que eu estava para receber das revistas de palavras cruzadas! Aquela vaca! - Por que parou de responder às minhas cartas?

Carmelita lavou os dedos no copo de água e os enxugou no guardanapo de papel.

- Foi assim, amiga. Você e eu, nós nos escrevemos por alguns anos. No começo correu tudo bem. Ainda éramos amigas. Mas depois, comecei a perceber como os nossos mundos estavam se separando. Lá estava você, levando uma vida respeitável com um emprego bom e tudo o mais, e eu, ainda era uma prostituta. Não me pareceu certo continuar a escrever para você.

- Mas ainda somos amigas, Carmelita — Beverly disse com suavidade. — Conte-me **o** que aconteceu.

Carmelita retorceu o guardanapo de papel nas mãos. Ela falou baixinho, por detrás da cortina de cabelos escuros que caíam pelas laterais do rosto.

- Dessa vez ele me assustou de verdade. Ti vemos uma briga. Manuel tem outra namorada. Ele diz que não é homem de uma mulher só. Eu o flagrei com ela e fiquei com ciúme. Bati nele. Ele puxou uma faca...

Carmelita levantou os olhos castanhos, olhos que Beverly se lembrava de tantos anos antes, carregados da mesma dor e confusão, e vergonha.

— Você não vai acreditar, mas foi a namorada dele quem me **salvou. Ela** deu um pulo e o segurou. Ele estava mirando o meu coração, MAS A FACA entrou aqui - ela colocou a mão abaixo das costelas. - Passei uma semana no hospital. A polícia me procurou e falou comigo. Eles me assustaram. Fizeram-me acreditar que ele voltaria para me matar. Por isso pedi à enfermeira que me desse papel e eu lhe escrevi aquela carta.

-Vim no instante em que a recebi.

Carmelita desviou o olhar.

— Eu não sabia se você a receberia. Não sabia se você ainda trabalhava naquela lanchonete. Eu me arrependi de escrever.

—Por quê?

Carmelita estava começando a se sentir constrangida e pouco a vontade. Na hora que se passou, ela percebeu o quanto Rachel mudara em tantos modos. Agora ela era respeitável e imaculada. Agora Rachel pertencia aos bem educados, Carmelita percebeu ao ver os fregueses começarem a sair do restaurante apressados, enquanto ela ainda era ralé. Até o nome de Rachel era diferente. Agora ela era Beverly Highland. Novo nome, novo rosto. Ela não tinha nada em comum com aquela mulher. Carmelita subitamente percebeu que estava sentada junto de uma estranha.

—Ei, para onde estão indo todos eles? — perguntou Carmelita. Olhou para o relógio. Era quase uma da tarde. E então se lembrou: o desfile do presidente estava prestes a passar.

—Carmelita - chamou Beverly —, volte comigo.

—Para onde?

—Para a Califórnia. Venha comigo e comece uma vida nova.

Carmelita a encarou com surpresa no olhar.

—Quer que eu deixe o Texas?

—Sim.

— Ah, não.

A voz de Beverly se suavizou.

—Carmelita, você é feliz?

A moça deu de ombros.

—Quem é?

- Você pode ser se vier comigo. Posso lhe oferecer um bom emprego. Você pode estudar. Você amaria a Califórnia. Carmelita balançou a cabeça.

Beverly apoiou uma mão no braço da amiga e disse: - Lembra-se de como costumávamos sonhar juntas? Você queria frequentar a escola e conseguir um emprego em um escritório, com uma máquina de escrever e um telefone. Você pode fazer isso se vier comigo. Carmelita, na Califórnia os sonhos se tornam realidade! Algo se acendeu nos olhos hispânicos de Carmelita, algo que Beverly havia visto há tantos anos em raras ocasiões. Era o olhar de alguém tendo uma visão, ou um sonho, ou tentando imaginar alguma coisa. O que Carmelita vivenciava era um fio de esperança, de uma leve *possibilidade* de esperança. E aquilo acontecera antes, quando ela aprendeu as primeiras palavras, quando ela vendeu a primeira palavra cruzada de números para uma revista.

Houve uma fração de segundo de esperança, de sonhar com algo melhor, de brilho em seus olhos escuros. Mas então, sumiu naquela época como sumia agora. Porque Carmelita estava desacostumada com a esperança e os sonhos, estava acostumada, há tempos demais, a aceitar o fardo terrível que era a sua vida. Simplesmente, a esperança era uma habilidade que ela nunca havia aperfeiçoado.

- É tarde demais para mim, amiga — disse ela, olhando para o guardanapo estraçalhado em suas mãos. — Eu não conseguiria ir.

- Por que não?
- Estou velha demais.Tenho 25 anos. E também existe Manuel... - Mas você não pode amá-lo!

Amar? Manuel? Talvez uma vez,há muito tempo. Agora ele era só o homem que a protegia, que pegava o seu dinheiro e lhe dizia o que fazer. Ele lhe era bom quando queria, e a punia quando ela merecia. Não conseguiria abandonar Manuel. Ele tomava todas as decisões por ela, até mesmo lhe dizia o que vestir. Estava com ele desde que tinha treze anos de idade. Ele era outra parte do seu ser.

Carmelita raramente examinava sua vida, raramente pensava a respeito de sua própria existência.Vivia um dia de cada vez, levando homens para o seu quartinho e vendendo seu corpo em um tipo de vazio sem futuro. Afinal, sobre o que pensaria? Manuel pensava em tudo por ela. Como na noite anterior, quando ela lhe disse que estava grávida de novo. Tudo o que ele disse foi:

—Conheço um cara que vai te livrar dessa. Apesar da natureza criminosa da sua vida, Carmelita Sanchez era uma

católica devota e se confessava todas as semanas. E agora teria um pecado bem grande para confessar de novo — outro aborto. Mas essa foi a decisão de Manuel. Nunca ocorreria a Carmelita pensar por si, desafiar o desejo dele, enfrentá-lo e dizer:

—Chega de aborto.Vou ficar com este bebê. As duas se calaram, Carmelita de repente ficou sem saber o que fazia ali. Beverly queria tanto encontrar as palavras certas para persuadir a amiga a partir com ela.

— Bem preciso ir agora, sabe? — disse Carmelita se levantando. Manuel já deve estar se perguntando onde estou.

Enquanto Beverly conduzia o seu Corvair pelo congestionamento da Stemmons Freeway, ela disse:

—Se tem medo que Manuel a encontre na Califórnia, não tem com o que se preocupar. Ele jamais conseguirá. Você pode mudar de nome. Lembra-se como costumava dizer que queria que o seu nome fosse Carmem? Você pode mudar de identidade assim como eu fiz.

Carmelita lançou um olhar nervoso na sua direção. Na verdade, esse era um perigo real — que Manuel fosse atrás dela. Mas aquele não era o único motivo pelo qual não o deixava. Moças como ela, bem, elas simplesmente não tentavam largar a vida e tentavam se acertar novamente. Não era uma coisa que se costumasse fazer.

Havia uma coisa mais que Beverly gostaria de dizer: que em alguns poucos anos Carmelita começaria a perder a juventude e a aparência e que Manuel a abandonaria por alguém mais jovem e que, daí, ela estaria completamente sozinha, uma vagabunda desgastada que ninguém iria querer mais; mas ela sabia que Carmelita já estava ciente disso. Ela e Beverly estiveram cientes disso há quase uma década, quando só tinham dezesseis anos. O trânsito estava horrível. Enquanto Beverly fazia o carro passar pelo Texas School Book Depository, ela procurou uma brecha para sair dali. Ao que parecia, a cidade inteira de Dallas estava ali para saudar o presidente.

Ela ficou presa no cruzamento da Elm com a Houston. O trânsito do lado oposto bloqueava o caminho; ela estava presa por todos os lados. Atrás dela, um ônibus praticamente batia em seu para-choque; o motorista estava pendurado na buzina.

Carmelita praguejou em espanhol, depois disse:

- Não dá para ele ver que a gente não tem para onde ir? Por que fica buzinando para a gente?

De repente, abriu-se um espaço no congestionamento, e Beverly afundou o pé. O Corvair seguiu em frente e o espaço se fechou atrás dela, deixando o ônibus, e o seu motorista furioso, parados como um dinossauro no asfalto. Beverly imediatamente virou em uma rua lateral e conseguiu se afastar da multidão que tentava ver o presidente.

- Tenho de voltar para Hollywood - informou para Carmelita a caminho do Bar-None. -Vou embora hoje à noite. Se mudar de idéia e quiser ir comigo, estarei no hotel até às seis.

Mas Carmelita sabia que não iria a parte alguma.

Danny Mackay apertou a buzina do ônibus e tentou fazer com que o Corvair azul saísse da sua frente. Pelo que podia ver, a loira que o dirigia não estava procurando uma saída. Só estava lá, conversando com a amiga, enquanto o congestionamento que a bloqueava continuava passando na frente dela. Finalmente uma abertura. Ele se apoiou na buzina e gritou: - Vamos logo! Mexa-se!

E o pequeno Corvair se adiantou e sumiu na rua lateral. - Caramba - comentou Bonner Purvis no assento ao seu lado.- Nunca vi nada assim...

- Puxa, só porque o velho e bom Jack Kennedy está na cidade. Danny batia o pé nervosamente e tentava encontrar uma saída daquela confusão. Não estava em Dallas para ver o presidente. Estava ali para conduzir negócios importantes.

Mesmo não sendo um dia quente, a temperatura devia estar nos vinte graus, Danny estava começando a suar debaixo do colarinho. Na verdade, ele se sentia como se estivesse ficando quente debaixo da pele, de tão inquieto que estava. Fazia sete anos que estava naquela vida. Sete anos desde que largaram Billy Bob Magdalene no deserto e saíram no ônibus dele, e, naquele período, Danny juntou mais dinheiro do que sonhou ser possível.

Ainda que gastasse muito do que ganhava em seus despertares religiosos com mulheres elegantes e hotéis caros, ele regularmente colocava um dinheiro de lado para poder começar na sua estrada para a glória. Danny estava em Dallas para ver se comprava alguma propriedade, para dar uma olhada e ver se conseguia fazer aqueles contatos que o fariam subir ao topo do sucesso. Estava com trinta anos e tinha dinheiro no banco - estava na hora de começar a pensar menos em pregações e mais em maneiras que o fariam atingir sua ambição pessoal.

A energia que o carregava na época de San Antonio ainda existia dentro dele. A fama de Danny como pregador carismático se espalhou em todo o Texas; seus encontros eram tão grandes que começaram a se realizar em ambientes externos, não existia uma tenda grande o suficiente para todo mundo. As pessoas gostavam do jovem pregador que nunca CONSEGUFIIAC Aparado. Danny estava sempre em movimento, remexendo-se, movendo a cabeça de um lado a outro; mesmo quando se sentava e falava em sua fala mansa e arrastada, e lançava olhares preguiçosos, podia-se sentir a tensão se agrupando dentro dele.

Ele sentiu o poder se avolumar novamente em seu interior, a eletricidade estourando para sair. Pregar já não bastava mais. O *Texas* não era grande o bastante. Danny queria *possuir* coisas; queria controlar coisas. Então, estava em Dallas nesse dia para se encontrar com um homem para tratar de um prédio de escritórios ou talvez alguns apartamentos. Danny tinha sede de posses, e agora já tinha capacidade financeira para começar a fazer aquisições.

A placa na lateral do ônibus dizia DANNY MACKAY TRAZ JESUS. Não era o mesmo ônibus que roubaram de Billy Bob. Aquele era um modelo novo, brilhante, completo, com um quarto, um banheiro e uma cozinha. Danny não costumava dirigir o ônibus; esse era o trabalho de Bonner. Danny tinha um Lincoln Continental branco e cromado para uso pessoal. Mas já que ele resolvera vender o ônibus e se estabelecer em Dallas, decidiu dirigir ele mesmo. De certa forma, Danny sentiria saudades do grande veículo lustroso. Teve bons momentos nele. Mas não pretendia ficar ali para sempre. E colocou um pequeno busto de Napoleão no console para lembrá-lo disso. Poder era o seu objetivo, e o circuito nas tendas foi apenas o primeiro degrau.

- Olhe ali embaixo - disse Bonner, apontando.

Eles estavam em uma passagem elevada tripla. Lá embaixo, na Rua Main, eles viram o desfile de doze carros do presidente. A irmã Sue, uma das moças que viajavam com Danny naqueles dias olhou por uma das janelas de trás e exclamou:

I - É a Jackie! Olha, Marcia. Ali está a Jackie!

- Puuuuuta vida! - murmurou Danny, apertando o freio e pegando um cigarro Camel.

Ele admirava e invejava os Kennedy, sabia exatamente o que fazia as pessoas ficarem bobas com eles, e esperava ter aquele tipo de poder um dia.

Craque!

- O que foi isso? — perguntou Bonner. Craque! C*raque!*

- O escapamento de algum carro - respondeu Danny. - Ah, meu Deus! -

gritou a irmã Sue. - Meu Deus! - O que...

Danny se virou e olhou para baixo. A limusine do presidente tinha parado. Jackie se inclinava sobre o marido; o Governador Connally estava estranhamente flácido nos braços da esposa.

ii E o caos irrompeu de súbito. De repente, as pessoas começaram a correr, a deitar no chão; um agente do Serviço Secreto gritava para o carro de Lyndon Johnson:

- Abaixem-se! Abaixem-se!

Jackie estava de joelhos, rastejando na parte de trás do carro. E depois, o carro do presidente começou a disparar, o carro do Serviço Secreto imediatamente atrás com um agente de pé segurando uma submetralhadora.

Danny assistia com olhos arregalados em descrença enquanto os carros moviam-se rapidamente na pista logo embaixo, e, depois, quando os viu subitamente aparecerem na estrada adiante, disse:

- Puta merda! - e passou a marcha no ônibus.

- Jesus, Danny! - exclamou Bonner, segurando-se firme.- O presidente levou um tiro!

Sue e Marcia começaram a chorar no banco de trás. Danny não estava pensando; não fazia idéia do que estava fazendo, nem por quê. Só correu atrás dos dois carros, diminuindo para noventa quando eles diminuíram para noventa, saindo na Stemmons Freeway em perseguição pelos Bulevares Industrial e Harry Hines. Quando viu o hospital de treze andares logo adiante, percebeu o que eles estavam fazendo. O carro presidencial se apressou para a entrada de emergência, e em poucos segundos, dois homens inconscientes eram colocados em macas.

Danny parou o ônibus em um sobressalto, fazendo os três acompanhantes caírem para a frente. Ele saiu em disparada, empurrando Bonner para abrir caminho.

—Ei! - Danny gritou, correndo. - O que aconteceu?

Mas os agentes do Serviço Secreto o detiveram; policiais em motocicletas o empurraram para trás. Ele ficou de pé, parado, olhando. Jackie ainda se agarrava ao marido. Havia sangue na saia e nas pernas dela. Danny a viu passar pelas portas duplas com a maca, e os agentes assumiram suas posições logo atrás dela.

— O que aconteceu, Danny! — perguntou Bonner, correndo sem fôlego. — Ele está vivo? Quem atirou nele? *Danny!*

-Ai, meu Deus - gemeu Danny - Eu não sei. Cristo... Eu não sei!

Mais carros estacionavam diante do Hospital Parkland. Pessoas corriam pelas calçadas, algumas gritavam, outras choravam, outras ainda andavam como zumbis em um silêncio tumular. A polícia mantinha-as afastadas do prédio. Os jornalistas passavam apressados pelas portas duplas; uma equipe de televisão estava sendo armada no gramado na maior velocidade. Havia uma perua estacionada lá, de uma das maiores rádios da grande Dallas. As pessoas moviam-se sem destino, indefesas, procurando orientação.

O Presidente foi alvejado. O mundo chegou ao fim.

Danny olhou ao redor de si em choque. Ele viu uma mulher negra se ajoelhando na grama, com as lágrimas correndo pelo rosto. Ela batia no peito e se lamentava. Outros ficavam olhando o hospital, dando as mãos, os rostos pálidos, estupefatos. Danny viu Sue e Marcia cambalearem para fora do ônibus, segurando-se uma na outra. E as equipes de reportagens tentavam obter notícias.

Qual a extensão dos ferimentos do Presidente?

A multidão aumentava. As pessoas sentiam-se atraídas pelo hospital para ficarem próximas de seu líder. Para Danny, a cena caótica mais parecia um formigueiro que fora chutado. Não havia direção, nenhuma coesão naquele bando de texanos em pânico.

E então, de repente, ele viu.

O seu lugar na história.

—Ei - disse. - Ei! - ele correu para o ônibus e se ergueu sobre a capota amassada. - Irmãos e irmãs em Cristo ele gritou com as mãos para o alto. —Juntem-se a mim para orar pelo nosso amado presidente.

E com isso, Danny os conquistou. Por fim alguém se pronunciava, ali estava alguém se destacando na multidão, um farol, um homem com a voz da autoridade, um homem subitamente dizendo as palavras que eles queriam ouvir - palavras reconfortantes, familiares — e eles convergiram ao seu redor como abelhas no mel.

Danny olhou para baixo, para os rostos confusos e esperançosos e entendeu o que teria de fazer. Eles eram como crianças, pensou. Criancinhas perdidas. E pediam para que alguém lhes tomasse pela mão. Pediam para serem liberados.

- Não sei o que está se passando no interior daquele prédio, meus irmãos e minhas irmãs - sua voz reverberou acima das cabeças. - Mas sei que aquele homem deitado naquela maca de hospital necessita desesperadamente das nossas preces. Temos de erguer a voz a Deus e permitir que ele saiba que não queremos que Ele tome John Fitzgerald Kennedy para o Seu peito hoje. Temos de derramar nosso amor e nossa necessidade em Deus para que Ele veja como somos merecedores. - Amém! - alguém exclamou. - Sabemos quem o mundo culpará pelo que aconteceu hoje! - Danny gritou. - Eles culparão o Texas! Mas o Texas não atirou no nosso amado presidente. O Demônio o fez! Foi o pecado e a corrupção correndo à solta em nosso mundo hoje que atiraram em John Kennedy! Se esse homem abençoado morrer - ele virou o braço para a entrada do hospital -, então a

nossa pecaminosidade e o nosso ateísmo que o terão assassinado! - Amém, irmão! - gritou Bonner.

Danny estava se exaltando, como fazia nos despertares religiosos na tenda. Assim que se alterava, não havia o que o detivesse. Ele sentiu o poder tomar conta, pensou que explodiria de tanto poder. Seu corpo parecia flutuar sobre a multidão; sua voz saía rolando e as palavras simplesmente fluíam e fluíam.

Ele caiu de joelhos e juntou as mãos debaixo do queixo. - Pai Nosso que estais nos céus — disse ele —, por favor, ouça as nossas orações. Somos pecadores infelizes e merecedores da Sua ira. Mas Lhe suplicamos para que não leve John Kennedy de nós hoje! Somos como criancinhas precisamos de nosso pai. - Amém - as pessoas começaram a dizer. Alguns se puseram de joelhos, com as mãos unidas em oração. Todos os rostos estavam fixos no jovem carismático ajoelhado sobre o ônibus, com seu cabelo quase ruivo brilhando como um halo na luz do sol.

Danny tinha uma voz bonita. Que comandava. Que persuadia A sua voz fazia as pessoas mudarem de opinião. Ele também tinha outro talento. Ele sabia chorar.

As lágrimas começaram a descer pelo seu rosto agora que ele gritava suas orações para Deus. A voz se partia nas partes certas; ele soluçava descontroladamente em outras. E a multidão chorava com ele.

Os minutos se passavam. Nenhuma palavra saía do hospital.

Danny voltou a se colocar de pé e lhes mostrou sua raiva.

— Temos de mostrar ao Senhor que não merecemos tal punição. Temos de mostrar ao Senhor como amamos aquele homem deitado no hospital. Irmãos e irmãs em Cristo, ofereçamo-nos para tomar o lugar do nosso amado presidente. Ofereçamo-nos a Deus em seu lugar! Juremos neste exato local desistir de uma vida de pecado e de adoração ao Satã e prometamos retornar ao caminho da retidão — pelo bem de John Kennedy!

A multidão enlouqueceu. Começaram a gritar para Deus. Fizeram promessas, barganhas, qualquer coisa, contanto que Ele permitisse que o presidente sobrevivesse.

Danny estava de pé com o Sol às costas, os braços esticados, o corpo magro estremecendo de paixão e magnetismo. A equipe da rádio tinha se estabelecido em um ponto próximo ao ônibus; as palavras dele estavam sendo transmitidas, naquele exato instante, para a metade do estado do Texas. De um ponto mais ao longe, enquanto aguardava notícias do hospital, a equipe de televisão direcionou a câmera para Danny e deixou o filme rodar.

— Eu lhes digo, irmãos e irmãs - ele gritou -, façam as pazes com o Senhor aqui, neste instante! Prometam onde estão que farão sacrifícios a fim de salvar o nosso adorado presidente! Irmãos e irmãs, não perguntem o que o nosso presidente pode fazer por nós, mas o que nós podemos fazer pelo nosso presidente!

— Aleluia! — eles exclamavam. —Amém, irmão! Louvado seja **o** Senhor!

Bonner Purvis estava de lado, petrificado. Já vira Danny fazer sermões estimulantes, mas nada comparado àquilo. Ele olhou para as **expressões de** adoração nos rostos das pessoas que olhavam para Danny. Viu como pertenciam a ele, como estavam prontos para serem usados por ele e liberados para qualquer lugar. AquiIo o lembrou dos vídeos que vira sobre Hitler.

i Bonner subitamente se lembrou de algo que havia acontecido três anos antes, em dia não muito diferente daquele. Eles tinham parado o ônibus em uma cidadezinha em Hill Country e Danny, nervoso e agitado, saíra em busca de algo. Naquela noite, quando o despertar estava em seu auge, Danny desapareceu. Ele voltou quatro horas mais tarde parecendo extremamente calmo e pálido. No dia seguinte, Bonner ouviu no rádio sobre um médico local, doutor Simon Weddell, que foi encontrado assassinado - esquartejado - em sua cama, e que a polícia recolhia depoimentos na região. Claro, se perguntadas, cem pessoas teriam jurado que Danny estava na tenda por
volta das onze horas. Danny conhecia a psicologia das pessoas, conseguia hipnotizá-las para que acreditassem em uma ilusão. Mas Danny não estivera lá, Bonner bem sabia. Não pessoalmente, somente nos pensamentos de uma multidão religiosa histérica. E meses mais tarde, a polícia finalmente apontou o assassino como sendo um viciado em drogas, um que o doutor Weddell teria surpreendido enquanto roubava narcóticos. E enquanto pensava naquela noite, e assistia o melhor amigo manipular uma multidão do lado de fora do hospital como se fossem marionetes, e ouvia Danny gritar as palavras que o lançariam à celebridade instantânea (O *espírito de Kennedy viverá!),* Bonnis Purvis subitamente enxergou o futuro — e estremeceu de excitação.

Carmelita Sanchez ouviu a notícia assim que entrou na boate onde Manuel e os amigos costumavam jogar cartas e faziam transações relacionadas as drogas. Nem conseguiu chegar à sala dos fundos, onde Manuel a aguardava para levá-la para fazer o aborto. O rádio estava ligado no bar. O zelador estava parado como um manequim de loja, apoiado na vassoura, olhando fixamente para o rádio, com os olhos rasos de lágrimas.

- Aproximadamente à uma hora da tarde, do horário central — o locutor dizia -, o presidente John Fitzgerald Kennedy faleceu no Hospital Parkland em decorrência de um tiro na cabeça.

O tempo subitamente parou para Carmelita, assim como para o resto da nação. Enquanto carros paravam nos acostamentos, crianças eram mandadas de volta para

casa e o sistema de telefonia ficava congestionado tamanho o volume de ligações, Carmelita se sobressaltou na escuridão viciada de um pulgueiro em Dallas. Uma voz vinha pelo rádio e preenchia o clube. O locutor não foi identificado, e já fazia anos que ela não ouvia aquela voz, por

isso ela não sabia quem clamava para que todos fizessem sacrifícios para que Kennedy continuasse vivo.

As suas próprias lágrimas começaram a se avolumar e CAIR EM PESAR como nenhuma outra coisa a subjugara antes.

Ela olhou para o rádio e sentiu o poder da voz gravada correr para

ela em ondas. Foi um discurso que ela ouviria vezes sem conta NA SSEMnas que se seguiriam, pois foi repassado em cada estação de rádio e em cada canal de televisão de todo o país, o famoso discurso do "reverendo Danny" que havia sido feito espontaneamente do lado de fora do hospital enquanto Kennedy morria. A jovem prostituta ficou tão emocionada e manipulada pela poderosa oratória de Danny Mackay quanto as muitas outras pessoas, e tanto quanto muitas outras pessoas faziam, ela se pegou pensando: *Sim, tenho de mudar de vida.*

E foi então que ela entendeu.

Deus não queria mais que ela fosse uma prostituta.

Carmelita Sanchez estava acostumada a se ajoelhar. Ela o fazia em quartinhos sujos com clientes sem nome; ela o fazia na igreja todos os domingos. Aquela era a primeira vez que ela se ajoelhava no chão de linóleo de uma boate de striptease.

O atendente detrás do balcão de recepção do Bar-None Hotel soluçava suavemente sobre os braços dobrados. Dois outros homens sentado no sofá de courino com os olhos vidrados fitavam o vazio. Beverly Highland parou no meio do saguão do hotel ao ouvir uma voz conhecida saindo pelo rádio.

Ele estava ali. Em Dallas. Há poucos quilômetros de distância.

Como qualquer outra pessoa nos Estados Unidos, Beverly foi, de alguma forma, afetada pelas orações emocionantes de Danny Mackay. Mas Beverly foi afetada de uma maneira diversa do que as outras pessoas.

Seu corpo ficou rijo e duro. Estremeceu de leve. A cabeça se moveu uma ou duas vezes.

Ele estava ali de verdade.

Ela poderia entrar no carro e...

Mas não se mexeu. Danny a manteve pregada naquele mesmo lugar. Ele lhe disse que ela deveria desistir de sua vida de pecado e corrupção. Ele lhe disse para aceitar o amor de Jesus Cristo Ele lhe disse para fazer sacrifícios por John. F. Kennedy. Ele lhe disse... Ele disse para ***ela,*** voltar para o CAMINHO de retidão pelo bem do presidente. E enquanto ele lhe dizia todas essas coisa, Beverly ouviu algo que já tinha ouvido na voz de Danny Mackay antes, anos atrás: *poder*.

E então ela soube sem sombra de dúvida que, conforme prometido, Danny Mackay era um homem que iria longe.

Ele previra isso nove anos antes quando a jogou para fora do seu carro. E lá estava ele, usando as pessoas, pisando nelas em sua escalada maníaca para o topo. Ele até mesmo usava um presidente moribundo como degrau. Enquanto ela continuava parada no meio do saguão em seu espanto, ouvindo a buzina de um carro do lado de fora, alguém correndo pela rua, o recepcionista soluçando suavemente, a voz de Danny Mackay no rádio, Beverly subitamente desejou que ele se tornasse "Alguém". Porque, um dia, ele cairia. Ela o faria cair. E ela queria que ele caísse do lugar mais alto possível. Não importava o quanto demorasse, ela seria paciente. Ela esperaria e esperaria. E quando o momento chegasse, ela voltaria para Danny Mackay e o empurraria da beira do precipício. - Rachel? uma voz trêmula a chamou.

virou. Carmelita estava parada na entrada, com uma sacola na mão. - Rachel - disse ela. - Eu vou com você.

22

Ela se deixou ficar na banheira enquanto os jatos de massagem lançavam fluxos de água quente contra a pele nua. Ela sentia como se flutuasse em um mundo de puras sensações. Não havia um centímetro sequer que não fosse acariciado, aquecido, suavemente envolto pela água perfumada em óleos. O ar recendia a jasmins, gardênias e lavanda; as samambaias, o musgo e os lírios do jardim interno que tomavam um canto do banheiro estavam pesados por conta da umidade do vapor do banho. Com uma mão lânguida, ela pegou a taça de cristal e lentamente sorveu o vinho branco e gelado. Depois, inclinou a taça e deixou que um filete escorresse sobre os seios. O frio repentino depois de tanto calor foi estimulante.

Ela fechou os olhos e descansou a cabeça contra o mármore preto. A banheira funda era muito larga; ela quase podia nadar dentro dela. As torneiras eram douradas e em forma de cisne. Plantas viçosas e flores tropicais em caixas metálicas verdes circundavam a banheira; as paredes eram espelhadas com nervuras douradas. Ao pé dos degraus de mármore, um carpete fofo de lhama se estendia por todo o piso do banheiro. Um carrinho de bronze carregava um balde de gelo e uma garrafa de vinho; os domos prateados dos pratos cobertos preservavam o frescor do Camembert e do Brie, pão francês crocante, trufas de chocolate, doces italianos, fatias de mamão, melão e abacaxi. Havia até mesmo um samovar que mantinha o rico café vienense quente ao mesmo tempo em que permitia que um pouco do aroma de canela permeasse o ar úmido.

Quando sentiu uma leve brisa resvalar seus ombros expostos, ela abriu os olhos. Ele estava parado à porta, sorrindo. Ele chegou sem fazer barulho. Um belo rapaz com corpo bem definido e longos cabelos LOIROS VESTIA um uniforme de tênis branco e estava suado; ela pensou que ele parecia a figura de um vencedor do torneio de Wimbledon.

Ela o observou enquanto ele começava a se despir devagar, sensualmente. Primeiro a camisa, por cima da cabeça, fazendo-o esticar o torso. Depois os tênis e as meias. Por fim, os shorts. Ele era loiro por inteiro; era a perfeição. Ele subiu os degraus que levavam até a banheira funda um a um; deliberadamente, sem pressa. Ela observava cada movimento, a ondulação de cada músculo e tendão do seu corpo. Ele pôs o pé na água quente e ficou entre as suas pernas, olhando para baixo, na sua direção. Ela notou a vaidade e a presunção nos olhos azuis e na boca de lábios finos. E sentiu a respiração presa na garganta.

Ele se ajoelhou na água e, com as mãos apoiadas nos **joelhos** dela, inclinou-se para a frente e beijou-a. A boca do homem estava **doce.**

Beijaram-se por um bom tempo, entrelaçados e flutuando na água perfumada, lançando ondulações para os lados e por cima do tapete de lhama. E, depois, ele se levantou de novo, dessa vez passando uma perna para cada lado do corpo dela. Ela levantou a mão e o afagou, fazendo-o atingir a ereção completa. O preservativo fora colocado ao lado da banheira. Ela gostou dessa parte, a de colocá-lo nele. Quando a

postos, ela se sentou e o tomou na boca. E sentiu um gosto agradável — cereja. Um toque e tanto. A porta do outro lado do banheiro se abriu silenciosamente de novo. O homem que entrava dessa vez, fechando a porta silenciosamente atrás de si, era moreno, quase negro. Enquanto a boca acariciava intimamente o jogador de tênis, que continuava de pé diante dela, ela observou o segundo homem se despir. Ele também era lindo, uma perfeição.

Ele entrou na banheira enorme e escorregou para trás **dela, colocando -a** em seu colo, as mãos acariciando-lhe os seios, enquanto o amante loiro se ajoelhava e a penetrava na água quente e oleosa.

Ela fechou os olhos e se entregou à deliciosa sensação do completo prazer. Seus dois amantes a beijaram, acariciaram, não deixaram parte alguma do seu corpo sem ser explorada As suas costas descansavam em um peitoral musculoso e firme, braços fortes a circundavam pela cintura, e mãos calejadas e ásperas seguravam seus seios, enquanto outro corpo firme e musculoso se movia entre as suas pernas, as mãos segurando suas coxas, a boca sobre a dela, sugando-lhe a respiração, suas investidas despejando água com perfume
de jasmim pelas laterais da banheira. Ela gritou mais de
uma vez.
Os três se moviam como se fossem um. Eles a tiraram da banheira e a conduziram pelos degraus até o tapete fofo de pele de lhama. Seu amante loiro encheu uma taça de vinho e mergulhou seus mamilos dentro dela, para depois sugá-los até ficarem secos. Ele a deitou e a pressionou de costas no tapete enquanto se ajoelhava ao seu lado e continuava a lamber seus lábios inchados. Ela se segurou a ele com os dedos enrascados no longo cabelo platinado.
O segundo amante retirou algo debaixo de um daqueles domos prateados no carrinho de chá. Ele a alimentou com morangos cobertos com chocolate.

O resto da comida foi então consumida; descansaram para saborear a culinária soberba do Butterfly. Os dois homens a alimentaram, pegando pequenas porções da bandejas, nutrindo-a de maneira erótica. Eles beberam o vinho e depois o café e partilharam das delícias cremosas dos doces italianos. Os dois a penetraram uma última vez, em turnos, indo devagar, reservando os próprios orgasmos para que o prazer dela se prolongasse até que ela, finalmente, dissesse a primeira palavra daquela relação - que saiu em um suspiro profundo e satisfeito: - Basta...

Hollywood, 1969

ANN HASTINGS QUERIA TRANSAR mais do que qualquer coisa coisa no mundo. Ela concluiu que ser virgem aos trinta e um anos de idade era uma coisa terrível. Ainda mais naquela época!

Ao estacionar seu Mustang na vaga reservada do pequeno estacionamento atrás do Tony's Royal Burgers (Eddie manteve a placa por motivos sentimentais), ela pensou em todas as garotas que tinha acaba de ter visto para cima e para baixo na Avenida

Highland, em jeans bordados, descalças e com cabelos longos, os quadris e polegares expostos na esperança de uma carona. Uma carona elas conseguiam sem pestanejar!

Ann, às vezes, se via perplexa por aquela nova era. Ela frequentemente se sentia como se tivesse adormecido há muitos anos e só agora tivesse despertado, uma estranha em uma terra ainda mais estranha. Como uma senhorita Van Winkle. Havia revoluções acontecendo à sua volta: raciais, contra as guerras, culturais, sexuais...

E sexo era o que habitava a sua mente naqueles dias.

COMO NÃO *pensar?*, ela se perguntava ao passar pela porta dos fundos da lanchonete, acenar para os empregados e seguir para a porta com a placa de PARTICULAR. Com filmes como *Perdidos na Noite, Hair* e pôsteres de Oh! Calcutá! por todos os lados, mostrando pele, pele, pele? Os noticiários na TV mostravam os jovens em Woodstock, nus, fazendo amor na grama, livres e felizes. As mulheres passaram a tomar a pílula. Finalmente, permitiram que elas fossem ativas na sexualidade. Era uma época de amor livre e sexo liberal. Pelo amor de Deus, *todos estavam fazendo!*

Bem, talvez nem todos, Ann concluiu ao entrar silenciosamente no escritório e fechar a porta atrás de si. Beverly estava à escrivaninha, verificando a correspondência da manhã. Carmen estava na outra mesa, os dedos voando pelas teclas da calculadora.

Elas não pareciam estar envolvidas na revolução sexual. Há quantos anos Ann conhecia Beverly Highland? Dez, calculou. Tinham-se conhecido em 1959 naquele antigo prédio de apartamentos na Cherokee. Mas mesmo tendo trabalhado juntas para o Eddie desde então, Bervely ainda era um tipo de mistério para Ann.

Por mais incrível que pudesse parecer, não havia homem algum na vida de Bervely Highland,mesmo ela sendo absolutamente linda. Não só na aparência, que era espetacular, mas na maneira como andava, em seus modos, na sua alma, Ann pensou.Beverly parecia andar direito e falar direito; ela era gentil, equilibrada e afável. E ficava absolutamente perfeita em sua minissaia Mary Quaint e meias brancas estampadas. Ela até levara adiante o coque banana naquela era espacial de penteados Sassoon e Nigel Davies. E Beverly também estava bem financeiramente. Não exatamente rica, mas ela tinha feito alguns investimentos inteligentes no Vale, além de possuir parte da cadeia Royal Burgers. Ela era uma das solteiras mais cobiçadas em L.A. e, mesmo assim, até onde Ann sabia, ela não estava envolvida com homem algum. Em dez anos, Beverly não teve namorado. Nem mesmo tinha encontros. A vida inteira de Beverly, Ann veio a saber, era exclusivamente dedicada ao trabalho. Na verdade, ela era tão devotada ao trabalho, e dedicava tantas horas gerenciando a empresa que que Eddie e Laverne saíram de cena quase que completamente. Por que, Ann se perguntava agora assim como se perguntou tantas vezes antes, Bever*ly evitava os homens?*

E também havia Carmen Sanchez, a contadora da empresa. Naquele primeiro dia há seis anos,quando Beverly levou Carmen para a lanchonete e anunciou que ela trabalharia com eles, Ann pensou: *ahá!, acreditando ter* encontrado a resposta finalmente. Beverly preferia mulheres, simples assim. Mas aí a barriga de Carmen começou a crescer e, quando entrou em trabalho de parto, ela amaldiçoou um homem chamado Manuel.

Em cinco anos desde o nascimento de Rosa, Carmen levou uma vida celibatária. Ela também não parecia querer nada com os homens.

Mas, pelo menos, Ann pensou, Carmen havia tido um homem, ao menos uma vez. Ann não tinha tanta certeza a respeito da tão reservada. Beverly, que nunca se permitia ficar social ou fisicamente próxima de alguém. *Seria possível,* Ann se perguntou e não pela primeira vez, *que Beverly fosse tão inocente sexualmente quanto ela?*

- Onde está Debbie? - Ann perguntou ao soltar a bolsa, largar-se no sofá e apoiar os pés sobre o pufe.

Beverly não levantou o olhar da correspondência.

- Debbie se demitiu.

Ann gemeu. Mais uma não.

- Para onde ela foi? San Francisco? - foi para lá que as duas secretárias anteriores decidiram fugir.

- Não sei. Ela apareceu hoje cedo, anunciou que não era mais Debbie Schwartz, mas sim, "Narcisa", e que estava indo embora para descobrir o seu carma.

Ann balançou a cabeça. Estavam tendo muita dificuldade para manter os funcionários.

Beverly finalmente olhou para ela.

- Como foi?

- Houve um pequeno problema na lanchonete em Reseda, mas resolvi o assunto demitindo o gerente e colocando a assistente dele em seu lugar. Acho que ela vai dar certo. Não teremos mais reclamações da **Inspeção Sa**nitária naquelas paragens.

- Mais alguma coisa?

Ann massageou os pés. Atualmente ela era a gerente regional da Burgers e tinha de fazer visitas freqüentes nas catorze lojas da rede. sua responsabilidade em especial era o controle de qualidade - ela garantia que os elevados padrões fossem mantidos em todas as lojas.

- Bem, Carmen tinha razão, As vendas estão diminuindo em todas as lojas. Desde que o Mc Donald lançou o Big Mac no ano passado, a Royal Burgers vem perdendo fregueses. Todos os gerentes concordaram que precisamos lançar um hambúrguer duplo.Também acho que devemos instalar micro-ondas em todas as lojas. Beverly assentiu e anotou alguma coisa em um pedaço de papel.

A mesa deIa estava uma bagunça, o que não combinava com Beverly, que era extremamente arrumada tanto pessoalmente quanto na sua residência em Berverly Hills. Ann havia visitado a casa de estilo espanhol diversas vezes e nunca deixou de ficar impressionada com o cuidado com ela. Beverly insistia na mesma disciplina nas lanchonetes. Sujeira e desordem não tinham lugar em sua vida. Mas como ela parecia não conseguir manter uma secretária, e porque Eddie já não estava mais interessado em se envolver na própria companhia, Beverly tinha a tarefa constante de não se deixar engolir pela papelada. Parte dela, naquela manhã, tinha a ver com os conteúdos de um envelope grosso de um serviço de clipping.

Aquele era mais um mistério a respeito de Beverly sobre o qual Ann costumava se indagar. A sua obsessão em relação ao reverendo Danny Mackay. Ann estava familiarizada com o exuberante pregador texano. Qualquer um que assistisse ao noticiário, lesse os jornais, ou frequentasse livrarias, reconheceria aquele sorriso famoso. Desde o discurso inspirador no lado de fora do Hospital Parkland em Dallas em 1963, Danny Mackay tornara-se uma espécie de celebridade. E agora, com o seu novo livro (*Por que Deus levou os Kennedy?)* na lista dos mais vendidos, sua fama aumentava.

ı Ann não sabia qual era a ligação de Beverly com o carismático reverendo, mas ela suspeitava que Beverly tivesse conhecido Danny Mackay em alguma época do seu passado. Qualquer que fosse o relacionamento entre eles, Beverly era muito reservada a esse respeito. E também era obsessiva. O serviço de clipping, por exemplo. Beverly o contratou há seis anos, Voltou de Dallas. "Qualquer coisa sobre Danny Mackay", ela lhes disse. Não importava se a menção fosse pequena, ou em qual jornal aparecesse, eles deviam lhe enviar o recorte. Beverly gastava uma manhã por semana vendo o conteúdo do envelope grosso e lendo todas as notícias sobre as atividades de Danny Mackay. Como agora, Beverly estava à escrivaninha, estudando os recortes com uma expressão intensa no rosto, lendo a respeito da passagem de Danny pelo Vietnã, onde pregava para os soldados. Ann se levantou e seguiu para o pequeno refrigerador. Pegando uma lata de Metrecal e lentamente servindo-a em um copo, ela voltou a pensar sobre sexo.

Era um absurdo que ainda fosse virgem. E Ann não sabia bem ao certo porque ainda era, exceto por talvez não ter tido muitas oportunidades para encontrar rapazes que a atraíssem. Seu trabalho no Royal Burgers a mantinha bem ocupada, e quando, eventualmente, via-se em uma situação social, ela costumava se sentir fora do seu

ambiente. Afinal, ela tinha trinta e um anos, muito além da idade de ser paquerada. Ela se sentia velha nessa sociedade orientada para a juventude. Qualquer um que tivesse ido para a faculdade nos anos 1950, ao que parecia, era um dinossauro. Com tantas garotas casadoiras e dispostas na atualidade, uma Ann Hastinp trintona e gorducha não tinha a menor chance.

Isto é, até ela conhecer Steve.

Steve Fowler era um professor universitário de ciência política que ela havia conhecido em uma passeata contra a guerra em Century City. Quase foram presos juntos e só escaparam dos cassetetes dos policiais pulando no VW dele e saindo em disparada da cena. Seguiram para um restaurante vegetariano para uma conversa profunda; uma coisa levou a outra, e antes de se dar conta, Ann se viu aceitando um convite para ir ao apartamento dele um dia desses para fumar maconha.

E aquela noite seria a noite.

Claro que não estava apaixonada por Steve; nem mesmo se sentia muito atraída por ele. Mas ele era esperto e inteligente, um homem de consciência (no ano passado ele havia recebido uma repreensão por dizer aos alunos que marchassem para fora da sala e que não voltassem até que Nixon tivesse mandado chamar as tropas de volta do Vietnã), e mencionou, por apreciava as mulheres "rubenescas".

Ele também era mais velho do que ela, e sugerira ser um amante bem experiente.

Foi então que Ann decidiu dar um passo adiante e descobrir o que vinha perdendo. Finalmente, certos "mistérios" lhe seriam revelados aquela noite, e ela mal continha a excitação.

—Se não precisam mais de mim... — disse ela quando terminou a bebida dietética.

Beverly sorriu e disse:

— Tire o resto do dia de folga. Você fez por merecer.

Ann sorriu e se apressou para fora. O dia de folga! Até parece! Ela tinha coisas demais para fazer antes de ir para o apartamento de Steve às seis: comprar uma roupa nova, arrumar o cabelo, ajeitar as unhas, e, finalmente, ir a clínica de planejamento familiar para pegar um diafragma... A máquina calculadora emitia seu barulho característico e entregava más notícias. Carmem puxou a longa fita, rasgou a ponta e franziu a testa para o número final por um instante antes de se virar e jogá-lo na mesa de Beverly. - Vamos ficar em apuros e não vai demorar muito, amiga - disse ela. - Eddie precisa fazer algo, e rápido.

Beverly não precisava olhar para a fita. Aquele era um assunto que vinham discutindo há algum tempo já, desde que a dura realidade os abatera: McDonald e Kentucky Fried Chicken estavam rapidamente assumindo o controle das áreas que antes eram monopólio da Royal Burgers. Era uma situação frustrante. Depois que Eddie conseguiu dinheiro o suficiente para comprar brinquedinhos novos e viagens ilimitadas, para ele e para Laverne, ele perdeu todo o interesse em sua empresa. "Dirija você, a companhia", ele disse a Beverly dois anos atrás quando entrou na lanchonete balançando as chaves do seu novíssimo Lincoln Continental. De acordo com Eddie, contanto que a Royal Burgers o mantivesse em carros, barcos e aviões, ele não iria se aborrecer mais com a empresa. E ele sabia que podia confiar em Beverly para que a Royal Burgers continuasse a dar lucro. Ela era uma excelente trabalhadora, aquilo era tudo o que ela fazia: trabalhar. E isso o liberava para se divertir.

O problema era que, enquanto a Royal Burgers era o único lugar na cidade que servia comida saborosa a preços baixos em um ambiente limpo e confíavel, tudo bem. Mas agora outras cadeias de *fastfood* se instalavam e a Royal Burgers começava a perder feio.

No ano anterior, Beverly tentou convencer Eddie a abrir o capital da empresa.

- Coloque a empresa na Bolsa de Valores de Nova York. Abra franquias. Podemos ser tão grandes quanto o McDonalds.

Mas para Eddie isso só representava mais trabalho. E ele não se interessou.

- Não - ele disse na ocasião. - A Royal Burgers é uma empresa familiar. Não queremos estranhos envolvidos. Podemos equilibrar as contas assim.

Estamos indo bem. As pessoas não vêm comendo nossos hambúrgueres especiais e nossas fritas picantes por tanto tempo só para pararem agora. Elas estão, como posso dizer, viciadas, sabe? Errado.

Grandes hambúrgueres e mais variedade era o que o público queria agora. E a Royal Burgers, a fim de sobreviver, teria de se adaptar aos novos tempos.

- Não parece nada bom, Beverly — Carmen disse ao abrir a geladeira e pegar um refrigerante Fresca. As prateleiras estavam tomadas pelas latas verdes e azuis, e no depósito havia caixas do refrigerante diet estocadas até o teto.

Quando as notícias surgiram de que o ciclamato seria banido, Beverly encomendou o tanto de Fresca e de Diet-Rite que conseguiriam estocar.

Os substitutos do açúcar, os boatos diziam, seriam mais amargos e menos palatáveis dali por diante.

— Onde está o Eddie? — Carmen perguntou ao se sentar no sofá que Ann acabara de vagar.

- Onde mais? Na pista de pouso de Santa Monica.

Aquele era o último brinquedinho deles: um Cessna 172. Ele e Laverne estavam tomando aulas de pilotagem.

-Vamos lançar o Crown Burger?

—Vamos ter de lançar. E cobraremos quatro centavos a menos que o Big Mac.

—E quanto à carne de frango?

- Se resolvermos introduzir carne de frango, teremos de apresentá-la de uma maneira diversa. Grelhada, talvez.

O rosto de Beverly assumiu uma expressão de profundo envolvimento, uma expressão que Carmen conhecia bem demais.

Na realidade, diferentemente de Ann Hastings, Carmen sabia tudo o que havia para saber sobre Beverly Highland. Ela sabia o porquê do serviço de clipping.

Carmen mudara muito desde os dias como prostituta em Dallas. Agora tinha diploma universitário, e se esforçava para conquistar seu CPA, morava em um bom apartamento, recebia um bom salário como contadora da Royal Burgers, e tinha bons amigos como Beverly, Ann e Roy Madison. Mas ela também, assim como Beverly, jamais deixaria os antigos ódios e raivas morrerem. As feridas eram profundas demais,as lembranças, dolorosas demais. Ela sabia que Beverly vivia para se vingar de Danny, que cada movimento dado - mesmo administrar a Royal Burgers - fora calculado como parte do seu plano de longo prazo para se tornar rica e poderosa, e um dia, fazê-lo pagar pelo que ele lhe tinha feito. Carmen sabia o que era isso. Ela também tinha o sonho de um dia ver Manuel receber o que merecia. E, como sua melhor amiga, Carmen não queria mais saber de homens. Em Dallas, naquele dia horrível de novembro, muitas pessoas impulsivamente viraram a página. A morte de Kennedy subitamente alterou o equilíbrio do mundo. As pessoas se sentiram rejeitadas, abandonadas. Elas procuraram maneiras de compensar pelos pecados pelos quais, aparentemente, estavam sendo punidas. Crimes diminuíram nos dias que se seguiram ao assassinato; a frequência às igrejas subiu; antigas mágoas foram esquecidas; dívidas, perdoadas; desculpas, ditas; distanciamentos, aproximados... Juras e promessas foram feitas, para Deus e uns para os outros. As pessoas subitamente se auto-examinaram e não ficaram satisfeitas com o que viram. Muitos, assim como Carmen, vivenciaram quase que uma revelação religiosa. Eles iriam mudar. Mas, então, o choque se dissipou e o mundo voltou ao normal, e as juras e promessas sumiram na lembrança e a maioria das pessoas voltou ao seu ao antigo estilo de vida. Mas não Carmen Sanchez. A morte inesperada e prematura de um homem que ela adorava e respeitava provocou uma

marca muito profunda nela. Ela manteve sua promessa perante Deus. Seria pura dali em diante.

Havia momentos, porém, em que ela se sentia caridosa em relação ao mundo - como no dia em que recebeu elogios de seus professores na Faculdade Valley, ou no dia em que recebeu o diploma de Administração da UCLA, ainda no dia em que Rosa entrou no jardim de infância – e CARMEN SUAVIZOU seu julgamento da sociedade. Em tais raras ocasiões, ela olhava para a intensa Beverly e lamentava por ela.

Carmen sabia quais eram os dragões que atormentavam Beverly Highland. Sabia o quanto ela adorava bebês - bastava olhar o quanto ela cobria Rosa de afeto -, mas nunca poderia ter filhos por conta do que Danny lhe tinha feito. E Carmen sabia que Beverly um dia calculou a data em que seu bebê teria nascido e lamentava, reservadamente, o aniversário que nunca aconteceria todos os anos.

I.....Carmen estudou, a cabeça pensa sobre os recortes de jornal, a respeito de Danny Mackay, o cabelo platinado reluzindo debaixo das luzes do teto, e se perguntou como seria aquele dia, aquele em que Beverly finalmente

reencontraria Danny.

III - Você estará bem por enquanto? - perguntou ela quando o Fresca acabou. - Tenho de ir à escola buscar Rosa.

Beverly levantou a cabeça e sorriu.

—Estou bem, Carmen. E traga-a de volta para cá. Tenho um presente para ela.

—Outro? Você vai mimá-la antes que eu tenha a chance de fazer isso! - Carmen saiu marchando com uma braçada de livros que estudaria para o exame do CPA que se aproximava.

Quando ficou sozinha no escritório, Beverly voltou a atenção ao recorte que vinha lendo. Era uma notícia sobre um incidente que acontecera em Victorville, no deserto do Mojave.

A pequena manchete dizia: MULHER CULPA DANNY MACKAY PELA MORTE DO MARIDO.

Beverly decorou o nome: senhora Maggie Kern. Ela abriu uma gaveta e retirou um mapa do Estado da Califórnia.

Ann percebeu que estava morrendo de medo. O que era RIDÍCU,LOLAR,Oporque, no fim das contas, sexo era algo tão natural quanto comer e dormir. E todos o praticavam.

Ela se esforçou bastante para se manter relaxada a respeito da coisa toda. Ela se sentou no apartamento de Steve surpreendentemente bagunçado (e desapontador), ouviu educadamente o Pink Floyd tocado em um volume alto demais, bebeu vinho barato, sentou-se de pernas cruzadas no chão, mesmo ele tendo mobília, e concordou com a cabeça durante todo o longo discurso de Steve sobre Baba Ram Das e o movimento psicodélico. Steve usava palavras como "fantástico", "maneiro" e "perder a cabeça". Ele tinha pôsteres de Peter Max nas paredes, velas na forma de genitais e uma variedade de clipes de metal espalhados pela mesa de centro.

Quando estava lá pelo quarto copo de vinho e tentava não se abater pelo som de Grateful Dead, Ann começou a perceber uma coisa: que Steve, com sua barba ficando grisalha, anel de graduação e relógio Bulova, era uma farsa. Ainda assim, era um homem. E ele lhe *prometera* "sexo bom" depois que fumassem uns cigarros de maconha. E, bem, ele agora a apalpava, o que significava que era hora de ela ir para o outro cômodo para colocar o diafragma.

Quando ela entrou no apartamento, colocou a bolsa e o casaco no quarto. Então ela voltou para lá e fechou a porta.

— Quanto mais próximo da hora da relação você inserir o diafragma, melhor — a enfermeira do centro de planejamento familiar havia explicado. -

Claro que você ainda pode colocá-lo horas antes, mas o espermicida perderá seu efeito.

Ann estava sendo extremamente cautelosa. A última coisa que desejava era ficar grávida.

Tirou a calcinha rapidamente e a colocou na bolsa. Apressava-se. No cômodo ao lado, a música foi trocada e agora era algo suave, o que significava que Steve estava pronto e a sua espera. Ann queria tanto parecer relaxada e experiente. Morreria se ele desconfiasse que aquela era a sua primeira vez. O diafragma era como um *frisbee,* mas mole e macio no meio, com a borda rígida. Tirando o tubo de espermicida da bolsa, ela espalhou com generosidade ao redor da borda e acrescentou um pouco mais no centro. Depois voltou a guardar o tubo. Ela não queria que ele fosse para lá e o visse. Controle de natalidade não era legal. Era antiquado.Tirava a espontaneidade do sexo, que, supostamente, deveria ser feito com um espírito livre e desimpedido.

- Dobre-o assim — a enfermeira lhe mostrou.— Segure o diafragma entre os dedos, apertando a borda desta forma. Isso serve para a inserção. Depois que ele estiver lá dentro, ele volta a se abrir e se ajustará ao colo do útero. Parecera tão fácil no consultório médico...

Mas agora as mãos de Ann e ela usava gel demais e a maldita coisa não estava colaborando. Por fim, ela conseguiu dobrá-lo como um taco, e bem na hora em que ela estava se inclinando para inseri-lo, o diafragma escorregou dos seus dedos, voou pelos ares, aterrissou na parede e escorregou por trás de uma cômoda. Ela olhou para a parede horrorizada.

- Ann? - disse a voz de Steve do outro lado da porta.- Você está bem?

- Já... já vou!

Alisando a saia apressadamente, ela seguiu para a porta e a abriu, Ele estava completamente nu e excitado.

- Hum... - murmurou ela.

Steve segurou sua mão e a levou de volta para a sala, onde Donovan cantava algo agradável. O coração de Ann palpitava. Na verdade, nunca tinha visto um pênis antes. Não de verdade. Claro que, naqueles dias, eles apareciam em pôsteres. Mas da última vez em que ela vivenciou algum tipo de intimidade foi na época dos amassos no colégio há catorze anos. Steve a deitou sobre as almofadas de algodão e começou a beijá-la. Ann tentou fazer a sua parte. Fez os movimentos esperados em uma relação e tentou se excitar (uma vez que ele, por certo, nao estava fazendo isso), mas ela só conseguia pensar no diafragma atrás da cômoda, e em como ela estava desprotegida. Talvez devesse detê-lo, pensou, enquanto a mão dele ia direto ao ponto.

Mas ela já tinha ido até ali, estava curiosa e desesperada para não ser mais a esquisita daquela era sem virgens...

— Espere...— disse ela sem fôlego enquanto ele já começava a cutucá-la. Ainda era cedo demais. Não estava pronta. A blusa ainda estava abotoada. Ele não tinha feito investida alguma debaixo do seu sutiã, que era o que **ela precisava.**

Steve estava sobre ela, tentando penetrá-la com uma urgência que a alarmou.

Ela abaixou a mão para desviá-lo. Ele entendeu mal a sua intenção e gemeu:

— Ah, baby! — e gozou na mão dela.

A casa de Maggie Kern localizava-se em um novo desenvolvimento onde jovens famílias ainda estavam colocando grama nos jardins e onde as cercas ainda não transformaram os vizinhos em estranhos. A reportagem informou o endereço da mulher, e Beverly o encontrou sem dificuldade alguma.

Apertou a campainha e ouviu um bebê chorar.

Quando a porta foi aberta, Beverly se viu diante de um rosto muito bonito emoldurado por cabelos crespos ruivos. Mas os olhos verdes eram tristes, muito tristes, e inchados pelo choro. Maggie Kern tinha uma criança no colo.

—Pois não? — disse ela.

—Senhora Kern?

—Sim.

— Meu nome é Beverly Highland. Podemos conversar por alguns minutos?

—Lamento. O que quer que esteja vendendo, não estou interessada.

—Não estou vendendo nada, senhora Kern — Beverly explicou com gentileza. - Li a sua história no jornal.

Algo flamejou nos olhos verdes e Maggie disse:

— Não vou mais falar com repórter algum! — e começou a fechar a porta.

—Por favor - pediu Beverly. - Não sou repórter. Veja bem, conheci Danny Mackay. Há muitos anos. Entendo o que está passando,

A sala de estar estava muito arrumada e limpa e a mobília ainda tinha cheiro de novo. Maggie e seu marido, Joe, Beverly logo descobriu se mudado de San Diego ha apenas quatro meses. Aquela era a casa dos

sonhos deles, Joe até mesmo tinha começado a construir uma casinha de brinquedo no quintal dos fundos para seus dois filhos. Maggie fez café e lhe trouxe torta fresca de nozes. O bebê estava seguro entre duas almofadas no sofá, e Beverly não conseguia despregar os olhos dele. Maggie, Beverly descobriu, não tinha dificuldade alguma para falar sobre o incidente. Na verdade, parecia disposta a falar.

- Joe tinha um problema no coração, sabe? Foi por isso que saímos de San Diego. O médico lhe disse que ele estava muito estressado. Que deveríamos nos mudar para uma área onde o ritmo de vida fosse mais lento. Joe era mais velho do que eu. Ele tinha quarenta e dois anos, eu tenho vinte e seis - ela disse enquanto pegava o bebê e o segurava contra o seio.- Joe era um herói condecorado - disse baixinho. - Na Coreia.

Ela continuou contando a história que Beverly já conhecia pelo artigo do jornal. Joe passou de especialista em especialista para tentar curar o seu problema, só para se frustrar a cada consulta. E então, dois meses atrás, Danny Mackay viera a Victorville. O famoso Danny Mackay que, naquele momento, estava no Vietnã pregando sermões para as tropas desmoralizadas.

- Ele armou sua tenda nos limites da cidade - contou Maggie. - A maioria acabou indo por curiosidade. Eu nunca tinha ido a um despertar religioso. Joe e eu somos cristãos. Vamos à igreja todos os domingos. Mas aquilo era algo novo. E, além disso, tínhamos ouvido que Danny Mackay era conhecido pelas suas curas.

Beverly tambem já sabia disso por meio dos seus clippings, que eram compostos por partes de jornais de todo o sul: Danny Mackay tirando o demônio de mulheres histéricas, fazendo uma criança paralítica voltar a andar. Ele até mesmo fez a alegação ultrajante de ter trazido um homem de volta dos mortos. E as pessoas *estavam acreditando. Pessoas* como aquela pobre mulher com um bebê nos braços.

- Joe e eu fomos à reunião de Danny - disse Maggie. - Eu fui por curiosidade, mas Joe... - ela suspirou e seus olhos marejavam. — Sei que em seu íntimo ele esperava que Danny pudesse curá-lo. Tínhamos ouvido sobre todos os seus milagres...

Beverly já sabia o resto. A reunião havia sido entusiástica, típica dos despertares religiosos delirantes de Danny Mackay, e Joe Kern, em um momento de impulso, pulou e subiu no palco, implorando para ser curado. Foi um momento dramático, testemunhas disseram, Danny impostando as mãos e Joe desmaiando. Mas o que as testemunhas não contaram à polícia ou aos jornalistas foi que Danny havia instruído Joe a descartar seus remédios para o coração. *Não senhor, ninguém ouviu o reverendo Danny dizer tal coisa.*

Mas Joe Kern ouvira-o dizer isso e foi o que ele fez - jogou fora seus remédios porque o reverendo Danny lhe disse que ele já não precisava deles e que continuar a tomá-los era um sinal de pouca fé em Deus - e uma semana mais tarde, Joe Kern teve um infarto fulminante e morreu.

Maggie enlouqueceu de tristeza. Procurou a polícia e os jornais, acusando Danny Mackay, que ainda estava na cidade, de assassinato. Mas Danny tinha ligações com

certos oficiais, portanto, nenhuma investigação foi feita, e no dia seguinte, Maggie Kern foi despedida do seu emprego.

- Sei que Danny Mackay pediu para me demitirem. Primeiro ele mata o meu marido, e agora está tentando me matar!

Beverly pegou um lenço de linho da bolsa e o colocou entre as mãos de Maggie. A jovem viúva chorou durante alguns minutos, depois controlou-se novamente.

- Sou boa no que faço, senhorita Highland. Sou secretária executiva. Datilografo noventa palavras por minuto e taquigrafo cento e vinte. Meu salário era bom em San Diego. E eu também estava ganhando bem aqui, trabalhando para uma corretora de valores. Sou boa no que faço; não havia por que me demitirem.

Ela encarou Beverly com raiva e dor nos olhos.

- Senhorita Highland, considero-me uma boa cristã. Mas lhe digo neste instante que eu gostaria de ver aquele bastardo, Danny Mackay, enforcado!

Então ela olhou para o bebê adormecido e pareceu desmoronar por dentro.

- O que vou fazer? - sussurrou. - Só fazia dois meses que Joe estava no novo emprego. Ele ainda não tinha direitos. O enterro levou embora o resto das nossas economias...

- Senhora Kern - Beverly disse com suavidade. — Compreendo e lamento pelo que está passando.

- Por que o mundo adora aquele homem? — murmurou Maggie, enxugando as lágrimas do rosto. - Por que ninguém enxerga o que ele é de verdade? — os olhos verdes voltaram a se fixar em Beverly, dessa vez com o brilho de rebeldia e coragem. - Foi horrível, todas aquelas pessoas naquela tenda, colocando dinheiro nas cestas coletoras, pessoas pobres edesesperadas, aleijadas, doentes e sem esperanças, dando dinheiro para ele! Sou a única pessoa que sabe o que Danny Mackay é? Um monstro!

- - Eu o conheço, senhora Kern. Desde muito tempo. Sabe... - ela olhou com carinho para o bebê adormecido no colo da mãe. — Eu teria um filho hoje em dia, se não fosse por Danny Mackay. Ele, ou ela, teria catorze anos hoje...

A luz do sol passou pelas cortinas da janela e lançou fachos dourados sobre a mobília nova que ainda não tinha sido quitada. Do lado de fora, os gritos e o riso das crianças se espalhavam pelo novo bairro. Aquele era um lugar para onde casais como Joe e Maggie vinham para criar raízes, educar os filhos entre muitos amigos e vizinhos, e, quem sabe, viver confortavelmente quando aposentados, contentes pelo que tinham conquistado.

Danny Mackay não matava só as pessoas; ele também matava sonhos.

- Senhora Kern - disse Beverly com suavidade. - Gostaria de voltar para Los Angeles comigo?

Quando Beverly entrou no escritório, preparada para passar a noite fazendo o trabalho de um dia inteiro por conta da sua viagem a Victorville que havia tomado toda a manhã e a tarde, surpreendeu-se por encontrar Carmen e Ann ainda lá. E quando viu que elas choravam, sua surpresa se transformou em alarme.

- Ah, Beverly! - Ann chorou.-Temos uma notícia horrível! Ela não sabia o que dizer. Ficou parada na porta, olhando para as amigas.

- Eddie e Laverne...— continuou Carmen.— O avião deles caiu no oceano perto de Malíbu. Eles morreram!

O testamento foi lido na semana seguinte. Os amigos mais próximos de Eddie estavam presentes - até mesmo Roy Madison, que cancelou um dia inteiro de gravação no estúdio de filmagem do seu programa de espionagem na televisão. Eles ficaram olhando para o advogado enquanto ele lia os últimos desejos de Eddie e de Laverne. Absolutamente tudo — a Royal Burgers, o campo de golfe em miniatura em Ventura, lava rápido em

Wilshire, e uma loja de roupas masculinas em Beverly Hills chamada Eddie Fanellis - foi para Beverly Highland.

24

JAMIE NÃO CONSEGUIA SE conter, tamanha a excitação que POR NAdar nu na piscina de Beverly Highland.

Já tinha feito isso sete vezes desde aquela primeira vez audaciosa em janeiro, e hoje não seria diferente, apesar do dia cinzento de março. Contudo, foi frustrado bem quando começava a descer o zíper do do jeans. Estava parado, descalço e sem camisa, com as mãos no zíper, já se excitando com o mergulho para a sua empregadora *voyer*, quando, de repente, alguém apareceu na passagem que levava à piscina.

Era um rapaz jovem de sunga e com uma toalha ao redor do pescoço que o chamou:

- Oi, tudo bem? Posso dar um mergulho rápido antes de você tratar a piscina?

Confuso — ele nunca havia encontrado alguém na propiedade de Beverly Highland - Jamie rapidamente recuou e disse:

- Ah, claro. Fique à vontade.

O jovem, que devia ter pouco mais de vinte anos, disse:

- Obrigado.

Jogou a toalha de lado e mergulhou. Ele deu algumas voltas e só depois emergiu do lado em que Jamie estava e se suspendeu para fora da piscina.

-Ufa! Isso foi bom! Eu precisava tirar as teias de aranha de ontem à noite!

Jamie observou o desconhecido se enxugar e se questionou quanto à sua tranquilidade em nadar na piscina da senhorita Highland. *Quem, diabos, seria aquele?*

- Sabe - disse o rapaz, enxugando os cabelos. -Você me parece familiar. Será que já o vi antes?

Jamie pegou a rede da piscina e a guiou pela superfície da água. - Não sei. É possível. - Já sei. Foi na Peppys?

- Peppys? Aquela boate gay na Robertson? - Jamie riu. - Você jamais me veria lá. Não creio que a minha namorada aprovasse.

- Será que foi pelo campus da UCLA? Você estuda lá?

- Não. Fui para a Cal State Northridge. Sou graduado em artes cênicas. - Ah, você é ator. Do que já participou? Talvez eu o conheça de alguma peça;

- Bem, já representei alguns papeis. Estive em um episódio de *All My Children há* alguns meses.

- Puxa, verdade?

Jamie o viu fazendo uns exercícios de alongamento, o rapaz decididamente não parecia estar com pressa e se sentia em casa ali.

- Então - começou Jamie devagar. -Você é amigo da senhorita Highland ou algo assim?

- Pode-se dizer que sim. - Ela é uma boa patroa? - Não saberia lhe dizer — ele tocou as pontas dos dedos dos pés e se alongou. - Não trabalho para ela. Por quê?

ii - Só estava me perguntando, sabe...Talvez ela tenha contatos no cinema. Eu bem que poderia me servir de alguma ajuda, se é que me entende.

O desconhecido apanhou a toalha, enrolou-a no pescoço e parou para dar uma bela olhada em Jamie.

- É. Entendo o que quer dizer.

Seus olhos se encontraram por um instante, em seguida o rapaz disse abruptamente:

- Bem, está na hora! Obrigado por segurar as pontas para que eu pudesse nadar. Espero não tê-lo atrasado — e desapareceu pelo caminho de volta. Jamie o viu se afastar. Peppys, ele disse. Um bar gay. Será que o cara estava dando em cima dele?

Isso fez Jamie estremecer. Aquele era o problema daquela cidade. Ainda mais na indústria cinematográfica.

Resolvendo que seria arriscado demais abaixar as calças àquela altura, ainda mais com aquele cara à espreita, Jamie, com certa relutância, deixou de lado as intenções sexuais, continuou com as calças e começou a limpar a piscina de Beverly Highland.

Os passos de Joe podiam ser ouvidos no piso de mármore enquanto ele se aproximava do solário. Quando ele apareceu à porta, bem vestido em Port Authority e Stubbies, o cabelo seco e um sorriso radiante, ele disse:

—Bom dia, senhoras — e entrou na selva de samambaias e trepadeiras.

Beverly e Maggie Kern saboreavam um brunch leve de torradas e ovos

pochê, acompanhados de chá enquanto repassavam a agenda do dia. A primária de New Hampshire estava se aproximando e Beverly investiu um bom montante de dinheiro em determinados bolsos políticos para garantir a vitória de Danny.

Maggie olhou para Joe enquanto ele se sentava e se servia de um copo de suco de laranja.

- E então? - perguntou. - O que descobriu?

Ele se recostou, era um jovem confiante de sua bela aparência e personalidade, e lançou-lhe o melhor dos seus sorrisos.

- Ele não é gay, nem é casado, mas tem uma namorada. Digamos que tem certa educação, é graduado em artes cênicas. É articulado, não fala como um macaco. Parece saudável. Seus dentes são bonitos, devem ter resina de verniz. E está faminto. *Muito* faminto...

Maggie olhou para Beverly, que deu um leve aceno.

- E agora - disse Joe, inclinando-se para a frente. - Importam-se em me dizer por que queriam essas informações?

- Bem - disse Maggie, fazendo cena para colocar adoçante no chá e mexer. — Temos de ter cuidado com quem passa por esses portões.

— Por que não pediram para os seguranças verificarem, como sempre fazem?

—Existem certas coisas que um investigador particular não consegue descobrir, Joe. Obrigada por conseguir as informações para nós.

— Claro — ele disse com um dar de ombros e se levantou. Mas **acho que** ele pensou que eu estava dando em cima dele.

-Joe!

Ele riu.

- Desculpe, mãe - ele disse, inclinando-se e beijando Maggie na testa. Tia Bev, sempre que precisar de mim, estou a postos. Até mais! Maggie riu e balançou a cabeça. - Ah, esses jovens de hoje...

- É - Beverly concordou com uma voz distante, pensando em Jamie, o rapaz da piscina. - Esses jovens...

25

Hollywood, 1971

Quando Beverly veio da claridade externa e acompanhou a recepcionista pelo saguão escuro do restaurante, ela não notou o homem ao bar, observando-a. Ele era um homem grande, bem vestido e negro. Ele cravou os olhos sobre ela enquanto era conduzida para uma mesinha em um canto, onde ela ficava parcialmente escondida por plantas e uma vela iluminava seu rosto. Ainda que mulheres brancas não fossem normalmente do seu agrado, ele percebeu que ela era muito bonita, e perguntou-se se o loiro platinado do cabelo era natural. O nome dele era Jonas Buchanan, e ele carregava uma pistola no coldre debaixo da jaqueta.

Buchanan era a única pessoa no bar. Ele sabia que aquele lugar estaria lotado mais tarde, com gente esperando para ser atendida. Mas passava pouco das duas; o maior movimento só começaria às quatro.

Lentamente, ele sorveu um gole do seu drinque enquanto lançava olhares furtivos para a jovem loira. Ela pediu algo para a garçonete, depois pegou um caderno da bolsa e começou a escrever. Ele viu que vez ou outra ela olhava de relance para o relógio.

Quando terminou o drinque, Buchanan deixou o dinheiro no balcão, abotoou a jaqueta, certificando se de que o volume da pistola não aparecesse, e foi lentamente na direção da mesa do canto.

Escondido pela abundância de plantas, ele conseguiu se aproximar sem ser notado. Ele a observou, notou a cabeça loira inclinada captando os feixes dourados da luz da vela, viu a mão se movimentar rapidamente sobre o caderno. Ela era dona de uma intensidade interessante, como se mal estivesse sentada na cadeira, como se estivesse encolhida como uma mola, pronta para saltar e sair correndo. E ele se perguntou se, ao vê-lo, era o que ela faria.

Por fim, chegou à mesa. Sentindo a sua presença, ela levantou a cabeça. Seus olhos encontraram-se.

- Senhorita Highland? - ele perguntou.

Ele não lhe contou ao telefone que era negro. Nunca fazia isso. Era um teste com clientes em potencial. Com certa frequência, eles o olhavam, viam sua negritude e saíam.

Mas não havia hesitação alguma nos olhos dela ao dizer:

- Sim. O senhor é Jonas Buchanan? Ele assentiu.

- Por favor, sente-se. Posso lhe oferecer algo?

- Não, obrigado. Se pudermos ir direto ao assunto, senhorita Highland... Beverly pegou um grande envelope e o colocou diante dele.

- Aqui está toda a informação de que disponho. Lamento, mas não é muita coisa.

- A senhora disse que usou o serviço de três investigadores particulares. Eles não conseguiram nada? - Isso é **tudo** o que descobriram. Ele olhou para o envelope. Era desapontadoramente fino. Depois olhou para a sua cliente. Jonas Buchanan ficou imaginando quanto ela poderia gastar. Ela parecia rica, mas ele nunca se deixava

enganar pelas aparências. No entanto, ele explicou os seus honorários pelo telefone, e ela não recuou. - Muito bem - disse ele, abrindo o envelope e espalhando o seu contéudo insignificante e começando a ficar irritado. Quando tinha deixado a força policial para abrir a própria agência de investigação, não imaginava que casos como aquele (localizar filhos fugidos dos caras brancos e ricos, ou os parentes desaparecidos de moças brancas e ricas) fossem representar boa parte dos seus negócios. De forma geral, não gostava de lidar com os brancos, motivo pelo qual tinha abandonado a força policial. Mas, infelizmente, eram eles que tinham problemas e dinheiro.

- Conte-me o que sabe.

- Os homens que contratei nos últimos anos, de três agências diferentes, nada descobriram a respeito da minha mãe. Ela desapareceu há quase vinte anos. Escrevi tudo de que me lembrava sobre ela na carta que tem aí. Local de nascimento, nome de solteira, escolas que frequentou e assim por diante. Acredito que quando saiu do Novo México, ela tenha voltado para a Califórnia.

- Mas os homens que contratou antes de mim não descobriram rastro algum dela?

Beverly balançou a cabeça. Os olhos dela estavam úmidos, Buchanan notou. Porém, ele também aprendeu a não se deixar envolver pelas lágrimas.

-Tenho de ser honesto, senhorita Highland - disse Jonas, sentindo a irritação aumentar. - Não posso lhe prometer coisa alguma. Ainda mais depois que outros três investigadores fracassaram.

Agora ele esperava ver o ar triste, as lágrimas rolando pelo rosto, que ela implorasse para que ele simplesmente encontrasse a mãe. Em vez de tudo isso, Jonas se deparou com um olhar firme e uma voz suave que disse:

- Entendo isso,senhor Buchanan. Ficarei agradecida com qualquer coisa que descubra para mim.

Ele tentou categorizá-la. Naqueles dias, Jonas conseguia discernir bem os brancos e juntá-los em dois grupos. Existiam os tipos liberais/hippies que marchavam pela causa dos negros e genuinamente acreditavam-se daltônicos e mostravam-se ávidos para travar amizade com eles só para provar isso, e existiam os racistas que se viam fora de moda e adotavam um FALSO LIBERALismo para provar que eles acreditavam que as pessoas negras eram boas. No decorrer dos últimos dez anos,Jonas se viu como alvo de muitos deles que estavam ansiosos para serem vistos a seu lado, ter um dos seus em suas festas, ou simplesmente os curiosos, as mulheres, principalmente, que queriam saber se o que se dizia a respeito dos homens negros era verdade. Jonas ainda não sabia a que categoria Beverly Highland pertencia. Mas logo descobriria.

-A senhorita disse que gostaria que eu localizasse a sua irmã também - disse ele, mudando de posição na cadeira. Jonas era um homem grande; havia sido a estrela do time de futebol americano na faculdade. Cadeiras comuns eram-lhe frequentemente desconfortáveis.

- Minha irmã gêmea - Beverly disse. - Ela foi adotada quando nascemos, há trinta e três anos. Acredito que cheguei a encontrar o advogado que tratou da papelada da adoção, um homem chamado Hyman Levi, mas, naquela época, eu era jovem demais para perceber isso. Desde então, voltei procurá-lo, mas o escritório não existe mais e não encontrei traço algum nem de Hyman Levi pai, tampouco do filho.

Jonas fungou. Aquele caso se mostrava cada vez mais sem propósito e impossível. Um bebê entregue para adoção há trinta e três anos para pessoas desconhecidas e um advogado sumido; uma mulher adulta que abandonou o marido há vinte anos, obviamente sem vontade alguma de ser localizada. Bem, Jonas deduziu que o dinheiro viria a calhar para pagar o aluguel, e não andava muito ocupado nos últimos tempos - os brancos podiam querê-lo em suas festas, mas por certo não o procuravam para fazer negócios. - Não posso garantir nada, senhorita Highland. Localizar a sua irmã pode

demoar um bocado e exigir bastante trabalho de campo... - Estou preparada para pagar, senhor Buchanan.
Garota rica, ele concluiu. Talvez uma mocinha mimada de Beverly Hills que nunca teve de trabalhar um dia sequer na vida.
- E deve se lembrar de que a sua mãe é uma mulher adulta que pode querer não ser localizada.
- Eu sei que ela não quer ser encontrada, senhor Buchanan. Na verdade, ela está se empenhando bastante para não ser encontrada. - Por que**?**
- Ela matou um homem. É por isso que ela fugiu. Ele a encarou.
- Quem?
- O meu pai. Ela o esfaqueou. A polícia nunca a encontrou.
De repente, tudo ficou diferente. E meia hora mais tarde, depois de ouvir todos os detalhes da família Dwyer, da infância itinerante de Beverly no sudoeste e de receber seu primeiro cheque dela,Jonas Buchanan pegou-se reavaliando a sua nova cliente.
- Farei o meu melhor - disse ele ao se levantar.
Beverly se levantou e estendeu a mão.
- Sei disso, senhor Buchanan.
Ele olhou para a fina mão branca. Aceitou-a. O aperto dela era firme e frio.
- Posso lhe perguntar por que me escolheu? - ele perguntou.
- O senhor estava entre muitos em minha lista. Gostei do seu anúncio nas páginas amarelas - ela sorriu. - **E** depois **fiz** uma pesquisa ao seu respeito. Concluí que, sendo negro, talvez o senhor **se esforçasse** mais.

Ele olhou para o sorriso dela. E então, apesar das suas reservas, Jonas se viu retribuindo o sorriso.

O dia estava quente, e quase trezentas pessoas se aglomeravam no auditório para a reunião da Câmara do Comércio de Hollywood. **Beverly nunca** tinha ido antes, mas ela decidiu ir já que era membro por causa de Eddie, e já que ela continuou a pagar a anuidade, era hora de ir a uma das reuniões para ver do que se tratava.

Das quase trezentas pessoas, Beverly estava entre a dúzia de mulheres presentes. Uma delas ela reconheceu por possuir uma cadeia de salões de beleza em Hollywood. Outra, ela descobriu, era a viúva herdeira dos negócios do marido. Outra, ainda, era contadora de impostos que se empenhava em ganhar a vida na Avenida Fountain. Todas eram muito mais velhas do que Beverly. E, provavelmente, todas elas já tinham participado daquelas reuniões. Enquanto ouvia sentada à abertura feita pelo presidente da Câmara do Comércio, Beverly pensou em sua entrevista com Jonas Buchanan quatro semanas antes. Tinha entendido o olhar dele: *caso sem solução.*

Na verdade, foi a essa conclusão que os outros três investigadores chegaram.

- Desista, senhorita Highland. A sua mãe não quer ser encontrada, e é impossível, sem alguma pista, localizar a sua irmã.

O primeiro detetive particular que havia lhe dado mais informações. Naomi Dwyer, ele relatou, mudara de nome para Naomi Burgess e por um tempo viveu em uma cidadezinha do Estado de Nevada antes de se mudar novamente, segundo testemunhas acreditavam, para a Califórnia. Ela passou algum tempo em Redding, trabalhando como cozinheira em um asilo de idosos, e depois seu rastro sumiu. Isso foi há quinze anos. Sobre a irmã, todos lhe disseram que o advogado Hyman Levi, o pai, tinha morrido e que o filho já não advogava na Califórnia. O Hospital Presbiteriano não tinha registros, nem testemunhas que pudessem dar alguma mim quanto à adoção.

O segundo investigador não fez coisa alguma, Beverly suspeitava, a não ser tomar o seu dinheiro. Ela o despediu depois de dois meses.

O terceiro lhe parecia promissor, mas tudo o que ele descobriu foi uma cópia daquilo que o primeiro já havia descoberto. E também levou o seu dinheiro. E agora ela tinha

contratado **Jonas** Buchanan. Ele, porém, tinha diversos pontos positivos que os seus **antecessores** não tinham: **era** um ex-policial, um homem em quem se podia confiar (de acordo com um policial amigo), e era negro.

Um caso sem solução, os olhos dele lhe disseram um mês atrás. Mas Beverly não acreditava nisso. Nada era insolúvel. Não enquanto se continuasse a tentar, E agora ele lhe telefonava, após quatro semanas de silêncio. Ela encontrou uma mensagem de Jonas Buchanan em seu escritório. Ele estava a caminho de Los Angeles e se encontraria com ela à noite. Ele t**inha** informações novas a respeito da mãe e da irmã de Beverly. O relátorio apresentado pelo presidente da Câmara do Comércio se referia ao "problema mais sério de Hollywood na atualidade. Um problema que precisamos enfrentar imediatamente a fim de encontrar soluções. De outro modo, os negócios sofrerão e as cidade também sofrerá como resultado". Beverly assistiu e ouviu.

Havia um pequeno palco na frente do auditório, e diversos homens se sentavam aliás da longa mesa, de frente para o grande grupo de comerciantes de Hollywood. O painel vestia ternos caros e tinha, na opinião de Beverly, títulos imponentes como Diretor Executivo, Presidente e Presidente do Conselho. Hollywood era uma cidade de nomes e fortuna, ainda que atualmente desgastada de sua glória debaixo de um verniz envelhecido, e aqueles homens eram o poder naquela cidade. Beverly, que vivia e trabalhava em Hollywood há dezoito anos, e que se preocupava muito com o seu futuro, prestava muita atenção ao que o presidente dizia. Ele falava de estacionamentos. Isso, segundo seu relatório, era o maior problema de HoIlywood.A cidade estava ficando congestionada e superpovoada, mas não havia providência alguma em relação à expansão dos estacionamentos. Como resultado, durante os dias as avenidas principais ficavam tomadas pelo trânsito dos negócios e dos turistas, à noite as ruas ficavam tomadas pelos adolescentes passeando em seus carros. Não havia sequer uma pessoa naquele auditório, garantia o presidente, que não pudesse atestar o fato de que o trânsito ruim e a falta de vagas de estacionamento afetavam negativamente os negócios. Ele mesmo, na realidade, também estava sendo afetado. Beverly sabia quem era aquele homem. Seu nome era Drummond e ele era dono da maior loja de departamentos da cidade, localizada no coração do distrito comercial de Hollywood. Sua loja possuía quatro vagas de estacionamento ao lado do prédio, as mesmas de duzentos e vinte anos atrás, e já não acomodavam o tráfego dos anos 1970.

Beverly pensou na loja e nas suas vagas. Ela, Carmen e Maggie às vezes faziam compras lá. As vagas eram acorrentadas e guardadas por funcionários. Você estacionava de graça se comprasse alguma coisa na loja; se não comprasse, ou se fosse para qualquer outro negócio no bulevar, você teria de pagar um bom preço por ter estacionado. Uma renda que ia direto para o bolso do senhor Drummond. Uma vez que ele possuía as vagas mais ocupadas da vizinhança, Beverly duvidava muito que ele estivesse "sendo afetado".

Vendo algumas pessoas concordando com ele com acenos em todo o auditório, Beverly percebeu o quanto tinha sorte. Quando o posto de gasolina ao lado da lanchonete tinha fechado as portas, ela conseguiu comprá-lo, demoli-lo e transformá-lo em um estacionamento. Nos dois anos desde que herdara a Royal Burgers, Beverly aumentou a lanchonete. O novo estacionamento acomodava o volume de clientes dia e noite.

O presidente concluía seu relatório e apresentava sua proposta, motivo pelo qual convocou aquela reunião.

- Nós, da comunidade comercial, temos a responsabilidade de buscar fundos em busca da solução para a questão dos estacionamentos, **e de financiar** a construção de uma estrutura que resolva os problemas dos **próximos anos.** Beverly consultou o papel que lhe entregaram à porta. **Ele continha** um sumário do relatório do presidente e da sua proposta. **A nova estrutura** de estacionamento seria uma garagem de cinco andares **que acomodaria** 2 mil veículos.

Ela leu a localização proposta para a garagem: seria na **esquina imediata**mente oposta à loja de departamentos de Drummond.

Quando o presidente terminou de falar, o auditório se **encheu de aplau**sos. Os membros foram convidados a se aproximarem do microfone para comentários e sugestões. Assim que Beverly viu uma fila se formar no corredor, próximo ao seu assento, ela voltou a pensar em sua lanchonete. Estava indo bem. Melhor do que nunca, na realidade. MAS HAVIA ALGUMcoisa errada com as outras lojas da cadeia. Carmen relatava **que os lucros não** eram tão bons quanto deveriam, mesmo depois que Beverly formentou melhoras em certas localidades, contratou uma nova equipe e lançou o Crown Burger e o sanduíche de frango grelhado. A Royal Burgers, de acordo com a contabilidade, estava ficando atrás do Mc Donald's e do KFC. Por isso, Beverly e Ann, que estava encarregada do controle de qualidade, visitaram *AS LOJAS MAIS* ao sul para ver se conseguiam determinar o que havia de errado.

Não encontraram algo significante. As lojas eram limpas, a comida estava dentro dos padrões, e o serviço era médio. Na verdade, eram como qualquer outra lanchonete de *fast-food*, com funcionários jovens e um tanto indiferentes e a eterna placa ADMITE-SE nas vitrines. Mas nos dois anos desde que havia herdado a rede e tinha instituído as mudanças que Eddie se recusava a fazer, Beverly esperava que a empresa estivesse se saindo muito melhor do que estava. Por isso ela se perguntava: *O que estava faltando? O homem* ao microfone, um corretor de imóveis proeminente, chamou sua atenção. Ele dizia:

- Senhor Drummond, estou certo de que falo em nome de todos quando o parabenizo pelo seu excelente relatório. É uma medida a qual apoiamos plenamente - ele se inclinou para perto do microfone e sua voz saiu alto demais pelos alto-falantes. - E eu quero aproveitar esta oportunidade, senhor Drummond, para dizer ao senhor e aos outros do comitê que acredito que vocês estejam fazendo um excelente trabalho servindo a Câmara.

Beverly olhou para o homem. Ele não podia estar falando sério! Qualquer um via que a proposta do estacionamento só atendia aos interesses de Drummond. E então, ela percebeu que, pelo modo como o homem o bajulava, o relatório poderia ter sido a respeito de qualquer coisa e esse homem estaria dizendo as mesmas palavras.

Houve uma salva de palmas tímida e a segunda pessoa se adiantou. Aquele era o senhor Mangioni, proprietário de três galerias de arte na Sunset. Ele ecoou as palavras do corretor e apoiou o projeto do prédio da garagem. A terceira pessoa a falar levantou outra questão — a coleta de lixo — e teve o assunto anotado na pauta da próxima reunião.

A hora de votar a respeito da estrutura de estacionamento se aproximava. Algumas outras pessoas esperavam junto aos microfones, abanando-se ou enxugando a fronte, e a secretária preparava a minuta. Enquanto Beverly via e ouvia, e observava a multidão agrupada ali, ocorreu-lhe que todos tinham algo em comum. Todos eram membros da comunidade de comércio hollywoodiana. No entanto, ainda que tivessem aquela ligação, ela detectou a ausência de uma coesão. Eram como um banco de pessoas inquietas procurando por uma direção. De algumas filas logo atrás ela ouviu comentários do tipo:"... as reuniões são sempre as mesmas..." e outra de alguém da frente:"... não vou vir da próxima vez...".

E ela pensou: *Qual o propósito em agrupar aquelas pessoas se elas não conseguiam atingir objetivos comuns?*

Ela olhou para o microfone do seu corredor. Só havia mais uma pessoa. Ele levantava a questão quanto ao número alarmante de salas de cinema de filmes pornôs ao longo do Bulevar Santa Monica. O presidente, o senhor Drummond, assegurou ao homem, que possuía diversas butiques em Hollywood, que aquele assunto seria analisado e o

problema seria estudado. Mas Beverly viu, pela expressão no rosto dele ao se voltar, que ele não sentia ter conquistado nada.

Por que as outras pessoas não falavam?, perguntou-se. Ela viu diversas faces obviamente descontentes. *Por que não desafiavam a proposta do* presidente?

E, de repente, ela pensou: *Eles têm medo dele.*

Enquanto o senhor Drummond estava para começar a votação em relação aos fundos para a garagem, Beverly se levantou de súbito **e foi para o** microfone.

- Eu gostaria de dizer algo, por favor.

Todos a olharam. Mulheres raramente participavam dessas euniões, e menos ainda tomavam a palavra, e quando falavam, nenhuma se parecia com aquela jovem atraente.

-Acredito, senhor presidente, que o senhor não olhou para os problemas de Hollywood pela perspectiva correta - ela disse.

- Como assim?

- Parece-me que as vagas de estacionamento não são o **nosso principal** problema imediato.

- Entendo — disse ele. — E o que seria, então?

- Bem... - Beverly teve de pensar. Ela tinha se levantado **em um impulso,** sem saber exatamente o que diria.—Temos muitos problemas nesta cidade, e estacionamento não é o mais grave deles.

O senhor Drummond trocou um olhar com o presidente do Conselho, que estava sentado ao seu lado, depois disse com paciência:

- Minha jovem, o propósito dessas reuniões, claro, é dar oportunidade a todos para que expressem seus comentários e preocupações. No entanto, senhorita, terá de ser mais específica. Sugiro que ordene **suas ideias e** apresente-as na próxima reunião. Nesse meio tempo, **passaremos** a votar o tópico do estacionamento.

- Mas, senhor Drummond, ainda não estamos prontos para votar!

- Senhorita... Qual o seu nome? - Beverly Highland.

Um murmúrio atravessou o auditório. O senhor Drummond a encarou. Beverly Highland? Será que a moça tinha ciência que o nome dela era o mesmo de duas das maiores ruas de Hollywood? - Bem, senhorita Highland - disse ele com uma expressão divertida. - Eu solicitei comentários dos membros e, como pode ver, a senhorita é a última a falar. E agora, por favor, volte para o seu lugar... - Mas, seguramente, deve haver opiniões a esse respeito! - ela olhou ao redor do auditório. Todos a observavam, mas ninguém se prontificou a se juntar a ela. O senhor Drummond e o presidente do Conselho trocaram mais um olhar entretido, e depois o presidente disse em um tom condescendente: - Apreciamos a sua preocupação, senhorita Highland, e isso é muito louvável de sua parte, mas, como pode ver, não existem mais opiniões. Agora,se puder se sentar, por favor, precisamos dar continuidade à sessão. O coração de Beverly estava acelerado. Ela sentia os olhos das trezentas pessoas em cima dela. Por que não falavam? Por certo não aprovariam uma medida tão ridícula?

- Acredito que, antes de iniciar a votação, senhor presidente, deveríamos esclarecer que a estrutura proposta será algo muito dispendioso e que sairá dos bolsos de todos os presentes.

O divertimento de Drummond foi substituído por aborrecimento. - Não se apresentou adequadamente, minha jovem. Qual negócio a senhorita representa? - Eddie's Royal Burgers.

Ele sorriu. E quase escarneceu, - Entendo. Uma barraca de hambúrgueres. Bem, senhorita Highland, estou certo de que tem diversas coisas valiosas a dizer, mas duvido que tenha experiência suficiente em negócios...

- O que quero dizer, senhor Drummond, é que a estrutura de estacionamento proposta representará um lucro substancial para o senhor.

Com isso o auditório reagiu. O tom do senhor Drummond ficou gélido. - Aquela estrutura de estacionamento beneficiará a todos, senhorita Highland.

- E, no entanto, o fato de estar localizado do outro lado da rua da sua loja é mera coincidência.

Ela ouviu um arfar coletivo ao seu redor. Drummond **enrijeceu. A voz** dele carregava uma ponta de advertência:

- Era o único espaço disponível.

O coração de Beverly batia acelerado. Ela sentia os olhos **de todos sobre** si, os do senhor Drummond em especial.

- Pelo que me lembro, existem locais na Cahuenga, na Vine e na Sunset, e qualquer um deles seria mais útil para os pequenos negócios sem nenhuma vaga de estacionamento — ela disse.

- Quer dizer o seu, claro.

-Acontece que tenho a boa sorte de ter um estacionamento em minha lanchonete. Estou pensando no senhor Mangioni, logo ali, **e no senhor** Peterson, que tem de se contentar com duas vagas em frente à sua calçada. A sua loja tem quatro vagas, senhor Drummond - por que não construir a garagem em algum outro lugar do bairro?

Alguns membros disseram em voz alta:

- Ela tem razão.

- Isso! Por que não em Fairfax?

O presidente bateu o martelo e disse:

- Ordem, por favor! A discussão está encerrada, e agora **iniciaremos a** votação a...

- Com licença - disse Beverly. - Mas acredito que ainda estou com a palavra.

-A senhorita já disse o que tinha a dizer, minha jovem, por isso...

-Vamos pensar, de fato, a respeito dos problemas de **Hollywood e ver o** que podemos fazer para solucioná-los. Olhem ao redor! O **que** VEMOSNAS ruas hoje? Prostitutas, crianças fugidas de casa, traficantes de drogas, pessoas dormindo nas ruas! Os nossos bairros decaíram! Temos pontos de venda de drogas e de prostituição, ruas imundas!

Mais pessoas se levantavam, dizendo:

- É verdade!

- Concordo!

-O nome Hollywood é conhecido mundialmente. Recebemos masi de 2 milhões de turistas anualmente por que ouviram falar de Hollywood. E o que veem quando chegam aqui? Uma via pública com dez lojinhas decadentes para cada negócio decente. Crianças sem lares que são **presas fáceis** para os traficantes e os pervertidos. Meninas e meninos parados **nas calçadas** vendendo seus corpos. Pessoas sem ter para onde ir, vivendo nas portas dos outros, pedindo esmola para quem passa. E o senhor está nos dizendo que o nosso problema é escassez de *estacionamento?*

O público aclamou. Subitamente, as pessoas começaram a se levantar para se diregirem aos microfones. O presidente do Conselho batia seu martelo. O senhor Drummond disse:

- Senhorita Highland, a senhorita está descontrolada. Caso pretenda tratar de novos assuntos, podemos anotar na pauta da nova agenda... - Novos assuntos! Senhor Drummond, estou me referindo a assuntos *antigos e o senhor* bem sabe disso! Estou falando de algo que esta Câmara deveria ter examinado e sobre a qual já deveria ter

tomado alguma providência. - Mocinha, a senhorita não sabe nada a respeito desta cidade...

- Com licença, senhor, mas eu *nasci* aqui. Eu estava aqui no ano em que Hollywood vivia a sua glória, quando o nome Hollywood significava magia e fantasia para milhões ao redor do mundo. Como permitimos que a nossa cidade chegasse a esse ponto? Um lugar em que turistas estrangeiros se chocam e temem sair dos seus hotéis! Um lugar do qual nos envergonhamos! Precisamos fazer alguma coisa a respeito, senhor presidente. E precisamos fazer alguma coisa a respeito *agora!*

A assembleia aprovou e aplaudiu. As pessoas tentavam falar sem ter a vez. O martelo bateu e bateu inúmeras vezes. O presidente ergueu as mãos pedindo silêncio e, quando a ordem foi restabelecida, ele disse em uma raiva mal controlada: - Se consegue identificar os problemas com tanta facilidade, senhorita Highland, então talvez tenha uma solução para eles? Porque se tiver, ou gostaria de ouvir!

Ela o encarou. Estava tremendo. Estava furiosa. Uma solução? Ah, sim, ela tinha uma solução.

- Qual é o futuro de Hollywood? - perguntou. Beverly virou-se e dirigiu-se **ao** público: **—** Qual será a futura imagem da nossa cidade? Como o senhor a vê, senhor Mangioni, ou a senhorita, senhorita Withers? Quando pensam nos anos futuros, o que vocês veem? Qual ê a imagem de Hollyw]ood? - ela disse. Beverly voltou para o microfone e disse em voz crescente: - É isso o que temos de decidir aqui e agora. Precisamos decidir que direção tomar, e depois agir de acordo. Nosso foco será o turismo? Temos de enfatizar os negócios? Ou somos uma cidade de televisão e cinema?

Contudo, independente do modo como enxerguemos Hollywood, temos de aceitar o desafio hoje para começar a trabalhar para esse novo futuro. Temos de ousar sonhar com um lugar melhor para trabalhar e viver**.** **T**emos de ousar estabelecer objetivos altos para nós mesmos - ela levantou um braço e cerrou o punho. -Temos de *ousar* tornar Hollywood grandiosa novamente! O auditório todo se pôs de pé, exaltando e aplaudindo. Os aplausos eram ensurdecedores. As pessoas foram correndo até Beverly, para cumprimentá-la, para dar um tapinha nas costas dela. No palco, o presidente franzia a testa ao juntar seus papeis. o presidente da Câmara batia o martelo semsucesso algum. Por todos os lados, os membros empurravam-se para se aproximar de Beverly, para que ela soubesse que estavam do seu lado, que já era hora que alguém se impusesse àqueles homens, e outras coisas que ela não conseguia escutar porque havia muitas pessoas falando ao mesmo tempo e o auditório havia se tornado um pandemônio. Beverly se sentia tonta. Sentia-se animada. E, de repente, ela enxergou tudo: o seu objetivo, o seu propósito, o seu futuro.

26

Ele rolou sobre ela como se estivessem mudando de lado para tomar sol - cinco minutos de frente, cinco de costas. As nádegas dele subiram e desceram algumas vezes até que, por fim, ele se deixou cair sobre ela. Afastando-se dele para apanhar o maço de Virginia Slims, Trudie deu uma olhada para o cara que representava um: *É só isso? Mas ele não* percebeu. Já estava roncando. Tragando o cigarro e inalando profundamente, ela saiu da cama e caminhou pelo quarto até a janela, de onde via as luzes da UCLA. **O** campus parecia uma cidadezinha, e do outro lado da rua, uma das casas das fraternidades, onde uma festa das boas acontecia. *Deus do céu, garota,* ela disse silenciosamente para o seu reflexo no vidro, o *que pensa que está fazendo aqui? Ela sabia* muito bem o que fazia ali, no apartamento de um rapaz cujo nome ela mal sabia, que tinha vinte e quatro anos (e isso ela só descobriu depois de chegar à casa dele) e cujo cérebro se localizava entre as pernas. Era mais uma **noite** de sábado. Era por isso que estava lá.

Trudie acreditava que havia três ocasiões que deviam ser partilhadas na vida de uma pessoa, duas das quais eram os sábados à noite e os domingos de manhã. Por isso, vestiu-se com esmero em seu melhor jeans e renda, e saiu com a prima Alexis para o Pikme-Up, onde beberam ma*i tais* em copos de plásitcos. As pessoas de sempre estavam lá, alegres e vestindo suas roupas de segunda mão e bijuterias cafonas, sentadas em cadeiras **de** COZINHA calçada ao lado, e Trudie e Alexis estavam discutindo sobre a sorte com a runas quando um jovem vestido de branco e gravata **vermelha se aproxi**mou sorrindo.

Ela gostou dele imediatamente. Trudie sempre teve uma **fraqueza por** homens com cabelos até os ombros. E ele tinha um brilho **inteligente nos** olhos. Mas o que a convenceu foi quando ele disse:

- Runas, uau. O poder de Odin e Thor.

Eles saíram do lugar juntos, despedindo-se de Alexis, que tinha uma cirurgia marcada para a manhã seguinte, mas dirigiram **carros separados,** Trudie seguindo o VW de Miles em seu Corvette. Uma vez **dentro do apar**tamento desarrumado que ele dividia com outros dois que **estavam fora da** cidade durante o final de semana, Miles serviu a ela um **copo de vinho de** uma garrafa de rosca e colocou Springsteen para cantar **no estéreo. Cinco** minutos mais tarde, Trudie percebeu ter cometido um erro.

- Podemos só conversar por um tempinho? — ela pediu **quando ele co**meçou a agir.

- Sobre o quê?

- Como, não sei... O que acha de Carl Sagan? - uma de suas personalidades prediletas lhe veio à mente.

- Carl Sagan? Ah, o cara da *Cosmos... Vi* o show. Música **i n c r í v e l .**

Foi então que Trudie percebeu que para ela bastava.

E ainda assim, um corpo jovem e viril ainda era um **corpo jovem e viril,** e Miles demonstrava grande potencial na cama. Pelo menos no começo, Depois, isso também se transformou em mais um caso **de identidade troc**ada, e lá estava ela de novo, em um

apartamento estranho, sexualmente frustrada e sozinha, perguntando-se o que a fazia agir assim...

Encontrou o banheiro na primeira tentativa (alguns **apartamentos ti**nham plantas que enganavam, ainda mais se ela estivesse **bêbada) e se olhou** bem no espelho. A mulher com cabelo loiro espetado e **maquiagem borrada** dizia: *Isso tem de parar.*

O problema era que ela não sabia como parar. Pelo **menos não até en**contrar o homem que procurava. Onde nesse mundo,Trudie **se perguntava** ao lavar o rosto, ela encontraria um homem de boa aparência, inteligente, que soubesse fazer amor e tratasse as mulheres como iguais? **Bill, o encana**dor, lhe veio à mente. **Ele** vinha fazendo isso com bastante **frequência. Para** seu total aborrecimento, porque ela, definitivamente, não gostava dele. Ah, ele preenchia muito bem um par de calças jeans, e sabia o que fazia no que se tratava de assentar o aço e o encanamento em uma piscina, mas ele tinha aquele ar chauvinista malevolente, chamando-a de querida e falando com ela como se fosse uma idiota.

Pensou em "Thomas". O que havia de especial nos momentos com ele que não conseguia recriar com ninguém fora das paredes do Butterfly? Qual era o ingrediente secreto? Ela foi para a porta do quarto e se recostou contra a soleira, fumando silenciosamente. Miles, sem dúvida, tinha conseguido se satisfazer, porque agora dormia como um bebê. Trudie estava para considerar a idéia de cutucá-lo e excitá-lo para lhe mostrar como era, de fato, uma relação sexual quando rolou de lado e peidou.

Ela olhou para o relógio digital na mesinha de cabeceira dele. Passava pouco das dez. A noite ainda era uma criança.

Ela foi para a cozinha, encontrou o telefone e discou um número, e quando **alguém** do outro lado atendeu, ela disse:

- Boa noite, é do Butterfly? Aqui é Trudie Stein. Ele está disponível? Ela aguardou, depois sorriu. - Reserve-o para mim. Chego em dez minutos!

27

Houston, Texas, 1972

EXISTEM MOMENTOS QUE uma bela refeição é melhor do que sexo.

Era nisso que Danny Mackay pensava enquanto devorava um filé de frango frito e batatas assadas, os dois torrados por fora e macios por dentro, umedecidos em molho de linguiça picante. *Uma trepada era uma trepada,* pensou ele, limpando o prato com um bolinho e se esticando para pegar seu Chivas. Mas uma bela refeição não podia ser superada a qualquer hora.

Ainda mais se fosse uma bela refeição texana.

- Bon...- disse ao se levantar e se espreguiçar. - Está na hora de irmos. Ainda faltam mais de trezentos quilômetros para chegarmos a Houston.

Bonner pulou da cama, onde estava jogando paciência, e começou a pegar os ternos de Danny do armário.

Danny foi para as portas de correr da sacada do seu hotel e ficou olhando para a areia branca da costa sul do Texas.

— *Corpus Christi* - disse ele com uma risada suave. - O Corpo de Cristo. Que nome para se dar a uma cidade... - Ele terminou o Chivas e jogou o copo de cristal na areia da praia.

Danny gostava dessa cidade semitropical no Golfo do México. Era por isso que tinha ido até lá, para passar uma semana comprando propriedades beira da praia. Era um modo de contrabalancear o seu início nas tempestades de areia e da infancia em lugares quentes sem água. *Corpus Christi o fazia pensar* em lugares distantes e exóticos, em ilhas onde as garotas eram morenas e acolhedoras, onde o rum corria como cascatas, onde os dias eram como manteiga e as noites como canela. O estilo de vida livre e solto, onde você só precisa esticar a mão para ter sexo ou comida, aquilo com que quiser se esbaldar no momento, e a coisa simplesmente cai de uma palmeira! Talvez eu *compre uma ilha tropical para mim,* Danny pensou ao ver Bonner dobrar cuidadosamente as camisas caras e colocá-las na mala de couro. *Em algum lugar do Pacífico Sul. Onde as nativas farão de mim o seu rei. Danny riu* de novo. Sentia-se tão bem. Trinta e oito anos e voando alto! Era rico, a versão de bolso do livro *Por que Deus levou os Kennedy?* estava em sua 40° semana na lista dos mais vendidos, as multidões que lotavam a sua igreja em Houston todas as semanas eram enormes, e ele esteve nos programas Tonight *Show* e *Laugh-In.* O ponto mais alto, porém, veio dois anos antes em seu Natal em turnê pelo Vietnã, para onde fora ao estilo Bob Hope, com artistas e celebridades e sua energia carismática para levar a palavra de Deus para os soldados saudosos. Danny esperava que sua atuação fosse um sucesso, mas não tinha antecipado um sucesso tão estrondoso. Ele ficou sozinho em um palco e berrou seu poder a 50 mil soldados que o aclamaram. Era maravilhoso para Danny o som de todos aqueles homens o saudando, - Pode não ser inteligente ir para oVietnã, Danny - Bonner

tinha avisado. - Afinal, o Vietnã é um assunto muito impopular hoje em dia. As pessoas podem se voltar contra você.

Mas Danny detestava as marchas contra as guerras, os hippies e os liberais de corações ensanguentados. Ele queria mostrar ao mundo que acreditava em seu país e que o seu país estava certo. Danny ficou naquele palco a tantos milhares de quilômetros de casa, estendeu os braços para abraçar as tropas, e gritou aos céus:

- Sei pelo que estão passando, meus irmãos e irmãs! Eu também já fui um soldado como vocês. Mas nunca tive a honra de lutar pela liberdade e pela democracia! Não deem ouvidos às vozes dos covardes que estão em casa. É fácil lutar sentado na sala de estar e condenar uma guerra sobre a qual nada sabem!

Aqueles na multidão que participavam da guerra aclamaram e gritaram. Então, Danny disse:

Um nobre ancião romano chamado Levi disse um dia **que uma guerra** necessária era apenas uma guerra, e que as armas eram **sagradas** quando não havia mais esperanças a não ser nas armas. Irmãos e irmãs em **Cristo, esta é** apenas uma guerra e as suas armas são sagradas!

Eles enlouqueceram. Não tanto pelas palavras, mas sim **pelo modo como** ele as dizia. No palco em frente a milhares de pessoas, Danny poderia ter parecido pequeno. Mas eles sentiram o poder dele emanando em onda sobre as suas cabeças, um poder que os fez sentir — por **um pouco, pelo** menos — que não estavam infelizes, esquecidos, desprezados **pelos amigos e** pela família em seu país. E o amaram por isso. Cinquenta **mil soldados te**riam feito qualquer coisa por Danny Mackay naquele instante, **eles** o teriam seguido em qualquer campo de batalha.

E Danny sabia disso.

Sua trupe ainda viajava de ônibus, no fim das contas, **porque Danny** considerou boa política sair em circuitos de despertares religiosos de vez em quando para manter a atenção sobre si. Estava, no entanto, BASEADO Houston, onde construíra uma igreja e tinha um apartamento **na cobertura** do melhor hotel. Danny dirigia um Lincoln Continental branco com rodas cromadas e chifres de boi no capô; vestia os melhores ternos **de** alfaiataria do oeste e usava um chapéu Stetson branco. Ele tinha adquirido gostos refinados e se certificou para que cada centímetro seu exalasse chasse. Políticos e proeminentes homens de negócios agora faziam parte do seu círculo social. E a cada degrau da escada que subia, a visão de Danny ia cada vez mais alto. Ele tinha poder, mas não o bastante, ainda...

Danny adorava aquela cidade louca e estranha em cujas veias e artérias corria o ouro negro e cujo nome, Houston, foi a primeira palavra dita pelo homem ao pisar na Lua. A primeira coisa que Danny fazia sempre que chegava era passar um tempo com duas ou três das suas amantes de luxo que ele sustentava em Houston. Mulheres altas de pernas compridas, cobertas por diamantes e peles e que sabiam todos os truques sexuais imagináveis iam à sua cobertura para esquentá-lo antes de suas pregações. **Em** seguida, ele se deliciava com uma refeição opulenta regada a Chivas até sentir o poder do Senhor invadir-lhe os músculos, as entranhas e os pulmões. Ele passava as três ou quatro horas seguintes em sua igreja, usando o carisma e o apelo sexual para lembrar ao povo dos seus pecados e demônios, do fogo eterno
do inferno, sutilmente mencionando sua ligação imediata com Deus e, finalmente, sugando-lhe os seus dólares com a promessa da salvação.

Ao sair da estrada 1-45 e ver os carros já se amontoando no estacionamento, Danny gargalhou com a simplicidade de tudo aquilo. O dinheiro literalmente caía em suas mãos naqueles tempos. Se ele quisesse impedir as pessoas de lhe dar dinheiro, ele não conseguiria detê-las. E tudo por causa de uma ideia que lhe veio à mente alguns anos atrás, enquanto ainda se beneficiava dos holofotes recebidos no dia do assassinato de Kennedy. Uma vez que as pessoas ouviram o famoso discurso do reverendo Danny, elas quiseram vê-lo pessoalmente, estar perto desse homem que rezou por Kennedy bem do lado de fora do hospital. Elas encheram seus despertares com suas esperanças e suas carteiras e rezaram por um sinal. Foi durante uma dessas reuniões em que as pessoas estavam acotoveladas de parede a que Danny percebeu que o que elas precisavam era de um milagre. Por isso, ele lhes deu um. Bonner morreu e Danny o ressuscitou. Ele não conseguia acreditar como tudo fora tão fácil! Uma morte falsa e uma ressurreição ensaiada. E eles acreditaram! Claro, Danny teve de admitir que o truque não poderia ser encenado por qualquer pregador. Pessoas demais já tentaram a prática da fé na cura e ela não funcionava. O homem teria de possuir o poder de fazer as pessoas acreditarem, e depois que ele o tivesse, então ele poderia fazê-las acreditar naquilo que ele bem quisesse. E Danny tinha esse poder, Ele manipulava a multidão a fim de que ela pensasse ter visto um homem morto voltar à vida; outra multidão em outra cidade testemunhou

um episódio semelhante. Mas Danny foi cuidadoso em não exagerar na dose. A notícia se espalhou e as pessoas vieram na esperança de testemunhar o milagre, mas nem sempre eles conseguiam o que desejavam. Danny era parcimonioso com o poder da ressurreição. Nos últimos seis anos, ele só havia ressuscitado três homens. Mas já bastava. Ele já tinha toda a publicidade de que precisava. Não havia revista ou jornal no país que não mencionasse algumas palavras sobre Danny Mackay vez ou outra. A revista *Time* fez uma matéria sobre ele, ainda que ele não estivesse estampado na capa; mas isso também viria com o tempo. E publicidade era o que ele precisava para seguir adiante. Motivo pelo qual ele atentava para o cultivo de uma lisura e elegância que não poderiam ser atacadas nem criticadas. Muitos poderiam duvidar da sua habilidade de ressurreição, mas quando vinham jogar pedras, eles se **deparavam com um** homem que era extremamente belo, cheio de charme **e dotado de uma ele**gância que eles não encontrariam normalmente em **pregadores** religiosos.

Danny estacionou atrás da igreja enorme de vidro e **cedro** e ouviu o coral cantar um hino. Depois mexeu no espelho retrovisor para UMA ÚLTIMA verificada na aparência. Como sempre, perfeita. Os olhos **eram travessos e** sensuais, e hipnotizavam. E ele conhecia o poder do seu **sorriso. Ele o lança**va para a sua congregação e eles enlouqueciam, tanto **homens quanto mu**lheres. *Todos os homens verão o que você parece ser,* escreveu Maquiavel. Poucos *saberão o que você de fato é. As multidões são sempre impressionadas pela aparência, e o mundo ê feito de multidões.*

Danny ainda lia O *Príncipe.* Ainda que o tivesse praticamente memorizado, ele costumava abri-lo em uma página qualquer para se embebedar com a sabedoria do homem que o tinha inspirado pela primeira vez **há dezessete** anos. Desde então, Danny leu muitos livros. Ele lia **tudo o que** lhe caísse nas mãos: livros a respeito de homens poderosos ou escritos **por eles, as suas** lutas, as fórmulas para chegar ao topo. Ele sabia o que **tornara grandiosos** Napoleão e César; ele sabia por que alguns homens se **tornavam** heróis e outros se afundavam no esquecimento. Danny sabia quais erros evitar, as coisas certas a fazer, e, acima de tudo, como manipular as **pessoas.**

Naquela noite, ele estava pronto novamente ao entrar **pela porta dos** fundos da igreja, onde 7 mil pessoas cheias de esperança **batiam palmas no** ritmo do hino. E esperavam para receber o poder de **Danny Mackay.**

Danny sempre começava seu sermão em um passo lento, **sentindo o âni**mo da platéia, enviando batedores para testar as águas, **ajustando** a mão para agradar a congregação. Eles eram bons naquela noite. Estavam prontos e dispostos. Houston entrava em um *boom* financeiro, e o **povo procurava o** Senhor para expiar a culpa que sentiam por estarem **enriquecendo rapida**mente ou para rezar a fim de se tornarem aqueles que **enriqueciam** demais. Danny só lhes dizia que horríveis pecadores eles **eram, e eles per**maneciam sentados, dizendo **"Amém"** e "Louvado seja **Deus".**

Ele se excitava; ele fazia os ouvintes se excitarem. Ele **gritava e cerrava os** punhos, eles gritavam e cerravam os punhos. Ele gritava **"aleluia",** eles gritavam "aleluia". Ele chorava, eles choravam. Eles eram como argila em suas mãos. Ele se sentia bem. Sentia se **invenc**ível. Caminhava **pelo palco como** se estivesse abrindo continentes **para** o Senhor e batia os **punhos como se** estivesse esmagando os inimigos de Deus, e a multidão enlouquecia cada vez mais e o cheiro do zelo religioso e do arrependimento permeava o ar úmido, e Danny preenchia seus ouvidos com os sons de seus choros e aplausos - ele se embebedava com a adoração deles.

Debaixo do teto de vidro que ele construíra com um projeto próprio, enquanto as estrelas do Texas enviavam a benção sobre a sua congregação, Danny pensou: *Só 7 mil hoje. Mas um dia, eles serão mais, muito mais... E então, b*em no meio da sua atuação, bem

quando ele estava para mudar de direção e permitir que eles soubessem da sua conexão especial com Deus, um grito veio do fundo da igreja.

Pensando a príncipio que se tratasse de um penitente entusiasmado, Danny não diminuiu o ritmo. Mas, do nada, como uma ondulação causada por uma pedra caída no meio de um lago inerte, as pessoas começaram a se levantar e a gritar em ondas que o alcançaram no palco.

- Charlie! - uma mulher gritava. - Charlie, levante-se! Ah, meu Deus! Ah, Deus, alguém o ajude!

O caos estourou enquanto os irmãos de Danny corriam para a fila de trás, onde encontraram uma mulher ajoelhada no chão com a cabeça de um homem no colo.

- Ele está mal! - ela exclamou.-Tem alguma coisa errada com ele! - Um instante - disse outra voz do outro lado da igreja. - Vou dar uma olhada nele. Não o movam!

Danny se virou para o homem gorducho e calvo que abria caminho em meio à multidão aturdida para se ajoelhar ao lado do homem caído.

- Sou médico — disse ele para a multidão silenciosa. — Este homem provavelmente está acometido pelo calor excessivo. Para trás, todos, por favor. Deixem-no respirar.

Enquanto as pessoas ampliavam o círculo, Danny desceu do placo e abriu caminho entre os espectadores.

O homem inconsciente parecia péssimo. O rosto dele tinha um tom acinzentado; os lábios estavam azulados. Danny observou enquanto o médico se inclinava e encostava o ouvido no peito do homem. A igreja enorme estava em silêncio. Sete mil pessoas observavam em um silêncio sepulcral enquanto aguardavam um veredicto.

- O que está errado com o meu marido, doutor? - a mulher perguntou em um tom assustado.

Ele se endireitou, lançou-lhe um olhar pesaroso e disse baixo:

- Lamento muito, senhora. Seu marido está morto.

- NÃO! - ela se lançou sobre o corpo do homem e soluçou histericamente

Danny se sentiu gelar. Será que a sua pregação matou um HOMEM

Ele olhou rapidamente para Bonner, que não parecia estar muito satisfeito. Havia muitas pessoas na igreja. E a noite estava quente demais.

Enquanto todos viam a mulher embalar o corpo do marido, chorando de modo comovente, algumas pessoas começaram a se mexer de modo ansioso, lançando olhares indecifráveis na direção de Danny.

Ele sentia o suor descer pelas costas. A boca ficou seca. E então, ele viu uma oportunidade.

- Meus irmãos e minhas irmãs em Cristo! - Danny gritou de repente.

Todos olharam para ele.

Ele levantou os braços.

- Rezemos pela alma do nosso querido irmão que se vai e que, por certo, morreu na graça de Deus!

-Amém - alguém disse. E foi ecoado por aqueles ao seu **lado.**

- Ajoelhemo-nos, irmãos e irmãs — exclamou Danny, caindo-se de joelhos. - Louvemos a Deus, que levou o nosso irmão do nosso convívio nesta noite no estado de graça. Por certo este homem foi abençoado pelo chamado!

As pessoas se ajoelharam.

Danny, próximo da mulher e do defunto, começou a gritar sua melhor oração, a mais emocionante. Ele sentiu uma nova força surgir dentro dele, uma força mais deliciosa e edificante do que a que ele conseguia com seu Chivas, com comida e com mulheres. Foi como o calor que preencheu suas veias naquele dia em 1963 quando ele pronunciou seu melhor discurso e as pessoas se voltaram para ele em desespero. Danny se alimentava da necessidade das pessoas. A avidez delas era o seu combustível.

- Com a mesma certeza de que respiro e vivo, meus irmãos e minhas irmãs, a morte deste querido irmão é o sinal verdadeiro de Deus de que todos aqui presentes são abençoados! Este é o sinal de que Ele esta aqui nesta tenda conosco e que Ele lança sua bênção em todos nós. Elevemos nossos corações e recebamos essa bênção de Deus - Danny esticou **os** braços e pousou uma mão na cabeça da mulher chorosa.

- - Rezemos **por esta irmã** angustiada. Deixem-na sentir o nosso amor. Deixem-na saber que ela não foi esquecida por Deus. E que, na verdade, ela foi abençoada por Ele!

- Amém! Aleluia! Ele, então, pousou a mão no ombro do falecido.

- E rezemos pela passagem apressada da alma de nosso irmão caído para que ele possa em breve estar na presença preciosa de Deus e... O ombro estremeceu, - de Deus e... O ombro mexeu. Danny olhou para baixo. O falecido tossiu.

A mulher se endireitou e olhou para baixo. De repente, a igreja voltou a ficar silenciosa. Todos os olhos se viraram para o rosto que, momentos antes, esteve pálido e acinzentado com a sombra da morte, mas que agora estava rosado e cujos lábios já não estavam mais azul**ados.**

O homem tossiu novamente, os olhos se abriram, ele olhou para a esposa e disse:

- O que aconteceu?

- Bom Deus — sussurrou o médico. — Esse homem estava morto! Eu apostaria a minha reputação nisso! — ele passou uma mão nervosa sobre a cabeça calva. - Venho exercendo a medicina há quarenta anos e sei dizer quando um homem está morto quando o vejo! Os olhos se moveram do médico para o homem ressuscitado, de volta para o médico, e finalmente... para Danny. Ele ainda estava ajoelhado. E se viu olhando para os rostos pálidos de surpresa. Por um instante, ele ficou confuso. E depois alguém disse: - Louvado seja Deus! O reverendo Danny ressuscitou mais um do mundo dos mortos!

O pandemônio se instalou. Mulheres desmaiaram, homens se colocaram de joelhos. As pessoas começaram a chorar abertamente, não de tristeza, mas de **alegria.** Eles testemunharam o milagre que sempre rezaram um dia testemunhar, a prova viva que Deus estava realmente presente ouvindo, uma prova concreta de que a religião não era apenas uma esperança falsa, mas uma entidade real, viva, existente na qual eles podiam encontrar esperança e salvação, e Danny Mackay foi quem lhes deu essa prova. As pessoas começaram a tentar tocá-lo, tocar as barras das calças, beijar a bainha do terno branco. Bonner teve de **empurrar** a **multidão,** sinalizando para os outros irmãos, e eles conseguiram cercar Danny e, de um algum modo, fazer com que ele voltasse para o palco.

Ele estava atordoado. Estava eletrificado.

O homem morto.

E dessa vez não foi uma encenação. Aconteceu de verdade.

Danny caiu de joelhos, cruzou os dedos debaixo do **queixo e começou** uma oração fervorosa para Deus. Ele não gritou, não usou **gestos exagera**dos, nem apontou o dedo para o céu. Sua voz não passava **de um sussuro.** Todos se calaram a fim de ouvi-lo. E o que ouviram foi a mais doce das orações de agradecimento ditas na voz mais suave que um **dia já ouviram.**

—Não acredito! - Bonner disse ao entrar na cobertura **de Danny com o** livro-caixa da igreja. — Foi a maior receita de todas!

Danny estava sentado em silêncio em uma poltrona perto da janela, olhando para a noite tranqüila de Houston com um olhar profundo e intenso. Ele não disse nada quando Bonner entrou. Estava concentrado nas luzes da cidade, e nas visões que só ele conseguia ver.

Bonner olhou para o amigo. Os dois garotos de San Antonio cresceram muito naqueles dezessete anos - tudo por causa de Danny. Bonner não se importava em ser funcionário de Danny em vez de sócio. Admitia que Danny era muito mais inteligente do que ele; ele, na verdade, sentia orgulho de ser o confidente mais

próximo de Danny. Há muito tempo, Bonner reconhecera o poder do amigo, e sabia que não era páreo. Mas o que aconteceu naquela noite, bem, aquilo era totalmente diferente.

—O que você acha que aconteceu, Danny? — ele perguntou. - Acha que o velho médico cometeu um erro?

As mãos de Danny se mexiam. Os dedos viravam uma caixinha de fósforos de um lado para o outro. Embora estivesse relaxado contra a poltrona, os pés não paravam quietos sobre o pufe. Ele estava eletrizado, estava em fogo.

-Você ouviu aqueles dois jornalistas, Bon. Você os ouviu **entrevistando** pessoas que se responsabilizaram por ele. Todos o conheciam, **todos eles** confiam nele e o respeitam. E o médico disse que o homem estava morto.

Danny mudou de posição para ficar de frente para o amigo; ele olhou para Bonner com as pálpebras semicerradas.

— Acredita que eu o tenha ressuscitado?

Bonner engoliu em seco. Para dizer a verdade, ele não gostava de pensar no que tinha acontecido naquela noite. E havia dias em que ele temia Danny. Como agora, com toda aquela tensão se avolumando e Danny virando a cabeça de um lado e depois para o outro, e a caixa de fósforos rolando entre os dedos. Bonner reconhecia os sinais; era em dias como aquele que Danny ficava mais perigoso. Era assim que ele estava naquela noite há tantos anos, quando foi atrás do pobre médico em Hill Country, e logo depois, pouco antes de Danny seguir para Ford Ord, na Califórnia, que ele acertou as contas com um certo sargento. Danny estava nervoso agora, e imprevisível. E Bonner concluiu que Danny estava repleto do tipo de energia maligna que às vezes queimava dentro dele.

- Bem... Hum... Eu não sei, Danny. Quero dizer, *alguma coisa* ressuscitou aquele homem, certo?

Danny inspecionou o anel enorme de ouro no dedo. Ergueu-o para a luz e o viu brilhar. Então sua boca se ergueu em um sorriso lento e ele disse:

- É...

Quando uma batida veio à porta, Bonner olhou para ela antes de se levantar para abri-la. Se fosse outro repórter, ele pediria educadamente para que ele ou ela seguisse seu caminho...

- Reverendo Mackay? - disse um homem ostentoso no corredor. - O reverendo Danny Mackay?

Bonner o observou com suspeita. Havia algo de simplório na aparência do desconhecido. Ele devia ter uns cinquenta anos, mas usava calças boca de sino cor-de-rosa e uma camisa justa lavanda com correntes douradas sobre os pelos do peito. E um enorme símbolo da paz estava pendurado em um longo c**ordão.**

- Frank Hallstead - ele disse, esticando a mão que tinha anéis em demasia. Depois que se cumprimentaram, ele disse: - Importa se se eu trocar umas palavrinhas de negócio com o seu chefe? - Que tipo de negócios?

Hallstead pegou um cartão e o entregou a Bonner.

-Eu administro as Produções Boas Novas. Nós somos donos da WBET de Austin. Entendeu? Aposto que sim! Acho que podemos fazer um bom uso do reverendo nos nossos programas de domingo. Acho que ele se interessaria em pregar semanalmente para 300 mil pessoas através da câmera de TV.

Bonner olhou sobre o ombro para Danny, que ainda olhava pela janela em um silêncio opressor.

- Danny? - Bonner o chamou.
- O que ele quer?

Hallstead tentou espiar, além de Bonner, a elegante cobertura. Ele só via de relance Mackay próximo à janela, olhando para fora.

- E então, posso entrar?

Danny fez um gesto e Bonner disse:

- Diga o que quer primeiro.

- Bem... ah... o que o reverendo fez hoje fez com que muita gente se interessasse nele. E ele não pode ficar viajando pelo sul, e a igreja dele comporta 7 mil pessoas. Hoje em dia os meus canais de televisão atingem centenas de milhares de pessoas sedentas para ouvir a Palavra pregada por Danny Mackay. O que me diz, reverendo?

Danny olhou para as mãos.Viu o rosto do homem morto, todo pálido e com os lábios azulados. A esposa chorosa, as 7 mil pessoas em SILÊNCIO

Depois pensou nas pessoas em suas salas em casa, nos milhões de televisores pelo país, no rosto dele, no seu rosto, no seu poder sendo oferecido para cada uma delas...

- Deixe-o entrar - Danny disse. - Vamos conversar.

Beverly olhava pela janela, observando as luzes dos campos petrolíferos de Houston que pareciam vir de outro mundo. Ela tinha ficado ali a noite inteira, silenciosa e pensativa. Não tocou na comida que o serviço de quarto lhe levou, nem mesmo as cenouras e o chá preto. Havia muito em que pensar. Uma delas era o negócio que tinha ido fechar em Houston - a instalação de vinte lojas franqueadas da Royal Burgers no Texas. Outra era o relatório de Jonas Buchanan.

Um ano antes, antes de ter ido para a reunião da Câmara **do Comércio** de Hollywood, Jonas Buchanan telefonou para lhe dizer que tinha as primeiras informações novas a respeito de sua mãe e de sua irmã.

- Estava certa a respeito do velho advogado - o investigador particular lhe disse naquela noite quando entrou no seu escritório. **- Hyman Levi, o** pai, morreu há alguns anos. O filho deixou a Califórnia e, de acordo com a Ordem dos Advogados, aposentou se e não exerce mais a profissão. Eu o encontrei por meio do Imposto de Renda; tenho um amigo **que** trabalha na repartição em Hollywood. Hyman Levi hoje vive em um chalé cerca de 160 quilômetros ao leste de Seattle. Ele escreve histórias policiais usando um nome fictício.

Jonas Buchanan conseguiu persuadir o senhor Levi a recuperar os antigos arquivos do pai em um depósito para examiná-los. Foi um processo tedioso, mas Buchanan encontrou o que procurava: o outro bebê gêmeo nascido de Naomi Burgess no Hospital Presbiteriano em Hollywood foi adotado por um casal chamado Singleton, e eles a batizaram como Christine. Aquilo foi tudo que Jonas conseguiu até então. Ele voltou para Hollywood e passou a seguir aquela pista.

Sobre a mãe, ele também tinha novas informações. Ele foi para o norte e visitou o asilo em que os outros investigadores disseram que ela havia trabalhado como cozinheira. Por sorte, uma idosa negra que era a atual cozinheira havia trabalhado como assistente de Naomi dezoito anos antes. Entretanto, ela era muito protetora em relação a Naomi, de quem gostava muito. Ela não falou com os outros investigadores, mas como ela também era negra, abriu-se com Jonas. - Ela disse que a sua mãe foi para Fresno, onde disse que uma prima vivia, uma tal de Ann Burgess. Fui para Fresno e localizei a senhorita Burgess. Ela não quis falar comigo, mas um vizinho se mostrou útil. Ele disse que a prima da senhorita Burgess se mudou para Sacramento quando a polícia apareceu na porta delas um dia. A minha investigação em Sacramento não resultou em coisa alguma até agora, mas tenho amigos trabalhando nisso. E isso foi no ano passado.

Desde então, Jonas enviava relatos periódicos para Beverly, nenhum deles revelando algo de grande valor. Os Singleton também pareciam ser pessoas errantes. Jonas viajava bastante, falava com muitas pessoas e investigava toneladas de velhos registros. Era uma coisa demorada. Mas então, naquela manhã ele telefonara para Beverly ali em seu quarto de hotel em Houston para lhe informar que embora, infelizmente, tivesse perdido o

rastro dos Singleton por causa de um divórcio ocorrido vinte anos antes, ele tinha uma pista de alguém que poderia ter informações concretas sobre o atual paradeiro de Naomi Burgess.

- Obrigada - Beverly lhe dissera. - Por favor, siga adiante. Esperarei com ansiedade pelo seu próximo relatório.

Christine Singleton, Beverly pensou ao olhar para as luzes da cidade. Mi*nha irmã, minha gêmea. Onde você está agora, neste exato instante?*

Maggie Kern, que experimentava a comida no carrinho de serviço de quarto, observava a patroa à janela. Desde a chegada há quatro dias, Beverly vinha se mostrando mais tensa e inquieta. Maggie sabia que eram as antigas lembranças que a atormentavam, além de saber que Danny Mackay estava ali, naquela mesma cidade. Na verdade, Beverly não queria ter vindo para Houston, mas as transações envolviam **antigas lanchonetes** e postos de gasolina, e transformá-las em lojas da Royal **Burgers era algo** importante demais para Beverly deixar nas mãos de **outros. Era típico** da perspicácia financeira crescente de Beverly cuidar de **cada fase e cada** detalhe pessoalmente.

E com resultados espetaculares.

Maggie se lembrava do dia em que Beverly havia **retornado da reunião** na Câmara do Comércio. Ela invadiu o escritório como se **algo a estivesse** perseguindo.

—Já entendi! — disse ela sem fôlego para Maggie e Carmen. - Já sei o que precisamos - e disse que o que elas precisavam era aumentar os lucros da rede Royal Burgers. Beverly foi à reunião por simples curiosidade; retornou cheia de inspiração. Fez um discurso, ela disse, e o discurso atiçou os outros como também a atiçou.

— Precisamos de entusiasmo! — disse ela ao se sentar e esboçar um plano em um papel. - Esse é o nosso problema. A empresa não tem entusiasmo!

Bem, Maggie lembrava-se, Beverly por certo voltou **daquela reunião** com bastante entusiasmo, e ela se dispôs imediatamente a **injetar parte desse** entusiasmo nas lanchonetes desanimadas da Royal Burgers.

Saíram no carro de Ann Hastings - Maggie, Carmen, **Ann e Beverly** —, seguindo as estradas da Califórnia armadas de slogans e **conversas revi**gorantes e agendas prontas para serem lotadas. Com energia e entusiasmo inesperados Beverly visitou cada uma das lojas, falou com **cada um dos** funcionários, descobriu seus nomes, anotou as datas de aniversário, cumprimentou e transmitiu-lhes o "discurso do entusiasmo":

-Temos de ser melhores do que todos, porque *somos* melhores! Vocês não trabalham para uma empresa medíocre, vocês querem ter **orgulho** de sua empresa, tanto orgulho como se ela lhes pertencesse de fato, COMO DE FOSSE sua família! Não queremos que o nossos funcionários simplesmente façam o seu trabalho visando o pagamento no fim do mês. Queremos que vocês se superem, que conquistem seus objetivos, queremos que ousem sonhar! E para apoiar seu discurso apaixonado, para provar que aquelas não eram apenas palavras, Beverly estabeleceu planos dentro da companhia. Esboçou uma hierarquia, desde o limpador de chão e aprendiz de cozinheiro até a gerência, e prometeu às centenas de funcionários que cada um deles não era apenas um número, mas uma pessoa, que seriam reconhecidos individualmente pelo seu desempenho, recompensados pela lealdade e excelência no trabalho, e que havia espaço para avanços e promoções dentro da empresa.

- Até os escritórios da matriz em Hollywood, se esse for o seu objetivo! A campanha foi um sucesso. O absenteísmo e os atrasos caíram uma vez que os funcionários começaram a chegar no horário e a trabalhar com mais afinco. Eles recebiam cartões e um bônus em seus aniversários, recebiam uma carta, da própria senhorita Highland, parabenizando-os quando recebiam uma promoção ou quando a meta de uma loja era alcançada. Havia

competições entre as lojas; o prêmio Melhor Funcionário do Mês foi criado; uma avaliação periódica dos funcionários e um aumento salarial programado foram estabelecidos. Gradualmente, o rosto e a natureza da companhia Royal Burgers começou a mudar. Ela ficou conhecida como uma empresa que cuidava dos seus funcionários, quer você enchesse garrafas de ketchup assinasse contracheques. Você não seria esquecido, e incentivo e criatividade era recompensados. Logo as placas ADMITE-SE desapareceram das vitrines das lojas Royal Burgers; filas de espera aumentavam enquanto os jovens procuravam emprego em uma companhia que prometia um futuro. Como consequência, a comida e o serviço melhoraram, os lucros cresceram e as lojas Royal Burgers começaram a aparecer em todo o oeste. No mês seguinte, Maggie, Carmem e Beverly iriam para Nova York, para dar início à Divisão da Costa Leste da Royal Burgers. E isso não foi a única coisa que aquele dia memorável na reunião da Câmara do Comércio gerou. Exatamente catorze dias após o discurso de Beverly, o presidente e o presidente do Conselho a abordaram com uma proposta: eles iniciariam um estudo sobre como Hollywood seria na década seguinte, nos anos 1980, e eles queriam que Beverly fosse a responsável por esse comitê. As três amigas Beverly, Maggie e Carmen reconheceram o significado desse gesto prontamente. Beverly Highland subitamente tinha
uma identidade dentro da comunidade empresarial; ela tinha credibilidade e agora lhe davam poder.

Maggie sabia que aquilo era apenas o começo.

Uma batida suave à porta do quarto de hotel tirou Maggie e Beverly de seus pensamentos. Elas se viraram para ver dois homens e uma mulher entrarem e fecharem a porta.

- Foi exatamente como imaginamos - Ann Hastings disse, chutando os sapatos e seguindo para o carrinho de comida. - Ele fisgou o anzol, a linha e até a vara.

Beverly olhou para os dois homens, um deles descascando uma careca falsa do crânio e esfregando os longos cabelos loiros. Agora **que Roy Ma**dison era uma personalidade popular na TV, era preciso muita ma para disfarçar a sua aparência. Mas nenhuma das 7 mil pessoa presentes na igreja de Danny naquela noite havia reconhecido o ator debaixo do disfarce.

- Ora se eu não mereço um Oscar por isso! — disse ele, **dando um grito** de guerra.

Beverly olhou para o segundo homem, um ator chamado Paul que tentava entrar no cinema e que era o amante atual de Roy.

-Você está bem? - perguntou Beverly.

Ele sorriu timidamente e disse:

- Sim, senhora. Estou bem.Tenho treino em cair e prender a respiração.
- Sem falar em como se saiu bem com a maquiagem **- disse Ann -**Aquela ligeira passada de mão no rosto limpou qualquer traço **de** seus lábios.

Roy deu mais um gritinho, tirou a barriga falsa debaixo da camisa e a jogou de lado.

- Caramba, como isso esquenta!
- Contem-me o que aconteceu — pediu Beverly.

Ann Hastings, que desempenhou o papel da esposa **desesperada, narrou**
o episódio enquanto apanhava camarões do Golfo de uma **salada e os colo**cava na boca. Ela terminou assim:

- Todos na igreja, inclusive o próprio Danny, acreditam que **ele fez Paul**
renascer dos mortos. As pessoas estavam tão envolvidas, você devia ter visto ! Havia alguns repórteres do lado de fora, fazendo perguntas. E saque o que mais? As pessoas chegaram a dizer que conheciam o "doutor Chandler"! Juraram que se consultavam com ele há anos!

Beverly voltou o olhar para as luzes de fora.
- Elas só queriam autenticar um milagre que tão desesperadamente desejavam que fosse real. Não pode culpá-los por mentir. Beverly não estava orgulhosa do golpe que aplicaram em Danny naquela noite, mas ele tinha sido necessário. Danny Mackay vinha se vangloriando de ter ressuscitado três pessoas. As investigações em cada um dos episódios não conseguiram provar o contrário. Aqueles envolvidos juraram veementemente que um milagre, de fato, havia ocorrido. Beverly não gostava daquilo. Ela gostava da idéia de que pessoas inocentes estivessem sendo enganadas por acreditar nas falsidades de Danny e, com isso, estivessem lhe dando dinheiro. Ele lhes dava falsas esperanças, e isso era cruel. A única maneira de impedi-lo de continuar a ferir as pessoas era expor os três milagres como sendo a fraudes que eram. E a única maneira de conseguir isso, ela percebeu, era encenar um quarto milagre, dessa vez com pessoas que estariam dispostas a confessar que se tratava de um golpe. Se Danny tentasse aquilo novamente, ele desejaria não tê-lo feito.

28

QUANDO A PORTA DO escritório de Barry Greene se abriu em um rompante, ele derramou café e deu um pulo para que ele não caísse em suas calças.

-Barry! - disse Ariel Dubois, apenas um passo à frente da secretária dele.

— Sinto muito, senhor Greene — disse a secretária, agitada.- A SENHORITA Dubois simplesmente passou por mim.

— Está tudo bem, Fran - ele fez um sinal para que ela saísse e continuou a limpar o café derramado na mesa. A maravilhosa Ariel, uma de suas maiores estrelas, adorava entradas dramáticas.

— Bem — disse ele, jogando o lenço fora e voltando a se sentar. - Que surpresa, Ariel. A que devo esta honra?

Ela se sentou na poltrona de veludo e cruzou uma das **pernas maravi**lhosas sobre a outra.

—Barry, querido. Quero que faça uma coisa por mim.

— E quando você não quer? — suspirou. — O que é dessa vez?

—Quero aquela vadia da Latricia fora do programa.

Ele não ficou surpreso. Na verdade, ele vinha esperando **esse raio cair** há algum tempo, desde que a gorducha Latricia havia perdido vinte quilos, tinha começado a receber cartas de fãs e os redatores do programa passaram a escrever mais falas para ela.
- SEI que eles pretendem para o episódio da semana de pesquisa de opinião? - perguntou Ariel, com veneno jorrando em seu tom de voz. Barry já sabia. A enfermeira Washington (Latricia Drown) estaria em evidência. Ela subitamente se veria envolvida em um romance com um dos médicos do programa, sofreria uma tragédia e depois teria uma dramática retomada, tudo às custas do tempo de exposição no ar de Ariel Dubois. Bem, ele não podia culpar os roteiristas. Depois de resolver ser saudável e perder peso,

Latricia Brown se revelou uma mulher e tanto. As cartas dos telespectadores chegaram aos montes pedindo para que ela aparecesse mais. E naquele último episódio, em que a enfermeira Washington fez uma traqueostomia de emergência em um bebê e salvou a vida dele, fez com que eles fossem rearranjados para o horário seguinte.

O que Barry queria, de verdade, era que o papel de Latricia fosse expandido - por dois anos o papel dela havia sido bem pequeno e, em alguns episódios ela nem mesmo aparecia -, mas não pretendia arriscar a ira de Ariel. Dava para ver, pelo modo como ela balançava uma perna sobre a outra e como ela jogava o cabelo loiro, que ela queria ver sangue. Bem, aquela não seria a primeira vez que uma estrela sentia ciúme de um colega menos expressivo e fazia com que ele ou ela fosse demitido. E Latricia Brown não valia o esforço de uma briga com Ariel. A regra número um na vida de Barry Greene era: "Evite problemas. A todo custo". - OK, Ariel. Vou encontrar outro programa para ela atuar. Um mês depois, Barry Greene tinha um problema.

- E como está John, querida? Jessica? Jessica olhou para a mãe. - Desculpe. O que disse? - Você não etava ouvindo.

- Sinto muito. Eu estava pensando em um caso que aceitei — Jessica lançou um sorriso de desculpas para a mãe. Estavam sentados à mesa de mármore e vidro na sala de jantar, com uma vista para o campo de golfe e cume coberto de neve do Monte San Jacinto ao fundo, da casa dos Mulligan em Palm Springs, onde jantavam filés e batatas assadas. A comida estava perfeita, assim como a casa milionária também era perfeita. A mãe de Jessica, que tinha 65 anos de idade, estava perfeita em UM MOLETOM de ginástica de veludo verde-limão; e o pai em unia camisa de rúgbi rosa e calças de algodão. Os dois pareciam arrumados, **bronzeados** e ricos.

- Uma pena que John não tenha vindo com você hoje, Jess - o pai lhe disse ao cortar a carne.

- Ele está em San Francisco. A empresa dele está...

- Eu queria o conselho dele em um investimento que estou **pensando** em fazer.

- Sim, bem... - Jessica moveu a carne pelo prato sem comê-la - Ele estará de volta amanhã.

Enquanto eles conversavam, o pai não olhou para ela nem uma vez. Na verdade, ele raramente olhava para a filha quando conversavam. Jessica achava que tinha visto o alto da cabeça ou a nuca dele mais vezes **do que o seu** rosto. E estava bem assim, porque quando ele a perfurava com **aqueles olhos** sempre julgadores e implacáveis, ela sempre se via sem palavras.

Os três comeram em silêncio por um tempo. De vez em quando, Jessica olhava para a vista espetacular e desejava ter uma como aquela em sua casa. Ela e John só conseguiam ver o Bulevar Sunset.

- Sobre o que é esse seu novo caso, querida? — a senhora Mulligan perguntou. - Bem, já assistiram ao programa *Five North...*

O pai levantou a cabeça.

- *Five North.* Não é aquele programa sobre um hospital? A coisa mais tola que já vi na vida. Quem é que quer ver pessoas doentes? Só pode ter sido produzido para idiotas, sem dúvida.

- Gosto do programa - disse a senhora Mulligan com suavidade.

- É claro que gosta. As mulheres são obcecadas por doenças e morte.

- Na verdade, mãe, ouviu falar da atriz do programa que está processando o produtor e o estúdio por quebra de contrato? — disse Jessica.

A senhora Mulligan abriu a boca, mas foi o marido quem **falou por ela:**

- Não entendo por que a mulher está tão irritada. Pelo **que** sei, ela recebeu uma oferta para participar de outro programa; em um **papel** melhor, e, preste atenção, com um salário melhor. Pelo que ouvi, ela RECUSOU**.**

- E pelo princípio da coisa, pai. Ela está sendo perseguida **pela** estrela do programa que não gosta...

- Passe o creme azedo, por favor, Jess?

- Eu acho que ela está bem bonita agora que perdeu todo aquele peso - disse a senhora Mulligan. Ela parece uma princesa africana.

- O programa é do produtor — disse o senhor Mulligan. - O dinheiro é dele. Se ele a quer fora do programa, então ele tem o direito de dispensá-la. Afinal, ela quebrou o contrato mudando a aparência.

- Pai, não existe nada no contrato dela que determine que ela deva ser gorda.

O senhor Mulligan passou o creme azedo na batata assada e fez uma carranca.

- Helen? Por quanto tempo assou essas batatas?

Jessica lançou um olhar exasperado para a mãe e voltou a mexer na comida. Não havia paredes na casa dos Mulligan. A sala de estar se ligava à de jantar, que seguia para uma saleta íntima. Projetada para habitar no deserto gracioso, a propriedade no campo de golfe tinha piso de mármore polido, paredes imaculadamente brancas, mobília esparsa em tons pastéis e algumas esculturas raras e caras. Jim Mulligan era um homem de

negócios aposentado que passava todo o seu tempo no campo de golfe, enquanto sua esposa se ocupava com clubes de carteado, arranjos florais e reuniões dos Vigilantes do Peso. Os três foram tomar café em uma área íntima de piso afundado; estava frio demais lá fora para se sentarem no pátio e ouvirem o barulho da água na fonte espanhola. Enquanto Jim se acomodava no melhor lugar e pegava o guia de programas da TV, a senhora Mulligan se virou para a filha e disse:

- Você me parece tão preocupada hoje, querida.

- É o caso no qual estou trabalhando. Eu simplesmente não sei...

O senhor Mulligan a encarou sobre os óculos bifocais. Ele se mostrou extremamente orgulhoso quando a filha mais jovem se formou com mérito na escola de direito de Stanford. Ele tinha visões quanto a acomodá-la em um belo escritório ali, em Palm Springs. Chegou até a discutir o assunto com John Franklin, com quem Jessica havia se casado pouco antes, e John considerou a idéia atraente. Mas então Jessica surpreendeu os dois ao anunciar que abriria um escritório em algum lugar em Hollywood com um colega de classe, e que eles pretendiam exercer direito na indústria do entretenimento. Segundo o ponto de vista de Jim Mulligan, aquilo era o mesmo que ser um agente.

- Qual é o caso? - a senhora Mulligan perguntou ciente do olhar de reprovação do marido. - Estou representando Latricia Brown.

— A do programa do hospital?

—Ela conhece Mickey Shannon. Foi ele quem me indicou para ela.

—Ela não tem no que se apoiar - disse o pai. - Uma atriz desconhecida contra um estúdio poderoso e um dos produtores mais bem-sucedidos de Hollywood? Por que a idiota não aceita a oferta deles? Acho que eles estão até sendo generosos demais.

— Porque, pai, é como eu disse antes - Jessica disse devagar. - É o princípio da coisa. Ela resolveu lutar contra eles e me contratou para representá-la.

—O que vai fazer, querida? - a mãe perguntou.

-Ainda não tenho certeza, mãe. Vou ter uma reunião com Barry Greene no estúdio amanhã de manhã.

Jessica olhou de relance para o pai. Ele via a programação com uma carranca.

Continuaram a saborear o café em silêncio. Jessica detestava as visitas mecânicas aos pais - ela as fazia principalmente para agradar a mãe. Eles não tinham nada em comum; ela e o pai invariavelmente discordavam, e a mãe nunca deixava uma visita sem mencionar a ausência de filhos na vida de Jessica. A noite costumava terminar com Jessica olhando para o relógio e contando os minutos até poder ir embora.

Estava mais do que preocupada com o caso de Latricia Brown, estava ex*tremamente* preocupada. Jessica tinha tentado falar com John a respeito antes de ele ir para San Francisco, mas ele não prestou atenção.

Jessica não entendia o que havia de errado com o ramo escolhido. Por certo havia a necessidade de peritos na área de propriedade criativa. Ela e o sócio lidavam não só com contratos, mas também com direitos autorais, plágio, direitos dos artistas, e tudo o que se relacionasse a livros, televisão e cinema. Mas, concluiu enquanto tomava café e olhava para o relógio, por ela se misturar diariamente com as pessoas da indústria do entretenimento, nem John nem seu pai aprovavam.

Pensou na reunião do dia seguinte. Vinha perdendo o **sono** por conta dela. Nas quatro semanas desde que havia concordado em **aceitar o caso e** representar a senhorita Brown, Jessica não conseguiu arma **para lutar con**tra Barry Greene e o estúdio. Embora não houvesse nada **no contrato que** dissesse que Latricia devesse continuar gorda, ainda estava **implícito que ela** não poderia mudar a aparência drasticamente sem a aprovação do estúdio. Afinal, a perda dos seus quilos não fazia parte do programa. **Não estava es**crito no seu roteiro.

Para piorar as coisas, a imprensa publicou que Latricia Brown recebeu a oferta de um acordo generoso por parte de Barry Greene e do estúdio. Ela recusou e, como

consequência, a empatia do público para com ela estava diminuindo. Um aumento e um carro novo pareciam bons para muitas pessoas que liam o *Los Angeles Times*. Mas Latricia Brown estava convicta de sua luta porque, conforme suas próprias palavras, era hora de alguém mostrar aos mandachuvas dos estúdios que os atores não eram mercadorias para serem usados e descartados quando bem lhes conviesse. Jessica tinha passado quase todas as horas do último mês se preocupando com o caso e tentando encontrar uma brecha na qual enforcar o senhor Barry Greene. Mas ele tinha o dinheiro e o poder ao seu lado, enquanto Latricia era negra, mulher e talvez nem tivesse dinheiro para pagar a advogada. Jessica se sentia como Davi indo contra Golias, e estava preocupada porque não tinha nem mesmo uma boa atiradeira para a reunião da manhã seguinte.

Bem, aquilo era o que ela esperava. Ela sabia desde o início que seria um caso perdido para a cliente. De acordo com o contrato de Latricia, o estúdio literalmente a possuía, e eles podiam fazer o que quisessem com ela. Tecnicamente, ela era uma atriz desconhecida; eles podiam até matar a personagem se quisessem. Se não havia disputa, então por que Jessica concordou em aceitar o caso sabendo que não haveria garantias de um acordo financeiro? Porque, bem como Latricia tão assertivamente lhe tinha dito, havia vezes em que as pessoas simplesmente tinham de parar, dar a volta e brigar. E Jessica não conseguiu resistir ao desafio.

Quando o pai pegou o controle remoto e ligou a televisão Sony de 41 polegadas, Jessica olhou para ele. Sim, há vezes em que você tem de apoiar o que é certo. Caso tivesse parado para examinar os motivos que a levaram a ajudar Latricia Brown sem a expectativa de receber seus honorários, Jessica poderia ter visto algo significativo em seu cerco contra Barry Greene e o estúdio. Ela também poderia ter expandido sua visão e visto porque gostava tanto do litigioso e de uma bela briga nos tribunais. Era porque aquela era a única arena em que conseguia se levantar e ser ouvida, e até mesmo vencer. Advogados oponentes eram os substitutos do seu pai, dos padres e do marido perante os quais ela nunca conseguiu se impor.

Ela desviou o olhar do pai e se surpreendeu ao ver o belo rosto de Danny Mackay preencher a tela do televisor. Seus cantores de música evangélica cantavam um hino cheio de energia enquanto ele sorria com beneficência para o país.

Ela se virou para a mãe.

- Desde quando vocês assistem ao programa de Danny Mackay

- Começamos quando...

- Ele é um bom homem - interrompeu Jim Mulligan. - O reverendo defende a honestidade e a decência neste país, e sou a favor dele.

- Mas, pai, ele alega falar com Deus!

-Assim como Jimmy Carter. Aliás, como Franklin Roosevelt também.

- Nossa, pai! Esse homem é um disparate. Fingir que Danny Mackay só está seguindo uma velha tradição em política é puro sofisma. Uma coisa é se voltar para orações ou pensamentos meditativos quando em dúvida a respeito de alguma coisa, mas é completamente diferente alegar certo conhecimento sobre os desejos de Deus...

- Helen, a imagem ainda não está muito clara - ele interrompeu. - Você chamou a empresa da TV a cabo como lhe disse para fazer hoje?

Jessica olhou para a mãe. A senhora Mulligan evitou o olhar da filha.

Os três se acomodaram nas almofadas de seda Navajo para assistir Danny Mackay berrar seu sermão. Jessica não gostava do homem. Não saberia dizer por que, mas algo nele fazia com que ela não gostasse dele. O sorriso parecia genuíno, e ele falava com paixão. Mas ele usava ternos caros e se cercava de homens grandes de cabelos cortados parecendo mais seguranças do que discípulos religiosos.

No programa noturno, que era diferente do seu programa diário "Hora da Boa Nova", o reverendo Danny sempre tinha um convidado, uma personalidade cuja vida havia sido

alterada de alguma forma pelo Senhor. Naquela noite, era um designer de moda muito conhecido de Nova York. Diante de 2,5 milhões de pessoas o homem confessava o pecado da homossexualidade e dizia que Jesus o tinha endireitado. Aquele foi um testemunho muito dramático, terminando com o coral circundando o pobre homem enquanto ele e o reverendo Danny soluçavam um no ombro do outro.

Jessica nunca havia assistido ao programa noturno de Danny Mackay, mas ouviu falar dele porque era o primeiro do tipo a ser transmitido no horário nobre e porque vinha subindo nos índices de audiência. Ela jamais pensaria que um programa Fundamentalista Cristão conseguisse uma audiência tão grande. E, no entanto...

Ela olhou para os pais, que assistiam atentamente à televisão. Católicos, os dois.

Jessica olhou para o reverendo Danny. Não havia dúvida alguma, ele possuía certo carisma. Ela se inclinou para frente, segurando a xícara de café entre as mãos, e observou o espetáculo na tela da televisão. Era incrivelmente teatral, mas havia compaixão fundamentalmente humana naqueles abraços e naquelas lágrimas que tocava até o coração cético de Jessica. Não era de se admirar, concluiu ela, que o homem estivesse se saindo tão bem nas pesquisas. Ela não se surpreenderia se ele vencesse a primária em New Hampshire na semana seguinte.

Enquanto o número de telefone da matriz em Houston do reverendo Danny piscava na tela, Jessica levantou-se subitamente e disse:

- Preciso ir agora.

Sua mãe a olhou aflita.

- Mas ainda não comemos a sobremesa, querida.

- Não a force - disse Jim Mulligan, desligando a televisão. — Jessica, você precisa se exercitar mais. Por que nunca sai para correr com John? A mãe a acompanhou até o Cadillac. A noite no deserto estava gelada; as estrelas pareciam gelo espalhado pelo céu, como se o Monte Jacinto coberto de neve tivesse entrado em erupção.

- Não a vemos com tanta frequência — comentou a senhora Mulligan, oferecendo a face para um beijo. — Agora veja a sua irmã Bridget, ela e os filhos estão aqui quase todas as semanas. E como me deixam cansada! Jessica entrou no carro e deu partida. - Dirija com cuidado, querida - disse a senhora Mulligan. - Uma última coisa: acha que consegue o autógrafo de Ariel Dubois para mim?

Ao sair da Hob Hope Drive e entrar na autoestrada,Jessica pisou no acelerado. Subitamente, estava ansiosa para chegar em casa. Agarrou o volante e incitou o carro a ir rápido, mais rápido. Porque lhe veio uma idéia, uma arma para usar na manhã seguinte. Se desse certo,Barry Greene se depararia com a maior surpresa da sua vida.

Latricia Brown era linda. A sua atual magreza a fazia parecer mais alta do que antes, e ela agora tinha o cabelo todo trançado junto à raiz do cabelo; ela, de fato, parecia uma princesa africana. Ela caminhava com orgulho; havia um novo viço em seus passos que não era visível na antiga "enfermeira Washington" de alguns meses atrás. Não era de se admirar **que ela estivesse** recebendo cartas de fãs e que os roteiristas do programa quisessem criar mais situações para o papel dela. Até parece que ela permitiria que aquela vadia da Ariel puxasse o tapete debaixo dos seus pés, como já aconteceu com tantos outros atores e atrizes desconhecidos. Latricia **estava naquela** briga não só por si, mas pelos atores e atrizes explorados em todos os cantos, e pela sua cor.

Ela só esperava que Jessica Franklin encontrasse um modo de vencer o caso para ela. Mas a probabilidade, definitivamente, não estava do seu lado. Tampouco a lei.

— Deixe-me ver o seu contrato — Jessica havia dito a Latricia na primeira reunião delas um mês atrás. - Se pudermos, os atacaremos com base no término contratual sem causa, discriminação sexual, cláusula de boa fé, termos de adesão - Jessica usou diversos termos legais ao explicar **a** Latricia as diferentes formas que o caso poderia tomar. E

depois, dois dias mais tarde, quando Latricia lhe trouxe o contrato e Jessica o leu, os termos legais mudaram para cláusula-padrão e interposição de ação moderada, **palavras que** resumiam uma frase: Latricia não tinha em que se apoiar.

E, no entanto, para a enorme surpresa de Latricia, Jessica Franklin aceitou o caso.

— Preste atenção - ela lhe disse com a maior honestidade. **- Não acredito** que possamos vencer. Mas talvez você consiga se beneficiar com **a publici**dade e, assim, a minha empresa também.

A primeira coisa que fizeram foi publicar uma declaração à imprensa.

— A opinião pública está ao seu lado —Jessica disse a Latricia. - Podemos ainda não ter poder algum de barganha legal, mas é possível **que consigamos** fazer com que o estúdio recue por causa da má publicidade que ISSO TRARÁ ELE Não funcionou. A primeira conversa entre Jessica e Barry Greene mostrou às duas mulheres como a disputa terminaria: totalmente **a favor dele.**

A recepção do escritório de Jessica estava silenciosa e **parada. Depois** que as portas pesadas se fecharam na barulhenta Rua Strip, **um** silêncio sombrio recebeu a visitante. O carpete era grosso, a mobília escura, o metal bem polido, a madeira lustrada. O recepcionista, um rapaz na casa dos vinte e poucos cujo nariz enfiado em livros de direito quando não **arquivava ou** digitava, levantou-se para **receber** a senhorita Brown e **acompanhá-la para** o escritório de Jessica.

As duas se cumprimentaram, e depois Jessica olhou ansiosamente para o rapaz.
- Nenhum telefonema ainda? Ele balançou a cabeça.
- Estou guardando o telefone como se fosse a minha vida, Jess. Acredite em mim.
- Confio em você, Ken. Mas temo que eu e Latricia tenhamos de ir para o escritório de Barry Greene — disse franzindo o cenho ao consultar o relógio. - Preste atenção: pense nesse telefonema como um assunto de vida ou morte. Você liga para mim no instante em que o receber. Estarei na reunião, mas faça com que passem a ligação para mim. Ken lançou a ela um sorriso encorajador.
- Não se preocupe, Jess. Quero que esse telefonema chegue tanto quanto você.

Ela deu uma piscada. Prometeu-lhe um emprego na firma depois de sua formatura, dali a três meses.

O escritório de Barry Greene localizava-se no estúdio, em Studio City. Um leve chuvisco de março caía enquanto Jessica conduzia o Cadillac pela Sepulveda; no caminho, ela explicou para Latricia a importância daquele telefonema. Latricia notou que a sua advogada parecia agitada naquela manhã, nada parecido com a sua postura tranquila, conservadora, mas sim, nervosa, com as mãos agitadas no couro do volante. Ela falava rápido, quase sem respirar, e apertava o acelerador com vontade. Mas enquanto ela lhe explicava a nova situação, Latricia também ficava animada. Teve de admitir que era uma jogada de mestre, e se conseguissem usá-la, se o telefonema chegasse a tempo...

Subiram quinze andares de elevador e se viram em uma recepção extremamente glamorosa da Greene Produções. Jessica e Latricia eram esperadas e, claro, chegaram na hora marcada - fazia mais de uma semana que aquela reunião havia sido agendada —, mas, mesmo assim, pediram que esperassem.

Elas afundaram nas poltronas fundas de veludo e recusaram a oferta de algo para beber feita pela secretária. Aguardaram em um silêncio carregado de tensão enquanto a secretária trabalhava silenciosamente em sua mesa, e o relógio batia as horas impiedosamente, e o telefone não tocava. Atrás das portas enormes com plaqueta de metal, Barry estava sentado em seu imenso escritório folheando brochuras de viagens, tentando

encontrar um modo de persuadir a doutora Linda Markus a **ir para algum** lugar com ele. Barry tinha certeza de que ela estava interessada nele, que ela só estava se fazendo

de difícil. Barry Greene nunca teve problemas para conseguir o que queria com as mulheres, seja porque estivessem interessadas em seu dinheiro, porque quisessem um papel em um de seus **programas ou** simplesmente porque queriam poder dizer que já foram para a cama com um produtor de televisão. Linda, até então, não sucumbira. **E isso a tornava** ainda mais desejável.

A secretária de Greene o informou que a senhora Franklm **e a cliente** dela estavam na sala de espera.

- Deixem-nas esperarem - foi a sua resposta.

Barry queria que elas ficassem um pouco de molho, depois permitiria que elas fizessem as suas reclamações, para desferir seu golpe. Ou Brown aceitava os seus termos ou ela estaria fora da televisão de uma vez por todas. Estava em seu poder providenciar para que ela nunca mais trabalhasse diante de uma câmera.

Na sala de espera, Jessica continuava a olhar para seu **relógio de pulso.** Não conseguia impedir o tremor dos joelhos. Latricia ao seu **lado, pare**cendo fria e controlada, estava tão nervosa que começava a se sentir mal. Quatro semanas antes ela tinha ficado tão furiosa quando lhe **disseram que** estava fora do programa que havia agido movida pelo impulso, com fúria. Contratou uma advogada e começou a briga. Mas agora, depois de quatro semanas sendo enganada pelos magnatas da televisão e vendo **que as amea**ças deles estavam ficando cada vez mais reais, ela se via sendo **mordida pela** dúvida e pela insegurança.

Deus, talvez devesse aceitar a oferta de aparecer em outro programa, se é que ela ainda estava de pé.

Olhou de relance para Jessica. O telefonema seria algo arriscado e duvidoso. *Se* ele fosse recebido e *se* trouxesse a notícia que Jessica **desejava ouvir.** Duas grandes possibilidades para uma pessoa apostar toda uma carreira.

Barry Greene tinha passado por Hong Kong,Cancun, a Grande Barreira de Corais e Aspen quando, finalmente,juntou as brochuras e **as guardou em** uma gaveta. Olhou para o relógio da parede, que estava **junto a prêmios,** placas, cartas de aprovação e fotografias dele com pessoas **famosas, e viu que** tinha feito elas esperarem durante vinte minutos.

Ele chamou a secretária e pediu que ela as fizesse entrar.

- Vejam bem, senhoras — Barry dizia alguns minutos mais tarde. — Está tudo aqui, preto no branco. De acordo com o contrato, *que você assinou, Latricia, t*enho a autoridade de retirá-la do programa — ele disse antes de se voltar para Jessica. - E se você soubesse alguma coisa a respeito de direito contratual, saberia que a sua cliente não tem base legal que a ampare. O que me intriga é por que você está desperdiçando o seu tempo com esse caso! Jessica falou calma e lentamente, tentando ganhar tempo.

- O que me intriga, senhor Greene, é por que o senhor dispensaria uma atriz quando isso não é a melhor opção para o seu programa. Ela fez a audiência subir, o que, por sua vez, aumentará a renda de propaganda. - Há problemas de criação com o papel. Simplesmente decidimos que a personagem não é mais necessária.

- Ariel Dubois decidiu isso, o senhor quer dizer - Latricia interrompeu. Jessica lançou-lhe um olhar de repreensão.

- Veja bem, senhor Greene, considero isso uma questão de dispensa sem justa causa...

- Olhe aqui, querida, você mesma sabe que temos o direito incondicional de fazer o que quisermos com Latricia. O contrato que ela assinou nos dá o direito total de a usarmos ou não. Isso deveria ser óbvio até para você. Então, por que estamos aqui sentados desperdiçando o meu tempo? Jessica conseguiu lançar um olhar discreto para o relógio. Maldita ligação!

- Senhor Greene, pretendo levar isso a juízo, e posso lhe garantir que o júri será solidário com a minha cliente.

Ele riu.

- O juri não me intimida, Jessica.
- Desculpe, senhor Greene, mas não creio que estejamos nos tratando informalmente.
O sorriso dele sumiu.

- Preste atenção, querida, Latricia não tem no que basear o caso e é isso o que interessa - elas estavam começando a irritá-lo. O aborreciam, e justo quando ele estava se sentindo tão bem. Ele tinha Linda Markus romanticamente em sua cabeça, e se aquilo não desse certo, havia aquela loira do figurino que estava doida para assinar um contrato igual àquele que essa vadia ingrata, Latricia Brown, um dia assinou! Aliás, de quem foi a idéia de que precisavam de uma negra no programa?

Jessica lambeu os lábios com a língua seca. Parecia que aquele telefonema não seria recebido...

- Não obstante, pretendemos dar continuidade a isso, e estou certa de que uma boa quantidade de publicidade negativa, para o senhor e para o estúdio, resultará disso.

Ele riu novamente, recostando-se em sua cadeira de executivo. Ameaças: era tudo o que ela conseguia produzir.

- Os índices de audiência, senhor Greene, são afetados pela opinião pública, quer o senhor a aceite ou não. Se formos aos tribunais, minha cliente falará aos jornais e aparecerá na televisão, e certos aspectos, digamos que *pessoais* de sua vida, poderão ser revelados.

Ele riu e balançou a cabeça.

- Qual faculdade de direito cursou mesmo? As pessoas adoram ler sobre assuntos pessoais.Vá em frente. Conte alguma coisa ao ***L.A.Times. Conte ao*** *National Enquirer.* Conte à *Reader's Digest. Vá* até Phil Donahue e conte tudo para o mundo! Não tenho nada a esconder.

Jessica mordeu o lábio inferior e olhou rapidamente para Latricia. Precisava esperar, só um pouco mais...

- Bem, agora se me dão licença - Barry começava a se **levantar.**

Então o telefone dele tocou e era a secretária dele dizendo **que a senhora** Franklin tinha um telefonema urgente para atender.

- É melhor eu atender na outra sala - Jessica disse, **levantando em um** salto e se apressando para fora.

Barry tamborilou os dedos na mesa imaculada enquanto **Latricia olhava** o escritório suntuoso que era maior que o seu apartamento **inteiro. Estava** começando a odiar o homem atrás da escrivaninha, não pelo **que ele estava** fazendo com ela, mas pelo modo como estava tratando Jessica.

Jessica entrou e se sentou sem olhar para Latricia.

- Muito bem, senhor Greene - disse ela em um tom determinado. - Já deixou a sua posição bem clara. Agora diremos a nossa. O telefonema que acabei de receber era um que eu vinha aguardando. É de Houston — ela fez uma pausa para ciar um efeito dramático.— A minha cliente aqui está confirmada para aparecer daqui a uma semana no programa noturno de Danny Mackay. E ela dirá em rede nacional, senhor Greene, no mesmo canal, aliás, que transmite o seu programa, que ela perdeu peso porque o Senhor ordenou que ela respeitasse e reverenciasse seu corpo, que é o templo Dele, e que o senhor e este estúdio a estão perseguindo por causa disso.

Ele a encarou. Depois olhou para Latricia. Ela era uma boa atriz, uma ótima atriz. Ela teria 2,5 milhões de pessoas dizendo amém, chorando por ela e ansiando pelo sangue de Barry Greene. E então, os índices de audiência desceriam pelo ralo. Ele pensou em Ariel. Bem, o que ela podia fazer? Nada que um casaco de pele dado por Barry não pudesse remediar. Tudo o que Barry Greene mais queria era evitar problemas.

Quando Jessica estacionou o carro em casa, ficou feliz em ver a BMW de John já estacionada. Isso significava que ele tinha voltado de San Francisco. Va*mos celebrar,* ela pensou ao se apressar para dentro de casa. Entregou o casaco e a pasta para a empregada e subiu o lance de escadas até a suíte principal Vou *ligar para o Spago para fazer uma reserva. Beberemos champanhe até as orelhas! Pediremos uma pizza de massa grossa e sundaes de chocolate e amaretto e... - ela* encontrou o marido em frente ao espelho abotoando os punhos de uma camisa nova.

- Nós ganhamos! - exclamou ela, lançando os braços ao redor dele e beijando-o no rosto.

—Vencemos o caso,John! - Que caso?

- Latrícia Brown. Encostei Barry Greene contra a parede! Caramba, como sou esperta!

Ele a encarou pelo espelho.

- Espero que isso não resulte em mais publicidade negativa para nós. Jessica suspirou.

- Latricia não me beijou, se é com isso que você está preocupado. Mas espere até eu contar como consegui acabar com o estúdio! - Você pode me contar no carro a caminho da casa de Ray e Bonnie. - Ray e Bonnie?

- Eles nos convidaram para jantar - ele se virou para ela. - Andou bebendo, Jessica?

- Só um pouco de champanhe. Fred tem sempre uma garrafa na geladeira para quando vencemos um... - Quanto tempo vai demorar para se aprontar? — perguntou, consultando o relogio, — Somos esperados em dez minutos.

Jessica piscou.

- Pensei que comemoraríamos o fato de nós termos vencido o caso.

- Por favor, não *me* inclua. Eu, certamente, não quero meu nome ligado aos seus escândalos.

- Eles não são escândalos...

- De qualquer forma, podemos comemorar com Ray e Bonnie - ele disse enquanto se sentava para calçar os sapatos.

Mas eu não gosto de Ray e de Bonnie!

- Bonnie adora ouvir a respeito dos seus amigos estrelas **de cinema. Só** Deus sabe por quê! Deve ter algo a ver com o fato de ela **ser professora de** sexto ano...Vista-se, Jessica.

Ela lançou-lhe um olhar exasperado.

-Vamos lá - ele lhe disse, tocando em seu braço. — Vista-se. E use a calça preta. Ela destaca a suas coxas.

- Mas eu queria que comemorássemos sozinhos, só nós **dois.**

O tom dele se tornou impaciente.

- Podemos comemorar muito bem com Bonnie e Ray. **Ele é meu amigo** e sócio,Jessica. Eu bem que gostaria que você parasse de **pensar só no que** *você* quer o tempo todo.

- Não quero brigar com você, John — disse ela em um **tom ameno.**

- Não estamos brigando, Jessica. Apenas faça o que lhe disse e se vista. Eles vão ficar se perguntando por que demoramos tanto.

Ela ficou olhando para o carpete.

- Ei — disse ele, aproximando-se por trás e colocando as mãos em seus ombros. — Você terá a sua comemoração, não se preocupe. E você poderá nos contar tudo a respeito de como conseguiu enrolar **Barry Greene em** seu lindo dedinho. Aposto como ele não resistiu ao seu **lindo rostinho! Vá** se vestir agora, está bem?

- Está bem - disse ela baixinho, e de repente nada **estava** bem e Jessica não sabia como consertar.

29

Paris, 1974

- Olá Beverly, sou *Christine. Christine Singleton, sua irmã. Beverly a encarou. Christine? Minha irmã? É você de verdade? - Você finalmente me encontrou, Beverly.*

- Ah, graças a Deus! - Beverly correu para abraçá-la. Mas seus braços se fecharam no vácuo. - Christine! - exclamou. — Onde você está? Por favor, não me abandone de novo...

Os olhos de Beverly se escancararam.

Ela se viu encarando um teto ornamentado, pintado curiosamente com fitas festivas e flores rococó e guardado por querubins de gesso nos quatro cantos. Por um instante, não soube onde se encontrava. Permaneceu deitada com o coração acelerado; sentiu os lençóis úmidos e enrascados debaixo de si. Então se lembrou. Estava em um hotel. Em Paris.

Emitiu um suspiro profundo. De novo aquele sonho. Tudo por conta do telefonema de Jonas Buchanan na noite anterior. Após dois anos seguindo pistas sobre os divorciados Singleton, chegando apenas a becos sem saída, ele finalmente tinha encontrado algo:

- Um antigo artigo de jornal me ajudou - ele disse na noite anterior em sua chamada transatlântica. O artigo era a respeito de um rapto bizarro ocorrido em 1947. A família envolvida tinha o sobrenome Singleton. O casal enfrentava um divórcio litigioso, e o pai fugiu com a filha deles, a menina, com nove anos de idade. Eles nunca foram encontrados. Mas resolvi investigar.

Jonas contou a Beverly como ele fez algumas pesquisas e descobriu o nome da cidade natal do pai. Seguindo um palpite, pensando que o pai pudesse ter ido para lá com a criança, Jonas foi investigar.

— Não havia Singleton algum na lista telefônica, mas passei um dia inteiro pesquisando registros escolares. Descobri que Christine Singleton tinha sido matriculada em uma escola de freiras quando tinha doze anos. Tentei conseguir mais informações, porém a madre superiora não quis me dar acesso aos registros. Continuarei tentando, contudo.

— E quanto ao pai? — Beverly perguntou. — O que aconteceu com Singleton?

— Ainda não consegui descobrir. Deduzo que esteja morto.

Beverly fez mais uma pergunta:

— Já sabe como era a minha irmã? Encontrou alguma foto dela?

Jonas lamentava informar que ainda não tinha encontrado foto alguma de Christine Singleton.

Beverly não costumava se permitir muitos luxos; pela manhã, apenas uma chuveirada rápida. Mas naquela manhã fria e cheia de neve na Rue de La Madeleine, no elegante Hotel Papillon, onde a Imperatriz Josefina um dia havia se hospedado, Beverly ficou

submersa por um bom tempo na banheira de água quente e bolinhas de sabonete perfumado. Tinha um dia crítico pela frente; precisava da mente alerta e do corpo revigorado.

Depois de sair e se envolver em um roupão felpudo, o telefone estava tocando.

A voz de Carmen surgia no telefonema de longa distância como uma onda que ia e vinha. Ela vinha se comunicando diariamente com Beverly durante os três meses de sua turnê de compras pelo Europa, mantendo-a atualizada a respeito de suas várias propriedades e ordens de recebimento.

— Investiguei a Publicações Monumento conforme me instruiu, Bev - ela tinha, praticamente de gritar ao telefone.—Você tinha razão. A divisão de livros deles está perdendo dinheiro e estão prestes a demitir metade dos funcionários. Mas a revista está indo muito bem. Na verdade, Bev, Gatinhas *Sexies* é o que tem mantido a Monumento viva nos últimos cinco anos. Mas agora nem ela está conseguindo mais isso Estão prestes a pedir concordata.

—

Beverly tomava nota enquanto Carmen falava. Maggie as transcreveria mais tarde e colocaria tudo no arquivo da Publicações Monumento.

- Você contou a eles sobre a minha oferta?

- Pularam de alegria.

- Então compre.

0 Beverly ainda estava ao telefone quando Maggie entrou silenciosamente no quarto, com a inseparável pasta e o caderno de estenografia nas mãos.

- Como estão as crianças? — Beverly perguntou a Carmen no fim da ligação. Era sempre a última coisa que perguntava antes de desligarem.

- Eles estão bem, Bev. Eles querem saber quando você e Maggie voltarão para casa. - Os dois filhos de Maggie, Arthur e Joe Júnior, estavam hospedados com Carmem na casa assobradada dela em Chatsworth. Os meninos tinham oito e seis anos e eram amigos de brincadeira de Rosa, que tinha dez.

- Pode colocá-los ao telefone? Gostaríamos de falar com eles. **- Quando** Carmen disse que ainda era noite lá e que eles estavam dormindo, Beverly sentiu-se desapontada. O que ela mais sentira falta naquela ausência de três meses era das três crianças. - Diga a eles que chegaremos semana que vem. E diga que tenho presentes.

- Pre**sentes!** - Maggie repetiu ao abrir a porta para o serviço de quarto. - Você vai ter de alugar um avião só para levar todas aquelas coisas para casa.

- O Natal está chegando — Beverly disse depois de desligar. — Só estou levando alguns presentinhos para eles...

Maggie riu e balançou a cabeça. Evitar que Beverly mimasse os meninos era uma briga constante.

Elas discutiram a agenda do dia comendo brioches e tomando café americano. Beverly apenas beliscou um dos pãezinhos enquanto Maggie se serviu de dois, espalhando manteiga com generosidade. Ela engordou desde que tinha ido trabalhar para Beverly Highland há cinco anos. Aquele era o ritual matutino delas, repassar todos os negócios antes de começar o dia. Eram uma equipe e tanto. Antes de começar a trabalhar para Beverly, Maggie trabalhou durante sete anos em uma corretora de valores imobiliários, e tinha a mente afiada para estratégias de investimento. Beverly agora tinha dinheiro, graças ao sucesso estrondoso da Royal Burgers. Seguindo os conselhos de Maggie, Beverly abriu o capital da empresa, oferecendo ações e trazendo renda de investimentos de capital. Com o dinheiro, ela expandiu a cadeia para mais cem localidades em catorze estados. O Crown Hambúrguer (o sanduíche duplo de hambúrguer com cebola e queijo) e o parmesão ralado acrescentado às fritas *jalapeno,* além dos preços baixos e da nova decoração melhorada das lanchonetes, transformou a Royal Burgers em um sucesso do dia para a noite. As amigas estavam rapidamente realizando seus sonhos: Carmen

Sanchez, que um dia sonhou em trabalhar em um escritório respeitável, tinha o certificado CPA e era a contadora da Royal Burgers; Ann Hastings, que conquistou autoconfiança e agora tinha namorado e um Porsche, era encarregada do controle de qualidade das quase quinhentas lojas; e Beverly Highland era a presidente do conselho da maior franquia de cadeia de hambúrgueres nos Estados Unidos, uma rede de lanchonetes FAST-FOOD QUE rendia milhões de dólares anualmente.

E agora Beverly estava começando a diversificar. Com a ajuda do passado em investimentos de Maggie e o benefício da excelente educação formal de Carmen, o dinheiro de Beverly estava cuidadosamente sendo repassado e investido em outras empresas. Tudo isso recentemente foi INCORPORADO pela Highland Empreendimentos, uma corporação em ascensão rápida cujo lema era *Ouse...*

— Ouse aceitar o desafio de tornar Hollywood grande novamente! - Beverly havia gritado naquela reunião da Câmara do Comércio há três anos. E daquele auditório Beverly transportou o novo espírito **de** entusiasmo para o mundo, para tudo o que ela fazia. Aquele dia também gerou algo mais: a identidade de Beverly dentro da comunidade empresarial. Ela aceitou a oferta de servir como encarregada do novo comitê, e logo **ela** passou a ser reconhecida pelos colegas como uma mulher de força, **de ideias e de am**bição. Beverly agora passava por faculdades de administração, por clubes e vários outros grupos, e proferia palestras. E os auditórios estavam sempre cheios. "Ouse fazer acontecer" ela dizia aos espectadores. "Ouse estabelecer metas altas. Ouse se arriscar. Ouse viver seus sonhos!" poucos saíam sem se sentir tocados pelo entusiasmo e pela energia dela.

E agora Beverly trouxe aquele entusiasmo para a **Europa. Havia ido** para lá com dois propósitos: encontrar pontos de venda para os restaurantes Royal Burgers e para obter alguma sugestão quanto ao **que fazer com a loja** de roupas masculinas em **Beverly H**ills que ela herdou **de Eddie.**

Os negócios da Royal Burgers estavam fechados: Beverly abriria pontos de venda para viagem em PICCADILLY CIRCUS, em Londres, na Via VENETO, EM Roma, e na Champs-Elysées ali, em Paris. Tudo o que faltava resolver era o mistério de como poderia salvar a loja na Rodeo Drive. Quando Bob Manning se reuniu a elas na suíte de Beverly, a reunião delas chegou ao fim e as duas mulheres liam jornais em língua inglesa que tinham sido trazidos com o café da manhã. Como de costume, a primeira coisa que Beverly procurava era alguma notícia internacional sobre Danny Mackay.

No entanto, ele ainda não era globalmente conhecido. Mas a sua fama nos Estados Unidos se expandia em proporções espantosas. Desde que ele assinou com a Hallstead em Houston para aparecer na TV evangélica, a reputação de Danny subiu aos céus. Ele era um *showman* natural. Se ele era bom no palco de uma tenda, era como dinamite em frente às câmeras. Em seu primeiro ano de pregação eletrônica, ele dobrou a audiência da WBET. Ao fim segundo ano, ele comprou a parte de Hallstead e se tornou o único proprietário de uma rede de canais religiosos. No terceiro ano, ele se chamava de cabeça do Ministério da Boa Nova. E no fim do ano passado sua hora religiosa semanal finalmente já era transmitida de costa a costa. Ele estava chegando lá. E, algum dia, quando o momento fosse ideal, Beverly conseguiria a sua vingança.

A loja masculina Eddie Fanellis em Beverly Hills pertencia à Highland Empreendimentos, mas por Beverly ter estado tão ocupada nos últimos anos construindo a sua corporação, ela pouco prestou atenção ao estabelecimento. Não era uma máquina de fazer dinheiro quando ela a tinha herdado, mas Carmen vinha reportando prejuízos repetidos - a loja estava se transformando em um escoadouro de dinheiro. Isso se devia à linha de roupas que ela vendia: fora de moda, sem dúvida escolhidas pelos próprios Eddie e Laverne e que, embora tenham sido modernas um

m

dia, hoje não tinham como ser usadas. Quando Maggie e Beverly puseram os pés na loja pela primeira vez e viram as luzes fortes, os pôsteres de Peter Max, araras de calças boca de sino e jaquetas de couro falso e os trapos de imitação da moda hippie e da contracultura, elas ficaram sem fala. As vendedoras jovens de cabelos compridos mastigando chiclete, vestindo jeans e com má postura surpreenderam ainda mais as duas mulheres. No que Eddie esteve pensando?

Mas agora Beverly queria fazer alguma coisa com aquela loja, e por isso estavam em Paris com Bob Manning, concluindo a viagem de negócios.

Bob entrou no quarto onde as duas liam jornais - um **homem de apa**rência distinta, de compleição forte, conservadoramente **vestido e cami**nhando com o auxílio de uma bengala de jacarandá. Ele **tinha 61 anos de** idade e passara dezesseis deles em um hospital. O resultado de sua longa estada no hospital era visível em sua deficiência.

Bob Manning trabalhava para Beverly há dois anos, e estava desesperadamente apaixonado por ela.

Servindo-se de uma xícara de café do samovar de prata, ele disse:

— Começou a nevar novamente.

Beverly ergueu os olhos e, pela primeira vez desde que **acordara de seu** pesadelo naquela manhã, olhou para fora da janela. O céu **parisiense estava** escuro como em um mau agouro; flocos de neve caíam ao chão. Isso a fez se lembrar da última vez em que tinha visto neve — há vinte **anos, no Novo** México. E, lembrando-se do seu pesadelo, ouvindo novamente, a voz irmã chamando-a, Beverly rezou para que Jonas Buchanan **tivesse sucesso.**

A limusine se movia lentamente pelas ruas estreitas **cobertas de gelo,** cuidadosamente evitando o trânsito pesado que girava desvairadamente ao redor do Arco do Triunfo. Os três americanos estavam acomodados no fundo espaçoso e confortável do veículo, com mantas grossas de alpaca sobre os joelhos e sorvendo chocolate quente em tacinhas de **porcelana. Beverly** tinha jornais espalhados no colo e os lia atentamente. **Maggie olhava para** a beleza de Paris, desejando que Joe estivesse ali para partilhar aquilo com ela. E Bob Manning revisava a propaganda enviada pelos três ESTILISTAS que visitariam naquele dia.

Ele não tinha muitas esperanças de sucesso.

Quando Beverly levou Bob Manning para a Highland **Empreendimen**tos dois anos atrás, ele não tinha muito a oferecer. Estava com alguns problemas, não tinha conexões com pessoas importantes e sua educação formal não tinha ido muito longe. Mas, para sua surpresa, Beverly **tinha um lugar** para ele como gerente de uma loja de roupas masculinas.

Seus deveres não consistiam em muita coisa, sua presença, **de fato, era** a requisitada. Mas ele gostou de ter um lugar para onde ir todos os dias, saber que tinha um espaço, pessoas que deveria supervisionai **e uma caixa** registradora para guardar. E então, no decorrer desses dois **anos, a senho**rita Highland passou a visitar **a** loja com uma frequência **mais** CONSTANTE aparecendo inesperadamente e andando pela loja pensativamente. De vez em quan**do,** ela subia ao andar de cima, onde alugavam escritórios para pequenas empresas: uma agência de viagens, um decorador de interiores e três vendedores de seguros que dividiam uma mesa e um telefone — pessoas que desejavam um endereço em Beverly Hills. A senhorita Highland conversava educadamente com os vendedores e com Bob, assentia de leve, e depois ia embora como se ela fosse até lá em busca de algo — possivelmente, concluiu ele, por um motivo que a fizesse continuar com a loja. Afinal, a Eddie Fanellis vinha perdendo dinheiro.

E então, bem no último verão, ela chegou em seu Rolls-Royce Silver Cloud, marchou para dentro da loja com passos determinados e disse a Bob que fechasse a loja e dispensasse todos os funcionários, dando-lhes um salário de seis meses. Ela iria para a

Europa, disse para ele, e voltaria com um estoque novo. A loja seria completamente reformada e reinaugurada dentro desse tempo.

A princípio, ele ficou animado, aterrissando em Londres e esfregando as mãos em antecipação com as compras que os três teriam de fazer. Ele e Maggie saiam para jantar em lugares como Soho e Kings Road, deixando Beverly no hotel, onde preferia estar quando não devia frequentar os desfiles de moda. E os dois conversavam animadamente sobre as idéias que tinham. Mas depois a animação começou a diminuir quando eles perceberam que Beverly não partilhava do entusiasmo e do otimismo deles. Na verdade, quanto mais observavam o mundo da moda, mais sombria ela se tornava. Não havia nada de novo, ela disse em Londres e em Roma, absolutamente nada de novo ou excitante que pudesse destacar a loja deles das demais. E o mais triste de tudo era que Bob tinha de concordar com ela. Enquanto a limusine estacionava em frente ao ateliê do famoso estilista Henri Gapin, Bob olhou para a patroa. Deus, como ela era bonita. O rosto era perfeito. Como alguém podia nascer assim tão perfeito? E se vestia a fim de acentuar sua graça e beleza - o chapéu branco doutor Jivago destacava o queixo bem delineado e o pescoço longo; o casaco de pele branca e as botas brancas conferiam a ilusão de que ela fosse mais alta; debaixo do casaco, Bob sabia, Beverly vestia um terninho de alfaiataria com um camafeu de ouro no pescoço. Ela estava sempre impecavelmente bem vestida, nunca usava peças berrantes ou muito na moda, mas sempre algo conservador, em estilo clássico que jamais saía de cena, e o cabelo platinado era meticulosamente penteado para trás em um coque banana. Beverly Highland passava a impressão de ser uma mulher sempre no controle dos outros e de si.

Cabeças se voltaram quando ela passou pelas portas. E aquele era um grupo impressionante. A esposa do primeiro ministro da França estava presente para o desfile, assim como a Condessa de Bossuite, Lady Margaret Hathaway, o vice-presidente e diretor de moda da Bloomingdale s, a proprietária de uma boate em Manhattan, Sally Will, e uma estrela de cinema italiana vencedora de um Oscar conhecida por lançar a moda. Todos estavam ali para ver os últimos lançamentos da linha de moda masculina da Gapin.

O desfile acabou sendo o que Bob Manning tinha previsto: apenas mais do mesmo.

Até então, em suas onze semanas na Europa, eles viram a moda londrina, a moda romana e agora viam a moda francesa, todas com poucas variações. A influência continental estava em grande evidência; jaquetas xadrez com gravatas borboleta e calças estreitas; ternos de flanela em cores ultrajantes; chapéus dobrados em pele de ovelha do Afeganistão. Camisas esporte em estampas arrojadas deixadas para fora do cinto. Colarinhos abertos estavam em alta, jóias deviam ser usadas, e os saltos masculinos finalmente ficaram à altura dos saltos femininos. E o pior: a moda unissex ainda estava à solta. Enquanto estava sentada na poltrona de brocado bebericando champanhe, Beverly observava os lindos modelos na passarela e sentia a frustração crescer. Três anos de sucesso com a Royal Burgers e com as suas empresas mais recentes a condicionaram a esperar sucesso em tudo o que tocasse. A loja masculina Eddie Fanelli s seria a exceção?

Como ela poderia torná-la diferente de todas as outras lojas masculinas de Beverly Hills?

Ela olhou para as bolhas de seu champanhe e se **lembrou da primeira** vez em que bebeu champanhe de *boa* qualidade - foi **em 1963, quando** Roy Madison conseguiu seu primeiro papel regular em uma **série televisiva.** Ele entrou correndo na lanchonete com uma garrafa de **Don Perignon e** começou a servir a todos. Era tudo por causa de Beverly, disse ele de forma magnânima enquanto o vinho espumante se derramava **pelo balcão. Por** ela ter lhe falado honestamente sobre a

sua aparência, **por ter seguido o** seu conselho e mudado de estilo, e por ele ter acompanhado **Ann** ao baile de Natal da prima, **e** assim **ter connhec**ido o diretor que **gostou de sua apa**rência, Roy começou a **conseguir** pequenos papéis com **regularidade. Sua** agente lhe disse para manter aquele novo visual e ele lentamente passou a ter papéis cada vez maiores até ter a própria série.Tudo por causa de Beverly Highland.

Foi naquele dia, Beverly se lembrava agora, que Roy jurou nunca se esquecer do que ela fez por ele.

Claro que, desde então, ela tomou champanhe diversas vezes desde o seu estilo de vida espartano. Quando Beverly herdou a fortuna de Eddie e percebeu seu real potencial, ela resolveu que seria melhor para seu futuro fazer uma mudança de estilo. Riqueza e poder era o que almejava. Essas coisas não podiam ser conquistadas vivendo no vácuo, mantendo-se escondida e à margem sociedade. Para conquistar os dois, ela necessitava de amigos poderosos em lugares influentes. Ela precisava construir uma reputação sólida; precisava edificar uma estatura que seria reconhecida por figuras detentoras de posições-chave. Depois de um estudo detalhado, Beverly vendeu sua casa em estilo espanhol nas colinas de Hollywood e comprou uma casa pequena em estilo espanhol em Beverly Hills por um preço cinco vezes maior. Trocou o Chevrolet por um Cadillac e este por um Mercedes. Contratou uma empregada, depois um jardineiro, e então uma cozinheira. Fez amizade com os vizinhos: advogados e médicos, juizes e políticos, escritores e tipos da indústria cinematográfica, pessoas ao redor das quais seu universo girava. Experimentou mais champanhe. Ofereceu festas e serviu caviar. Entreteve pessoas que poderiam lhe abrir portas; fez com que seu nome fosse conhecido. Era participante ativa na Câmara do Comércio e trabalhava em diversos comitês culturais em Los Angeles. Mantinha um alto perfil. Estava no caminho certo. Um murmúrio passou pelos espectadores e Beverly levantou o olhar.

- Mesdam*es et messieurs,* "breve" é a palavra de ordem para os homens esportivos e competitivos de hoje — declarou Henri Gapin enquanto um modelo magro e bronzeado entrava na passarela. - E *Bref* é como chamamos a nova moda de praia masculina. O biquíni não precisa mais permanecer nos domínios exclusivos de *les femmes,* como Pierre tão dramaticamente nos demonstra... Dramático era a palavra certa, Beverly pensou enquanto Pierre se pavoneava

diante de olhos atônitos, admiradores e invejosos.

A sunga mal o cobria, - Isso é indecente - Maggie murmurou ao lado de Beverly. - Estou adorando!

Beverly olhou para o modelo. Ele andou diante dela, olhou sobre o ombro e piscou em sua direção.

—Viu aquilo? — sussurrou Maggie.

Beverly tinha visto. E, mesmo não conseguindo evitar, sentiu uma reação.

— O modelo deste verão será visto em todos os eventos - Henri continuou quando outro exemplar de beleza masculina gaélico apareceu vestindo uma jaqueta esportiva de lã bege e calças leves de flanela.

Mas Beverly olhou aquele modelo com algo parecido ao tédio. Ela podia jurar que tinha visto a mesma roupa em Chelsea e em Roma. Camisa de algodão estampada, gravata larga de seda e lenço combinando, sapatos de couro marrons com solas claras. A moda MASCULINA como se via, era a mesma, não importando para onde ela FOSSE AQUILO não ajudaria a loja de Beverly Hills. Como ela poderia competir com lojas bem estabelecidas que já tinham aquela linha de roupas? Levar Gapin e Courrèges para a Eddie Fanellis não faria com que os clientes entrassem aos montes na loja. Deve ter sido isso que Eddie percebeu e tentou corrigir indo para outra direção, oferecendo produtos **populares** de qualidade inferior.

—Ei - Maggie disse baixinho. - Dê uma olhada nesse aí.

—Para os homens mais jovens — Henri dizia, quando entrou **um modelo** usando jeans de corte baixo e jaqueta de couro, com o cabelo bagunçado, e o peito sedutoramente nu. Era o antigo visual de Mick Jagger, e ele nunca deixava de provocar algum tipo de reação nas pessoas.

—Não gostei nem um pouco — Beverly murmurou.

—Não a roupa, o rapaz!

Com isso, Beverly se concentrou no modelo e descobriu que debaixo daquele visual desleixado e bagunçado havia um jovem **muito cativante. Ele** tinha um jeito de andar, um passo atrevido que fazia o **quadril fazer coisas...** E aquele sorriso! De maneira estranha, Beverly viu-se apreciando as roupas que segundos antes havia desgostado.

— Que golpe de marketing - Maggie disse, inclinando a cabeça em direção de Beverly. — Olhe para os rostos das mulheres. Elas não gostam das roupas, gostam *dele*.

Beverly observou o modelo sair da passarela e ceder **lugar para outro** jovem em roupas esportivas de tênis.

—Belas pernas - Maggie murmurou, e Beverly olhou **de relance para os** rostos das mulheres ao **seu redor. Como** Maggie, elas **não estavam olhando** para as roupas.

Maggie disse:

- Você não tem como me convencer que esses short parecem um décimo mais atraentes em sacos plásticos.

E Beverly se virou rapidamente na sua direção. Dali por diante, Beverly não ficou mais entediada. Prestou bastante atenção aos homens desfilando as roupas e às várias reações da platéia, notando que a moda em si não importava. E enquanto ela olhava e observava, uma ideia começou a tomar forma em sua mente. Ela deu uma bela olhada no showroom, percebeu o refinamento e a elegância do lugar. Era estranho, mas não tinha pensado até então que aqueles estabelecimentos de moda que giravam ao redor dos homens, forneciam produtos para os homens e desenhavam e produziam roupas para os homens eram curiosamente femininos. E aquele grande público opulento, embora estivesse olhando para roupas masculinas, era predominantemente feminino. Beverly captou as rápidas trocas de olhares entre os modelos e certas compradoras. Aqueles homens na passarela sabiam que eram bons; eram embusteiros. Não importava o que estivessem vestindo, eles vendiam produtos com um sorriso, uma piscadela, uma virada das nádegas bem delineadas. Canetinhas de ouro anotavam coisas em caderninhos de capa de couro. Cabeças assentiam em apreciação; sinais eram feitos para Henri Gapin. Vendas no valor de milhões de dólares aconteciam ao seu redor, tudo porque Henri Gapin tinha uma aptidão especial - não para desenhar roupas, mas de como vendê-las. Bever**ly** Highland se recostou em seu lugar e cruzou as mãos. Estava ansiosa para voltar para casa agora. Não havia mais nada para eles ali. Ela já sabia como transformar a Eddie Fanellis na loja masculina mais frequentada em Bever**ly** Hills. E seria um sucesso.

A inauguração da Fanelli em Beverly Hills, em uma tarde tranquila de 1975, foi servida por Richard, o banqueteiro do momento. Os afortunados que receberam convites impressos para comparecerem à inauguração se viram confrontados por um bufe que, mesmo os mal acostumados do *jet set, coment*aram: pizzas feitas na hora com cobertura de *prosciutto,* feta e mussarela; quesadillas de ***chorizo*** e feijões pretos; brie assado; mexilhões ao estilo latino; almôndegas gregas; e o esperado ***guacamole.*** Para os amantes de doces, morangos bávaros, ambrosia de laranja, taças de cristal com creme de frutas, e os bons e velhos brownies de chocolate. Tudo servido em elegantes pratos pretos Bennington. Garçons passavam entre os convidados com flutes de champanhe, coquetéis ou água Perrier. Havia três tipos de café, chá de ervas e também Earl Grey, e balinhas mentoladas Blum para depois do jantar. Boa parte da quantidade de convidados que apareceram se deveu a Roy Madison. Ele não só espalhou a novidade entre os seus

amigos na Indústia de Entretenimento, gentilmente sugerindo que aquele seria o grande evento do ano, mas também distribuiu panfletos de propaganda dizendo que estaria presente na inauguração da Fanelli, e Roy Madison era um homem que muitas pessoas queriam ver.

Ele apareceu em seu visual costumeiro: jeans e camisa **branca, botas de** cowboy e cinturão de couro. O cabelo claro ainda tinha um corte um pouco longo; seu rosto belo que um dia se assemelhou ao de Fabian estava marcado por linhas de expressão feitas pelo sol e pelo **sorriso. E agora ele** era uma das estrelas mais bem pagas da televisão.

Ann Hastings, Carmen e Maggie tinham chegado cedo, **entregando seus** carros para os manobristas do estacionamento particular da Fanelli. Beverly chegou em cima da hora em seu Rolls-Royce, e passou a tarde e a noite agitadas como uma anfitriã amigável, mas um tanto reservada **e misteriosa. Não** foram poucas as pessoas que voltaram para suas casas nas colinas perguntando-se pela primeira vez a respeito da bela, porém esquiva senhorita Hidhland. Roy Madison distribuiu autógrafos para quem os solicitava; Ann Hastings cuidou da execução perfeita do desfile; Maggie fez as vezes de anfitriã, saudando eruditos e respondendo perguntas; Carmen ficou **na coxia, cui**dando do serviço de bufe e mantendo o olhar atento nos novos vendedores; e Bob Manning permaneceu nos fundos, supervisionando os modelos. Os modelos, claro, foram o sucesso da noite.

Aquilo foi algo que ninguém imaginou: uma apresentação constante da moda Fanelli e dos acessórios em modelos que eram belos e sensuais (Roy Madison os recrutara pessoalmente para Beverly), e que **caminhavam em** meios aos convidados como se também fossem convidados, sorrindo com autoconfiança, sem nenhuma narração entediante em um microfone contando às pessoas o que elas estavam vendo.

Bem, não havia necessidade de dizer àquelas pessoas o que elas estavam vendo — os convidados da inauguração da Fanelli eram acostumados com Cardin e Lauren, com Courrèges e Gapin, com o Mr. Harry e Bohan.

> Aquelas pessoas já sabiam a respeito de moda e estilo; a idéia toda era fazê- las comprar. E comprar foi o que fizeram. Influenciados pela excelência e abundância de comida e champanhe, a multidão de smokings e vestidos de gala da aristocracia se embebedou com o materialismo. Começaram a gastar. Quando Paul, o velho amigo de Roy que tinha atuado como o moribundo que Danny Mackay ressuscitara, entrou caminhando com uma jaqueta esportiva de lã preta de Cardin e calças de tweed, e sorriu e piscou de maneira intimista para algumas convidadas, seis pedidos daquele traje foram solicitados imediatamente. Quando ele reapareceu quinze minutos mais tarde com um terno de smoking de veludo vermelho sobre calças de pijamas - parecendo tão deslocado entre os "bem vestidos", oito mulheres fizeram uma encomenda.

E foi assim que a tarde e a noite transcorreram. Os carrões paravam diante da loja, os manobristas os levavam embora, as mulheres entravam, muitas delas desacompanhadas. Elas aceitavam champanhe modestamente, viam o bufê suntuoso, pensavam em suas dietas, aceitavam pratos diminutos, e lentamente caminhavam pela loja, casualmente avaliando a mercadoria enquanto observavam os convidados para ver quem mais estava lá. Ninguém saiu desapontado aquela noite. Chegaram com uma curiosidade e encontraram uma atmosfera muito agradável na Fanelli: havia uma elegância séria na decoração — decididamente era uma loja masculina, mas não era uma loja *para* homens. A elegância era feminina; havia toques de masculinidade nas paredes de madeira escura, nas araras de bronze e nas poltronas de couro vermelho, mas havia flores por toda parte, e o toalete feminino ao estilo vestiário de senhoras revelou-se uma grata surpresa. De seu posto próximo aos acessórios, onde prateleiras de vidro mostravam gravatas e meias que combinavam - uma novidade de Ann que parecia estar sendo bem recebida —, Beverly cumprimentava os convidados com uma reserva graciosa e observava o nascimento de

seu novo bebê, forte e saudável. Do momento em que concebeu a idéia, no ateliê de Henri Gapin em Paris, Beverly não teve um segundo sequer de dúvida de que aquilo seria um sucesso. Projetar uma loja masculina para as mulheres. Uma loja em que as mulheres comprassem presentes para seus maridos, namorados, irmãos e pais. Elas viriam para ser cuidadas - um panfleto da publicidade dizia que bebidas seriam sempre servidas gratuitamente na Fanelli — e elas viriam para ver os modelos masculinos, um traço exclusivo da Fanelli que, a publicidade garantia, não se reservaria somente para ocasiões especiais, mas seria uma atração regular da loja. As mulheres poderiam olhar para os modelos e imaginar aquelas roupas em seus namorados e maridos, ou poderiam imaginar que aqueles homens eram os seus namorados e maridos.

Beverly observava os convidados com satisfação. Ela viu **como eles apro**veitaram o bufê, o champanhe, a loja e se divertiram. Iriam **embora com** uma impressão positiva da Fanelli. Contariam aos amigos. **Voltariam para** adquirir Cardins e Mr. Harrys. A Fanelli seria a butique masculina de Beverly Hills. Porque a Fanelli era uma fantasia.

Pouco depois de o sol se pôr e o entardecer da primavera se transformar em noite, os convidados foram solicitados para saírem e testemunharem o acendimento da placa do estabelecimento. E mais uma vez não ficaram desapontados. Nada de uma placa comum para aquela loja, o nome dela não estava escrito. Só havia um símbolo simples, um logo, habilidosamente feito em ferro e pintado em branco e dourado. Um único holofote o iluminava, e quando apertaram o botão e o logo brilhou suavemente na parede lisa, todos murmuraram sua apreciação e curiosidade.

Era uma borboleta.

m

30

Ele estava se apaixonando, uma maldição.

Não deveria, não por uma das associadas, era contra as regras.

- Não se deixe envolver emocionalmente com as associadas do clube — disse a diretora quando ele foi recrutado para trabalhar no andar de cima, no Butterfly. - Lembre-se de que a maioria das associadas é casada. Elas não estão procurando um relacionamento permanente. Algumas podem lhe contar seus problemas. Por favor, ouça, mas não dê conselhos, e não se envolva. Dê-lhes amor, é isso que elas estão pagando. Se ajudar, pense no dinheiro que está ganhando. Pense em conseguir uma bela gorjeta. Isso ajudará manter as emoções resguardadas.

Bem, ele *pensou* no dinheiro, nas gorjetas e nos presentes caros ocasionais, e nada disso ajudou. Estava se apaixonando por uma das associadas e não conseguia evitar.

Era um dia cinzento de março, e quando ele chegou à deserta praia de Venice Beach, ele se deparou com dunas desertas e ondas ferozes batendo na costa. Trancando o carro, fechou o zíper da jaqueta corta vento de nylon até o pescoço e começou a andar no vento frio. Qu*em era ela? Qual o seu nome? Onde morava?*

Ele sabia tão pouco sobre ela, como podia estar se apaixonando? Estava mesmo amando, ele se perguntou ao enfrentar os respingos salgados do Pacífico, ou era apenas uma ilusão? Estava mesmo apaixonado por ela ou pela *idéia que tinha dela*? Era a mulher que se infiltrou em seu coração ou apenas o seu fantasma, algo irreal, intocável, inexistente a não ser em sua própria imaginação?

Ela aparecia tanto em seus pensamentos nos últimos dias que ele temia que aquilo se tornasse uma obsessão. Estava se tornando tão difícil que ele só ficava pensando na próxima vez que ela iria ao Butterfly, e esperava ansiosamente pelo telefonema da diretora com as instruções conhecidas. Estava começando a desgostar do tempo dispensado com as outras mulheres, tempo que não passava com ela, que deveria ser somente dela.

E não foi para isso que ele havia sido contratado. Para amar apenas uma mulher. Esperava-se que ele amasse a todas.

Alguns garotos tinham armado um cilindro e uma rampa na estrada e estavam tentando quebrar o pescoço em seus skates. Ele parou para observá-los. Por outro lado, como ela se sentia a seu respeito? Ele achava que conhecia as mulheres, pensava que sabia interpretá-las. Era mesmo amor o que ele via em seus olhos quando ela estava em seus braços? Estaria sentindo carinho real e devoção quando faziam amor? Ou ela só estava fazendo amor com o seu fantasma e não com um homem de carne e osso?

Ilusão. Era isso o que o Butterfly representava. Nada além de uma ilusão. Mas o seu amor por ela era verdadeiro. Ele sabia isso. Ele sentia com a mesma certeza que sentia o vento de março gelando seu rosto. Quando seu telefone tocava e era a diretora pedindo que ele fosse para o Butterfly, e dizia as palavras que ele tanto queria ouvir — que se preparasse para aquela fantasia - ele sentia o coração bater de uma maneira como há muito não sentia. Não desde o doloroso episódio do seu passado quando resolveu que o

amor não estava mais escrito em seu destino. No entanto, lá estava ele novamente, batendo a sua porta. Ele passaria por aquela porta conhecida e a veria, e ele se consumiria de alegria e paixão, de um desejo ultrajante de mantê-la com ele para sempre.

As vezes, ela parecia tão vulnerável. Outras, ela parecia uma mulher de fibra. Ele não sabia o que ela fazia no mundo real, mas suspeitava que ela tivesse uma carreira em algum tipo de profissão em que uma mulher teria de se esforçar para ser reconhecida. Havia poucas pistas em que se basear, nada em que confiar.

Ela era um verdadeiro mistério. Era por isso que estava apaixonado? Por um mistério? Se, um dia, ela revelasse a sua identidade, se **expusesse tudo o** que havia para expor a seu respeito, o "amor" desapareceria? Seria o enigma que parecia circundá-la a coisa que mantinha o seu amor vivo?

Ele enfiou as mãos no bolso e viu os garotos voando pela rampa e aterrissarem miraculosamente de pé, do jeito que garotos e gatos fazem. Não. Ele não estava apaixonado por um enigma, mistérios ou fantasma. Ela uma mulher de carne e osso, e ainda que ele não soubesse o seu nome, ele a conhecia e era por isso que ele estava apaixonado. Mas a questão era: o que fazer a partir dali? O vento frio de março o açoitou e ele estremeceu. Também o fez perceber que estava com fome. Havia uma lanchonete logo adiante, acomodada entre uma sinagoga e uma loja de aluguel de skates. A maioria dos negócios estava fechada naquela época do ano. Os moradores mais antigos estavam em casa, a praia era deixada em paz. Mas como alguns durões se aventuravam na praia durante o inverno, e porque alguém tinha de se sustentar, a lanchonete Sylvias Burgers estava aberta e Sylvia ficou feliz ao ver um freguês. Ele pediu cachorro-quente com *chilli* e cebolas e uma xícara de café, e comeu de pé, apoiado no balcão, detendo os pingos gordurosos com guardanapos de papel ineficientes. Sentindo-se um pouco mais aquecido e mais satisfeito, despediu-se de Sylvia e continuou a caminhar.

As associadas vêm ao Butterfly porque é *seguro* - a diretora havia lhe dito. - Prometemos segurança contra violência, contra doenças e contra alguém descobrir quem elas são. Quebre uma dessas regras, e você será responsabilizado.

Mas era exatamente isso o que ele estava pensando em fazer: quebrar

uma dessas regras. Ele queria perguntar quem ela era. Ousaria se arriscar? E se arriscasse e ela fugisse dele? E se nunca mais voltasse ao Butterfly? Como ele a encontraria na vasta cidade de Los Angeles? Ele não teria pista alguma de onde começar.

Sentia-se tão desesperançado. Algo que não sentia há muito tempo. Não estava acostumado a isso; e isso o deixava com raiva. Como um homem que costumava estar no comando, ele se ressentia de ter de esperar pelo telefonema. Deixava-o frustrado e perplexo. Tudo parecia turvo. Nada seguia as regras acordadas. Ela o solicitaria, ele correria para estar com ela, eles passariam uma tarde juntos, uma noite de intimidade fazendo amor, depois ela sumiria e a ele só restaria a lembrança da sensação de té-Ia em seus braços.

Vou contar que a amo, pensou.

Ele parou e voltou o olhar para o oceano cinzento. Uma gaivota solitária planava no alto. Ela emitiu um guincho e desapareceu atrás dos telhados.

Ele subitamente percebeu a futilidade do seu plano. Os acompanhantes do Butterfly deviam dizer às associadas o que elas queriam ouvir. Fazia parte da fantasia.

Se eu lhe disser que estou apaixonado, ela vai pensar que é o papel que estou desempenhando, ela vai acreditar que estou dizendo uma fala decorada.

Mas e se...

Seu olhar se deslocou para o píer no qual alguns homens e crianças mexicanas lançavam as varas de pescar.

E se ela sentir o mesmo que eu?

Seu coração começou a acelerar. Seria possível? Afinal ela solicitava-o repetidamente. Até onde ele sabia, ela não estava se encontrando com nenhum outro acompanhante. Poderia ser isso? Ela também estava se apaixonando por ele?

Mas... Como descobrir? Como ter certeza? E como proceder sem arriscar a perdê-la de uma vez por todas?

Se eu estiver errado. Se eu revelar meus sentimentos e ela me der as costas...

Seus ombros penderam ligeiramente. Não havia solução fácil para o problema. Ele entendia isso agora, olhando para o oceano metálico e para a areia na superfície da praia. Nuvens escuras cobriam Santa Monica. Os garotos começaram a desmontar a pista de skate e Sylvia fechava a lanchonete. E ele percebeu que estava preso em um enigma sem solução.

Tudo o que podia fazer, concluiu finalmente ao abrir caminho contra o vento para voltar para o carro, era esperar pelo próximo telefonema. E rezar para que não existisse um dia em que aquele fosse o último.

Linda tinha acabado de amarrar a máscara de veludo preta quando ouviu a maçaneta do quarto se mexer. Com o coração acelerado, olhou no espelho atrás de si. Tudo era ao estilo Luís XVI, um quarto de uma dama trazido diretamente do palácio de Versalhes: pequenas cadeiras douradas com tapeçaria em cetim, armários de madeira de magnólia polidos com acessórios de bronze, uma escrivaninha delicada preparada com porcelana Sèvres, uma cama coberta por cetim branco com franjas e borlas douradas, as quatro colunas ornamentadas com minúsculas campânulas douradas, o dossel se elevando em uma ornamental coroa guardada por esfinges aladas. Havia vinho e taças em uma mesa, e pratos com pães doces, queijo e fruta. O ar estava permeado pelo odor de rosas amassadas; uma harpa tocava um minueto suavemente, como se estivesse no quarto ao lado.

E a própria Linda - não um produto da era nuclear, mas a filha de uma era passada de elegância e requinte.

O cabelo estava escondido debaixo de uma peruca empoada branca, alta e repleta de laços e pérolas; três cachos cuidadosamente escovados recaiam pelo ombro nu. O vestido azul claro de cetim tinha um decote provocantemente baixo, profusamente decorado com lacinhos bordados e se estendia com amplas anquinhas. Ao redor do pescoço, ela usava uma gargantilha de renda branca. E debaixo do vestido, corseletes complicados com um número impossível de laços, devendo ser desfeitos um de cada vez.

Ela manteve o olhar na porta. Nenhum bipe atrapalharia a fantasia daquela noite — ela cuidou disso. Aquela noite era importante **demais.**

E então, ele entrou.

E roubou o seu fôlego.

Sua figura atlética estava coberta pelo melhor veludo negro: jaqueta larga com punhos de borda dourada, um colete justo negro, calças justas até os joelhos em veludo negro, meias brancas e sapatos com grandes fivelas prateadas. Nos pulsos, os punhos rendados da camisa branca de musselina; no pescoço folhos de renda branca. E o cabelo — o lindo cabelo negro que Linda tanto gostava - hoje estava escondido pela peruca branco -prateada com um rabo de cavalo amarrado com um grande laço de veludo negro.

Ele fechou a porta e lá permaneceu, olhando para ela. **Linda ficou de** costas para ele; seus olhos se encontraram pelo espelho.

Finalmente, depois de um longo momento no qual os dois ficaram presos no perfume das rosas amassadas e pela melodia de Mozart, ele se adiantou e se curvou com um gesto extravagante. Linda o observou enquanto ele, teatralmente, pôs um pé pontudo

para a frente, fez um **gesto rotativo** com a mão direita, inclinou-se com elegância e disse:

- *Madame,* seu criado.

Ela sorriu, virou-se em seu assento, e estendeu a mão para **ele.**

Quando ele se aproximou e a tomou, inclinando-se para beija Ia, por um instante seus olhos se encontraram novamente, emoldurados pelas MÁSCARAS PRETAS**.**

- Senti a sua ausência hoje na corte — disse ele, entrando na fantasia.

Ela se levantou e passou por ele, tendo de virar de lado por causa **da** saia larga, e foi servir vinho tinto em taças de prata. As mãos dela estremeceram de leve.

- Duvido muito, *monsieur* - disse ela. - O senhor deve ter recebido as atenções de todas as damas do palácio, incluindo a própria rainha.

Quando ela se virou para lhe entregar a taça, captou uma **olhar fugidio** em sua expressão - um olhar sombrio, e perturbado, pensou **ela. Mas logo** o olhar se foi e ele estava sorrindo, e ela se viu acreditando **que talvez fosse** apenas sua imaginação.

Mas ela já tinha visto essa expressão antes, em cada um de **seus encontros.** Ela o surpreendia? Sem dúvida **que** sim. Linda devia ser a única associada do Butterfly que o permitiria **ir somente até** certo ponto e nada **além.**

- Mesmo a abençoada Maria Antonieta é uma estrela baça eclipsada pelo seu brilho, m*adame.*

Ele aceitou a taça; seus dedos se tocaram. Ela tentava desesperadamente entregar-se na fantasia. Toda vez que passava pelas portas do Butterfly, Linda tentava deixar a realidade e o mundo da medicina para trás, para que esse outro alguém, e não Linda Markus, pudesse libertar seu espírito sexual. Mas isso seria quase impossível. Não se podia simplesmente descartar oito horas em salas de cirurgia e depois as rondas nas alas dos queimados, uma reunião com o Comitê de Ética, e um artigo escrito pela metade para a *Revista da Associação Médica Americana* à espera na máquina de escrever. Linda tinha muita autoridade, estava no controle de muitas coisas — mesmo no estúdio de Five *North,* onde dizia aos atores o que fazer para simplesmente deixar para trás um dar de ombros e fingir ser livre e desimpedida. Ela observou seu acompanhante mascarado enquanto ele andava pelo quarto, falando de maneira magnífica, o corpo delgado à vontade nas calças e jaqueta de veludo. A voz era profunda; era carregada de uma dignidade que Linda tinha ouvido antes uma ou duas vezes no palco. Deixe-*me aproveitar a fantasia. Deixe-me esquecer de quem eu sou. Deixe-me experimentar finalmente o que outras mulheres experimentam nos braços dos seus amantes.*

- Madame?

Ela levantou o olhar. Ele estava perto, altaneiro, os olhos negros fitando-a com muita intensidade.

Deixe-me esquecer só por um pouco de todos os comitês, pacientes e prontuários médicos. Deixe-me descarregar, relaxar e apreciá-lo do jeito que eu quero...

- Eu - começou a dizer. E, de repente, ele a segurou pelos ombros, erguendo-a nos pés e cobrindo a sua boca com a dele.

- Quero fazer amor com você - ele sussurrou rouco. - Agora. O quarto pareceu girar ao seu redor. Ele nunca tinha feito aquilo antes - agir impulsivamente antes que ela lhe desse o sinal de que estava pronta. Isso a deixou tonta.

- Sim - ela murmurou.- Agora...

Apressadamente, ele retirou a jaqueta e o colete. Tirou também a camisa de musselina, com as mangas largas e punhos de renda, que estava enfiada nas calças justas. Com a peruca empoada branca de rabo de cavalo e laço na nuca, e a máscara negra escondendo

seu rosto, para Linda ele parecia um homem pronto para um duelo. Ela o imaginou avançar na pose de en garde como um esgrimista hábil, igual a Casanova.

Ele a beijou enquanto desatava as fitas complicadas do seu vestido, segurou-a com a boca enquanto as mãos trabalhavam rapidamente, com urgência. Linda se pressionou ao encontro da ereção rígida. *Depressa,* ela incitou. *Depressa, depressa...*

As anquinhas de barbatana de baleia flutuaram até o chão e ele ajudou Linda a sair de dentro delas. Depois ele desfez os muitos laços do corselete, devagar, um a um, demorando-se com eles, aumentando a excitação. A boca voltou a cobrir a dela; beijaram-se em um desespero mútuo. O corselete caiu sobre o carpete; ele desatou os laços da camisa de linho de seus ombros, descendo sobre os seios, até que as mãos circundassem a cintura estreita e ele a puxasse ao seu encontro, excitado.

Mas quando ele tentou puxar o laço final da anágua, ela o deteve.

Conduzindo-o pela mão, ela o levou para a cama. Então, soprou as velas para que o quarto ficasse na penumbra. Deitou-se na cama e o puxou para junto de si. Beijaram-se por um bom tempo, deliciando-se um com o outro. Ele apertou-lhe os seios e sugou os mamilos. Ela invadiu-lhe as calças com a mão, segurando-o com firmeza. Mas quando a mão dele se desviou para a anágua, para explorá-la, Linda segurou a mão dele, levando-a para cima de novo.

— Agora — ela sussurrou. — Faça agora.

—Não — ele murmurou. —Você não está pronta.

—Sim, estou.

—Deixe-me tocar em você...

—Não.

Ele a penetrou rapidamente, sem tocá-la intimamente, como ele sabia que era de sua preferência, e permitiu que ela estabelecesse o RITM.O

Ele a embalou gentilmente por um tempo, beijando-a, as mãos nos seios, olhando-a nos olhos. Ela tentou se entregar por completo, tentou deixar que a magia da fantasia lançasse um feitiço sobre ela para que pudesse acreditar, mesmo que só por uns instantes, que ela era outra pessoa, livre para sentir. Mas quanto mais ela tentava, menos ela conseguia. Tudo em que ela conseguia pensar eram os episódios do passado, quando ela fazia amor com outros homens, homens que viram suas cicatrizes. Eles nunca voltavam.

Ela empurrou esses pensamentos para fora de sua mente e tentou se concentrar. Seu acompanhante mascarado era um amante experiente; ele

estava tentando agradá-la. Mas Linda não conseguia se livrar das suas inibições. Quanto mais ele a penetrava, mais ela se sentia contrair. E menos agradável a experiência se tornava. Por fim, ela simplesmente continuou deitada, tentando analisar o que dava errado todas as vezes, tentando dissecar o ato em vez de apreciá-lo, percebendo que no fim a fantasia, de novo, não estava funcionado. E então tudo acabou.

Está tudo errado, ela concluiu. As fantasias e as máscaras não estão ajudando o meu problema. Tenho de enfrentar os meus demônios no mundo real com um homem de verdade.

Ela pensou em Barry Greene.

32

O dia chegara. A primária de New Hampshire.

Hoje era o dia que estabeleceria o palco e os jogadores na próxima eleição presidencial. E Danny Mackay estava no páreo.

Estava chovendo, Beverly olhou para a tempestade cinzenta e fria que assolava o sul da Califórnia. Ela sentiu o frio através das venezianas de sua sala de estar, sentiu o cheiro da terra molhada, ouviu a torrente descendo ao seu redor. Ela se sentia isolada e sozinha, tão isolada como se estivesse naufragada em uma ilha no meio do oceano. Ela mantinha o olhar na passagem dos carros, à espera do Rolls-Royce que ela tinha mandado buscar Maggie e Carmen. Os primeiros resultados começariam a chegar logo; Beverly queria que as duas amigas estivessem ali com ela.

Estremeceu. Envolveu o corpo com os braços. Sua pulsação estava acelerada. Será que Danny venceria?

Por fim, ela viu o Silver Cloud emergir no meio da chuva como um fantasma. Beverly viu seu motorista sair e abrir a porta de trás. O mordomo desceu as escadas com um guarda-chuva e acompanhou as duas mulheres para dentro da casa. Afastando-se da janela, Beverly cruzou **a sala enorme** em um sussurro da seda da túnica Galanos azul-escura ao seu redor.

As amigas entraram com frio, estremecendo. Carmen foi direto para a lareira que era mais alta do que ela, e aqueceu o corpo em frente ao fogo flamejante. Maggie foi para o bufê, onde a comida foi servida ao lado de um samovar **com café fresco.**

- Alguma novidade? - perguntou ela ao voltar com um bolinho de limão e se sentar no sofá antigo azul e rosa.

Beverly respondeu:

- Não, nada ainda — e olhou de relance para o relógio acima da lareira. Ela ligou a televisão sobre o aparador e se juntou a Maggie no sofá. As três assistiram à TV.

Tinham expressões tensas. As mãos que seguravam a xícara de Maggie estavam brancas nos nós dos dedos. Carmen, vestida em calças de lã e blusa de seda, estava diante da lareira, mal conseguindo respirar. E Beverly sentia o coração bater rápido, cada vez mais rápido...

Finalmente, o noticiário começou.

- E, portanto, com apenas 15% dos votos contados, o líder inesperado é Danny Mackay com 42% dos votos... — disse o âncora da TV. A chuva começou a cair mais forte, golpeando os vidros. As palmeiras se curvavam na direção da casa. Fagulhas explodiam na lareira e subiam pela chamine. Um tipo de gemido baixo parecia preencher a casa toda.

- Parece que o fundador do Ministério da Boa Nova está vencendo pelo simples poder da sua personalidade — um comentarista dizia. — Como você sabe, Jeff, Danny Mackay nunca teve um cargo político. Na verdade, ele ainda não foi declarado oficialmente um candidato presidencial. Mas os índices de pesquisa indicam que ele tem o apoio de

fortes... Em algum lugar ao longe um trovão rugiu. Maggie se viu contando os segundos mentalmente. O auge da tempestade estava a vinte quilômetros de distância, mas ela estava se aproximando cada vez mais. O relógio sobre a lareira de mármore gentilmente mostrava as horas passarem. Maggie serviu-se de café diversas vezes; Carmen aceitou chocolate quente servido por uma criada e sentou-se na poltrona; mas Beverly não se mexia. Seus olhos estavam fixos na TV.

Danny Mackay, surpreendentemente, continuava na liderança. - Com 36% dos votos computados, Danny Mackay está com 55% dos votos o âncora disse. — Ele é o vencedor projetado nessa primeira presidencial...

Beverly e as amigas permaneciam sentadas sem conversar durante toda a tarde longa e úmida, ouvindo o que os especialistas tinham a dizer:

— ... definitivamente deve ir para a Convenção Republicana EM JUNHO. Danny Mackay está vencendo com facilidade os deputados, o que é algo fenomenal para alguém que nunca teve um cargo político...

- As pessoas estão deixando clara a sua escolha. Danny Mackay, o evangelista extravagante da televisão, é famoso pela sua vigília do lado de fora do Hospital Parkland, Dallas, em 1963, e mais recentemente por ter garantido a soltura do missionário Fred Banks de uma prisão no Oriente Médio em... As criadas limparam o bufê de café da manhã e serviram **um jantar an**tecipado de frios, salada e frutas frescas. Maggie preparou **um sanduíche de** presunto e queijo com salada de macarrão, enquanto Carmen mordiscava um pouco de gouda e torradas, brócolis e couve-flor. Beverly **não comeu.** O dia ficou mais escuro. Criadas silenciosas passaram pela casa acendendo luzes. Carmen colocou um suéter por cima da blusa de seda **e** Maggie se refugiou debaixo de uma manta de crochê. Beverly parecia **não sentir frio.** Ela não parecia ciente de nada além do que se passava na **televisão** Ele estava vencendo. *Ele estava vencendo...*

E qualquer um que não conhecesse Beverly intimamente HAVERDÆ pensar que ela devia estar celebrando naquele instante — afinal, ela contribuíra com fundos para a campanha dele. Mas só os de seu circulo restrito sabiam o real motivo pelo qual ela apoiava Danny Mackay.

No ano anterior, quando ele anunciou sua decisão de **concorrer à pre**sidência, Beverly percebeu que a hora era chegada para o seu **momento de** vingança. Ela tinha lido O *Príncipe,* e conhecia a terrível filosolia pela qual Danny se guiava. *Um homem que luta pela bondade em tudo o que faz chegará à ruína,* Maquiavel escrevera. *Portanto, um príncipe que sobreviverá deve* aprender a *ser outra coisa que não boa.*

Quando Beverly leu essas palavras e outras — *Um príncipe deve* sempre estar *pronto para assumir o lado do mal* - ela soube, então, o que **acendeu** aquela luz estranha nos olhos de Danny tantos anos atrás, quando **acidentalmente se** deparou com os livros escolares e Danny falou de sua **ambição** de ser um grande homem um dia. No passar dos anos, ela acompanhou **a subida dele** ao poder, observando-o, vigiando-o atentamente. Ela soube **que um dia ele** teria de ser detido, e ela deveria ser a pessoa a fazê-lo. Essa era uma das coisas para a qual ela tinha vivido todos esses anos. E agora ela tinha um plano para destruí-lo. Quando contou a Carmen e Maggie a sua intenção, **três meses** antes, de oferecer uma festa para angariar fundos para a campanha de Danny, elas se mostraram confusas. Mas depois de terem ouvido o plano de Beverly - para ter o poder de arrasar Danny Mackay, primeiro ela teria de apoiá-lo -, elas compreenderam a engenhosidade daquilo.

As três mulheres olharam a tela da televisão e o rosto bonito que elas conheciam tão bem. Danny estava sorrindo vitorioso para as câmeras, e havia algo de gélido no fogo que queimava em seus olhos.

Todos os profetas armados foram bem-sucedidos, Maquiavel ensinara. E Beverly sabia que essa era a doutrina segundo a qual Danny vivia. Publicamente ele falava da paz com os russos; em privado, ela sabia, ele acreditava em deferir o primeiro golpe.

Observando os repórteres brigando para se aproximarem dele e vendo apoiadores fanáticos por trás, Beverly soube o que tinha de ser feito. Danny Mackay tinha de ser detido.

33

Paris para Marselha. Atravessando o *Mediterrâneo para Ouahran. Depois de trem, ou de carro, ou a pé pela costa da África para Casablanca na Marrocos Francesa. Aqui, os afortunados,por meio do dinheiro ou da influência, ou mesmo da sorte, podem conseguir vistos e se apressarem para Lisboa, e de Lisboa para o Novo Mundo. Porém... Outros esperam em Casablanca e esperam... E esperam... Ela* parou diante da porta fechada e observou-se. Esteve chovendo e temia que seu cabelo meticulosamente penteado tivesse se desfeito. Mas estava tudo no lugar, e o chapeuzinho e o véu sobre o rosto nem estavam úmidos. Ajeitando a jaqueta e alisando a saia, ela pegou a maçaneta. Estava nervosa. Demorou uma semana para que chegasse lá; seu coração batia tão forte que ela pensou que pudesse desmaiar.

A porta se abriu para um barzinho. Não havia outros clientes às mesas ou no bar, mas, ainda assim, havia vida nos ventiladores que giravam lentamente, nas enormes palmeiras em vasos e nas samambaias pendentes, no piano na parede oposta que tocava uma canção conhecida. Ela fechou a porta silenciosamente atrás de si e olhou ao redor com ansiedade. A comida estava servida: um prato de linguiças picantes, um pedaço de queijo brie, patê de fígado, torradas e ostras defumadas. Os coquetéis de champanhe já estavam servido; ela sabia que eles seriam uma mistura perfeita de doce e amargo, conhaque e champanhe gelado com uma casca de limão.

O cenário era refinado. Tudo de que precisava era...

A porta da parede oposta se abriu e ele entrou. Ele não a viu a princÍpio; seu olhar estava profundamente perdido em pensamentos preocupantes. A simples visão dele fez seu coração saltitar. E, de repente, sua boca secou. Ele estava tão lindo vestido em um terno tropical.

E, então, ele a olhou e paralisou.

Ela tentou falar:

- Eu... Hum...

Ele esperou, fitando-a seriamente.

- Rick, tenho algo a lhe dizer - disse ela por fim, sem fôlego.

Ele pareceu levar isso em consideração. Caminhou até o **bar e pegou** uma das taças de champanhe.

- Deixei para tomar o primeiro drinque com você - disse ele - Por que teve de vir para Casablanca? Existem outros lugares.

Ela retorceu a alça da bolsa. Mal conseguia respirar, de tão **excitada.**

- Eu não teria vindo se soubesse que você estaria aqui.

- Engraçado, sua voz não mudou nada. Ainda consigo **ouvi-Ia... - seu** tom tornou-se sarcástico. - Richard, vou com você para **qualquer lugar.** Pegaremos um trem e nunca pararemos...

- Não, Rick! Entendo como se sente.

Os olhos escuros reluziram. Ele abaixou a taça e caminhou em direção a ela.

-Você entende como me sinto. Faz quanto tempo, querida?

- Não contei os dias.

- Bem, eu contei. Cada um deles. Me lembro, principalmente do último...

- Richard! — ela exclamou. — Tentei me manter afastada. Pensei que nunca mais voltaria a vê-lo. Pensei que você estivesse longe **da minha vida** — lágrimas surgiram em seus olhos.

Ele estava bem perto agora; ela conseguia sentir a sua **paixão, conseguia** ver que ele se esforçava para se controlar. A música no **piano pareceu au**mentar, tocava "As Time Goes By". Os ventiladores giravam **acima de suas** cabeças; a fumaça do cigarro dele pareceu permear o ar. **Seus olhos estavam** sérios e desafiadores. Tudo estava tão bom, tão *perfeito.*

Ela começou a chorar.

Ele a tomou nos braços e ela enterrou a cabeça em seu **pescoço.**

-Ah, Richard, o dia em que você deixou Paris... Se você soubesse pelo que passei; se você soubesse o quanto eu o amava... O quanto eu ainda o amo...

I O beijo interrompeu suas palavras. Subitamente toda a raiva e toda a amargura e os arrependimentos desapareceram, e eles só eram duas pessoas desesperadamente apaixonadas em um mundo enlouquecido. Fizeram amor com urgência, apressados, como se o tempo que tinham para ficarem juntos fosse breve. Quando ele a deitou no chão, a cabeça dela estava cheia de imagens - de um policial francês, dos homens em uniformes da Gestapo, de um homem com olhos sonhadores acendendo um cigarro, de uma jovem cantando a Marselhesa com dramaticidade. Ela se agarrou a ele e o chamou de Rick. A música se repetiu sozinha indefinidamente no piano automático. O champanhe borbulhou nas taças, à espera de ser consumido com a comida dentro de pouco tempo. Ela estava tonta com o êxtase. Era o seu sonho mais precioso se tornando realidade. Tudo aconteceu como prometido. E quando ela lhe sussurrou ao ouvido: - Diga, Rick...

E ele disse, tão perfeitamente:

- De tantos bares, em tantas cidades em todo o mundo...

Ela fechou os olhos e soube exatamente onde estaria todas as noites de quinta-feira dali por diante.

Ali, no Butterfly.

34

Beverly Hills, 1978

A SEDE DA HIGHLAND Empreendimentos era localizada em um novo prédio de vidro preto no Bulevar Wilshire. Havia fontes feitas de tijolos vermelho na frente, um estacionamento de vários pisos, um átrio espaçosos com uma banca de jornal, uma farmácia, seguranças e seis elevadores que subiam trinta andares. A Highland Empreendimentos dividia o 20° andar com outro inquilino: a Comissão de Turismo e Consulado do Quênia.

Ann Hastings passou apressada pelas grandes portas duplas e entrou na recepção acarpetada e silenciosa. Foi recebida por Esther, a recepcionista negra que, com seu vestido estampado africano e cabelo trançado, parecia mais pertencer ao escritório do outro lado do corredor. Antes de entrar na própria sala, que tinha vista para Beverly Hills e Hollywood, Ann parou para cumprimentar Beverly. Não se surpreendeu em encontrar a amiga já densamente envolvida em algo com Carmen e Maggie, e sabia por que as três cabeças estavam baixas. Foi Ann quem tinha feito a pesquisa e deu a Carmen os dados que estavam repassando.

Carmen levantou a cabeça e desejou um bom dia para Ann, depois voltou para a sua lista de números que vinha explicando para Beverly e Maggie.

Beverly levantou o olhar e acenou. Ann continuou a caminho do escritório espaçoso, onde, com a ajuda de duas secretárias, ela supervisionava o controle de qualidade da vasta rede Royal Burgers.

Era um dia azul brilhante e claro em Los Angeles, um tipo raro de dia em que os californianos do sul que trabalhavam em prédios como aquele não conseguiam se concentrar. Entretanto, Beverly não tinha problemas de concentração. Enquanto o ar-condicionado sussurrava pela saída de ar e flutuava sobre a mobília cara, flores frescas e tapetes Navajo no amplo escritório de canto da presidente do conselho da

administração da Highland Empreendimentos, a própria presidente prestava muita atenção ao que a sua contadora dizia.

Beverly aprendeu muito com Carmen. Embora todos tivessem ficado impressionados e um pouco admirados com o rápido progresso de Carmen na escola, começando há dezesseis anos, quando mal sabia escrever direito e terminando na graduação com méritos na Faculdade de Administração da UCLA, Beverly não se mostrou nem um pouco surpresa. Ela sabia do que Carmen era capaz. Isso ficou claro para ela ainda na cozinha cheia de aromas do bordel de Hazel. Tudo o que Carmen precisava para se libertar era o sentimento de valor próprio e uma oportunidade para receber educação. E a liberdade de sonhar. Embora tivesse um bebê para cuidar e um trabalho para realizar nas lanchonetes Royal Burgers, Carmen se dedicou integralmente às aulas, estudou sem parar, e exigiu de si ainda mais do que os próprios professores. O resultado foi uma perspicácia empresarial fantástica que era um dos principais esteios por trás do sucesso de Beverly Highland. A própria Beverly se perguntava com frequência onde estaria agora se não tivesse encontrado Carmen em Dallas naquele dia.

Hoje trabalhavam em uma estratégia para manobrar certos empreendimentos paras as propriedades pessoais de Danny Mackay. Sem que ele soubesse disso.

- OK - disse Carmen. - Agora é isso o que você vai precisar. Ann separou os tipos de alimentos de que você precisará: tanta carne, tantos tomates, tantas alfaces e assim por diante para cada franquia — ela apontou para a lista com a caneta de ouro Dunhill que Ann Hastings lhe havia dado de presente quando ela passou no exame de CPA. A caneta combinava com a corrente de ouro que envolvia o pulso dela. Na verdade, tudo em Carmen Sanchez era de classe naqueles dias. Ela penteava os cabelos escuros no alto da cabeça e o destacava com brincos longos e finos; em vez de vestidos, ela preferia usar calças Palazzo folgadas e uma blusa de seda colante desabotoada de modo ousado. Ela não aparentava ter quarenta anos e ser mãe de uma adolescente.

—Bem, fiz algumas pesquisas e descobri o que acredito ser a administradora para as nossas necessidades - Carmen apontou para o nome escrito na folha. — Eles podem lhe dizer de quantos acres você necessitará, e onde comprar. Eles administrarão as fazendas de modo bastante científico, usando computadores e os métodos mais modernos. Você terá garantida a melhor produção e os melhores produtos para as suas lanchonetes.

Beverly e Maggie estudaram os papéis que Carmen mostrara. Aquele era um tipo novo de empreendimento para elas, algo completamente diferente de tudo em que se envolveram antes.

Beverly se tornou pensativa de novo. Carmen lhe explicou tudo sobre integração vertical e horizontal e sobre as diferenças entre elas. O exemplo que Carmen lhe deu era uma fabrica de aparelhos elétricos. Se a empresa quisesse comprar outra empresa pequena de aparelhos elétricos, isso seria chamado de integração horizontal. No entanto, se a empresa de aparelhos elétricos comprasse a fabrica que fazia as peças de metal desses aparelhos, com isso sendo a própria fornecedora de matéria-prima, então isso se chamaria integração vertical. E era exatamente isso o que as três mulheres planejavam fazer naquela manhã multicolorida de maio no escritório do 20° andar da da Highland Empreendimentos. Elas iriam criar uma empresa que seria a única fornecedora de carne e vegetais para a enorme cadeia Royal Burgers.

Uma empresa que valeria milhões e que Beverly não tinha intenção alguma de manter.

Ela a estava criando para vender para Danny Mackay.

— Ele não pode tocar na Royal Burgers — Beverly disse muito **seriamente** para a amiga.

Carmen balançou a cabeça. Ela sabia o quanto aquela **empresa era pre**ciosa para todas ali; ela era o futuro, a segurança delas.

- Não se preocupe, amiga. Ele só ficará com a fazenda.
- E todas as suas subsidiárias?

Carmen fez que sim quase que com tristeza. Ela, Beverly e Maggie não gostavam de lidar com tais coisas uma revista pornográfica, uma rede de salões de beleza que era **apenas** uma fachada para unia **empresa ilegal de** massagens, e um quarteirão inteiro de cortiços na parte leste de Los Angeles. Mas era necessário que os possuíssem. Era parte do plano delas. Elas fariam com que Danny, que passou a comprar compulsivamente tudo o que lhe viesse à mão, pulasse diante da oportunidade de comprar a empresa sem se preocupar com o que fosse com ela. - E a Fanelli?

- Caso os funcionários de Danny Mackay queiram investigar os investimentos da fazenda, nós os encorajaremos a vir olharem a Fanelli. Elas darão uma olhada, verão como ela é uma loja legítima e lucrativa e voltarão satisfeitos para Houston. Nunca descobrirão o resto - Beverly fechou a pasta e se virou para a secretária. - O que acha, Maggie?

O que ela achava? Como as duas amigas, Maggie acreditava que aquele era um passo necessário. Mais uma vez, Danny Mackay estava preparando algo ruim e devia ser detido. Há sete anos, Beverly encenara a ressurreição na igreja de Danny com o único propósito de desmascará-lo como uma fraude. Danny, no entanto, não tentou executar outro milagre. A publicidade a respeito da ressurreição daquela noite não foi boa; a imprensa atirou em Danny, o que o fez desistir de vez desse tipo de dramalhão. E, além disso, Maggie suspeitava, ele deve ter decidido que não precisava mais recorrer a esse tipo golpe, não com seu novo programa televisivo e a rápida ascensão para a fama.

Entretanto, agora ele se envolvia em outros negócios, negócios que afetavam pessoas fora de suspeitas e das quais Danny se aproveitava. Ele forçava empresas à falência para depois comprá-las a preços irrisórios, ou expulsava alguém de sua terra só para poder adquiri-la. Beverly o vigiava atentamente. Ela fazia com que o investigador particular, Jonas Buchanan, que agora trabalh**ava** exclusivamente para ela, entregasse relatórios periódicos sobre movimentos financeiros de Danny. Ele se espalhava pelo país como um polvo, os tentáculos se esticando e agarrando. O poder dele crescia a cada dia; a fortuna se multiplicava; ele possuía coisas e pessoas também.

- Então? - Maggie costumava perguntar para Beverly. - Quando vai detê-lo? Quando teremos a nossa vingança?

Mas a hora nunca era a certa. Beverly era cuidadosa, ela queria que quando se defrontassem novamente, cara a cara, a vantagem fosse toda sua. Não queria possibilidade alguma de derrota. Queria que ele fosse completamente destruído.

E agora ela aumentava seu arsenal. Adquiriu a Publicações Monumento por conta das publicações pornográficas. Esse, juntamente a outros negócios cuidadosamente adquiridos, estaria misturado em uma isca diante de Danny, e ele a abocanharia. Em sua ganância, ele aceitaria **tudo, caindo** direitinho nas mãos dela. E um dia Beverly providenciaria para que essa ganância se voltasse contra ele.

- Sei como podemos providenciar a venda — Maggie disse - Por meio do corretor para quem eu costumava trabalhar. Ele tem uma empresa grande e eles têm escritórios no Texas.

-Vamos fazer isso então. Maggie, entre em contato com essa administradora. Quero falar com eles o mais rápido possível. Carmen, procure Ann. Quero que essa nova empresa esteja operando e fornecendo para os nossos restaurantes em seis meses. E veja se alguém consegue inventar um nome para ela.

Maggie juntou os papéis, colocou-os dentro de uma pasta e disse:

- Que tal "Fazendas Royal"?

Beverly olhou para Carmen, que concordou.

- Muito bem, será Fazendas Royal. Quero que em novembro Danny Mackay assine os papéis adquirindo a propriedade.

Enquanto Carmen seguia Maggie porta afora, ela parou para olhar para trás. Beverly ainda estava sentada, pronta para mais algumas horas de trabalho. Ainda devia ser escrito o relatório da Câmara do Comércio a respeito de seu plano de proposta para o lançamento da nova imagem dos anos 1980 para Hollywood; discursos precisavam ser preparados e convites aceitos ou recusados; e Beverly ainda tinha de se preparar para a viagem da semana seguinte para Sacramento, onde se encontraria com o legislativo do estado para debaterem sobre aborto, o projeto pessoal mais recente de Beverly. Ela era a favor, querendo não só a legalização do aborto como também a criação de centros de aconselhamento para adolescentes grávidas, mostrando-lhes as alternativas.

- Ei, amiga - Carmen disse suavemente. - Amanhã é o seu aniversário. Vamos fazer alguma coisa.Vamos todas jantar fora. Posso fazer uma reserva no Perrino. Uma mulher não pode chegar aos quarenta sozinha.

Beverly sorriu para a amiga.

- Obrigada, Carmen. Mas não gosto de lestas de aniversário. Só tive uma na minha vida inteira, e ela foi horrível para mim.

Carmen olhou através da luz do sol que mostrava partículas no ar e, por um instante, partilhou da lembrança de Beverly, do champanhe barato sem bolhas nos copos descartáveis e de Hazel dizendo: "Para a minha garota favorita". E de Danny aparecendo para levar Rachel para comemorar o seu aniversário e, em vez disso, entregando-a nas mãos de um açougueiro de beco.

Então Carmen pensou no reencontro delas em Dallas, há quinze anos, e em como Beverly lhe ensinou a sonhar e a tornar esses sonhos verdadeiros, e isso fez Carmen pensar em todas as pessoas que Beverly inspirava hoje com o mesmo entusiasmo e ambição, indo a faculdades e clubes e às próprias lanchonetes, dizendo a pessoas de todas as idades, jovens e velhos, que ousem arriscar, ousem viver a vida dos seus sonhos. Carmen desejou ao sair do escritório e fechar a porta silenciosamente atrás de si que ao menos o sonho particular de Beverly pudesse se realizar. Como a vida seria perfeita a vida dela! Mas Jonas Buchanan, embora ainda procurasse e seguisse pistas (agora subcontratando outros investigadores), não chegou perto de encontrar a mãe e a irmã desaparecidas dela. O rastro de Naomi Burgess se perdera em Medford, no Oregon, e Christine Singleton, casada por um tempo, como Jonas havia descoberto, com um homem chamado Ruthefofd em 1958, teve o casamento anulado e também desaparecera. Então Carmen pensou em Danny Mackay e como, por causa dele, Beverly nao se permitia amar ninguém, vivendo uma vida solitária mesmo existindo outros homens, Jonas Buchanan entre eles, que obviamente eram-lhe devotados. E Carmen também sabia que a promessa de Beverly de um dia se vingar de Danny ainda ardia em seu coração.

Lembranças voltaram à mente de Maggie, lembranças de ter nadado com Joe em Mission Bay, das caminhadas pelo Parque Balboa, de dias longos e românticos no zoológico, deitados na grama, observando o lento progresso das nuvens. Mas, claro, Maggie percebeu ao estacionar em frente ao restaurante Outrigger que esses dias se foram há muito tempo e San Diego era uma cidade diferente. Na verdade, agora era uma grande cidade. Enquanto ela seguia a recepcionista de sarongue pelo restaurante escuro e com decoração de um cais de porto, Maggie se perguntou se Pete tinha mudado muito. Afinal, passaram se dez anos... Meu Deus, ele estava exatamente igual...

Repentinamente ciente do seu peso, surpreendendo-se como ele ainda estava bonito e perguntando-se como não notou isso quando trabalhava para ele, Maggie abraçou o ex-chefe com lágrimas nos olhos. Ele a fazia se lembrar de tempos bons, de dias mais simples, antes de Danny Mackay e da trágica morte de Joe.

- Não sabe como fiquei surpreso quando a minha secretária disse que você tinha telefonado! — Pete Forman disse. — Eu disse a ela: "Maggie Kern? Tem certeza de que a pessoa se identificou como Maggie Kern?" E quando ela completou a ligação e eu ouvi a sua voz, igual àquela de quando você trabalhava para mim, quase desmaiei! Maggie, você está ótima! Como está Joe? Esse é o nome do seu marido, certo?

— Joe morreu há dez anos, Pete — ela explicou enquanto duas piñas cola*das* eram colocadas diante deles.

Ele apoiou as mãos sobre as dela. Eram quentes e secas, confortadoras.

- Lamento muito ouvir isso, Maggie. Por que não voltou para San Diego? Eu falei sério quando disse que você teria sempre o seu emprego **de volta.**

Ela sorriu.

—Recebi uma oferta melhor.

Pete e Maggie se familiarizaram novamente comendo frango teriyaki arroz silvestre, vegetais com parmesão e mais *pinas coladas.* A direita deles o restaurante estava cheio. Velas em globos vermelhos reluziam sobre as mesas e lançavam sombra em velhas redes de pesca, em esculturas nativas havaianas, e crateras falsas denominadas "Cingapura", "Xangai" e "Cairo", enquanto à esquerda deles a maravilhosa Baía Mission se estendia em um infinito azul do céu sem poluição de San Diego. Maggie começou a se perguntar por que não tinha feito aquilo antes.

Enquanto tomavam café, ela explicou o objetivo do encontro.

- Como pode ver, Pete, as Fazendas Royal possuem parte das melhores terra do Vale Central - disse ela, espalhando papéis diante dele - A carne provém dos melhores rebanhos. E sei que você está familiariz**ado com a** empresa que a administra para nós. Veja como já está dando lucro em apenas cinco meses de operação.

Ele estudou os números e assentiu, impressionado.

—Você disse que as Fazendas Royal são as únicas fornecedoras **de alimen**tos e produtos da franquia Royal Burgers? Por que a sua chefe **quer vender?**

—Ela quer expandir a Royal Burgers e precisa de caixa.

Peter não precisava que lhe dissesse a significância disso. Ele trabalhava em administração financeira há muitos anos. Normalmente, uma empresa agrícola não era um bom investimento — e ele jamais se envolveria. Mas aquela tinha um mercado garantido. E que mercado! Não só isso, mas o dinheiro da venda daquela empresa expandiria o mercado para o qual venderia seus produtos! - Estou vendo a sua boca salivar, Pete.

- Maggie, se está me pedindo para encontrar um comprador, basta me dar cinco minutos e eu lhe apresentarei uma centena deles! Ela esfregou a bochecha e olhou para os velejadores na baía. Ali estava a parte delicada...

- Bem, quero que trate da venda para nós, Pete. Mas já temos um comprador em mente. Veja bem, a minha chefe é uma fervorosa apoiadora de um certo evangelista e de seu ministério. Uma vez que as Fazendas Royal são o seu bebê, por assim dizer, uma vez que ela mesma as criou e administrou, ela quer ter certeza de que as passará para as mãos certas. Ela gostaria que o pregador as comprasse.

- Ele quer comprar?

- **Nao** sabemos. Isso será parte do seu trabalho. - Como ela pode ter certeza de que ele as comprará? Não havia espaço para dúvida. O relatório financeiro de Carmen sobre Danny Mackay era tão grosso quanto as páginas amarelas. Agora que o Ministério **da** Boa Nova lucrava milhões de dólares anualmente, e agora que ele era visto de costa a

costa na televisão, Danny Mackay tornara-se um maníaco por posses. Ele comprava tudo o que lhe caísse nas mãos, contanto prometesse lucros.

- Onde esse comprador está localizado?

- Em Houston. Pensei que você poderia contatar alguém do seu escritório **em** Galveston, para que essa pessoa se encontre com o comprador, execut**e a** venda, e depois divida a comissão com você. - **Será um** prazer - disse ele,juntando os papéis e colocando-os de volta pasta. - Vou logo tratar disso.

Maggie consultou o relógio e se surpreendeu ao ver como já era tarde. O restaurante logo começaria a servir o jantar.

- Não vai voltar dirigindo para Los Angeles agora, vai? — Pete perguntou, cruzando os braços e se inclinando ligeiramente para frente na direção dela. - **O** trânsito vai **estar um** horror nas próximas horas.

Vou ficar em algum hotel e voltar pela manhã.

—Que tal ficar na minha casa?

Seus olhos se encontraram durante três batidas de coração, tempo suficiente para Maggie visualizar a casa fabulosa de Pete Forman na baía, com a praia exclusiva escondida entre árvores. Mas disse:

—E a sua esposa?

—Corinne e eu nos divorciamos há cinco anos.

Subitamente ela ficou com medo. Desde a morte de Joe, Maggie se manteve ocupada educando os filhos e ajudando Beverly Highland a construir seu império financeiro. Maggie se distanciou dos homens. Mas Peter estava perto, perigosamente perto, tanto física quanto emocionalmente. Ela fitou os olhos cinzentos e se surpreendeu ao descobrir que queria muito estar com ele.

— Esse seu lindo cabelo ruivo... - disse ele com suavidade. - Lembro-me de como eu o olhava quando você não estava notando.

— Tenho alguns fios brancos agora.

-Você deve ser uma anciã.

-Tenho 35.

—Qual o problema, Maggie?

Ela encarou a xícara de café. Qual seria o problema? **Não havia dúvida** em sua mente de que desejava Pete. E existia uma afeição gostosa e confortável entre eles. Seria tão fácil: nenhum começo desconfortável, nenhuma regra a ser esclarecida, nenhum questionamento sobre para **onde** aquilo os levaria. E já fazia tanto tempo desde que ela esteve com **um homem pela** última vez...

— Pode parecer loucura, Pete, mas eu me sentiria como se estivesse traindo Joe - respondeu baixinho .

—Não é loucura. Mas é algo realista?

—Não sei.

—Ele desejaria que você permanecesse fiel a ele?

Uma voz ecoou de um passado distante:

— Prometa que se casará novamente, Maggie. Tenho um coração fraco. Posso ir embora a qualquer instante. Não quero que você e os meninos fiquem sozinhos.

—Deixe-me levá-la para dançar - disse de repente.

—Dançar!

Ele segurou a mão dela e disse em um tom íntimo:

- Deixe-me seduzi-la. Pelo menos me dê uma chance. Maggie o deixou pelo tempo suficiente para dar dois telefonemas, um para Beverly para que ela soubesse que Pete cuidaria da transação, e outro para a empregada, pedindo que ela desse o jantar dos meninos e os pusesse na cama. O coração de Maggie batia alucinado. Pela primeira vez em dez anos ela não dormiria sozinha.

A festa de casamento estava acontecendo no maior bufê doTexas. Quase oitocentos convidados se agrupavam debaixo do teto vasto dos três acres de Mickey Gilley para parabenizar o reverendo Danny Mackay e a sua noiva. Os recém-casados formavam um belo casal, todos pensaram, com Angelica usando o antigo vestido de noiva rendado da mãe e Danny se destacando no melhor terno de Cutter Bill. A multidão de admiradores pensou que o reverendo era texano até a raiz dos cabelos, desde o Stetson branco até a ponta das botas de pele de avestruz. Aos 45 anos de idade, Danny ainda era elegante e delgado; ele era uma figura e tanto em sua jaqueta de estilo Western e calças de alfaiataria. Para as senhoras havia um quê de romântico a respeito do reverendo sensual que não temia chorar em rede nacional, e para os cavalheiros, Danny Mackay era um homem de verdade. Enquanto uma banda tocava as músicas country favoritas para os casais darem os passos duplos texanos, e enquanto o tradicional churrasco texano - composto de filés, costelas, milho assado e o mais picante dos *chillis* — era servido com drinques gelados em copos altos, ninguém prestava atenção à noiva para notar a sombra de medo em seus olhos. - Bem, meu filho — disse um senhor de cabelos brancos ao bater nas costas de Danny. — Desejo o melhor para vocês. Dan**ny** sorriu.

- Obrigado, senador. Ou devo chamá-lo de pai?

- Sei que tomará conta da minha florzinha. Ela me deixou muito orgulhoso por agarrar um marido como você.

Danny também sentia orgulho de si. Como presente de casamento, o senador entregou ao casal 10 mil acres com as melhores cabeças de gado do Texas.

Enquanto a banda começava a tocar "Cotton-Eyed Joe" e os dançarinos entrelaram os braços para formar uma roda de dança, Danny começou a andar na direção de Angelica, parada ao lado da mãe. Foi parabenizado ao longo do caminho, recebeu tapinhas nas costas, cumprimentaram-no com apertos de mão, e disseram-lhe como ele era abençoado. Quando finalmente se aproximou de Angélica, ela se encolheu.

- Está se divertindo, mãe? — perguntou Danny para a esposa do senador, que vestia o melhor da Neiman-Markus e estava carregada de diamantes.

- Que Deus o abençoe, reverendo - disse ela, enxugando os os olhos com um lenço de renda. — O senhor me transformou na mais orgulhosa das mães.

Danny se voltou para a noiva. A banda ainda perguntava aos casais.

- O que me dizem?

E os dançarinos respondiam:

- Irrá!

- Sorria para os nossos convidados, Angélica - disse Danny, sorrindo para os alegres convivas.

Ela estava pálida. Mais pálida que a renda do vestido. Ela estava pensando na noite que se aproximava, e na suíte de núpcias reservada no melhor hotel de Houston.

Danny pegou-lhe a mão, percebeu que ela estava fria, e apertou-a com força.

—Você é a minha esposa agora — disse ele em uma voz que só ela conseguia ouvir.- Você tem de fazer o que eu disser. Agora, sorria **para** os nossos convidados.

Angélica sorriu. Mas queria chorar.

Danny se sentia mais orgulhoso do que nunca. Ele armara o maior dos golpes ao se casar com a única filha do senador. Que jogada de mestre! Que sorte! Engravidá-la para forçá-la a se casar com ele.

- Faça o que eu disser ou eu vou até o seu papaizinho para contar que você está carregando o neto bastardo dele — ele a avisou quatro semanas antes.

Angélica implorou para que ele não o fizesse. Esteve confusa o não soube para onde se voltar. O reverendo a seduziu na noite do churrasco político no rancho do seu pai. Ela não gostou nem um pouco; descobriu que não gostava do reverendo Danny Mackay Mas

ele a forçou duas outras vezes depois daquilo - ele era hóspede na casa deles e ela não ousou gritar pedindo ajuda.

- Em quem ele vai acreditar? - Danny tinha dito a ela. Em você ou em mim?

Angélica sabia com que fervor o pai apoiava Danny Mackay e seu Ministério da Boa Nova, e como ele vinha ajudando Danny a construir uma nova catedral fora de Houston. A palavra dela contra a do reverendo? Por isso ela permitiu que Danny fizesse o que bem quisesse. Para seu completo horror, ela ficou grávida.

- Vou procurar o seu papaizinho e direi a ele que você se confessou comigo, seu conselheiro espiritual, dizendo que você se deitou com um vaqueiro do rancho - Danny ameaçou. - Como acha que ele vai reagir? Angelica sabia muito bem como o pai reagiria. Seu pai fundamentalista cristão a expulsaria de casa, sem dinheiro e cheia de vergonha. Em pânico, concordou em se casar com Danny. Mas agora, enquanto observava os sedentos dançarinos pedindo mais cerveja, pensando na suíte nupcial e no que Danny faria com ela, Angélica Mackay soube que cometeu um erro.

Danny consultou o relógio e passou o olhar pelos convidados. Bonner estava atrasado. O que o estaria detendo?

A negociação com as Fazendas Royal era tão importante para Danny que ele tinha enviado seu braço direito para a Califórnia no dia anterior ao casamento. Danny desejava que Bonner fosse seu padrinho, mas queria muito mais que Bonner estivesse na Califórnia, avaliando esse negócio que parecia bom demais para ser verdade.

Tudo estava sendo negociado por intermédio de um corretor em Austin. Danny não conseguia acreditar na sua sorte.Todos sabiam que a Royal Burgers lucrava bilhões anualmente. Diabos, havia listas de espera de vários anos para aqueles que queriam ser franqueados da rede de lanchonetes, e o preço era de meio milhão. E lá estava ele, recebendo uma oferta de compra da empresa agrícola exclusiva fornecedora de todos aqueles restaurantes! Seria tolo se não aceitasse a oferta. Mas a cautela era sempre uma boa conselheira. A declaração financeira das Fazendas Royal listava "renda de investimentos". Danny perguntou ao corretor de Austin que investimentos seriam esses. O homem não soube lhe responder. Por isso ele enviou Bonner para Los Angeles para verificar as subsidiárias das Fazendas Royal.

- Quando vai começar a construir a nova catedral, reverendo? Danny virou-se e viu-se diante do juiz da Suprema Corte.

- Assim que eu pegar uma pá, Hank! O juiz riu. Como o senador, ele era um dos grandes apoiadores do Ministério da Boa Nova.

Danny às vezes tinha de se maravilhar com a sua subida meteórica no evangelismo televisivo. Tudo remontava àquela noite incrível em que um homem morreu em uma das suas pregações e, de algum modo, voltou a viver. Aquele incidente levou Hallstead ao quarto de hotel de Danny, e dali, bem, Danny sempre imaginou que tivesse sido lançado de um canhão. A audiência enlouquecia com ele. O apelo sexual e o carisma que emanavam quando ele estava no palco para eletrificar uma congregação ao vivo também era transmitida com a mesma facilidade pelas ondas de televisão. Danny não era diminuído em nada pela tela; sua voz não era menos envolvente; a magia não era nem um pouco enfraquecida. Poder era poder, ele havia descoberto, quer fosse usado para dominar uma mulher na cama ou para clamar a palavra de Deus para 1 milhão de pessoas por meio das antenas de TV.

E não era só o fato de ser bonito, dinâmico e jovem que fazia as pessoas gostarem dele. Parte do seu apelo jazia no fato de ele ter se afastado do fundamentalismo da Bíblia. Conquanto estivesse familiarizado com as ESCRITURAS, ele absorveu os ensinamentos da Bíblia do mesmo modo como absorvera. Minha *Luta* e *Retratos de Coragem*-, ele preferia pregar uma mensagem de moral mais ampla, lembrando as pessoas que elas tinham pecado, mas que poderiam encontrar a salvação somente se o ouvissem. As pessoas ouviam. E enviavam-lhe seus dólares porque acreditavam que o dinheiro comprasse a graça de Deus.

Mesmo a religião pode ser transformada em uma arma de poder. Maquiavel foi o primeiro a dizer essas palavras ao jovem Danny 25 anos antes, e ainda lhe dizia. Danny Mackay sabia que era a prova viva que o plano esboçado no *Príncipe* funcionava. Motivo pelo qual, em 1973, Danny estabeleceu o Prêmio de Realização do Reverendo Danny Mackay. Um príncipe *demonstra que admira o talento honrando os homens de habilidade.* **Uma placa de** bronze era dada anualmente para o Homem Cristão ou Mulher Cristã do Ano. A fundação de Danny regularmente distribuía prêmios em dinheiro aos cidadãos que faziam boas ações, para estudantes com excelência nos estudos, para empresas que serviam ao bem público. *Nada conquista mais estima para um príncipe do que atos distintos em assuntos civis.* Danny também criou bolsas de tudo, fundou programas missionários pelo mundo, e conduziu maratonas televisivas para arrecadação de fundos para a recuperação de viciados em drogas.

O Ministério da Boa Nova arrecadava milhões de dólares anualmente, tornando-se uma das mais ricas igrejas do país. E Danny Mackay, **seu líder e** fundador, ficava cada vez mais famoso a cada domingo que **passava** E rico também.

Danny teve a idéia de criar uma empresa-fantasma para facilitar a construção de sua fortuna pessoal.

- Criamos uma empresa falsa e por meio dela pegamos dinheiro emprestado do Ministério - ele explicou para Bonner. - Claro que não haverá empresa alguma de fato, portanto o dinheiro vai direto para o meu bolso. Foi assim que Danny comprou dois grandes prédios comerciais no centro Houston e o conjunto de iates em Galveston, e agora as Fazendas Royal na Califórnia. O dinheiro do Ministério pertencia a Deus, e com isso Danny iria construir a maior e mais impressionante Casa do Senhor jamais vista. Mas o seu dinheiro era o seu dinheiro, e ele fazia dele o que bem queria.

- Pode me dar licença um minuto, por favor? — disse ele ao juiz. Danny abriu caminho entre a multidão, recebendo parabéns por onde andava, e parando uma vez para trocar uma palavra com o proprietário da maior loja de departamentos de Houston.

- Como vai a sua filha? - perguntou em seu tom mais sincero. - Está indo bem, reverendo. Ela deve sair do hospital em mais alguns dias. E as flores que o senhor enviou realmente a alegraram. Que Deus o abençoe.

Quando ele chegou ao lado oposto, ele se aproximou de dois homens que nem comiam nem bebiam, mas se mantinham afastados das pessoas. - Descobriu o nome do repórter? - Danny perguntou a um deles em um tom de voz que ninguém mais poderia ouvir.

O homem pegou um caderninho de dentro de um bolso do terno. Abriu-o em uma página e entregou-o ao patrão. Danny leu a informação e assentiu com um gesto de cabeça. Era o nome e o endereço de um repórter que escrevera comentários prejudiciais a Danny em uma coluna em publicação nacional. Danny olhou para o endereço - o repórter vivia em Washington, DC. — e o memorizou.

- Descubra onde os filhos dele estudam — disse Danny, devolvendo o caderninho. - E onde a esposa dele trabalha. E também onde os pais dele moram - disse acreditando que aquilo deveria funcionar: os pais.

Deu uma última olhada para o nome e o arquivou em sua lista particular, a lista que um dia foi encabeçada pelo infeliz doutor Simon Waddell. Em 25 anos, seis nomes foram riscados na lista. Contudo, onze outros foram acrescentados. Danny, um dia, cuidaria de todos eles.

E lá estava Bonner, por fim, abrindo caminho entre os convidados.

Danny pediu licença e foi para um canto reservado com o amigo.

—O que aconteceu?

— Sinto muito ter perdido a cerimônia, Danny. Eu disse ao piloto que estava com pressa, mas havia uma tempestade em Phoenix e tivemos de dar a volta por Utah.

Não era isso o que interessava a Danny. Ele tinha dificuldade de ficar parado. Olhava ao redor do grupo de convidados, sem perder nenhum detalhe sequer, e disse:

—Conte-me da visita. Encontrou-se com a mulher, a tal de Highland. — Ela não estava disponível, mas encontrei a segunda pessoa no comando de tudo.

-E?

Bonner passou a mão pelo cabelo claro. Aos 46 anos de idade, ele ainda tinha a mesma estranha aparência angelical. E ele aparecia bem na televisão. As pessoas gostavam de vê-lo no palco, ao lado do reverendo Mack**ay**

— As Fazendas Royal possuem uma editora de livros, uma rede de salões de beleza e uma loja masculina de roupas em Beverly Hills. Nada **que valha** a pena ir para a Califórnia para acompanhar de perto.

—Diga a eles que assinarei a papelada logo pela manhã.

Bonner riu.

—Na manhã da sua lua de mel?

Danny olhou para a jovem frágil de branco, que parecia tentar se esconder atrás do busto da mãe. Ela recuou quando se aproximou dele. E se encolheu quando ele a tocou. Bem, naquela noite ele daria a ela algo para se encolher.

— Diabos — ele murmurou, sentindo-se bem. — Ligue para Austin imediatamente. Diga-lhes que assinarei a papelada ainda hoje. Não queremos que aquela Highland de repente perceba que ótimo negócio ela está nos entregando e decida recuar, queremos?

35

O CHEIRO DA CHUVA pairava por Los Angeles há vários dias, e mesmo assim nenhum pingo havia caído do céu metálico. Embora o sul da Califórnia nunca recebesse chuva o suficiente e todas as pessoas rezassem de vez em quando por causa das frequentes secas, Trudie nunca gostou da chuva. Ela arruinava os seus negócios. Não se pode escavar uma piscina no meio da lama. Por isso ela mantinha os dedos cruzados para que o dilúvio demorasse pelo menos o bastante para que os últimos contratos fossem cumpridos. O homem para quem ela vinha fazendo uma piscina em Coldwater Canyon tinha acabado de receber um Prêmio da Academia e era um dos destaques no cinema da atualidade. O selo da TruePools no degrau de cima representaria espetaculares contatos para Trudie.

EIa tinha acabado de passar uma tarde de sexo fantástico com "Thomas" no Butterfly e estava muito animada. As poucas horas daquele dia foram como todas as outras vezes juntos: uma ou duas horas de debates intelectais seguidas de um relacionamento sexual vigoroso e estonteante. Ela se perguntou se estava ficando viciada naquilo.

Se ao menos, pensou ela em frustração ao guiar o Corvette pela entrada sinuosa da casa da estrela, ela conseguisse descobrir como arranjar algo semelhante na vida real. Pelo resto da vida.

Quando deu a volta na imensa mansão estilo Tudor, ela pisou fundo no freio por não acreditar no que via. A equipe que assentaria os ladrilhos estava se arrumando para ir embora e nem **tinham** feito o trabalho ainda!

Saindo voando do carro, sem nem se dar ao trabalho de fechar a porta, ela gesticulou para o caminhão que vinha na sua direção.

— Ei! O que estão fazendo? — perguntou ao motorista. — O que aquilo significa? - ela gesticulou para a pilha de tijolos e azulejos armazenados ao lado da escavação.

—Me diga você,Trudie.Você nos mandou vir cedo demais. O aço ainda nem foi assentado.

—O quê?

Ela marchou para o buraco e, com as mãos nos quadris, olhou para baixo. Havia água no fundo, e nada, absolutamente nada tinha sido feito NAQUELA piscina em uma semana. Bill.

Ele deveria ter assentado o aço e feito o encanamento há seis dias. Dessa vez ele iria se ver com ela.

Ela chegou ao escritório em questão de minutos, descendo a colina voando com os cabelos loiros açoitando-lhe o rosto. Mal deixou o carro parar antes de sair correndo e entrar em um rompante pela porta da frente. Cathy, a assistente, levantou o olhar da máquina de escrever, assustada.

— Ponha aquele cabeça dura do Bill no telefone para mim! – Trudie ordenou ao caminhar para a própria mesa. — Estou por aqui com ele! Por aqui!

Acendeu um cigarro e começou a andar de um lado para o **outro.**

O escritório com frente de vidro de Trudie era pequeno, tinha espaço suficiente para duas mesas e um refrigerador. Ela não precisava de muito espaço, todo o seu trabalho era conduzido em ambientes externos A True-Pools ficava de frente para o Bulevar Little Santa Monica, incrustada entre uma loja de antiguidades e um café que servia expressos e sanduíches; o letreiro na vitrine era do mesmo tom azul esverdeado dos olhos dela: uma onda em arco com as letras deTruePools cascateando pela crista.

—O escritório dele informou que ele está em um trabalho - disse Cathy.

—Certo. Mas não em um dos *meus* trabalhos, aposto. Diga a eles que é melhor ele trazer o traseiro dele para...

—- Eu já pedi. Vão ligar para ele, pedindo que ele venha aqui quando estiver indo para outro trabalho. Trudie fumou outros três cigarros. Não conseguia se lembrar de já ter ficado brava assim antes. Ela sabia por que ele estava fazendo aquilo. Era para se vingar daquele incidente com as latas de cerveja de dois meses atrás. Por ter gritado com ele na frente dos outros rapazes por ele não ter instalado três linhas de retorno. Ele sabia da importância do contrato em Coldwater Canyon para ela. Aquele era o modo dele de mostrar quem dava as cartas ali. Bem, mas ela não permitiria isso. Dessa vez ele teria de pagar, ah, sim. Maldição, ele estragou completamente a animação com que ela saiu do Butterfly. Quando Bill passou pela porta de vidro e começou a dizer:

—- True, qual é o prob...

—Ela o interrompeu:

— - Por que o aço ainda não foi assentado na empreitada de Coldwater? A maldita piscina está lá esperando há uma semana! As minhas piscinas não ficam esperando uma semana, Bill! Esta é a segunda vez que você faz uma besteira! Ele a encarou.

—- Do que está falando?

- Não banque o inocente para cima de mim! Apenas me diga por que o aço não foi assentado há uma semana conforme você prometeu que faria! Ele deu de ombros, confuso.

- Você sabe tão bem quanto eu que demora pelo menos uma semana para drenar a água de um lençol freático. Foi a vez de ela olhar para ele com olhos arregalados. - Para drenar o quê?

- Sanderson atingiu um lençol freático. Não sabia? Ela piscou para ele, depois olhou para Cathy.

- Tivemos alguma novidade por parte de Sanderson? - Nenhuma palavra. - Me ponha para falar com ele. Enquanto a assistente fazia a ligação, Trudie acendeu outro cigarro e se recostou na mesa, batendo um pé no chão. Não olharia para Bill. Não conseguia.

Finalmente:

- Olá, senhor Sanderson. Aqui é a Cathy da TruePolls, pode aguardar na linha para...

Mas Trudie arrancou o telefone das mãos dela antes que ela terminasse de falar.

-Joe? O que é essa história de lençol freático na piscina de Coldwater Canyon?

Ela ouviu, a mão livre mexendo nervosamente com o brinco de argola.

-Então por que não me contou! - gritou ela ao telefone.- Não, não recebi mensagem alguma! Você sabe que tenho um contrato de conclusão de obra de trinta dias! - ela fez uma pausa. - Não, preste *você* atenção! Quando *você* perfura um lençol freático em uma das *minhas* piscinas, você me liga e conta para mim! Não quero ter de ficar sabendo pelas pessoas dos azulejos e acabamento! Agora preste atenção, pouco me importa se você deixou um recado na minha caixa de mensagens.Você não pode simplesmente deduzir que eu o recebi. Você tem de falar comigo pessoalmente, entendeu? Portanto,Joe, que Deus me ajude, mas se você me custar este contrato, você vai se ver escavando apenas

tanquinhos de areia para as crianças! Agora, vá até lá e veja se consegue drenar aquela piscina até amanhã de manhã. Bill vai estar amanhã cedo com a equipe dele. E Joe? Nenhum recado a mais - ela respirou fundo ao fim do telefonema. — Inacreditável! — disse antes de olhar para Bill. - Ops.

—É, ops...

—Sinto muito, Bill. De verdade. Estou me sentindo deste tamanho...

—Escute aqui, querida, não sei qual é o seu problema, mas **quero que** você largue do meu pé!

Ela o encarou.

—Você anda por aí, toda irritadinha, e estou lhe dizendo neste instante: o que quer que esteja tentando provar, prove com qualquer outra pessoa, não comigo! — ele disse enquanto apontava no ar.

Quando ele se virou para sair, ela disse:

—Ei, espere um minuto! Eu disse que sentia muito.

—Meu bem, não sei quem lhe deu a sua licença de construtora porque você, certamente, não tem a cabeça no lugar. Não gosto de ser **chamado no** meio de um trabalho só para você me passar um sermão como uma professora do jardim de infância. Continue com esse tipo de comportamento e não haverá empresa alguma na cidade inteira que queira trabalhar para você.

— Tenho gente implorando para trabalhar para mim!

- Então por que diabos você me contrata para trabalhar para você? Parece que a única coisa que eu sei fazer é enlouquecer você. - Porque você é o melhor no que faz, caramba!

Eles se encararam enquanto o trânsito fluía pela Little Santa Monica. Quando o telefone tocou, Cathy o atendeu rapidamente e começou a falar baixinho com um cliente.

- Deus do céu... - disse Bill, balançando a cabeça. - O que há com vocês, donas, que se metem no ramo da construção?

- Não sou uma "dona". E também não gosto que me chamam de "meu bem".

- Bem, acredite em mim, não uso o termo de modo carinhoso. - Se sou tão bruxa assim, por que trabalha para mim? Há muitos outros construtores de piscinas nesta cidade.

► - É? Bem, citando as palavras de uma certa dama, acontece que você é a melhor no que faz.

Ela se virou e procurou pelo maço de cigarros sobre a mesa. Quando voltou se virar, acendendo outro Virgínia Slims, ela percebeu como a camiseta de Bill se esticava sobre o tórax, braços e ombros musculosos dele. Dava para saber que acabava de vir de um trabalho de campo porque as botas estavam sujas de lama e havia uma leve fragrância do sabonete emanando dele. Nada parecido com o refinado "Thomas", que usava abotoaduras francesas e gravatas de seda e nunca tinha as unhas sujas de terra.

- Escute aqui — ele disse baixo, controlando a raiva. — Da próxima vez que um dos seus trabalhos der algum problema, não se precipite pensando que foi culpa minha, está bem?

Ela jogou a cabeça para trás e soprou a fumaça do cigarro.

- E mais uma coisa. Perdi uma hora hoje por causa do seu faniquito. No trabalho de outra pessoa. Você está me devendo.

- Só o que lhe devo é um pedido de desculpas, e isso eu já lhe fiz.

Ele a encarou por um longo momento, depois lançou as mãos para o alto e marchou para fora.Trudie ouviu os pneus do GMC 4x4 cantarem do lado de fora quando ele saiu em disparada.

36

Washington, D.C., 1980

Quando Jonas Buchanan finalmente encontrou a mãe de Beverly, Beverly estava em Washington, D.C, testemunhando perante o Senado em um subcomitê de investigação.

A audiência acontecia por causa da legislação atualmente pendente ante o Congresso que expandiria a definição de áreas ambientais **protegidas pela** legislação. Um incorporador chamado Webster queria transformar certas
propriedades no litoral do sul da Califórnia em uma marina para iates, e por causa de certas discrepâncias no relatório do Batalhão de Engenharia do Exército, além das reclamações de grupos ambientalistas da Califórnia, e por que Webster poderia se qualificar para receber fundos **govenamentais** para o desenvolvimento recreativo público, o projeto da marina **estava sen**do investigado pelo alto escalão.

Beverly chegou a Washington no dia anterior e já tinha entregado o seu relatório ao comitê. Agora esperava para ser chamada para depor. Durante toda a manhã, outras pessoas se apresentaram aos sete senadores no palanque e aos representantes do Sierra Club,do Greenpeace e do Earth First! e outros grupos de preservação. Agora era a vez de o próprio Webster testemunhar. Enquanto ela ouvia e esperava pela sua vez, Beverly continuava a olhar para o relógio.

Assim que terminasse ali, ela voaria para Santa Barbara, onde Jonas Buchanan a aguardava para levá-la até a sua mãe.

- Senhor Webster, qual será exatamente o tamanho da marina que pretende desenvolver nessa área? — o senador do Wisconsin perguntou.

- EIa será relativamente pequena, senhor. Como declaro no meu relatório, se eu usasse todas as minhas terras, eu atenderia a 2 mil iates, no entanto, como isso seria prejudicial ao ambiente, estou reduzindo o projeto para atender menos de mil iates.

O auditório estava repleto, havia câmeras de televisão, a imprensa e o público nas galerias. Beverly não estava nervosa por ter de falar diante de tal multidão; ela já tinha feito aquilo muitas vezes no decorrer dos anos. De fato, foi ela quem pediu permissão para testemunhar diante daquele subcomitê do Senado referente ao Ambiente, porque eles estavam investigando um assunto que envolvia uma das suas bandeiras pessoais: a preservação do litoral da Califórnia.

- Senhor Webster se não vai utilizar toda a sua terra, o que acontecerá com o restante? — continuou o senador do Wisconsin.

- Eu gostaria de enfatizar, senhor senador, que eu sou o dono das terras. De fato, sou o dono delas há muitos anos e, portanto, estou pessoalmente preocupado com a sua segurança e com um desenvolvimento inócuo. Respondendo à sua pergunta, senhor, eu destinarei 42% das minhas terras para um santuário de pássaros, como descrevi detalhadamente em meu relatório de impacto ambiental. Tomei o cuidado de explorar todos os efeitos possíveis que resultariam da construção da marina. Consultei

cientistas e ecologistas, e o meu projeto, de nenhuma maneira, prejudicará o ambiente local. Beverly consultou o relógio novamente.

Por causa do telefonema de Jonas, ela teve de cancelar o resto de seus compromissos em Washington. Ela teria de participar de um baile naquela mesma noite na Embaixada da França, e no dia seguinte teria uma reunião com os representantes do Lobby das Crianças para o estabelecimento de um centro de informação nacional e rede de serviços referentes a crianças desaparecidas. Portanto, ela teve de reagendar um novo encontro com essas pessoas para a data de sua próxima reunião regional porque tinha de ir embora. J**onas** havia encontrado sua mãe, finalmente...

Quando o senhor Webster terminou de depor, juntando suas anotações parecendo muito satisfeito, Beverly foi chamada para depor. Ela se acomodou diante do microfone enquanto a imprensa a fotografava e um repórter escrevia em seu bloco de notas: "... fundadora e **única adminis**tradora da Highland Empreendimentos, um império financeiro cujo lema famoso é *Ouse...,* a senhorita Highland, de 42 anos, parece estar confiante e no controle ao se preparar para mostrar provas contra Irving Webster da Corporação Multi-Desen..."

A audiência estava sendo presidida por James Chandler, o senador mais jovem da Califórnia, um homem cuja plataforma de campanha era extremamente a favor do meio ambiente, e um homem que havia recebido muita ajuda de Beverly para assumir o cargo. Então, ele convidou a senhorita Highland a falar.

- Obrigada, senhor Chandler. Eu gostaria de iniciar o meu **testemunho** com uma pergunta. Quem é dono do litoral? Por certo é ignorância e vaidade humana pensar que é para o bem de todos que esculpimos o planeta em pequenas porções, cada uma operando de maneira **egóista sem a** preocupação com o impacto em vizinhos e no mundo como um todo. O assunto que se apresenta aqui hoje não trata apenas de uma pequena porção do planeta, estamos falando da Terra e de toda a humanidade. O senhor Webster quer o nosso litoral. E tudo o que arriscamos com isso **é o nosso** suprimento de oxigênio.

Beverly continuou ressaltando que por mais que o incorporador tivesse de fato investigado o impacto do seu projeto no meio ambiente, ele o fez de forma hesitante e com resultados incompletos.

- Eu gostaria de enfatizar, senhores, algumas informações **essenciais que** não apareceram nos outros relatórios, isto é, que o que o senhor Webster está propondo é a destruição de uma rede extensa de charcos **que são vitais** na preservação do equilíbrio do abastecimento de oxigênio **na Terra.**

Ela falava claramente e em um tom de voz forte que parecia reverberar em todo o auditório enquanto as câmeras de televisão mantinham seus olhos eletrônicos voltados para ela, e os repórteres e estenógratos registravam cada palavra sua, e o público ouvia em total silêncio.

- O gás metano, senhores, é produzido pela fermentação de **bactérias** na lama, no solo oceânico, nos pântanos, nos charcos e nos estuários dos rios. O metano é um regulador vital do oxigênio daTerra, em **um processo** cujo equilíbrio é muito delicado. De acordo com Michael McElroy, Jim Lovelock, e outros cientistas renomados, **a** ausência da produção **de metano**

causaria uma troca rápida e perigosa na concentração de oxigênio. Nós, humanos, existimos em uma biosfera autorregulatória que mantém um balanço atmosférico vital para a vida terrestre. A marina do senhor Webster erradicaria uma parte substancial e necessária nesse mecanismo delicado. O auditório se mobilizou. As pessoas começaram a murmurar nas galeria. O senador Chandler bateu o martelo.

- Eu também gostaria de observar, senhores, que investiguei as terras que o senhor Webster propõe deixar de lado para a criação de um santuário de pássaros, e descobri que o próprio consultor do senhor Webster o informou que aquelas terras seriam difíceis

de trabalhar e que não valeria a pena transformá-la em uma marina — continuou Beverly. — E, além disso, também descobri, cavalheiros, como expliquei no meu relatório detalhado, que as terras em questão são totalmente inadequadas para os pássaros, para início de conversa! As terras que ele propõe desenvolver fazem parte dos pântanos e dos charcos nos quais os pássaros e outros animais se adaptaram e têm usado há milênios. As terras que ele propõe "dar" para eles são inúteis tanto para os homens quanto para os pássaros, a não ser pelo fato de serem barreiras naturais para o que resta de habitats básicos no litoral da Califórnia. Sugiro, senhores, que essas terras sejam deixadas de lado *para sempre,* e que o senhor Webster seja justamente compensado pelo seu investimento, incluindo juros. E a minha fundação, trabalhando em conjunto com outras organizações similares, está preparada para financiar essa recompensa para o bem de todos, para o bem do planeta!

A senhorita Highland pediu a Bob Manning que dirigisse até Santa Barbara no Rolls-Royce. Portanto, era lá que Jonas Buchanan estava, sentado no banco de trás, esperando pela chegada dela no jato particular.

Surpreendia-se em pensar na virada que sua vida tinha tomado desde aquele dia, há nove anos, quando se sentou no bar daquele restaurante escuro, avaliando a jovem loira na mesa de canto. Jonas se lembrava de ter tido dúvidas quanto a dar seguimento àquela reunião, de tê-la visto e pensado se queria mesmo aceitá-la como cliente. E de como se lembrou do aluguel atrasado e que foi isso que o fez se decidir a ir falar com ela. E se ele tivesse decidido contrariamente? E se tivesse simplesmente se levantado e saído? Pensar nisso às vezes o assustava; pensar o quanto estivera perto de fazer a coisa mais idiota da sua vida.

Em vez disso, fez a coisa mais inteligente. Aceitou trabalhar para Beverly Highland, e não olhou para trás desde então.

Quando Jonas deixou a força policial doze anos antes, A SUA AMBIÇÃ**foi** a de ter uma vida confortável. Bem, agora uma vida confortável ele tinha, e muito mais, esse filho de um carteiro do leste de Los Angeles! Jonas Buchanan levava uma vida boa; trabalhava com afinco, era devotado à sua empregadora e era pago regiamente. Em 1976 ele foi trabalhar para a Highland Empreendimentos, fechando seu negócio na Melrose, entregando a sua lista de clientes a outro investigador e se mudando para aquele requintado prédio de vidros pretos na Wilshire, onde tinha um escritório elegante e uma secretária particular. Desde então, ele trabalhava somente para Beverly Highland, como chefe de segurança da empresa e como responsável pelo sistema de segurança instalado no perímetro da nova propriedade dela em Beverly Hills. Jonas também era responsável por qualquer investigação pessoal ou corporativa, como a pesquisa feita sobre a proposta de Irving Webster para construir uma marina ou as investigações nos negócios financeiros de Danny Mackay. Hoje em dia,Jonas tinha investigadores particulares trabalhando para *ele,* e eles estavam espalhados por toda a Califórnia e o sudoeste do país, na busca contínua da mãe e da irmã da senhorita Highland. Foi, de fato, o seu homem colocado em Santa Barbara que finalmente localizou Naomi Burgess, mas o novo rastro tinha sido ideia de Jonas. Sem ele, talvez eles nunca a tivessem encontrado.

Sim, de fato, Jonas maravilhava-se ao observar o conhecido **Learjet ater**rissar na pista, ele trilhou um longo caminho desde os dias do **pequeno** escritório na Melrose, lutando para vencer sozinho, desejando **nunca ter** deixado a força policial. Agora ele dirigia um Mercedes, morava EM UMA casa elegante e cara em Coldwater Canyon, tinha mais namoradas do que conseguia administrar, e era, finalmente, o homem que **dava** as cartas, Jonas sempre teve a crença, desde garoto, de que um dia seria **alguém. Tinha** inteligência, astúcia, educação universitária e vivência absorvida em seus tempos trabalhando com a polícia. Mas Jonas não tomava **todo** o crédito do seu

sucesso para si - a senhorita Highland merecia mais **da metade dos** créditos. Quando ele aceitou o caso dela há nove anos, ela havia dado carta branca para ele. Não discutiu as despesas, nem seus métodos, portanto Jonas foi finalmente capaz de **conduzir uma** investigação do jeito **que desejava.** E ela o apoiou. Ele não **estava conseguindo** encontrar nem **a mãe, nem a**
irmã, mas estava trabalhando duro seguindo as pistas, e a senhorita Highland apreciava isso. Ela nunca se enfureceu ou ameaçou demiti-lo caso ele não produzisse algo com rapidez; na verdade, ela sempre se mostrou grata pelo mínimo que ele conseguisse descobrir. E às vezes, no decorrer desses anos, o que ele descobria era muito pouco mesmo. Ela era uma mulher e tanto, Jonas sempre pensou - e vinha pensando nisso com uma freqüência cada vez maior. Assim como foi forçado a repensar o seu conceito quanto às mulheres brancas. Há nove anos, ele admitiu que ela não era feia para uma mulher branca; hoje em dia ele a considerava simplesmente linda. Ela também o contaminou com o entusiasmo que tinha injetado na rede de lanchonetes. Beverly Highland, ao seu modo, ele admitia, era esperta e experiente.Jonas muitas vezes se perguntava onde ela tinha aprendido a interpretar as pessoas. Bob Manning saiu do assento do motorista e foi abrir a porta do passageiro. Jonas olhou pela janela e viu Beverly seguindo na direção do carro. Maggie, sua sempre presente acompanhante, seguiu para o terminal do aeroporto, sem dúvida para esperar por Beverly até que ela estivesse pronta para voar de volta para casa. Jonas não se surpreendeu por ela querer fazer aquela visita sozinha. Era o que ele também faria, se estivesse no lugar dela.

- Obrigada por telefonar, Jonas - disse ela ao entrar, quando Manning fechou a porta.

Deus, como ela era perfumada, Jonas pensou. Era uma fragrância floral que ele não conseguia determinar qual era. E ela parecia perfeita, como sempre, sem nenhum cabelo fora de lugar, nenhum amassado na roupa. Ele sabia que Beverly Highland tinha 42 anos de idade - viu a certidão de nascimento dela, mas, de outra forma, ele não teria como imaginar isso.

- Como foi a audiência? - ele perguntou.

- Foi bem,Jonas.Acredito que venceremos. Obrigada pelo seu excelente trabalho - ela lhe sorriu; de um modo triste, ele percebeu. - Leve-me até a minha mãe agora, por favor - ela disse baixinho em seguida.

Aquele era um cemitério protestante. Beverly não era religiosa, nem sua mãe o fora, mas ela ficou contente que alguém tivesse se importado o suficiente com Naomi Burgess a ponto de sepultá-la em território santo. A lápide dizia simplesmente: NAOMI BURGESS, 1916-1975, *Descanse em Paz.*

Beverly se ajoelhou e começou a arrancar as ervas daninhas no gramado. Uma lágrima rolou **pelo rosto.**

1975. Eu estava procurando por você. Estávamos tão próximas. Pouco mais de cem quilômetros de distância uma da outra. Vimos os mesmos poentes; sentimos as mesmas chuvas e ventos; lemos os mesmo jornais e ouvimos as mesmas músicas. Sinto muito por tê-la encontrado tarde demais...

Jonas a observava do carro, mentalmente castigando-se por não ter encontrado a mulher antes. Ele seria capaz de dar qualquer coisa para conseguir conceder à senhorita Highland ao menos alguns dias com a mãe. Naomi Burgess, porém, escondeu-se da polícia e esteve determinada a não ser encontrada. E foi só por não ter encontrado absolutamente nada nos dois últimos anos que Jonas decidiu seguir uma trilha drástica e radical. Primeiro ele fez com que seus investigadores pesquisassem as certidões de óbito do estado; depois, quando isso mostrou-se inútil, ele literalmente os fez vasculhar cada um dos cemitérios da Califórnia. Foi apenas um palpite, nada em que se basear, mas também não havia outra trilha para seguir.

E o palpite estava certo. Quando Jonas recebeu a ligação de que havia uma Naomi Burgess sepultada em um cemitério em Santa Barbara, ele sentiu seu coração subir até a garganta. Aquela era a última coisa **no mundo** que ele queria reportar para Beverly.

Ele a observou voltar para o carro. Anos atrás, ele se gabava de que as lágrimas das mulheres não o afetavam. Aquela regra ainda se aplicava com uma exceção: agora ele tinha de combater o impulso de ir para junto de Beverly e tomá-la nos braços.

Bob Manning dirigiu o Rolls pelas ruas de Santa Barbara, passando por mansões e complexos de apartamentos de dormitórios estudantis, até parar diante de uma velha casa de estilo vitoriano não muito diferente da casa de Hazel em San Antonio. Mas aquela casa não era vistosamente pintada, nem tinha música saindo pelas janelas; nenhum carro estacionado diante dela. Ela era mal conservada, com um gramado amarelado e uma **figueira cansa**da atrapalhando a entrada de carros com piso de pedriscos. A roupa estava pendurada no varal nos fundos; algumas crianças brincavam em um **tanque** de areia enquanto mulheres de aspecto cansado as vigiavam.

Beverly não saiu do carro imediatamente. Ficou parada olhando pela janela nela para a última morada da mãe. Havia uma placa meio apagada na varanda da frente. Estava escrito: ABRIGO PARA MULHERES SANT'ANA. Ela subiu os degraus afundados de madeira. A porta da frente estava aberta. De dentro vinham vozes de mulheres. Um telefone tocava sem que

ninguém o atendesse; um bebê chorava; a TV estava sintonizada em uma novela. Beverly entrou e olhou ao redor. Havia uma mesa na entrada cheia de panfletos e papéis mimeografados, literatura a respeito de diversos programas de caridade e casas de adaptação e números de auxílio aos drogados e aos suicidas. Havia um quadro acima da mesa em que avisos foram afixados, uma divisão de trabalho diária, e uma placa impressa muito tempo antes que dizia: NÃO EXISTE SER HUMANO SEM VALOR.

- Posso ajudá-la?

Beverly virou-se e viu-se diante de uma jovem no meio do corredor. Ela vestia jeans e uma camiseta e amparava um bebê no quadril. Ela também tinha um olho roxo e um curativo na testa.

- Eu gostaria de falar com a reverenda Drake, por favor.

- Claro! - disse a moça.- Ali está o escritório. Pode esperar lá.

Beverly entrou na saleta que estava lotada com uma mesa desarrumada, velhos arquivos de meta, e uma antiga máquina de escrever Remington. Nas paredes, estavam grudadas fotos de mulheres e de crianças, de todas as idades e em diversas poses, e certificados, cartas e outros pedaços de papel que amarelavam e se curvavam nas pontas. Sobre a escrivaninha havia um crucifixo simples. Ao lado dele, uma pintura de Sant'ana.

Jonas encontrou aquele lugar. Fez algumas perguntas no cemitério e

descobriu que a reverenda Drake enterrou Naomi Burgess lá, e que a reverenda administrava um abrigo para mulheres. Jonas também descobriu que a reverenda Drake fundou aquele lugar quinze anos antes e o administrava somente com as contribuições locais. Que aquela era uma casa pobre estava evidente mesmo sem as investigações de Jonas.

Mas abrigou a mãe de Beverly. Foi ali que ela viveu os últimos dias de sua vida.

- Olá - disse uma voz da soleira. - Sou a reverenda Drake. Como posso ajudá-**Ia?**

Beverly virou-se para a mulher que Jonas havia descrito. Mary Drake, uma ministra ordenada oficialmente na fé Protestante, estava em seus cinquenta anos, magra, completamente grisalha, e vestia jeans e camiseta, como se aquele fosse o uniforme da casa. A única variação era uma grande cruz pendurada ao redor do pescoço que pendia em seu peito.

- Sou Beverly Highland. Acredito que esteja me esperando.

- Ah, sim, senhorita Highland! Por favor, sente-se! - Mary falava um tanto sem ar,como se tivesse acabado de correr ou tivesse sido interrompida em um coral vigoroso. - Quando Melanie disse que havia alguém aqui para me ver, e obviamente não era ninguém à procura de abrigo, rezei para que essa pessoa tivesse vindo para fazer uma contribuição! O Dia de Ação de Graças está chegando, e sempre temos a casa aberta e uma refeição grátis para quem quiser entrar. Ainda tenho de comprar cem perus e não há dinheiro para isso! — Mary sorriu abertamente e seu rosto se partiu em milhares de rugas. — Mas quem sabe não possa fazer uma contribuição de qualquer forma? Bem, mas vamos lá — disse ela cruzando as mãos sobre a mesa. - Em que posso ajudá-la?

Beverly explicou de maneira sucinta sobre a sua longa busca pela mãe e como essa luta acabou no cemitério.

— Sim. A querida Naomi. Todos ficamos tristes quando ela faleceu. Mas não foi uma surpresa. Ela estava muito doente quando se juntou a nós. Sua mãe era alcoólatra, sabia disso?

—Pode ser. Ela já devia ser quando eu era criança, não me lembro.

—Naomi costumava falar de você o tempo todo. Apesar de que eu me lembro de ela a chamar de Rachel. De qualquer forma, ela tinha muito orgulho de você e jurou que você conseguiria vencer na vida. Muitas vezes me perguntei por que ela não a procurava, mas nunca fazemos perguntas aqui. Muitas mulheres estão fugindo de maridos ou pais abusivos e não querem ser encontradas.

—Diga-me, reverenda...

— Por favor, pode me chamar de Mary! A maioria das pessoas não se sente à vontade com o fato de eu ser uma ministra ordenada. É por isso que eu não tenho uma igreja. A paróquia de onde vim simplesmente não conseguiu se ajustar a esse fato. Por algum motivo, mulheres sacerdotes incomodam as pessoas. Só não entendo o porquê. Em nenhum lugar da Bíblia está escrito que as mulheres não podem ser sacerdotes. E elas eram, sabe, há muitos séculos, antes de os homens assumirem o controle - ela sorriu novamente. Era um sorriso energético, contagioso, e Beverly se sentia reconfortada em saber que a mãe passou os últimos anos de vida na companhia daquela mulher.

—Conte-me, Mary, como minha mãe veio para cá. Eu gostaria de saber.

Mary suspirou e se recostou na cadeira.

— Naomi não estava bem. O último homem com quem ela havia ficado tinha sido muito duro com ela Sua mãe tinha uma capacidade enorme para o amor, e, no entanto, ela parecia sempre acabar ligada a homem que abusavam dela. Mas essa é uma história muito conhecida entre estas paredes. Estávamos limite de nossa capacidade na época... Acredito que era 1972. Não tínhamos mais leitos. Até mesmo os sofás estavam tomados. Ela não se importou. Estava tão desesperada e cansada que só queria descansar. Ela dormiu na cozinha, em um saco de dormir. Beverly abaixou o olhar para as mãos.

- Ela ficou conosco durante três anos - Mary Drake disse com suavidade. - E, nesse tempo, todos aprendemos a amá-la. Ela era a nossa cozinheira. E que dádiva de Deus! Eu era a cozinheira antes disso, sabe, e nunca fui muito boa nisso. A sua mãe fazia os mais fantásticos hambúrgueres!

O sorriso de Mary suavizou-se.

- Mas Naomi foi mais do que isso. Era como se ela estivesse sempre à procura de um modo de dar vazão ao seu amor. Entenda, muitas mulheres chegam aqui doentes ou machucadas. Os casos mais graves eu levo para o hospital. Mas fui enfermeira, há muito tempo, e tenho um bom estoque de material de primeiros socorros. A sua mãe assumiu a função de cuidar dos doentes, trazendo-os de volta à saúde, tentando encorajá-los a não voltar para a vida de antes; ainda que, infelizmente, a maioria voltasse. De qualquer forma, sua mãe foi uma força positiva e amorosa dentro dessas paredes. Nós ainda sentimos muitas saudades dela.

Beverly enxugou uma lágrima.

- Fale-me a respeito dessa casa.

Mary Drake lhe contou a história de como, tendo sido rejeitada em uma paróquia conservadora, ela se voltou para fazer aquilo que sempre mais quis: ter uma casa para amparar mulheres abusadas. O aluguel da casa era bem baixo, e ela recebia contribuições dos cidadãos locais. Contudo, havia mulheres demais necessitando de ajuda, e a casa podia acomodar apenas um número limitado, e muitas estavam grávidas ou tinham filhos pequenos, estavam assustadas, fugindo sem dinheiro, muitas vezes sem nem mesmo uma troca de roupa.

- Recebemos roupas de segunda mão - Mary explicou. - Eu publico uma nota no jornal pedindo que as pessoas doem suas roupas velhas. Infelizmente, a minha pequena operação não consegue bancar a publicidade que o Exército de Salvação e o Goodwill têm. Quando as pessoas doam coisas ou contribuem com dinheiro, elas primeiro pensam nas grandes instituições. Mesmo assim, conseguimos sobreviver. Há um psicólogo na cidade que cede duas tardes por semana para aconselhamento. Tenho um amigo médico que passa sempre que tem tempo. Veja, senhorita Highland, as doações surgem de diversas maneiras. Precisamos do tempo, do dinheiro, da habilidade das pessoas, de roupas, de alimento, até mesmo de fraldas!

O telefone tocou. Mary o atendeu e falou rapidamente, assegurando a Beverly de que tudo o que ela fazia era feito com pressa. Quando desligou, a reverenda Drake disse:

-Era o supermercado para falar dos meus perus! Ele disse que pode doar apenas cinquenta! E eu preciso de cem! — ela sorriu. — Quando o assunto é alimentar as minhas garotas, senhorita Highland, eu deixo o meu orgulho de lado. Por isso, eu lhe pergunto, a senhorita acha que pode contribuir na compra desses perus para nós?

- Claro que posso.

Uma jovem entrou apresada.

- Reverenda Mary! Cindy está tendo contrações!

- Ah, meu Deus. Pode me dar licença um segundo, por favor?

Enquanto ela esperava pela volta de Mary Drake, Beverly pegou o talão de cheques e ficou olhando para ele. Sentiu a casa velha ao seu REDOR SENTIU velhos odores, sentiu as esperanças e os sonhos frágeis. Não era muito diferente do estabelecimento de Hazel; as mulheres que viviam entre aquelas paredes, Beverly sabia, teriam histórias semelhantes para contar, como a de suas irmãs do passado. E então ela pensou na mãe, assustada, escondendo-se da polícia, tentando encontrar abrigo. Como teria sido para ela esfaquear o homem que amava por não suportar mais tanto abuso, e depois fugir, sozinha e assustada?

A garganta de Beverly contraiu-se. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

Se ao menos eu tivesse encontrado você! Eu a teria levado para casa! Eu a teria feito ficar bem! E agora poderíamos estar sonhando juntas, assim como fazíamos há tanto tempo...

Quando Mary voltou para o escritório, ela estava sem fôlego de novo.

- Pobre Cindy! É o primeiro filho dela e ela está aterrorizada. Não está com contrações. Só um pouco de náuseas. Ela só tem quinze anos, MAS TEM cuidado de si sozinha desde os onze. Um bom samaritano a trouxe para cá no mês passado quando a flagrou pegando carona na autoestrada da Costa. Ela lhe tinha oferecido sexo em troca de comida.

Ela olhou para a visitante, que fungava silenciosamente enxugando os olhos com um lenço.

- Não tenho como agradecer pelo que fez por ela - Beverly pegou uma caneta de ouro da bolsa e tirou a tampa. - Diga-me. Quantas mulheres aparecem à sua porta pedindo ajuda?

- Mais do que pode imaginar. E os números só crescem. E eu tenho um arranjo recíproco com algumas casas de fugitivos e de recuperação de drogados. Tentamos ajudar uns aos outros quando há excesso em um dos lugares. - De quantos leitos vocês precisam? Mary riu.

- Pelo menos dez vezes mais do que temos agora! Há uma casa dilapidada no fim da rua na qual venho tentando colocar as mãos. Há tempos está à venda e o proprietário não tem recebido oferta alguma. Venho conversando com ele para que ele nos deixe usá-la em troca do conserto e da manutenção da propriedade. Ele é um velho teimoso, mas acho que estou conseguindo amolecê-lo. Ele pode até acabar nos dando a casa só para que eu o deixe em paz! Sei ser bem persuasiva quando quero alguma coisa!

- Fiz este cheque em seu nome — Beverly disse ao entregar a folha preenchida. - Eu não sabia se a instituição tinha uma conta no banco.

- Obrigada, senhorita Highland. A senhorita é a resposta às minhas preces. Beverly assentiu e estendeu a mão. - Preciso ir agora. Agradeço por ceder seu tempo e conversar comigo depois de todos esses anos cuidando de minha mãe. Mary segurou a mão dela e a apertou. - Eu sei. Eu entendo — ela levantou o cheque e sorriu. — O Senhor tem seus caminhos misteriosos. Primeiro traz Naomi Burgess para esta casa, e depois a filha dela. Com este dinheiro, senhorita Highland, nós conseguiremos oferecer um belo jantar de Ação de Graças para mulheres que, de outro modo, não... Ela encarou o cheque. Sentou-se lentamente e exclamou:

- Bom Deus nos céus! Estou sonhando ou este cheque é de 500 mil dólares?

- Quero que construa uma casa nova. Quero que a construa do modo que sempre quis que ela fosse: moderna, limpa e cheia de amor, e que, assim, consiga abrigar todas as mulheres que necessitarem. Contrate a equipe que precisar, torne este lugar um lar em que as mulheres encontrem abrigo e possam se recuperar dos abusos sofridos. Enviarei os meus advogados para ajudá-la a tornar isso realidade. Acha que pode fazer isso?

—Fazer isso? — Mary exclamou, olhando para o cheque e balançando a cabeça. — É claro que eu posso fazer isso! — lágrimas inundaram-lhe os olhos. — Louvado seja Deus em sua misericórdia...

Enquanto caminhavam para o carro alguns minutos mais tarde, para o Rolls-Royce Silver Cloud que a aguardava, onde algumas crianças e jovens ficaram timidamente admirando-o, Beverly disse:

— Conte-me, Mary, como se envolveu nisso? Quero dizer, por que escolheu esse tipo específico de trabalho?

Mary levantou a cabeça para o sol, e semicerrou os olhos.

—Fui casada há muitos anos. Meu marido batia em mim com regularidade. Não sei por que eu suportava aquilo, mas eu ficava com ele mesmo assim. E então, uma noite, ele ficou embriagado e socou a cabeça do meu filho. Peguei meu filho e fugi. Fui para um abrigo administrado por um padre. Foi lá que recebi o chamado de Deus.

—E o seu filho?

— O golpe na cabeça provocou danos irreparáveis ao seu cérebro. Ele vive em uma instituição agora.Tem trinta anos de idade e nem sabe o seu nome.

Perto do carro, Mary se virou e segurou as mãos de Beverly. Seus olhos estavam úmidos e ela disse:

- Talvez eu tenha dado início a esta casa para pagar por esse meu pecado, não sei. O que sei é que Deus a trouxe até aqui hoje para atender as minhas preces. Vou batizar o meu novo abrigo de Abrigo para Mulheres Beverly Highland.

— Não. Quero que ele seja o Abrigo para Mulheres Naomi Burgess. Minha mãe nunca conseguiu encontrar dignidade em vida, mas, **pelo menos,** depois da morte ela terá.

—

37

As luzes fortes da sala de operação brilhavam sobre o corpo inconsciente coberto pelos lençóis verdes. Não havia som algum a não ser o do exaustor do anestesista e do bipe constante do monitor cardíaco. Havia quatro pessoas ao redor da mesa; todas vestidas de verde e usando máscaras brancas de papel. O mais alto, o cirurgião, suava tão profusamente que a enfermeira teve de enxugar o suor da fronte com um pano. O ar estava carregado de tensão. O medo era comunicado por meio dos olhares de cada membro da equipe cirúrgica. No rosto deles estava evidente que se aquele paciente importante morresse, aquilo seria o início de uma crise internacional.

- Bisturi - disse o cirurgião. A enfermeira chefe entregou-lhe o instrumento. Ele o posicionou para fazer a primeira incisão.

- Um minuto - disse a doutora Markus de seu posto, no canto. Ela caminhou até a mesa, tirou o bisturi da mão do homem e disse: - Não foi assim que eu lhe mostrei como segurar um bisturi. Você não vai fatiar um salame, peIo amor de Deus!

- E que diferença isso faz! - gritou o cirurgião. - Quem se importa com isso?

- Eu me importo! replicou ela, jogando o instrumento no chão.

- Corta! - disse uma terceira voz. — Corta, corta, corta! Doutora Markus? Posso falar com a senhora um instante?

Ela lançou um último olhar na direção do homem com roupa cirurgião, depois girou sobre os calcanhares e saiu do estúdio de filmagem.

- Doutora Markus, minha cara - disse o diretor, aproximando-se e pegando-a pelo cotovelo. - Percebe que se continuar a interromper desse jeito, nós nunca vamos terminar de filmar essa cena?

-Aquele homem é um idiota! Não se segura um instrumento cirúrgico daquele modo. A mão precisa ficar em posição de pinça. Quantas vezes eu tenho de dizer isso para ele?

- Doutora Markus, querida - disse simplesmente o diretor, afastando-a do set de filmagem. - Qual é o problema? É só um programa de televisão.

Ela o fitou exasperada.

- Preste atenção. Barry Greene contratou-me para eu ser a conselheira técnica. Se não segue os meus conselhos técnicos, então o que estou fazendo aqui?

- Ora, ora, acalme-se...

Ela lhe deu as costas e foi embora.

Linda vivia em Malibu em uma casa construída na lateral de um despenhadeiro, à beira do mar. Toda vez que a maré subia, ela sentia a casa balançar com as ondas batendo nas estacas. Um jato fino molhava o deque de madeira do lado de fora e a casa ficava repleta do cheiro de água salgada. Era uma casa antiga e pequena, e custava meio milhão de dólares.

A casa estava tremendo na noite chuviscante de abril enquanto Linda esperava pela chegada de Barry. O Pacífico parecia ter levantado um cerco contra os pilares, como se estivesse determinado a levá-los ao chão. O oceano estava vivo em seu ritmo constante e impetuoso; parecia estar conversando com Linda com suas grandes ondas de espuma e depois com os espirros quando a maré recuava. Enquanto ela andava pela sala, onde Beethoven competia com o som do mar, Linda pensava no mundo oceânico logo abaixo, onde caranguejos e algas circundavam os esteios da casa. Ela pensou nas tantas noites em que ficou deitada na cama, escutando o oceano, refletindo em sua solidão. Linda não escolheu levar uma vida solitária, isso apenas aconteceu. Ela tentou fazer os dois casamentos darem certo, TENTOencontrar alguém para quem pudesse se devotar, mas sempre **aquela sua** parte vital, a parte sexual que desejava e se entregava, congelava-se ao toque de um homem. E relacionamentos íntimos não tinham como sobreviver a tal geleira.

Ela olhou para o relógio sobre a lareira. Já fazia uma hora desde que Barry havia telefonado, pedindo para que não agisse abruptamente — ela tinha entregado o pedido de demissão do programa *Five North* - e dizendo que queria conversar a respeito. Por isso, ela o convidara para ir até lá, para o seu chalé dispendioso na chuvosa autoestrada da Costa do Pacífico.

E então ela ouviu a campainha da porta. Ele estacionou o Porsche ao lado da sua Ferrari e estava parado debaixo da chuva fraca de abril com os braços cheios de sacolas. Ele parou no Vicent Foods e comprou filés, pão francês e uma garrafa de champanhe; e foi quando Linda viu tudo isso, quando ele espalhou o conteúdo das sacolas no balcão de sua pequena cozinha, que ela soube o real motivo que o fizera vir até ali, e por que ela o convidara.

A discussão a respeito do programa só durou cinco minutos: enquanto se sentava perto da lareira na sala de estar, ele a persuadiu a ficar, prometendo que tudo seria do jeito dela, observando a chuva cair no deque de madeira.

- Direi a ele que ele tem de fazer exatamente o que você disser. O homem sabe ser chato...

Então uma conversa relaxada enquanto Barry mantinha as taças cheias.

Linda tentou relaxar; forçou-se a sorrir, ouvir e rir de vez em quando. E permitiu que o champanhe surtisse efeito. Afinal, decidiu ela ao chutar os sapatos e encolher as pernas debaixo do corpo, Barry Greene era um homem atraente. E era um homem à vontade

com o seu poder. Ele nunca era arrogante ou intimidador com o poder que tinha; Barry usava o seu poder com cautela. O que Linda considerava muito atraente.

Ele também era engraçado.

-Já lhe falei do meu primo Abe? - perguntou ele quando o champanhe acabou e ele veio da cozinha com uma garrafa do vinho preferido de Linda. Sentou-se ao lado dela no sofá e serviu as taças. — Abe estava atravessando o país de trem, e ele estava em um dos vagões-leito. Uma noite, ele tentava dormir no leito de cima, mas não conseguia porque a mulher deitada embaixo ficava dizendo sem parar: "Ah, que calor que eu sinto. Ah, que calor que eu sinto.". Depois deum tempo,ele saiu pelo corredor, pegou um copo no bebedouro, levou-o de volta para o seu compartimento, **abriu as corti**nas e despejou a água no leito de baixo. Depois disso, ele **subiu novamente,** ajeitou-se confortavelmente e bem quando estava para **começar a dormir, a** voz de baixo disse: "Ah, que calor que eu sentia.".

Linda gargalhou e pegou a taça de vinho. Notou que já não estava com vontade de comer, os filés ficariam na geladeira.

-Então-disse ele ao olhar ao redor.-Lindo lugar você tem **aqui. Apos**to como pagou os olhos da cara.

- Mais ou menos isso. E achei que tive sorte por conseguir comprá-la.

-Você poderia pedir **1** milhão por ela e ainda acabaria **vendendo-a antes** mesmo de afixar a placa de vende-se.

- O despenhadeiro está erodindo lentamente. Mas **ninguém parece** se importar. Um dia desses, todas essas casas estarão flutuando a caminho do Havaí.

- Já esteve no Havaí?

- É onde fiz a minha residência,no Hospital Great Victoria, em Honolulu.

- Está brincando? O que a fez se decidir pela cirurgia?

Visões surgiram na mente de Linda: salas de operação, cirurgiões, enxertos de pele dolorosos e de peritos tentando reconstruí-la depois do acidente sofrido quando ela era criança.

- Imagino que para provar que eu conseguiria. A minha melhor amiga é pediatra. Ela não queria ser, queria ser patologista, mas **sucumbiu à pressão** familiar e à lavagem cerebral da equipe da nossa faculdade. Estudantes de medicina do sexo feminino são orientadas veementemente as chamada especialidades femininas: ginecologia, dermatologia e clínica geral.

- Na época em que vivemos?

Ela riu.

- Exatamente. As médicas ainda têm de se esforçar muito, **apesar do au**mento da conscientização das duas últimas décadas.

- Lembro-me de quando meu filho teve de passar pelo exame **médico** do acampamento de verão. Ele tinha doze anos e quando descobriu que seria uma médica, ele se recusou a ir. Minha esposa o informou que ela e as irmãs dele iam a médicos do sexo masculino há anos sem poderem reclamar, então era a vez dos meninos passarem por isso - Barry riu - Ele foi, mas não gostou nada, nada.

- Eu não sabia que você era casado.

- Não sou. Nos divorciamos há dez anos.

- Também sou divorciada.

- o que aconteceu?

- Não deu certo.

Os dois se silenciaram. Linda observava as labaredas na lareira, enquanto Barry fitava.

- Não consigo acreditar que esteja sozinha — disse ele com suavidade. — Uma mulher maravilhosa como você.

Ela se virou e o encarou. Ela gostou de como a luz do fogo brincava com os ângulos do rosto dele.

- Não estou sozinha agora, estou?

Ele esticou o braço e a tocou.

- Não. Não está.

Linda sorriu. Sentia-se quente e sonhadora. A chuva caía tão forte que parecia um rugido no teto. O oceano estava movimentado, fazendo a casa estremecer. O mundo externo estava frio e hostil, mas a sala de estar de Linda estava confortável e segura, e tomada por uma luz alaranjada. Ela se sentiu relaxar. Barry se aproximou. Quando começou a beijá-la, não foi de modo apressado, sexual, mas sim lento, carinhoso, como se aquilo fosse tudo o que quisesse fazer. Mas, claro, não era só aquilo que ele queria fazer. Ele logo inseriu a mão em sua blusa; ela o envolveu pelo pescoço. Aquilo parecia bom e certo para ela; ela *realmente* o desejava. - Vamos para o quarto - susurrou ele. **A** empregada de Linda tinha dobrado os lençóis, como de hábito, já que a doutora Markus sempre chegava muito tarde. Por isso, parecia como se Linda tivesse antecipado aquilo. Barry se excitou. A urgência tomou posse dos beijos. As mãos se moveram mais rapidamente e com um propósito.

- Espere... — Linda pediu ao se levantar da cama e apagar a luz do teto. Ele se aproximou por trás, escorregando as mãos para os seios e beijando-a na nuca. Ela começou a se sentir tensa. Afastou-se e foi para a janela, fechando as cortinas para bloquear a luz que vinha da lâmpada no deque. O quarto ficou imerso na escuridão. Ela foi para os braços de Barry. Beijou-o. Pressionou-se ao seu encontro. E forçou um gemido. E começaram a se despir apressadamente.

Mas assim que as calças dele caíram e ela estava só de calcinha, Linda notou que a luz do banheiro estava acesa e que parte dela iluminava o quarto.

Ela se afastou e fechou a porta. Agora sim a escuridão era absoluta e Barry não conseguia encontrá-la.

—Ei — disse ele com suavidade. — Precisamos de um pouco de luz, sabe.

— Prefiro assim - respondeu ela ao se deitar na cama. Só então ela conseguiu tirar a calcinha, agora que ele não conseguiria enxergá-la, agora que estava completamente a salvo do olhar dele. Aquele era o único modo que Linda conseguia fazer amor, na escuridão total. Era algo a que ela estava acostumada. Ela conhecia seu quarto de cor. Sabia onde tudo ESTAVA CAMA, a poltrona, o rack da TV.

Mas Barry não.

Linda ouviu o som de uma topada e depois a exclamação de Barry:

— Ai! Meu dedo! Caramba!

Ela se sentou e esticou a mão na direção dele.

—Por aqui...

—Desculpe, querida - disse ele. - Mas eu preciso ter um pouquinho de luz.

E antes que Linda conseguisse detê-lo, ela ouviu o clique no interruptor e a quarto ficou todo iluminado.

Ela deu um grito e puxou a colcha sobre o corpo.

-Aí está você - disse ele, sorrindo ao mancar em direção À CAMA. MAS quando ele tentou segurá-la nos braços, Linda enrijeceu.

—Qual é o problema? - perguntou ele.

E foi então que ela soube. Aquilo era inútil. Ela não conseguiria dar continuidade. A luz, o dedo machucado dele, estava tudo errado. Todo o desejo sexual desaparecera, como em tantas outras vezes no passado, em um ponto ou outro da relação sexual, contra a vontade de Linda, mesmo quando o que ela mais queria era ir até o fim. Mas seu corpo a traía. A mente queria fazer amor; o corpo gelava. E agora só de pensar em Barry em cima do seu corpo, penetrando-a, enchia-se de um pavor muito conhecido.

Ele a encarou.

—O que foi, Linda?
—Desculpe-me — murmurou ela.
—Desculpar? Pelo quê?
—Não posso.
—Por que não?
—Simplesmente não posso, é isso
Ele pôs a mão no ombro nu dela Ela se retraiu.

- O que está errado, Linda? - perguntou com suavidade. — Sou eu?
- Não, sou eu. Eu prefiro que vá embora agora, Barry.
- Por que não falamos sobre isso? Talvez possamos dar um jeito.
Ela balançou a cabeça, sem conseguir falar, com raiva e mágoa, sentindo-se humilhada, e mentalmente punindo-se por ter tentado cedo demais.

38

As pessoas sentadas na mesa ao lado estavam discutindo.
Jessica tentou não parecer muito óbvia, mas queria saber como eles eram.
Uma planta enorme em um vaso estava entre as duas mesas; ela virou a cadeira ligeiramente para poder espiar entre a folhagem. Um homem e uma mulher, na casa dos quarenta, estavam envolvidos em uma discussão acalorada, e nenhum deles parecia se importar em estar sendo ouvido. Diziam coisas terríveis um para o outro. A mulher estava à beira das lágrimas. O homem tinha os punhos cerrados. Eram casados, Jessica deduzira pelo que eles diziam, com filhos adolescentes e uma criança ainda pequena.
— Como pode fazer isso conosco? - Jessica ouviu um dizer. - Como pode simplesmente sair e abandonar um casamento de dezoito anos? Como as crianças ficarão sem você?
Estavam se separando. Estavam se divorciando porque um deles se apaixonara por outra pessoa mais jovem e queria, parecia a Jessica, recomeçar a vida.
-Ainda soujovem-foi a explicação.- Mas não terei 42 anos para sempre. E não te amo mais.
— Você está se ludibriando, desistindo de mim por alguém quase vinte anos mais jovem do que você disse a outra voz.
—Por favor, não me deixe foi a súplica final, e Jessica virou-se rapidamente, triste por eles, envergonhada de ter ouvido, e perplexa ao perceber que era a esposa que estava abandonando o marido por um homem mais jovem.
—- Jessica? Já sabe o que quer?
Ela olhou para John. Ele tinha quarenta anos e era muito atraente. A luz de velas do restaurante fazia coisas interessantes nos fios escuros e nos grisalhos.
- Eu, hum...— ela começou a dizer, abrindo o cardápio. John se virou para a terceira pessoa à mesa, um homem a quem John queria muito impressionar por motivos de trabalho, e disse para ele:
- Minha esposa gosta de ouvir as conversas privadas dos outros.
- Sou interessada pela natureza humana — disse ela na defensiva.
John riu.
- Admita.Você é uma abelhuda.
O garçom aproximou-se vestindo uma espécie de camisa havaiana e bermudas, e lançou um sorriso charmoso para Jessica.
< - O que vão querer? Ele poderia trabalhar no Butterfly, ela pensou. Ele seria perfeito.
- Jessica? — John a chamou. — Estamos esperando. O que você quer? Ela olhou para o cardápio.
< - Costelas, por favor, mal passadas, com batata assada.

< - Quer tudo com a batata, senhora? Manteiga, creme azedo, molho de queijo? John se adiantou e disse:

- Troque a batata por tomate fatiado para senhora, por favor — ele sorriu para ela.

Ela sentiu o rosto arder e desviou o olhar, fingindo estar interessada nos barcos na água. Butte*rfly*...

Não voltara mais lá. Não depois do encontro com o cowboy de suas fantasias. Em parte por ter estado muito ocupada depois do sucesso do caso de Latricia Brown; os telefones de Fred e de Jessica não paravam de tocar; a firma Morton e Franklin estava assinando com mais clientes do que conseguiriam lidar, por isso estavam entrevistando novos advogados e pensando em expandir o escritório. Mas o outro motivo que a fez ficar afastada do Butterfly foi o modo como se sentiu nos dias que se seguiram ao seu encontro no bar do Western.

A noite com "Lonnie" havia sido fabulosa. Exatamente como nos seus sonhos. E por um tempo, ela se sentiu leve e solta, positivamente satisfeita. Mas depois, quando a euforia inicial se desgastou e ela voltou a operar no mundo real, começou a sentir as dúvidas e as incertezas voltando. Ela sentiu uma espécie de confusão a respeito dos próprios sentimentos - ter feito amor de modo tão fantástico, mas com um homem a quem não AMAVA! - E também um pouco de medo. O medo, ela sabia, vinha da culpa. A sua boa e velha consciência católica, inculcada desde a mais tenra juventude por freiras e padres que a assustaram com visões do inferno, subitamente voltaram. O que ela fez tinha sido pecaminoso.

E, com isso, Jessica viu-se impedida de voltar ao Butterfly, e decidiu não retornar até ter resolvido tudo aquilo na mente e no coração.

- Então, senhora Franklin, deve conhecer muitas pessoas famosas.

Ela olhou para o homem do outro lado da mesa. Por um instante, ela não conseguiu se lembrar do nome dele. Entrou em pânico. John ficaria furioso. Ele havia enfatizado a importância daquele jantar para ela, a importância para que ela causasse uma boa impressão porque aquele homem, **que pode**ria injetar muito dinheiro na empresa de John, insistia que as pessoas com quem ele lidava fossem estáveis em suas vidas particulares.

O nome dele era escandinavo... Ela olhou de relance para **John, antes de** responder:

- Sinto, mas a maioria dos meus clientes é de pessoas por trás das cenas, senhor... — ela apanhou o *mai tai* e sorveu-o. — ... Rasmussen. Roteiristas, agentes, diretores de elenco... Bem poucos dos meus clientes são conhecidos pelo público.

O homem riu e disse:

- Minha esposa é viciada em *Five North.* Aquela Latricia Brown certamente é uma excelente atriz. Li tudo a respeito de como **a senhora lutou** para que ela continuasse no programa.

Jessica conseguiu sentir o descontentamento de John **aumentar. Embora** ele continuasse relaxado na cadeira, mexendo casualmente no **drinque, ela** percebia o crescente aborrecimento.

- De qualquer forma, o meu trabalho não é tão **glamouroso como as** pessoas pensam. Por certo podemos falar de algo mais interessante!

Os dois homens passaram a falar de corridas e maratonas, de rendimentos cardíacos ideais, e de uma empresa rival enquanto Jessica **permanecia em** silêncio fazendo exatamente o que era esperado dela: ser a **esposa adorável** e graciosa de John.

E tudo o que ela **mais queria era** não estar ali.

- Diga-me uma coisa, senhora Franklin — o senhor Rasmussen disse quando o jantar foi servido. - O que pensa sobre Danny Mackay? Acredita que ele chegue até a Casa Branca?

- Eu gostaria de vê-lo lá — disse John, respondendo por ela. — E acredito que ele tenha boas chances. Nós certamente votaremos nele.

- Eu não pretendo fazer isso - discordou Jessica. - Não gosto de Danny Mackay.

John lhe lançou um olhar surpreso.

- Desde quando você se interessa por política?

Sempre *me interessei. Você só deduziu que eu não me interessasse. O jo*vem garçom se aproximou e John recusou sobremesa para ele e para Jessica.

Quando terminavam o café e John pagava a conta, o senhor Rasmussen voltou-se para Jessica e perguntou:

- Então me diga, acha que pode conseguir um autógrafo de Latricia Brown para a minha esposa?

ATRÁS dela, o casal que havia discutido, levantou-se abruptamente e deixou o restaurante. A esposa estava chorando.

- John — Jessica disse enquanto ele dirigia pela autoestrada da Costa do Pacífico. - John, acho que temos de conversar. - Claro, querida. Sobre o que quer falar?

EIa olhou pela janela. Uma neblina densa envolvia a estrada; as curvas eram perigosas ali, mas John conduzia o BMW com habilidade. Aquele trecho era bastante conhecido pelos acidentes que aconteciam.

- John, eu gostaria que procurássemos uma terapia de casal.

- O quê? - ele a fitou rapidamente, depois voltou a olhar para a estrada. Ele riu. -Terapia de casal! Para quê?

- Eu... Eu não acho que as coisas estejam bem entre nós. - Claro que estão! - ele a afagou no joelho.-Você só está cansada. - Eu quero muito que a gente procure algum tipo de aconselhamento, John. Se eu marcar uma hora, você me acompanha?

- Não. É você quem acha que temos problemas. Resolva você isso.

Pelo tom de voz dele,Jessica sabia que o assunto estava encerrado. E ela não quis começar uma discussão no meio daquela **estrada** perigosa. Por isso, continuaram em silêncio até em casa, e ela foi direto para a cama enquanto John cuidava de uma papelada.

E agora ela estava no escritório, perguntando-se como era possível ser tão capaz naquela esfera, tão controlada entre leis e cortes e documentos, enquanto como esposa de John Franklin ela era... Bem, **ela eu a esposa de** *John Franklin.*

Ken, o recepcionista, entrou com uma caixa de *donuts. Quando ele lhe* ofereceu um, ela levantou a mão e disse:

— Nada para mim!

Mas quando ele guardou a caixa na pequena saleta atrás dos escritórios, Jessica começou a sentir uma necessidade pungente de comer um.

Tentou trabalhar. Forçou a mente por caminhos legais e lógicos. Fez telefonemas, ditou cartas, fez pesquisas na biblioteca. Mas os *donuts voltavam* à sua mente.

Estava com fome. Na noite anterior, mal havia tocado na comida. De manhã tinha tomado apenas café preto. Agora era quase meio-dia e ela estava começando a se sentir tonta. Foi para o banheiro, fechou a porta e lavou o rosto. Depois recuou um passo e se inspecionou no espelho. Aquele era um dos **seus ternos** menos atraentes, aquele que John dizia que a deixava gorda. E era verdade.

Mas talvez isso acontecesse porque *estava* gorda.

Jessica subitamente ficou em alerta. Estaria ganhando peso **novamente?** Quando se pesou pela última vez? Virou de um lado, do outro, **avaliando o** seu reflexo, descontente com o que via. Pensou nos *donuts; no de maça e* canela, em especial, aquele enorme, crocante e coberto de açucar. A boca salivou. Estava com tanta fome.

Apressando-se para fora do banheiro, entrou na saleta, rezando para que nem Fred, nem nenhuma das secretárias o tivessem pegado. **Jessica viu a** caixa aberta. Havia migalhas ao redor. Apressou-se para olhar seu conteúdo.

O alívio a assolou. O de maçã ainda estava lá.

Pegando uma toalha de papel, ela o envolveu cuidadosamente, e o levou para a sua escrivaninha, onde ele aguardaria enquanto ela trabalhasse, antecipando a delícia de saboreá-lo, deixando-o para o meio da tarde, **quando** pudesse de fato apreciá-lo...

Jessica parou.

Olhou horrorizada para o montinho no papel toalha.

Estava acontecendo de **novo!**

Treze anos antes, como caloura na UCSB, Jessica Mulligan, esquelética e morrendo de fome, havia desenvolvido um ritual grotesco com *donuts.* Ela passava dias sem comer

nada, depois corria para a União Estudantil assim que donu*ts* frescos eram servidos, comprava uma dúzia de rosquinhas de manteiga e açúcar, corria apressada de volta ao dormitório, trancava a porta, e devorava os doze de uma vez, rápido, como uma criminosa temendo ser flagrada no ato. Depois se livrava do guardanapo, limpava as migalhas do chão, lavava as mãos e o rosto e passava os dias seguintes em jejum, punindo-se pelo seu excesso.

Um ano de terapia, depois da hospitalização por anorexia — na qual a alimentaram à força -, tinha ajudado Jessica a aceitar o seu problema e a aprender como controlá-lo.

E lá estava ela novamente, anos depois, tendo uma recaída. De repente, ela sentiu muito medo.

- Fred - disse ela ao entrar no escritório dele. — Tenho de resolver um assunto.Vou tirar a tarde de folga. Acha que aguenta as pontas sozinho?

- Claro, Jess - respondeu ele, prestando atenção nela. - Algum problema? Você parece bem.

- Estou bem. Se alguém ligar com algum assunto urgente, bem... Não poderei atender.

Ela dirigiu mais rápido do que de costume, parou no primeiro posto de gasolina que viu e discou o número do Butterfly. Sua ligação foi breve:

- Aqui quem fala é Jessica Franklin. Gostaria do mesmo hoje. Em uma hora está bem?

Depois ela foi para Malibu, onde passou meia hora andando na praia, tentando se descobrir em meio à areia, ao vento e às ondas.

Racionalmente, ela sabia que não era gorda. Com 1,62 metro de altura, Jessica só pesava cinqüenta quilos. E mesmo assim, quando se olhava no espelho ou em fotografias, ela enxergava uma mulher obesa. E sentia um medo horrível de engordar. Já era hora de acertar as contas com esse medo, ela concluiu afundando os dedos na areia molhada.

Jessica virou de frente para a imensidão do Pacífico e estreitou o olhar para o horizonte.

Nos tempos de faculdade, sua colega de quarto, Trudie, tinha improvisado um tipo de jogo para ajudar Jessica a entendei seus medos e fazê-la enfrentá-los, e, com isso, encontrar um modo de deixá los de lado.

—O que é "gordo"? -Trudie lhe perguntou. Estavam sentada no quarto com a porta fechada, bloqueando os sons de vida e alegria no corredor e da chuva contra as janelas. - Diga-me, Jess, o que você entende "gordo" O que isso representa para você?

E Jessica se surpreendeu com a ladainha que subitamente recitara.

— Gordo é comodismo. Gordo é descontrole. Gordo é falta de inteligência. Gordo é indecente. Gordo é fracasso - ela começou a chorar. - Gordo é perder o respeito de alguém. Gordo é perder o amor de alguém. Gordo é desapontar a família. Gordo é...

-Você *acredita* nisso tudo? - Trudie lhe perguntou.

— Eu não sei! O meu terapeuta disse que é o medo do sucesso que me faz fazer isso. Mas é o contrário. Morro de medo de fracassar.

Jessica não acreditava que voltaria ao Butterfly, pois se sentia muito culpada, muito dissimulada, e temia que John descobrisse. Mas NAQUELA HORA, enquanto acompanhava a atendente do Butterfly pelo corredor, Jessica pensou que elas nunca chegariam ao quarto do fundo. Estava incrivelmente excitada e ansiosa, desesperada para fazer amor com um homem que não recusava sexo como uma forma de punição ou o oferecia com uma recompensa. Um homem, em outras palavras, que não era John.

Jessica se surpreendeu com seus pensamentos quando foi para o abraço de Lonnie e o deixou guiá-la pela pista de dança. Por que não percebeu antes? John usava sexo como uma ferramenta de poder, e agora ela fazia a mesma coisa. As discussões deles terminavam sempre do mesmo modo, ele a subjugando,destruindo-a, destituindo-a de sua identidade e autorespeito e depois, quando ela estava completamente oca e arrependida e sob o jugo dele, ele a recompensava com o seu amor. Se ela não cedesse, ele lhe dava as costas na cama. Nunca, parecia agora para Jessica, em todos aqueles anos juntos, o relacionamento sexual deles foi baseado no carinho, na partilha, na união das almas assim como dos corpos.

Seu cowboy não a criticava, nem a desprezava ou humilhava diante de outras pessoas. Ele fazia amor apaixonado no chão, concentrava-se em lhe proporcionar prazer, dizendo o quanto ela era bela, restaurando-lhe a dignidade e a autoestima, onde, nas mesmas circunstâncias, John estaria tirando tudo isso dela.

Foi então, enquanto o seu amante fantasioso a possuía, que Jessica veio a perceber que a sua vida teria de mudar, que as coisas não poderiam continar como estavam. Subitamente não estava mais confusa. Tudo estava claro como água. Ela não queria ter de depender de um cowboy fantasma lhe dar o que ela sabia que poderia encontrar em um relacionamento honesto com seu marido. Ela queria que aquilo fosse real. E dependeria somente dela dar o primeiro passo. Isso a assustava um pouco, pensar em enfrentar John, imaginar a batalha que viria pela frente, pensar no que poderia perder. Mas era um risco que ela estava disposta a assumir.

39

De uma altitude de 30 mil pés, Beverly pensou que o Oceano Pacífico parecia um pano de fundo azul-claro espalhado em um mundo cansado. Ela olhava pela janela de seu jatinho particular e observava o litoral da Califórnia aparecer de vez em quando entre as nuvens. Ela adorava **voar, aquilo a** fazia se sentir como se sua alma tivesse asas.

Maggie, profundamente imersa em um livro, discordava. Ela detestava voar. Mesmo no confortável Learjet. Ela mantinha a taça de vinho cheia e se recusava a olhar pela janela.

O resto do séquito de Beverly — a secretária de imprensa, a cabelereira, o *chef, o* motorista, uma criada pessoal e os seguranças - estavam **dispersos** pela cabina lendo em silêncio ou jogando cartas. Estavam relaxando agora porque, depois que o jatinho aterrissasse no aeroporto internacional de San Francisco, o trabalho deles começaria. E não haveria mais descanso para eles até que o avião voltasse a decolar.

Maggie levantou o olhar do livro e encarou a amiga. Beverly parecia terrivelmente pálida.

-Você está bem? - perguntou baixo.

Beverly se virou para ela e sorriu.

- Estou bem - murmurou.

—Você não tem dormido.

-Não se preocupe, Maggie - respondeu com suavidade. - Estou bem, mesmo.

Mas Maggie estava preocupada. Naquela noite em San Francisco, pela primeira vez em 35 anos, Beverly veria Danny Mackay frente a frente.

Poder, Danny pensou ao ajeitar o Stetson branco na cabeça e sorrir para si diante do espelho. Enfim, tenho poder. Depois de todos esses anos trabalhando para tê-lo, estudando, comendo e respirando em *busca do poder, ele é meu*. *Ele* se sentia bem naquela noite. Bem demais. Sentia-se como se estivesse no topo do mundo e não no último andar do hotel mais alto de San Francisco. Aqueles sonhos da escola noturna de tantos anos

atrás quando abriu Maquiavel pela primeira vez e leu as palavras que lhe falavam diretamente - *Um príncipe não precisa ter virtudes, apenas parecer que as tem* –, aquelas noites infindáveis sentado em salas de aula e as longas horas estudando livros didáticos, a luta para se refinar, para tirar a caipirice do modo de falar, para vestir-se com classe e se transformar em alguém que as pessoas respeitariam e a quem elas dariam ouvidos, todo aquele esforço tinha valido a pena. Muito em breve ele teria um poder inimaginável nas mãos, a presidência, e depois que a tivesse, não haveria algo que Danny não pudesse fazer. Relembrou a coletiva de imprensa da noite anterior e trocou um sorriso secreto e astuto com o seu reflexo. Quando o repórter perguntou sobre a sua posição em relação à redução de armas nucleares e de um acordo com os russos, Danny havia pensado: *Temos de atacar aqueles bastardos antes que eles nos ataquem primeiro.* Mas para a imprensa ele disse: "A paz entre os Estados Unidos e o povo da União Soviética é uma das minhas súplicas mais fervorosas.".

Ele e Bonner Purvis estavam sozinhos no quarto de hotel. Danny pediu ao seu séquito que os deixassem sozinhos naqueles minutos finais antes de descerem para o salão de baile. Do outro lado da porta fechada, que estava franqueada por dois seguranças, uma multidão se juntou na sala de estar da suíte da cobertura de Danny Mackay. Ele não desceria sozinho o elevador, mas seria acompanhado por três secretárias particulares, o redator de discursos, um publicitário, conselheiros políticos e vários membros importantes do partido. Aquela noite seria importante para a campanha de Danny Mackay: ele se encontraria com uma das suas patrocinadoras mais importantes pela primeira vez. Beverly Highland.

Danny olhou-se no espelho e piscou. Esse velho garoto de San Antonio havia trilhado um longo caminho desde 1955, e parecia muito bem naquela noite de neblina de abril. Vestia um terno de alfaiataria estilo Western, botas de cowboy de salto, e um Stetson que deixaria J.R.Erwing orgulhoso. E o corpo debaixo das roupas era bem cuidado também. Nenhuma pança, parecia um trabalhador braçal. Uma academia particular em SUA MANSÃO EM Houston assegurava que ele, aos 56 anos, ainda pudesse se garantir perante homens vinte anos mais jovens.

Danny ainda era uma figura e tanto, e sabia disso. Também sabia que seu sorriso sensual e os olhos maliciosos e preguiçosos conquistavam votos. Ele hipnotizava as pessoas; tinha uma magia especial a que **poucos resistiam,** e ele a usaria a todo vapor naquela noite, em homenagem à senhorita Highland. Ela derreteria, ele sabia, e seria mais uma de suas marionetes antes que a noite acabasse.

- Ei, Danny - Bonner disse de repente. - Lembra-se da **turma da estrada?**

Bonner estava recostado contra o batente, soprando as **unhas bem corta**das. Ele ainda tinha o estranho cabelo loiro e aparência **de querubim que o** levara a tantas camas em seus dias de andarilho com Billy Bob Magdalene. Ele ainda ia para muitas camas, mas de forma mais discreta, por causa do seu patrão.

- É, garoto - disse Bonner, sorrindo. - Aquela gangue...

Aquele episódio partilhado em especial de suas vidas tinha ocorrido muito tempo atrás, na época em que forneciam prostitutas **para o bordel** de Hazel. Pelo crime de conduta moral de roubar a caixa de coleta de uma igreja, eles receberam a sentença de um ano de trabalhos forçados, enquanto o filho do delegado, que era cúmplice, saiu ileso. Depois de dois meses pagando pelo crime, os dois deixaram as pás de lado, e quando o guarda obeso não estava prestando atenção, abandonaram o trabalho.

Eles riram disso por um bom tempo. Ficaram escondidos **na casa de uma** amiga de Hazel, e um ano depois, quando sabiam que a lei **da caducidade** seria aplicada, eles fizeram uma grande comemoração com **algumas das** garotas de Hazel.

Mas Danny não se esqueceu do filho do chefe de polícia **que saiu cor**rendo enquanto ele e Bonner iam para a cadeia. Aquele **garoto, Jimmy**

Briggs, foi colocado na lista secreta de Danny, junto ao doutor Simon Waddell e aos outros, e um dia ele se viu abandonado em um campo deserto e desolado, desejando nunca ter conhecido Danny e Bonner. Danny agora lançava um olhar longo e pensativo para Bonner. Estavam juntos há muito tempo, ele era a pessoa com quem Danny se relacionava há mais tempo. Bonner era um tanto chucro, não era muito instruído, e faltava-lhe imaginação. Mas era fiel como um cão a Danny, e um homem em altas posições precisava pelo menos de uma pessoa na qual confiar e em quem se apoiar. O *homem que se toma príncipe pelo apoio das pessoas permanecerá sozinho e ninguém o desobedecerá.* Danny gostava de ficar sozinho, e gostava de ser obedecido, mas existiam ocasiões em que servia ao seu propósito ter Bonner por perto. Há anos Bonner servia ao seu mestre com lealdade, e ainda continuava a fazer isso. Mas, tal qual um cão velho, quando a sua utilidade chegasse ao fim, assim também seria com Bonner.

Danny caminhou até a janela e olhou para fora. A ponte Golden Gate estava esticada pela baía nevoenta como um colar enfeitado. Aquela gangue da estrada acontecera para outra pessoa em outra época. Não tinha nada a ver com Danny Mackay, que estava a apenas um passo da Casa Branca. Havia chegado lá, enfim, até a plataforma final a qual tinha se esforçado tanto para chegar. Uma vez que o dinheiro e a influência foram garantidos, então ele mexeu seus pauzinhos na arena política.

lsso foi há seis anos, em uma época em que o nome Danny Mackay estava no auge da popularidade. Danny ficou em quarto lugar na lista de Americano Favorito, e em sexto na lista da Pessoa Favorita no Mundo. Na época, ele foi abordado pelos líderes dos comitês de organização dos dois partidos e se dedicou seriamente a ficar sob os holofotes políticos. Mas sua verdadeira oportunidade tinha acontecido no ano anterior, e todos declararam que golpe de sorte aquilo havia sido para ele. Estava tudo relacionado a um homem chamado Fred Banks.

- Ei, Bon...— Danny perguntou ao amigo no ano passado, na época do seu golpe de sorte.-Já ouviu falar de um homem chamado Carl Jung? - Não.

- Ele tinha uma teoria que chamava de sincronicidade. Quer dizer coisas acontecendo na mesma hora, coisas que parecem acontecer coincidentemente. Como, por exemplo, dois eventos totalmente não relacionados acontendo ao mesmo tempo resultando em algo fantástico. A maioria das pessoas chama isso de sorte ou de coincidência. Sabe o que significa **"serendipismo"?**

Bonner não sabia.

- Significa coisas desejáveis acontecendo por acaso. E isso é o que eu chamo de um verdadeiro exemplo de serendipismo sincrônico - Danny disse segurando um jornal para que Bonner visse a manchete.

A primeira página trazia a história de um homem chamado Fred Banks que tinha ido para o Oriente Médio para espalhar a Palavra do Senhor para os pagãos muçulmanos e se entusiasmou um pouco demais ao pregar em uma sexta-feira diante de uma mesquita. Ele foi preso e jogado em uma prisão, acusado de espionagem, e, de repente, todo o Departamento de Estado estava envolvido.

Bem, Fred negou ser agente da CIA, declarando que estava no Oriente Médio por causa de Danny Mackay. De acordo com os jornais, Fred se animou ao assistir à "Hora da Boa Nova" um dia, comprou uma Bíblia e uma passagem só de ida para "o canto pagão do mundo". Depois disso, ele foi perseguido pelo bem de Deus,conforme havia declarado. Era um mártir por Jesus e por Danny.

Fora uma situação complicada para o consulado americano, que se esforçou para evitar que Fred Banks recebesse pena de prisão **perpétua ou** execução sumária. E quando Fred Banks apelou diretamente ao reverendo Danny Mackay, um apelo mais particular também foi feito a Danny. Os homens em ternos azuis-escuros e carros sem placa que foram visitá-lo em Houston um dia asseguraram a Danny segurança absoluta e imunidade caso ele, por favor, pudesse voar até lá para negociar a soltura do inoportuno Fred.

Danny disse ao seu quadro de funcionários particulares que se tratava de serendipismo sincrônico — Fred necessitando ser resgatado por Danny em um momento em que Danny precisava que seu nome subisse nos **índices de** popularidade. E, com isso, em meio a um mar de publicidade e de atenção da mídia, ele voou para o Oriente Médio, onde se reuniu com os ministros do rei e, por meio do seu carisma e perícia teatral, conseguiu convencê-los de que Fred Banks não era espião, mas simplesmente um fanático cristão mal orientado. Danny se desculpou publicamente pelas ações de Fred e mostrou sua boa fé ao presentear o rei com uma limusine estendida branca do Texas com chifres no capô.

Seu retorno aos Estados Unidos com o missionário barbudo, sujo e agradecido foi recebido por uma atenção de mídia estonteante. Além da foto amplamente publicada dele de mãos dadas com o rei e a legenda que dizia: O cowboy *e o sheik* - Danny viu-se repentinamente no maior escalão da fama. Programas de entrevistas brigavam para tê-lo entre os seus convidados; quatro das grandes editoras o procuraram para que ele escrevesse um livro; ele recebeu prêmios e louvores de organizações de todo o mundo; jantou na Casa Branca.

Exatamente como previu, Danny Mackay tornou-se um herói do dia para a noite.

Exceto pelo fato de tudo isso não ter sido sorte, nem serendipismo sincrônico. Danny enviou Fred Banks para o Oriente Médio e, juntos, eles

encenaram uma peça.

Danny se maravilhou com a simplicidade de tudo. Tão simples de planejar e de executar. Ele fez um anúncio na revista *Soldier of Fortune,* requisitanto os serviços de um mercenário, e foi acordado que Fred Banks receberia uma grande soma em dinheiro além de um rancho no México em troca de representação de um papel. Pasmo com o pagamento que lhe ofereciam, e pela celebridade que o contratava, Fred aceitou de bom grado desde o início. O seu valor era a familiaridade com o Oriente Médio, uma boa educação segundo a Bíblia, e um grande conhecimento de sobrevivência no deserto, se precisasse recorrer a isso. De pronto ele assumiu a personagem, obviamente adorando o sigilo da operação e o fato de trabalhar sozinho, e a promessa da atenção da mídia no fim de tudo. Danny já tinha preparado o caminho por meio de diversos contatos diplomáticos e outros recursos secretos, fazendo um acordo clandestino com o rei muçulmano. Seu pequeno país precisava de tanques e metralhadoras americanos. Danny, por meio dos seus representantes, prometeu tudo ao árabe se ele prendesse e depois soltasse um certo missionário chamado Fred Banks.

A coisa toda se desenrolou sem imprevisto algum. Fred tinha seu rancho; o rei, as armas ilegais; e Danny era um herói.

E agora ele estava em campanha e a convenção seria dali a dois meses, o episódio Fred Banks estava sendo lembrado, bem como a vigília diante do Hospital Parkland no dia do assassinato de Kennedy. A equipe de Danny mantinha constantemente a conexão de Kennedy à frente, e as pessoas compravam a idéia. Seu slogan "Retorno a Camelot" tinha sido idéia de Danny De fato, estava escrito em vermelho em uma faixa na parede no palco em que Danny Mackay presidiu o banquete oferecido em sua homenagem por Beverly Highland.

— OK, Bon — disse Danny, verificando a aparência uma última vez no espelho. — Vá pegar a vaca para podermos ir.

"A vaca" era a esposa dele, Angélica.

Beverly não se sentaria à mesa dele. A explicação dada por ela era que aquela noite seria dele e ela não queria roubar os seus holofotes. Danny, egocêntrico que era, pensou que era um motivo válido.

Mil e duzentas pessoas se levantaram quando ele entrou no salão de baile. Os aplausos e gritos dos presentes quase abafaram a orquestra, que tocava "The Yellow Rose of Texas". Danny parou diante deles com os braços erguidos e o rosto iluminado pelos flashes que o cercavam. Então, quando a adulação se estendeu por um período bem respeitável, ele abaixou os braços e inclinou a cabeça. Subitamente o salão caiu no silêncio, pois 1.200 cabeças também penderam para a prece do reverendo Danny Mackay.

Quando todos se sentaram, com os olhos grudados nele, Danny tratou a todos com um sorriso travesso e começou em sua fala mansa e arrastada:

- Louvado seja Deus - disse com suavidade, tentando prender o olhar do maior número de pessoas possível.Eles estavam acomodados EM GRANDE mesas redondas e vestiam smokings e vestidos de gala.Taças de champanhe brilhavam, louça chinesa e talheres de prata aguardavam prontos para serem usados no banquete. A primeira coisa que Danny fez foi agradecer a orquestra por lhe propiciar uma entrada tão grandiosa. - Era a canção favorita de minha mãe, que ela descanse em paz. Ela está no Paraíso, junto do Pai agora, mas sei que ela ouviu cada nota dessa música. Sabem, meus caros, sou surdo como uma porta no que se refere à música. Como Ulysses S. Grant, eu só conheço duas músicas: uma é "The Yellow Rose of Texas", e a outra não é.

O riso se espalhou pelas mesas.

A voz dele reverberava nas cabeças das pessoas. Mesmo Danny falando em um tom tranquilo ao microfone, casual, como em uma CONVERSA, suas palavras eram transportadas como se ele estivesse berrando.

Eles riram. Eles bradaram. Eles o amaram.

E de onde estava sentada, em uma mesa ocupada por vários políticos e gente da alta sociedade, Beverly via e ouvia Danny com uma expressão fixa.

Estava tão imóvel, tão ereta e rígida, e parecia tão à vontade e controlada em seu simples, porém estonteante vestido de festa, que ninguém haveria de imaginar o turbilhão que se passava em seu íntimo. Ela mal conseguia respirar de tão rápida que estava a sua pulsação.

Aquela noite lhe veio de volta à mente. Aquela noite terrível, pavorosa... - De fato, fui abençoado — Danny dizia no palco. — O Senhor sabe que não mereço tamanha sorte. Pequei. Ainda sou um pecador! Mas, com a graça de Deus e a Sua compaixão, eu continuarei na minha luta contra o demônio! Beverly olhou para os rostos ao seu redor. Todos o adoravam; eles o veneravam. Ela começou a tremer. Os diamantes em sua gargantilha tremulavam. - Deus está do nosso lado! - Danny exclamou. - Não provei isso quando no ano passado entrei na toca do leão e salvei um dos servos do Senhor de uma execução certa? O irmão Fred Banks não estava para ser martirizado por tentar levar a palavra do Senhor em um país pagão? Amém! - Danny gritou, e as pessoas o aplaudiram.

Beverly fechou os olhos. Fred Banks. Bem guardado e feliz em um rancho no interior do México, fazendo o que sempre quis fazer, cuidando dos próprios mil acres de terra e de um exército de peões. Mais rico do que jamais imaginara, por causa de um anúncio colocado em uma revista. Mas prestes a ficar ainda mais rico.

- Mas cá estou eu - disse Danny. - Estou falando de mim quando deveria estar prestando homenagem à dama que está me homenageando essa noite! Uma mulher sem igual, sem a ajuda de quem eu não poderia estar aqui hoje. Beverly Highland!

A luz do holofote saiu de cima de Danny e subitamente iluminou Beverly. Não se levantou. Apenas sorriu com graciosidade aos aplausos. Enquanto Danny trazia de volta as luzes para si para recitar uma fila de agradecimentos e de gratidão à senhorita Highland, Beverly pensava em Fred Banks.

Quando o noticiário saiu no ano passado a respeito de Danny Mackay arriscar a vida indo para o reinado na Arábia para negociar a soltura de um certo missionário, Beverly desconfiou. Aquilo não combinava com Danny. Altruísmo e sacrifício não eram palavras do seu vocabulário. Por isso ela pediu a Jonas Buchanan que investigasse, e Jonas descobriu que Banks se escondeu feliz da vida em um rancho isolado no México. Pobre Fred, tendo logo se cansado da vida reclusa e ansiando pela companhia de um americano, convidou o "turista" para a casa dele e naquela noite se embebedou, contando tudo a Jonas.

O problema, Fred confessou, era que ele gostava da atenão da mídia a tal ponto de se sentir mimado. A vida do rancho era pacata demais; ele ansiava por sentir mais uma vez a luz dos holofotes. E foi isso o que Jonas lhe prometeu.

Alguém foi instalado na casa de Fred para vigiá-lo e garantir **que ele não** tentaria uma barganha ainda maior com Danny, e, no momento ideal, Beverly faria com que Fred Banks vendesse sua incrível história para a **imprensa.** Ela olhou para Danny. O discurso estava chegando ao **fim. Ela se virou** ligeiramente na cadeira e interceptou o olhar de uma das **mulheres da mesa** em uma mesa próxima aos fundos. Ela era uma das oito **mulheres da mesa** redonda, todas as oito vestidas com roupas de *cowgirl* escarlate **e branco, com** chapéus de vaqueiro com fitas onde se lia "Retorno **a Camelot". Aquelas** eram as "Garotas Danny", ainda que a maioria delas não fosse **mais garota.** As Garotas Danny foram idéia do próprio Danny. Era mais **um lembrete** da sua ligação com o falecido Kennedy: ele se lembrava das Garotas Kennedy na campanha da década de 1960 e resolveu criar a sua **própria equipe** de líderes de torcida. As Garotas eram vistas em todas as partes, distribuindo panfletos e adesivos de carro, indo de porta em porta, convencendo as pessoas com seus sorrisos a votarem em Danny Mackay.

As Garotas Danny que sentavam á mesa dos fundos perto da saída do salão, contudo, não foram recrutadas pela equipe de Danny. **Aquelas foram** escolhidas a dedo por Beverly.

Beverly interceptou o olhar de uma delas e lhe fez um discreto SINAL COM a cabeça. A mulher retribuiu o aceno, murmurou algo para as companheiras, depois se levantou.

Na hora certa. Ela chegou ao palco bem quando Danny estava para descer. Ela era delicada e muito bonita, e a calça vermelha justa de vaqueira a moldava com perfeição. A franja na blusa de cetim balançava debaixo dos seios fartos, e os botões de pérolas estavam abertos apenas para revelar a quantidade certa de pele. Imediatamente ela capturou a atenção de Danny. -Eu gostaria de lhe entregar um presente,reverendo - disse ela, parando ao lado dele. — Por parte da senhorita Highland.

- Ora, essa... - disse ele. - Senhorita Highland, por que não sobe ao palco e se junta a mim?

Beverly hesitou. A luz voltou a iluminá-Ia e todos aplaudiam. Ela sentiu Maggie ao seu lado, observando a com preocupação. Beverly respiroufundo para se acalmar, fez um gesto para assegurar à amiga de que estava bem, depois se levantou e seguiu para o palco.

A proximidade dele fazia com que ela se sentisse tonta. Ela estava cercada por mais de mil pessoas, havia luzes quentes sobre ela, a fumaça dos cigarros permeava o ar. Ela tinha de se controlar. Aquilo só levaria um minuto, e depois ela poderia ir embora.

A Garota Danny entregou uma caixa dourada para ele, e quando ele a abriu, ele disse:

- Ora, essa! Se isso não é a coisa mais linda do mundo! - Perrmita-me - disse a moça. Ela suspendeu o objeto de seu leito de cetim, posicionando-se diante de Danny, e pegou a gravata dele. Todos observaram em um momento de silêncio; quando ela se afastou, todos viram o alfinete de platina que ela prendeu à gravata. Danny olhou para baixo e sorriu. - Oras - disse ele ao microfone. - É uma borboleta. E uma borboleta muito bonita!

Então ele se virou para Beverly. Seus olhos se encontraram pela primeira vez em 35 anos, e Danny pensou que ela era ainda mais bonita pessoalmente do que nas fotos.

- Eu também tenho um presente para lhe dar, senhorita Highland, que eu pretendia lhe entregar depois do jantar. Mas já que está aqui, oras, posso muito bem entregar agora.

Ele esticou a mão e Bonner depositou uma caixa de couro nela. Danny falou algumas palavras sobre que momento grandioso era aquele, encontrar-se com ela finalmente, e o quanto ele esperava que aquele fosse o início de uma grande amizade, Louvado seja Deus, e então entregou a caixa para ela.

Por um átimo, seus dedos se encostaram.

Beverly sentiu-se tonta. Ela oscilou um pouco, depois se esforçou para se controlar e ficou firme mais uma vez. Com mãos trêmulas ela abriu a caixa de couro. Ela ficou olhando para o seu conteúdo.

Sobre um acolchoado de veludo havia uma corrente de ouro. Beverly a suspendeu para que ela brilhasse. Ela balançou para frente e para trás sob as luzes fortes.

EIa viu que era um medalhão religioso. De um lado havia uma cruz; do outro, a imagem de Danny Mackay.

40

AQUELE SE PARECIA COM qualquer quarto barato de **um hotel** de beira de estrada: colcha de algodão simples sobre a cama *king size, cortinas laranja*, carpete sujo também laranja, mesinhas de canto de **mogno** FALSO E UMA cômoda. Toalhas brancas duras no banheiro antisséptico, **a plaquinha de** NÃO PERTURBE/POR FAVOR, ARRUME O QUARTO pendurada
na maçaneta do lado de dentro. Poderia ser qualquer quarto **em qualquer** hotel em qualquer estrada de Los Angeles para Nova York. E os sons do trânsito do lado de fora da janela poderiam vir de qualquer rua.

Quando ela entrou, acendeu a luz, pendurou a placa NÃO PERTURBE na maçaneta de fora e fechou a porta. Depois, chutou os **sapatos** e jogou a maleta sobre a cama. Sentia-se

como se tivesse viajado **milhares de quilô**metros. E um bom banho de imersão viria a calhar. Perguntou se a TV funcionaria.

Enquanto esquentava a água, pensou ter ouvido o barulho **de chaves na** porta. Fechando a torneira, ela entrou no quarto bem quando a porta abriu de repente. Ela gritou.

- Então? - disse ele, batendo a porta atrás de si. - Pensou **que eu não a** encontraria?

A mão dela cobriu a boca.

Ele avançou um passo; **ela** recuou outro.

- Vejo que você precisa aprender uma lição - ele bradou.-Tire as roupas. Ela começou a estremecer.

- Como me encontrou?

- Eu disse: tire a roupa! Agora!

- Não podemos conversar?

Ele levantou um braço para golpeá-la. Ela retrocedeu outro passo, os dedos trêmulos abrindo os botões da blusa. Um sorriso maligno perpassou o rosto dele.

- Agora você começou a entender. Vá devagar. Faça um show para mim. Ela tremia tão violentamente que mal conseguia controlar as mãos. A blusa caiu flutuando no ar. Em seguida, a saia. Ela hesitou no elástico da meia de seda.

- Tudo - ele ralhou. - Quero ver você pelada.

- Por que está fazendo isso comigo?

- Você sabe por quê. Esta é a última vez que você vai fugir de mim — ele pôs a mão no bolso da jaqueta e tirou um punhado de seda. Eram quatro lenços vermelho vivo e de alguma forma ameaçadores. — Nenhuma mulher me faz de bobo duas vezes. Agora, tire o resto.

Com os olhos atemorizados fixos nos lenços, ela tirou a meia-calça, e depois, com relutância, enquanto as mãos deles retorciam as delicadas peças de seda, formando cordas, ela despiu o sutiã e a calcinha.

Quando ela tentou cobrir a nudez com os braços, ele segurou as mãos dela e a arrastou para a cama. Jogando-a de costas sobre o colchão, ele prosseguiu, amarrando os pulsos e os tornozelos à cabeceira e ao pé da cama. - O que vai fazer? — ela exclamou, debatendo-se contra as amarras de seda. - Vou lhe ensinar uma lição que você nunca vai esquecer.

EIa ouviu o som de um zíper sendo baixado. Depois, o colchão afundando, e ele subitamente estava entre as suas pernas.

- Espere...— disse ela sem ar. Mas ele a penetrou numa única e dolorida Investida.

EIa fechou os olhos. As mãos se fecharam em punhos ante o cruel assalto. Cerrou os dentes para não gritar.

EIa pensou que aquilo duraria para sempre, aquele ataque impiedoso. Ele parecia estar punindo a **com** as investidas violentas. Ele não disse coisa alguma. Ela ouvia sua **respiração** pesada, os arfares intermitentes. Lentamente, ela se sentiu envolver num redemoinho; sentiu-se atraída pelo foco do ataque, para a arma que a violava. Ela o enxergava na mente; **concentrou-se** nele. O redemoinho passou a girar cada vez mais rápido até **que nada mais** existisse a não ser um fogo em sua pélvis, a necessidade **queimando entre** suas pernas.

Finalmente, sem conseguir se conter mais, ela deixou escapar um grito agudo. O corpo arqueou, estremeceu, e depois ela ficou imóvel.

Com muita gentileza, ele recuou, ainda excitado, e foi para o banheiro. Abriu a torneira de água fria na pia e obrigou a ereção a **murchar. Ele não** ejaculara; nunca o fazia com ela. Ele se resguardava para a sócia seguinte. Quando ele saiu alguns minutos mais tarde, ela estava se espriguiçando e sorrindo. Ele desatou os lenços sem dizer nenhuma palavra, **e começou a** se dirigir para a porta.

- Espere — disse ela, correndo na direção dele. -Tenho uma **coisa para você.** Daquela vez, era uma pequena embalagem dourada. Ele **não a abriu na** hora; deixaria para depois. Mas sabia que seria algo muito caro. Ela era uma das associadas mais generosas do Butterfly.

41

Linda passava tão rápido pelo corredor, sem ver por onde ia, que quando colidiu com José Mendoza, o cirurgião da ortopedia, ela quase caiu. Mas ele a amparou e disse:

- Calma aí, minha amiga! Onde é a emergência? Ela se abaixou para pegar os prontuários que havia deixado cair. - Desculpe, José! É que eu já estou atrasada para um encontro em Beverly Hills.

Ele a ajudou a pegar a papelada e disse ao entregá-la: - Nunca conheci ninguém mais apressado do que você, Linda. Acho qu**e** esse ritmo não lhe faz bem.

Ela riu sem fôlego e se certificou de que todas as fichas estivessem em ordem. Depois, jogou o cabelo para trás e sorriu para José.

- Olha quem fala! Já vi muitos alunos de medicina correndo pelo corredor atrás de você enquanto você lhes ensinava.

- Todos temos os nossos fantasmas invisíveis, minha amiga.Talvez tenhamos de correr dos nossos juntos. Tem tempo para um drinque?

- Hoje não, desculpe - ela consultou o relógio. - Já estou atrasada. - E o que há em **Beverly H**ills?

O sorriso **dela demonstrou** esperança. O que havia em Beverly Hills? Quem sabe, **finalmente, um pouco** de paz de espírito?

- Desculpe, José - disse ela, começando a correr. - Mas eu tenho de ir mesmo.
- Ei - ele a chamou -, ouvi dizer que você se demitiu do programa de televisão.
- Sim — ela respondeu sobre o ombro. — Quer o emprego?

Ele riu.

- Não nesta encarnação, amiga!

E então, ela já tinha sumido de vista.

Linda acelerou pelo Bulevar Wilshire, tentando fazer sua Ferrari voar. Depois de ter decidido voltar ao Butterfly para uma nova tentativas, ela não queria desperdiçar nenhum minuto precioso. Naquele **momento, era uma** mulher muito determinada.

A noite desastrosa em seu quarto com Barry Greene a aborrecera tanto que ela havia se consultado diversas vezes com a doutora **Raymond nas** últimas três semanas.

- Foi cedo demais - a psiquiatra lhe dissera. -Você não estava pronta para ele.
- Pensei que eu não estivesse melhorando em nada no Butterfly. Eu estava ficando desanimada e ansiosa.

-Você não deu uma chance ao Butterfly, Linda. Você nunca deixou seu acompanhante ir além.Você deveria se beneficiar da oportunidade excelente que o Butterfly tem a lhe oferecer.

- Não consigo evitar,Virginia. Assim que ele começa a se aventurar nessa região, eu me paraliso. Não consigo permitir que ele me veja.
- Mas você tem de permitir. Pense nele como um terapeuta sexual.

Virginia tinha razão, Linda sabia. Era por isso que se tornara sócia do Butterfly para início de conversa. Linda resolveu que tinha de **voltar, de** estar novamente com seu acompanhante mascarado, e ajudá-lo a **ajudá-la.**

A recepcionista a recebeu no fundo da loja Fanelli e a **acompanhou ao** elevador. O quarto para o qual foi levada lhe era familiar - o **tablado com** a cama de dossel, as cortinas e colcha em tom de pêssego, o **carpete cham**panhe. Refrescos tinham sido dispostos: vinho resfriado, patê **de** fígado e torradas, frutas frescas. Mas Linda não estava interessada na comida. Depois de uma escovada rápida nos cabelos, ela ajustou a máscara e se virou para o som da porta que se abria.

Desta vez, ele estava de smoking. O que o deixava ainda mais alto e elegante. Até a máscara parecia adequada, de alguma maneira. Dançaram por um tempo, lentamente, graciosamente, e beberam um pouco de vinho. E então, eles começaram a fazer amor. Enquanto se deitaram na cama juntos, Linda nua a não ser pela combinação, ele moveu a mão de maneira experimental abaixo da cintura dela e a deixou ali, com uma pergunta no olhar. Linda prendeu a respiração. Queria detê-Io; queria se controlar. Permitiu que ele continuasse a exploração, debaixo da peça íntima, ao longo da coxa. Então, ela disse: - Espere.

E esperou. Deitado de lado, um braço debaixo do ombro dela, o outro sobre as coxas. Seus olhos mascarados a fitaram.

- Eu...- ela começou a dizer. - Eu tenho um problema. Ele a beijou e murmurou:

- Relaxe. Por favor... Ela não conseguia. Seu corpo estava rígido ao sentir a mão debaixo da combinação, movendo-se para um ponto em que ela nunca deixava homem nenhum tocá-la, a não ser seus dois ex-maridos. Enquanto os dedos a exploravam, ela fechou os olhos. O coração batia forte. Ela queria detê-lo, mas estava determinada a ir até o fim. - Deixe-me olhar - ele sussurrou.

EIa concordou e sentiu a combinação sedosa se avolumar na cintura. O ar fresco parecia estranho em sua pélvis nua. Ele lhe afastou as pernas ligeiramente. Depois a beijou de novo, e manteve o rosto próximo ao dela enquanto a afagava. Primeiro, o alto das coxas, depois a pélvis, o abdômen, para relaxá-la, massagear a tensão para fora do corpo. Depois de alguns minutos, Linda começou a sentir desejo sexual, quis que ele a penetrasse. Mas ele manteve a exploração, fazendo a excitação se avolumar. E então, a mão dele avançou até ela sentir... nada.

- Não sinto isso - disse ela, a excitação se dissolvendo, o desejo sexual desvanecendo. *É assim que sempre acontece. É aqui que o relacionamento sexual termina.* — É tecido cicatricial. Não tenho nenhuma sensação aí.

Quando ele não reagiu, quando não se afastou como tantos outros sempre fizeram, ela abriu os olhos e o fitou. Havia ternura no olhar dele.

- Sente isto? - ele perguntou.

- Não...

- Conte-me o que aconteceu.

- Eu tinha dois anos de idade - ela disse num tom **distanciado. - Está**vamos na cozinha, minha mãe e eu. Ela estava passando roupa e eu estava sentada no cadeirão, perto do fogão. Ela disse que tudo acontec**eu tão rápi**do que ela não teve como me impedir. Ela disse que num minuto eu estava sentada, brincando com meus blocos de montar, e no minuto seguinte eu estava gritando - Linda desviou o olhar.- Ao que tudo indica, **eu me esti**quei e peguei uma panela de água fervente e a derramei em **mim. Meu colo** foi queimado. Mamãe correu para o hospital comigo, onde lhe **disseram**

que eu tinha sofrido queimaduras de terceiro grau da cintura para **baixo. Tive de** fazer enxertos de pele, uma série, por vários anos.

- É por isso que nunca permite que eu a toque lá?
- Eu pensei que você poderia... sentir repulsa.

Sua expressão se mostrou intrigada.

- Por que pensaria uma coisa dessas?
- É assim que os homens reagem às minhas cicatrizes.
- Eu não.
- Não, você não.
- Se você não tivesse me contado sobre as cicatrizes, eu **nem as teria** notado. Quem quer que tenha feito o serviço, fez bem feito.

Ela voltou a fitá-lo.

- Mas os outros homens...

-Você parece quase normal lá embaixo. O seu único problema é a perda de sensibilidade. Mas eu acho que... - ele moveu a mão **novamente. - Que** tal aqui?

- Não.
- E aqui?

Ela hesitou. Depois, sentiu o dedo dele penetrá-la.

- Sim, eu sinto isso.

Ele inclinou a cabeça e a beijou. Então, disse:

- Olhe para mim.

Seus olhares se encontraram. O dele era negro e hipnotizante. Seus olhos a prendiam enquanto a mão se movia novamente, desta vez num ritmo **diferente.**

E então, houve algo... Uma **pressão...**

Ela rolou a cabeça.

- Olhe para mim — ele repetiu, com suavidade.

EIa se sentiu ficar tensa. O que ele estava fazendo? Aquilo não ia funcionar! Mas as carícias dele eram instigantes. Perdida nas profundezas de seus olhos negros, Linda sentiu a tensão começar a derreter. Ele começou a explorar mais profundamente, e quando ele tocou um determinado ponto, ela prendeu a respiração.

- Aqui - ele sussurrou. - É aqui... - O quê?

- Relaxe. Não me impeça. Deixe-me fazer todo o serviço. E então, uma sensação que nunca sentiu antes. Seus olhos se arregalaram; ela encarou. - O que você... - Não fale - murmurou ele.

Ele parou de mexer. Estavam deitados na cama, tão parados como numa pintura. Até mesmo a mão estava imóvel e, mesmo assim, Linda sentia alguma coisa lá embaixo. Ele pressionava um determinado ponto, e nada mais, somente pressionando um ponto que ela nem sabia que tinha, bem em seu íntimo. E enquanto ele pressionava, prendendo o olhar dela com o seu, ela começou a sentir um calor estranho se espalhar dentro dela, como se estivesse se irradiando desse ponto central. Ela, subitamente, quis se mexer sobre ele, mas ele a manteve imóvel.

E foi aí que tudo aconteceu. De repente, ela gritou e se arqueou numa onda de prazer indescritível.

42

Beverly Hills, 1983

Alguma coisa estranha estava acontecendo na Fanelli.

Bob Manning, o gerente da loja, não sabia exatamente o que era ou quando suas suspeitas começaram - era apenas uma sensação, um pressentimento de que algo não estava certo. Ele ponderou se não seria apenas a sua imaginação que os modelos às vezes se calavam quando ele entrava no vestiário, ou ele ter interceptado olhares cheios de segredo entre eles. O que quer que fosse, imaginário ou real, ele resolveu, numa manhã chuvosa no começo de fevereiro, quando Los Angeles estava envolta num manto cinza e úmido e a loja estava mais cheia do que de costume, sair do escritório e dar uma passeada entre os clientes.

Para um homem que acabara de chegar aos setenta, e que passara dezesseis anos de sua vida hospitalizado, Bob Manning estava notavelmente em forma. Claro que ele se esforçava para estar assim, parte por que era **o** que se esperava dele, por ele ser um homem que tinha de lidar com os melhores clientes de Beverly Hills todos os dias, mas principalmente porque ele queria compensar por todos aqueles anos perdidos. Ele se vestia extremamente bem em blazers de seda e calças de Iã, com uma rosa fresca na lapela todas as manhãs, e sempre que caminhava procurava minimizar o andar manco, fazendo uso da bengala de ponta de praia com dignidade.

Os clientes habituais da Fanelli o conheciam muito bem. Muitos se dirigiam a ele usando seu primeiro nome, e com frequência requisitavam seus pedidos diretamente com ele. Muitas vezes, o chamavam para dar uma opinião — "Você diria que esta echarpe combina com este sobretudo ou seria melhor eu levar o castanho..." - ou para um pedido especial que um cliente acreditava que, ao se dirigir ao gerente da loja, as coisas seriam feitas mais rapidamente.

Enquanto ele passeava pela loja naquela manhã chuvosa, acenando e sorrindo para os clientes, passando graciosamente entre capas de chuva molhadas e guarda-chuvas batendo aqui e ali, Bob manteve os olhos alertas para algo fora do comum.

A sua vigilância era somente para o seu bem e porque ele se importava com a loja que administrava há onze anos. Bob Manning não se interessava nem um pouco com a Fazendas Royal, a nova proprietária da Fanelli - desde que o reverendo Danny Mackay comprara a empresa há alguns anos, ninguém de Houston fora até lá para inspecionar a loja. Danny Mackay e seu Ministério tinham tantas empresas, desde prédios comerciais até uma companhia aérea e uma cadeia de supermercados, que o famoso reverendo não podia ser incomodado com uma pequena loja de roupas masculinas. Quando Danny Mackay assumira a Fazendas Royal e, consequentemente, a Fanelli, nada mudara. A gerência e a equipe existentes foram mantidas e a loja foi deixada para operar como operava antes.Tudo o que Bob Manning tinha de fazer era providenciar relatórios

freqüentes que eram enviados à matriz em Houston, onde alguém, ele não tinha dúvidas, certificava-se de que a Fanelli estivesse lucrando regularmente.

Isso não significava, porém, que por Beverly Highland ter vendido a loja, ela não se interessasse mais por ela. A senhorita Highland pedira a Bob Mamning que lhe reportasse caso Danny ou qualquer pessoa do Ministério da Boa Nova fosse até lá inspecioná-la. Estava implícito que ele fizesse isso secretamente; ele era extremamente leal a ela. Ela o salvara quando ele chegara ao fundo do poço em sua vida. Ela olhara para o farrapo humano no qual ele se tornara e vira um homem. Dissera-lhe que ele tinha valor; dera-lhe um emprego e um motivo para viver. E agora ele a idolatrava.

Ele parou perto de um balcão de vidro mostrando jaquetas de veludo e supervisionou a loja lotada com olhos aguçados. Se houvesse algo mesmo que remotamente **foi** a **de ordem,** Bob Manning perceberia.

Franziu o cenho. Era sua imaginação ou ele acabara de ver Michael, um dos melhores modelos da Fanelli, aceitar furtivamente algo da senhora Carpenter, uma das clientes mais abastadas, e colocar sub-repticiamente no bolso do casaco que estava apresentando?

Mas houve algo além disso, Bob percebeu enquanto os fitava. A troca fora breve — ela tinha passado de raspão em Michael, pressionado algo em sua palma, e se apressado. Mas, naquele instante fugidio em que as mãos se encontraram, também houve uma troca de olhares. Michael e a senhora Carpenter olharam-se por um momento, e o olhar deles fora... conspiratório.

Pior, Bob percebera em estado de choque. O olhar fora de *intimidade*.

Ele observou a senhora Carpenter sair da loja e entrar no Rolls que a esperava na calçada. Em seguida, ele se aproximou de Michael e murmurou:

—Quero vê-lo em meu escritório em cinco minutos.

O jovem entrou vestindo uma camisa polo, bermudas e meias até os joelhos, o modelo que desfilaria em seguida. Ele fechou a porta silenciosamente atrás de si e se aproximou da mesa de Bob Manning.

—O que a senhora Carpenter lhe deu? — Bob perguntou.

—Como disse, senhor?

—Eu vi a senhora Carpenter lhe dar uma coisa há poucos minutos. O que era?

Michael mudou o peso do corpo e enfiou as mãos nos bolsos

—Hum, bem... Não foi nada, senhor Manning.

—Foi *alguma coisa,* eu vi. Agora diga, o que era?

Michael pigarreou nervoso.

—Era, hum... o endereço dela.

As sobrancelhas de Bob se arquearam.

—O endereço dela?

—Sim, senhor.

—Por que ela lhe daria seu endereço?

O jovem baixou os olhos para os tênis.

— Vamos, diga... — disse Bob. — Por que a senhora Carpenter lhe deu o endereço dela?

—Porque vou à casa dela hoje à noite.

As sobrancelhas de Bob se arquearam ainda mais.

—O que quer dizer com isso?

—Ela me pediu para ir visitá-la...

- Visitá-la?

Michael evitou contato visual e assentiu. - Por quê?

- Bem... - ele voltou a pigarrear. - Suponho que ela queira companhia.

- Ela o convidou para uma festa?

- Bem, não. - Ela convidou mais alguém?

Uma pausa e a resposta:

- Não, só a mim. - Para quê?

Michael riu de leve e finalmente voltou a olhá-lo. - Bem, senhor. O senhor *sabe.*

- Não, não sei de nada. Por que você vai à casa da senhora Carpenter? É amigo dela? - Não exatamente. - O que isso quer dizer?

- Bem, quero dizer, acho que vamos ser amigos. Esta noite, pelo menos.

Bob Manning ficou olhando para o modelo por um bom tempo. E então, quando a compreensão da situação começou a surgir, ele sussurrou: - Quer dizer, para fazer *sexo?*

Michael assentiu novamente, e mudou de posição, sentindo-se pouco à vontade.

- Mas, bom Deus, rapaz - Bob disse incrédulo -, a senhora Carpenter deve ter o triplo da sua idade! Não pensa que isso seja pouco convencional?

- Bem - disse Michael na defensiva -, isso não significa que vamos nos casar, nem nada assim. Quero dizer, é puramente algo físico. Ela não finge estar apaixonada por mim.

Bob continuou olhando para o rapaz em traje esportivo. Michael tinha dezenove anos, era bronzeado mesmo no inverno, e tinha um belo físico. Ele era um ator aspirante à espera de ser descoberto.

- Não entendo - disse Bob. - Você pode escolher qualquer garota que quiser. A senhora Carpenter, bem, ela não me parece ser o seu tipo.

- Ah, senhor Manning, mas isso não é por mim. É só para ela. Ela vai me pagar para ir vê-la.

Bob se deixou cair na poltrona.de boca aberta.

- Ela vai *pagar?*

Michael, nervoso, jogou a cabeça de lado.

- Bem, hum... sim.

- Deus meu, garoto! Não vê o que isso faz de você?

- Não vejo nada de errado em...

Bob bateu a mão na mesa.

-Você trabalha para a Fanelli, a melhor loja de roupas masculinas nesta cidade! Você representa esta empresa! Por extensão, você representa a mulher que criou esta empresa, a senhorita Beverly Highland! **Não sabe que,** ao se prostituir para as clientes, você estará manchando o nome dela! - Bob pôs-se de pé, e Michael subitamente ficou pálido. - Como ousa trazer suas práticas nojentas para esta loja?

- Ei, espere um min...

- Está demitido, rapaz. E lamento muito poder fazer só isso com você!

- Mas, senhor Manning! Isso não é justo! Não sou só eu **quem está fa**zendo isso!

Bob ficou calado, o corpo todo trêmulo.

- O que quer dizer... você não é o único?

- Bem - Michael tossiu. - Existem alguns de nós. Ron Sheffield foi quem começou - ele falava rapidamente, desesperado para se salvar. - Sabe a senhorita Carlisle, a atriz? Um dia ela pediu a ele que fosse à casa dela para desfilar algumas roupas reservadamente. Eles acabaram na cama e ela lhe deu uma nota de cem dólares. Isso foi mais ou menos uma no atrás, e desde então...

Bob voltou a se sentar, atônito.

- Quem são eles? Quero todos os nomes.

Michael acabou apontando três colegas na esperança de salvar o **próprio** pescoço. Não deu certo. Os quatro foram demitidos na hora e liberados sem indenização.

Sexo.

Estava na cabeça dela.

De novo.

Ainda.

Enquanto Ann Hastings manobrava seu BMW pelos imensos portões de ferro da propriedade gigantesca e bem protegida de Beverly Highland, ela tentava não pensar no fiasco da noite anterior. Mas não conseguia. Roger

se mostrara promissor no bar em que se conheceram. Conversava de modo inteligente, mostrou-se um ser humano decente e deu sinais de interesse sexuaI. Mas quando ela foi para casa com ele, ele se mostrou um homem egoísta, entediante e de maus modos. Ele também tinha trinta e seis anos, nove a menos que ela. A cada ano que passava, Ann ficava mais velha e os homens pareciam ficar mais jovens.

Era difícil ter quarenta e cinco numa sociedade orientada à juventude. Ainda mais difícil ter quarenta e cinco e ser gorda. Nenhuma ameaça à competição, ela concluiu.

Bem, ela não era de fato gorda. Não mais. Há dez anos, quando tinha trinta e cinco, Ann iniciara a batalha contra o peso. Suara e morrera de fome e se exercitara cerrando os dentes até perder quinze quilos de sua forma, e, por meio de uma ferrenha disciplina, mantinha-os afastados. Agora, ela conseguia vestir o mesmo tamanho do uniforme elegante de tênis que Beverly e Carmen usavam, e modestamente se contentava com saladas no almoço e no jantar.Já não fazia caretas diante do reflexo do espelho, e a balança não a intimidava. Ainda assim, sentia-se gorda *por dentro.* E esse era um tipo de problema de peso que nenhuma dieta daria conta.

EIa invejava Maggie Kern, que comia o que queria, vestia túnicas maravilhosas que camuflavam suas partes arredondadas, e tinha um relacionamento sexual e afetivo saudável com Pete Forman, o corretor para o qual um dia ela trabalhara. Mas Maggie era uma daquelas raras exceções. Para Ann Hastings e outras milhões de mulheres como ela à espreita de um pouco do divertimento, um pouco de atenção masculina, e um pouco de sexo de qualidade, as regras do jogo revolviam ao redor de magreza e juventude.

Desde a noite em 1969, quando Ann, finalmente, perdeu a virgindade para o falso hippie Steve depois de duas outras farras decepcionantes no chão do apartamento dele, ela descobriu o quanto gostava de sexo. Mas o problema era consegui-lo.

Quando o trabalho dela como chefe de controle de qualidade para a cadeia Royal Burgers a fez viajar constantemente pelo país, Ann teve poucos problemas para encontrar homens que entendessem isso. Mas quando o trabalho aumentou e ela ficou cada vez mais presa ao escritório enquanto as assistentes saíam a campo em seu lugar, e ela ficou mais madura, e os homens solteiros, mais jovens, suas perspectivas começaram a diminuir, motivo pelo qual ela se via cada vez mais em situações como a da noite anterior,
apanhando algum cretino num bar e mais tarde se preocupando com a possibilidade de herpes e de outros horrores.

Ao estacionar o carro na garagem e dar a volta na enorme mansão ao estilo italiano que Beverly comprara recentemente, onde todos se reuniam à quadra de tênis, Ann se perguntou, e não pela primeira vez, acerca da sua
empregadora. Até onde Ann sabia, Beverly nunca esteve com **um homem**
antes. Como conseguia suportar isso?

Nem todas as mulheres são gatas de beco, minha cara, Ann se dizia ao acenar para as amigas acomodadas em mesas debaixo de guarda- sóis. Havia algumas que conseguiam se virar muito bem sem sexo.

Era o caso de Beverly e Carmen, aquelas mulheres em seus **vestidos de** tênis estilosos. Ann concluía que a totalidade das experiências **sexuais das** duas com homens devia ser de no máximo quinze minutos.

- Oi, oi — disse ela, deixando a raquete de tênis de lado e **se juntando a** elas na mesa. - Desculpem o atraso. O trânsito estava ruim na Ventura. - Ann ficou feliz em ver que o almoço já estava servido. Seu sorriso **sumiu. Seu sorriso sumiu, porém,** quando ela viu salada sem molho, torradas secas, chá sem açúcar com Iimão. Ao se sentar em seu lugar, Ann se questionou se valia a pena **morre** de fome por causa de sexo. Concluindo que sim, pegou o garfo e atacou a **salada.**

- Como foi ontem à noite? - Carmen perguntou.

—Você não vai querer saber.

- Olá, tia Ann!

Ann levantou o olhar para a linda filha de Carmen de pele olivastra correndo na sua direção, com a raquete de tênis balançando. Rosa, aos dezenove anos, era de arrasar quarteirão. Ela, com certeza, não tinha nenhum problema para conseguir o homem que quisesse.

- Olá, Rosa, meu bem. Como está o seu semestre?

Rosa se serviu de limonada do jarro de cristal e bebeu o copo inteiro.

- Fantástico, tia Ann. Tenho o melhor professor de economia!

- Quem ganhou? - Carmen perguntou, procurando por Joe Junior, o filho de dezessete anos de Maggie.

- Eu. Joe foi para a sede jogar videogame com Arthur.Tia Ann, você joga comigo, não joga?

Ann fez que sim e abaixou o garfo. Não sentiria saudades daquela salada.

-Vá com calma, Rosa - Carmen disse quando as duas se afastaram. - Sua tia já não é mais uma garotinha!

Ann e Rosa riram ao descer para a quadra de tênis. Beverly as viu se afastarem, com um sorriso leve nos lábios. Depois, olhou para Carmen e disse:

- Rosa é motivo de muito orgulho, não?

As duas amigas se olharam por um bom tempo, ouvindo o som distante de cortadores de gramas na vasta propriedade de Beverly, o som de tesouras cortando os arbustos, e, finalmente, o rítmico bater da bola na quadra logo embaixo. As duas pensavam que, quando novembro chegasse, completaria vinte anos que Beverly encontrara Carmen em Dallas.

- Olá! - disse uma voz conhecida.

As duas se viraram para ver Maggie descendo pelo jardim, em sua túnica verde-limão brilhando sob o sol de fevereiro. Maggie agora domava a cabeleira ruiva num nó no alto da cabeça, um estilo que Pete Forman disse que apreciava. Quando parou debaixo da sombra do guarda-sol e viu os pratos de salada, ela gesticulou para um criado uniformizado que aguardava ao lado do carrinho de bebidas.

- Traga-me um sanduíche, por favor - disse ela. - De qualquer tipo, desde que esteja carregado de maionese. E uma taça de vinho branco.

Maggie abriu um espaço para si na mesa, apoiou a pasta e se sentou.

- Que dia mais lindo! - disse ela, observando a mais nova propriedade de Beverly. As terras pareciam se estender infinitamente, e transmitiam a idéia de isolamento.

- Presumo que Pete esteja na cidade - Carmen comentou com um sorriso.

Maggie deu uma piscadela e abriu a pasta.

- Do serviço de clipping — ela disse, entregando um envelope grosso para Beverly.

Usando um abridor de cartas de prata, Beverly abriu o envelope e retirou o conteúdo cuidadosamente. Danny Mackay estava sempre tão presente nos noticiários que agora ela tinha de reservar um hora diária para se manter a par de tudo.

- A esposa dele teve o filho no domingo — Maggie disse. — Outro menino.

Beverly pegou um dos recortes e o leu.

O Ministério da Boa Nova anunciou que a Catedral em Houston angariou seis milhões de dólares no primeiro ano de operação, e que a audiência de Danny **agora chegou a** dois milhões.

- Beverly - Carmen disse depois de pensar. - Não chegou a hora? Ele é tão popular.Tão rico e poderoso. Podemos atacar agora.

Mas Beverly disse: - Não. Ele ainda não subiu o bastante. Ele é conhecido no pais, quero que a destruição dele seja conhecida pelo *mundo* todo.

Maggie pegou mais papéis de sua pasta.

- Aqui está o discurso que fará no Conselho de Artes Dramáticas esta semana, Bev. E aqui, o seu itinerário para o tour da semana que vem na Costa Leste.Tive de estender a sua estada em dois dias em Washington... - Maggie espalhou os itens pela mesa. - Os lobistas dos dois grupos ambientais estão ansiosos para se reunirem e o senador Davidson insistiu

em uma conferência privada com você em relação ao novo projeto de lei sobre aborto que ele está tentando passar. Ah, e a Universidade de Stanford quer que você vá lá discursar novamente.

Um grito na quadra de tênis fez Beverly se virar para ver Ann e Rosa, que trocavam farpas amistosas. Rosa era alta e bonita, uma moça morena que poderia ser confundida com uma princesa saída das *Mil* e Uma Noites. Isso a fez pensar na sua última conversa com Jonas Buchanan. Ele estava se preparando para ir para a Arábia Saudita.

Depois de muita investigação, Jonas conseguira encontrar o rastro de
Christine Singleton novamente, e descobrira que, em 1971, ela fora para a Arábia Saudita com um homem chamado Eric Sullivan.

— Sua irmã usava o nome Rutheford - Jonas lhe informara na última reunião. - Esse era o sobrenome do homem com quem se casara e depois se divorciara. O homem com quem ela viajou para a Arábia era um consultor da Aramco. Ao que parece, ela foi como sua secretária. Mas há algo estranho nesse arranjo. Não consegui encontrar nenhum informação a respeito desse Sullivan. Ninguém quis falar sobre ele comigo. Isso me faz pensar se esse negócio de consultoria não era uma fachada para alguma outra coisa.

—De que tipo? - Beverly perguntou, alarmada.

—Não sei. Tudo isso aconteceu há doze anos.

Uma vez que não havia nada mais que Jonas pudesse descobrir nos Estados Unidos - parecia não existir nenhum registro do retorno de Christine para o país-, Beverly decidira enviá-Io para o Oriente Médio para continuar a busca. Ela rezava para que ele tivesse sorte.

Maggie, atacando o sanduíche de rosbife, disse: - A propósito... Querem ouvir uma coisa engraçada? Almocei com Bob Manning no outro dia, e ele me contou uma coisa engraçadíssima! Ao que tudo indica, quatro dos modelos da Fanelli estavam indo para a cama com as clientes, e recebendo por isso!

Carmen e Beverly olharam para ela.

- Como assim? — perguntou Beverly.

Maggie lhes contou o que Bob lhe dissera, sobre Michael e Ron Sheffield e outros dois visitando as casas das mulheres ricas de Beverly Hills, e quando terminou, ela disse:

- Não é engraçado?

Mas só se deparou com expressões sérias.

- Vender o corpo não é nada engraçado - Carmen disse baixo.

- Não — Maggie disse, subitamente se lembrando. — Não é. Sinto muito.

Do círculo íntimo delas, somente Maggie sabia do passado de Beverly e de Carmen. Elas confiaram nela, pois, a seus olhos, ela era como uma irmã: também sofrerá abusos por parte de Danny Mackay, assim como elas. Os outros - Ann Hastings e Roy Madison - não sabiam nada sobre o passado secreto das duas amigas.

- Tudo o que eu quis dizer — esclareceu Maggie — era que o sapato agora está no outro pé. Ou seja, as *mulheres* estão pagando por sexo. É um fenômeno da nossa liberação, desde que a pílula nos deu liberdade
sexual. Quem haveria de pensar, vinte ou trinta anos atrás, que haveria revistas sexuais para mulheres, como a *Playgirl,* ou clubes de striptease **para** as mulheres, como o Chippendales? Isso só serve para provar o que temos clamado o tempo inteiro: que as mulheres querem o mesmo tanto de sexo que os homens.

A bola rebateu e elas ouviram risos na quadra. As três mulheres sentadas debaixo do guarda-sol aproveitavam um almoço relaxado enquanto as duas lá embaixo na quadra ralhavam e zombavam uma da outra. Uma brisa apareceu, fazendo as palmeiras curvarem, provocando marolas na água azul-esverdeada da piscina italiana. A fragrância de gardênias florescendo atingiu as amigas e continuou sua viagem itinerante.

Beverly olhava ao longe em silêncio. Estava pensando nos belos e jovens modelos da Fanelli, e nas mulheres que os procuravam...

Para o quê?, ela se perguntou. Pelo que aquelas mulheres pagavam?

- Preste atenção, garota - a voz de Hazel ecoou através dos anos. - Você tem de fazer mais do que simplesmente ficar deitada lá. Esses homens vêm aqui com seu dinheiro suado procurando algum escape. Eles vem aqui comprar uma fantasia, e você tem de lhes dar isso.

- Fantasia - Beverly murmurou.

Carmen olhou para ela.

- O que disse, Beverly?

- Eu disse "fantasia". É isso o que essas mulheres estão comprando

- Que mulheres? — perguntou Maggie. — Está se referindo às clientes da Fanelli? Bev, elas estão comprando sexo.

- Talvez — Beverly disse devagar, pensando.— Mas há mais por trás disso. Afinal, você mesma disse que os tempos são outros, que a pílula libetou as mulheres do puritanismo arcaico e do duplo padrão para o sexo. Tudo é mais liberal hoje em dia. Então, por que pagar por ele?

Maggie deu de ombros.

- Para ter diversão garantida, acho. Se o homem quer receber, é melhor se esforçar.

Beverly balançou a cabeça.

- Acho que é mais que isso. Acho que essas mulheres estão buscando
um sonho, estão tentando comprar alguns minutos de felicidade, de companheirismo, talvez até mesmo de um pouco de bajulação.

Ela se calou novamente. Por que uma mulher *compraria* a companhia um homem? Para receber um pouco de atenção que o marido ou **o na**morado não lhe dá? Para afastar uma insuportável solidão? Para buscar por algum significado em sua vida? Para acreditar ainda que, apenas por uma hora, ela é bonita e desejável? Ou simplesmente para se divertir?

Todos esses motivos, Beverly concluiu, eram válidos. Todos nós queremos ser amados e ouvir que somos bonitos. Todos, em um ou outro momento, procuramos significado em nossas vidas e tentamos descobrir quais são os nossos sonhos.Todos nós temos medos e as necessidade de braços que nos abracem e um corpo quente para nos proteger à noite.

- O que Bob fez? — perguntou ela, subitamente.

- O que ele fez? - Maggie repetiu. - Ele os demitiu. Por què?

- Carmen, Bob Manning disse que nos cinco anos que Danny Mackay possui a Fazendas Royal, ele não se importou em inspecionar as subsidiárias da holding. Isso é verdade?

- Até onde eu sei, sim. Ele está ocupado demais comprando companhias aéreas e estádios de baseball para se preocupar com uma lojinha a mais de mil quilômetros de distância.

- E os escritórios acima da Fanelli, são os mesmos inquilinos? A empresa de pedidos por correio, o decorador de interiores?

- Todos querem ter um endereço em Beverly Hills, você sabe disso. Há pessoas alugando cubículos acima da Fanelli. Por quê?

Beverly olhou para a quadra de tênis, para a vivaz Ann, quem ela sabia que morria de fome para caber num uniforme de tênis, e se lembrou quando a conhecera, há vinte e três anos, infeliz por ter recebido o convite para o baile de Natal, sozinha e humilhada. E como Beverly arranjara para que Roy Madison a acompanhasse, e, como isso, ao encher Ann de autoconfiança e orgulho, mudara a vida dela dali por diante.

- Fantasia - Beverly repetiu novamente, presa em pensamentos. Fora apenas uma fantasia, um ato encenado, mas olhe o que aquilo fizera por Ann. Carmen disse:

- No que está pensando, amiga? Beverly olhou para as amigas.

- Quero que Bob readmita esses modelos. - O quê?

- E depois quero que os inquilinos da sobreloja sejam removidos. Maggie, encontre novos endereços para eles. Ajude-os na mudança.

- Mas, por quê?

- Tenho outro uso para os cômodos sobre a Fanelli.

Beverly pediu ao motorista que parasse. Esperou no ar-condicionado de seu confortável Rolls-Royce e observou o grupo modesto de pessoas através dos vidros escuros da janela. Havia talvez doze, quinze pessoas assistindo ao enterro privado. A maioria chorava. Beverly também sentiu v**ontade** de chorar.

Quando a cerimônia ao lado do túmulo acabou e todos começaram a voltar para as suas limusines, Beverly saiu do carro e se aproximou de uma mulher pequena vestida de preto, amparada por duas pessoas.

- Senhora Wiseman? - Beverly perguntou.

A mulher de cabelos grisalhos olhou para ela desolada.

- Conheci o seu marido - Beverly disse com suavidade.- Ele me fez um grande favor há muitos anos. Prometi que nunca me esqueceria dele. Ele era um grande homem.

- Sim...

- Por favor, aceite isto.

A senhora Wiseman piscou ao receber um envelope com a **mão enluva**da. Uma das pessoas que a amparava, um homem de cerca de **quarenta anos,** pegou o envelope e disse:

- Lamento, mas minha mãe não se sente bem.

- Eu entendo. Não quis me intrometer em seu pesar. Eu só queria lhe entregar isso, em memória do seu marido.

Eles a viram se afastar, uma loira alta num casaco de marta até os tornozelos entrando num Rolls-Royce branco. No banco de trás da limusine alugada, o doutor Walter Wiseman abriu o envelope e retirou seu conteúdo.

- Meu Deus — ele disse, e se virou abruptamente, a tempo de ver o Rolls desaparecer na curva.

Nos seus últimos anos de vida, o doutor Seymour Wiseman, cirurgião plástico, abraçara a causa de ajudar os judeus a fugirem da Rússia. A mulher desconhecida, cujo nome os Wiseman jamais saberiam, criara uma fundação milionária no nome dele para a salvação dos judeus soviéticos.

Ann Hastings não acreditava em seus ouvidos. Encarou o velho amigo Roy Madison com tamanha descrença que o fez rir.

- Não está falando sério! - ela exclamou.

—Veja você mesma, se não acredita em mim.

Estavam almoçando num restaurantezinho em Venice Beach, **um** lugar ainda "desconhecido" e, portanto, seguro para Roy Por causa da **sua fama,** ele não ousava se aventurar em lugares em que poderia ser reconhecido, a menos, claro, que estivesse com vontade de ser reconhecido. Agora que concorria ao grande prêmio da Academia pelo seu último filme, havia poucos lugares em que o belo **Roy** Maddison pudesse ir sem ser **pertubado.** A não ser por aquele restaurante encardido em Venice Beach **onde** UMA mistura de bêbados, adolescentes fugidos, judeus anciões vivendo **de renda** comiam carne maturada **e batatas fritas.**

Desde o "encontro" deles vinte e três anos antes, quando um muito jovem e desempregado Roy Maddison mudara de imagem e levara uma jovem e infeliz Ann para o baile da prima, os dois se tornaram bons amigos. Tentavam se encontrar pelo menos

uma vez por mês para aquele tipo de bate-papo relaxado, cheio de segredos compartilhados que não pensariam em ter com ninguém mais. Ann costumava reclamar da vida sexual e dos idiotas que encontrava nos bares, e Roy costumava reclamar da vida sexual e dos idiotas que encontrava nos bares. Mas esse dia foi diferente, nesse dia ele tinha uma novidade deliciosa e chocante para contar.

- Verdade? — ela sussurrou, inclinando-se sobre a mesa. — Eles vão ter mesmo quartos no andar de cima e tudo mais? Não acredito.

- Conheço Michael há alguns anos. Ele não é gay, somos só amigos. De qualquer forma, fui eu quem conseguiu o emprego na Fanelli para ele. Ele esta dizendo a verdade. - Roy riu e enfiou uma batata engordurada na boca enquanto Ann continuava sentada sem acreditar no que ouvia.

- Mas — disse ela —, por que Bob Manning faria isso? Quero dizer, por que abriria um bordel?

- Bem, segundo Michael, ele e alguns outros rapazes já estavam trabalhando à margem, para ganhar uns extras. Ele disse que quando Manning descobriu, eles foram demitidos. E, de repente, três dias mais tarde, eles foram readmitidos, e lhes disseram que eles poderiam continuar trabalhando por fora, mas sob a supervisão de Manning. Acredito que o Bob tenha Imaginado que, se as clientes estavam dispostas a pagar, bem, que mal faria, elas que se divertissem.

Roy tomou um belo gole de -refrigerante e continuou: - Manning também mencionou alguma coisa sobre controlar o padrão da operação. Ele disse que não poderia deixar os rapazes fazerem o que quisessem e onde quisessem.Tudo seria feito debaixo de um único teto e sob a supervisão de alguém. Eles teriam de pensar em herpes e nas doenças venéreas e tudo isso.

- Não consigo acreditar! - Ann repetiu com os olhos brilhantes de excitação. - Quero dizer, Bob Manning é tão empoado! E se Beverly descobrir isso? Meu Deus, Roy, foi ela quem abriu a Fanelli!

- Agora vem a parte interessante. Michael disse que viu Beverly subir com Bob em três diferentes ocasiões, e eles conversaram bem reservadamente. Ao que parec**e, Beverly** já sabe de tudo.

Com isso, Ann lhe lançou um olhar decididamente incrédulo.

— Ah, para com isso, Roy! Estou falando de Beverly Highland, a NOSSA velha amiga tão puritana e pudica que não teve um encontro **sequer nos** vinte e quatro anos que a conhecemos! Ela não perdoaria uma **coisa dessas!**

— Michael disse que havia duas outras mulheres com ela **— uma ruiva e** uma latina. Não seriam Maggie e Carmen?

— Impossível! - Ann sussurrou. Depois se calou, lembrando-se SUBITAMENTE de algo. Na verdade, lembrando-se de várias coisas. Em diversas ocasiões, no decorrer de todos aqueles anos, quando ela aparecia do nada e encontrava Beverly, Maggie e Carmen juntas, concentradas de **cabeças** baixas, discutindo algum segredo, as três se calavam quando a viam. Sempre soube que era um tipo de forasteira, que não era, de fato, uma delas. Havia algo naquelas três que as unia mais do que Ann jamais seria unida a Beverly, mesmo sendo sua amiga por mais de duas décadas. Mas, a questão era, que segredo elas partilhavam?

Quinze minutos depois, tendo se despedido de Roy e já **acelerando** pela Autoestrada de Santa Monica em seu BMW, Ann digerira **e** finalmente aceitara o que Roy lhe dissera - que a Fanelli encobertaria um bordel no andar de cima e que, de alguma forma, Beverly estava **envolvida.** E assim que se acostumou com essa idéia, outra idéia surgiu na cabeça de Ann Hastings. Era uma idéia tão espantosa e excitante que ela **sem** querer pressionou o pedal do acelerador, excedendo o limite de velocidade, **e por** isso foi parada por um policial, o que a fez chegar atrasada ao **escritório** de Beverly Highland.

Bob Manning considerou a idéia brilhante - ele considerava todas as idéias de Beverly brilhantes - e estava ansioso em começar logo. Mas eles tinham de ser cautelosos.

— Ninguém — enfatizou Beverly para Bob, Maggie e Carmen, que estavam do outro lado da mesa —, absolutamente ninguém pode saber disso. Temos de ser muito cautelosos com quem contratarmos para trabalhar no andar de cima, e quanto às clientes **que** aceitarmos. Estamos **embarcando** em algo absolutamente ilegal **que pode nos** prejudicar. E, mais do **que** tudo, temos de ser cautelosos para que **nenhuma** pista sobre essa mudança chegue
à sede de Danny. Não podemos arriscar a ter nenhum bisbilhoteiro da Fazendas Royal.

Eles tinham discutido sobre a localização da "fabrica de fantasias", como Maiggie a chamara. Carmen não tinha tanta certeza que a sobreloja da Fanelli fosse uma boa idéia. Mas Bob insistira que aquele seria o único modo de manter controle absoluto sobre os modelos e as clientes. Era o modo m**ais** seguro, ele disse, e o mais simples. E como alguém descobriria? Até onde os contadores do Ministério da Boa Nova saberiam, aqueles cômodos eram alugados por empresas legítimas. Eles ainda estariam recebendo o aluguel, só não ficariam sabendo sobre a mudança dos inquilinos.

- O sigilo é vital — disse Beverly. — Quero que as mulheres sejam protegidas. Tenho certeza que os modelos haverão de querer manter o segredo a salvo a fim de proteger a escolha de emprego deles. Um vazamento, e eles estarão na rua. E, quanto às clientes, elas naturalmente irão querer que a operação seja secreta. A maioria delas será casada. E insisto numa escolha criteriosa tanto dos modelos quanto das clientes. Temos de manter um padrão absolutamente alto para ambos os casos. Deixarei esse aspecto da operação a cargo de Jonas quando ele voltar da Arábia.

Os outros concordaram e se puseram a trabalhar.

Carmen foi a primeira a dar seu relatório. Ela fizera pesquisas em vários serviços de "acompanhantes" operando na região de Los Angeles.

—As mais lucrativas e que operam há mais tempo não consideram os acompanhantes seus empregados. Não há folha de pagamento, nenhum registro, nenhum seguro e assim por diante. Os acompanhantes trabalham como contratados independentes. Se montarmos o nosso negócio seguindo essa linha, e pagarmos tudo em dinheiro, nos poupamos de muita burocracia e eliminamos o risco de sermos descobertos.

Beverly concordou e se voltou para os outros para mais idéias.

- Acredito que tenhamos de restringir o acesso - Maggie disse. - Uma ideia como essa, bem, se as pessoas ficassem sabendo, nós, literalmente, ficaríamos assoberbados de clientes. Haveria uma fila de mulheres dando a volta no quarteirão! Teremos de manter o negócio equeno e discreto, com limitações.

— Podemos estabelecer uma cobrança para a associação — sugeriu Carmen.— Como num clube de campo. E novos membros só podem ingressar pela indicação de membros com boa reputação.

Beverly se virou para Manning.

— Bob, estou deixando você encarregado dos homens. Precisam mm ter determinadas diretrizes para que eles sigam. Não queremos que as nossas clientes apareçam com herpes e outras doenças venéreas.

Isso o surpreendeu. Beverly Highland sempre lhe pareceu uma dama. Como ela podia saber de coisas comuns aos bordéis?

- Falarei com eles - respondeu ele. Mais uma vez ele se surpreendeu com a habilidade dela de saber exatamente o que as pessoas queriam. Ele sabia que a operação secreta seria um sucesso.

— Maggie, cuide da reforma no andar de cima. Os quartos e salas de jantar particulares têm de ser perfeitos. Não economize. Os quartos têm de ser belos; o ambiente deve ser propício para a fantasia de qualquer mulher. Por fim, Bob, quero que aconselhe os homens. Essas mulheres estarão comprando sonhos preciosos. Não quero que elas se magoem ou fiquem desapontadas.

- O que digo aos rapazes?

—Você lhes diz para fazer sexo bom, é isso o que você deve lhes dizer - disse uma voz da soleira da porta.

Todos se voltaram para Ann Hastings parada com as mãos nos quadris e um enorme sorriso no rosto. Ela entrou e fechou a porta.

—Você diz a esses rapazes que eles têm de se esquecer de si mesmo e só se concentrar em dar prazer para as clientes.Você lhes diz para não se apressarem, não babarem, não usarem linguagem de baixo calão. Você lhes diz que eles têm de se demorar, de ser amorosos e carinhosos e agirem como se a mulher que está com eles fosse a única mulher no mundo inteiro. Você os aconselha a respeito de mau hálito, da barba por fazer, e de mãos asperas - ela se virou para Beverly e lançou um sorriso de desculpas. - Eu espionando, desculpe.

- Quanto você ouviu?

— Não se preocupem, não ouvi nada. Fiquei sabendo da história por Roy, que ficou sabendo por intermédio do seu bom e velho amigo, Michael.

Quando Maggie lançou um olhar preocupado para Beverly, Ann se adiantou e disse:

- Não se preocupem comigo. Não vou contar para ninguém! Só quero participar.

—Participar! - repetiu Carmen Fazendo o quê?

- Exatamente o que venho fazendo na Royal Burgers todos esses anos. Controle de qualidade. Garantindo que mantenhamos os altos padrões e que cada cliente se beneficie desses padrões. Afinal, sexo é uma mercadoria como qualquer outra. Pode ser extraordinária ou pode ser horrível.

Eles se entreolharam.

- Escutem - disse Ann. - Alguém tem de dizer a esses rapazes o que funciona. Alguém tem de mostrar a eles como fazer amor com uma mulher. De outro modo, vocês terão inconsistência no produto. Alguns podem ser bons, outros podem ser verdadeiros desestimulantes.

- E eu suponho - Carmen disse devagar - que você os treinará pessoalmente para garantir que eles estejam à altura do padrão?

Ann sorriu.

- Funciona com hambúrgueres, não funciona?

JAMIE TEVE DE DAR a volta no quarteirão seis vezes antes de **encontrar um** lugar para estacionar. E depois teve de roubar a vaga de uma vadia NUM Lincoln Continental branco que quase amassou seu VW com o para-choque de metal. Colocando moedas no parquímetro, Jamie parou para olhar do outro lado da rua, para uma loja de roupas masculinas com **o logotipo** de borboleta acima da porta.

Ele conhecia gente que fazia compras lá.

Melhor, ele conhecia caras que tinham "donas" que compravam para eles lá.

Eles eram os sortudos, os nascidos de bunda pra lua que, **entre trabalhos** de atuação, conseguiram descolar uma mulher rica que cuidassem **deles. Ele,** Jamie, não tinha essa sorte.

De maneira estranha, as suas nadadas na piscina de Beverly **Highland** não resultaram em nada. Ela até mesmo parara de espiá-lo. O que ele fez de errado?

-Você precisava ter dado o bote - Gary, seu colega de quarto, **lhe dis**se. - Ela tem uma reputação a proteger, sabe. Ela é apoiadora **número um** do reverendo Danny. Ela não pode simplesmente dar em cima do **cara da** piscina, pode?

- Dar o bote como? - Jamie perguntara, de fato precisando de um conselho. Caramba, se pudesse entrar naquela casa...

■

- Não sei. *Você* é o garanhão, não?

Mas Jamie achava que tinha juízo demais para fazer qualquer tipo de insinuação sexual para uma mulher como Beverly Highland, e, como resultado, deixou a oportunidade passar.

De qualquer forma, parecia que outra oportunidade aparecia. E de um modo totalmente inesperado.

Ele recebera um telefonema alguns dias atrás, da diretora daquela loja. Se ele estaria interessado em trabalhar como modelo da loja? O trabalho era fácil e agradável, e o pagamento seria bom. Como ela tomou conhecimento dele?, ele perguntara. Como conseguiu seu nome e número de telefone? Mas tudo o que ela revelou foi que alguém o recomendara.

Ele atravessou a rua correndo, desviando-se do trânsito, e parou diante da vitrine para verificar a aparência.

Jamie sabia que era um cara bonito, e se esforçava para manter essa imagem. Exercícios frequentes, dieta adequada, muito sol e a aparência perfeita de Jeff Bridges: camisa havaiana meio amassada desabotoada até o umbigo, calças cáqui de pregas sem cinto, o botão do cós deixado, casualmente, provocativamente, aberto.

Ele entrou um pouco constrangido, aquela loja estava muito além das suas nas possibilidades, e meio que passeou até os fundos, onde a diretora disse que o encontraria. Lá, ele viu clientes - mulheres vestidas com esmero cheirando a dinheiro - sentadas em poltronas de brocado, bebendo chá, observando os homens se pavoneando em roupas Ralph Lauren e Hugo Boss. Olhando para os modelos, Jamie concluiu que poderia competir com qualquer um deles; conseguir aquele emprego seria moleza.

Uma jovem com saia preta e blusa branca com uma borboleta bordada em dourado no bolso se aproximou dele e pediu que a acompanhasse. Entraram num pequeno elevador e subiram um andar. No andar de cima, ela o conduziu até a primeira porta à direita; enquanto ele entrava, olhou de relance para o corredor e viu os dois lados com diversas portas fechadas. Escritórios, sem dúvida.

Uma mulher de aparência normal, mas muito bem vestida se levantou para recebê-lo. Ela estendeu a mão e o convidou para que se sentasse. Quando ficaram sozinhos, ela se apresentou como a diretora, sem lhe dizer seu nome, e logo passou para um tom amigável, chamando-o simplesmente de Jamie.

- O que achou da loja? — ela perguntou.

—Classuda.

—Viu os nossos modelos? Acha que gostaria de fazer esse tipo de trabalho?

—Claro — ele respondeu com um dar de ombros. — Mas quem lhe deu o meu nome? Isto é, eu gostaria de agradecer.

—Deixe-me falar um pouco sobre o emprego.

Ele ouviu com toda a seriedade, assentindo com uma bela expressão de jogador de pôquer quando ela mencionou um salário bom demais para ser verdadeiro, e quando ela terminou, ele disse:

—Sim... Sim. Acho que eu poderia trabalhar aqui.

Ela sorriu.

—Devo lhe dizer de pronto que entrevistarei diversos outros homens. Temos apenas uma vaga e estamos recebendo muitas recomendações. Não poderei lhe dizer a minha decisão hoje ainda.

Ele quase gritou: "O quê?" Mas conseguiu se controlar, dizendo:

—Sim, claro, eu entendo.

—Bem, agora posso, por favor, ver como você anda?

—Como eu ando?

— É importante o modo como se move, assim mostrará as roupa e suas melhores características.

Andar? Ele se levantou e marchou pela sala.

—Por favor, tente relaxar, Jamie. Não force demais.

Ele lançou um sorriso exasperado.

—Nunca parei para pensar sobre o modo como ando. Agora que estou fazendo isso, não consigo!

— Entendo. Vou lhe dizer uma coisa. Por que não finge que acabou de entrar num... num bar, por exemplo. Você me vê sentada nesta mesa. E quer se aproximar de mim. Apenas comece daí de onde você está.

Ele foi para a porta, virou, lançou-lhe um olhar, depois se aproximou com seu meio passeio estilo Don Johnson.

Ela pareceu satisfeita.

—Importa-se em tirar a camisa?

Ele ergueu as sobrancelhas.

—Você também desfilará roupas de banho.

— Ah, sim —ele tirou a camisa e flexionou um pouco aqui e acolá.

Ela franziu o cenho **ligeiramente.**

- O que foi?

- Ah... Nada. Nada mesmo.Tudo bem. Pode vestir a camisa.

Isso o irritou. Nenhuma mulher pedia para ele *vestir* a camisa.

Ela se levantou do sofá e estendeu a mão.

- Eu telefono dentro de poucos dias.

- Só isso? Quer dizer que a entrevista terminou? Não tenho que preencher nenhuma ficha ou algo assim?

- Não creio que isso seja necessário.

Que diabos... ?

Ele tentou sorrir ao cumprimentá-la, mas se viu irritado. O que havia nele de errado que a fez desgostar dele? Jamie já participara de um número suficiente de entrevistas de emprego para saber que não tinha conseguido.

- Ei, escute - disse ele. - Eu gostaria que soubesse que eu quero muito este emprego. Quero dizer, vou conseguir fazer apresentações classe A para as suas clientes. Elas vão sair daqui tendo comprado tudo.

-Tenho certeza de que sim,Jamie...

- Mas?

- Como eu já lhe disse, tenho alguns homens para entrevistar.

- Mas eu pergunto com toda honestidade — disse ele, lançando o seu sorriso de campeão —, o que eles podem ter que eu não tenho?

- Bem...

Ele pesou a situação numa fração de segundo. Aquele emprego pagaria mais do que qualquer coisa que ele poderia sonhar em ganhar em qualquer outro lugar, era um trabalho fácil, e ele se exporia diariamente a "donas" ricas, solitárias e excitadas. Resolveu que devia arriscar.

- Então... — disse ele, dando um passo à frente. Jamie achava que ela devia ter uns cinqüenta anos. Bem a idade que estava suscetível a um bom papo. - Quero muito este emprego.

Ela o fitou.

- Quero dizer - disse ele com um sorriso íntimo. - Faço qualquer coisa para ficar com ele.

- Mesmo?

Deus, como o coração dele batia rápido. Bem, o que de pior ela poderia fazer? Ele achava que não conseguiria o emprego mesmo, não tinha nada a perder.

- O que você faria? - ela perguntou bem baixinho.

Ela estava caindo!

—O que você quiser.

—Está querendo me subornar, Jamie? - disse ela, um tanto tímida.

-Tudo o que posso lhe dizer é que, depois que me contratar, vai ficar feliz por tê-lo feito. Vou brilhar mais do que todos aqueles caras bonitos lá de baixo. Farei as suas clientes felizes.

—E quanto a mim?

Ele não deixou a oportunidade passar.

— Também posso fazer você feliz.

—Como?

Ele hesitou apenas uma fração de segundo, depois inclinou a cabeça e a beijou nos lábios.

Quando se afastou, ele viu, para seu imenso alívio e alegria, que ela estava sorrindo.

—Isso foi bom — ela murmurou.

—Posso ficar com o emprego?

—Você ainda não acabou de me subornar.

E então, ele a envolveu nos braços e começou a esmagar-lhe os lábios.

—Ei — ela disse com uma risada, empurrando-o. — Devagar! Temos o dia inteiro.

Ele tentou segurá-la.

—Só estou tentando lhe mostrar como posso ser grato.

— Em cinco minutos, não vai conseguir - ela pegou a mão dele e o levou até o sofá. — Agora — disse ela, envolvendo-o pelo pescoço — mostre-me o que sabe fazer.

E ele o fez, vigorosa e rapidamente, pensando: Jesus! O modo mais fácil de conseguir um emprego!

Quando ela o deteve a primeira vez e, como que por mágica, entregou-lhe um Jontex, ele ficou surpreso, mas fez o que ela pediu. Mas quanto ela o deteve na segunda vez e insistiu para que ele fosse devagar, ele começou a sentir a irritação aumentar. Era difícil ir devagar, estava ansioso para penetrá-la, para lhe dar, de acordo com as suas palavras, "a melhor foda da vida dela". Mas quando eles logo chegaram àquele estágio, e eles estavam no chão, e ele já tinha despido sua calcinha, e já estava se posicionando entre suas pernas, ela o deteve de novo e disse, com um pouco de impaciência:

— Eu disse para ir devagar. O que está acontecendo, está com pressa pegar um avião?

Ele se soergueu e lhe deu um olhar indignado: - Nunca tive nenhuma reclamação antes.

- Ah, claro que não teve, Jamie. As mulheres raramente criticam um homem na cama. Elas têm medo de magoar seus egos delicados. Mas eu não tenho medo de dizer, Jamie. E, honestamente, você não é muito bom. A ereção dele murchou.

Quando ele começou a se levantar, ela o trouxe para perto de novo e dlise:

- Não precisa ficar todo nervoso. Se fizer direito, o emprego é seu. Que tal? - Se eu fizer direito! Dona, já trepei com... Ela pôs a mão sobre a boca dele. - Por favor, não use essa palavra.

- O que quer de mim? Quer que eu a fo... faça amor com você, sim ou não? - Sim, eu quero. Mas de uma maneira que satisfaça *a mim,* e não a você. Ele franziu o cenho, confuso. Transar não era bom para os dois envolvidos? - Preste atenção,Jamie — disse ela com suavidade, afagando-lhe os lindos

i cabelos loiros. - Tenho certeza de que você pode ser muito bom, mas está indo rápido demais e está se esforçando demais. Nenhuma mulher gosta de ter um animal esbaforido e babão em cima dela. E mais uma coisa, quando você esteve dentro de mim, não olhou para mim uma vez sequer. Foi como se nem percebesse que eu estava ali.

- Como pode dizer isso? Eu estava com o meu pau... - E mais uma coisa, Jamie - ela o interrompeu. - A linguagem. Antes de você fazer amor com uma mulher, esteja certo de que ela quer ouvir palavras como essa. De outro modo, isso é muito desestimulante. Ele emitiu um suspiro exasperado.

- Jamie - murmurou ela. -Vamos tentar de novo. EIa abaixou a mão para afagá-lo, para levá-lo a uma nova ereção. Mas quando ele a segurou pelo pulso e disse:"Isso não é necessário.Já chego lá", ela percebeu qual era o problema de Jamie. Seu pênis era pequeno.

Quando ela mencionou isso, ele pareceu bem constrangido. - Bem, você sabe o que dizem por aí! Não é o tamanho que conta, mas o que você faz com ele.

- E isso é verdade. Nem todas as mulheres gostam de pênis grandes, Jamie. Muitas nem se importam com o tamanho, contanto que o homem saiba propiciar prazer.

Isso foi o que ela descobriu a respeito de Jamie: que, a fim de compensar pelo que ele considerava uma inadequação, ele fazia amor com ardor em demasia e muito esforço físico. O resultado, contudo, não era nenhuma compensação, mas um aumento do problema.

- Quando quiser fazer amor com uma mulher no futuro - disse **ela com** suavidade, acariciando-o e deixando-o excitado novamente -, não **abra tan**to as pernas dela como fez comigo. Aproxime-as, para que elas **quase se to**quem. Assim. Viu? Você ainda consegue me penetrar, mas agora eu consigo *sentir*. E a sensação é muito boa, Jamie.

Ele estava começando a relaxar. Deixando o orgulho ferido de lado, ele a deixou guiá-lo, percebendo de fato que estava tendo mais prazer com o que ela lhe ensinava do que com o seu desempenho sexual costumeiro. Ele a sentia melhor, era um ajuste mais estreito, e havia algo novo naquilo - um calor, um tipo de proximidade que nunca sentira antes.

- Devagar - ela murmurou enquanto ele balançava o quadril. - SUAVE e lentamente. As mulheres são mais sensíveis na abertura. Recue **quase que** completamente, permita-me sentir você, e entre novamente. Ah... - ela arfou. - Assim. Sim, isso mesmo...

Ele demorou mais do que em toda a sua vida, e gostou mais do que nunca na vida. Quando chegaram ao fim, recompondo-se e recolhendo as roupas, ele disse com um sorriso malicioso:

- E então? O emprego é meu?

Ela lhe lançou um olhar pensativo.

- Hum, fico pensando... - disse ela, como se tivesse imaginado aquilo pela primeira vez.—Você gostaria de trabalhar no andar de cima?

De cima? Na gerência? Jesus, se ele soubesse o que transar com a empregadora pudesse render... Bem, ali vinha a parte delicada, revelar a ele o verdadeiro objetivo daquela entrevista, a real natureza do que estava por trás do logo da borboleta.

-Tenho de ter a sua mais absoluta confiança, Jamie. Sério. Nenhuma palavra do que vou lhe dizer pode sair deste escritório.

- Pode confiar em mim.

Sim, ela sabia que podia. Ainda mais depois que ela lhe contasse quanto o trabalho de cima pagava. Nunca falhava o possível acompanhante desejava tanto o emprego que seria incapaz de deixar escapar qualquer **coisa** para um amigo. Não fazia sentido arriscar a galinha dos ovos de ouro, **era o** que eles invariavelmente pensavam; não fazia sentido aumentar a concorrência naquele emprego.

A princípio, ele ouviu e a encarou perplexo. E depois, assim que ele começou a entender e aceitar a idéia, todos os tipos de luzes brilharam por trás dos olhos azuis de Jamie.

- Está dizendo que além desse salário, vou receber gorjetas... - e ele não tinha dúvidas de que as goijetas seriam gordas — *e* todas as xoxotas que eu quiser?

- As nossas sócias são mulheres de classe. Se elas quiserem ouvir esse tipo de linguajar, elas farão com que você saiba. De outro modo, seios são seios e não tetas, e assim por diante.

- Tá, entendi.

- Bem, somente eu e a minha assistente saberemos a sua real identidade. Não existem registros escritos, e você será pago em dinheiro.

- Uau. A máfia está por trás deste negócio?

Ela lhe lançou um sorriso tolerante.

- Você nunca verá ninguém que esteja envolvido na operação do Butterfly. Você só será contatado por mim ou pela minha assistente. E eu contarei com as sua discrição quando estiver com os outros acompanhantes. Nada de comparar observações, por favor.

-Certo, entendi. Meus lábios estão selados. Diabos! Por esse montante de dinheiro...

- Bem, existem algumas coisas que precisam ser estabelecidas logo de **inicio.** Primeiro de tudo, você usará preservativos todas as vezes. *Todas* as vez**es.**Você se opõe a um exame de sangue?

- Acho que não.

- Perfeito. A nossa operação é um pouco diferente das dedicadas aos clientes homens. Por exemplo, as horas de maior movimento são durante o dia, não à noite, por motivos óbvios. Muitas sócias são casadas. Só conseguem um tempo livre durante o dia.Você nunca poderá perguntar o nome da associada ou onde ela mora, nem nada pessoal a respeito dela.E o anonimato do Butterfly que faz com que as sócias se sintam seguras. As mulheres vem aqui por algo que seria impossível encontrar, e perigoso demais para procurar em qualquer outro local. Mais uma vez, devo salientar a discrição do que fazemos aqui. Deixar, de alguma forma, que a verdade venha à tona, convidaria, digamos, **certos** bisbilhoteiros que não podemos permitir que saibam sobre nós.

Bisbilhoteiros!, pensou Jamie com uma risada. Uma batida policial naquele lugar sem dúvida formaria uma lista enorme do tipo "Quem é quem".

—Nada de drogas, Jamie. Essa é a regra número um. E restrinja o consumo de álcool ao mínimo possível. Evite ao máximo consumir bebidas com as associadas. Se fizer uso de pós-barba ou colônia, use com muita **mode**ração. As nossas sócias não podem voltar para seus maridos com um cheiro forte.Você tem de agir como um cavalheiro o tempo inteiro. Elas são damas, nunca se esqueça disso. Os seus primeiros trabalhos serão com sócias antigas e cujas preferências sexuais são bem simples e diretas. Quanto ao sexo em si, lembre-se sempre de seguir o que a mulher quiser, não o **que você** quer ou acha que ela quer. Procure sinais. Estou certa de que você sabe que existem mulheres com preferências da cintura para cima e outras da cintura para baixo. Descubra que tipo de mulher a sócia é, e aja de acordo. E, pelo amor de Deus, Jamie, vá devagar. Essas mulheres estão pagando **muito bem** por isso. Faça com que valha a pena. E aprenda a ser rápido com o preservativo. Não seja óbvio ao colocá-lo. Durante a relação, *olhe* para a mulher com quem você está. Contato visual durante o sexo é muito estimulante. Ela também saberá que você estará fazendo amor *com ela,* e não fantasiando com outra pessoa.

Ela sorriu e disse:

—É isso. Você tem alguma pergunta a fazer?

—Só uma. Como o dinheiro é manipulado?

— Com muita discrição e bom gosto. Não seja óbvio a respeito. E se ela lhe der uma gorjeta, certifique-se de mostrar sua gratidão. Provavelmente a gorjeta será maior ainda da vez seguinte. Mais perguntas?

—Sim. Quando começo?

E era assim que Ann Hastings recrutava acompanhantes para o Butterfly.

44

I TRUDIE SUSPIROU AO SENTIR o pênis rígido dentro de si. Enrascou as pernas ao redor da cintura dele, fechou os olhos e sussurrou:

- Mais rápido. Mais rápido.

0 O nome dele era John, ou Mike, ou Steve. Conhecera-o na noite anterior no bar do restaurante Red Onion e fora para casa com ele. Resolveram aproveitar uma rapidinha antes de os dois terem de sair para trabalhar. Ela não sabia o que ele fazia para viver. E não se importava. Não tinha a intenção de voltar a vê-lo.

Isso definitivamente tem de acabar, ela pensou quando ele chegou ao clímax antes do que ela e, portanto, recuou antes que ela tivesse chegado ao fim.

Mais tarde, enquanto guiava o Corvette pelas ruas curvas de Bel Air,

II Trudie refletiu a respeito da sua vida. E o que ela viu não a agradou. O jogo do sexo anônimo com parceiros aleatórios era perigoso demais para continuar a ser jogado. Além disso, os homens escolhidos nos bares não eram um remédio para a solidão. Na verdade, ela concluiu, eles só tornavam a solidão mais aguda e mais insuportável.

1 EIa queria alguém permanente. Alguém para amar e com quem partilhar a vida.

Mas quem? Além dos encontros casuais dos sábados, quem eram os homens na sua **vida?**

Bill lhe veio à mente. Ele vinha fazendo isso com freqüência nos últimos tempos; eles se encontraram nos trabalhos de campo. Nunca se falavam - apenas um aceno para acusar a presença do outro. Ela imaginava que ele ainda estivesse bravo com ela. Mesmo ela tendo se desculpado. Trudie se aborrecia por pensar, nessas ocasiões, que tipo de amante ele seria. Só de olhar para ele,

ela concluíra que ele devia ser um daqueles ovos de três minutos: um daqueles machos que viram de um lado, viram do outro e que invariavelmente perguntavam depois se tinha sido tão bom para ela como fora para ele. De acordo com a experiência de Trudie, amantes ruins sempre faziam essa pergunta batida depois do sexo, enquanto amantes habilidosos sabem que são **bons e nunca** perguntam. Como "Thomas" do Butterfly. Ele nunca perguntava Thomas...

Lá estava ele novamente, o enigma que cercava seu relacionamento com

o acompanhante do Butterfly. Toda vez que estava com ele, Trudie tentava descobrir o que nos encontros com Thomas os tornavam tão especiais. Não podia ser o anonimato da coisa, visto que os encontros de sábado **também** eram totalmente destituídos de identidade. E também não podia ser pelo fato de ele ser um bom amante. Alguns dos homens de sábado eram excelentes amantes, mas faltavam os fogos de artifício. O que,

então? O que ela fazia no Butterfly, com seu acompanhante pago, que tornava aquelas noites tão espetaculares?

Ela não conseguia se livrar da sensação residual que seu encontro com John, ou Mike ou Steve lhe deixara. Existiu um quê de animalesco, de desalmado na relação sexual deles, como se fosse quase uma perversão. Como uma mulher inteligente e racional como ela conseguia fazer uma coisa tão desmazelada quanto ficar nua com um homem estranho e fazer coisas com ele que deveriam, de fato, ser reservadas para ocasiões em que o amor profundo precisasse ser expresso?

Fazer amor? Isso não descrevia seus atos da noite anterior **e daquela manhã!** Seu encontro com Jessica seria às duas da tarde e ainda **eram** onze da manhã. Trudie decidiu dar uma passada em algumas das construções em progresso antes de seguir para o restaurante.

A claridade gloriosa da manhã de maio lançava sua bênção sobre uma Los Angeles limpa após a chuva e sobre os cabelos loiros de **Trudie enquan**to ela acelerava pelo Bulevar Sunsel. Quando ela chegou à esquina em que os prédios rosados do Hotel Beverly Hills surgiam por trás **das** palmeiras à
sua esquerda, Trudie se lembrou do trabalho que aTruePools estava executando na mesma rua.

Inspecionara no dia anterior. Sanderson fizera um bom trabalho na escavação (seu comportamento vinha se mostrando exemplar após o fiasco do lençol d'água do mês anterior), e Bill fora avisado para levar a equipe dele. Aquele era o estágio seguinte na construção de uma piscina: depois de o buraco ser cavado, o aço e o encanamento tinham de ser colocados.

Aquele trabalho era a primeira indicação do astro do cinema em Coldwater Canyon. A casa acabara de ser comprada por um produtor de TV, Barry Greene, cujo programa sobre médicos, *Five North,* o estava enriquecendo como nunca. Trudie dedicara duas semanas de trabalhos intensos com ele para projetar a área elaborada da piscina, que teria uma combinação de sequoia canadense e tijolos no deque, cascatas, três spas, seixos, plantas tropicais - exatamente como num estúdio de gravação. O que ela mais amou no processo foi o fato de ele ter lhe dado carta branca quanto ao aspecto artístico e um orçamento praticamente ilimitado.

Num impulso, virou à esquerda, afastando-se do centro comercial de Beverly Hills, alegando para si mesma que aquele era um trabalho importante demais, e por isso devia acompanhar de perto. Mesmo que Bill e a equipe dele estivessem lá.

E, como esperado, o GMC 4x4 dele estava estacionado perto da escavação...

Ela colocou os óculos de sol ao sair do carro e caminhou sobre as pedras da construção. A casa ainda não estava ocupada — Greene a estava reformando completamente. E o jardim era uma confusão só com equipamentos pesados, ferramentas, montanhas de terra, e homens suados sem camisa ao redor do buraco recém-cavado. Bill estava com plantas nas mãos, dando instruções para a equipe.

Trudie hesitou perto do 4x4. Ela suspeitava que Bill interpretaria sua visita surpresa como uma ofensa pessoal, pensando que ela estaria se garantindo de que ele não fizesse besteira naquele serviço. Mas não era nada disso. Trudie confiava nele; falara sério quando havia lhe dito que o considerava o melhor do seu ramo.

Acendendo um Virginia Slims, ela relanceou para o carro de Bill. O banco da frente estava **bagunçado** com contratos, fitas K7, um boné e um livro.

O último objeto chamo**u** sua atenção. Ela colocou o braço para dentro e **o** pegou, lendo **o título:** *Santo Graal e a Linhagem Sagrada.*

Até parece!, ela pensou. Ela já estava imaginando Bill lendo *aquilo. O que* ele estava fazendo, levava-o para cima e para baixo para impressionar as garotas?

—Ei, chefinha!

Ela levantou a cabeça. Bill vinha se aproximando. Quando foi que ele tirou a camisa?

-Você esteve aqui ontem mesmo - observou ele. — Está me vigiando?

—Vejo que tem se ocupado com um pouco de leitura de qualidade - ela levantou o livro.

Ele o pegou dela e o jogou de volta no carro.

— Agradeço se mantiver as mãos longe do meu carro.

—Aposto como impressiona muitas mulheres com esse livro. Você lê mesmo para elas o que está lendo?

Ele pegou uma toalha de cima do console do carro e enxugou o rosto e o pescoço suados.

-Já terminei de ler, se é que isso é da sua conta.

— Hum? - ela se afastou alguns passos, fumando casualmente, supervisionando a construção.

— E *você* o leu, obviamente — ele disse, pegando uma lata de Pepsi gelada no banco de trás.

—Gostei dele.

Trudie o ouviu abrindo a lata e murmurando:

— Aposto que sim.

— Achei que a argumentação deles foi muito válida — disse ela, virando-se.

Ele sorveu um longo gole, passou a mão pela boca e disse:

—Bem, eu não.

Trudie o avaliou por detrás das lentes escuras dos óculos.

—Por que não?

Bill não olhou para ela. Recostado contra o carro, ele observava a equipe trabalhando ao redor do buraco imenso.

— É muito superficial. Simplista demais. E parece ser um tipo de vingança. O que os autores têm contra a maçonaria, afinal?

—Então você leu mesmo o livro. Deve ter sido uma versão condensada na *Motor Trend.*

—Ninguém nunca lhe disse que a discriminação sexual é antiquada?

Trudie o encarou. O sol do meio dia recaía sobre a pele bronzeada e sobre o cabelo alongado **que** estava úmido nas pontas. Os jeans **estavam** baixo no quadril, e um único fio de suor descia pelo peito. Ele tinha razão, maldição! - ela o categorizara junto com os tipos bebedores de cerveja com quem ela se deparava nos trabalhos; nunca lhe passou pela cabeça que ele poderia ler livros como aquele.

— Bem — disse ela, jogando a bituca fora. — Vejo que me enganei a seu respeito. No fim, você não é só mais um rostinho bonito.

Bill a encarou. Notou como a brisa de maio mexia com os cachos do alto da cabeça, o jeito como a franja caía sobre os olhos. E o vestido era algo novo. Ele nunca a vira de vestido ou saia.

—Bem, acho que você também me enganou.

Fitaram-se por um longo momento, depois Trudie disse:

—Eu gostaria de debater a teoria desse livro com você um dia desses.

Ele pareceu considerar isso.

— Combinado — disse ele. — Mas é justo que eu avise que sou muito bom nisso.

—E eu participei da equipe de debates da faculdade.

—Qual faculdade?

—UC Santa Barbara.

— Ah, então ela também tem educação superior... — ele inclinou a cabeça para trás e tomou o resto do refrigerante.

Trudie observou o pescoço, o modo como os tendões se ressaltavam. Quando ele jogou a lata de qualquer jeito no banco de trás, ela disse:

—E imagino que você tenha um PhD?

—Só o bacharelado.
—Em quê?
Ele passou por ela, seguindo para a escavação.
— Filosofia oriental - disse e depois gritou: - Ei! Frank! Diga aos rapazes para pararem para o almoço — ele se virou de frente para Trudie, cruzando os braços e apoiando o peso do corpo numa perna. - Só que quando recebi o diploma, descobri que não havia muito que eu pudesse fazer com ele. Por isso, voltei a fazer aquilo que me sustentou enquanto estava na faculdade. Construção. Por que você está no mercado de construção de piscinas, senhorita campeã de debates?
— Diga-me o que mais posso fazer com um diploma em literatura inglesa além de **trabalho administrativo** e lecionar? Meu pai trabalhava com construção. **Ele me ensinou tudo o** que sabia.

- Seu pai deve ter sido um cara inteligente.

Um dos trabalhadores ligou um rádio. As Pointer Sisters cantaram "Neutron Dance" enquanto garrafas térmicas e sanduíches eram retirados de cestos.

- Então - disse ele, apontando para o livro no banco da frente. - Já leu o mais recente, *O Legado Messiânico*? Desta vez, eles levantam a **questão se** Jesus fundou ou não o cristianismo. Acabei de começar, mas ficarei feliz em emprestar para você quando tiver terminado.

- Obrigada, vou gostar disso.

-Você consideraria um insulto de porco chauvinista - disse Bill - se eu dissesse que você está bonita hoje?

Trudie estreitou o olhar para o céu.

- Só se eu puder dizer que você tem um belo traseiro.

-Você é casada? - Bill perguntou.

- Quem agüentaria uma "dona" mandona como eu? E você?

Um sorriso se formou lentamente nos lábios dele.

- Sou casado com um Catalina 27 que está atracado na marina.

- Ei, Bill! - um dos homens o chamou. Ele se aproximou e **roubou Bill** para uns minutos de conversa enquanto Trudie os observava. **Enquanto o** fazia, Bill mudou o peso do corpo de um lado para o outro e **passou a mão** pelo cabelo, e ela se viu subitamente excitada.

Muito excitada.

Aquela não era a simples curiosidade sobre que tipo de amante ele SERIA. Trudie vivenciava um desejo sexual genuíno, surpreendente e repentino em relação a ele. E quanto mais ela pensava a respeito e tentava entender aquilo, mais descobria que queria vê-lo de novo, sozinho.

Intrigada com essa reviravolta inesperada e repentina, ela se afastou de Bill e do assistente dele e ficou andando ao lado do 4x4.

Por quê?, perguntou-se. Por que aqueles sentimentos por ele agora? Ele não parecia diferente das outras vezes em outros trabalhos: sujo, suado, muitas vezes sem camisa. Gostava da aparência dele, mas nunca se excitara com ela. Por que agora?

Ela pegou um cigarro na bolsa e o segurou, mas sem acendê**-lo.**

Para falar a verdade, ela começou a perceber, quando ele se abaixou de joelhos com um equipamento em mãos usando umas ferramentas, que aquele sentimento não era de todo novo. Tinha um sabor conhecido, como se ela já tivesse se sentido assim ante. Mas não com ele. Com outra **pessoa.**

Uma sensação que ela raramente sentia — uma necessidade sexual intensa por um determinado homem.

E então ela soube: Thomas.

Era daquele jeito que ela se sentia quando estava com o seu acompanhante do Butterfly; era daquela maneira que Thomas a afetava. Era a mesma excitação, a mesma eletricidade. O amante de cabelos grisalhos de Trudie a fazia se sentir como nenhum homem conseguira, e ela temia que nenhum outro homem conseguisse um dia. No entanto, de modo surpreendente, lá estava ela sentindo a mesma avidez por Bill.

Tendo concluído o que quer que precisasse resolver, Bill agora voltava para junto dela, parando uma vez para virar para trás e gritar uma ordem para seu capataz. E o modo como ele se virou, a maneira como os braços balançaram, o jeito com que os músculos das costas se contraíram, fizeram o coração de Trudie subir até a garganta.

- Coloquei três linhas de retorno desta vez - ele disse com um sorriso. — Quer contar? Ou prefere debater os méritos do *Santo Graal e a Linhagem Sagrada?*

E então, ela soube. Lá estava o motivo daquela sensação estranha e maravilhosa - por que ela vivenciava isso com Thomas, por que Bill a disparava agora —, o mistério das suas noites fabulosas no Butterfly e por que ela não conseguia recriá-la no mundo real. Era a maneira que a argumentação inlelectual a excitava. Trudie adorava o desafio, o estímulo mental com um homem sexy. Era um tipo de preliminar; a colisão da inteligência e um teste do poder mental no fim se transformando em energia sexual que era mais intensa e excitante do que qualquer tipo de preliminar física. E ela tivera a resposta para o mistério de Thomas muito antes de tentar solucioná-lo: ela dissera à diretora do Butterfly que queria estar com um homem inteligente, instruído e que se envolvesse em debates intelectuais sérios.

Trudie mudou a bolsa de ombro, sentindo-se subitamente acanhada.

- Então... - disse ela, morrendo de vontade de fumar, mas combatendo essa necessidade. - Filosofia oriental, hein? Você me enganou direitinho.

- O sentimento é mútuo.

Ela pegou o isqueiro na bolsa e acendeu o cigarro rapidamente. A descoberta recente inexplicavelmente a deixava inquieta. Pegara-a desprevenida; ela precisava pensar a respeito, tentar entender e decidir o que fazer dali por **diante.**

Bill!, ela pensou maravilhada. Bill, o cabeça dura!

-Você não deveria fumar - disse ele.

—Suponho que também tenha diploma de medicina.

—Não — ele disse baixo. — Eu só detestaria vê-la morrer jovem.

Trudie olhou para as palmeiras que cercavam a propriedade de Greene.
Elas balançavam de uma maneira maravilhosa com a brisa de maio. Por fim, ela disse de improviso:

— Ainda estou lhe devendo uma.

Ele ergueu as sobrancelhas.

—Pelo quê?

— No meu escritório, no mês passado, lembra?Você perdeu uma hora de trabalho porque o chamei para lhe dar uma bronca e você disse que eu lhe devia uma. Por isso, o almoço de hoje é por minha conta. Que tal o Maury's, na Roxbury?

Ele esfregou as mãos devagar e olhou ao redor.

—Não quero deixar os rapazes. Tenho alguns problemas para resolve. Além disso, eu já trouxe o meu almoço.

Ela jogou fora o cigarro, esmagou-o com o pé, e disse:

— Ah, sim, claro. Até mais!

Ela entrou rapidamente no carro e já ligava o motor quando Bill se aproximou e disse:

—O que vai fazer no domingo? Que tal ir velejar comigo?

Ela o fitou, a silhueta contra o sol do meio-dia, e, de repente, tudo o que ela mais queria era ficar a sós no meio do oceano com ele, debatendo, discutindo opiniões, fazendo amor de maneira fenomenal.

Mas ela também se lembrou de uma noite desastrosa com um certo sub-contratado de alvenaria — "Alguns dos caras têm uma aposta de que você é lésbica" — e pensou na infinidade de encontros desastrosos de sábados e de caras que estavam atrás do seu dinheiro ou que só queriam abaixar a SUAcalcinha, e, subitamente, não confiou nos seus sentimentos por Bill.

—Desculpe — disse ela, colocando a marcha ré no carro e já recuando. - Vamos considerar o débito cancelado.

Bill, perplexo, viu o Corvette desaparecer numa nuvem de poeira e cascalho.

I

45

O CAVALEIRO NEGRO GALOPOU pelo campo de justa, os cascos batendo furiosos e fazendo uma nuvem de poeira subir. Ele matinha a lança erguida e equilibrada; quando se deparou com o cavaleiro vermelho, seu braço foi certeiro e a lança levou o oponente ao chão. Os espectadores aclamaram enquanto o cavaleiro negro cavalgava até a arquibancada onde sua dama estava sentada, desmontou e devolveu-lhe o véu, que ele levara consigo durante a disputa.

A multidão foi à loucura. Jessica bateu palmas e acenou para o cavaleiro, que, segundo ela, encenara sua parte perfeitamente. A ilusão fora completa. A Feira da Renascença... Ela adorava. Ela e John e seus dois amigos viraram e continuaram a caminhar pela feira. Era um evento anual, nas colinas atrás de Calabasas, e Jessica nunca deixava de ir. Desta vez, John convidara Ray e Bonnie para acompanhá-los. Mas nenhum deles estava de fantasia, como tantas outras pessoas ali. Jessica queria ter ido, mas John dispensou a sugestão como se a idéia fosse indigna. E agora, enquanto eles passeavam em meio à multidão, Jessica invejava as mulheres em seus vestidos elisabetanos elaborados ou as simples vestes de criadas. Elas estavam tão absorvidas pelo espírito do evento...

As regras eram claras: tudo tinha de pertencer ao período da Renascença - roupas, fala, até mesmo a comida servida nas barraquinhas não podia ser de períodos anteriores ou posteriores. Era por esse motivo que a feira se encerrava ao pôr do sol: a eletricidade não podia ser usada. Algumas concessões tinham de ser feitas, porém, por ordem do Departamento de Saúde. As barracas de comida tinham geladeiras e gelo; leite, cerveja e vinho tinham de ser pasteurizados. Mas, de outro modo, tudo era autêntico, e a tal ponto e detalhe que era bem possível, pelo menos por um tempo, perder-se em uma época passada.

E era o que Jessica fazia toda vez que ia lá. Ela e John passeavam pelas ruelas e sarjetas da enorme feira e inspecionavam artigos manufaturados vendidos nas barraquinhas: vasilhas de estanho, chapéus de feltro, mantas, uma variedade de objetos de arte limitados somente pela imaginação humana. Brigas de rua aconteciam aqui e acolá - contendas ensaiadas entre homens fantasiados e com "criadas" que assistiam à margem. Um ilusionista podia aparecer de repente, fazer seu show e ganhar alguns trocados, passando o chapéu. Um homem vestido de Copérnico poderia ser OUVIDO discutindo com outro estudioso se a Terra girava ou não ao redor do Sol. A feira era um lugar para se ir e se desligar do presente e mergulhar de cabeça no passado, abandonando-se no romance e na fantasia.

Era como o Butterfly, Jessica pensou quando pararam para comprar espetinhos de carne. Aquilo era fantasia e ilusão. Você deixava a realidade na entrada principal e comprava uma jarra de vinho doce e via o pajem da rainha Elizabeth e sua corte. E era um lindo dia para se apreciar aquilo tudo: o sol estava quente, era o final de semana do Dia do Memorial, e o **sul** da Califórnia se aquecia no mormaço.

- Olhe lá, querida - John disse a Jessica quando se aproximaram de UMA banca de cerâmica. - Aqui estão as taças de vinho que você tanto **admirou** da última vez. Por que não as compramos agora?

Ela se lembrava das taças; no ano passado, ela as considerara horríveis e ficara secretamente contente quando voltaram à barraca no fim do dia e descobriram que elas já tinham sido vendidas. Enquanto John chamava o dono da barraca, um homem de casaco de veludo e calças agarradas,Jessica pegou uma das taças e a examinou. A haste devia ser a figura de um mago. Não parecia muito.

—Quantas devemos comprar? — John perguntou ao pegar a carteira. - Seis ou oito?

Jessica virou a taça nas mãos, olhando-a fixamente. As taças eram caras, custando quarenta dólares cada uma, e ela não conseguia se imaginar usando-as um dia.

-Jess? O homem está esperando. Quantas compramos?

Ela olhou para o marido.

- Bem... - disse ela, recolocando a peça no lugar. - Eu... não gosto muito delas,John. Quero dizer, não fazem muito o nosso estilo, não é?

John arqueou as sobrancelhas.

-Você ficou louca por elas no ano passado.

Não, você ficou louco por elas. Eu nunca disse nada.

Ele se virou para o vendedor e disse:

- Levaremos seis.

Enquanto a prateleira ficava vazia após a retirada das feias taças castanhas e cinza, as quais Jessica sabia que ficariam numa prateleira qualquer em casa para nunca mais aparecerem, e John assinava um cheque de quase trezentos dólares, ela se virou e fingiu se interessar por uma sopeira de cerâmica com um dragão na tampa.

Pararam para tomar cerveja, num cruzamento movimentado de duas ruas em que centenas de pessoas acaloradas e cansadas se sentavam em pilhas de feno, matando a sede.

- E então? - perguntou John para Bonnie e Ray. - Para onde vamos agora?

- O que mais temos para ver? - perguntou Bonnie, já que era a sua primeira vez na feira.

- Não vimos nem metade ainda. Temos arco e flecha e outros jogos de habilidade por este lado - ele apontou para uma rua. - E por aqui, um palco onde peças são apresentadas o dia inteiro.

- Há também barracas de adivinhação - Jessica se aventurou a dizer. - Eles têm diversas quiromantes, leitura com Tarô, bolas de cristal...

-Arco e flecha, então! - interrompeu John, jogando o copo descartável na lata do lixo.- Vamos ver quem acerta no alvo primeiro.

Eles o seguiram pela rua movimentada para a parte de arco e flecha, onde uma fila sob o sol aguardava a vez. Jessica e Bonnie observaram enquanto John e Ray competiam para ver quem marcava mais pontos, depois os quatro seguiram pelo corredor cheio de jogos de habilidade.

Quando **chegaram** às **ar**golas, Jessica parou e disse:

—Vamos tentar este!

John olhou para a barraca e riu.

- Por quê?

—Veja os prêmios. Marionetes medievais. Eu adoraria ter uma.

- OK, meu bem — disse ele, indo para o balcão onde os anéis estavam armazenados, prontos para serem lançados sobre postes no fundo da barraca.

- Ora, um gentil cavalheiro — disse a mulher que cuidava da barraca. Ela estava vestida como uma leiteira, e o decote da blusa era bem acentuado. - Gaste um centavo e ganhe um prêmio para a sua dama.

Custou mais que um centavo. John pagou um dólar por seis argolas. Quando ele pegou a primeira, Jessica disse:

- Por favor, deixe-me tentar.

Ele lhe sorriu.

-Você não é muito boa nesse tipo de coisa, querida. Deixe **comigo.**

Mas foi por isso que parei aqui - para poder jogar!

Ele jogou a primeira e errou. Jogou a segunda, e errou essa também

Ray riu e deu um tapinha nas costas do sócio.

- Admita,John — disse ele. —Você está na casa dos quarenta! A visão á a primeira que vai...

John mudou de posição, parou, mirou e errou.

- Não é tão fácil quanto parece - disse Bonnie.

- Por favor, John, deixe-me tentar - Jessica pediu novamente.

-Você quer ou não quer a marionete, querida?

- Sim, mas...

- Então, deixe comigo.

Bonnie inspecionava as marionetes penduradas na parede da barraca - eram feitas à mão com diversos tipos de tecido.

- Elas são bem feitas — disse ela. — Eu bem que gostaria de ter uma na minha sala de aula.

John errou de novo.

- Esse jogo é viciado - disse ele de bom humor, jogando a quinta arrola, e errando feio. — Posso jurar que os pinos estão se mexendo!

A última ele jogou sobre o ombro, ao estilo de Annie Oakley, e ele, Bonnie e Ray riram.

Mas Jessica, que achava que unia marionete específica ficaria **linda** na parede do seu escritório, estava abrind**o** a bolsa.

- Espere um instante - ela disse enquanto os companheiros começaram a se afastar. - Também quero tentar.
- Não desperdice o seu dinheiro, Jess - disse John. - Isso não vale um dólar.
Nem as suas malditas taças.
Ele e os dois amigos se distanciaram enquanto Jessica ficou na barraca e comprou as seis argolas.
Entre os lances, ela ficava olhando para a multidão para não perdê-los de vista. Era fácil se perder naquela imensa feira. Por fim, ela não conseguiu se concentrar o bastante para conseguir mirar. Apressou-se e perdeu as seis chances.
Alguns minutos mais tarde, depois de procurá-los, Jessica encontrou John, Bonnie e Ray sentados à sombra de um carvalho gigantesco, comendo morangos com chantilly em cascas de melão.
- Conseguiu ganhar? - John perguntou, quando ela se aproximou cansada e com calor.
Ela se sentou ao lado dele, agradecendo pelo pouco de sombra.
- Não.
- Eu te disse.
Jessica olhou para as três sobremesas pecaminosas. Os morangos eram tão grandes quanto ameixas, e o creme era feito artesanalmente. Seria possível espalhá-lo com uma faca de tão denso que era.
- Quer um pouco? — John ofereceu.
- Claro que sim!
Ele pegou um morango e um pouco de creme com a colher e o levou à sua boca. Jessica comeu aquele, mas John não lhe ofereceu mais.
- E agora? - Ray perguntou quando terminaram os melões e jogaram a casca fora.
- Por que não vamos ver a nossa sorte? - sugeriu Jessica. - A vidente está logo ali...
- O teatro da rainha vai ser daqui a pouco, querida - disse John. - Não podemos perder isso.
Mas Bonnie disse:
- Acho que seria engraçado prevermos o futuro.
John balançou a cabeça.
- Não **me** diga **que** *você* acredita nessa tolice também! Pensei que Jess fosse a **única ingênua entre nós!**

- Nenhum de nós acredita de verdade, ora essa! - defendeu se Bonnie. - É só pela diversão.
—Está bem, se isso vai deixar vocês felizes...
Enquanto desciam a rua, Jessica viu John e Ray adiante delas - dois homens bem apessoados na casa dos quarenta, com roupas bem feitas, os cabelos bem penteados, os passos e modos demonstrando todo o seu sucesso. Eles eram donos do mundo, Jessica pensou. Homens como John e Ray conduziam as coisas, eram eles quem contavam, e eles bem sabiam disso.
Enquanto os seguia, mal prestando atenção ao que Bonnie dizia sobre a sua turma de sexto ano,Jessica via o marido se mover entre a multidão com facilidade e confiança. Ocasionalmente, ele e Ray riam. Eles flertavam com as "criadas". Paravam aqui e acolá para ver uma coisa, para indicar ou discutir outra, e depois seguiam adiante. E enquanto Jessica via John passear pelo mundo com tamanha autossegurança, ela sentia o dia ficar cinzento e a sua felicidade por estar na feira começar a desvanecer.

Fazia três semanas desde o ataque de pânico que a fizera voltar para o Butterfly. Fazia tudo isso desde que jurau se impor a John. Voltou para casa de seu interlúdio com o cowboy fantasioso para encontrar John fazendo as malas para uma viagem de urgência para Londres. Problemas no escritório da Inglaterra surgiram subitamente, explicou. E ficou afastado por duas semanas. Após a sua volta, ele se mostrou caloroso e amoroso,

como sempre depois de uma longa ausência, e os dias que se seguiram foram tomados pelo trabalho, com aparições no tribunal e mais trabalho ainda. Aquele final de semana era o primeiro que tinham sozinhos juntos, para relaxar um pouco e se divertirem.

Mas a alegria de Jessica naquela manhã, quando estacionaram ao **lado do** carro de Bonnie e de Ray no estacionamento do lado de fora da feira, lentamente se esvaía com o passar das horas, como um saco de areia com um furo microscópico. Agora parecia a Jessica, enquanto ela pensava na manhã transcorrida, que a cada passo dado, a cada barraca visitada, ela deixara um pouco da sua felicidade para trás.

Ela já sabia que as coisas entre John e ela nunca mudariam. Por mais agradáveis e harmoniosas que os regressos dele para casa fossem, momentos fugidios em que Jessica verdadeiramente sentia que o amava, eles invariavelmente seguidos por críticas, comentários sexistas, o uso do sexo como recompensa ou castigo, a necessidade de John de humilhá-la e sempre
dominar. Jessica olhou para o longo caminho adiante na Feira da Renascença, através da qual o marido caminhava como se fosse o senhor do castelo, e viu os anos que teriam à frente, nos quais envelheceria cada vez mais, e seus papéis continuariam imutáveis, Jessica sufocada, tal qual a mãe naquela casa multimilionária em Palm Springs, a esposa ornamental de Jim Mulligan,um homem que contava. E isso a assustou repentinamente.

Uma luta de espadas irrompeu nesse instante, entre dois homens que poderiam ser Robin Hood e o xerife de Nottingham. Um usava calças justas verdes e colete de couro, o outro uma jaqueta acolchoada e um chapéu de veludo extravagante. E eles duelavam com habilidade, chamando-se de "vilão" e "patife". A multidão formou um círculo ao redor dos dois, incitando-os. Jessica e Bonnie pararam ao lado dos maridos, que, imediatamente, tomaram partido, animavam o lado escolhido, trocando insultos camaradas como faziam nas partidas de futebol.

Jessica assistiu a luta e se animou. Os duelistas eram ambos jovens e belos. As calças justas revelavam pernas musculosas, e nádegas firmes e arredondadas. E eles interpretavam bem seus papéis. Sem dúvida, ela concluiu, eles deviam estar na escola de artes na faculdade, e ficaram extasiados por poderem mostrar seus talentos.

Quando a luta terminou e eles seguiram caminhos opostos, a multidão aplaudiu e seguiu para as barracas de comida, o barulho das lâminas se chocando abrindo-lhes o apetite subitamente. Enquanto os quatro retomavam o caminho para a vidente, Bonnie disse:

- Que fantástico! Estou tão contente que tenham nos convidado para vir com vocês! Eu não fazia idéia de como era uma Feira da Renascença - ela se virou para Jessica. — Você não gostaria de ter dois homens duelando por você daquele jeito?

Sim. Sim, eu adoraria.

—Você percebe, claro — John disse, ao virarem a esquina e tomarem o caminho em direção à sargeta de madeira —, o que havia de errado naquele duelo?

- O quê?

- Aquele de preto, a roupa dele era de outra época. Os homens não usavam chapéus altos como aquele na Renascença. E a jaqueta pertencia ao século XVII.

- Pensei **que alguém** se **certificasse para que tudo fosse autêntico aqui — comentou Ray.**

- As pessoas aqui têm de se submeter a um treinamento antes da abertura da feira - John explicou, conduzindo os companheiros por uma pequena ponte. — E as fantasias são inspecionadas. Aquele lá entrou pela porta dos fundos, aposto.

- Bem, na verdade, John - Jessica interveio -, não acho que você esteja certo. O figurino dele estava adequado ao período renascentista.

-Acho que quem está errada é você, querida. Ele estava uns cem anos desatualizado.

Mas eu sei que estou certa.

- Muito bem, todos - John disse expansivo, olhando para cima e para baixo na rua com tendas e barracas. — O que vai ser? Cartas? Folhas de chá? Crânios?

-John -Jessica disse baixinho. -Aquele homem tinha um figurino muito semelhante ao de Sir Walter Raleigh. E ele viveu na Renascença

- Querida, admita, você está errada. Sabe que não é nenhuma perita em história. Bem, parece que temos umas cinquenta adivinhadoras para escolher em qual...

- Conheço história,John. Afinal, enquanto estive na UCSB, história foi a minha segunda habilitação.

Ele lhe deu um tapinha no braço e sorriu.

- Sim, bem segunda mesmo — ele se virou para Bonnie e Ray. - **OK,** qual adivinhadora querem ir?

- Quero uma otimista - disse Ray. - Uma que veja um Lamborghini no meu futuro!

Quando os outros começaram a seguir na direção das **adivinhadoras,** Jessica ficou onde estava e disse:

-John, eu não mereço ser tratada assim.

Ele se virou e olhou para ela.

-Assim como? Qual o problema,Jess?

-Você me trata como uma idiota. Como se tudo o que eu dissesse fosse tolice e não merecesse ser ouvido.

Ele suspirou e se aproximou dela.

-Jessica, por que está fazendo tempestade num copo d'água? Quem se importa se o homem está com o figurino certo ou não?

- Não tem nada a ver com o figurino, John - ela respondeu num tom baixo. O coração começou a disparar - Não gosto do modo como me humilha.

— Humilho? — ele riu. — Querida, você estava errada, pura e simplesmente. O que eu devo fazer? Concordar com você mesmo quando você está totalmente equivocada?

—É o modo como você faz, John.

Ele lançou um olhar para Ray e Bonnie, depois disse para Jessica:

— Olha aqui, não sei o que fiz de errado, mas se é para você se sentir bem, OK, o homem estava com o figurino certo. Satisfeita?

Quando ele se virou para se afastar de novo, Jessica se manteve firme.

—Não, não estou satisfeita.

E com isso ele parou e lhe lançou um olhar aborrecido.

—Escute aqui, Jessica. Não sei o que a deixou com esse humor, mas quero que seja razoável. Já admiti a derrota na nossa discussão. O que mais você quer?

O coração dela batia forte.

—Quero um pedido de desculpas.

-Você quer o quê?

—Quero que se desculpe pelo modo como falou comigo.

— Jessica, veja bem. Não sei que bicho a mordeu hoje...

-John, eu só quero ser tratada com um pouco de respeito. Você me insultou na frente dos seus amigos. Não acho que isso seja justo.

John ficou olhando para ela enquanto Bonnie e Ray fingiam estar interessados em outras coisas, e as pessoas tinham de dar a volta por eles ao fim da pequena ponte. Por fim, John falou num tom baixo que ela conhecia muito bem:

—Muito bem,Jess,já basta. O que quer que a esteja incomodando, pare com isso agora.Você pode ficar infeliz o quanto quiser, mas não vai estragar o resto do nosso dia.

—É você quem está estragando, John - ela disse no mesmo tom, surpresa pelo controle que demonstrava. — Tolerei as suas humilhações e a sua superioridade por oito anos. Estou farta disso.

Os olhos dele se arregalaram. Ele jogou as mãos para o alto e se afastou marchando. Jessica não o seguiu; ficou exatamente onde estava enquanto Bonnie e Ray **trocavam** olhares de incerteza. Depois que John se afastou alguns **metros,Jessica o** chamou:

—Dar-me as costas não vai funcionar desta vez.

Ele girou.

-Jessica, venha já aqui.

- Pare de me tratar como criança.

Ele olhou de relance para as pessoas que passavam; depois, voltou para junto de Jessica e disse num tom baixo:

- Está fazendo uma cena.
- Não me importo.
- Não, eu sei que não. E por isso que defende palhaços no tribunal.
- Não mude de assunto,John. Quero esclarecer tudo aqui e agora.
- - Não vou entrar numa briga com você na frente de estranhos, Jessica.

-Você não fala comigo quando estamos sozinhos quando tento falar sobre isso. Então, por que não na frente do mundo inteiro?

- Eu desisto - ele disse, dando-lhe as costas. - Não dá para falar com você quando está sendo histérica.

Ela o viu se afastar a passos duros, do mesmo modo como tantas outras vezes antes, quando ela queria conversar e ele queria deixar o assunto de lado. Em casa, ela teria sido castigada com o silêncio dele e depois ele faria amor como se nada tivesse acontecido. Desta vez, ela o observou ir **embora,** e depois ela também se virou e começou a andar na direção oposta.

Levou alguns minutos para John perceber o que tinha acontecido e alcançá-la. Segurando o braço dela, ele disse:

- Que diabos você pensa que está fazendo?

—Vou para casa — ela desvencilhou o braço e continuou a andar.

Ele correu atrás dela e segurou-lhe o braço novamente, dolorosamente desta vez.

- Não ouse me dar as costas!
- Por que não? Você vive fazendo isso comigo. Acho que é a minha vez, não?

Ele franziu o cenho.

- Jess, para que tudo isso? Está menstruada?

Jessica libertou o braço e afastou-se a passos rápidos.

Ela chegou à entrada, que ficava a uma distância considerável da pequena ponte, quando John a alcançou novamente. Quando ela estava para atravessar os portões, ele a segurou pelo braço e a obrigou a se virar.

- Saia dessa agora, Jessica!
- Se pretende voltar para a feira, John, é melhor carimbar a mão.

Ela se apressou pelos portões e ele a encarou. Então, ele abriu caminho e a deteve do lado de fora.

— Não vou tolerar isso, Jessica. Vamos voltar agora, e *você* vai se desculpar com os nossos amigos.

— Eles não são *nossos* amigos,John. Eu nem mesmo gosto de Bonnie e de Ray.

—Que bela ocasião para me dizer isso!

-Já lhe disse antes, você é quem não quis ouvir. Solte o meu braço. Vou para casa.

—Não vai, não.

—Não carimbou a sua mão, John. Agora vai ter de pagar de novo para entrar, só para pegar as suas taças horrorosas.

—Eu as comprei para você!

—Você não as comprou para mim!

Ele ficou rubro. A força com que a segurava pelo braço aumentou.

—Eu juro, Jessica, que se você não entrar de novo comigo neste instante, você vai se arrepender.

—Estou me arrependendo há oito anos, John. Agora é a primeira vez que não me arrependo.

—Que diabos aconteceu com você?

—Cheguei ao meu limite, John. Só isso. Estou cansada de você me tratar como se eu fosse criança, dizendo o que devo fazer, o que devo usar, o que comer. Você me humilha todos os dias em centenas de pequenas maneiras. Não posso ter nenhuma opinião a menos que ela seja igual à sua. Você me rebaixa na frente das pessoas. Faz graça com a minha carreira...

—E por isso você simplesmente vai embora, é isso? Vai me deixar aqui?

—Bonnie e Ray podem dar uma carona para você. A menos, claro, que você queira vir para casa comigo para conversarmos.

—Não vou a parte alguma com você, caramba! Você vai parar de agir como uma garota mimada e vai crescer.

—Considero isso uma ironia e tanto - ela soltou o braço novamente e recomeçou a andar, rapidamente dessa vez, quase correndo.

Ele correu atrás dela e bloqueou o seu caminho.

—Não vou permitir que você faça isso.

— Não preciso da sua permissão para ir embora. Sou bem capaz de dirigir de volta para casa. Sou capaz de fazer muitas coisas que podem surpreendê-lo, John.

— Você não surpreende ninguém, Jess. Você é a mulher mais previsível e sem imaginação **que** já conheci! Jesus Cristo, como você é entediante!

Ela o encarou, descobrindo-se à beira das lágrimas. Já tiveram brigas antes, mas ela nunca vira tamanho desprezo no olhar dele, nunca o ouvira pronunciar palavras tão duras.

—Acho que foi você quem me transformou numa mulher ENTEDIANTE**,** John — disse baixinho. Ela ouviu um tremor na própria voz e esperou poder controlar o choro. -Você não me permitiu crescer.

—Crescer! - ele se virou, enfiando as mãos nos bolsos. - Sua tola! Onde você estaria se eu não tivesse me casado com você? O que você faria sem que eu lhe dissesse todo santo dia o que vestir, o que pedir num restaurante pelo amor de Deus! Você não tem mente própria, Jess.

—Isso porque você nunca deixou que eu tivesse uma! — ela exclamou.

As pessoas que passavam por perto, seguindo dos carros estacionados para o portão de entrada, lançavam olhares furtivos para o casal. John, pela primeira vez, não pareceu se importar.

—Ok — disse ele com o rosto rubro de raiva. — Você quer ir para casa? Tudo bem, nós vamos para casa - ele a pegou pelo braço e a **arrastou** na direção em que o carro estava estacionado.

—Você está me machucando!

Ele caminhava perto dela, os dedos afundando em seu braço, forçando-a a tropeçar no terreno em desnível. Quando chegaram à BMW, ele a empurrou contra o carro e pegou a chave no bolso.

—Não vou entrar - ela disse.

-Você queria ir para casa, nós vamos para casa. Entre!

—Não. Posso ir para casa sozinha.

—Você nem consegue se virar sozinha no supermercado — ele escancarou a porta. - *Entre, agora!*

Jessica controlou as lágrimas que ameaçavam cair.

—Sei me virar sozinha — ela disse numa voz controlada. — Sou capaz de fazer muitas coisas sozinha,John.

A voz dele estava carregada de escárnio.

—Diga uma delas, além de se rebaixar no tribunal.

O som das batidas do coração reverberava em seus ouvidos. A boca estava tão seca que ela tinha dificuldade para falar.

— Por exemplo — disse baixinho , sou capaz de ir para a cama com outro homem.

Ele gargalhou com desdém.

— E quando pretende fazer isso?

-Já fiz.

A boca dele se curvou num sorriso de zombaria.

—E eu tenho de me sentir ameaçado por isso?

—Na verdade, fui para a cama com ele duas vezes.

Os olhos de John piscaram. Uma pequena rachadura na fachada.

—Quem?

—Não sei o nome dele. Ele era um total desconhecido. Fui para a cama com um homem que nem conheço.

—Não acredito em você.

—E eu paguei para ele!

A mão dele foi tão rápida e a acertou no rosto com tanta força que Jessica foi levada ao chão. Ao cair na terra, tanto ela quanto John ficaram surpresos.

Levando a mão ao rosto, ela olhou para ele e disse:

— Espero que isso o tenha feito se sentir melhor.

-Você fez por merecer... - ele começou a dizer. Seu corpo tremia, os punhos estavam cerrados ao longo do corpo.

Jessica pôs-se em pé e se recostou contra o carro.

-Admito a sua superioridade física em relação a mim, John. Você pesa trinta quilos a mais que eu. Se bater em mim o faz se sentir mais homem, vá em frente.

Ele se virou, com os olhos carregados de dor e raiva.

Ela esperou que ele dissesse alguma coisa. O rosto latejava; as palmas estavam arranhadas e doíam. Ela fitou as costas rígidas de John, esperando que ele falasse, que desse o próximo passo. Contudo, ele continuou de costas, o olhar fixo nas fileiras intermináveis de carros que se estendiam pela colina Um silêncio quente de verão desceu sobre eles. Aquela área do estacionamento tinha lotado logo pela manhã - não havia nenhum visitante da feira passando contente entre os carros, somente moscas e abelhas zumbindo ao calor. Ao longe, os sons da feira subiam para o céu iluminado de verão.

Jessica esperou.

Enfim, respirando fundo e empertigando os ombros, John trancou a porta do carro, enfiou as chaves no bolso e disse:

— Faça o que quiser. Pouco me importo — e se afastou, voltando na direção da feira.

46

Estava na hora de começar a contagem regressiva. Com a primária da Califórnia a apenas quatro dias e a Convenção Republicana uma semana depois dela, a hora chegara para Beverly Highland colocar em ação a fase final do seu plano. Aquele era o momento pelo qual ela passara trinta e cinco anos se esforçando para alcançar.

A destruição de Danny Mackay.

Ela não dormira nas noites anteriores, e agora andava no carpete da sua impressionante biblioteca, olhando para o relógio de pulso com frequência e prestando atenção à campainha da frente. De fato, ela dera início aos trabalhos preliminares duas semanas antes, depois do regresso de San Francisco. Beverly passara as instruções a Maggie e Carmen, e enviara Bob para o Texas. Nos dias que se seguiram, eles lhe reportaram seus progressos, e agora, nesta última manhã ensolarada de maio, eles se reuniriam na casa silenciosa para a reunião secreta final.

Beverly se sentia agitada. Seu corpo estava inquieto - de paixão, excitação e medo. *Tinha* de funcionar. A vingança que jurara contra Danny trinta e cinco anos atrás *tinha* de ser um sucesso.

Fantasmas do passado a acompanhavam pelo tapete persa: o espírito torturado da mãe, levada ao homicídio, que encontrara um paraíso no lar da reverenda Mary Drake; o suave espectro de um bebê não nascido, nem mesmo formado, que Danny obrigou Rachel a desistir; e, finalmente, um fantasma chamado Christine Singleton, a irmã gêmea de Beverly, cujo rastro se perdera misteriosamente na Arábia Saudita e quem, no fim, Jonas Buchanan não conseguira localizar. E, ainda, havia o fantasma do falecido marido de Maggie, Joe, e os espíritos infelizes das pessoas a quem Danny arruinara. Era por eles, e pela segurança de todo mundo, que Beverly agora colocava em funcionamento a última parte do plano.

A campainha tocou, e a criada abriu a porta da biblioteca para Carmen. Por um instante, ela e Beverly se encararam através do imenso cômodo, as duas mulheres paradas entre tantos livros de capa de couro com a luz do sol atravessando as janelas de vidros em forma de diamantes, iluminando o vermelho, o dourado e o preto do bordado do tapete.

Carmen pareceu prender a respiração por um segundo, depois disse:

- Está feito...

Beverly se virou, as mãos unidas com força. Então... já começara.

Não havia como recuar mais.

- Fui para o Century Plaza — explicou Carmen com suavidade. — Danny vai se registrar depois de amanhã. Ele reservou duas suítes e seis quartos. A esposa estará com ele.

As costas de Beverly estavam eretas e rígidas enquanto ela fitava as enormes árvores que ladeavam as janelas. Além delas, cravos amarelos e rosas vermelhas formavam o paraíso que era o seu jardim. Um vaso chinês em sua mesa de mogno desenhada tinha lírios recém-colhidos. Eram tão frágeis que as flores só duraram um dia.

Beverly não via Danny desde a noite do banquete em San Francisco. Ela não o vira, de fato, depois do breve e perturbador instante em que teve de dividir o palco e os holofotes com ele. Ela olhara para o medalhão religioso de ouro com o qual ele a presenteara, depois rapidamente agradecera e voltara para a mesa. Evitara com sucesso a companhia dele depois disso, saindo do banquete assim que ele chegara ao fim, apressando-se para ir embora. Mas desde aquela noite o seu nome ficara associado ao dele. Bem como ela planejara.

- Quando o *Los Angeles Times* receberá o pacote? - perguntou com suavidade.
- Daqui a três dias. Isso dará início a tudo.
- Cuidou das coisas no Butterfly?
- **Está tudo pronto, Bev.**
- Fred **Banks?**

-Jonas já foi para o México. Ele ajudará Fred com a declaração à imprensa.

—E quanto a Ann?

—Maggie foi buscá-la. Elas devem chegar aqui daqui a pouco. **Quando** Bob chega?

— Ele telefonou de Dallas hoje cedo. Ele deve estar aterrissando no aeroporto a qualquer instante.

—Ele foi bem-sucedido?

Bom Deus, pensou Beverly.

—Sim — disse ela. — Ele foi bem-sucedido.

Beverly se virou de frente.

— Você se lembra, Carmen? Você se lembra da minha primeira noite na casa de Hazel e de como você tomou conta de mim?

—E da noite em que você cuidou de mim quando tentei me **matar. E** como me ensinou a sonhar - Carmen se aproximou dela e disse: - Essas **coisa** jamais serão esquecidas, amiga. Atravessamos uma longa estrada, você e **eu.**

—Sim.

—E o fim já está próximo.

Beverly fechou os olhos. *O fim...*

A campainha tocou novamente e Maggie entrou na biblioteca com uma perplexa Ann.

— Beverly — ela disse —, o que foi isso? Maggie acabou de me contar que você está fechando o Butterfly. Por quê?

Beverly olhou para Carmen e para Maggie, depois foi para junto **de** Ann e disse:

—Venha caminhar comigo no jardim. Tenho algo para lhe contar.

Bob Manning despediu-se rápido do piloto do jato particular **de Beverly** e se apressou para o Rolls que o aguardava.

— Leve-me direto para a casa da senhorita Highland, por favor - ele disse para o motorista, e segurou a pasta bem apertado junto ao corpo.

Seu coração batia descompassado. Ele estava com medo, **estava excitado,** estava simplesmente nervoso como o diabo. Ele sentia como se **estivesse** carregando uma bomba na pasta de couro. *Depressa,* incitou **mentalmente o** motorista. *Depressa, depressa...*

Elas estavam em pé sob o caramanchão de umas buganvílias chamadas, ironicamente, de Alvorecer do Texas. Suas pétalas lavanda peroladas flutuavam para baixo próximas às cabeças das duas mulheres enquanto Ann, um tanto pálida, dizia:

- Meu Deus, Beverly.
- Sinto muito ter de lhe dizer isso desta forma. Não há outro modo.
- Sabe - disse Ann quando viraram e começaram a voltar para a casa —, suspeitei que houvesse algo há muito tempo. Tive a impressão que você, Carmen e Maggie partilhassem um segredo. Beverly, você poderia ter me contado! Nós nos conhecemos há trinta anos.
- Não foi uma questão de confiança, Ann. Era uma coisa... muito pessoal. Mas agora você tem o direito de saber pelo que vai acontecer nos próximos dias, e precisa estar preparada.

Ann fitou as pedras no chão em que ela e Beverly passavam. Era tudo tão opressivo — a história estranha e sórdida de uma garota fugitiva no Texas, a sua transformação em Hollywood, a cirurgia, a mudança de nome, e os anos subsequentes de uma vingança planejada contra o homem que fizera tudo aquilo com ela. Ann sabia que precisaria de um tempo para se ajustar a isso, ao passado de Beverly e ao que Beverly estava para fazer. Ann guardaria esses segredos. Beverly era a única amiga verdadeira que teve em todos esses anos, uma mulher que fizera com que um certo baile de Natal fosse o auge na vida de uma garota infeliz, e que a incluíra na espetacular ascensão à fama e à fortuna. Por Beverly, Ann Hastings faria qualquer coisa.

-Vou falar com Roy — disse ela ao se aproximarem da casa. - Ele vai entender. E guardará o seu segredo. Roy deve tanto a você quanto eu, Bev. Ninguém saberá a verdade a respeito do Butterfly.

Encontraram um agitado Bob Manning na biblioteca, mostrando o conteúdo de sua pasta para Maggie e Carmen. Quando se virou e viu Beverly entrar, ele disse:

- Não vai acreditar no que eu trouxe... - ele parou de falar quando viu Ann entrar.
- Está tudo bem, Bob — Beverly o tranqüilizou. — Já contei tudo para Ann. Pode falar livremente na frente dela.

Ele entregou a pasta para Beverly.

- Está tudo aqui. E muito mais.

—Vamos começar - disse Beverly.

47

A manchete da manhã seguinte à votação dizia: MACKAY VENCE PRIMÁRIA DA CALIFÓRNIA.

O artigo que a acompanhava na primeira página descrevia a arrebatadora, mas àquela altura, muito esperada vitória do reverendo Danny Mackay sobre os seus oponentes republicanos naquela primária "fazedor de reis". Tendo conquistado todos os delegados californianos, estes em número maior do que em qualquer outro estado, o fundador do Ministério da Boa Nova estava a apenas oitenta votos de conseguir obter a nomeação à presidência. Os peritos previam que ele não teria problema algum em "conquistar" votos na convenção, que seria dali a seis dias. O texto incluía uma foto de Danny sorrindo, com o conhecido Stetson branco, sua marca registrada, na cabeça. Os envolvidos trabalhavam contra o relógio no Hotel Century Plaza, a residência temporária dele em Los Angeles.

Uma manchete bem diferente e muito inesperada foi publicada no dia seguinte: NOME DE MACKAY LIGADO A BORDEL EM BEVERLY HILLS.

— Jesus Cristo! - Danny murmurou ao ver o jornal da manhã. Ele estava com uma tremenda ressaca por causa da festa da vitória da noite anterior e tentava se **recuperar com** suco de tomate e Tabasco. Ele não dormira bem, não depois do **telefonema do jornal** recebido pouco **depois** das **duas da manhã.**

O pessoal do *Times* telefonara para informá-lo que eles tinham recebido informações da polícia, informações que eles publicariam. Considerando-se quem ele era, disseram eles, pensaram que seria justo avisá-lo antes.

E lá estava aquilo.

Danny jogou o jornal e olhou para Bonner. Na sala externa ele conseguia ouvir telefones tocando e uma batida insistente à porta.Em seu quarto, Danny ligara aTV. E agora via o seu rosto na tela - uma foto de publicidade dos seus próprios arquivos. Uma voz no fundo dizia: "... pouco depois da meia-noite. A polícia, atendendo a uma pista anônima, realizou uma batida nos quartos na sobreloja da butique e encontrou o que eles descrevem como sendo um local arranjado para a prática de atividade sexual ilícita. A Fanelli, uma elegante loja de roupas masculinas na Rodeo Drive, acabamos de descobrir, é de propriedade da Fazendas Royal, cujo dono, por sua vez, é Danny Mackay, aspirante à presidência. Até então, nenhuma ligação direta foi feita entre o reverendo Mackay e a operação no andar superior, MAS A polícia está examinando certas evidências que foram encontradas no que parece ser o escritório da operação ilegal".

Enquanto a equipe no quarto ao lado cuidava dos repórteres e dos telefonemas, Danny só conseguia ficar parado, ainda de pijamas de seda e roupão, encarando estupefato.

A sua assessora de imprensa passara a noite redigindo uma declaração na qual o reverendo negaria qualquer conhecimento quanto ao estabelecimento acima da loja masculina, e que a Fanelli era uma subsidiária tão pequena em sua holding, que Danny Mackay nunca, em todos os anos em que era proprietário, colocou os pés dentro dela.

- Maldição, Bon - disse ele ao se sentar para um desjejum de filé de frango frito e batatas fritas. - Como uma coisa dessas pôde acontecer? PENSEI que você tivesse olhado o lugar.

— E olhei, há onze anos! Eu mesmo inspecionei o lugar. Era uma loja de roupas como qualquer outra. E, em cima, as salas eram alugadas para escritórios de diversos tipos de negócios lícitos.

Danny chutou o jornal que estava caído no chão.

- Escritórios! Você leu o que encontraram lá? Chicotes e correntes, preservativos, objetos sexuais! Onde diabos se meteu Duane?

—Ele ainda está na delegacia, Danny.

Eles se referiam a Duane Chadwick, o advogado de Danny.

Danny pegou seu Bloody Mary e o tomou de uma vez só. Do lado de fora, no corredor depois daquelas portas, guarda-costas mantinham os repórteres e os curiosos longe. As suas duas linhas telefônicas eram mantidas ocupadas pelas secretárias, que explicavam o engano para os partidos necessários - o sogro senador, e diversos apoiadores políticos —, enquanto o Century Plaza preparava uma sala na qual Danny televisionaria sua negação pública em relação a essas acusações sem cabimento.

- Não se preocupe - disse Bonner um tanto nervoso, tentando acalmar o chefe. - Ninguém no mundo vai acreditar que você foi para aquele bordel. Olha aqui, isso já aconteceu antes, não foi? As pessoas descobrem de repente que são responsáveis por uma coisa que nem sabiam que existia. Aposto como foi idéia de algum idiota para conseguir dinheiro fácil. A polícia vai encontrar o gerente da loja, ele fala tudo o que sabe, e você se livra dessa.

- É melhor eles o encontrarem, e rápido.

Danny relanceou e viu que Angélica estava na soleira da porta. Como sempre com sua expressão sofrida no rosto.

Cristo, como ela o enojava. Desde a noite de núpcias, ele nunca viu outra coisa que não fosse aquele ar de mártir no rosto dela. Ela só sorria em público, quando era forçada a representar o papel de boa esposa. Nem dormiram mais juntos desde a lua de mel há onze anos. A única razão de Cary, o filho caçula deles, ter sido concebido foi porque Danny ficou tão embriagado e estava tão furioso uma noite que a amarrara e lhe dera o que ela merecia.

- Volte para o seu quarto — ele ralhou com ela naquele instante. — Isto não é da sua conta.

Angélica recuou como uma alma penada para o quarto elegante onde ela passava o tempo todo lendo e fazendo renda, quando não precisava posar com Danny para as câmeras.

No começo da tarde, Danny fez sua declaração pública de inocência. Ele vagamente mencionou que aquilo devia ser obra de alguém que tentara prejudicá-lo, mas que ele perdoava essa pessoa, bem como o Senhor perdoava. E ele se saiu tão bem representando o papel de vítima que a empatia do público correu a seu favor. Na manhã seguinte, Danny ainda estava no topo da lista de popularidade e conseguiu rir sobre a coisa toda, enquanto se servia de filé de presunto frito e biscoitos com molho.

E então, o tenente O'Malley chegou ao hotel, e Danny não podia se recusar a recebê-lo. Ele era um detetive tenente acompanhado de um detetive sargento.

O homem estava visivelmente constrangido. Desculpou-se profusamente por perturbar o reverendo e assegurou a Danny que aquilo não demoraria muito, que era apenas uma questão de formalidade, e que, na investigação sobre o bordel na sobreloja da Fanelli, todas as pessoas remotamente envolvidas estavam sendo interrogadas.

- Acredite em mim, senhor - o tenente disse ao se sentar. - Discuti isso com os meus superiores. Debatemos ontem o dia inteiro se devíamos ou não incomodá-lo com esse assunto. Por fim, decidimos que não tínhamos escolha, considerando o que... — ele pigarreou — o que encontramos no escritório de cima.

Danny fitou O'Malley. O homem não tinha a aparência de um detetive. Primeiro, ele parecia baixo demais. Segundo, para Danny, o homem estava muito bem vestido. Também estava limpo demais — colarinho branco e engomado, o cabelo perfeitamente repartido, as mãos rosadas e limpas. Até caderninho de anotações que ele puxou do bolso parecia limpo demais, e Danny viu de relance uma letra de mão legível e angulosa.

- Quando investigamos os recintos acima da loja - O'Malley começou, sem fazer contato visual com Danny -, encontramos o que obviamente era o centro das operações. Era uma sala com uma mesa e telefones e um cofre de parede, no qual, quando aberto, foi encontrada uma grande quantidade de dinheiro. Bem, não havia nenhum registro escrito nem nada que pudesse nos dar uma pista quanto às pessoas que trabalhavam lá ou quem poderiam ser os clientes, mas encontramos *uma carta - nessa* hora ele levantou a cabeça e olhou diretamente para Danny. - Do senhor.

Danny piscou.

- Uma carta minha? Que tipo de carta, tenente?

—Uma carta de congratulações.

—Congratulações!

— Elogiando, hum... — ele consultou o caderninho.— Bob Manning pela sua eficiência e por aumentar os lucros consideravelmente. A carta foi confirmada como sendo legítima, reverendo. Foi escrita no papel timbrado do Ministério da Boa Nova e assinada pelo senhor.

Danny franziu o cenho e disse:

—Nós devemos ter enviado centenas dessas cartas, tenente. Sempre que recebemos bons relatórios de um dos nossos investimentos, nós recompensamos com elogios e encorajamento. A carta se referia à loja de roupas masculinas, tenente, e não ao trabalho do Demônio que acontecia no andar de cima!

—Sim, bem... — O'Malley pigarreou mais uma vez. — Havia uma fotografia com a carta. Tenho uma cópia aqui — ele colocou a mão dentro do paletó. — O original ficou na delegacia, claro, mas, como pode ver, é uma fotografia do senhor.

Danny olhou para ela, confuso. Lá estava ele, num cenário praiano entre palmeiras, sentado com uma moça de biquíni em seu colo. Ele levantou a cabeça de pronto e disse:

—Mande Duane vir aqui. Rápido.

Dez minutos depois, o advogado de Danny Mackay garantia ao pesaroso O'Malley que a fotografia era falsa e que uma "severa represália" aconteceria caso aquela foto, de alguma forma, fosse parar nas mãos da imprensa.

—O senhor teria alguma idéia de quem poderia criar tal fotografia? - 0'Malley perguntou.

Danny tentava se controlar.

—Bem, tenente - disse ele com um sorriso infeliz de mártir. - É difícil de acreditar, mas imagino que eu tenha alguns inimigos. Qualquer pessoa que faça o trabalho do Senhor tem Satã e seus subordinados como inimigos. E quem quer que tenha colocado essas

porcarias juntas, bem, eu pretendo rezar pela alma desse homem. Porque ele está correndo o sério risco de arder no fogo eterno.

-Tenente - Duane disse -, e quanto a esse tal de Bob Manning? Por que a polícia não o localizou?

—Não o encontramos ainda, mas estamos mantendo a casa dele sob supervisão, senhor Chadwick, e estamos interrogando qualquer pessoa que possa nos dizer qualquer coisa a respeito do seu paradeiro. Interrogamos os funcionários da loja, mas todos dizem não saber da operação do andar superior, e nenhum deles conhecia Manning socialmente. Mas, por favor, fique tranquilo que encontraremos os criminosos por trás de tudo isso.

Ao sair, 0'Malley parou na porta para dizer:

—Eu só gostaria de dizer, senhor Mackay, que minha esposa e eu votamos no senhor, e que o senhor terá o nosso voto em novembro.

—Fique com a bênção do Senhor, tenente - Danny disse com magnanimidade. E, quando o detetive e seu assistente silencioso saíram, ele se virou e bradou: **- Quem quem quer** esteja por trás disso, vou arrancar os bagos dele!

48

TRUDIE ESTAVA COM MEDO. De si mesma, dos seus sentimentos **por Bill.**

Sentada à sua escrivaninha, verificando a correspondência da manhã, ela percebeu a mente voltar para a rodinha giratória de hamster na qual vinha rodando desde seu último encontro com Bill no jardim de Barry Greene. Deveria se arriscar?, perguntava-se sem cessar. Deveria ir atrás do homem como seus sentimentos comandavam, ou deveria se portar de **modo segu**ro e deixá-lo de lado? Pela primeira vez desde que conseguia se lembrar, Trudie estava muito preocupada com a opinião de um homem. Os encontros casuais de sábado, bem, quem se importava com o que eles pensavam? Amava-os e deixava-os. E Thomas... Ele era pago para fingir que gostava dela. Se ele gostava ou não dela era uma pergunta que Trudie não se fazia. Mas Bill... de repente ali estava um homem cuja visão sobre ela lhe era muito importante.

E ela não fazia idéia de como ele se sentia a seu respeito.

Ela estava com medo de se queimar de novo. Assustava-a pensar em procurá-lo, em permitir que ele soubesse como ela se sentia, só para ser rejeitada, para ouvir que tudo o que ele queria era que fossem amigos. O que era pior, perguntou-se, fazer-se de tola e desejar ter ficado calada ou ficar calada e, com isso, nunca descobrir como ele se sentia a seu respeito? E o que mais a enlouquecia nisso tudo era que Trudie Stein, normalmentesem receios de riscos e desafios, subitamente estava morrendo de medo de se aventurar.

Cathy, a assistente, passou pela porta com dois sacos brancos de papel.

—O frango ao curry tinha acabado — informou ela. — Por isso, peguei ovos mexidos com chouriço. Tudo bem assim?

Trudie não se importava; não estava com fome.

— Viu o jornal de hoje? — Cathy perguntou ao abrir uma caixinha de leite. — Não consigo acreditar! E eu votei em Danny Mackay na terça!

Trudie levantou o olhar e disse:

—O quê? — e então, ela se lembrou da manchete chocante do dia anterior a respeito de Mackay estar ligado ao Butterfly! Assim que lera, ligara para Jessica. Estariam certos?, perguntaram-se. O Ministério da Boa Nova estaria por trás da operação secreta acima da Fanelli? Jessica chegou a pensar em se apresentar à perplexa polícia para informar o que sabia. Mas sua sanidade sobrepujou a sua consciência católica.

-Vamos ficar quietas - disse ela e Trudie concordou.

E agora, Trudie lia a manchete e a xícara de café parou a caminho da boca, MACKAY, DONO DE REVISTA PORNÔ.

—Mas que diabos... — disse ela, pegando o jornal.

— É absolutamente incrível! — exclamou Cathy. — Agora, descobriram que Danny Mackay tem uma revista pornô, uma cadeia de salões de massagem ilegais e um cinema de filmes para adultos. E ele alega não saber de nada!

—Isso vai prejudicá-lo na Convenção Republicana — Trudie murmurou, com a cabeça em outro lugar.

—Ele nega tudo veementemente e insiste que isso é obra do Diabo. Leia o que ele diz aí. "Atacar um homem de Deus é um ataque ao próprio Deus." E consegue acreditar que eles encontraram um prostíbulo no meio de Beverly Hills? Eu devo ter ido à Fanelli uma dúzia de vezes, e nunca soube do que se passava no andar de cima! Aposto como eles tinham uns nomes bem explosivos na lista de clientes!

Quando a notícia foi divulgada no dia anterior a respeito da operação secreta na sobreloja da Fanelli, Trudie concluíra que as pessoas que administravam o Butterfly deviam ter sabido que haveria uma batida. Poucos dias antes, ela e Jessica tinham recebido um aviso de fechamento e a devolução do dinheiro pago pela associação; todas as demais associadas deviam ter recebido o mesmo. Mas, e quanto aos acompanhantes? E quanto ao seu

precioso Thomas? Onde ele estaria agora? Ficou imaginando se ele se perguntava a seu respeito agora, ou no futuro...

Trudie deixou o jornal de lado e consultou o relógio. Eram duas hora. Em seguida, pegou o contrato do trabalho mais recente que aceitara. Piscina e spa em Brentwood. Esse projeto seria complicado - eles queriam **que a** piscina se estendesse para dentro da casa.

— É melhor eu ligar para o Bill - murmurou. - Para ver se ele consegue cuidar desse também.

Cathy olhou para a empregadora. Trudie *nunca* ligava pessoalmente **para** os subcontratados.

Enquanto Trudie discava, as pulseiras de prata no pulso chacoalhavam e brilhavam na luz ensolarada do mês de junho que atravessava o vidro **da janela.** Cathy notou que havia uma nova em meio àquelas. Uma corrente **com um** pingente de borboleta. Pensou que aquele não era muito ao gosto de **Trudie.**

—Olá, aqui é Trudie Stein — disse ao telefone. — Bill está? Ah, sei. Está num trabalho? - ela parou para ouvir. — Ah! Não, não... Não precisa dizer que eu liguei. Tento falar com ele amanhã.

Trudie desligou e pegou o maço de cigarros.

—Ele está num trabalho? - Cathy perguntou.

—Não. Tirou o dia de folga. Está na marina, trabalhando no barco dele

Trudie mexeu nos papéis sobre a escrivaninha. Ligou para **a casa de**
Jessica e deixou um recado com a empregada. Depois ligou para manicure para marcar um horário. Olhou para a papelada da nova empreitada novamente - a piscina daria a volta na casa e terminaria com a parte mais rasa dentro da sala de jogos. Banquinhos de bar submersos, churrasqueira, cascata em rocha vulcânica...

Trudie olhou para o relógio de novo.

Apagou o cigarro e acendeu outro.

Eles queriam um deque de pedras e uma pequena ponte curvada atravessando a parte final. Ladrilhos espanhóis, uma fonte no centro...

—Cathy... - disse ela de repente, fechando a pasta e pegando **a bolsa. -** Vou tirar o resto do dia de folga. Não creio que possa aparecer **alguma coisa** de que você não possa dar conta.

Cathy encarou Trudie.

-Tudo bem - disse ela, tentando se lembrar da última vez em que Trudie tirou *uma* folguinha sequer. - Onde posso encontrá-la, caso seja necessário?

-Você não vai conseguir. Vou fazer compras. Ligo para você antes que você feche o escritório.

Pela maneira com que Trudie saiu avoada pela porta, Cathy não teria como adivinhar como o coração da chefe batia forte.

Ele está na marina trabalhando no barco, o escritório de Bill informara.

Mas a marina era um lugar imenso com centenas de barcos. Por isso, Trudie começou sua busca metódica, dirigindo lentamente de um lado para o outro, primeiro na Ala A, depois na B, verificando a fila de carros estacionados, procurando por ele.

Ela continuava a repetir para si mesma o quanto aquilo era ridículo. Mal se falaram nas quatro semanas que se seguiram desde que se encontraram na escavação da piscina de Greene e fizeram descobertas mútuas. Bill a convidara para ir velejar e Trudie recusara. De modo mal educado, saíra dirigindo levantando uma nuvem de poeira e cascalho sobre ele. Nos dias que se seguiram, ela propositadamente o evitou, comunicou-se com ele exclusivamente através do escritório, certificou-se de que ele não estaria em campo ao visitar as obras. E lá estava ela agora, dirigindo para cima e para baixo, procurando pelo carro dele, como se fosse uma adolescente, sem parar para pensar que aquilo não era justo com ele, que talvez ele estivesse com alguém no barco.

Lá estava ele. O GMC 4x4 preto e marrom.

Ela parou o carro na vaga ao lado, desligou o motor, e ficou sentada no silêncio da marina.

Por ser dia de semana, poucas pessoas trabalhavam em seus barcos. Mesmo aqueles que moravam nos barcos, estavam fora, trabalhando ou estudando, ou fazendo sei lá o quê. Com exceção do barulho rítmico dos cordames, dos gemidos dos mastros, das marolas beijando os cascos, um tipo de silêncio dos mares pairava sobre as diversas embarcações ondulantes. Trudie baixou o vidro e aspirou o cheiro salgado, sentiu a brisa passar pelos cabelos. Não havia sequer uma nuvem no céu. O dia parecia eterno.

Saiu do carro e andou até o portão de segurança que dava para as docas. Passou o olhar por duas fileiras de barcos - veleiros à direita, embarcações com cabinas à esquerda. No fim do píer, ela viu uma geladeira de viagem, baldes e panos, e uma pilha de trapos.Tudo empilhado perto de um Catalina 27 azul e **branco. Trudie** tentou ver se havia **alguém** com ele a bordo. Se houvesse uma **mulher** com ele...

Ela testou o portão e viu que estava destrancado. Abrindo-o, pôs-se a percorrer a rampa que subia e descia com a água.

Que diabos achava que estava fazendo ali?, perguntou-se seguindo direto para o Catalina, com o coração acelerado.

Trudie sabia muito bem o que estava fazendo.

- Olá! — disse ela ao chegar ao barco.

Ele estava perto do lugar do piloto, abaixado, enrolando uma corda. Surpreso, ele se virou e olhou para cima, amparando os olhos com a mão.

Céus, pensou ela. O homem não tinha nenhuma camisa para chamar de sua?

- Oi... - disse ele, surpreso.

Ela ficou parada no píer, olhando para ele com as mãos nos quadris. Tudo o que ele fez foi continuar olhando para ela - com muita cautela, deduziu.

- E então? - disse ela. - Você me convidou para velejar, não convidou?

Bill a encarou por um instante, depois disse devagar:

- Claro. Suba a bordo.

Quando ele esticou a mão, ela a aceitou; ele a içou até o deque, por CIMA da grade de proteção. Quando ela pulou para junto dele, ele disse:

- Sabe alguma coisa sobre velejar?
- Claro! Sou perita nisso.
- Se eu lhe dissesse para jogar a corda da proa, acha que saberia fazer isso?
- Fácil - respondeu ela, olhando para o barco.-A proa. É a parte pontuda ou a achatada?

Eles se encararam por um instante, depois Bill riu e disse:

-Venha, vou lhe mostrar tudo.

Ele a tocou no cotovelo ao segui-la cabina abaixo, e quando ela chegou ao último degrau, surpreendeu-se.

Aquele pequeno Catalina obviamente era um segundo lar para Bill, o encanador de piscinas. As janelas retangulares estavam cerradas por cortinas de algodão grosso; o pouco de espaço nas paredes estava coberto por fotos de caravelas; almofadas com motivos náuticos estavam jogado sobre o assento em forma de banco; a pequena cozinha brilhava e tinha uma prateleira de temperos sobre a pia. Prateleiras estavam embutidas nas paredes e estavam tomadas por livros de bolso, por exemplares das listas dos mais vendidos e por revistas. Havia inclusive uma pequena televisão portátil presa no canto em que a parede se encontrava com o teto baixo. A cabina parecia habitada e tinha cheiro de limpeza, e Trudie se viu imaginando se a geladeira e os armários estavam estocados para uma longa viagem.

— Então, a que devo a honra desta visita? - perguntou ele, parado perto dela naquele espaço mal iluminado e abarrotado.

Ela evitou olhar para ele.

—Bem, foi você que me convidou - disse ela, passando o olhar pelas lombadas dos livros. — *Gênese Africana* — leu ela ao pegar um livro bem lido. - Li isso na escola. É muito bom. Já leu *A Hipótese do Caçador?*

—Sim.

—E o que achou?

—Não concordo com ele.

—Sabe... - disse Trudie esticando o braço para recolocar o livro no lugar, o braço acidentalmente esbarrando no dele. — Existe uma mulher em Berkeley, Rebecca Cann, que acredita que, ao se estudar o DNA mitocondrial, nós podemos traçar a ancestralidade de todos os seres humanos até uma única mulher...

—Os filhos de Eva - disse Bill. - Vi isso no *Nova.* A teoria mais forçada que já ouvi. Mas suponho que você concorde com ela.

Trudie finalmente se virou para fitá-lo. Ele estava tão perto que ela conseguia ver as pintinhas douradas nas íris castanhas dele, as rugas de sol ao redor dos olhos.

— Acho que discordamos em basicamente tudo — disse ela baixinho. — Não é?

Ele a fitou. Aqueles olhos azul-esverdeados o afetavam todas as vezes.

—Por que você? — disse ele com suavidade. — Por que você me afeta quando ninguém mais consegue? Por que tenho de pensar em você o tempo todo, mesmo que você só me deixe louco?

—Bem, isso também me intriga. Todos vocês machos chauvinistas são iguais e...

E então, ele a beijou e ela retribuiu o beijo, e os dois diziam coisas com os corpos que nenhuma palavra poderia expressar.

Enquanto um funcionário da marina colocava uma multa no para-brisa dela por ela não ter o adesivo de permissão de estacionamento no para-choque, e enquanto o bipe de Bill tocava ignorado no bolso da calça amontoada numa poça no chão, Trudie ficou chocada com uma coisa.

Bill era um excelente amante.

Ele não tinha pressa; lenta e amorosamente, ele sabia onde tocar, onde tocar novamente; onde beijar e como beijar; ele interpretava os **seus pe**quenos sinais; não tentou forçá-la ou apressá-la, mas movia-se harmoniosamente com ela até ela estar resfolegante de paixão e querer **dizer que o** amava. Quando ele pegou um preservativo do nada e o ajustou rápida e discretamente, do mesmo jeito que os homens do Butterfly faziam, Trudie se surpreendeu. E então, não se surpreendeu mais, porque aquilo combinava com o fato de ele ser um amante tão atencioso.

Acabaram no sofazinho, resfolegantes e suados, entrelaçados nos braços um do outro, dizendo todas as coisas que, repentinamente, perceberam **que** queriam ter dito há tanto tempo. Bill queria saber tudo a respeito **de Trudie,** desde o momento em que ela nasceu, e ela queria lhe contar. Falaram **sobre** o ramo da construção e como eles poderiam, talvez, unir as suas empresas para expandir o campo de atuação, e também sobre saírem para **velejar no**

Catalina assim que o trabalho na Pacific Palisades fosse concluído, e SOBRE exibição de arte pré-colombiana que seria inaugurada na semana **seguinte** e que os dois marcaram de ir juntos, e depois ele começou a fazer **amor de** novo, enquanto o barco subia e descia ao sabor da maré.

Trudie fechou os olhos e se segurou a ele, e pensou: É isso. **Descobri a** coisa real. Não preciso mais do Butterfly...

49

QUANDO O SENADOR PASSOU pelo portão de desembarque do aeroporto de Los Angeles, ele foi imediatamente cercado por repórteres e câmeras de TV.

- Quais são as chances de Danny Mackay agora, senador? — todos perguntaram.

O velho homem sorriu debaixo de seu chapéu de cowboy e disse:

-Tenho total confiança no meu genro. Vocês, rapazes, sabem que Danny Mackay é um homem de Deus. Vamos esclarecer tudo isso para que possamos voltar a trabalhar para colocá-lo no Salão Oval! - ele entrou na limusine e saiu dali, sorrindo e acenando.

Assim que se viu sozinho no quarto de hotel com Danny, o velhote gritou:

- Mas que *diabos* está acontecendo aqui!?

Danny não estava com a sua costumeira aparência esmerada e confiante. Fazia três dias desde que a primeira notícia fora publicada, e em vez de ela cair no esquecimento, as coisas só ficavam piores. Ele não dormira nada nas duas últimas noites e isso estava evidente.

- Eu é que não sei, senhor. Juro que os democratas estão por trás disso.

- Não culpe os malditos democratas, rapaz! Quero saber como foi que você acabou se metendo com casas de má reputação e cinemas de filmes proibidos! **E agora os corti***ços,* pelo amor de Deus!

Havia jornais espalhados por toda a suíte. A primeira página de cada um deles mostrava a última sujeira desencavada a respeito de Danny **Mackay:** por intermédio da Fazendas Royal, uma empresa sua, ele era proprietário de um imenso cortiço no centro de Los Angeles. Fotos de prédios residenciais dilapidados e perigosos acompanhados de histórias de cafetões, prostitutas e drogados vivendo em prédios infestados de ratos e baratas.

- Estou lhe dizendo, senhor - Danny disse, cansado. - Eu não tinha como andar pelo país inteiro para verificar cada investimentozinho de merda que eu tinha. Comprei a Fazendas Royal da senhorita Highland. Bem, eu conheço a reputação dela, senhor. Ela não tinha como saber dessas coisas. E certamente ela não teria passado a empresa para mim caso soubesse.

O velhote pegou um charuto, desembalou-o, cortou a ponta e demorou-se a acendê-lo.

- Bem, você tem é muita sorte de eu ter vindo para salvá-lo, filho - disse o senador depois das primeiras baforadas. — Ainda conseguiremos salvar o seu traseiro a tempo para a convenção. Hoje à noite, você vai aparecer na televisão e vai dizer para o país inteiro que não sabia nada a respeito dessas coisas demoníacas, que lamenta muito ter tomado parte delas e que pretende fazer algo a respeito imediatamente. Precisamos

deixar você mais puro e imaculado do que a neve que cai do céu antes do final de semana.

Danny fechou os olhos e concordou com a cabeça. Ele não **gostava do** sogro, mas o homem era poderoso. Sua súbita viagem para junto do genro fora recebida pelo partido como um bom sinal. Danny ainda tinha **apoia**dores, mesmo que um pouco nervosos. Naquela noite, na TV, ele faria a sua melhor apresentação de todos os tempos. Ele pediria o perdão da **nação. E** ele não tinha dúvidas de que seria perdoado.

O tenente O'Malley desejou pela centésima vez que não estivesse designado para aquele caso. A coisa toda era uma bagunça; e estava **começando** a piorar a sua úlcera.

E agora, com esse novo desenrolar - a segunda fotografia que, diferentemente daquela encontrada no bordel, sem sombra de dúvida era **genuína -,** as águas só podiam ficar ainda mais turvas.

A mulher disse que só foi até a polícia porque acreditava que **Danny** Mackay devia ser punido. **E** lá estava ela agora, sentada na sala de espera com um copo descartável de café na mão, uma esposa de fazendeiro do Texas, desgastada e cansada, que vivia sua vida de viúva e que, sem dúvida, esperava ter um pouco de excitação ao contar a sua história.

Sobre Danny Mackay e Bonner Purvis.

Jesus!

O detetive foi até o banheiro masculino, onde lavou cuidadosamente o rosto, limpou as unhas e penteou o cabelo até que ele ficasse achatado e brilhante. A manhã estava descendo ladeira abaixo daquele jeito, com a pressão do alto para deixar de lado o bordel e encerrar o caso, mas agora aquela mulher de vestido de algodão estampado e sapatos gastos jogava uma bomba no seu colo.

A fotografia era verdadeira, muito bem. Ela disse ter ela mesma tirado a foto em 1955, quando um ônibus de um despertar religioso parou na cidade e ela se ofereceu para acomodar dois dos membros da trupe. Por caridade cristã, declarou, ela recebera os jovens Danny e Bonner, só para ser recompensada com uma praga do próprio Satã. "Não foi natural o que aqueles rapazes fizeram", dissera ela para O'Malley. "E eu os vi, lá no quarto."

Na verdade, a foto parecia bem inocente: dois rapazes sentados nus numa banheira no jardim, obviamente tentando se refrescar num dia de folga. Seguravam cervejas e tinham um braço sobre o ombro do outro. Só uma dupla de garotos se divertindo.

Mas não tão inocente quando acompanhada da história da mulher que dizia ter testemunhado um ato de homossexualidade. Isso alterava completamente a interpretação da foto.

Isso mudava tudo.

Porque, 0'Malley bem sabia, assim que, se aquilo vazasse, as pessoas começariam a se perguntar: Se Danny Mackay um dia se envolveu em atos indecentes com outro homem, então seria bem possível que *ele fosse* o proprietário de um prostíbulo e de uma revista pornô e de todo o resto.

A fotografia e o testemunho da mulher o enforcariam.

O tenente 0'Malley tinha um problema. Ele simplesmente gostava de Danny Mackay e queria votar nele em novembro. Mas também era um homem de consciência. A mulher e a sua fotografia não podiam ser ignorados.

Havia um alvoroço de atividades acontecendo na suíte de Mackay no Century PIaza. Enquanto seu próprio maquiador o preparava para as câmeras de televisão, os assistentes e conselheiros de Danny o **preparavam** para seu discurso escrito às pressas. Ao lado estava o senador com **uma ex**pressão grave no rosto, com a filha, Angélica,

pairando logo atrás dele. Danny se sentia bem. O Jack Daniels o aquecera e lhe infundira poder, como nos velhos tempos, e o discurso era muito bom. Havia inclusive uma pequena insinuação inteligente sobre como o grande John Kennedy também fora maculado por detratores.

Uma das secretárias de Danny se aproximou e disse:

— O detetive 0'Malley está do lado de fora, senhor.E diz que quer trocar uma palavra com o senhor.

Danny fez um gesto de dispensa com a mão.

- Mais tarde. Depois do discurso.

—O que acha que ele quer? - perguntou Bonner.

- Ele provavelmente quer vender ingressos para o baile dos policiais!

Mas quando outra secretária veio correndo e disse a Danny que a senhorita Highland estava ao telefone, Danny deu um salto, arrancou a toalha ao redor do pescoço e saiu em disparada para o quarto para atender o telefonema. De todos os seus apoiadores financeiros, Beverly Highland era a mais importante. Seu silêncio nos últimos três dias vinha matando**-o de** preocupação. Ele rezava agora, ao pegar o aparelho, que ela tivesse algo bom para lhe dizer.

E suas preces foram atendidas.

Não só ela acreditava em sua inocência no que se referia a todas aquelas coisas sórdidas, como também faria uma declaração pública na manhã **se**guinte anunciando a continuidade do seu apoio à candidatura dele.

-Tenho convicção, reverendo — disse ela em sua voz tranquila -, que **isso** tudo logo passará, e que, em breve, o senhor terá a recompensa merecida

Linda Markus se recostou contra a moldura das janelas deslizantes, observando os últimos raios do pôr do sol no Pacífico pintarem faixas laranja e rosadas em todo o céu do oeste. O oceano tinha um cheiro quente e salgado. Era junho, e Malibu despertava para a vida do verão: na praia abaixo da casa, as pessoas brincavam nas ondas; carne era perfurada nos espetos; crianças derretiam marshmallows em fogueiras; adolescentes jogavam frisbee e voleibol e se entretiam com sexo furtivo e apressado pelas dunas. Atrás dela, um comentarista dizia no rádio: "Duas outras pessoas se apresentaram alegando ter conhecido Danny Mackay em seus primeiros anos como pregador no Texas, uma delas dirigia uma casa de prostituição em San Antonio. A senhora Hazel Courtland assinou um testemunho jurado de que Danny Mackay e Bonner Purvis forneciam garotas para o seu estabelecimento. A segunda pessoa é um ministro aposentado de Austin, no Texas, que costumava receber os despertares religiosos de Mackay em sua igreja. O reverendo White alega que, naquela época, em 1955 e 1956, Danny Mackay trabalhava para um homem chamado Billy Bob Magdalene, que um dia desapareceu misteriosamente e nunca mais foi visto. O senhor Mackay foi interrogado pela polícia esta manhã a respeito desse desaparecimento".

Linda só ouvia sem prestar muita atenção. Há quatro dias, quando fora divulgada a **notíci**a **sobre** os quartos secretos acima da Fanelli e a sua ligação

com o Ministério da Boa Nova, ela entendeu porque havia recebido a **no**tificação do fechamento do Butterfly junto com um reembolso monetário da sua associação ao clube.

Para onde ele foi?, ela se perguntava. Onde estará o acompanhante mascarado que me libertou?

—Quem é você? — ela perguntara naquela noite memorável, quando ele a libertara da sua prisão. - Qual é o seu nome? Por que trabalha aqui?

Mas ele simplesmente sorrira e colocara um dedo sobre seus lábios. E então, ela percebera: não queria saber o nome dele ou quem ele era fora das paredes do Butterfly. Ele seria lembrado como o seu amante fantasioso QUE a libertara das suas amarras.

Ele lhe dissera:

— A rejeição que você pensava ver nos homens só estava na sua cabeça. Você imaginava que eles se desestimulavam com as suas cicatrizes. Os homens se afastavam não por causa das suas imperfeições físicas, mas por **sua** frieza obstinada em relação a eles. Você era defensiva. E duvido que eles tenham se afastado de você; provavelmente você os afastou, assim como fez comigo antes.

Ele estava certo. E Linda saiu do Butterfly sentindo uma mistura de perplexidade e de coragem renovada. Ela não soubera que seu corpo era capaz de tais reações. E agora, sentia-se ansiosa, como uma criança que aprende a andar e quer tentar seguir sozinha.

Uma brisa quente subiu do oceano e Linda se abraçou. Sentia vontade **de** gritar a sua alegria; queria correr pela praia e contar a todos o quanto estava feliz.

A noite passada... Ah, a noite passada!

Deu as costas para o deque e entrou na cozinha, onde os restos do **jantar** ainda estavam sobre o balcão. Ele trouxera pizza, entre tantas possibilidades, e eles a comeram tanto no jantar, como no café da manhã daquele dia. **Ago**ra, a noite se aproximava e eles teriam de comer novamente. Linda **olhou** ao redor. O que poderia cozinhar? Do que ele gostaria?

Ela ouviu o chuveiro ligado.

Ele estava acordado.

E, de repente, ela não queria nem cozinhar, nem comer, nem nada **mais.** Exceto fazer amor.

Ela se viu no reflexo do vidro polido do forno: uma mulher de trinta e oito anos com olhos dançantes e faces coradas, vestindo apenas um roupão.

Butterfly. Teria sido real? Seus interlúdios com Casanova, Zorro e o soldado confederado teriam acontecido de verdade? Teria finalmente se descoberto naqueles incríveis quartos dos sonhos? Se ao menos ela soubesse a quem agradecer.

Mas ela não sabia quem teria administrado o Butterfly, a não ser que fosse Danny Mackay, conforme publicado nos jornais. Contudo, ela duvidava muito que ele tivesse alguma coisa a ver na realização das fantasias. Linda não conseguira descobrir o nome do seu acompanhante, nem a identidade de ninguém por trás da operação do Butterfly. Somente Alexis, a sua amiga pediatra, conseguira obter alguma informação. O acompanhante de Alexis se apaixonara por ela — contara-lhe sobre os seus sentimentos — e agora eles viviam juntos num chalé em Benedict Canyon. Seu nome era Charlie, e tudo o que ele conseguiu contar a Alexis foi que a diretora o entrevistara, o contratara e explicara o que ele deveria fazer. Fora isso, o Butterfly era tanto um mistério para ele quanto para os demais acompanhantes, bem como para as sócias.

O real segredo do Butterfly, Linda suspeitava, provavelmente jamais seria revelado.

Ela ouviu passos na sala de estar. E então, ele apareceu na cozinha e veio por trás, passando os braços ao redor da sua cintura.

—Bom dia, minha amiga - ele murmurou. - Ou já é de noite? Perdi a noção do tempo.

Linda se virou e levantou o olhar para José. O cabelo dele ainda estava úmido por causa da chuveirada. Ela o abraçou pelo pescoço e o beijou.

— Veja o que acontece quando convido uma mulher para tomar um drinque — disse ele. — Eu me apaixono.

—É isso o que isto representa?

Ele ficou sério.

—Estou falando sério, minha amiga. Quando olho para você e lembro como você estava ontem à noite, acredito que não preciso mais ir a festas.

Linda descansou a cabeça no ombro dele e se sentiu em paz.

51

A BORBOLETA MINÚSCULA BRILHOU na luz difusa do mês de junho e lançou reflexos dourados. Ela pareceu tremular na palma aberta de Carmen, e depois ficou parada.

- Não precisarei mais disso - disse Beverly. - Quero que fique com você.

Carmen olhou para o bracelete delicado de borboleta através dos olhos marejados. Havia algo de muito definitivo naquele gesto derradeiro. Ela jurara que não choraria quando aquele momento chegasse, mas agora não conseguia se conter.

—Vou sentir saudades, amiga — ela sussurrou.

—Eu sei. Eu também. - Beverly se afastou de Carmen e olhou para os outros agrupados na sala.

Maggie, com seu cabelo ruivo crespo escapando do nó, estava sentada, sem palavras, com os olhos vermelhos. Ann Hastings dividia um sofazinho com Roy Madison, os dois calados e com expressões sérias. E Jonas Buchanan, parado como uma sentinela ao lado da porta fechada. Somente Bob Manning não estava presente. Ele estava no carro, à espera de Beverly.

A enorme casa antiga, uma mansão antes propriedade de uma estrela de cinema reclusa, parecia pairar acima deles numa espécie de expectativa. Fachos de luz carregados de poeira invisível lançavam um brilho sobrenatural nos silenciosos ocupantes. Beverly Highland estava parada como um espectro no centro do círculo dos amigos, alta e magra, seu cabelo platinado preso em seu penteado, as calças creme e a blusa de seda branca enfatizando a sua palidez. Ela estava parada para que seus amigos a vissem pela última vez. Tudo o que precisava ser feito havia sido feito; estava tudo pronto e terminado.

Tudo o que restava para ela era ir ao Hotel Century Plaza, onde Danny Mackay a aguardava.

— Chegou a hora — disse ela por fim, e seus amigos se mexeram.

Acompanharam-na até o Rolls-Royce Silver Cloud branco que esperava com o motor ligado e, um a um, a abraçaram. Beverly parou para olhar para eles - Carmen, que um dia fora Carmelita; Ann, que fora solitária e infeliz; Maggie, que fora uma viúva recente com dois bebês quando Beverly a encontrara; e Jonas, um ex-policial negro que localizara a sua mãe e quase a sua irmã, e que agora a fitava com os olhos úmidos. Então, ela entrou, e

Bob Manning fechou a porta atrás dela. Beverly não teve de fazer nem dizer nada enquanto o carro deslizava pela Beverly Canyon Drive até a Avenida Highland. Mas, finalmente,ela teria de...— havia ainda uma última coisa que precisava fazer antes de ir para o hotel.

Pegando o telefone do carro, ela discou um número que conhecia de cor, e pediu para falar com o detetive O'Malley.

O dia começara muito ruim para o tenente e agora, no fim da tarde, estava ficando ainda pior. Por que aquela coisa do Danny Mackay tinha de ter acontecido na sua jurisdição? 0'Malley olhou para a pasta grossa sobre sua mesa e balançou a cabeça. Que confusão! A foto daquela viúva fazendeira do Texas por certo dera início a uma coisa e tanto. No minuto em que a foto saiu nos jornais, 0'Malley tinha a impressão de que todos os tipos de sujeitos começaram a aparecer do nada. Parecia que metade da população do Texas conhecera Danny Mackay em seus primeiros dias e tinha alguma sordidez dele para contar. Eles falavam com qualquer um que prestasse atenção. Nos dois últimos dias, jornais de todo o país tinham histórias dos dias selvagens de farra de Danny e Bonner como jovens pregadores itinerantes. Os tabloides dos supermercados chegaram a publicar fotos de antigos celeiros e campos onde orgias e rituais satânicos supostamente teriam acontecido. O'Malley não tinha dúvida de que oitenta ou noventa por cento dessas pessoas sequer teriam *visto* Mackay, quanto menos teriam sido ludibriados,seduzidos ou abandonados por ele. E as trinta e tantas mulheres que alegavam ter filhos ilegítimos de Danny só serviam para aumentar o ridículo da coisa toda.

Entretanto, aquelas oito Garotas Danny em suas roupas vermelhas **de** vaqueiras, apresentando-se para dizer à imprensa que eram prostitutas, admitindo ter participado de uma orgia com Mackay na noite anterior à primária, bem, isso parecia um pouco mais próximo da verdade.

A pressão para que o tenente tomasse uma atitude vinha aumentando. Por conta de toda a sujeira que repentinamente aparecera a respeito de Mackay, a opinião pública estava rapidamente pendendo para o outro lado. As pessoas estavam começando a pensar não só que Danny tinha conhecimento sobre o prostíbulo em Beverly Hills como também o **dirigia** pessoalmente e frequentemente se beneficiava dos seus serviços. Bem, nos olhos do público virtuoso que fora ludibriado e estava furioso por se **ver** tão ingênuo e estava, portanto, em busca de vingança e de um modo **de se** redimir, Danny Mackay era culpado de um crime e devia ser preso por isso.

Pelo tenente 0'Malley.

Seu telefone tocava e havia uma pilha de recados que ele ainda tinha de ler. Mais supostas confissões sobre o passado de Danny. Mais reclamações indignadas de cidadãos decentes querendo que algo fosse feito. O'Malley se retirou para a relativa quietude do banheiro masculino e deu uma bela lavada nas unhas.

Como ele poderia prender Mackay? Ele não tinha provas concretas de nenhum delito naquela cidade. Claro, o que eles tinham contra ele seria suficiente para chamar qualquer outra pessoa, nem que fosse para um interrogatório, mas não Danny Mackay. Meu Deus, O'Malley pensou enquanto ensaboava e enxaguava as mãos, aquele era o reverendo Danny Mackay sobre quem todos falavam, um dos homens mais ricos do país, o líder do movimento da Decência Moral, um homem com poderosas conexões - um homem com um pé na Casa Branca, pelo amor de Deus!

O'Malley secou as mãos, jogou o papel toalha no lixo e parou para **se** ver no espelho.

O homem que colocasse as algemas em Danny Mackay tinha de ter muita certeza do que estava fazendo. Ou poderia lamentar isso pelo resto da sua carreira.

A caminho de volta para a mesa, informaram 0'Malley que Beverly Highland estava ao telefone aguardando por ele.

Ele gemeu. Beverly Highland era uma das mais leais patrocinadoras de Danny Mackay. Ela não fizera uma declaração à imprensa ontem mesmo falando da sua crença contínua no homem? Era ela quem fazia aquela cidade funcionar. Apenas uma palavra daquela mulher, 0'Malley sabia, e lhe tirariam o distintivo.

A mão pairou acima do aparelho de telefone. O que será que ela queria falar com ele?

Seria uma ordem para esquecer Danny Mackay.

Com a distinta sensação de que aquele não era o seu dia, e aquela não era a sua semana, o detetive 0'Malley se preparou para atender o telefone.

A situação era ruim na suíte de Mackay no Hotel Century Plaza. Um tipo de caos frenético tomara conta da equipe de Danny enquanto eles gritavam nos telefones, recebiam e enviavam mensagens de telex, falavam com a imprensa e tentavam impedir a derradeira ruína que parecia vir correndo na direção deles. No dia seguinte, iniciaria-se a Convenção Republicana Os apoiadores políticos de Danny já começavam a debandar num ritmo alarmante. E seu império financeiro estava começando a ruir. Investidores estavam se retirando, várias das suas holdings na Bolsa de Valores de Nova York estavam perdendo valor vertiginosamente, cristãos de todo o país vociferavam querendo suas doações restituídas. E Danny, no meio de todo aquele pesadelo, não fazia idéia do que estava acontecendo com ele.

Aquela fazendeira do Texas, por exemplo.Ver a fotografia no jornal o gelou no ato. Sim, ele se lembrava da mulher e do dia em que ela tirara a foto dele e de Bonner na velha banheira de lata no jardim. Inferno, ela esteve com eles dentro dela! Danny se lembrou dos bons e velhos dias comendo o *chilli* picante feito por ela e transando com ela na cama dela, os três ao mesmo tempo! Mas que besteira era aquela de homossexualidade? Por que diabos ela aparecia agora e contava uma mentira tão ultrajante?

—Alguém teve ter pagado para ela dizer isso — um confuso Bonner dissera.

Sim. Mas quem?

E então, do nada, como uma avalanche ou uma gigantesca onda, todas aquelas outras histórias incríveis, jurando que eles conheceram Danny e que ele lhes fizera isso ou aquilo. Um punhado delas era verdade ele admitia que devia ter alguns bastardos pelo sul ,mas o resto — rituais satânicos, orgias —, de **onde veio tudo aquilo?**

Ele andava de um lado para o outro olhando para o relógio. Quando Beverly Highland telefonara pela manhã para dizer que queria encontrá-lo pessoalmente, Danny sentiu como se os *mariners* tivessem vindo para resgatá-lo. Ela lhe garantira pelo telefone que continuava ao seu lado e que juntos eles dariam um jeito naquilo tudo. Ela era rica e poderosa, e as pessoas acreditavam nela. Ainda havia tempo para salvar o pescoço de Danny. E Beverly Highland faria isso.

Danny cometeu o erro de levantar o olhar para o sogro. O senador **es**tava sentado numa poltrona como um velho paxá, bafejando seu charuto **e** olhando criticamente o genro a cada hora que passava. Ele passara o dia atrás de portas fechadas com os organizadores do partido, tentando salvar o rato, aquele seu genro, que se afogava. Pelo bem deles, eles tentariam salvá-lo, mas seria preciso um milagre para que isso acontecesse.

O homem não tinha dúvidas de que as histórias recentes eram mentiras e invenções. O que o enfurecia era que o garoto fora estúpido o bastante para permitir que aquilo começasse. Garotas Danny que eram prostitutas! Claro que Mackay negava ter conhecimento disso. Até onde ele sabia, a sua equipe recrutara a nata das virgens americanas. De onde aquelas oito vinham estava além da sua compreensão. E aquela história do missionário, Fred Banks, que fora trancafiado em alguma prisão do Oriente Médio — o próprio homem se apresentara para anunciar que tudo não passara de um golpe de Danny! Danny insistia que o homem devia estar sendo pago **por** alguém para contar aquela história. Mas quem? Aquele era exatamente o problema — Danny não fazia idéia do que estava acontecendo. Diabos, que espécie era essa de homem para se ter na Casa Branca?

O senador estava dando uma última chance ao genro. Se Beverly **Highland** o aprovasse, então ainda havia esperanças de salvar o traseiro dele. Se **não,** então o senador faria as malas e voltaria para o Texas com a filha. E o Ministério da Boa Nova, no que se referia a ele, poderia ir para o inferno!

-Ela está aqui - alguém anunciou, e Danny correu para a janela. **Mesmo** do alto, ele conseguia ver a comoção na rua, onde os repórteres **cercavam** o Silver Cloud e os flashes pipocavam e as câmeras de TV seguiam **Beverly** Highland até a entrada do hotel.

Ela flanou serenamente em meio à multidão, com Bob Manning abrindo-lhe o caminho, e entrou no elevador sem ter dito uma palavra **sequer.**

Foi Manning quem comunicou à imprensa que a senhorita Highland faria uma declaração formal depois de sua reunião com Danny Mackay.

Bob Manning bateu na porta por ela, que foi aberta praticamente no instante que os nós dos seus dedos tocaram a madeira. Beverly entrou no quarto enfumaçado e imediatamente sentiu a tensão no ar, sentiu o pânico e o desespero, sentiu o cheiro do medo. Por um instante, ela se lembrou do odor sujo do prostíbulo de Hazel, onde os homens se juntavam para fumar e beber e se livrar dos seus medos. A equipe de Danny se afastou para ele como um mar obediente, dando-lhe espaço para que ele recebesse Beverly como um magnata magnânimo. Ele se adiantou com os braços esticados, mas ela simplesmente continuou segurando sua bolsa de pele de enguia e pediu para que fossem deixados sozinhos.

"Sozinhos" para Danny significava ter apenas oito ou nove pessoas ao seu redor — fazia anos que sequer respirava se não estivesse com secretárias, seguranças e conselheiros em sua presença. Mas Beverly quisera dizer *sozinhos* mesmo, portanto, ele pediu que a equipe fosse para a outra suíte e fechou a porta atrás deles.

O quarto ficou estranho, subitamente tão silencioso. Beverly permitira que o "senhor Purvis" ficasse, enquanto ela mesma estava acompanhada do motorista, explicando que

ele também era seu secretário e segurança. Os três se sentaram, enquanto Manning permanecia em pé próximo à porta fechada.

— Senhorita Highland — disse Danny, inclinando-se para frente e apoiando os cotovelos nos joelhos —, não sabe o quanto aprecio o seu apoio e por continuar a acreditar em mim em meio a este terrível pesadelo. Seguramente, o Senhor me abençoou ao me dar uma amiga como a senhorita.

Um sorriso leve ergueu os lábios dela.

—Deve ser horrível para o senhor, senhor Mackay.

— Terrível. As pragas de Moisés ao Faraó não se compariam ao que tenho passado esta semana!

Ela o observou. Embora ele obviamente tivesse se arrumado para ficar com a melhor aparência para aquele encontro, o fardo se refletia no rosto de Danny.

— Tem sido uma tortura para o senhor? — perguntou ela com suavidade.

—Sim, senhorita.

—Isso tem lhe causado muito sofrimento e angústia?

Ele piscou.

- Por certo que sim.

- O senhor se sente sozinho e abandonado?

A perplexidade perpassou rapidamente o belo rosto. Depois, ele disse baixo:

- É exatamente assim que eu me sinto, senhorita Highland. Incrível como a senhorita entende bem a minha situação.

- Não sou alheia a esse tipo de sofrimento, senhor Mackay. E por certo o senhor deve estar confuso e desnorteado por tudo o que tem acontecido O senhor deve pensar que o mundo inteiro subitamente se despedaçou sem nenhum motivo.

- Bem, devo lhe dizer, senhorita Highland - ele pigarreou -, ou posso lhe chamar de Beverly?

Ela assentiu de leve.

- Pode me chamar como quiser, senhor Mackay. Houve um tempo cm que me chamava de Rachel.

Ele a encarou.

- Como disse?

- O senhor ouviu. Rachel. Não se lembra de uma garota chamada Rachel, senhor Mackay? Rachel Dwyer?

- Eu, hum...- ele olhou de relance para Bonner, que deu de ombros. - Lamento dizer que não, senhorita Highland. Quem é ela?

Beverly falou num tom gentil, quase distante.

- Rachel Dwyer foi a jovem que o senhor apanhou em El Paso há trinta e sete anos, senhor Mackay. O senhor a levou para San Antonio e a colocou no prostíbulo de uma mulher chamada Hazel. Depois, o senhor a forçou a fazer um aborto e obrigou Hazel a expulsá-la. Por certo se lembra dela agora, não, senhor Mackay?

A lembrança subitamente se fez no olhar dele. Danny lambeu os lábios e disse:

- Bem, não, não posso dizer que me lembre. Ela é mais uma dessas sensacionalistas que apareceram nesse escândalo?

- Não, senhor Mackay.Já lhe disse, o senhor *me* chamava de Rachel. Eu sou Rachel Dwyer.

Os olhos dele se arregalaram, e depois estreitaram.

- Não pode ser. Rachel era...

- Feia? Sim, eu era. Mas cirurgias plásticas cuidaram disso. Eu também costumava ter cabelo castanho.

Ele a encarou de boca aberta.

—Ainda não se lembra de mim? Tenho uma tatuagem na parte interna da coxa. Você a colocou lá. É uma pequena borboleta...

—Eu... — a voz dele ficou presa. Ele olhou novamente para Bonner, que agora tinha uma expressão estranha no rosto. - Não entendo, senhorita Highland. O que isso tem a...

—Por favor, me chame de Rachel. Quero ouvir. Em memória aos velhos tempos.

—Não entendo...

—É tudo muito simples, Danny. Depois que saí do Texas, vim para a Califórnia. Mudei de nome e de aparência. E agora estamos aqui Juntos novamente.

Beverly via a pulsação dele no pescoço. A cor sumia das suas feições conforme a compreensão finalmente assentava.

-Você? - ele sussurrou. - *Você é a Rachel?*

— Sim, Danny. Depois de todos esses anos. Achou que eu estivesse morta?

—Bem, eu... - ele mudou de posição na poltrona.

—Não pensou em mim nenhuma vez, não é? — disse ela com suavidade.

—Bem, foi há tanto tempo. Quero dizer... - ele engoliu em seco. - Ora essa! Rachel Dwyer... —ele riu nervoso. — Ora! Que belo reencontro! Por que não me disse antes? Quero dizer, por que manter segredo? Com tanto dinheiro que colocou no Ministério e o

apoio político, você poderia ter me contado. Rachel! - ele disse alto demais. - Este é um momento de alegria!

-É?

—Bem, sim. Quero dizer, somos uma equipe novamente, como éramos tanto tempo atrás. E pensar que você veio aqui hoje para me ajudar. Louva do seja o Senhor por seus milagres, Rachel. Ele fez com que me perdoasse. Sei que agi errado, obrigando-a a fazer aquele aborto. E, acredite em mim, eu me ajoelhei depois e me arrependi. Fui à casa de Hazel e ela disse que você tinha ido embora e eu a procurei.

— Verdade? Por que não procurou no Novo México, de onde vim? Ou em Hollywood, onde sempre disse que viria para procurar a minha irmã?

—Bem, hum, eu...

—Está tudo bem, Danny - disse ela com gentileza.-Aconteceu há tanto tempo e nós progredimos tanto desde então.

—Sim, progredimos mesmo, louvado seja Deus. E que mulher cristã você é, Rachel, deixando que águas passadas fiquem no passado, e vindo para o meu auxílio nesta **hora** de necessidade.

— Ah — disse ela com um leve franzir na testa —, sinto que tenha me interpretado mal, Danny. Nunca o perdoei pelo que me fez. E não vim aqui hoje para salvá-lo.

Ele a encarou.

— Vim até aqui para lhe contar algumas coisas que acredito que você precise saber.

Beverly estava sentada na poltrona num perfeito retrato de confiança. Ela segurava a bolsa estreita de pele de enguia no colo e falava com suavidade. Não havia raiva em sua voz, nenhuma frieza, nem ódio. Ela era somente uma mulher tranquilamente narrando uma história.

—Na noite em que me chutou para fora do seu carro e me deixou para sangrar até morrer, Danny, você me disse para me lembrar do nome Danny Mackay. Bem, foi o que eu fiz. E fiz um juramento de que um dia eu teria a minha vingança. Vivi os últimos trinta e cinco anos da minha vida com nenhum outro pensamento na cabeça a não ser vê-lo pagar pelo que fez comigo.

Ele se remexeu um pouco. O suor irrompeu na testa.

—Não pode estar falando sério.

— Estou falando muito sério, Danny. Cada respiração minha me aproximava mais de ver a sua destruição.

— Por que esperar tanto tempo? — ele perguntou numa voz controlada. Você teve inúmeras oportunidades de me atingir no passado.

— É verdade. Mas eu queria que você caísse do alto, Danny. Eu não queria que você conseguisse se rastejar e continuasse a prejudicar mais pessoas. Eu tinha de ter certeza, absoluta certeza, que eu teria o bastante para enforcá-lo — ela se inclinou para frente, segurando a bolsa. — Por isso, permiti que continuasse na sua perseguição ao poder até eu resolver que a hora era essa

—Do que está falando? Você *permitiu*? Não me permitiu nada! Estou onde estou por mérito próprio!

— Ah, sim, você chegou até aqui sozinho, Danny, mas só porque eu *deixei*

-Você está louca.

— Estou? Pense em 1972. Na sua igreja em Houston. Um homem morreu e você pensou que o tivesse ressuscitado. Fui eu quem fez aquilo, Danny. Eu encenei a coisa toda.

Danny olhou para Bonner.

—Eu estava em Houston naquela noite, Danny — ela prosseguiu. - O homem que morreu era um ator, amigo meu. Ele é muito bom em cenas
de morte. Outro ator representou o papel de médico e uma amiga minha foi a esposa. Encenamos a coisa toda, Danny, e você acreditou.

Ele agarrou os braços da poltrona; as juntas dos dedos ficando brancas.

—Com que propósito?

—Para ter munição e detê-lo caso você tentasse esse golpe novamente. Enganando todas aquelas pessoas com os seus golpes! Por isso, eu criei esse golpe, com pessoas que estavam dispostas a confessar terem participado de uma fraude, se isso se fizesse necessário.

—Não acredito em você.

— E Fred Banks. Eu o subornei um mês depois que você o trouxe de volta aos Estados Unidos. Ele me contou como vocês tinham armado tudo, como você enganou o povo americano com a sua mentira, como você deu armas ilegais ao rei árabe. E, finalmente, a Fazendas Royal, Danny. Eu criei a Fazendas Royal especialmente para você comprar. Eu a carreguei de subsidiárias secundárias como a loja de roupas masculinas, uma revista pornográfica, estúdios de massagem, contando com o fato de que você seria ganancioso demais e estaria ocupado demais e envolvido consigo mesmo para investigar a fundo a companhia que acabara de comprar. E você nunca me decepcionou, Danny.

O ar-condicionado ligou automaticamente e um murmurar lento preencheu o silêncio. O ar frio passou pela abertura, mexendo levemente as cortinas e resfriando os ocupantes do quarto. Do lado de fora, Los Angeles suava naquela noite quente de junho; na recepção embaixo, os repórteres afrouxavam as gravatas e enxugavam as frontes, esperando por Beverly Highland.

—Você está louca — grunhiu Danny. — Não tenho de ficar aqui ouvindo isso.

Ele começou a se levantar, mas voltou a se sentar quando ela disse:

—Você tem de ouvir, Danny, porque o que vai acontecer depois depende só de você.

—O que quer dizer com isso?

—Tudo o que se passou neste quarto só é do conhecimento de nós quatro. Isso pode continuar assim, e eu posso continuar a ser sua apoiadora ferrenha, se você fizer uma coisa.

—Que coisa?

Ela segurou firme a bolsa; seu coração estava batendo tão rápido que ela estava quase sem fôlego.

— Você tem de me implorar — disse ela com suavidade. — Implore para que eu o ajude, Danny.

Ele pôs-se de pé.

—Vá se foder.

—Isso não vai ajudar em nada, vai? Pense bem, Danny. Quando eu sair deste quarto, a imprensa vai querer ouvir uma declaração minha. Depende de você como será essa declaração. Veja bem, Danny, eu posso limpar o seu nome. Tenho provas nesta bolsa de que você foi manipulado, que tudo o que saiu nos jornais esta semana foi maquinado para destruir você. Se eu entregar isto para a imprensa, você será um herói, Danny. As pessoas o enxergarão como uma vítima inocente e elas o venerarão como um mártir. Você vai subir ainda mais, Danny. Ninguém conseguirá detê-lo então. Mas... — ela fez uma pausa. — Também está no meu poder arruiná-lo completamente. Uma palavra minha apenas, e o mundo lhe dará as costas, Danny, e você será deixado de lado para apodrecer. O que vai ser?

Ele olhou para Bonner, cuja face refletia o seu próprio medo. Depois, olhou para o motorista parado ao lado da porta. Um velho. Protegendo uma mulher frágil.

— Nem pense nisso, Danny — ela disse. — A violência não o salvará agora. Faça o que lhe digo, e você sairá daqui um homem livre.

-Vá para o inferno.

— Sugiro que atenda ao pedido da senhora - disse o motorista repentinamente, surpreendendo Danny.

—Fique fora disso.

-Acho que não - disse Manning, caminhando lentamente na direção de Danny. -Veja, sei exatamente o que está se passando pela sua cabeça agora, rapaz. Eu o entendo fácil, fácil...Você está pensando que ela está inventando tudo isso, e que você pode sair desta com a sua lábia. Você acha que ela está louca e que não pode afetá-lo. Bem, garoto, não só ela pode afetá-lo, como eu também posso.

Danny bufou.

—Você! O que você poderia fazer para me prejudicar?

— Bem — disse Manning com tranquilidade —, posso contar a todos aqueles repórteres a resposta para a pergunta que eles vêm lhe fazendo. Que é: que fim levou Billy Bob Magdalene?

Danny estreitou o olhar. A polícia já o incomodara com aquilo, e ele ha via lhes dito que ele comprara honesta e legalmente o ônibus de Billy Bob e que ele deixara o pregador embriagado numa cidadezinha na qual Billy

Bob decidira se aposentar. E a polícia acreditou nele — não havia motivo para não acreditar.

—Você não sabe nada a respeito de Billy Bob — disse ele.

-Você achava que Billy Bob era velho quando o conheceu - disse o motorista de Beverly. - Mas ele só tinha quarenta e três anos de idade quando você se uniu a ele. Isso foi há trinta e quatro anos, o que faria com que ele tivesse setenta e sete hoje em dia. E seu nome verdadeiro não era Magdalene, mas sim, Manning. Ora essa, seus dois idiotas arrogantes, não estão me reconhecendo?

Um silêncio chocado permeou o quarto. Bonner lentamente se levantou de boca aberta. Danny encarou o velho nos olhos.

-Vocês me deixaram para morrer - Billy Bob continuou. - E foi quase o que aconteceu naquele deserto. Mas alguns turistas que tinham se perdido apareceram e me pegaram bem a tempo. Eles me levaram para um hospital em Odessa, e lá eu fiquei por dezesseis anos, aleijado e demente por causa da insolação e da falta de água. E então, um belo dia, do nada — ele estalou os dedos -, minha memória voltou e as primeiras palavras racionais que eu disse foram: Danny Mackay. Por acaso a minha história apareceu num jornal local e a senhorita Highland ficou sabendo por causa de um serviço de clipping que ela usava. Ela dirigiu para aquele hospital e teve uma longa conversa comigo. Ela me

resgatou daquela prisão e me deu um motivo para viver: continuar vivendo o suficiente até que eu visse o dia em que você pagaria pelo que fez.

Atônito, Danny tropeçou para trás e caiu na poltrona.

- Então, perceba - disse Billy Bob colocando-se atrás da poltrona de Beverly - que é tudo verdade. Cada palavra. Ela o vigiou a vida inteira, rapaz, seguiu cada movimento seu. Filho, você nem conseguiu peidar sem que ela soubesse!

O ar-condicionado ligava e desligava; os sons do quarto ao lado passavam pela porta fechada num barulho abafado; telefones tocavam ao longe; uma sirene berrava descendo o Bulevar Wilshire. Beverly aguardou pacientemente sentada na poltrona, a bolsa com o conteúdo precioso abraçada junto ao peito. Ela não tinha pressa; esperara bastante tempo, e podia esperar alguns minutos mais.

Finalmente, com a boca seca e o rosto pálido, Danny disse:

- Rachel, não faça isso comigo.

—Você vai ter de se esforçar mais, Danny.

- Cristo, quer mesmo que eu implore?

- Sim, Danny - ela disse, a voz ficando fria e dura agora. - Como um dia eu implorei. Pense naquela garota inocente deitada na mesa do aborteiro.

Visualize o rosto aterrorizado dela, ouça a voz dela suplicando para que você a deixasse ficar com o bebê. E então, faça o mesmo comigo. Deixe-me ver o seu medo, deixe-me ouvi-lo suplicar para que eu poupe a sua vida.

A mão de Danny partiu para o telefone ao lado da sua poltrona.

- Faça isso - ela o avisou -, e você será destruído antes de sair deste quarto!

A mão caiu.

- Por favor, Rachel - sussurrou ele. - Por favor, não faça isso comigo.

- Isso não basta, Danny.

- Ah, Deus - ele se lamentou. - Não faça isso comigo!

Ela se levantou lentamente e olhou para ele de cima.

- Esperei trinta e cinco anos por este momento. Sacrifiquei-me e me neguei muitas coisas só para este momento. Não vou me deixar enganar, Danny.

Ele uniu as mãos e pôs-se de joelhos.

- Por favor, Rachel. Por favor, salve-me.

- Deixe-me ver as lágrimas pelas quais você é famoso.Você as produz tão bem para as câmeras de TV. Agora, produza-as para mim.

-Jesus, você não pode fazer isso comigo! Por favor, Rachel. *Por favor!*

- Deus — disse ela com suavidade —, como você me enoja.

Ele chorava a valer agora.

- Faço qualquer coisa, Rachel. Qualquer coisa. Só me livre disso. Não os deixem me crucificar! Eu não suportaria. Não depois de todos esses anos! Eu não suportaria a desgraça. Não conseguirei viver com isso!

Ela abaixou o olhar para ele por um bom tempo, depois seguiu para a porta. Ao colocar a mão na maçaneta, ela disse:

- Lamento, mas você vai ter de viver com isso.

- *O que você quer de mim?* Estou implorando, isso não basta?

- Não, Danny, não basta. Nunca tive a intenção de salvar você. Eu só queria ver a que ponto você se rebaixaria. Os papéis nesta bolsa são a minha declaração final à imprensa, censurando você e tudo o que você representa. Se você tivesse atingido apenas a mim, eu poderia ser capaz de perdoá-lo. Mas você feriu tantos outros e matou o meu bebê. Para isso, não existe perdão.

- CRISTO!

- **E** mais uma coisa, Danny. Um **detetive** chamado **0**'Malley está a caminho para prendê-lo.

Ele se segurou na poltrona e se colocou em pé.

- Do que está falando? Ele não ousaria me prender!

- Lamento, mas ele vai fazer isso, Danny. Ele tem de fazer. Lembra-se da vez em que você veio me ver na Hazel e ficou tão bêbado que começou a se gabar de ter sido preso por um crime de conduta moral e depois de ter escapado dos trabalhos forçados na estrada?

Ele e Bonner se encararam.

-Você pensou que o crime tivesse caducado e que, portanto, você estava livre. Bem, você estava errado, Danny. Enviei Billy Bob para investigar o fato, e sabe o que ele descobriu? Que existe um mandado de prisão contra você, um mandado pelo delito de fuga, Danny, para o qual não existe caducidade, tampouco fiança. Em poucos minutos, Danny, você será levado daqui algemado. E foi para ver isso - ela virou a maçaneta e abriu a porta -, finalmente, que eu vivi os últimos trinta e cinco anos.

Ele avançou para cima dela. Mas Beverly abriu a porta bem quando ele estava perto, gritando:

- Sua puta maldita!

E isso fez o quarto cheio de pessoas se virar no mais absoluto silêncio.

Ela entrou naquele outro quarto bem quando o detetive 0'Malley chegava com alguns policiais uniformizados. Tendo visto o detetive, os repórteres dos jornais e da televisão o seguiram do saguão e agora lotavam o corredor do lado de fora da suíte de Danny Mackay. Todos eles ouviram os gritos de Danny e agora se agrupavam ao redor de Beverly, atropelando-a com perguntas e tirando fotos dela. Ela ergueu a mão, pedindo silêncio, depois entregou a bolsa de pele de enguia para Billy Bob.

- Tudo o que tenho a dizer para a imprensa está nesta declaração escrita. Neste instante, eu estou retirando o meu apoio financeiro, político e pessoal a Danny Mackay.

O pessoal da mídia criou uma algazarra no corredor e bloqueou o seu progresso até o elevador. Assim que ela chegou às portas duplas, ela ouviu os gritos de Danny acima dos gritos dos outros.

-Vagabunda! Puta maldita! Não vai se safar com isso! Vou te pegar! Você vai ver! EU PEGO VOCÊ!

Ela entrou no elevador e se virou a tempo de ver Danny se debatendo com os policiais, com os pulsos amarrados. As portas se fecharam e ela foi envolvida pelo silêncio.

O Rolls-Royce Silver Cloud avançava ao longo da deserta Pacific Coast Highway. Bob Manning dirigia, Beverly estava sentada no banco de trás. A esquerda deles, um penhasco de centenas de metros até o Oceano Pacífico, que era banhado pelo luar prateado. A direita, as colinas se erguiam como gigantes escuros para tocar as estrelas. O Rolls corria como uma bala de prata pela noite, silencioso e apressado.

Beverly notara as luzes dos faróis logo atrás. Elas apareceram pouco depois que Billy Bob deixara o Century Plaza, e os acompanhara desde então. Uma vez, ela se virou e olhou para trás. Era um sedã marrom, o motorista era apenas uma silhueta contra a luz. Quando Billy Bob acelerou, o carro marrom acelerou. Quando ele diminuiu a velocidade, ele também reduziu. Agora eles faziam as curvas como um par, os para-choques próximos demais, ao longo da estrada tortuosa e perigosa.

Billy Bob, ciente do carro logo atrás, relanceava frequentemente pelo retrovisor. Ao mesmo tempo, ele tentava manter os olhos nas curvas perigosas. Estava muito ciente do declive íngreme e da arrebentação de lá debaixo.

Então, os faróis se moveram e Beverly se virou a tempo de ver o carro marrom encostar ao lado do Rolls. Ela segurou o apoio de braço. Preparou -se e disse:

-Bob...

O pé dele pisou no freio.

Momentos depois, o Silver Cloud estava voando no ar num lindo arco prateado e batia nas pedras e no oceano agitado logo abaixo.

52

Estava acabado.

O Butterfly tinha fechado. "Lonnie", o cowboy da sua fantasia, não existia mais.

Jessica estava no balcão que se abria na suíte principal de sua casa na Sunset Strip. Era uma noite quente de junho, e ela estava olhando para o buraco branco seco da piscina que tinha criado sérias rachaduras, e agora fora drenada e seria inspecionada no dia seguinte. Quando os Franklin construíram a piscina, Jessica implorara a John que deixasse Trudie cuidar de tudo. Ela lhe garantira que Trudie era boa no que fazia e que eles teriam uma piscina de qualidade com ela. Mas John não gostava de Trudie Stein, considerava-a mais uma avoada inconsequente, portanto, contratara outra empresa para instalá-la, conduzida por um homem que ele conhecera num bar. E agora, apenas três anos mais tarde, eles tinham problemas.

Jessica, porém, não se importava. Olhou para a cratera vazia no jardim deles e pensou no passo que estava para dar.

Oito anos antes, Jessica saíra da casa do pai direto para a casa do marido sem nunca ter saído para o mundo. Era hora que ela saísse e visse o que havia lá fora.

Jessica afastou-se da piscina e entrou no quarto, onde só o que restava fazer era fechar a mala. Ao fazer isso, ela olhou para a cama king-size na qual dormira tantas noites sozinha, mesmo tendo John ao seu lado. Então, pegou a valise, o suéter, a bolsa e saiu do quarto.

—Preciso de férias — ela dissera ao sócio, Fred Morton. E ele concordara. Nos anos de luta para construírem o escritório, Jessica nunca tirara dias de descanso. — Vou me afastar por um tempo. Você vai conseguir se arranjar sem mim.

Ela poderia, por um período curto, agora que tinham contratado três advogados juniores e um bacharel em direito para a firma em crescimento.

Jessica primeiro falara com Fred, depois com Trudie, que no momento estava velejando ao redor das Ilhas do Canal da Califórnia com o amado dela, Bill. Por fim, ela informara os pais de que se afastaria um tempo para pensar. Em resposta à pergunta deles a respeito de John: ele vai com você? — Jessica não dissera nada. Agora, só restava uma pessoa a ser informada.

Ela e John não se falavam desde o feriado, quando ela abandonou a Feira da Renascença, deixando-o para trás. Os dias que se seguiram foram frios, apesar da onda de calor em Los Angeles, com John e Jessica dormindo separados, comendo separados, nunca se tocando, sequer reconhecendo a presença um do outro, como dois fantasmas assombrando uma casa em dois planos distintos. Naquele dia, no estacionamento da feira, um limite fora atravessado. Coisas demais foram ditas, foram expostas. As coisas nunca mais seriam as mesmas, tampouco havia qualquer esperança de que elas melhorassem. Jessica sabia que, aos olhos de John, ela cometera um crime imperdoável: provocara-o a cometer um ato indigno - bater numa mulher. Pelo resto de suas vidas, ele

se apegaria à crença de que fora culpa dela, só dela, e qualquer passo para a reconciliação ou o perdão teria de ser dado por ela.

Bem, ela daria um passo.

John estava no escritório, vendo o noticiário na TV. Todos os canais cobriam a morte sensacional de Beverly Highland.

—Uma testemunha na cena, identificada como senhorita Ann Hastings - dizia a âncora do programa -, disse ter visto um sedã marrom de quatro portas forçar o Rolls-Royce da senhorita Highland para a beira do penhasco e depois fugir. Os esforços de resgate ainda estão em progresso, mas, por causa das fortes correntes do oceano e do fato de que o carro, quando suspenso, foi encontrado com as portas abertas, existe pouca probabilidade de recuperar os corpos **de Beverly** Highland e de seu motorista, Bob Manning. O **acidente** aconteceu pouco depois de a senhorita

Highland ter saído do Hotel Century Plaza, onde teve unia **reunião par**ticular com Danny Mackay.

Jessica chegou e parou na soleira da porta, olhou para o homem **ao qual** um dia jurara amar, honrar e obedecer. -John - ela chamou. Ou ele não ouviu ou escolheu ignorá-la.

- John? - repetiu ela um pouco mais alto. - Tenho algo a lhe dizer. Ele finalmente levantou o olhar. A expressão dele era fria e dura. Ele viu a mala na mão dela.

- Estou deixando você - Jessica anunciou.

E logo ela estava no Cadillac azul-escuro na Pacific Coast Highway, acelerando em direção ao pôr do sol, livre, enfim.

EPÍLOGO

Na ilha que poderia ter sido uma ilha qualquer em qualquer mar verde do mundo, a mulher se recostou contra as toalhas felpudas e assistiu ao noticiário que era transmitido do outro lado do mundo. Enquanto a câmera registrava para a posteridade o enterro majestoso de uma personalidade famosa de Houston, o comentarista dizia:

— ... Danny Mackay, que se enforcou na cadeia três dias após ser preso pelo crime de conduta moral. Acredita-se que ele tenha sido levado ao suicídio pela tristeza causada com a total desintegração do seu império político e evangélico.

A mulher na espreguiçadeira pegou o controle remoto e apertou a tecla de mudo, silenciando o aparelho. Depois, sorriu para o jovem ajoelhado ao seu lado.

Ele não sabia do que tudo aquilo se tratava, e não se importava. Um dia ela o abordara no Butterfly com uma oferta que ele não pôde recusar - ela cuidaria dele se ele cuidasse dela sem fazer perguntas.

Ele a viu sorrir de contentamento e se espreguiçar no delicioso sol quente. Obviamente, o noticiário na TV fora bom. E também era um sinal para que ele voltasse a amá-la.

Ele se soergueu e a beijou demoradamente nos lábios. Ela gemeu baixinho. Em seguida, ele passou as mãos pelos cabelos castanhos dela e a beijou mais apaixonadamente, com a urgência que ele bem sabia que ela tanto gostava. Ele se moveu lentamente pelo corpo dela, desamarrando os laços do traje de banho, resvalando os lábios pela pele cheirosa de bronzeador de coco.

Quando a boca chegou às coxas, ela suspirou profundamente, delician- do-se com o toque sensual, com a maneira gentil e hábil com que ele fazia amor. Entreabrindo os olhos levemente, ante a claridade do sol maravilhoso, ela os semicerrou ao ver as coisas que a rodeavam: uma bandeja repleta de trufas de chocolate cremosas e calóricas; uma pilha de romances tão deliciosos quanto os bombons; e a cabeça dourada do jovem rapaz que se banqueteava com o seu corpo.

Sentiu-se contente e lânguida, repleta de uma paz mais profunda do que ela jamais conhecera. Tudo correra tão bem, o acidente encenado para "matar" Beverly Highland - Maggie e Carmen no carro marrom; o Rolls caindo pelo precipício; a corrida apressada e secreta até o aeroporto; o funeral com um caixão vazio porque o corpo de Beverly Highland nunca foi encontrado. E agora, os amigos estavam separados para sempre, ricos e seguros, vivendo as vidas planejadas por eles. Carmen estava na mansão em Beverly Hills, Ann Hastings no Havaí, Maggie com seu amante em San Diego, Jonas Buchanan abrindo uma agência nacional de detetives, e Billy Bob vivendo os últimos anos de vida na decadência tropical do Rio...

O jovem levantou a cabeça e disse:

- O que é essa marca no interior da sua coxa? Parece uma tatuagem antiga.

Ela riu e disse:

—Costumava ser uma borboleta.

E depois, não sabendo o que apreciar primeiro, o chocolate ou o rapaz, porque já fazia tanto tempo, Rachel finalmente se decidiu por Jamie, que tinha o hábito de nadar nu na sua piscina.

TROCA DE EBOOKS

http://trocasdeebooks.blogspot.com.br/

http://www.facebook.com/groups/trocadeebooks/

MM